

O PARTIDO BOLCHEVIQUE

PIERRE BROUÉ

EDITORA sundermann

Título original: *Le parti bolchevique*

Coordenação editorial:
Henrique Canary
Jorge Breogan
João Simões
Martha Piloto

Diagramação e capa: Martha Piloto
Tradução: Paula Maffei e Ricardo Alves
Revisão: Henrique Canary e João Simões

Dados internacionais de catalogação
elaborados na fonte por Iraci Borges - CRB8: 2263

Broué, Pierre
O partido bolchevique. São Paulo: Sundermann, 2014.
536 p.

ISBN: 978-85-99156-68-1

1. Partido bolchevique - história . 2. Revolução Russa – história. 3.Comunismo. 4. Socialismo. I. Título

CDD: 320

Editora José Luís e Rosa Sundermann
Avenida 9 de Julho, 925 •
Bela Vista • São Paulo • Brasil • 01313-000 •
55 - 11 4304 5801
vendas@editorasundermann.com.br • www.editorasundermann.com.br

SUMÁRIO

NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA

A presente obra possui, naturalmente, uma enorme quantidade de nomes próprios e topônimos russos de difícil transliteração. Para fins de simplicidade e fluência na leitura, optamos por uma transliteração que garante a pronúncia aproximada da palavra sem tornar o texto pesado. Assim, o leitor encontrará "Krushev", e não "Khrushchov"; "Evgueni", ao invés de "Yevguenii" e assim por diante. Também preferimos reduzir ao mínimo o uso das letras *k*, *w* e *y*, de forma a diminuir a sensação de estrangeirismo durante a leitura (com exceção dos casos em que a forma consagrada em português possui essas letras). Desta maneira, o leitor encontrará "Krupskaia", e não "Krupskaya"; "Novi Mir", ao invés de "Nowy Myr" etc.

Como se trata de uma obra escrita há mais de 50 anos sobre eventos que em breve completarão um século, consideramos necessário incluir no rodapé das páginas notas explicativas (históricas, biográficas e linguísticas), com o objetivo de aproximar mais o leitor do universo descrito por Broué. Essas notas possuem a indicação "(N. do E.)". As notas de rodapé que não possuem indicação especial pertencem ao próprio autor. Todas as notas da primeira edição francesa são aqui reproduzidas, além de algumas notas de edições posteriores.

Por fim, optamos por incluir no presente tomo o prefácio do autor à edição espanhola de 1972 (ao invés do prefácio à primeira edição francesa de 1963), já que se trata de um texto de maior interesse histórico e político e que faz, até certo ponto, um balanço dos eventos que ocorreram nos dez anos posteriores à publicação do livro. Ao final, o leitor encontrará, na forma de 21º capítulo, um posfácio escrito por Broué em 1971. Acreditamos que essas inclusões tornam a obra mais completa, acessível e interessante para o público brasileiro, principal-

mente para os trabalhadores e jovens que despertam agora para as lutas sociais e que desejam conhecer mais de perto a experiência político-organizativa mais importante do século 20: o estado-maior da Grande Revolução Socialista de Outubro, o partido bolchevique de Lenin e Trotski.

PREFÁCIO DO AUTOR

Os dez anos que se passaram desde a publicação da primeira edição deste trabalho não alteraram suas conclusões nem seu método de elaboração. Afirmamos exatamente o contrário. A história do Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética constitui, sem dúvida, um dos fenômenos decisivos para a compreensão do mundo contemporâneo, mas muitas explicações oferecidas a este respeito há meio século se deparam com uma série de portas fechadas a sete chaves, e isto quando não se perdem em tortuosos labirintos da razão, caminhos estes que são barreiras não menos intransponíveis.

O passado deve nos servir para compreender e interpretar o presente. Esta convicção é a que nos sugeriu a necessidade de elaborar para nossos leitores um balanço para esta nova edição de *O partido bolchevique*.

Os acontecimentos que nos últimos dez anos ocorreram na União Soviética e nos demais partidos do leste europeu constituem uma revelação da validez da análise que foi desenvolvida anteriormente a este respeito. A eclosão, à plena luz do dia, do conflito entre os partidos comunistas da China e da Rússia, as consequências do que na China foi chamado de "revolução cultural", as polêmicas (e inclusive as crises) que se produziram no seio dos partidos comunistas de todo o mundo, grandes ou pequenos, legais ou clandestinos, que ocupam o poder ou se encontram na oposição, resultam até certo ponto previsíveis para aqueles que empregam o método científico em sua análise histórica. Provavelmente, o leitor da primeira edição de nossa obra não foi surpreendido nem pela crise interna do partido comunista tcheco e sua decisão, de janeiro de 1968, de inaugurar uma etapa de reformas profundas, nem pelo movimento dos estudantes, operários e intelectuais que se aproveitaram do espaço aberto pela cúpula do partido, nem

muito menos pela intervenção armada de 21 de agosto de 1968, que impôs, contra a vontade manifesta do povo, a volta à ordem que recebeu o apelido de "normalização". Foi também previsível a revolta espontânea dos operários dos estaleiros de Gdansk e de Szczecin em dezembro de 1970 e o papel assumido nesta revolta pelos comitês de greve, transformados em verdadeiros soviets, que enfrentaram de igual para igual os organismos oficiais do partido e do Estado. Isto mostra como o conhecimento e a compreensão dos mecanismos da história ilumina as forças que se enfrentam hoje, enfatiza a continuidade ou mesmo a ressurreição de tradições profundas ou de correntes reprimidas durante longos anos, talvez ainda ocultas pela não utilização de um mesmo vocabulário ou por poucas referências a uma ideologia comum, pelo menos no que se refere aos princípios.

Resumindo, em nossa opinião, este trabalho, publicado em 1962, constitui um instrumento que permite compreender a crise que em nossos dias atravessam os partidos e Estados que se autodenominam socialistas e que são influenciados de um modo ou de outro pela experiência da União Soviética. Temos esta opinião porque encontramos referências continuadas à ação de forças e pressões sociais que nunca desapareceram por completo e que seguem constituindo a estrutura, muitas vezes contraditória, de tais partidos e Estados. Qualquer tipo de explicação global que se refere ao "marxismo-leninismo" como um dogma ou mesmo à sua natureza "totalitária" ou "ditatorial" é de todo ponto de vista inútil a este respeito, quer dizer, no que se refere à realidade contemporânea de crises, rupturas, antagonismos e conflitos dentro do próprio sistema. Inclusive a própria versão que durante vários anos defendeu o aclamado Isaac Deutscher, aquela que se referia à possibilidade de uma "reforma por cima", sustentada durante certo tempo pela experiência krusheviana, revela plenamente na atualidade sua impotência na hora de interpretar uma crise que se traduz em uma série de conflitos de caráter diretamente revolucionário. De fato, o tema aqui abordado é talvez a questão mais difícil de toda a história contemporânea. Nesta questão ninguém pode se vangloriar de neutralidade – e o historiador não pode sê-lo, como tampouco o político ou o jornalista. Todo autor ou leitor expressa, conscientemente ou inconscientemente, uma série de preconceitos hostis ou favoráveis que são reflexos de uma concepção de mundo que não se sente obrigada a considerar o imperativo dos dados objetivos ou as enormes exigências investigativas que se impõem ao trabalho do historiador. Por outro lado, os acontecimentos cotidianos e o que estes põem em jogo contribuem, em tais casos, para a falsificação de dados básicos do próprio trabalho do historiador, ainda que seja somente por sua contribuição, direta ou indiretamente, à deformação, falsificação subtração ou supressão dos documentos que compõem sua insubstituível matéria-prima.

A este respeito, é também muito significativo que a trama básica de pesquisa sobre a União Soviética a partir da Revolução de Outubro de 1917 até hoje, tanto

do ponto de vista historiográfico quanto da publicação de documentos, se adapte de um modo perfeitamente natural em torno das datas que representam pontos de viragem na história política do país. Assim, 1924 marca a morte de Lenin, mas também o lançamento das premissas do que viria a ser a ditadura stalinista; e 1956 marca o início da denúncia do "culto à personalidade" de Stalin, sob a direção de seus comandados de ontem convertidos em seus sucessores.

Depois da revolução, os primeiros anos do novo regime presenciaram um enorme esforço dirigido à publicação de materiais históricos: panfletos e artigos, atas e documentos oficiais, memórias e recordações, pesquisas, antologias de artigos ou de discursos foram assim publicados num esforço, cuja única limitação foi a mediocridade dos meios materiais disponíveis e as enormes pressões, primeiro da guerra civil e depois da reconstrução econômica. No entanto, esta abundância, de incalculável valor para a investigação histórica e reflexão política, foi infelizmente breve. A partir de 1924, a política cotidiana domina diretamente não apenas a elaboração do próprio processo histórico, mas também a mera publicação ou pelo menos a disponibilidade dos documentos mais elementares. A partir de sua terceira edição, as *Obras Completas* de Lenin aparecem mutiladas de todas as frases que poderiam ser interpretadas como uma condenação à política de seus sucessores, enquanto a maior parte dos textos correspondentes é ocultada dos investigadores e, naturalmente, do público em geral. As obras dos autores que foram excomungados no terreno político, como Trotski, Bukharin, Zinoviev e muitos outros, são retiradas de circulação e sua impressão torna-se terminantemente proibida. Mas a repressão cultural contra os vencidos não se limita a este aspecto. Também as obras menos importantes, aquelas que se limitam a mencionar estes homens, dando uma visão justa do papel desempenhado realmente por eles na construção do novo regime, são alvo do mesmo tratamento. A conclusão para o estudo é: todo o documento que provém da URSS deve ser objeto de um exame cuidadoso, não apenas em função do seu conteúdo, mas tendo em conta a data de publicação, resultando em quase todos os casos de um cálculo político baseado nos interesses do momento e desprovido de todo tipo de interesse para a história política. Em tais condições, este documento, que deverá ser tratado com a aplicação da dúvida metodológica por princípio, perde toda significação por si só, convertendo-se em um mero indício de um pano de fundo que permanece inacessível. O trabalho de investigação torna-se então quase impossível. A situação fica ainda mais grave a partir de 1930. Durante todo o período posterior a esta data os documentos oficiais da URSS são praticamente inúteis em sua totalidade. Nesta época ocorre, como boa prova do exposto, a condenação de Stalin contra o historiador Slutski, que se suicidou depois de ser expulso do partido. Cria-se uma situação que converte a história numa ocupação inviável: "Somente os burocratas incuráveis e os ratos de biblioteca podem confiar em documentos que não são mais que papel!". Esta é a tônica geral até 1956.

No entanto, o historiador dispõe de algumas fontes documentais. Para o período de 1917 a 1939, conta com os importantes arquivos de Leon Trotski, que foram guardados em Amsterdã e Harvard depois de sua expulsão da URSS. Trata-se de uma série de documentos densos e contínuos até 1928, e esparsos a partir de então. No entanto, o acesso de pesquisadores à maior parte da correspondência está proibido até 1980. Os documentos mais essenciais destes arquivos foram reproduzidos nas principais obras de Trotski e pela imprensa "trotskista" internacional. Até 1939, o historiador pode contar também com outros dados valiosos: aqueles presentes nos escritos de Victor Serge, embora estas informações devam ser verificadas cuidadosamente, já que o escritor reproduziu suas informações de memória, após a apreensão de seus arquivos em Moscou; além das memórias do veterano comunista iugoslavo Anton Ciliga, que conseguiu escapar de um campo de concentração, onde teve a oportunidade de recolher um sem número de confidências pessoais e de interpretações dos grandes acontecimentos da história da URSS. O estudioso também pode contar com as informações presentes nas publicações mencheviques, como o *Sotsialisticheski Vestnik* (Correio socialista), do historiador Boris Nikolaievski, onde encontramos a publicação da misteriosa "Carta de um velho bolchevique", repleta de informações inéditas sobre o período anterior e imediatamente posterior ao assassinato de Kirov.

A partir de 1945, o investigador já não dispõe de fontes como estas, perfeitamente utilizáveis, apesar do compromisso político de seus autores. O lugar destes testemunhos de grandes protagonistas é ocupado por uma verdadeira avalanche de relatos, memórias e informes que emanam, em geral, de "pessoas deslocadas", ou seja, de uma série de cidadãos soviéticos que se negaram a ser repatriados ao seu país de origem após o fim da guerra. O material para análise é abundante, excessivo inclusive, mas sua origem é suspeita na maioria das vezes. Nesses casos, os testemunhos diretos são feitos a posteriori e as perguntas são elaboradas por especialistas em guerra psicológica, cuja preocupação principal não é a de preservar a verdade histórica. Ao mesmo tempo, cria-se uma verdadeira "indústria" de supostas memórias, suscetíveis de converterem-se, graças à ação de falsificadores habilidosos, em fonte de renda. A este respeito poderíamos usar o exemplo da aventura de um grande especialista inglês em história soviética que, certamente, não esqueceu a confusão que lhe causou ter tomado como autênticas certas falsas memórias do comissário do povo Maxim Litvinov. Além disso, de todo o conjunto de materiais recolhidos desta forma, só se publicam os documentos que se consideram rentáveis, seja no plano puramente comercial – das publicações sensacionalistas – ou mesmo no plano político – do mais bruto esquematismo. De toda essa avalanche de documentos do pós-guerra, só podemos citar uma exceção de grande importância: os arquivos da organização do partido da região de Smolensk, recolhidos primeiramente pelo exército alemão em 1941 e passados em 1945 para

as mãos do exército americano. Com base nestes documentos, o historiador americano Merle Fainsod escreveu um estudo que constitui uma janela aberta sobre os mecanismos de poder e a vida cotidiana na União Soviética, sem precedentes em nenhuma parte do mundo.

O destino da historiografia oficial coincide com o dos documentos. Até 1956 – a partir da morte de Lenin –, a historiografia soviética passa a ser apenas a versão manipulada da história do país, conforme o que os dirigentes querem que se pense sobre ela em cada momento. A história passa a ser uma justificação de suas políticas, isto é, uma espécie de artifício político-policial oposto objetivamente à realidade. Certamente, o investigador pode, por meio de algum fato, estudar as diferentes versões e comparar as sucessivas edições para perceber as contradições e supressões, a fim de elaborar uma interpretação política da situação de um determinado período. Mas não mais do que isso... Esse procedimento pode gerar uma série de mitos – alguns efêmeros, outros mais duradouros – carentes de um vínculo real com a verdade e com a realidade histórica, que são válidos unicamente quando se quer conhecer a necessidade política dos homens que dominavam o poder na conjuntura de sua elaboração.

Comparada com a historiografia soviética, a de língua inglesa ilumina bastante esta etapa. Certamente, esta não dispõe de muitos materiais de primeira mão, mas sua maior flexibilidade na organização de seus métodos gera benefícios. Nos últimos anos, algumas universidades compraram, pagando a peso de ouro, todos os documentos que puderam, contratando os mais eminentes emigrados soviéticos e formando valiosas equipes de trabalho. Em geral, as informações básicas que sustentam as obras destes historiadores são de grande solidez e, mesmo em nossos dias, são consideradas de grande valia até mesmo por pesquisadores soviéticos que não tiveram esses materiais à disposição. No entanto, suas interpretações dos fatos são muitas vezes discutíveis; em primeiro lugar, porque os emigrados possuem uma tendência inevitável a escrever a história deixando-se guiar pelos seus rancores, mas também porque em certas ocasiões se submetem às exigências da concorrência no mercado de informações, o que os leva a certos excessos de audácia nas suas interpretações e a uma série de afirmações categóricas em questões que pediriam maior prudência e cuidado. Esta historiografia, assim como a soviética, também responde, quase sempre, a uma série de objetivos que perturbam seu rigor científico, na medida em que se trata não de analisar uma realidade histórica de difícil compreensão, cheia de complexidades e contradições, mas de tentar justificar a superioridade de um sistema sobre o outro, ou de declarar a vitória de uma ideologia ou de um grupo. Temos aqui, assim, uma concepção tão dogmática como a precedente, o outro lado da mesma moeda, tão estéril como a soviética, mesmo quando chega a conclusões perfeitamente úteis, nos casos em que a honradez de certos historiadores permite (este é o caso, espe-

cialmente, da obra de Edward Hallett Carr, sua monumental *História da Rússia Soviética*, cujos sete primeiros volumes foram publicados).

O que dizer da historiografia francesa sobre este tema durante os últimos anos? No geral, se destaca por sua mediocridade, como consequência de uma prudente tradição em matéria de investigação histórica que sistematicamente ignora os temas demasiado recentes ou excessivamente polêmicos. Mas esta não é a única razão de suas limitações. Podemos também considerar que exerce sua influência uma prudência comercial, necessária num país onde existe um poderoso partido comunista e que sustenta uma determinada versão da história da URSS e do partido bolchevique.

Esta foi a tônica geral dos últimos anos. De qualquer forma, os dados básicos do trabalho histórico foram brutalmente influenciados pelo que se chamou de "desestalinização". E isto não somente pelo número e a importância das "revelações" de Nikita Krushev e seus companheiros, mas também pela rápida divulgação destas mensagens nos jornais de todo o mundo. De fato, não aconteceu nenhuma verdadeira revelação no sentido estrito, mas uma série de confirmações, certamente de grande importância. Para isso, colaborou a publicação dos últimos escritos de Lenin, de cuja existência falava Trotski quando o regime de Stalin negava até mesmo que estas linhas tivessem sido escritas. Desta forma, a "Carta ao Congresso" – conhecida pelo nome de "Testamento de Lenin", divulgada anos antes no Ocidente pelo americano Max Eastman e confirmada por Trotski como autêntica – foi agora publicada pelos sucessores de Stalin. Da mesma forma, as "reabilitações" que começaram a acontecer a partir de 1956 oferecem, por meio das biografias dos personagens históricos a que se referem, valiosos dados sobre a história econômica, social, política e, inclusive, puramente factual. Os discursos de Krushev ao XX e ao XXII congressos confirmam e dão peso e consistência às análises de Trotski sobre as origens do terror na década de 1930, assim como à hipótese, formulada desde 1935, de que as pistas deixadas pelos assassinos de Kirov conduziam diretamente a Stalin e sua camarilha, quando este crime, na época, foi imputado aos "trotskistas", desencadeando uma tremenda onda de perseguições. Por sua vez, um artigo de Ivan Shumian, publicado em comemoração ao 30º aniversário do XVII Congresso, confirmou que naquele momento estava se produzindo, na camada dirigente do partido, uma conspiração, cujo objetivo era colocar Kirov no lugar de Stalin, confirmando, essencialmente, o que é contado na famosa "Carta de um velho bolchevique" de muitos anos antes. O fim das represálias contra as famílias também permitiu que se desvendassem alguns segredos. Por exemplo, Nikolaievski pôde revelar nas páginas do jornal *Courrier Socialiste*, sem colocar em perigo os sobreviventes da família de Bukharin, que tinha sido este último o autor da "Carta...", baseando-se para isto nas informações que Bukharin havia lhe transmitido pessoalmente durante uma ida a Paris.

No entanto, esta revolução em matéria documental teve poucos frutos na própria URSS, sendo limitada a uma "revolução historiográfica" similar à própria "desestalinização" e depois a algumas iniciativas fugazes – proibidas quase imediatamente –, como a do historiador Burazhalov, que tentou revelar o verdadeiro papel desempenhado por Stalin em 1917. O balanço deste conflito ressalta em suas grandes linhas a pobreza persistente: o surgimento de novas versões que continuam sendo parciais e que carecem de uma reelaboração do contexto histórico em seu conjunto; novas eliminações de pessoas e de fatos que fazem da trama geral algo incompreensível – pois a "eliminação histórica" de Stalin é tão absurda como a de Trotski; desprezo por alguns documentos que se consideram "ultrapassados" pelo simples fato de serem antigos; a persistência de mutilações, cortes e falsificações, inclusive, novamente, nas próprias obras de Lenin; a manutenção de arquivos fechados; a proibição da publicação de todo tipo de memórias ou trabalhos históricos que se considerem passíveis de adquirir novas ressonâncias no momento presente ou de nutrir intelectualmente a oposição ao regime. O resultado de todas estas restrições é a circulação clandestina de abundante literatura histórica que, ao ultrapassar as fronteiras, resulta, definitivamente, em ser melhor conhecida pelos estrangeiros do que pelos próprios soviéticos, como o demonstra, apenas para exemplificar, o êxito obtido no Ocidente pela obra de Roy Medvedev, autêntico resumo sobre o stalinismo, que entretanto não foi publicada no país onde foi escrita.

Como consequência, foi a historiografia ocidental que colheu os frutos da "desestalinização", quer dizer, da relativa abertura das fontes documentais e da confirmação de algumas fontes que eram até então discutíveis. Isaac Deutscher, que era conhecido apenas por seu *Stalin*, obra em que se esforçava por justificar a presença do ditador pela existência de um "princípio da necessidade" e que chegava a sustentar a tese do "complô dos generais" de 1937, se torna sensível às novas correntes e se converte em um grande biógrafo de... Trotski! Os autores de língua inglesa como Schapiro, Robert V. Daniels, e os franceses, como Pierre Sorlin, Jean-Jacques Marie, F. X. Coquin e Marc Ferro, não mais hesitam na consideração de alguns documentos que, até então, eram de duvidosa autenticidade e passam a utilizar todos os materiais de que dispõem, atribuindo a eles diferentes interpretações, de acordo com suas respectivas ideias políticas ou filosóficas. É indiscutível que todos eles contribuíram enormemente para o nosso conhecimento histórico, precisamente em um momento em que uma nova situação voltava a colocar à disposição dos leitores os escritos dos protagonistas da história russa do último meio século, que durante muito tempo estiveram praticamente inacessíveis.

Foi nestas novas condições definitivamente favoráveis que decidimos empreender a tarefa de escrever a história do partido bolchevique: um estudo que considerasse os fatos em todas as suas contradições, sua luz e suas sombras, seus fatos confirmados e suas incertezas, a vida e a morte de homens e coisas; e não uma história

em preto e branco, de bons e maus, com "filhos do povo" e "víboras escorregadias". Exceto como forma de alusão ou ilustração, ninguém deve esperar encontrar aqui o clichê que apresenta os bolcheviques como homens com a faca entre os dentes ou com a não menos fantasiosa máscara de assassinos de crianças indefesas. Estas páginas também não vão representá-los como um exército de arcanjos infalíveis e hiperlúcidos, que previram tudo, prepararam tudo e eram capazes de realizar tudo. Pensamos que nem o movimento comunista, nem suas organizações ou partidos constituem, dentro da história, uma categoria privilegiada que pode escapar de suas leis. Não acreditamos que exista uma essência do "comunismo" e menos ainda que esta possa ser considerada "boa" ou "má". Ao contrário, opinamos que o comunismo (incluindo seu partido e seu Estado) não é mais do que um fenômeno humano, nascido em um contexto preciso que, por sua vez, o influenciou e o modificou e que, como contrapartida, recebeu também sua influência, modificando-se de maneira profunda. Sobre os partidos, pensamos – como Valéry[1] opinava a respeito das civilizações – que são mortais, que o partido de Lenin morreu sob Stalin, e depois da morte deste não ressuscitou, mas pode ainda renascer e se erguer por sobre a caricatura que carrega seu nome, e, por fim, que terá de lutar duramente se quiser sobreviver. Tais afirmações parecem ir de encontro à crise generalizada dos partidos comunistas, à dimensão dos enfrentamentos ideológicos entre os diferentes partidos e dentro de cada um deles, à série de conflitos que se produzem no âmbito socialista com uma ferocidade crescente. Os partidos – incluindo os partidos comunistas – não são onipotentes instrumentos da história, mas meros fenômenos históricos.

Para evitar qualquer tipo de preconceito exterior ao tema de nossa investigação, o que inevitavelmente nos obrigaria a suprimir alguns fatos para dar ênfase a outros, tratamos de, antes de tudo, reconstruir um movimento histórico adotando como ponto de vista geral a única hipótese metodológica verdadeiramente aceitável para um trabalho histórico, ou seja, considerar o fato, tão óbvio e tão esquecido, de que nada estava realmente "escrito" de antemão. Sem dúvida, tal movimento era historicamente necessário e o nascimento do partido bolchevique não foi um acidente, nem fruto do mero azar, mas sua vitória ou sua derrota em 1917, seu pleno desenvolvimento ou sua posterior degeneração estavam em ambos os casos profundamente enraizados nas realidades da época. Em outras palavras, trabalhamos guiados pela certeza de que, tanto antes como depois de 1917, na União Soviética se enfrentaram uma série de forças sociais, econômicas e políticas, antagônicas e contraditórias, num cenário comum e muitas vezes sob a mesma bandeira, gerando uma série de conflitos cuja resolução não estava determinada de antemão.

Neste ponto, talvez seja desnecessário dizer que tal atitude por parte do historiador envolve uma grande dose de simpatia para com o seu tema, compreensão, e

1 Paul Valéry (1871-1945), escritor, poeta e historiador francês (N. do E.).

às vezes até mesmo amor para com todos aqueles que tentam fazer ou reescrever a história e mudar o mundo e a vida, chegando ao ponto de compartilhar *a posteriori* com eles a convicção combatente de que tudo é possível e de que os homens são os donos de sua própria história, desde que desperte neles a consciência de que são capazes de construir uma história diferente.

Esta é nossa postura, e sobre ela queremos advertir nossos leitores: o historiador não é nenhum juiz ou censor; ele apenas se encarrega de devolver um hálito de vida ao passado humano, e não de reconstruir mecanismos inumanos. Acaba mutilando a vida todo aquele que não deixe, em suas páginas, arder a paixão que consumiu outros homens, florescer a esperança ou chorar a decepção, enfim, todo aquele que não acredita, como o velho bolchevique Preobrazhenski – há muito tempo assassinado pelos seus – que pouco importa que pereça o semeador, desde que, algum dia, a plantação floresça.

P. B.
Grenoble, 27 de novembro de 1972.

1

A RÚSSIA ANTES DA REVOLUÇÃO

Durante os últimos anos do século 19 e os primeiros do século 20, para o pequeno-burguês francês, a Rússia era o paraíso do capital: "os empréstimos russos", garantidos pelo poder do autocrata, pareciam investimentos tão seguros para os pequenos poupadores como para os bancos de investimento. Atualmente, sabemos até que ponto tratava-se de um grave erro de avaliação, que só foi parcialmente ocultado pela denúncia da "má fé" dos bolcheviques que, é verdade, acabaram se demonstrando maus pagadores. Por outro lado, a história conformista e a grande imprensa ficaram satisfeitas desde então em sublinhar os vícios e as debilidades da monarquia czarista: a evocação da sombra de Rasputin, o mago curandeiro, o bêbado tarado, a "besta sensual e astuta", serviu para explicar a derrubada do "colosso com pés de barro", como frequentemente os manuais de história se referem ao regime do czar. Estes pontos de vista, tão tradicionalistas como rotineiros, refletem, entretanto, de uma maneira particular, o verdadeiro estado em que se encontrava a Rússia antes da revolução, bem como as características profundamente contraditórias que a caracterizavam: era um país imenso, povoado de camponeses primitivos – esses *mujiks*[2] que se assemelham aos servos da Idade Média –, mas era também um campo de expansão de um capitalismo moderno e americanizado, que utilizava um proletariado muito concentrado nas grandes fábricas. No território russo, as grandes fazendas da nobreza e as comunidades camponesas coexistiam com os monopólios industriais e financeiros. A este país de analfabetos pertencia também uma intelectualidade aberta a todas as correntes de pensamento e que forneceu ao mundo alguns dos seus maiores escritores. No começo do século 20, a Rússia era,

2 Em tradução livre, homem bruto, rústico. Diz-se do camponês russo tradicional (N. do E.).

por outro lado, o último reduto da autocracia, convertendo-se posteriormente no primeiro campo de batalha vitorioso de uma revolução operária.

Outro lugar comum é a afirmação de que a Rússia, intermediária entre a Europa e a Ásia no mapa, o era também no caráter de suas estruturas sociais. De fato, sua dupla natureza europeia e asiática se traduz não somente na história, mas também na própria vida social russa. A civilização russa, nascida nas bordas dos bosques da zona temperada, viu se estenderem diante de si tempos e espaços quase infinitos. Até o século 20, a chave de sua história parecia ser a lentidão de sua evolução. Explica-se assim o atraso de sua economia, sua primitiva estrutura social e a mediocridade de seu nível cultura. É um mundo imenso, rico em recursos, mas imóvel e parado no tempo, que no século 19, durante a Guerra da Crimeia, se compara com a civilização ocidental. O czar Alexander II pode, então, avaliar as debilidades de seu império e compreender que a mera inércia é incapaz de prover as gloriosas vitórias com que sonha. Neste sentido, o desenvolvimento da Rússia durante o último século pouco difere do desenvolvimento dos países atrasados, coloniais e semicoloniais – ou "subdesenvolvidos", como se convencionou chamá-los na atualidade. No início de nosso século a Rússia vai enfrentar o mesmo problema que preocupa em nossos dias a maioria dos países africanos, asiáticos ou sul-americanos: a assimilação pelo país mais atrasado de tecnologias e estruturas das sociedades e países mais avançados provoca o desenvolvimento simultâneo de fenômenos que foram observados anteriormente em diferentes circunstâncias históricas e que, por uma série de múltiplas combinações, cria um ritmo de desenvolvimento e inter-relações altamente originais. Esta é a lei que os marxistas – os únicos que elaboraram uma explicação científica para este processo – chamam de "desenvolvimento desigual e combinado", e que Trotski definiu como "a combinação de diferentes etapas do caminho, a mistura de distintas fases, o amálgama das estruturas arcaicas com as mais modernas"[3] e que, definitivamente, constitui a única explicação séria da Revolução Russa. Em poucos meses o antigo regime cedeu seu lugar a um partido operário e socialista; e este último encabeçou uma revolução que, como afirma novamente Trotski, associava "a guerra camponesa, movimento característico da aurora do desenvolvimento burguês, com o levante proletário, movimento que assinala o crepúsculo da sociedade burguesa"[4].

Uma economia atrasada

No final do século 19, a Rússia é habitada – seu primeiro censo data de 1897 – por 129 milhões de pessoas. Em 1914, são mais de 160 milhões de habitantes. A taxa de natalidade é de 48 por mil: durante este período a população aumenta em

---

3 TROTSKI, Leon, *Histoire de la révolution russe*, Paris, Seuil, 1962, tomo I, p. 21. Publicado em português pela Editora Sundermann como *História da Revolução Russa*, 2 tomos, São Paulo, 2007.
4 *Ibid.*, p.86.

mais de dois milhões por ano. Nesta época 87% dos russos vive no campo e 81,5 % são agricultores. À medida em que a população aumenta, os lotes de terra se tornam cada vez menores: em 1900 sua superfície média é 55% menor do que fora em 1861. O espaço cultivável é tão escasso quanto na Europa. Por outro lado, este espaço é cultivado de uma maneira tão extensiva quanto na América do Norte, mas com métodos muito mais rudimentares. Agricultor de técnicas agrícolas primitivas, em nenhum lugar o camponês russo superou a rotação trienal dos cultivos, reduzindo, desta forma, a área de cultivo de que pode dispor. Além disso, a pressão demográfica gradualmente obriga o camponês a praticar um cultivo contínuo, de efeito devastador em curto prazo. Sua pobreza e a urgência que as necessidades lhe impõem o induzem, em geral, a renunciar à criação de gado, e privam-no ao mesmo tempo dos adubos e da utilização de força de trabalho animal. Suas ferramentas, em especial o arado, são de madeira. Os rendimentos agrícolas são baixíssimos, equivalem a um quarto dos rendimentos ingleses e à metade dos franceses; são muito semelhantes aos da agricultura indiana, e entre 1861 e 1900 diminuem ainda mais. Aumenta ainda ininterruptamente o número de camponeses que não possuem cavalos. Durante o inverno de 1891-1892, 30 milhões de indivíduos são afetados pela fome, com 100 mil vítimas em uma área de 500 mil quilômetros quadrados. A Rússia tem, assim, que importar o trigo necessário para alimentar sua crescente população. Porém, pela vontade de seus governantes, ela é um país exportador. Os cereais, entre eles metade da produção russa de trigo, representam, junto com outros produtos alimentícios, 50% de suas exportações; a maior parte do restante (36%) é de matérias primas. Os mesmos fatores que fazem da Rússia um país de economia agrícola atrasada, a submetem a uma forte dependência do mercado mundial.

Na indústria, este fenômeno é igualmente evidente. Um terço das importações russas é composto por produtos manufaturados que provém da indústria ocidental. A indústria russa, que nasceu no século 18 do empenho de "ocidentalização" dos czares, começou em seguida a se debilitar como consequência da origem servil de sua mão de obra. Os "interesses nacionais" do Estado lhe deram um novo impulso no século 19. As reformas sociais de Alexander II lhe abriram caminho: liberta da servidão, a mão de obra camponesa pôde afluir para as indústrias, nas quais o rendimento do trabalho "livre" é infinitamente superior ao do trabalho "servil". Apesar da debilidade do mercado interno, que não é compensada nem pelo forte protecionismo russo, a indústria se beneficia com a entrada de técnica e de capital estrangeiros, o que exige, durante a última metade do século, a construção de vias de comunicação. Depois de 1910, ela se beneficia com os pedidos massivos de armamento e de certa ampliação do mercado interno, causada pelo desenvolvimento das cidades e da vida urbana. Em 1912, a indústria russa produz 4 milhões de toneladas de ferro fundido, 9 milhões de toneladas de petróleo, 20 mil toneladas de cobre e 90% do total mundial de platina. De fato esta indústria, dese-

jada, apoiada e de certo modo criada pelo Estado czarista, foge por completo a seu controle: são sociedades inglesas que controlam a extração de platina, e capitais franceses e belgas que dominam (com mais de 50%) o conjunto dos investimentos nas indústrias do vale do rio Don; a estrutura eletrotécnica se encontra em mãos do capital alemão. Em tais condições, o comércio exterior acaba necessariamente subordinado ao mercado mundial, dependendo diretamente dos capitalistas e intermediários estrangeiros. Como afirma o professor Portal, "o capitalismo internacional como um todo estava, digamos com certo exagero, convertendo a Rússia em uma espécie de colônia econômica"[5].

Uma estrutura social primitiva

A sociedade russa anterior à revolução é constituída fundamentalmente pelos *mujiks*. Alexander II os libertou da servidão, entregando-lhes parte das terras que cultivavam e que agora eles podem comprar. A comunidade camponesa, ou *mir*[6], deve supervisionar e regular a redistribuição periódica destas terras, para garantir a igualdade de todos. No entanto, a pressão demográfica vai diminuí-las. O imposto que deve ser pago ao czar e a anuidade necessária para comprar uma parcela de terra pesam muito sobre a economia agrária. É esta a situação de aproximadamente 100 milhões de camponeses, que dividem entre si 60% da superfície cultivável. Parte das terras restantes pertence à coroa; uma pequena parte, à burguesia urbana; e a maior parte, à nobreza agrária. Após ter inicialmente defendido o *mir* como uma instituição tradicional e como a garantia do conservadorismo do *mujik*, o governo czarista vai "fragmentá-lo" com as reformas de Stolipin[7]: 3 milhões e meio de camponeses são proprietários de terra em 1906; em 1913 passam a 5 milhões e suas terras ocupam um sexto da superfície total. Como a população não deixou de aumentar, a demanda por terras não diminuiu. Dada a situação da técnica, são necessários de seis a doze hectares para garantir a estrita subsistência de uma família camponesa. No entanto, 15% dos camponeses não possui terra alguma; 20% possui menos de doze hectares e somente 35% possui terras o suficiente para assegurar sua subsistência. Levando em conta o pagamento de dívidas aos agiotas e as safras ruins, entre 40 e 50% das famílias camponesas possuem rendimentos inferiores ao que podemos chamar de um "mínimo vital". Além disso, o endivida-

---

5 PORTAL, Roger, *La Russie de 1894 a 1914*, Paris, C.D.U., 1955, p. 34.

6 Literalmente, "mundo" em russo, em oposição ao "céu" ou mundo celestial. Designa a comunidade camponesa russa anterior ao período da servidão e que sobreviveu de distintas formas até a Revolução de Outubro. Caracterizava-se pela existência de uma assembleia de camponeses que dividia as terras cultiváveis entre todos os seus membros e determinava os direitos e obrigações de cada um, pela propriedade comum das florestas, rios e pastagens e por técnicas agrícolas arcaicas (N. do E.).

7 Piotr Stolipin, primeiro-ministro czarista entre 1906 e 1911, que enfrentou o movimento camponês e operário por meio de uma série de reformas econômicas liberalizantes, combinadas com uma dura repressão política (N. do E.).

mento dessas famílias aumenta a cada ano, pois são sempre forçadas a vender sua produção pelos preços mais baixos, por não terem economias guardadas, e estão sempre à mercê de uma safra ruim ou de um credor exigente. A minoria dos camponeses acomodados, ou *kulaks*[8], não representa mais de 12% do total. Por último, 140 mil famílias nobres possuem um quarto de todas as terras. No início do século 20, se observa uma clara tendência à diminuição das propriedades dos nobres, na maioria dos casos em favor do *kulak*, intermediário entre o proprietário nobre e os arrendatários ou trabalhadores que contrata.

A imensa maioria (pelo menos 80%) dos camponeses é analfabeta, e a influência dos sacerdotes rurais, os popes[9], medíocres, ignorantes e por vezes desonestos, se faz sentir pela sobrevivência do obscurantismo. Por séculos o *mujik* vive à beira da fome, afundado em resignações supersticiosas: humildemente dobra as costas e se sente infinitamente pequeno em relação a Deus e ao czar. Entretanto, em certas ocasiões, o medo e a humilhação se transformam em fúria, de forma que a história agrária russa constitui uma sucessão de levantes camponeses breves, porém selvagens, todos eles reprimidos ferozmente. No início do século, a fome de terras cresce no mesmo ritmo que o número de bocas a alimentar. Nesse contexto, o *mujik* não pode ignorar as terras da aristocracia, e menos ainda por se ver obrigado a trabalhar nelas com frequência: sua luta pela terra será, portanto, um dos mais poderosos motores da revolução de 1917.

As estatísticas que permitem avaliar o número de operários são muito incertas, pois uma grande massa de homens, algo em torno de 3 milhões, oscila permanentemente entre o trabalho industrial e o campo. Trata-se de uma verdadeira mão de obra flutuante, que passa alguns anos, por vezes somente meses ou semanas, trabalhando na cidade, sem abandonar o âmbito familiar e social camponês. Os operários propriamente ditos são aproximadamente 1 milhão e meio em 1900, e 3 milhões em 1912. Com exceção, talvez, de São Petersburgo, são muito raros os que não são filhos de camponeses ou não possuem parentes próximos que vivem no campo e a quem devam ajudar ou dos quais possam receber algum socorro quando estão desempregados. Geralmente, se assemelham muito aos camponeses em seu nível cultural e sua mentalidade; são analfabetos e supersticiosos e estão submetidos a condições de trabalho duríssimas. Na prática, não se aplicam as leis que limitam a duração da jornada de trabalho a 11 horas e meia em 1897, e a 10 horas em 1906. Os salários são baixíssimos, muito inferiores aos pagos na Europa ou nos Estados Unidos. Muitas vezes os operários são pagos em espécie, ao menos

---

8 "Punho fechado" em russo. O termo é usado de forma pejorativa para designar os camponeses ricos ou acomodados, proprietários de terras e que empregam trabalho assalariado. A associação com um punho fechado vem da violência que caracterizava o trato do camponês rico para com o camponês pobre (N. do E.).

9 Nome dado aos sacerdotes da religião cristã ortodoxa russa. Equivalente ao padre da igreja católica (N. do E.).

em parte, sistema este que proporciona ao patrão alguns benefícios substanciais. O mesmo ocorre com a generalização das pesadas multas que punem as violações do regime de trabalho, que diminuem os salários em 30 ou 40%, em média. Estas proporções variam muito de uma região para outra, ou mesmo de uma cidade para outra.

Os operários formam, no entanto, uma força muito mais perigosa do que a muito mais numerosa massa camponesa. Estão muito unidos, já que os salários são uniformemente baixos e são raros os privilegiados. Agrupam-se em grandes fábricas: em 1911, 54% dos operários russos trabalham em fábricas que utilizam mais de 500 assalariados, enquanto o número correspondente nos Estados Unidos é de 31%; 40% se encontra em fábricas que utilizam de 50 a 500 operários; menos de 12% trabalha em fábricas com menos de 50 operários. Ao contrário do camponês, que fica recluso às suas pequenas terras, os operários possuem mobilidade, passam de uma fábrica, de uma cidade ou de um ofício a outro e têm, portanto, um horizonte mais amplo. Por sua concentração, suas condições de trabalho e de vida, pelas modernas máquinas que utiliza e por sua atividade social, a classe operária russa constitui um proletariado moderno, cuja espontaneidade conduz muito mais facilmente à revolta e à luta violenta do que à negociação. É um proletariado muito mais embrutecido, mas também muito mais combativo que o da Europa Ocidental, mantendo ainda suas ligações com o mundo rural. É também muito unido, por não possuir uma verdadeira "aristocracia operária" de especialistas em seu seio.

A oligarquia financeira é composta por poucas famílias que controlam a atividade industrial. A crise de 1901-1903 acelerou o processo de concentração, colocando a indústria nas mãos dos grandes monopólios. Por exemplo, na metalurgia, a sociedade comercial Prodamet, fundada em 1903 e que se converteu em um verdadeiro truste do aço, controla 17% das empresas, dentre elas as 30 mais importantes, além de 70% do capital e mais de 80% da produção, utilizando 33% da mão de obra. Nos últimos anos antes da guerra, esta sociedade é presidida por Putilov, que está igualmente à frente do Conselho de Administração do Banco Russo-Asiático, dominado pelo capital francês (60%). Trata-se de uma personalidade vinculada ao grupo Schneider e que mantém estreitas relações comerciais com os Krupp[10]. Nas empresas têxteis, os capitalistas russos são maioria; no entanto, na maioria dos casos, as indústrias são controladas pelos bancos, e estes, por sua vez, pelos capitais estrangeiros. Estes compõem 42,6% do capital dos dezoito maiores bancos: o Credit Lyonnais, o Banco Alemão do Comércio e da Indústria e a Societé Genérale belga são os verdadeiros detentores do crédito e, por consequência, da indústria russa[11].

---

10 Schneider e Krupp são as famílias que dirigem dois dos maiores conglomerados industriais alemães desse período (N. do E.).

11 LIASCHENKO, Peter, *History of the national economy of the USSR*, Nova York, Macmillan, 1959, pp. 678-708.

Não existe, portanto, uma verdadeira burguesia russa, mas sim – e esta é uma característica comum dos países atrasados – uma oligarquia que depende do imperialismo estrangeiro; esta oligarquia se encontra, por sua vez, integrada ao aparato estatal. Em 1906, 20 membros do Conselho do Império possuem 176 mil hectares de terras cultiváveis, que dizer, uma média de 8 mil por família. Como afirma o professor Portal, "os altos escalões da administração pública eram recrutados entre os membros da nobreza fundiária"[12], e os trabalhos de Liashenko mostraram uma interpenetração entre a cúpula da burocracia e da aristocracia de um lado, e os conglomerados industriais e bancários de outro: os grandes duques são acionistas das ferrovias e os ministros passam a trabalhar para os bancos quando abandonam suas tarefas estatais, isso quando não trabalham para eles ainda em seus cargos oficiais. Os traços mais característicos da burguesia russa são, portanto, sua pequenez, sua conexão com a aristocracia fundiária e sua debilidade econômica e dependência da burguesia mundial. Entre a oligarquia e a massa de operários e camponeses se intercala um verdadeiro mosaico de classes médias: pequeno-burgueses das cidades, *kulaks* do campo, intelectuais, profissionais liberais, trabalhadores da educação e, até certo ponto, as camadas inferiores da burocracia estatal. Estes setores sociais – privilegiados em relação à massa por sua possibilidade de acesso à cultura, mas excluídos das decisões políticas pela autocracia – são influenciados por diversas correntes e estão à mercê de influências conflitantes. Por não terem uma base sólida, são incapazes de ter um papel independente, e recuam com frequência em suas próprias demandas, por conta de suas contradições.

A autocracia

O Estado czarista é também fruto do desenvolvimento desigual e combinado, e resultado da lenta evolução russa. Frente a uma Europa em plena expansão econômica, ele se manteve transformando em monopólio estatal uma grande parte do patrimônio público[13], vigiando atentamente as classes proprietárias, cuja formação foi por ele regulada, e que ele domina através de um tipo de despotismo oriental. No século 17 ele se impõe por sobre a nobreza, e em troca lhes entrega o campesinato, através da instituição da servidão. O Estado é o primeiro a fomentar a indústria, iniciando a modernização com as reformas de 1861 e abrindo caminho, com a abolição da servidão, para as novas transformações econômicas e sociais. Contando com uma rígida hierarquia de funcionários, submissos e arrogantes, servis e corruptos, e com uma polícia moderna, conhecedora dos métodos de vigilância, suborno e provocação, aparenta uma solidez a toda prova, um bastião

12 PORTAL, Roger, *La Russie...*, *op. cit.*, p. 23.

13 Desde os tempos do czar Pedro I, uma série de produtos como sal, tabaco, vodka, alcatrão, cola, cal e muitos outros tiveram sua produção e comercialização monopolizadas pelo Estado. Os monopólios, que permitiam que esses produtos fossem vendidos por preços muito acima dos de mercado, eram uma das principais fontes de renda do Estado czarista (N. do E.).

inexpugnável contra toda subversão, e inclusive contra toda liberalização. Contudo, no final do século 19, se acentuam as contradições entre as necessidades do desenvolvimento econômico, a expansão industrial, a livre concorrência e as exigências que surgem com o crescimento do mercado interno por um lado, e as formas políticas que impossibilitam qualquer controle sobre o governo por parte daqueles que poderiam considerá-lo indispensável para sua atividade econômica. A autocracia czarista exerce uma verdadeira tutela sobre a vida econômica e social do país, justificando seus métodos de coerção com uma ideologia paternalista baseada na graça de Deus. Por exemplo, uma circular de 1897, que versa sobre o controle trabalhista, ameaça com sanções aqueles diretores de fábrica que satisfizerem as reivindicações dos grevistas. Convencido do caráter sagrado não somente de suas funções, mas também do conjunto da estrutura social, o czar Nikolai II crê realizar sua missão divina ao proibir seus súditos de todo tipo de iniciativa, sem esperar deles outra coisa que não seja a submissão à ordem estabelecida. Frente à eclosão revolucionária, se revelará impotente e indeciso. Após estabelecer um brilhante paralelismo entre 1917 e 1789, e entre Luis XVI e Nikolai II, Trotski diz, referindo-se a este último: "Seus infortúnios provinham de uma contradição entre as velhas visões que havia herdado de seus antepassados e as novas condições históricas em que ele se encontrava"[14].

As forças políticas

É fato que o czar e seus partidários – os membros das Centúrias Negras (que organizavam as matanças de judeus), sua polícia e seus funcionários – podiam, no pior dos casos, apenas ganhar tempo com o uso da repressão, da desorganização de seus adversários, com a "russificação" das populações não russas e com a utilização do chauvinismo russo. A fome de terras dos camponeses os empurrava inevitavelmente em direção às propriedades da nobreza, embora nem mesmo estas fossem suficientes para satisfazê-los. As lutas operárias se chocavam, em suas reivindicações, inclusive as mais insignificantes, com o poder da autocracia czarista, fortaleza dos capitalistas e guardiã da ordem. Uma "modernização" que alinhasse a sociedade russa ao modelo ocidental requereria várias décadas de diferenciação social no meio rural, bem como a criação de um amplo mercado interno, que, para sua realização, exigiria, como mínimo, o desaparecimento das propriedades da nobreza e a supressão da carga de impostos que pesava sobre os camponeses. Tal modernização teria exigido um ritmo de industrialização que a própria debilidade do mercado interno não poderia sustentar e que, por outro lado, não interessava ao capital estrangeiro predominante. Apesar do exemplo prussiano, a modernização da agricultura era impossível se não fosse acompanhada da industrialização. As incursões imperialistas e a busca de mercados de exportação poderiam ter cum-

14 TROTSKI, Leon, *Histoire de la révolution russe*, *op. cit.*, tomo I, p.146.

prido um papel diversionário e de válvula de segurança que alguns lhes atribuíam; no entanto, num mundo desigualmente desenvolvido, tais ambições punham a Rússia em choque com os interesses de outras potências estrangeiras – como o prova a infeliz guerra contra o Japão –, o que, definitivamente, aumentava os riscos de distúrbios internos no país.

Somente assim podemos compreender a extrema debilidade dos liberais russos. O movimento liberal, nascido no seio dos *zemstvos*, ou assembleias de distrito, que eram compostas pelos notáveis de cada região, não tinha, nem poderia ter, mais do que um programa político de limitação do absolutismo monárquico e de adaptação às novas condições econômicas através da associação política do czarismo com camadas mais amplas de proprietários. O Partido Constitucional-Democrata, chamado "kadete" por sua sigla em russo, nascido oficialmente em 1905 e cuja figura pública e teórica é o historiador Miliukov, defende uma evolução pacífica, ao estilo ocidental, paralela à liberalização do regime. Permanece alheio e em grande medida hostil às reivindicações mais concretas e imediatas das massas camponesas e operárias, que só se preocupam com a luta diária contra uma patronal respaldada pelo Estado. Seriamente ameaçado pelo "quarto estado", este "terceiro estado"[15] renunciará às lutas desde as primeiras concessões da autocracia, em 1905, e será levado, contra sua vontade ou não, a se aliar com a oligarquia para fazer frente à ameaça comum das lutas operárias e camponesas.

De fato, trata-se de um regime que – como afirmava Alexander II, o qual nenhum de seus sucessores ousou contrariar – admite transformações de cima para baixo apenas se forem estritamente necessárias para evitar uma transformação vinda de baixo para cima. E um regime tal que não possa tolerar nenhum tipo de oposição contra si, por mais pacífica que seja, não deixa a seus opositores outro caminho senão o da violência revolucionária. Os populistas, ou *narodniki*, aguardaram pacientemente, esperaram e tentaram preparar uma revolução camponesa cuja potencialidade lhes parecia pressagiada e contida nas revoltas camponesas que ocorriam há séculos e na própria massa dos *mujiks*. Sensíveis às particularidades nacionais e às tradições, e desejosos de se manterem fiéis ao espírito popular e, a seu modo, criar um mundo mais justo e mais fraternal, acreditaram encontrar no *mir* e nas práticas comunais um sinal do destino do povo russo, o ponto de partida e a base de um socialismo agrário. No entanto, sua incursão rumo ao povo os decepcionou profundamente: em seu esforço propagandístico, tomaram consciência do imenso obstáculo que constituía a ignorância e a apatia das massas camponesas. Assim, sua determinação os fez tomar o caminho do terrorismo, ação similar

15 Alusão à divisão entre os estamentos (estados) na França antes da Revolução de 1789. Os três estados tradicionais eram a aristocracia, o clero e o "terceiro estado", composto pela burguesia e pequena burguesia, os atores políticos da revolução. A alusão ao "quarto estado" (que Broué identifica com o novo proletariado) deve-se ao fato de que o esquema tradicional dos três estados da Revolução Francesa não corresponde à realidade social russa (N. do E.).

às formas de que a massa rural empobrecida e escravizada espontaneamente se utiliza. Sua impotência para mobilizar os milhões de *mujiks* através da propaganda, unida a seu impaciente desejo de destruir o poder intolerante da autocracia, os levou à exaltação da ação individual, do valor do exemplo, do gesto generoso e do sacrifício dos heróis.

Eles são os que, no início do século 20, inspiram a criação do Partido dos Socialistas-Revolucionários, continuação do populismo por sua fé no papel revolucionário desempenhado pelo campesinato e no terrorismo político como forma de ação. Os que se denominam socialistas-revolucionários – conhecidos como SR's – elaboram suas teses sob influência do desenvolvimento econômico, aceitando incluir o proletariado industrial entre as forças revolucionárias, e admitindo que a diferenciação existente entre as fileiras dos camponeses provoca o surgimento de reflexos políticos divergentes. O "socialismo construtivo" ou populista, que, no início do século, defendia Victor Tchernov, personagem familiarizado com o socialismo ocidental, prevê duas etapas sucessivas da revolução. O programa dos SR's, ao separar as reivindicações mínimas e máximas, facilitará a aproximação, por parte dos setores pequeno-burgueses, deste tipo de socialismo. É somente em uma segunda etapa revolucionária que será realizado o socialismo agrário, tendo o *mir* como base. A tarefa imediata é a construção de uma república democrática. A imensa maioria da intelectualidade e um importante setor da pequena burguesia integrarão os quadros deste partido de base camponesa. Não podemos então estranhar que, em suas fileiras, se encontrem, lado a lado, nacionalistas exaltados, democratas avançados, revolucionários camponeses próximos dos libertários e liberais em busca de apoio popular.

Contudo, a mesma evolução que contribui para modernizar as teses populistas serve ao mesmo tempo para fortalecer a oposição de seus adversários no seio do movimento revolucionário. O marxismo se difunde por toda a Rússia na época do desenvolvimento da grande indústria e do crescimento do proletariado. Seu mais importante expoente será George Plekhanov, antigo populista que, em 1881, funda o primeiro grupo marxista russo, com o nome de "Emancipação do Trabalho". É ele próprio quem traduz e difunde na língua russa as principais obras de Marx e Engels, e que inicia a luta ideológica contra os populistas, assentando assim as bases da vitória posterior dos sociais-democratas sobre os SR's. Ao refutar a convicção populista de que a economia e a sociedade russa se beneficiavam de um desenvolvimento tão original quanto privilegiado e que possibilitava ao país chegar ao socialismo sem passar por uma fase industrial, Plekhanov se empenha em demonstrar o contrário: o desenvolvimento capitalista é uma etapa indispensável que, graças ao surgimento do proletariado, permitirá derrotar o sistema e assegurar a vitória do socialismo pelo desenvolvimento das forças produtivas. A ideia fundamental dos sociais-democratas é a de que o proletariado, por sua concentra-

ção, suas condições de trabalho, que favorecem sua consciência de classe e sua organização, haverá de desempenhar, apesar de sua pouca importância numérica, o papel de vanguarda que o marxismo se nega a atribuir à massa camponesa amorfa, isolada pelo incipiente desenvolvimento capitalista. Plekhanov, em sua polêmica, ataca especialmente a concepção dos populistas sobre a função dos indivíduos na história: afirma que somente podem desempenar um papel decisivo quando sua ação se exerce no mesmo sentido que o desenvolvimento objetivo das forças econômicas e sociais, condenando, portanto, qualquer prática terrorista que se apoie na ideia de despertar uma massa camponesa que está historicamente condenada a não ser mais do que a retaguarda da revolução.

Desta forma, o pensamento marxista russo se define, em grande medida, pela oposição ao populismo. Em muitos aspectos, aos olhos de um observador da época, poderia parecer mais moderado que o pensamento dos populistas: aceitava a necessidade de um desenvolvimento capitalista que alguns de seus membros, os "marxistas legalistas", vão apoiar na prática, apesar da resistência operária que esse desenvolvimento suscita; ao mesmo tempo, condenava o terrorismo individual, que parecia ser a forma mais extrema de ação revolucionária. Suas perspectivas fundamentais parecem abranger um período muito mais longo. Os SR's, partindo da situação contemporânea do país e de uma determinada concepção de seu passado, defendem a ação direta, revolucionária e imediata. Por sua vez, os sociais-democratas elaboram seus princípios de ação em virtude de uma análise histórica: a revolução que preparam se situa em um futuro mais distante, depois de uma etapa burguesa e capitalista pela qual a sociedade russa deve passar inevitavelmente. Eles parecem constituir, em muitos aspectos, uma ameaça menor ao regime.

Na realidade, por trás do radicalismo de suas consignas e suas formas de luta, o objetivo dos SR's se limita a uma democracia política cujas bases objetivas parecem ausentes. Os sociais-democratas, por sua vez, defendem e preparam uma revolução social, ou seja, no curto prazo intervêm na organização e ações operárias e nas mobilizações camponesas por terra. Ao comportarem-se desta forma, desde o início colocam em questão o equilíbrio da sociedade de amanhã, contribuindo para aumentar as contradições reais. Além disso, suas perspectivas não são estritamente russas, mas internacionais, o que adquire uma grande importância em um império que oprime várias nacionalidades: elas não se baseiam na suposta predestinação de um "povo", mas no lugar ocupado no processo produtivo por uma classe que em todos os países ocidentais cresce com a revolução industrial. A história mostrará em seguida que sua aparente moderação encobre objetivos revolucionários infinitamente mais radicais. Na situação do momento, sob a capa das aparências e das tradições, os marxistas já distinguem o que está ultrapassado e o que está surgindo. No seio das contradições do presente, eles analisam a correlação de forças que está sendo criada, para preparar o futuro.

Entretanto, no início do século, o movimento social-democrata russo é o único que não conseguiu fundar um autêntico partido operário. Por trás das brilhantes polêmicas que encabeçou Plekhanov, seus discípulos e seus companheiros se enfrentam com um problema prático que se apresenta da seguinte forma: pela força dos obstáculos que a autocracia impõe a qualquer organização, mesmo às mais elementares, os sociais-democratas da Rússia, mais ainda que seus correligionários do Ocidente, vão dedicar, como marxistas consequentes, toda sua atenção à criação de um instrumento que lhes sirva para transformar um mundo que, seguindo as lições de Marx, não bastava apenas ser interpretado. O jovem Ulianov – Lenin – é o que melhor define esta busca quando, após uma curta experiência de organização, escreve na emigração um folheto sobre *As tarefas dos sociais-democratas.* Em sua conclusão afirma:

> Não devemos perder um tempo valioso. Os sociais-democratas russos devem se esforçar ao máximo para satisfazer as necessidades do proletariado que está despertando, para organizar o movimento operário, fortalecer os grupos revolucionários e sua união recíproca, fornecer aos operários literatura de propaganda e agitação, unir os círculos operários e os grupos social-democratas dispersos por todos os rincões da Rússia em um só partido operário social-democrata[16].

É na busca de seu instrumento histórico, na construção de seu partido, que os marxistas russos, suas forças e seus métodos serão postos à prova pela primeira vez.

16 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, Moscou, Éditions en langues étrangeres, 1948, tomo I, p. 170.

2

O BOLCHEVISMO ANTES DA REVOLUÇÃO

As referências, geralmente imprecisas, feitas ao "partido bolchevique" antes da revolução de 1917, criam uma confusão entre três organizações que não têm exatamente a mesma história, mas que possuem uma forte ligação: o Partido Operário Social-Democrata Russo, cuja direção é disputada por várias frações entre 1903 e 1911; a fração bolchevique deste partido, e o Partido Operário Social-Democrata Russo (bolchevique), que foi fundado em 1912. Na realidade, o bolchevismo não foi originalmente mais que uma determinada concepção, formulada por Lenin, sobre a forma de construir na Rússia o partido operário social-democrata (revolucionário, nós diríamos), que, para todos os socialistas daquela época, era um instrumento necessário para a derrubada do capitalismo pela classe operária e para a instauração de um regime socialista.

Os começos do partido social-democrata russo

Fruto de um desenvolvimento tardio do capitalismo, o movimento operário russo só gerou uma mobilização pela criação de um partido operário muitos anos depois da Europa Ocidental, e certamente em condições completamente diferentes.

As cidades proletárias são ilhas em meio ao oceano camponês. A repressão faz com que seja quase impossível que qualquer organização supere o âmbito local. Os pequenos círculos socialistas, que surgem durante os últimos anos do século 19 em certas regiões operárias, são esmagados assim que tentam ir além das discussões acadêmicas. A Liga de Moscou, em 1896, e a de Kiev, em 1897, discutem sobre as várias maneiras de reunir as organizações dispersas em um partido organizado à escala nacional, mas fracassam nesta tentativa. Os primeiros a conseguir criar

uma organização em escala nacional são os trabalhadores judeus, em geral mais instruídos, além de mais coesos, dada sua situação de minoria; sua organização é o *Bund*, que conta com alguns milhares de membros. Ele reúne, em 1898, em Minsk, nove delegados, entre os quais se encontra um operário das organizações social-democratas do Império e os representantes das Ligas de Moscou, São Petersburgo, Kiev e Ekaterinoslav. Esta assembleia se autodenomina "I Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo", redige seus estatutos e um manifesto, além de eleger um Comitê Central com três membros. Mas o fato do partido ter sido fundado não significa que sua existência tornou-se real: tanto o Comitê Central quanto os delegados ao congresso são detidos quase imediatamente. A denominação de "partido" subsiste como um nome comum de um conjunto de círculos e organizações mais ou menos delimitados, que são praticamente independentes uns dos outros.

Um grupo de intelectuais emigrados renuncia a construir o partido de baixo para cima, a partir dos círculos locais, tentando fazê-lo de cima para baixo, a partir de um centro situado no exterior, e, portanto, a salvo da polícia, publicando um jornal político que, através de uma rede clandestina, seria o centro e o instrumento da unificação das distintas organizações em um partido.

O *Iskra* e *Que fazer?*

No centro dessa empreitada estão os primeiros marxistas russos, membros do Grupo pela Emancipação do Trabalho, fundado no exílio em 1883, George Plekhanov, Vera Zasulich e Pavel Axelrod. A eles se juntam os membros da segunda geração de marxistas, que compõem a Liga da Emancipação da Classe Operária, e que são mais jovens que aqueles. Desta segunda geração, Vladimir Ilich Ulianov, que será conhecido como Lenin, e Yuli Martov, que retorna da Sibéria em 1898. Em 24 de dezembro de 1901 aparece em Stuttgart o primeiro exemplar do jornal *Iskra* (A centelha), cujo ambicioso lema, "da fagulha nascerá a chama", anuncia suas intenções. O objetivo que este jornal se coloca é "contribuir para o desenvolvimento e organização da classe operária". Ele oferece às organizações clandestinas da Rússia um programa e um plano de ação, consignas políticas e diretrizes práticas para a construção de uma organização clandestina sob o controle da companheira de Lenin, Nadezhda Krupskaia, e que no início deve se limitar apenas à difusão deste jornal. Nesse período, os operários russos parecem despertar para a luta reivindicativa: as greves e diferentes movimentos se multiplicam e os emissários do *Iskra* – que originalmente não são mais de dez, e em 1903 não passam de trinta – viajam por todo o país, tomando contato com os grupos locais, recolhendo informações, distribuindo publicações e também selecionando os militantes mais destacados, que eles fazem passar à clandestinidade. Os iskristas, "membros de uma ordem errante que se eleva acima das organizações locais, que eles consideram como seu

espaço de intervenção"[17], tentam construir um aparato central, um estado-maior das lutas operárias em escala nacional, rompendo os particularismos locais e o isolamento tradicional, e formando quadros que tenham uma visão de conjunto dessas lutas.

Tal empreitada vai ser justificada, no plano teórico, pela primeira obra de Lenin sobre o problema do partido, chamada *Que fazer?*, e publicada em Stuttgart em 1902. Toda a paixão do jovem polemista se dirige contra aqueles socialistas, chamados de "economicistas", que, invocando "um marxismo adaptado às particularidades russas", negam a necessidade de construir um partido operário social-democrata em um país onde o capitalismo ainda não se assentou. Lenin refuta as teses "economicistas" de que "para o marxista russo não existe outra solução que não seja apoiar a luta econômica do proletariado e participar nas atividades da oposição liberal", afirmando que a mera ação espontânea dos operários, limitada unicamente às reivindicações econômicas, não pode levá-los automaticamente à consciência socialista e que as teorias "economicistas" só servem para fazer do nascente movimento operário refém da burguesia. Segundo ele, é preciso – e é precisamente esta a tarefa que se coloca o *Iskra* – introduzir na classe operária as ideias socialistas mediante a construção de um partido operário que haverá de se converter no grande defensor de seus interesses, na sua direção revolucionária. Dadas as condições da Rússia no início do século 20, o partido operário deve ser integrado por revolucionários profissionais. Para enfrentar a polícia do Estado czarista, a arma principal do proletariado deve ser uma organização rigorosamente centralizada, sólida, disciplinada, e o mais secreta possível. Composto de militantes clandestinos, o partido se concebe como "a ponta de lança da revolução", como o estado-maior e a vanguarda da classe operária.

Nascimento da fração bolchevique

O segundo congresso do partido acontece durante os meses de julho e agosto de 1903, primeiro em Bruxelas, e depois em Londres. Entre os quase cinquenta delegados, só quatro são operários. Os iskristas contam com a maioria e o partido adota sem maiores dificuldades um programa que foi redigido por Plekhanov e Lenin, em que, pela primeira vez na história dos partidos social-democratas, figura a consigna de "ditadura do proletariado", definida como "a conquista do poder político pelo proletariado, condição indispensável para a revolução social".

No entanto, os membros da equipe do *Iskra* se dividem na votação sobre os estatutos, onde se enfrentam dois textos. Lenin, em nome dos "duros", propõe outorgar a condição de membro do partido somente àqueles "que participem pessoalmente em uma de suas organizações", enquanto Martov, porta-voz dos "brandos", se inclina a uma fórmula que abrange todos aqueles que "colaboram regular

17 TROTSKI, Leon, *Staline*, Paris, Grasset, 1948, p. 57.

e pessoalmente sob a direção de uma de suas organizações". Começa assim a se esboçar uma profunda divergência entre os defensores de um partido muito amplo e vinculado à intelectualidade, que apoiam Martov, e os partidários de Lenin, defensores de uma concepção estrita do partido como uma vanguarda disciplinada de revolucionários profissionais. O texto de Lenin obtém 22 votos, enquanto o de Martov, apoiado pelos delegados do Bund e pelos "economicistas" presentes no congresso, consegue 28 votos e é aprovado. No entanto, tanto os "duros" quanto os "brandos" de Martov coincidem em negar ao Bund a autonomia que este exige dentro do partido russo e em condenar as teses dos "economicistas". Os delegados do Bund e os "economicistas" abandonam o congresso: os "duros", que, desta maneira, se tornam a maioria, ficam livres para nomear um comitê de redação e um Comitê Central compostos, ambos, em sua maioria, por partidários de Lenin. Estes últimos serão chamados de bolcheviques (membros da maioria) e os "brandos" se convertem nos mencheviques (membros da minoria).

Tal é o início da grande divergência. Deste enfrentamento, que todos parecem concordar em considerar menor, vai surgir a primeira divisão do partido. Lenin, que controla os organismos dirigentes, apela à disciplina e à lei da maioria. Os mencheviques, que consideram que tal maioria foi puramente acidental, o acusam de querer infligir ao partido um "estado de sítio". Martov reagrupa ao seu redor a maioria dos sociais-democratas exilados e sua consigna é o restabelecimento do antigo comitê de redação do *Iskra*, no qual Lenin se encontrava em minoria. Plekhanov, que no congresso havia concordado com os pontos de vista de Lenin, se inclina à conciliação com os mencheviques, terminando por aceitar a designação direta de alguns deles para participar do comitê de redação, entregando a eles o controle do jornal. O Comitê Central, que, no congresso, era de maioria bolchevique, parece ser igualmente favorável à conciliação.

Mas esta tentativa fracassará. Após o congresso, Lenin fica intensamente abalado por esta crise e por uma oposição que não esperava. A surpresa e a decepção deste enfrentamento fazem com que ele sofra uma depressão nervosa. Em poucas semanas, ele se vê praticamente isolado e excluído da equipe do *Iskra* sem ter previsto nada disso. Entretanto, rapidamente se recupera, principalmente a partir do momento em que seus antigos companheiros parecem abandonar suas posições comuns, e inicia o contra-ataque. Graças a Krupskaia, continua controlando a organização clandestina na Rússia e se lança então à reconquista dos comitês, até que, em agosto de 1904, consegue organizar uma autêntica direção dos grupos bolcheviques, o primeiro esboço do que será a fração bolchevique, o "Birô dos Comitês da Maioria", que, desde janeiro de 1905, publica seu próprio órgão, o *Vperiod* (Avante). Tais êxitos lhe permitem fazer com que o indeciso Comitê Central convoque um congresso do partido, que acontecerá em Londres no começo de 1905.

A primeira divisão de fato

O aval do Comitê Central permitirá que esta reunião se denomine III Congresso do POSDR, ainda que esteja composta exclusivamente por bolcheviques. A maioria dos 38 delegados presentes é de militantes profissionais enviados pelos comitês russos e, na iminência de uma onda de acontecimentos revolucionários na Rússia, apoia as posturas de Lenin em sua polêmica contra os mencheviques, assim como sua concepção de partido centralizado, que seus antigos aliados do *Iskra* acabam de abandonar. No entanto, a fração bolchevique, nesta data, está muito longe de ser um bloco monolítico, e Lenin tem que lutar duramente para convencer o engenheiro Krasin, a figura de maior destaque do Comitê Central. Durante o congresso, surge ainda outro conflito em que Lenin enfrenta um grupo de militantes da Rússia que futuramente será chamado de *komitetchiks*[18]. Lenin será derrotado em duas ocasiões: o congresso rejeitará a proposta de incluir nos estatutos a obrigação de que os comitês do partido sejam compostos por uma maioria de operários e exigirá também que o controle político do jornal seja exercido pelo Comitê Central clandestino que reside na Rússia, em oposição às propostas de Lenin. O jovem Alexei Rikov, porta-voz dos *komitetchiks*, é eleito membro do Comitê Central, que será composto também por Lenin e seus companheiros Krasin e o médico Bogdanov.

A ruptura parece consolidar-se: o congresso coloca toda a responsabilidade desta sobre os mencheviques emigrados, afirma que estes não se submeteram à disciplina dos organismos eleitos no II Congresso, e faz um chamado aos mencheviques das organizações clandestinas para que aceitem a disciplina da maioria. No entanto, é votada uma resolução secreta que encarrega o Comitê Central da tarefa de obter uma reunificação. Ao mesmo tempo, os mencheviques se reúnem em Genebra, em uma assembleia de delegados dos grupos no exílio que se negam a reconhecer o congresso de Londres, mas adotam apenas o nome de "conferência". Apesar das aparências, a porta parece seguir aberta.

Como era de se esperar, a polêmica chega às fileiras da Internacional. Alguns sociais-democratas alemães, principalmente os da ala esquerda, liderada por Rosa Luxemburg, atacam violentamente a concepção centralista de Lenin, denunciando o "absolutismo russo" e o "perigo burocrático do ultracentralismo"[19]. Mas, enquanto isso, Lenin obtém valiosas vitórias na Rússia. Sem dúvida, a forma de organização clandestina e centralizada é a mais eficaz, pois permite a proteção dos militantes, mudando sua localização quando se encontram ameaçados, e a criação de

---

18 Em tradução livre, "homem do comitê". Designa os dirigentes internos do partido bolchevique, os organizadores clandestinos da fase pré-revolucionária, em oposição aos militantes que exerciam um trabalho revolucionário diretamente sobre as massas (N. do E.).

19 LUXEMBURG, Rosa, *Leninism or Marxism*, publicado originalmente em *Die Neue Zeit*, 1904, nº22.

novos organismos através do envio de emissários; por outro lado, ela oferece aos operários garantias de seriedade, pelo rigor das condições de enquadramento nas fileiras do partido. Mas acima de tudo, a organização revolucionária se beneficia do desenvolvimento do movimento operário: nela ingressam os jovens que despertam para a vida política e que não se assustam com a perspectiva de repressão, nem com o trabalho e a educação revolucionários, etapas necessárias de uma luta em que a classe operária em sua totalidade vai desenvolvendo uma crescente confiança. Em 1905, existem cerca de 8 mil militantes nas organizações clandestinas, inseridos na maioria dos centros industriais. Lenin espera que a revolução que está se gestando venha a lhe dar razão, trazendo para seu movimento o vigor das gerações mais jovens e a iniciativa das massas operárias em ação.

A revolução de 1905 e a reunificação

A revolução estoura em 1905, lançando centenas de milhares de operários à ação política aberta. A manifestação pacífica, repleta de ícones religiosos e faixas, dos operários de São Petersburgo, é recebida em 9 de janeiro aos tiros. Centenas são mortos e milhares feridos. No entanto, o "domingo vermelho" se converte em uma data decisiva. Logo depois, o proletariado se revela diante de todos, inclusive de si mesmo, como uma força determinante. Durante os meses seguintes, primeiro a agitação econômica, e depois a política, arrastarão à greve centenas de milhares de operários que, até aquele momento, se mantinham resignados ou mesmo passivos. Após os motins do exército e da marinha – entre os quais se destaca a célebre odisseia do encouraçado Potemkin –, o movimento culmina, em outubro, em uma greve geral. Contra tal ameaça, o czar se esforça em romper a frente única das forças sociais que o enfrentam. Publica então um manifesto que satisfaz as principais reivindicações políticas da burguesia, que passa imediatamente para o seu lado, abandonando seus aliados de momento. Os operários de Moscou lutam sozinhos entre 7 e 17 de dezembro, mas são impotentes frente a um exército já recomposto dos motins. O camponês veste o uniforme de soldado e realiza, sem vacilo, a missão repressiva que lhe ordena a autocracia. O movimento revolucionário vai ser liquidado setor após setor, e as organizações operárias vão ser duramente golpeadas pela repressão. No entanto, a derrota foi rica em aprendizados; o desenvolvimento dos acontecimentos serviu para colocar em pauta todas as questões que os socialistas devem resolver, e especialmente a questão do partido.

Na realidade, os bolcheviques demoram a se adaptar às novas condições revolucionárias. Os conspiradores não sabem converter-se, de um dia para outro, em oradores e em mobilizadores de multidões. Eles ficam particularmente surpresos pela aparição dos primeiros conselhos operários ou soviets, eleitos primeiro nas fábricas e posteriormente nos bairros, e que se estendem, durante todo o verão, a todas as grandes cidades, dirigindo a partir de si o movimento revolucionário de conjunto.

Os bolcheviques compreendem tardiamente o papel que podem desempenhar nos soviets e a importância que estes podem ter na luta por aumentar a influência bolchevique e disputar a direção das massas. Por sua vez, os mencheviques se deixam arrastar mais facilmente por este movimento, com o qual vão se fundir. O único social-democrata de importância que cumpre um papel destacado nesta primeira revolução soviética é o jovem Bronstein, chamado de Trotski, que anteriormente fora cooptado, graças à insistência de Lenin, ao comitê de redação do *Iskra*, mas que durante o II Congresso se colocou do lado dos mencheviques, criticando duramente as concepções "jacobinas" de Lenin sobre o que ele chamou de "ditadura sobre o proletariado"[20]. Divergindo dos mencheviques emigrados, ele se torna, graças à sua influência sobre o grupo menchevique de São Petersburgo e suas excepcionais aptidões pessoais, o vice-presidente e, posteriormente, o presidente do soviet da cidade, usando o nome de Yanovski. Seu comportamento durante a revolução e sua atitude frente aos juízes que o condenam lhe conferem um enorme prestígio. Ao seu lado, os bolcheviques de São Petersburgo, dirigidos por Krasin, ficam eclipsados.

Durante este período, a organização bolchevique inicia uma rápida transformação: o aparato clandestino permanece, mas a propaganda se intensifica e as adesões vão sendo cada vez mais numerosas; a estrutura se modifica; se inicia a eleição dos dirigentes. Por outro lado, os novos membros não compreendem a importância das divergências passadas. Vários comitês bolcheviques e mencheviques se unificam sem esperar a decisão dos comitês centrais. No final de dezembro de 1905 é realizada uma conferência bolchevique na Finlândia. Os delegados – entre ele se encontra, sob o nome de Ivanovich, o futuro Stalin – decidem, contrariando Lenin, boicotar as eleições prometidas pelo governo czarista. As greves e as mobilizações estão na ordem do dia e, seguindo esta linha, os delegados aprovam a princípio uma reunificação cujas bases vão ser discutidas por Lenin e Martov. Martov aceita incluir nos estatutos a fórmula proposta por Lenin no II Congresso e que constituiu a origem da divisão. As organizações locais de ambas as frações elegem seus delegados ao congresso de unificação em base a duas plataformas políticas, com representação proporcional ao número de votos obtidos por cada uma delas.

A fração bolchevique no partido unificado

Quando o congresso de unificação se reúne em Estocolmo, em abril de 1906, já começou o refluxo em toda a Rússia. Os dirigentes do soviet de São Petersburgo estão presos e a insurreição dos operários de Moscou foi reprimida. Surgem novas divergências sobre a análise do passado e a tarefas presentes. Os bolcheviques querem boicotar as eleições à III Duma[21]. Muitos mencheviques acham,

20 TROTSKI, Leon, *Nossas tarefas políticas*, 1904. Panfleto traduzido e citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, Oxford, Oxford University Press, 1954, pp. 88-92.

21 Duma: do russo "pensamento" ou "lugar onde se pensa". Equivale ao parlamento ("lugar onde se fala") das línguas latinas (N. do E.).

como Plekhanov, que "não deveríamos ter pegado em armas", e desejam orientar o partido para uma ação parlamentar. No entanto, nenhuma das partes cogita retroceder e perpetuar a divisão. Segundo testemunho de Krupskaia, Lenin acha que os mencheviques vão em breve admitir seus erros. Ele estima que "um novo impulso revolucionário terminaria por arrastá-los, reconciliando-os com a política bolchevique"[22]. Por fim, a reunificação é formalmente aprovada: 62 delegados mencheviques, que representam 34 mil militantes, e 46 bolcheviques, que representam outros 14 mil, decidem reconstruir o partido, no qual admitem o Bund e os partidos social-democratas letão e polonês. O Comitê Central eleito é composto por dois poloneses, um letão, sete mencheviques e três bolcheviques: Krasin, Rikov e Desnitski. Vinte e seis "delegados da antiga fração bolchevique", entre os quais se encontra Lenin, declaram que, apesar de suas divergências com a maioria do congresso, se opõem a qualquer divisão e continuarão defendendo seus pontos de vista a fim de fazer aprová-los no partido. Posteriormente, a fração bolchevique será dirigida por um "centro" clandestino ao partido. Possuirá, além disso, um meio de expressão próprio, o *Proletari* (O proletário), órgão do comitê de São Petersburgo, dirigido por um militante de vinte cinco anos, Radomilski, conhecido como Zinoviev.

Durante os meses seguintes, a fração fará rápidos progressos no seio do partido. A repulsa de certos mencheviques à insurreição de 1905, a decadência dos soviets, que permite a vários quadros operários se dedicarem ao trabalho partidário, e, por último, a tenacidade dos bolcheviques e a coesão da organização de sua fração conseguem inverter a relação interna de forças. O congresso de Londres, que se reúne em maio de 1907, é eleito por 77 mil militantes do partido russo; 44 delegados pertencem ao Bund, 26 são letões, 45 poloneses e 175 são delegados russos dos quais 90 são bolcheviques e 85 mencheviques. Com o apoio dos sociais-democratas letões e poloneses, os bolcheviques obtêm uma maioria frente à coalizão entre mencheviques e bundistas. Entre os bolcheviques eleitos como membros do Comitê Central, figuram: Lenin, Noguin, Krasin, Bogdanov, Rikov e Zinoviev. O congresso introduz em seus estatutos o princípio do "centralismo democrático": as decisões tomadas, depois de ampla discussão, devem ser aplicadas estritamente, devendo a minoria submeter-se às decisões da maioria. Decide-se igualmente, como garantia da liberdade das decisões e do controle democrático sobre a direção, que será realizado um congresso anual e conferências trimestrais que serão compostas por delegados especificamente eleitos para cada ocasião. Apesar de sua vitória, Lenin, prevendo a chegada de "tempos difíceis", em que serão necessárias "força de vontade, resistência e firmeza de um partido revolucionário temperado que possa enfrentar a dúvida, a debilidade, a indiferença e o desejo de abandonar

22 Citado por TROTSKI, Leon, *Staline*, *op. cit.* p. 143.

a luta"[23], mantém a fração e a reforça. Depois do congresso, os delegados bolcheviques elegem uma direção com 15 membros. Esta direção tem como objetivo organizar a fração, o que, por outro lado, não constitui para Lenin um embrião de um novo partido, mas apenas "um bloco, cuja finalidade é forçar a aplicação de uma determinada tática dentro do partido operário"[24].

A reação

O rumo dos acontecimentos vai justificar o pessimismo de Lenin. O movimento operário se debilita: em 1905 havia na Rússia mais de 2.750.000 grevistas; em 1906, são 1.750.000; em 1907 diminuem para 750.000; em 1908, 174.000; em 1909, 64.000; e em 1910, 50.000. Durante o ano de 1907, o governo de Stolipin toma a decisão de acabar com o movimento socialista. A conjuntura é favorável: a repercussão da crise mundial na Rússia, o desemprego e a miséria permitem ao czarismo utilizar o retrocesso para liquidar os elementos de organização política. A repressão se põe em marcha, e as detenções acabam com diversos comitês. A moral dos operários cai por terra, e muitos militantes abandonam suas atividades. Em Moscou, em 1907, os sociais-democratas são vários milhares; no final de 1908 sobram apenas 500, e serão somente 150 no final de 1909; em 1910 a organização não existe. No conjunto do país os efetivos passam de quase 100.000 para menos de 10.000. Por outro lado, se intensificam as divergências entre as frações. Somente o alto grau de decomposição do partido impede o surgimento de novas rupturas de fato: o desejo de conciliação a qualquer custo nasce dessa impotência geral, e parece prevalecer graças à desintegração de todas as frações.

Entre os mencheviques, começa a se desenvolver a tendência que Lenin denominará "liquidadora": a ação clandestina parece sem perspectivas, e é preciso limitá-la ou mesmo abandoná-la, e buscar, antes de tudo, a aliança com a burguesia liberal, para com seu apoio ganhar posições parlamentares e reduzir as perdas ao mínimo. Segundo o ponto de vista dos liquidadores, a ação revolucionária de 1905 não foi nada realista. Axelrod escreve: "O impulso da história leva os operários e os revolucionários ao encontro do revolucionarismo burguês com muito mais força"[25]. Martinov opina que o partido "deve dar impulso à democracia burguesa"[26]. Potresov afirma que o partido não existe de fato e que tudo está ainda por ser feito. Martov, por sua vez, denuncia a ideia de "partido-seita" como uma "utopia reacionária". De fato, os mencheviques, nesta nova situação, se põem a repensar o próprio objetivo de suas ações, a necessidade de um partido operário ou não, de ações clandestinas ou não.

---

23 *Ibid.*
24 LENIN, Vladimir, *Cartas a Gorki* (26 de fevereiro de 1908), *Clarté*, nº71, p. 10.
25 Citado por CARR, Edward, *The Bolshevik revolution*, Londres, Macmillan, 1950, tomo I, p. 83.
26 *Ibid.*

Apesar da desilusão de muitos militantes e das não menos numerosas deserções, os bolcheviques retomam as tarefas que haviam iniciado clandestinamente antes de 1905. Contudo, também não estão livres das divergências internas. A maioria quer voltar a boicotar as eleições, desta vez porque a lei eleitoral de Stolipin torna impossível qualquer representação eleitoral justa da classe operária. Sobre esta questão, Lenin opina que tal consigna, lançada num momento de apatia e de indiferença das massas, corre o risco de isolar os revolucionários, que, em vez disso, deveriam agarrar-se a todas as ocasiões que lhes permitissem apresentar publicamente o seu programa. Tanto as eleições quanto a Duma devem ser utilizadas como tribuna dos socialistas, que, apesar de não possuírem nenhuma ilusão em sua verdadeira natureza, não podem desprezar esta forma de publicidade. Apesar do isolamento em que se encontra dentro de sua própria fração, Lenin não vacila em votar sozinho, junto com os mencheviques, contra o boicote às eleições na conferência de Kotka, em julho de 1907. No entanto, os partidários do boicote voltam a tomar a iniciativa depois das eleições, pedindo que os socialistas que foram eleitos não assumam seus mandatos. Estes partidários da "retirada", conhecidos pelo nome de "otzovistas", encabeçados por Krasin e Bogdanov, vão aumentar seus efetivos com o apoio do grupo dos "ultimatistas" do comitê de São Petersburgo, que se manifestam contra toda participação em atividades legais, inclusive nos sindicatos, controlados de perto pela polícia. Por fim, Lenin consegue unir a maioria dos bolcheviques, mas não obtém sucesso em evitar a ruptura dos membros da oposição, que, por sua vez, constituem-se como uma nova fração e publicam seu próprio jornal, *Vperiod*, o segundo com este nome.

De fato, o partido inteiro parece se decompor em violentos espasmos. Surge uma polêmica em torno da atividade dos *boieviks*[27], grupos armados que se dedicam ao terrorismo e assaltam bancos, a fim de conseguir, através destas "expropriações", os fundos de que o partido necessita para financiar sua atividade. Bolcheviques e mencheviques disputam violentamente o dinheiro dos simpatizantes que sustentam o partido, brigam por uma herança, e exigem, ambos, a arbitragem dos dirigentes alemães em cada ocasião. No final de 1908, Plekhanov repudia a linha dos liquidadores, rompe com a maior parte dos mencheviques e funda sua própria fração, conhecida como os "mencheviques do partido", que funciona em frente única com os bolcheviques. A ânsia pela unidade aumenta com as sucessivas rupturas. Os mencheviques propõem que se celebre uma conferência que agrupe todos os delegados de todas as organizações legais ou ilegais e todas as frações, o que talvez servisse para reconstruir a unidade perdida. Lenin vê em tal atitude uma manobra dos "liquidadores", mas outros bolcheviques, que serão conhecidos como os "conciliadores", Dubrovinski, Rikov, Sokolnikov e Noguin, passam a apoiar esta política de unidade. Trotski, que havia sido condenado e deportado,

27 Em russo, "combatentes" (N. do E.).

consegue fugir. A partir de 1908, começa a publicar em Viena o *Pravda* (A verdade), organizando ao mesmo tempo sua difusão em toda a Rússia. Sua intenção é converter seu jornal em um novo *Iskra*. Nas suas páginas ele defende a tese de que deve se construir um partido aberto a todos os socialistas, que reúna desde os liquidadores até os bolcheviques. Trotski se proclama alheio a todas as frações e, de fato, se aliará em breve aos "conciliadores", que, com o nome de "bolcheviques do partido", são agora maioria entre os membros da fração bolchevique.

Em janeiro de 1910, uma plenária do Comitê Central que se prolonga durante três semanas parece confirmar o êxito da reunificação defendida por Trotski e seus aliados. A aliança de todos os conciliadores termina por impor-se aos hesitantes de todas as frações: os jornais *Proletari*, bolchevique, e o *Golos Sotsial-Demokrata* (A voz do social-democrata), menchevique, desaparecem para dar lugar ao *Sotsial-Demokrat* (O social-democrata), órgão unificado que será dirigido por Lenin e Zinoviev, junto com Dan e Martov. O bolchevique Kamenev é cooptado ao comitê de redação do *Pravda* de Trotski. Lenin aceita todas estas decisões. Em suas correspondências com Gorki, afirma fazê-lo por razões poderosas, principalmente pela "difícil situação do partido" e pelo "amadurecimento de um novo tipo de operário social-democrata no campo prático". No entanto, tal aceitação por sua parte não está desprovida de inquietude. No Comitê Central destaca perigosas tendências: "um estado de ânimo geral de conciliação, sem ideias claras, sem saber com quem, por quê, de que forma" e, além disso, "o ódio contra a direção bolchevique por sua implacável luta ideológica", além do "desejo dos mencheviques de causar escândalos"[28].

O acordo será extremamente frágil. A partir de 11 de abril Lenin escreve a Gorki: "Parimos um filho coberto de abscessos. Ou nos libertamos, curamos o filho e o educamos bem, ou a situação piorará e o filho morrerá". Consciente de suas intenções, continua: "Neste último caso, viveremos algum tempo sem o filho (quer dizer: reconstituiremos a fração) e, mais adiante, daremos à luz a um bebê mais saudável"[29]. A conferência social-democrata de Copenhague revela, em agosto, uma nova correlação de forças; os bolcheviques e os "mencheviques do partido" acabam de decidir, na Rússia, pela publicação dos jornais *Rabochaia Gazeta* (Gazeta operária), ilegal, e *Zvezda* (A estrela), legal, cujo primeiro número aparece em 16 de dezembro de 1910. O apoio de Plekhanov é de grande valor para Lenin, que, desta forma, vai combater os liquidadores em estreita aliança com aquele que é, para muitos, o pai da social-democracia russa.

A nova divisão: 1912

A partir de 1910, a Rússia inteira dá sinais de um despertar do movimento operário. Os estudantes foram os primeiros a voltar às manifestações. Os operá-

28 LENIN, Vladimir. *Cartas a Gorki*, *op. cit.*, p. 13.
29 *Ibid.*

rios, cujas condições de vida ficaram mais suportáveis com o final da crise e com a diminuição do desemprego, recuperam o gosto pela luta. Em 1911, 100 mil operários fazem greves parciais e este número aumenta para 400 mil no 1º de maio. O massacre do Lena[30], em abril de 1912, com um saldo de 150 mortos e 250 feridos, marca uma nova fase da luta operária.

Até este momento, Lenin aceitou, por vezes a contragosto, a unidade e a conciliação. No entanto, o novo ascenso operário, em sua opinião, torna necessário um giro radical. De fato, no partido ninguém respeita as resoluções do Comitê Central de 1910, que não voltou a se reunir; o *Pravda*, o *Vperiod* e o *Golos Sotsial-Demokrata* continuam aparecendo paralelamente, e, graças ao apoio do polonês Tychko, Lenin e Zinoviev conseguiram converter o *Sotsial-Demokrat* em um órgão bolchevique. Lenin pensa que acontecimentos revolucionários se aproximam e que só um partido fortemente estruturado poderá encará-los. Os bolcheviques, sob a direção de Zinoviev, organizam em Longjumeau [cidade da França – N. do E.] uma escola de quadros: os militantes formados nesta escola entram ilegalmente na Rússia para reforçar os contatos e preparar uma conferência nacional. No entanto, a polícia está atenta: primeiro prende Rikov e logo depois Noguin. Por último, "Sergo", o georgiano Ordzhonikidze, consegue montar na Rússia um comitê de organização com a ajuda do militante clandestino Serebriakov. Dan e Martov, em protesto contra tais preparativos, abandonam o comitê de redação do *Sotsial-Demokrat*.

Em janeiro de 1912, essa conferência se reúne em Praga. Dentre os exilados, somente participam os bolcheviques e alguns "mencheviques do partido"; no entanto, estão representadas mais de vinte organizações clandestinas russas. A Conferência de Praga declara que atua em nome de todo o partido, expulsa os liquidadores e recomenda a criação de "núcleos social-democratas ilegais cercados por uma rede o mais extensa possível de associações operárias legais". É então eleito um Comitê Central em que figuram fundamentalmente Lenin, Zinoviev, Ordzhonikidze, Sverdlov e o operário metalúrgico Malinovski. É cancelado o acordo com o *Pravda* de Trotski. *Rabochaia Gazeta* se converte no órgão do Comitê Central. Imediatamente depois, será designado para sua direção o militante georgiano Josef Dzhugashvili, que depois de ser chamado de Ivanovich, passará a se chamar Koba, antes de converter-se em Stalin. Os militantes da Rússia, ao aplicar a resolução da conferência, se voltam às atividades legais. O partido aceita a proposta formulada por Voronski de publicar um diário legal.

30 As más condições de trabalho nas minas de ouro russas na região do rio Lena, na Sibéria, levaram os trabalhadores a realizar uma série de protestos e greves espontâneas. Após a prisão de parte dos grevistas, os protestos aumentaram e a intensificação da repressão culminou num violento ataque pela tropa local do exército, que terminou com vários operários mortos. Alexander Kerenski, advogado ligado aos SR's, se tornou conhecido na Rússia após comandar a comissão de inquérito da Duma sobre este massacre (N. do E.).

Depois de vários meses de campanha e um abaixo-assinado feito nas principais fábricas das grandes cidades, entre os dias 22 de abril e 5 de maio de 1912, aparece o primeiro número do *Pravda*. Se trata de uma publicação bolchevique, ainda que, durante mais de um ano, siga contando, entre seus colaboradores, com George Plekhanov. Depois de quarenta dias, esta publicação é proibida pela primeira vez, voltando a aparecer com o título de *Rabochaia Pravda* (A verdade operária), que terá apenas 17 números publicados; depois será chamada de *Pravda Truda* (A verdade do trabalho) por 20 edições; *Za Pravdu* (Pela verdade) durante 51; *Proletarskaia Pravda* (A verdade proletária) por outras 16; *Put Pravdi* (O caminho da verdade) em 91 aparições, convertendo-se, neste ponto, em uma revista chamada *Rabochi* (O operário) e depois *Trudovaia Pravda* (A verdade trabalhadora), sendo definitivamente proibida em 8 de julho de 1914.

Embora nessas circunstâncias as avaliações sejam extremamente difíceis, tudo indica que os bolcheviques, que conservaram o nome do partido, foram, na Rússia, os grandes beneficiados pela divisão. Esta é, pelo menos, a opinião do chefe da polícia czarista que, em 1913, declara: "Na atualidade, existem células, círculos e organizações bolcheviques em quase todas as cidades. Estes estabeleceram correspondentes e contatos permanentes em quase todos os centros industriais. (...) Não podemos, portanto, estranhar que o reagrupamento de todo o partido clandestino se dê ao redor das organizações bolcheviques e que estas últimas terminem de fato representando o partido social-democrata russo em sua totalidade"[31].

A situação imediatamente anterior à guerra

Os mencheviques foram surpreendidos. Até setembro de 1912 não publicam nenhum diário na Rússia; mais tarde, lançam *Luch* (Raio de luz), que não alcançará nunca a audiência que o *Pravda* tem no mundo operário. Em agosto, Trotski reúne em Viena uma conferência que pretende reunificar do partido; no entanto, fracassa por completo em sua tentativa, pois tanto os bolcheviques quanto os "mencheviques do partido" se negam a participar da mesma. Os partidários do chamado "bloco de agosto" criam um comitê de organização cujo único vínculo é um sentimento comum de hostilidade contra Lenin e os bolcheviques. Novamente se intensifica a polêmica. Lenin organiza a ruptura da fração social-democrata dos deputados da Duma, e defende energicamente o porta-voz da fração bolchevique, Malinovski, que é acusado pelos mencheviques de ser um provocador. Plekhanov rompe com os bolcheviques em agosto de 1913, deixa de colaborar com o *Pravda*, tenta organizar sua própria fração por meio do jornal *Edinstvo* (Unidade), e termina se juntando ao "bloco de agosto". Ao mesmo tempo, Trotski abandona este agrupamento parcial que não responde aos seus desejos de reunificação geral e abre contatos com um grupo de operários de São Petersburgo, igualmente parti-

31 Citado por TROTSKI, Leon, *Staline*, *op. cit.*, p. 250.

dários da unidade de todas as frações. Lenin, que está exilado em Cracóvia [cidade da Polônia – N. do E.], dirige daí a atividade dos bolcheviques, apoiando Sverdlov para que este assuma a direção do *Pravda* no lugar de Stalin. Mas tanto Sverdlov quanto Stalin são presos, denunciados por Malinovski que, de fato, era um agente da polícia secreta. Os bolcheviques tentam organizar um congresso quando seus adversários, em sua campanha contra os "divisionistas", apelam à Internacional.

O Secretariado da Internacional Socialista se oferece para tentar uma mediação e, em 16 e 17 de julho de 1914, reúne em Bruxelas uma conferência que discute a reunificação do partido russo. Nesta conferência estão representados todos os grupos e frações. Ines Armand, porta-voz dos bolcheviques, defende a posição expressa por Lenin em uma contribuição: a unidade é possível em um partido social-democrata que possua uma ala revolucionária e uma ala reformista, como o prova o exemplo dos partidos ocidentais da Internacional. No entanto, na Rússia, os que romperam a unidade foram os liquidadores, com sua negativa em submeter-se à maioria; a reunificação só é possível se estes aceitarem a disciplina da maioria. Depois de um debate muito agitado, onde Plekhanov se destaca por sua cruzada contra a "tirania" de Lenin, a conferência aprova uma resolução que afirma que as divergências táticas não justificam uma divisão. Aprova igualmente cinco condições prévias para o restabelecimento da unidade: que todos aceitem o programa do partido; que a minoria respeite as decisões da maioria; que a organização, dadas as circunstâncias russas, deve ser clandestina; a proibição de todo pacto com os partidos burgueses; a participação geral em um congresso de reunificação. Ines Armand e o delegado letão são os únicos a não votar este texto, que, logo em seguida, vai ser usado como uma arma de guerra contra os bolcheviques, e principalmente contra Lenin, a quem se espera isolar daqueles seus companheiros que possuem tendências "conciliadoras" bem conhecidas. A guerra aborta completamente esta manobra, em primeiro lugar pela proibição do congresso internacional previsto para agosto de 1914 em Viena.

Neste período, a situação na Rússia é extremamente confusa. No geral, os bolcheviques ocupam as melhores posições; no entanto, continua existindo um forte desejo de unidade. Em determinadas cidades, coexistem grupos bolcheviques e mencheviques que realizam juntos atividades legais e ilegais, em direta dependência do Comitê Central ou com vínculos menos fortes com o comitê de organização. No entanto, na prática, tudo se encontra em pleno desenvolvimento. Em alguns lugares os grupos rumam para a ruptura completa; em outros, para a reunificação. A guerra vai pôr fim a este quadro. Vários grupos locais vão se manter como grupos puramente social-democratas, sem unir-se a nenhuma das grandes frações e contando, entre seus membros, com partidários de ambas. Além disso, apesar da divisão de 1913, os deputados bolcheviques e mencheviques da Duma se unem, sob o nome de fração social-democrata, para votar contra os créditos de guerra.

Após o início da guerra, os bolcheviques ficarão por dezesseis meses sem direção efetiva. Centenas de milhares são detidos, presos ou deportados; outros entrarão no exército, com a mobilização de vários operários recrutados nas próprias fábricas onde trabalham. Inicia-se um novo período de reação, em que cada militante não será mais do que um indivíduo isolado. Quando, a partir de 1916, os operários começam a despertar novamente para a luta, a fração bolchevique conta com, no máximo, cinco mil membros em uma organização que vai se reconstruindo pouco a pouco. Mas trata-se de um punhado de quadros; estes poucos homens, que, nos anos anteriores à guerra, aprenderam a organizar e agrupar os operários, a dirigir suas lutas e a enganar as forças da repressão, constituem os elementos da vanguarda revolucionária que Lenin tratou de formar durante toda a complicada história do Partido Operário Social-Democrata Russo e de sua fração bolchevique.

3

O BOLCHEVISMO: O PARTIDO E OS HOMENS

Nas mãos de Lenin, o partido se converteu em um instrumento histórico insuperável. As dezenas de milhares de militantes clandestinos, que, depois das jornadas revolucionárias de fevereiro de 1917, voltavam a se encontrar, iriam, em um período de menos de oito meses, construir uma organização que as amplas massas operárias (e, em menor medida, camponesas) consideravam como sua. Esta organização iria dirigir a luta dessas massas contra o governo provisório, conquistar o poder e conservá-lo. Por isso, apesar da luta entre as frações e da repressão, Lenin e seus companheiros triunfaram onde outros marxistas, que a princípio dispunham de condições mais favoráveis, haviam fracassado: pela primeira vez na história dos partidos socialistas, um deles seria vitorioso.

Um partido operário social-democrata

Existe toda uma historiografia cujos sentimentos pelo bolchevismo oscilam entre a cega admiração e a calúnia sistemática, que persiste em apresentá-lo como uma nova ideologia, surgida, instantaneamente, da inteligência de Lenin: o comunismo – revolucionário ou stalinista – e o próprio partido bolchevique aparecem como uma organização de tipo completamente novo, uma espécie de antecipação da III Internacional, que, desde sua origem, se enfrenta com o reformismo da II, representado na Rússia pelos mencheviques e, na Alemanha, pelo partido social-democrata de Babel e Kautsky. No entanto, tal concepção não é nada além de uma reconstrução artificial da história das organizações e de suas ideias, uma montagem artificial realizada posteriormente. Para todos os defensores desta tese, o texto de Lenin *Que fazer?* constitui uma espécie de Bíblia do bolchevismo, onde são apresentadas todas as características da nova corrente. No entanto, uma análise

atenciosa nos revela que nenhum fato histórico permite supor que este texto tenha tido tal importância para os bolcheviques e nem mesmo para o próprio pensamento intelectual e teórico de Lenin. Esta obra examina as condições russas, as tendências da classe operária russa; desta maneira, apresenta uma solução especificamente russa, sem que suas análises ou conclusões possuam a pretensão, naquela época, de estender sua validade para outros países. Num prefácio para uma coleção de seus artigos e ensaios publicada em setembro de 1907, Lenin afirma:

> O erro fundamental dos que polemizam contra *Que fazer?* provém da absoluta dissociação que é estabelecida entre este trabalho e um determinado contexto, superado há tempos, do desenvolvimento de nosso partido. *Que fazer?* não é nada além de um resumo da tática e da política organizativa do grupo iskrista entre 1901 e 1902. Nada mais que um resumo; nem mais, nem menos. Somente a organização que promoveu o *Iskra* poderia ter criado um partido social-democrata como o existente na atualidade, nas condições históricas que atravessou a Rússia entre 1900 e 1905. O revolucionário profissional cumpriu sua missão na história do socialismo proletário russo[32].

Desde novembro de 1905, Lenin combateu esta falsa ideia daqueles que reduziam seu pensamento a uma lógica mecanicista e abstrata, pretendendo opor esquematicamente espontaneidade e consciência, nos exatos termos de *Que fazer?*, como se esta obra tivesse um valor universal e um alcance eterno: "a classe operária russa é instintiva e espontaneamente social-democrata [quer dizer, revolucionária, P. B.] e os mais de dez anos de trabalho dos sociais-democratas contribuíram para transformar esta espontaneidade em consciência de classe"[33].

Que fazer? insiste na absoluta necessidade de organizar o partido de forma clandestina, fazendo disto uma condição indispensável para sua existência. No entanto, tais apontamentos não excluem a possibilidade de uma ação e de uma propaganda legais se isto for permitido pelas circunstâncias históricas. Portanto, uma vez que a revolução de 1905 deu aos operários a liberdade de organização e aos partidos políticos, inclusive aos socialistas, a liberdade de expressão, os bolcheviques não vacilaram em aproveitar-se deste fato. Lenin também considera como "liquidacionista" a concepção de alguns mencheviques que aceitam os limites impostos à sua ação pelo inimigo de classe, resignando-se a não fazer propaganda ou a não desenvolver outras atividades que não as legais. Afinal, a lei limita a atividade dos partidos, e se ela concede aos revolucionários uma liberdade de ação e expressão relativas, o faz apenas para melhor preservar aquilo que é mais essencial para a manutenção de sua dominação. O regime czarista se limita a tolerar, pressionado pelos acontecimentos, uma série de liberdades que são, antes de tudo, uma válvula de escape. "Fazer este jogo" e limitar-se ao estritamente legal, supõe aceitar os limites que o próprio regime fixou, proibindo as críticas consideradas "subversivas". No entanto, este pretexto

---

32 Citado por PEARCE, Brian, *Building the bolshevik party*, em *Labour Review*, nº1, 1960, pp. 28-29.
33 *Ibid.*, p. 27.

não deve servir para renunciar à utilização das facilidades garantidas pela lei, já que, através da propaganda legal, podem ser alcançados amplos setores de operários. Portanto, esta deve ser utilizada ao máximo. É por isso que, posteriormente, Lenin se dedicará à organização do jornal, e fará do periódico legal a primeira preocupação de seu grupo em todas as ocasiões onde este instrumento seja viável.

A este respeito é significativo o exemplo do *Pravda*, já que este diário "operário" se constitui, pouco antes da guerra de 1914, em uma peça chave para o desenvolvimento do partido bolchevique. O jornal é lançado depois de uma campanha de agitação nas fábricas para conseguir assinaturas e assim garantir sua legalidade. O *Pravda* assume então a função que desempenhou originalmente o *Iskra* para algumas centenas de leitores, ao difundir informações e consignas, que, desta vez, se dirigem a dezenas de milhares de operários de vanguarda. Os correspondentes operários do *Pravda* são, por sua vez, vínculos do partido com a classe e as "antenas" disponíveis para conhecer o estado de ânimo do proletariado. Graças às suas informações, se produz uma homogeneização da experiência operária, o que é base indispensável para uma consciência coletiva. Em apenas um ano, são publicadas 11.114 cartas de correspondentes, quer dizer, uma média de 41 cartas por número. O *Pravda* é, definitivamente, um diário operário e, ao ser em grande medida escrito pelos próprios trabalhadores, eles sentem que o jornal lhes pertence. São os operários que aportam a maior parte das contribuições que constituem o "fundo de ferro", criado para pagar todas as multas e roubos impostos pela repressão.

O diário deve indicar, como exigência legal, uma direção e seus responsáveis. Não pode escapar das ações criminais que o Estado e os inimigos de classe movem para acabar com sua existência legal. De um total de 2.770 números, 110 são objeto de processo judicial. As multas que lhe são impostas somam aproximadamente 7.800 rublos, quer dizer, o dobro da quantidade recolhida como fundo inicial. São aprovadas 26 sentenças contra o jornal, e seus redatores são condenados a um total de 472 meses de prisão[34]. Certamente, este é um elemento negativo para um jornal que, apesar de tudo, se esforça para não atrair sobre si a repressão, embora a polícia chegue ao extremo de introduzir em seu comitê de redação um de seus agentes, encarregado de criar, com seus artigos, desculpas para proibir a publicação.

Em tais condições, a liberdade de expressão do jornal se vê seriamente limitada; é impossível lançar as consignas que são consideradas corretas, principalmente quando estas se referem aos operários e camponeses que se encontram no exército, e ao mesmo tempo manter-se na legalidade. O jornal deve nadar contra a corrente dentro dos estritos limites fixados pela lei para não correr o risco se ser silenciado definitivamente pelas sanções econômicas e condenações que podem ser aplicadas contra ele. Os panfletos, folhetos e jornais ilegais servem para difundir o restan-

34 YAROSLAVSKI, Yemelian, *Histoire du parti communiste de l'U.R.S.S.*, Paris, Bureau d'éditions, 1931, p. 197.

te das consignas e para dar as explicações necessárias, porém proibidas, que, por atentar contra a "segurança" do Estado, não podem ser publicadas, a não ser em meios de expressão ilegais.

Nas condições políticas da Rússia czarista, muito mais que no meio liberal das democracias ocidentais, é absurdo confundir ambas as opções. Um jornal legal pode ser proibido, fechado, perseguido e sancionado. Um militante "legal" é sempre um indivíduo conhecido pela polícia e esta pode prendê-lo e pôr fim à sua atividade com qualquer pretexto. Se a organização fosse totalmente pública e legal, a polícia conheceria tanto seus militantes, quanto seus principais mecanismos, e o Estado poderia, assim, em qualquer momento, proibir algumas de suas atividades ou, inclusive, todo seu funcionamento. Por isto é imprescindível que o partido operário disponha de militantes, recursos, gráficas, jornais e sedes clandestinas, que, eventualmente, possam substituir o "setor legal" durante um período de reação, ao mesmo tempo em que seu próprio caráter ilegal lhes permita evitar as restrições da atividade política autorizada. O caráter autocrático do Estado russo e a arbitrária onipotência de sua polícia foram, desta maneira, quem levou os sociais-democratas russos a construir seu partido em torno de um núcleo clandestino. As "liberdades democráticas" não possuem ainda tradição suficiente, em 1912, para parecerem normais e eternas, os revolucionários não esqueceram o preço que tiveram que pagar para conquistá-las e sabem que podem facilmente perdê-las.

No entanto, a ilegalidade não é um fim em si. O verdadeiro problema é como construir o partido operário social-democrata, utilizando ao máximo todas as possibilidades, ou seja, como construir uma camada consciente da vanguarda que, armada com o conhecimento das leis do desenvolvimento social, vai difundir entre os operários a consciência de classe, organizá-los e conduzi-los à batalha, quaisquer que sejam as condições gerais da luta. Tais princípios são os que mantêm os bolcheviques, após o período de boicote, dispostos a participar regularmente das eleições, apesar das leis e regras eleitorais escandalosas. Seu objetivo não é de modo algum uma vitória eleitoral, mas – e os testemunhos de Badaiev nos confirmam – a utilização da publicidade que a tribuna parlamentar proporciona para a divulgação das ideias socialistas e para a construção do partido.

Chegando a este ponto, é indispensável estabelecer a comparação entre o partido social-democrata russo e o alemão, agarrado à sua legalidade e às suas importantes conquistas: seus quarenta e três jornais diários, suas revistas, suas escolas, suas universidades, seus fundos de solidariedade, suas "casas do povo" e seus deputados. Definitivamente, todas estas realizações contribuem para aprisioná-lo. Na verdade, o medo de uma possível repressão que poderia colocar em perigo as conquistas obtidas converte o partido social-democrata alemão em um refém voluntário das classes proprietárias. Ele chega até mesmo a limitar a ação de sua juventude e a proibir Karl Liebknecht de fazer qualquer tipo de propaganda anti-

militarista "ilegal" – ainda que nenhum socialista se atreva a negar a necessidade de tal propaganda na Alemanha de Wilhelm II –, pois isto poderia enfurecer a burguesia e desatar uma onda de repressão policial.

A crise de 1914 revelará de forma clara o abismo que separa ambas organizações em relação às atitudes que adotam frente a seus respectivos governos, em guerra um contra o outro. Antes dessa data, Lenin, em uma série de pontos específicos, estava de acordo com as críticas feitas pela esquerda alemã e principalmente por Rosa Luxemburg. No entanto, as diferenças entre eles eram grandes e importantes o bastante para provar que, naquela época, não existia uma fração de esquerda coesa na social-democracia internacional. Somente uma análise histórica do passado permite opor, na história da social-democracia, uma tendência revolucionária de Lenin e Luxemburg contra uma reformista de Babel e Kautsky. O partido social-democrata alemão, antes de 1914, constitui, aos olhos de Lenin e dos bolcheviques, o partido operário por excelência e o modelo do que pretendem construir na Rússia, levando em conta as especificidades do país. Lenin, para desmentir de forma clara e categórica a interpretação de suas intenções, repetirá em diferentes ocasiões: "Onde e quando pretendi criar uma nova tendência na social-democracia internacional diferente da linha de Babel e Kautsky? Onde e quando manifestei diferenças entre minhas posições e as de Babel e Kautsky?"[35]. O velho bolchevique Shliapnikov afirma que, na propaganda divulgada entre os operários, os bolcheviques referiam-se continuamente aos sociais-democratas alemães como modelos. Piatnitski descreve sua admiração de bolchevique emigrado frente ao funcionamento da organização social-democrata alemã e narra seu espanto ao ouvir as críticas que, no âmbito particular, eram formuladas diante dele sobre determinados aspectos da política deste partido. Mas maior que a admiração, é o rancor dos bolcheviques depois de agosto de 1914, quando se veem obrigados a reconsiderar sua apreciação por Babel e Kautsky e a admitir que Rosa Luxemburg, a quem Lenin considerou desde então como "representante do marxismo autêntico", tinha sido mais lúcida que eles sobre este aspecto. No entanto, Lenin chegou a duvidar da autenticidade do número do jornal alemão *Vorwärts* (Avante) que publicou a declaração emitida pela fração social-democrata do Reichstag[36] quando esta votou a favor dos créditos de guerra, e considerou, inclusive, a hipótese de que se tratava de uma falsificação elaborada pelo estado-maior alemão.

Após seu regresso à Rússia, em abril de 1917, durante a conferência do partido bolchevique, Lenin será o único a votar a favor de sua moção pela retirada do termo "social-democrata" do nome do partido. Certamente, tal atitude é a prova de que ele não temia ficar isolado em sua própria organização, mas também de que, antes de 1914, não havia desejado nem preparado uma ruptura com a II In-

35 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, *op. cit.*, tomo I, p. 464.
36 Parlamento alemão (N. do E.).

ternacional ou com os grandes partidos que a integravam. Sua atitude demonstra, igualmente, até que ponto, três anos depois de agosto de 1914, se encontrava muito à frente de seus próprios camaradas a respeito desta questão.

Um partido não monolítico

Quaisquer que tenham sido as responsabilidades de Lenin e de sua fração pela ruptura de 1903, vimos que eles não a haviam desejado, nem preparado, nem previsto; que foram surpreendidos intensamente e que, sem ceder em seus princípios, não deixaram de trabalhar por uma reunificação que eles, claro, esperavam conseguir realizar sob sua bandeira, mas que, sem dúvidas, daria origem a um partido mais amplo e menos homogêneo do que o construído durante aqueles anos pela fração "dura" dos bolcheviques.

Desde 1894, Lenin afirmava em sua polêmica com o populista Mikhailovski:

> É rigorosamente correto que não existe entre os marxistas completa unanimidade. Esta falta de unanimidade não demonstra a debilidade, mas sim a força dos sociais-democratas russos. O consenso daqueles que se satisfazem com a unânime aceitação de "verdades reconfortantes", essa tenra e comovente unidade, foi substituída pelas divergências entre pessoas que precisam de uma explicação sobre a organização econômica real, sobre a organização econômica atual da Rússia, uma análise de sua verdadeira evolução econômica, de sua evolução política e do restante de suas superestruturas[37].

Sua vontade de reunificação às vésperas de 1905 se explica tanto pela confiança que depositava em suas próprias teses, quanto pela convicção de que os inevitáveis conflitos que surgem entre sociais-democratas podem solucionar-se internamente no partido:

> As divergências de opinião no interior dos partidos políticos ou entre eles se solucionam, geralmente, não só pelas polêmicas, mas também com o desenvolvimento da própria vida política. Particularmente, as divergências em relação à tática de um partido só acabam de fato com a adesão dos defensores de teses errôneas à linha correta, já que o próprio curso dos acontecimentos priva essas visões errôneas de seu conteúdo e interesse[38].

A este respeito, manifesta uma grande confiança em uma evolução dos mencheviques, ao escrever no final de 1906: "Os camaradas mencheviques passaram pelo purgatório das alianças com os oportunistas burgueses, mas terminaram por voltar à social-democracia revolucionária"[39]. Segundo afirma Krupskaia em 1910,

---

37 LENIN, Vladimir, *Selected works*, Moscou, Progress Publishers, 1948, vol. IX, p. 92.

38 LENIN, Vladimir, *Obras completas* (em russo), Moscou, Politizdat, 1932, 3ª edição, tomo VIII, pp. 13-15.

39 *Ibid.*, vol. X, p. 170.

"Vladimir Ilich não duvidava de forma alguma que os bolcheviques, no interior do partido, contavam com a maioria, e que este terminaria por adotar a linha traçada por sua fração"[40]. A Conferência de Praga de 1912 condenará unicamente os liquidadores, inimigos do trabalho ilegal. A colaboração com os "mencheviques do partido" é explicada, portanto, não somente como uma manobra tática, mas também como um reflexo da convicção, expressa desde 1906, de que "até a revolução social, a social-democracia apresentará inevitavelmente uma ala oportunista e uma ala revolucionária"[41]. Esta é a postura que defende Ines Armand em Bruxelas: excluindo os liquidadores, todo social-democrata possui lugar em um partido onde, tanto na Rússia quanto no Ocidente, podem coexistir elementos revolucionários e reformistas, pois somente a revolução, em sua qualidade de expressão definitiva do "desenvolvimento da vida política", poderá separá-los nitidamente.

O regime de partido

Desde a época de Stalin, a maioria dos historiadores e comentaristas insiste sobre o regime autoritário e fortemente centralizado do partido bolchevique, e encontram nisto a chave da evolução da Rússia durante mais de trinta anos. No que se refere à forte centralização do partido, certamente não faltam fatos que podem dar base às suas teses. No entanto, as referências no sentido oposto são igualmente abundantes: muitas concepções insólitas podem ser colocadas na boca de Lenin, como na de vários outros personagens, e para isso bastam apenas algumas frases fora de seu contexto. Na realidade, o propósito fundamental de Lenin foi construir um partido para ação e, deste ponto de vista, nem sua construção, nem sua natureza, nem seu desenvolvimento, e nem mesmo seu regime interno poderiam ser concebidos de maneira independente das condições políticas gerais, do grau de liberdades políticas existente e da correlação de forças entre a classe operária, o Estado e as classes proprietárias.

Entre 1904 e 1905, em sua polêmica com os mencheviques, quando todos os socialistas se encontram ainda na clandestinidade, Lenin afirma:

> Nós também estamos a favor da democracia quando esta é verdadeiramente possível. Na atualidade, não seria mais que uma farsa, e isto não desejamos, pois queremos um partido sério, capaz de vencer o czarismo e a burguesia. Forçados à ação clandestina, não podemos realizar a democracia formal dentro do partido. (...) Todos os operários conscientes da necessidade de acabar com a autocracia e de lutar contra a burguesia sabem perfeitamente que, para vencer o czarismo, necessitamos neste momento de um partido clandestino centralizado, revolucionário e fundido num só bloco. Sob a autocracia, com sua severa repressão, adotar o sistema de eleições, quer dizer, a democracia, significaria simplesmente ajudar o czarismo a acabar com nossa organização[42].

40 KRUPSKAIA, Nadezhda, *Ma vie avec Lénine (1893-1917)*, Paris, Payot, 1933, p. 142.
41 Citado por TROTSKI, Leon, *Écrits*, Paris, Rivière, 1955, tomo I, p. 322.
42 Citado por ZINOVIEV, Grigori, *Histoire du Parti communiste russe*, Paris, Humanité, 1926, pp. 103-104.

Ainda assim, no texto "A bonita jaula não alimenta o pássaro", precisa: "O operário consciente compreende que a democracia não é um fim em si, mas sim um instrumento para a libertação da classe operária. Temos que dar ao partido a melhor estrutura, a que melhor responda às necessidades da luta neste momento. O que necessitamos hoje é uma hierarquia e um rigoroso centralismo"[43]. No III Congresso, quando o movimento revolucionário cresce vigorosamente, insiste: "Em condições de liberdade política, nosso partido poderá basear-se completamente no princípio de eleição, e de fato assim o faremos. (...) Inclusive sob o absolutismo, o princípio de eleição poderia ser aplicado muito mais amplamente"[44]. A Conferência de Tampere decide aplicar integralmente à organização do partido os princípios do "centralismo democrático" e "os mais amplos canais de eletividade, conferindo aos organismos eleitos plenos poderes para a direção ideológica e prática; também aprova a aplicação do princípio da revogabilidade dos mandatos, assim como a exigência da mais absoluta publicidade e informação de suas atividades". No prefácio à brochura *Doze anos*, Lenin, sobre a polêmica em torno de *Que fazer?*, recorda que "apesar da ruptura, o partido utilizou o momentâneo lapso de liberdade para introduzir em sua organização pública uma estrutura democrática, dotada de um sistema de eleição, assim como uma representação no congresso proporcional ao número de militantes organizados"[45].

Segundo os bolcheviques, o "regime interno" é um reflexo, no partido, das condições gerais da luta de classes; no entanto, ele é também um fator autônomo. Lenin elabora sobre este problema em sua própria fração, ao enfrentar-se com os *komitetchiks*, que, segundo o testemunho de Krupskaia, não admitem nenhum tipo de democracia interna e rejeitam qualquer inovação, por sua dificuldade em adaptar-se a novas condições. Hostis ao ingresso de operários nos comitês, pois os consideram incapazes para a realização desse trabalho, os *komitetchiks* pretendem controlar minuciosamente toda atividade partidária e manter uma centralização e uma hierarquia rígidas. Lenin lhes recorda que "não é o partido que existe em função do comitê, e sim o comitê que existe em função do partido".

> Muitas vezes penso que noventa por cento dos bolcheviques é profundamente formalista. É preciso recrutar novos membros entre os jovens e com os critérios mais amplos possíveis, sem medo, e esquecer todas as práticas complicadas, o respeito à hierarquia etc. (...) Devemos dar a cada comitê de base, sem colocar muitos empecilhos, o direito de escrever panfletos e distribuí-los. Não é algo grave se eles cometerem algum erro; nós os corrigiremos "amavelmente" no *Vperiod*. O próprio curso dos acontecimentos vai ensiná-los em nossa concepção[46].

---

43 *Ibid.*, pp. 105-106.
44 Citado por DANIELS, John em *Labour Review*, nº2, 1957, p. 48.
45 Citado por PEARCE, Brian em *op. cit.*, p. 29.
46 Citado por DANIELS, John em *op. cit.*, p. 48.

Krupskaia afirma que Lenin não se preocupou muito por não ter sido escutado pelos *komitetchiks*: "Ele sabia que a revolução estava em marcha e que ela forçaria o partido a admitir mais operários em seus comitês"[47].

A clandestinidade é evidentemente favorável ao centralismo autoritário, na medida em que a eleição só tem algum sentido entre homens que se conhecem e por isso podem se controlar mutuamente. No entanto, seus efeitos são amenizados por uma menor tensão nas relações entre os diferentes graus da hierarquia partidária, deixando aos comitês locais uma importante margem de iniciativa. Os grupos que distribuem panfletos chamando à greve e convocando uma manifestação em São Petersburgo no dia 15 de novembro de 1912 estão integrados por sociais-democratas vinculados à fração bolchevique; mas se acreditarmos no testemunho de Badaiev, tal iniciativa não foi comunicada a nenhum organismo dirigente nacional ou da capital, nem a nenhum membro da fração no parlamento[48]. Os dirigentes bolcheviques demoram vários dias para descobrir quem havia assumido a responsabilidade de tais consignas; eles apoiaram a greve devido à grande popularidade que ela havia alcançado entre os operários, apesar de considerarem que ela tinha sido muito mal preparada. Tais incidentes acontecem com frequência. Piatnitski, por exemplo, que há vários anos cumpre importantes funções no aparato clandestino, não consegue, em 1914, descobrir o endereço do dirigente bolchevique em Samara, cidade na qual havia encontrado trabalho. De fato, neste local, bolcheviques e mencheviques haviam se fundido; então, depois de conseguir o contato por seus próprios meios, Piatnitski toma a iniciativa de reorganizá-los de forma independente, convencendo-os apenas com base em seu informe pessoal e sem nenhum tipo de "mandato"[49].

Uma das críticas que mais aparecem ao sistema de organização dos bolcheviques é de que este favorecia a ação devastadora dos agentes provocadores da polícia que conseguiam infiltrar-se na organização. Alguns exemplos são claros expoentes desta tese: o médico Zhitomirski é um agente da Okrana quando, em 1907, é encarregado pelo partido de estabelecer a ligação entre a Rússia e a emigração. Em 1910, os jornais impressos na Suíça ou Alemanha chegam regularmente às mãos da polícia. O responsável pelo seu transporte, Matvei, foi, por muitos anos, agente da polícia secreta. Desta maneira, é preciso admitir que os provocadores da polícia conheciam perfeitamente a forma de ingressar no partido e que o sistema repressivo russo era o culpado, mais do que o regime do partido, pela utilização, por parte da polícia, de militantes que gozavam da confiança de seus camaradas e que haviam aceitado, geralmente quando estavam na cadeia, desempenhar o papel de delatores.

---

47 KRUPSKAIA, Nadezhda, *op. cit.*, p. 77.

48 BADAIEV, Alexei, *Les bolcheviks au Parlement tsariste*, Paris, Bureau d'éditions, 1932, p. 49.

49 PIATNITSKI, Ossip, *Souvenir d'un bolchevik (1886-1917)*, Paris, Bureau d'éditions, 1931, p. 148.

O exemplo mais significativo é, sem dúvida, o caso de Malinovski. Trata-se de um militante operário, secretário do sindicato dos metalúrgicos de São Petersburgo entre os anos de 1906 e 1909, grande orador e organizador, que entra no serviço da polícia em 1910, talvez para evitar o cumprimento de uma sentença que lhe havia sido imposta anteriormente por um delito comum. Une-se aos bolcheviques em 1911; sua atividade como militante o faz tão popular, que é escolhido como candidato às eleições para a Duma, acaba eleito deputado e ajuda a organizar, a partir desta posição, a ruptura da fração social-democrata. Durante todo este tempo continua informando regularmente o chefe da polícia, revelando pseudônimos, locais de sedes e reuniões previstas. Malinovski é o responsável pela detenção de Rikov e Noguin antes da conferência de Praga, e pela de Sverdlov e Stalin em 1914. Em 1912, Lenin propõe seu nome para o Comitê Central, e até o final o defende das acusações dos mencheviques, inclusive depois de sua inexplicável renúncia à cadeira de deputado, em maio de 1914. Somente os arquivos da Okrana vão revelar, depois da vitória revolucionária de 1917, toda a verdade sobre suas atividades. Depois de ser feito prisioneiro durante a guerra, volta à Rússia por sua própria vontade, onde é julgado, condenado à morte e executado.

Independentemente do caráter espetacular desta aventura, devemos reconhecer que as estruturas, os métodos e os princípios de ação da organização a protegiam, até certo ponto, da atividade de um agente de tal envergadura. Lenin, testemunha no julgamento, contribuirá para colocar o assunto em seus devidos limites ao declarar:

> Do ponto de vista da Okrana, valia a pena não economizar meios para introduzir Malinovski na Duma e no Comitê Central. Quando conseguiram, Malinovski transformou-se em uma das principais ligações de nossa intervenção legal com os grandes organismos representativos das massas do partido, com o *Pravda* e com a fração social-democrata da Duma. O provocador deveria manter-se nestes organismos para conservar nossa confiança. Malinovski poderia provocar a prisão, e de fato provocou, de numerosos camaradas. No entanto, não foi capaz nem de deter, nem de controlar, nem de dirigir a atividade do partido, cuja importância crescia sem cessar, estendendo sua influência sobre as massas, sobre dezenas ou centenas de milhares de indivíduos.

Lenin conclui: "Não me surpreenderia absolutamente que um dos motivos da fuga de Malinovski tivesse sido que, de fato, por estar mais vinculado ao *Pravda* e à fração parlamentar, ele acabava por realizar um trabalho revolucionário superior ao que a Okrana estava disposta a tolerar"[50].

50 BADAIEV, Alexei, *op. cit.*, p. 215.

A originalidade do partido bolchevique

A originalidade do partido bolchevique não reside em nenhuma concepção ideológica, nem em um regime particularmente centralizado. A social-democracia alemã, naquele período, está tão centralizada e possui uma organização tão estrita quanto a do partido russo. Piatnitski, especialista na organização do aparato russo, descreve com admiração a organização socialista de Leipzig e o funcionamento semiclandestino dos núcleos dirigentes, que são chamados popularmente pelos militantes de "carvoarias". A "disciplina de fração" - a *Fraktionzwang* - é aplicada, com o máximo rigor, em todos os níveis de atividade do partido alemão, mais severamente, talvez, do que no partido russo, como consequência da legalidade e do poder financeiro do aparato na Alemanha, que não deixam espaços para a iniciativa pessoal. A crise de 1914 servirá para revelar a raiz das diferenças entre os dois partidos: a social-democracia alemã vota os créditos de guerra e apoia seu governo na guerra, enquanto os bolcheviques fazem chamados para transformar a guerra imperialista em guerra civil. A social-democracia alemã, ao adaptar-se ao regime político e social, se converteu em um partido reformista, enquanto o partido bolchevique, ao permanecer sempre hostil a ele, manteve suas perspectivas e suas políticas revolucionárias.

Essa diferença se deve, em primeiro lugar, a que os sociais-democratas russos viviam e militavam em um contexto social infinitamente mais explosivo do que o da Europa Ocidental. O desenvolvimento combinado da sociedade russa converteu o proletariado industrial em uma classe social fundamentalmente revolucionária. Sobre esta característica se refere Deutscher ao afirmar acertadamente: "A classe operária russa de 1917 era uma das maravilhas da história. Pequena em número, jovem, inexperiente e carente de toda educação, era, no entanto, rica em paixão política, em generosidade, em idealismo e ostentava atitudes únicas de heroísmo. Possuía o dom de sonhar com o futuro e de morrer heroicamente na luta"[51].

O bolchevique Preobrazhenski fez uma análise igualmente profunda deste fenômeno:

> A vanguarda de nossa classe operária é o produto do capitalismo europeu que, irrompendo em um país novo, construiu centenas de empresas formidáveis, organizadas de acordo com os mais recentes avanços da técnica ocidental. Nosso operário é o jovem bárbaro cheio de forças, que não foi corrompido pela civilização capitalista, que não foi pervertido pelo conforto e pelo bem-estar, pelas migalhas que caem da mesa dos exploradores das colônias, que não se deixou dobrar pelo jogo da legalidade e da ordem burguesa. Ele tem como ancestrais os camponeses que saquearam as casas e as colheitas dos senhores que os tinham chicoteado e enviado aos trabalhos forçados nas minas dos Urais e da Sibéria. Em suas veias corre o sangue dos revoltosos que, à época de Stenka

51 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 163.

> Razin e de Pugachev[52], fizeram tremer o trono dos czares moscovitas. Nosso operário começou a odiar o capital e a combatê-lo antes de reverenciá-lo como organizador de um regime econômico superior ao artesanato, começou a desprezá-lo antes de ter apreciado a cultura burguesa e de ter se apegado a ela. Ele não lembra nem o proletário do Ocidente, educado por dois séculos de indústria manufatureira e capitalista, nem o semiproletário da Índia e da China. Quem não compreende esses traços originais não compreenderá nada das suas maravilhosas realizações, nem capturará a essência desse fenômeno sociológico que é o partido bolchevique. (...) Nossa classe operária alia em si o impulso revolucionário, a espontaneidade da imaturidade juvenil e a disciplina que cimenta milhões de pessoas agrupadas em torno do trabalho nas máquinas[53].

Sob o czarismo, não existe possibilidade alguma de que os militantes levem uma vida tranquila na sociedade russa. Os sindicatos são dissolvidos assim que passam a ter uma atividade real e os mencheviques mais "legalistas", inclusive os liquidacionistas, recebem da polícia golpes tão duros quanto os bolcheviques mais extremistas. Neste sistema não existe espaço para os burocratas, nem sequer para os honrados desertores, já que o militante que deseja abandonar a luta não terá, para ganhar a vida, outra solução que não seja converter-se em delator da polícia. A integração é impossível sem capitulação aberta. O reformismo, que no Ocidente surgiu como estado de ânimo antes de materializar-se como tendência interna às organizações operárias e, posteriormente, como setor materialmente beneficiado, não possui na Rússia nenhuma raiz segura. As condições em que se dá a luta política e social convertem os militantes em uma elite generosa, valente e pura. É preciso multiplicar as astúcias e iniciativas para proteger a organização da repressão e manter o contato com os operários. Nenhuma rotina pode consolidar-se e é imprescindível saber aproveitar todas as mínimas oportunidades.

A ação operária

Todas as memórias de militantes bolcheviques, ao referirem-se ao período anterior a 1914, dão muita importância à chamada "campanha dos seguros", que se iniciou com a promulgação da lei de 23 de julho de 1912 sobre o seguro de saúde. O partido se apoia sobre todos os pontos frágeis do texto legal para mobilizar os operários, que, em sua luta, vão conquistar o direito de fazer assembleias sobre as questões de seguridade social, e depois, de eleger seus delegados para representá-los na administração dos fundos. Por fim, o movimento impõe uma emenda ao texto da lei, na parte que se refere às condições necessárias para conseguir o benefício. Esta será a única ocasião que tiveram os militantes para intervir legalmente nas assembleias operárias, executando, em todas as fábricas, uma ação coordenada.

---

52 Líderes de revoltas camponesas nos séculos 17 e 18, respectivamente (N. do E.).
53 PREOBRAZHENSKI, Evgueni, em *Bulletin Communiste*, nº10, 7 de março de 1924.

Para que o bolchevique possa realizar uma agitação de tipo sindicalista, na qual ele se dirige ao conjunto dos operários, inúmeras circunstâncias favoráveis são necessárias, circunstâncias que, às vezes, o próprio militante deve esforçar-se por criar. Shliapnikov, operário de uma fábrica de São Petersburgo, faz em sua oficina uma campanha a favor da "igualdade na remuneração dos operários de mesma profissão ou que executem o mesmo trabalho, medido pelo número de peças"[54]. Ainda que a amplitude da faixa salarial não seja muito grande, esta consigna unificadora vai ser, em diversas ocasiões, o ponto de partida da agitação bolchevique dentro de uma empresa. Em uma etapa posterior, trata-se de realizar uma agitação mais ampla e de tentar desencadear um movimento. E para realizar isto não existem quadros profissionais, nem sede fixa para o sindicato, nem permissão para organizar uma assembleia geral dos trabalhadores dentro da legalidade. É preciso, portanto, se dirigir diretamente aos operários para realizar tudo isso, o que só é possível depois de uma preparação minuciosa. E nisto os bolcheviques contam com uma técnica muito apurada: salvo em algumas exceções, como durante a "campanha dos seguros", os bolcheviques só poderão ser ouvidos em público em "reuniões relâmpago". Estas devem ser preparadas com todo o cuidado. No momento preciso, deve ser bloqueada uma porta durante uma pausa, em um restaurante ou vestiário, ou durante a saída da fábrica. Os oradores, cuja segurança deve ser garantida com estas medidas, devem estar atentos ao aviso de perigo para poder empreender a fuga. A "fala" deve ser breve. O orador geralmente vem de fora e, às vezes, deve se mascarar com um gorro ou um pano para não ser identificado e denunciado. Os militantes da fábrica ficam com a missão de preparar o agrupamento das pessoas e de velar pela segurança de seu camarada. Nestes preparativos, deve-se multiplicar as precauções por temor aos traidores e tratar de não se deixar notar durante a intervenção, enquanto se mantém a vigilância.

Quando o militante se encontra com operários simpatizantes, é preciso elevar a discussão ao campo das ideias, o que é bastante perigoso. Para isto, deve-se evitar os lugares públicos, muito frequentados e geralmente cheios de delatores. Igualmente perigosas são as reuniões que acontecem em um domicílio privado, pois, quanto menos conhecidos sejam os endereços dos militantes, menos informações terá a polícia. Esta é a razão das chamadas "reuniões volantes", que acontecem durante dias festivos, em obras abandonadas ou em armazéns nas horas em que estes permanecem desertos. Se forem necessárias reuniões maiores, organizam-se excursões aos bosques nos domingos, enquanto uma série de vigilantes protege a assembleia contra caminhantes indiscretos.

A organização clandestina

O operário que entra no partido já está familiarizado com seus métodos clandestinos. Logo depois vai submergir mais profundamente nos mesmos. Seu nome

---

54 SHLIAPNIKOV, Alexander, *Às vésperas de 1917*, em *Bulletin Communiste*, dezembro de 1923, p. 598.

e seu endereço só são conhecidos por um dirigente, e tanto ele como seus camaradas utilizam um "nome de guerra" que vai ser mudado tantas vezes quanto seja necessário para despistar a polícia. Na base se encontra a célula de oficina ou de fábrica, que também pode ser chamada de "comitê" ou "núcleo". As captações para o organismo só são aprovadas pelo sistema de consenso unânime sobre os possíveis candidatos, que devem ser examinados por todos os membros da célula antes de serem admitidos.

Piatnitski descreveu minuciosamente a pirâmide do partido em Odessa antes de 1905: acima dos comitês de base existem os subzonais, zonais e por último o comitê municipal, cujos membros foram recrutados todos por cooptação. Cada comitê é composto por uma série de dirigentes, que possuem funções específicas e que só mantêm contato com os respectivos dirigentes inferiores ou superiores. Desta forma, se reduzem os contatos verticais ao mínimo, a fim de dar autonomia para os militantes e evitar que a prisão de um indivíduo isolado provoque uma série de detenções em toda a organização. Embora possa casualmente acontecer, os militantes não devem encontrar-se fora das reuniões. No entanto, existem alguns dias e horas, fixados secretamente, nos quais, no caso de absoluta necessidade, os militantes podem fazer contato, geralmente em um bar ou café, com aparência de encontro casual. O comitê de Odessa se reúne em domicílios particulares. É o responsável por controlar toda a organização e seus membros, além de, por meio dos zonais e subzonais, designar os oradores que deverão tomar a palavra nas reuniões da fábrica e os responsáveis pelos grupos de estudo que os militantes deverão formar em seu entorno[55].

A organização de Moscou em 1908 é, por sua vez, mais complexa e mais democrática. Na base existem as assembleias de fábrica, dirigidas por uma comissão eleita; no nível superior funcionam alguns subzonais, além de oito zonais dirigidos por um comitê eleito pelas assembleias de fábrica. Este comitê é assessorado por comissões especializadas: a organização militar é composta de um departamento técnico, cujo dirigente só é conhecido pelo secretário do partido; existe, além disso, um departamento especial que se encarrega da propaganda antimilitarista, dirigida aos futuros alistados e aos operários recrutados; um departamento para os estudantes; outro departamento para oradores e jornalistas, que se dedica a utilizar suas habilidades e inclusive desenvolver as mesmas, localizando cada um, segundo as necessidades, nos diferentes zonais ou em determinadas comissões de fábrica; por último, o comitê conta com uma comissão financeira[56].

A própria direção do partido é formada por um aparato técnico, cujas numerosas e delicadas funções exigem especialização, competência e sigilo. É necessário conseguir passaportes, elemento fundamental de toda atividade ilegal: os melhores,

55 PIATNITSKI, Ossip, *op. cit.*, pp. 100-101.
56 *Ibid*, pp. 136-138.

naturalmente, são os autênticos, que dizer, aqueles que correspondem a uma pessoa viva e de ficha limpa; são os chamados "de ferro". No entanto, a imensa maioria dos passaportes utilizados pelo partido é falsa, fabricada pelos próprios militantes. Durante a guerra, Shliapnikov possui um passaporte com o nome de um cidadão francês, o que, de vez em quando, o torna alvo de atenções especiais da polícia, que deseja bajular um cidadão de um país aliado. Krilenko ingressa no exército com uma identidade falsa e chega a oficial. Uma das mais importantes tarefas encomendadas ao aparato técnico, cujos dirigentes são Piatnitski e o georgiano Aveli Yenukidze, se refere ao transporte e difusão da literatura que vem do estrangeiro: os envios passam pela fronteira em maletas com fundo falso, mas também se utilizam outras redes de contrabando; os encarregados deste trabalho são ou contrabandistas profissionais, que recebem uma remuneração do partido, ou militantes e simpatizantes que organizaram, por conta própria, uma rede para a passagem de material, utilizada muitas vezes por diversas organizações políticas clandestinas.

As gráficas ilegais são, talvez, os instrumentos mais problemáticos. Devem ser instaladas em lugares isolados ou muito barulhentos, geralmente em um sótão ou no depósito de alguma loja, de forma que as necessárias idas e vindas não atraiam a atenção excessiva da polícia. É necessário comprar as máquinas e, para isto, aceitar condições de pagamento muito desfavoráveis, já que a venda ilegal é perigosa também para o comerciante. Às vezes a máquina deve ser transportada, peça por peça, até o local indicado. Os membros do partido responsáveis pela impressão também são encarregados de obter os materiais necessários, que muitas vezes são roubados, durante muitos meses e em pequenas quantidades, de gráficas legais. O problema do papel, sua compra e seu transporte, gera enormes dificuldades, tanto para sua entrada como para saída – em tais ocasiões, utilizar uma padaria ou quitanda como fachada facilita muito a operação. A circulação do material, impresso no país ou no exterior, é uma operação de grande envergadura: são contratados transportadores e se informa um destino falso, que será alterado no caminho, para levá-los a um armazém ou garagem desocupados; poucos minutos depois de ser efetuado o transporte, todo o material deve desaparecer.

A atividade desses *partisans*[57], os *boieviks*, dos quais um dos principais líderes parece ter sido Stalin, havia gerado várias polêmicas no partido. De fato, as "expropriações" eram a parte central de suas atividades, e traziam um grave risco de degeneração, o que desmoralizaria, sem dúvida, importantes setores da militância, ameaçando desacreditar o partido inteiro.

Na realidade, o financiamento das atividades do partido era um grave problema, pois as cotizações em nenhum momento foram suficientes. Um informe do comitê de Baku indica que, em determinados períodos, os aportes dos militantes não che-

57 Guerrilheiros (N. do E.).

gavam nem a 3% da receita do partido. No entanto, Yaroslavski[58] se refere a alguns comitês locais como o de Ivanovo-Voznesensk e o de Lodz, onde as cotizações chegavam a 50% da renda do partido. A maior parte, em geral, provém das periódicas listas de contribuição passadas entre os intelectuais e profissionais liberais e fiscalizadas por uma comissão financeira especial. Desta forma, por meio de Maxim Gorki, os bolcheviques receberam importantes doações de um rico simpatizante e, graças à mediação de Krasin, outras doações feitas pelo industrial Morozov. Um dos mais violentos conflitos entre mencheviques e bolcheviques surgiu, exatamente, de uma disputa em torno de uma doação de uma enorme soma de dinheiro feita ao partido por um estudante simpatizante que havia se suicidado e cuja irmã, executora do testamento, havia se casado com o bolchevique Taratuta[59]. Schapiro cita entre os mais importantes apoios financeiros o estudante Tikhomirnov, colega de Molotov na Universidade de Kazan[60]. Por último, algumas expropriações contribuíram notavelmente para os fundos do partido. No entanto, em geral, o dinheiro era escasso e os revolucionários profissionais passavam vários meses à espera de um salário que, segundo Yaroslavski, oscilava entre 3 e 30 rublos ao mês no máximo[61].

Apesar da insistência com que os bolcheviques enfatizam em sua propaganda a necessidade da aliança entre operários e camponeses, o trabalho de organização dos *mujiks* é iniciado apenas às vésperas da revolução, à exceção de alguns casos de núcleos isolados de proletários rurais. Certos grupos de operários se limitam a difundir, de vez em quando, folhetos e panfletos pelas áreas rurais.

O trabalho dirigido aos estudantes tem amplas proporções nas cidades universitárias, pois nestas existem diretórios estudantis social-democratas e associações socialistas onde se enfrentam estudantes pertencentes às diferentes frações. Os bolcheviques se inserem nestes grupos e lá recrutam militantes, fazendo o mesmo, sempre que possível, também nos círculos de estudantes do ensino médio. Em 1907, um grupo de jovens bolcheviques, encabeçados por Bukharin e Sokolnikov, convoca um congresso panrusso de estudantes social-democratas. No entanto, tal organização desaparece no ano seguinte. Até o ano de 1917, não haverá novas tentativas de constituir uma organização juvenil vinculada aos bolcheviques. Desta maneira, parece se impor o ponto de vista de Krupskaia: a companheira de Lenin desejava que se constituísse uma organização de jovens revolucionários, dirigida pelos próprios jovens, mesmo com os riscos de seus possíveis erros, o que, para ela, seria preferível a ver tal organização ser sufocada sob a tutela de uma série de "adultos" cheios de boas intenções. Mas, tendo em vista a situação da juventude russa, isso excluía a possibilidade de formar uma organização de jovens puramente bolchevique.

---

58 YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 163.

59 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party of the Soviet Union*, Londres, Eyre et Spottiswoode, 1960, pp. 107-108.

60 *Ibid.*, p. 130.

61 YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 164.

Os homens

Entretanto, o núcleo da organização bolchevique, a "coluna de ferro" composta por militantes profissionais é recrutada entre gente muito jovem, operários ou estudantes, numa época e em condições sociais que, certamente, não permitem uma excessiva prolongação da infância, principalmente nas famílias operárias. Esses jovens, que renunciam a toda carreira e toda ambição que não seja política e coletiva, têm menos de 20 anos quando se comprometem, de forma definitiva, com a luta operária. Mikhail Tomski, litógrafo que ingressa no partido aos 25 anos, é uma exceção no conjunto, apesar dos anos que passou lutando como ativista independente, pois, com sua idade, a maioria dos companheiros já possui muitos anos de militância no partido. O estudante Piatakov, pertencente a uma grande família da burguesia ucraniana, se torna bolchevique aos 20 anos, depois de ter militado durante algum tempo nas fileiras anarquistas. O estudante Rosenfeld, conhecido como Kamenev, tem 19 anos quando entra no partido. Este caso é o mesmo do metalúrgico Schmidt e do mecânico de precisão Ivan Nikitich Smirnov. Aos 18 anos entram no partido o metalúrgico Bakaiev, os estudantes Bukharin e Krestinski e o sapateiro Kaganovich. O funcionário público Zinoviev e os metalúrgicos Serebriakov e Lutovinov são bolcheviques desde os 17 anos. Sverdlov trabalha como ajudante em uma farmácia quando começa a militar, com 16 anos, assim como o estudante Kuibishev. O sapateiro Drobnis e o estudante Smilgá ingressam no partido aos 15 anos. Piatnitski o faz aos 14. Todos estes jovens, quando ainda não passaram da adolescência, são já velhos militantes e quadros do partido. Sverdlov, aos 17 anos, dirige a organização social-democrata de Sormovo. A polícia czarista, ao tentar identificá-lo, lhe coloca o apelido de "o garoto". Sokolnikov, aos 18 anos, é secretário de um dos comitês zonais de Moscou. Rikov só tem 24 anos quando se converte, em Londres, no porta-voz dos *komitetchiks* e ingressa no Comitê Central. Quando Zinoviev entra, por sua vez, no Comitê Central, aos 24 anos, já é conhecido como o dirigente dos bolcheviques de São Petersburgo e redator do jornal *Proletari*. Kamenev tem 22 anos quando é enviado como delegado a Londres; Sverdlov tem somente 24 quando vai à Conferência de Tampere. Serebriakov é o organizador e um dos 20 delegados das organizações clandestinas russas no Congresso de Praga, em 1912, quando tem 24 anos.

Estes jovens entraram no partido por ondas sucessivas, que coincidem com as greves e os momentos culminantes do movimento revolucionário. Os mais antigos começaram a militar por volta de 1898 e se tornaram bolcheviques a partir de 1903; depois deles veio a geração de 1905 e dos anos consecutivos; por último, uma terceira avalanche se integra entre os anos de 1911 e 1912. A vida destes homens se mede por anos de prisão, de ação clandestina, de condenações, de deportações e de exílios. Piatnitski que nasceu em 1882, milita desde 1896. Depois de ser preso em 1902, foge, se unindo à organização "iskrista" e depois emigra. Trabalha no

exterior até 1905. Volta à Rússia no mesmo ano, se integrando na organização de Odessa até 1906, depois na de Moscou entre 1906 e 1908. Novamente é preso, conseguindo, mais uma vez, fugir. Vai para a Alemanha e assume um importante cargo no aparato técnico até 1913. Durante este tempo aprende o ofício de eletricista. Volta clandestinamente para a Rússia em 1913, encontra trabalho em uma fábrica e é preso e deportado de novo até 1914.

No entanto, existem outras biografias ainda mais impressionantes: Serguei Mrachkovski nasce na cadeia, onde estão seus pais, presos políticos e ali passa sua infância, antes de voltar, já adulto, e desta vez, por sua própria conta; Tomski, em 1917, tem 37 anos de idade, dos quais dez foram passados na prisão ou na deportação. Vladimir Miliutin foi detido oito vezes; em cinco ocasiões foi condenado à prisão, passando por duas deportações; Drobnis passou seis anos na cadeia e foi condenado à morte três vezes.

A moral destes homens é de uma solidez a toda prova: oferecem o que tem de melhor de si, com o convencimento de que só assim podem expressar todas as possibilidades que fervilham em suas jovens mentes. Sverdlov, clandestino desde os dezenove anos e enviado pelo partido para organizar os operários de Kostroma, no norte, escreve a um amigo: "Às vezes sinto falta de Nizhni-Novgorod, mas, definitivamente, estou contente por ter partido, pois lá era impossível abrir as asas que acredito possuir. Em Novgorod aprendi a trabalhar e cheguei aqui possuindo alguma experiência. Conto com um amplo campo de ação onde posso aplicar minhas forças"[62]. Preobrazhenski, principal líder do partido ilegal nos Urais durante o período de reação, é detido e julgado. Quando Kerenski, seu advogado, tenta negar os crimes dos quais o acusam, se coloca de pé num salto, desautoriza-o, afirma suas convicções e reivindica a responsabilidade de sua ação revolucionária. Naturalmente, é condenado. Somente depois, com a vitória da revolução, descobrirá o partido que este homem, revolucionário profissional desde os dezoito anos, é um economista de enorme valor.

Os revolucionários estudam. Alguns, como Piatakov, que escreve um ensaio sobre Spengler durante o período em que a polícia o detém na Ucrânia, em 1918, ou como Bukharin, são intelectuais de relevo. Os outros, ainda que menos brilhantes, estudam também sempre que podem, já que para eles o partido é uma escola, e isto não somente no sentido figurado. Em suas fileiras normalmente se aprende a ler e a escrever, e cada militante se converte em um guia de estudos, reúne um grupo em torno de si com o qual vai estudar e discutir política. Os adversários do bolchevismo muitas vezes caçoam deste gosto pelos livros que, em determinados momentos, converte o partido em uma espécie de "clube de sociologia". Na preparação da Conferência de Praga, um papel decisivo é cumprido pela escola de

62 Citado por BOBROVSKAIA, Tsetsilia, *Le premier président de la république du travail: J. M. Sverdlov*, Paris, Bureau d'éditions, 1932, p. 14.

quadros de Longjumeau, integrada por várias dezenas de militantes que discutem 45 aulas de Lenin, 30 das quais versam sobre economia política e dez sobre a questão agrária; também são ministradas aulas sobre a história do partido russo, do movimento operário ocidental, literatura, direito e técnica jornalística. Naturalmente, nem todos os bolcheviques são poços de ciência, mas sua cultura se eleva muito acima do nível médio das massas. Em suas fileiras encontram-se alguns dos intelectuais mais brilhantes de nossa época. Sem dúvida alguma, o partido educa e, em todos os aspectos, o revolucionário profissional está longe de ser o burocrata precoce que é descrito pelos detratores do bolchevismo.

Trotski, que conhecia bem estes homens e levou o mesmo estilo de vida, apesar de não ser bolchevique ainda, escreveu a respeito deles:

> A juventude da geração revolucionária coincidia com a do movimento operário. Era o momento dos homens de 18 a 30 anos. Os revolucionários de maior idade eram contados nos dedos e pareciam anciãos. O movimento desconhecia completamente o prestigismo, e se nutria de sua fé no futuro e do espírito de sacrifício. Não existia rotina alguma, nem formas convencionais, nem gestos teatrais, nem procedimentos retóricos. O diletantismo que começava a surgir era tímido e raro. Inclusive palavras como "comitê" e "partido" ainda eram novas, conservando seu mistério e tendo, para os jovens, uma ressonância atraente e inquietante. Quem ingressava na organização sabia que a prisão e a deportação o esperavam dentro de alguns meses. A honra do militante se media em resistir o maior tempo possível sem ser detido, em se comportar dignamente frente à polícia, em substituir, quando necessário, seus camaradas presos, em ler o maior número de livros quando na prisão, em escapar o quanto antes da deportação para o exterior e acumular conhecimentos, a fim de voltar e recomeçar o trabalho revolucionário. Os revolucionários acreditavam naquilo que pregavam, e nada mais poderia tê-los convencido a enfrentar essa via sacra[63].

Certamente, nada pode explicar melhor as vitórias do bolchevismo – e sobretudo, sua ascensão, inicialmente lenta e depois fulminante – do que aquilo que Bukharin chamou de "segundo círculo concêntrico do partido": os operários revolucionários que constituem seus olhos e suas alavancas, os organizadores dos sindicatos e comitês do partido, os focos da resistência e centros das iniciativas. São líderes e educadores incansáveis que, com suas ações, puderam integrar o partido à classe e dirigi-la. A história esqueceu o nome de quase todos eles. Lenin chama estas pessoas de "quadros *à la* Kaiurov", pelo nome do operário que o escondeu em 1917 durante alguns dias e no qual ele sempre confiará. Sem a existência destes homens, é impossível compreender o "milagre" bolchevique.

Lenin

Qualquer estudo do partido bolchevique seria incompleto se não incluísse a descrição daquele que no fundo o encabeçou até sua morte. Certamente, Lenin se

---

63 TROTSKI, Leon, *Staline*, *op. cit.*, p. 77.

identifica de certo modo com o partido. Entretanto, suas características pessoais rompem tal analogia. Em primeiro lugar, ele é praticamente o único representante de sua geração, pois seus primeiros companheiros na luta, Plekhanov, mais velho do que ele, e Martov, da mesma idade, dirigem os mencheviques. Seus companheiros da primeira fase do partido, Krasin e Bogdanov, se distanciaram da luta política. Na época da Conferência de Praga, os mais antigos de seus colaboradores imediatos, Zinoviev, Kamenev, Sverdlov e Noguin, possuem, todos eles, menos de trinta anos. Lenin está então com quarenta e dois. Entre os bolcheviques, é o único a pertencer à geração anterior ao *Iskra*, quer dizer, aos pioneiros do marxismo russo. Os homens jovens da direção bolchevique são, antes de tudo, seus discípulos.

Este não é o lugar adequado para fazer uma análise da capacidade intelectual de Lenin, sua cultura, seu enorme potencial de trabalho, a agilidade de seu raciocínio, a lucidez de sua análise e a profundidade de suas elaborações. Limitemo-nos a destacar que, convencido como estava da necessidade do partido como instrumento da história, empreendeu apaixonadamente sua construção e consolidação durante todo o período que antecedeu a explosão revolucionária de 1917, apoiando-se, para isto, nas perspectivas e dados que oferecia o próprio movimento de massas, ao mesmo tempo em que confiava muito na solidez de suas próprias análises e de sua intuição. Completamente convencido de que os conflitos ideológicos eram inevitáveis, Lenin afirma, em uma carta dirigida a Krasin, que "constitui uma completa utopia esperar um consenso absoluto dentro do Comitê Central ou entre seus membros". Luta para convencer seus companheiros com a segurança de estar certo e de que o próprio desenvolvimento político dos acontecimentos será a melhor confirmação de suas teses. Esta é a razão de que aceite, sem grandes ressentimentos, uma derrota que considera puramente casual, como a sofrida frente aos *komitetchiks* no congresso de 1905, às vésperas de uma revolução da qual espera a destruição de todas as rotinas. No final do mesmo ano, cede ao impulso dos militantes que desejam uma reunificação, prematura em sua opinião, limitando de antemão as possíveis perdas através da concentração de seus esforços em conseguir, dentro do partido unificado, que a eleição dos membros do Comitê Central se dê segundo o princípio de representação proporcional das tendências. Entre 1906 e 1910, redobra suas atenções para convencer os dissidentes de sua fração, deixando, ao final, que eles mesmos tomem a iniciativa da ruptura. Em 1910, se curva à política dos "conciliadores", defendida por Dubrovinski, considerado por ele um elemento de grande valia e a quem espera convencer rapidamente pela experiência.

Entretanto, sobre as questões que considera fundamentais, se mantém na mais absoluta intransigência – a seu ver, o trabalho ilegal constitui um dos princípios que confirmam a natureza revolucionária da ação empreendida. Algumas vezes, chega a um acordo ou se retrata, e não somente quando, por encontrar-se em minoria, deve dar o exemplo que a disciplina exige. Seu objetivo não é ter razão, e sim

construir o instrumento que lhe permitirá intervir na luta de classes e ter razão em escala história, "à escala de milhões", como gosta de repetir. Para conservar sua fração, composta por estes homens cuidadosamente selecionados durante anos, sabe esperar e inclusive se curvar. No entanto, jamais oculta que não vacilaria nenhum momento em começar de novo se seus adversários insistissem em capitular no essencial. Na polêmica ideológica ou tática, parece interessar-se particularmente pela exacerbação das diferenças, forçando as contradições até o limite, revelando os contrastes e esquematizando – e inclusive caricaturizando – o ponto de vista de seu oponente. São estes os métodos de um lutador que busca a vitória e não o acordo, que quer desmontar o mecanismo de pensamento de seu antagonista para reduzir os problemas a elementos que sejam compreendidos com facilidade por todos. Entretanto, nunca perde de vista a necessidade de conservar a colaboração e o trabalho em equipe com aqueles com quem está mantendo um duelo dialético. Durante a guerra, Bukharin e ele não chegam a um acordo a respeito do problema do Estado; Lenin lhe pede então que não publique nenhum trabalho sobre esta questão para não acentuar os desacordos sobre alguns pontos que, em sua opinião, nenhum dos dois estudou suficientemente. Lenin argumenta sempre, cedendo às vezes, mas jamais renuncia a convencer seus adversários, pois somente assim – apesar do que seus opositores alegam – obteve suas vitórias e converteu-se em chefe indiscutível da fração feita com suas próprias mãos, e cujos homens escolheu e educou pessoalmente. Por outro lado, tal atitude lhe parece perfeitamente normal, como suas palavras dirigidas aos que se preocupam com os conflitos entre companheiros demonstram: "Que os sentimentais se lamentem e chorem: Mais conflitos! Mais diferenças internas! Ainda mais polêmicas! Nós respondemos: jamais se formou uma social-democracia revolucionária sem o contínuo surgimento de novas lutas"[64]. Por isso, a imensa autoridade que possui sobre seus companheiros não é a de sacerdote nem de oficial, mas sim de pedagogo ou camarada, de professor e de veterano – muitos o chamam de "O velho" –, cuja integridade e inteligência se admira e cujos conhecimentos e experiências são muito estimados. É evidente sua marca na história recente e todos o enxergam como o construtor da fração e do partido. Sua influência se baseia na vigorosa força de suas ideias, em seu temperamento de lutador e em seu gênio polemista, muito distante do conformismo ou da necessidade do cumprimento de uma severa disciplina. Todos os seus companheiros, de Krasin a Bukharin, vão contar de que modo se torna um verdadeiro problema de consciência enfrentar-se com ele. Contudo, não pensam duas vezes antes de fazê-lo, pois isto é encarado com um dever; e ele mesmo afirma: "o primeiro dever de um revolucionário é criticar seus dirigentes". Seus discípulos não seriam, portanto, dignos de seu professor se não se atrevessem a combater seu ponto de vista quando pensam que o mesmo está equivocado. Um partido revolucionário não é

---

64 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XII, p. 393.

feito de robôs. Esta é a opinião de Lenin quando escreve a Bukharin dizendo que se o partido excluísse os militantes inteligentes, mas pouco disciplinados, e ficasse apenas com os imbecis disciplinados, afundaria. Aqui fica claro o motivo pelo qual tanto a história do partido quanto a de sua fração são, desde 1903, uma longa sucessão de conflitos ideológicos que Lenin supera paulatinamente, com uma grande dose de paciência. A este respeito, é extremamente difícil separar o estudo da personalidade de Lenin do de sua fração, cuja unidade surge da discussão, quase permanente, tanto sobre as questões fundamentais, quanto sobre as táticas a seguir a cada momento.

Por outro lado, o êxito de sua organização se explica pela sua capacidade para agrupar, mediante a luta no campo das ideias, elementos tão distintos, caracteres tão opostos e personalidades tão contraditórias como Zinoviev, Stalin, Kamenev, Sverdlov, Preobrazhenski e Bukharin: "o exército de ferro" que pretendia ser – e de fato foi – o partido bolchevique surgia não somente daquele "maravilhoso proletariado" ao qual se referia Deutscher, mas também da mente do homem que havia escolhido este meio para construí-lo.

Mas isto explica igualmente a solidão de Lenin. Em última instância, nenhum militante do partido se encontra à altura das capacidades de seu líder. Sem dúvida, Lenin conta com auxiliares e discípulos, colaboradores e companheiros, mas, talvez exceto por Trotski – cuja própria personalidade talvez explique porque não se tornou um bolchevique nem aceitou a hegemonia de Lenin antes de 1917 –, não estabelecerá com ninguém uma relação de camaradagem de igual para igual. Esta é uma das razões pelas quais, mais tarde, os velhos bolcheviques o considerem insubstituível, e isto apesar de que, como disse Preobrazhenski, não era tanto um capitão, mas sim o "cimento de toda a massa". Se, como Bukharin, admitimos que as vitórias do partido se deviam tanto à sua "solidez marxista" quanto à sua "flexibilidade tática" – esta era a opinião dos velhos bolcheviques –, teremos que reconhecer que, em ambos esses aspectos, Lenin era a inspiração e que, com o tempo, castigados pelas suas sucessivas derrotas, seus adversários bolcheviques haviam aprendido a ceder diante dele. Este é o momento em que a etapa revolucionária, ao fazê-lo submergir nesta história em que são protagonistas "milhões e milhões", vai também privá-lo definitivamente da possibilidade de formar a geração dos que talvez pudessem ter-se medido com ele vitoriosamente. Em todo caso, esta é a hipótese que sugere a história do partido até a morte de Lenin, morte que permitirá que, de seu pensamento antidogmático por excelência, nasça o dogma do "leninismo", que terminará por eliminar o próprio espírito "bolchevique" que ele havia criado.

4

O PARTIDO E A REVOLUÇÃO

O partido que, em outubro de 1917, tomou o poder em Petrogrado surgiu diretamente da organização que Lenin construiu no início do século. Entretanto, este partido sofreu mudanças substanciais, transformando-se com o influxo da onda revolucionária, que trouxe para suas fileiras dezenas de milhares de operários e soldados, e que lançou milhões de homens à ação política. A organização que começou como um pequeno grupo de revolucionários profissionais se converteu em um grande partido revolucionário de massas. Neste sentido, a grande polêmica sobre a organização partidária que confrontou bolcheviques e mencheviques resolveu-se a favor dos primeiros. Mais do que isso, o partido bolchevique, ao tomar o poder, resolveu definitivamente a questão teórica sobre a natureza da revolução na Rússia, que, desde 1905, esteve na base dos conflitos organizativos entre os sociais-democratas.

Os problemas da revolução antes de 1905

Em 1903, bolcheviques e mencheviques parecem divergir apenas quanto aos meios para se alcançar o objetivo final – a conquista do poder pela classe operária e a instauração do socialismo. No entanto, a polêmica que se originou no II Congresso revela, definitivamente, divergências mais profundas. Karl Marx esperava que a revolução acontecesse primeiramente nos países mais avançados, onde uma revolução burguesa, como a francesa de 1789, houvesse já assentado as condições para o desenvolvimento do capitalismo ao destruir o poder da aristocracia rural e do absolutismo. Os primeiros discípulos russos de Marx consideravam que a tarefa revolucionária imediata na Rússia era a derrota da autocracia czarista e a consequente transformação da sociedade sob uma ótica burguesa e capitalista com a instauração de uma democracia política. Os "marxistas legais", discípulos de Piotr

Struve, levaram esta tese até suas últimas consequências, tendo então o próprio Struve se convertido em um defensor do desenvolvimento capitalista russo e se unido ao partido kadete e ao liberalismo político. Mesmo que os membros da redação do *Iskra* tenham aceitado como tarefa a construção de um partido operário, as discussões que se seguem à divisão expõem de maneira clara que não estão de acordo em relação aos objetivos imediatos de tal partido. Os mencheviques acusam os bolcheviques de abandonar a perspectiva de Marx e de tentar organizar artificialmente uma revolução proletária por meio de conspirações, numa primeira fase onde as condições objetivas somente permitem uma revolução burguesa. Os bolcheviques, por sua vez, argumentam que os mencheviques se negam a organizar e preparar uma revolução proletária, postergando-a para um futuro distante. Esta atitude faria deles os defensores de uma espécie de desenvolvimento histórico espontâneo que conduziria automaticamente ao socialismo, através de uma série de "etapas" revolucionárias diferentes: burguesa-democrática primeiramente, e proletário-socialista em seguida. Por último, os bolcheviques afirmam que este fatalismo faz os mencheviques limitarem, no imediato, a ação dos operários e dos socialistas em geral ao papel de força de apoio para a burguesia em sua luta contra a autocracia e a favor das liberdades democráticas.

De fato, os argumentos que os mencheviques desenvolveram a partir da divisão se assemelham, cada vez mais, aos utilizados no Ocidente pelos defensores do socialismo reformista, mesmo que, paradoxalmente, não existisse na Rússia uma aristocracia operária como a que, nos países avançados, serviu de base social para o reformismo.

A discussão sobre a revolução de 1905

Para todos os sociais-democratas russos, a revolução de 1905 foi uma revolução burguesa no que se refere aos seus principais objetivos: a eleição de uma assembleia constituinte e a instauração de liberdades democráticas. Mas também fica claro que tal revolução burguesa foi feita integralmente pela classe operária, com seus instrumentos de classe, suas passeatas e suas greves, e com a insurreição dos operários de Moscou. Apesar de terem ocorrido alguns motins de soldados e de camponeses recrutados ao exército, assim como alguns focos de revoltas camponesas, no geral o campo não se mobilizou. Ao final, o czarismo conseguiu manter o controle do exército, e os camponeses em uniforme[65] acabaram esmagando o movimento operário. Já a burguesia, desde o momento em que a autocracia fez suas primeiras concessões, deu as costas para a luta, apesar de suas aspirações ainda estarem longe de ser completamente satisfeitas. Tanto os mencheviques quanto os bolcheviques se lançaram à ação revolucionária com idêntica determinação e sem nenhum tipo de

65 Se refere ao fato de que os camponeses eram a principal base de recrutamento do exército czarista (N. do E.).

ressalva. O líder de um dos motins mais importantes foi o jovem oficial menchevique Antonov-Ovseenko, que encabeçou a insurreição em sua própria unidade. Depois da derrota, ambas frações voltam a se colocar de acordo quanto à análise básica e à explicação do fracasso: a burguesia retrocedeu por medo das massas operárias e a passividade dos camponeses foi o principal obstáculo à vitória e a arma mais importante da contrarrevolução. No entanto, diferem acerca das conclusões que podem ser extraídas desta primeira experiência revolucionária.

Os mencheviques, de sua parte, não parecem excessivamente surpreendidos pelo fracasso. Posteriormente, Plekhanov julgou equivocado o recurso às armas em Moscou. O desenvolvimento dos acontecimentos confirma para os mencheviques sua opinião de que uma revolução socialista, cujo peso repousa unicamente sobre a classe operária, exige previamente um crescimento das forças produtivas durante uma fase de desenvolvimento capitalista que só poderá acontecer depois de uma revolução burguesa. Portanto, é preciso distinguir as duas etapas pelas quais deverá passar a Rússia, desde sua situação semifeudal até a vitória do socialismo: primeiro, uma revolução burguesa e democrática realizará um trabalho equivalente ao da Revolução Francesa de 1789 e, posteriormente, com vistas à transformação da sociedade capitalista, uma revolução socialista encabeçada pelo proletariado, que, desta forma, se converterá em classe dominante do ponto de vista numérico antes de também o ser do ponto de vista político. Estas duas fases históricas, estas duas etapas revolucionárias, estão necessariamente separadas por um lapso de tempo mais ou menos grande. Esta é a análise que leva alguns mencheviques a defender a ideia de uma aliança dos socialistas com a burguesia liberal numa primeira etapa. Assim é justificada a tendência que Lenin chamará de "liquidadora", dado seu abandono da tentativa de construir um partido operário, que não é considerado um instrumento indispensável para a vitória na "primeira fase".

Para os bolcheviques, a revolução de 1905 mostrou que o proletariado é capaz de acabar simultaneamente com seus dois inimigos, a autocracia e a burguesia, com a condição de contar com o apoio dos camponeses, apoio esse ausente em 1905. Lenin manifesta seu acordo com os mencheviques ao reconhecer a necessidade de que a Rússia passe por uma etapa de revolução democrático-burguesa antes da revolução socialista proletária. No entanto, a experiência de 1905, em sua opinião, demonstra que, pelo seu medo da classe operária, a burguesia é incapaz de lutar até o fim e que isto só pode ser feito pelo proletariado aliado aos camponeses sedentos por terras. A revolução democrático-burguesa na Rússia não acontecerá, pois, sob a direção da burguesia, como ocorreu nos países avançados; só poderá acontecer se for dirigida por uma "ditadura revolucionária e democrática do proletariado e dos camponeses", que "criaria a possibilidade de sublevar a Europa". Assim, "o proletariado socialista europeu, se livrando do jugo de sua burguesia, nos ajudará a fazer a revolução socialista"[66]. Desta forma, Lenin, ao mesmo tempo em que mantém a

66 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, *op. cit.*, tomo I, p. 480.

distinção entre as duas etapas, introduz em seu esquema dois elementos de transição que lhe permitem situar sua análise em concordância com as célebres frases de Marx acerca da "revolução ininterrupta"[67]: em determinadas circunstâncias, a revolução socialista poderia surgir simultaneamente na Rússia e na Europa, como consequência da revolução democrático-burguesa russa, o que converte a construção de um partido operário social-democrata russo em uma necessidade imperiosa.

Trotski é o único dirigente social-democrata de destaque que desempenha um papel importante na revolução de 1905. Apesar de seus vínculos organizativos com os mencheviques, se opõe radicalmente às suas concepções teóricas. São desta época os elementos essenciais de sua teoria da "revolução permanente". Para ele, o traço mais característico da estrutura social russa é o desenvolvimento de uma indústria capitalista baseada no patrocínio do Estado e com capitais estrangeiros. Portanto, existe um proletariado, mesmo que não haja uma autêntica burguesia russa, o que significa que, "em um país atrasado economicamente, o proletariado pode tomar o poder antes que em um país capitalista avançado"[68]. Porém, o desenrolar da revolução de 1905 demonstrou que "uma vez instalado no poder, o proletariado, pela própria lógica de sua situação, vai ser impulsionado a administrar a economia como um assunto de Estado"[69], o que supõe que a completa realização da revolução democrático-burguesa pelo proletariado implica automaticamente na passagem simultânea à realização de uma revolução socialista. As condições exigidas por Lenin para a transição da primeira para a segunda etapa, ou seja, o apoio aos camponeses em sua luta pela terra e o desenvolvimento de uma revolução nos países avançados, já não são, para Trotski, mais do que condições da vitória final. Ele rechaça, desta maneira, a fórmula da "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses" de Lenin. Mas a possibilidade de vitória do socialismo num só país lhe parece tão remota quanto para o próprio Lenin: "Sem o apoio direto do proletariado europeu, a classe operária russa será incapaz de se manter no poder e de transformar a transitória supremacia do proletariado em uma ditadura duradoura"[70].

Os socialistas e os soviets

Do ponto de vista dos historiadores, o fato fundamental na história da revolução de 1905 foi, sem dúvida alguma, o surgimento dos soviets. Graças a eles, triunfaram em 1917 tanto a revolução proletária quanto o partido bolchevique. Ainda mais interessante é constatar que os soviets não foram organizados por nenhuma

---

67 *Ibid.*, p. 540.
68 TROTSKI, Leon, *Results and prospects*, em *The Permanent Revolution*, Londres, New Park, 1962, p. 195. Publicado em português pela Editora Sundermann em *A teoria da revolução permanente*, São Paulo, 2011.
69 *Ibid.*, p. 199.
70 *Ibid.*, p. 237.

das tendências do movimento operário, e a polêmica entre os socialistas, depois de 1905, parece não abordar este ponto.

O primeiro soviet apareceu em Ivanovo-Voznesensk, conhecida como a "Manchester russa"; teve sua origem em um comitê de greve e nas assembleias que aconteciam diariamente entre os operários durante os 72 dias que durou o conflito[71]. A forma de conselho de delegados eleitos, submetidos ao controle direto de seus eleitores através do mecanismo da revogabilidade de seus cargos fez assim sua aparição na Rússia. Posteriormente, será adotada em todos os centros operários. Parece que o soviet de São Petersburgo surgiu da iniciativa dos trabalhadores gráficos, ampliando em seguida seu campo de ação, e passando a incluir delegados de fábrica que representavam todos os operários da capital, os representantes dos sindicatos não operários e as diferentes frações da social-democracia. Este é o órgão que dirige a greve geral, assumindo, ao mesmo tempo, a responsabilidade de garantir a ordem, regulando os transportes e outros serviços públicos, cujo funcionamento era imprescindível para seu próprio êxito. Depois da volta ao trabalho, o soviet impõe a jornada de trabalho de 8 horas nas fábricas. Também toma a iniciativa de publicar um jornal diário, *Izvestia* (Notícias), organiza a luta contra os impostos, publica o célebre manifesto em que adverte os credores estrangeiros que a revolução não pagará os juros dos empréstimos russos e, por último, impõe, para combater a inflação crescente, o pagamento dos salários em moeda conversível em ouro. Por outro lado, o soviet de São Petersburgo impulsiona e fomenta a organização de sindicatos e organiza alguns grupos operários de autodefesa que lutam contra as tentativas de ataques que são executadas pelas Centúrias Negras[72]. Seu exemplo, bem como a popularidade que adquire sua atividade, impulsionam a formação de soviets em todas as grandes cidades. Seja qual for a ocasião que permite sua criação ou seu ponto de partida local – um comitê de greve, um comitê de ação ou uma assembleia –, os soviets de 1905 vão ser conselhos formados por delegados dos trabalhadores reunidos em torno aos representantes de fábrica, eleitos pelo conjunto dos operários organizados ou independentes. Os mandatos desses delegados podem ser revogados a qualquer momento por seus eleitores. Em curto prazo, todos os soviets acabam funcionando como autoridades revolucionárias, exercendo um poder concorrente com o do Estado, um duplo poder de fato, que se apoia nos trabalhadores e exerce sua autoridade, geralmente repressiva, por sobre as outras classes da sociedade.

Os mencheviques, que, em sua propaganda, com frequência lançavam consignas como "Estado popular", "autoadministração" ou "comuna", apoiam a criação dos soviets, desempenhando nestes um papel importante. Desde sua perspectiva de revolução burguesa, no entanto, não podem ver neles órgãos de poder duráveis. Os mencheviques de São Petersburgo, influenciados por Trotski, atuam em

---

71 ANWEILER, Hugo, *Die Rätebewegung in Russland (1905-1922)*, Leyde, Brill, 1960, pp. 49-52.
72 *Ibid.*, pp. 53-58.

contradição com os dirigentes da emigração. De fato, a maioria dos mencheviques considera os soviets como o ponto de partida para o partido de massas ou para os grandes sindicatos à moda alemã, que eles planejam formar e desenvolver a partir do momento em que, segundo seu esquema, a sociedade russa se torne uma sociedade capitalista e democrática como as da Europa Ocidental.

Observamos que, em certo sentido, os bolcheviques desconfiam dos soviets: alguns não enxergam neles nada além da tentativa de construir um organismo disforme e irresponsável que rivalize com a autoridade do partido. No início, os bolcheviques de São Petersburgo se negam a participar do soviet de delegados operários e, para mudar suas opiniões, será preciso que Trotski, com seu prestígio e influência, convença Krasin, representante do Comitê Central. Geralmente, os que mais simpatizam com os soviets os consideram, no melhor dos casos, como meros instrumentos auxiliares do partido. Nem sequer o próprio Lenin parece ter lhes dado a importância e o significado que, em 1917, será obrigado a reconhecer. É por isso que, após a dissolução do soviet de São Petersburgo, ele dá razão aos bolcheviques que se opõem à participação de anarquistas no soviet. Em sua opinião, o soviet não é "nem um parlamento operário, nem um órgão de autogoverno proletário", mas especificamente uma "organização de luta que serve a objetivos determinados"[73]. Em 1907 ele admite que seria necessário um estudo científico desta questão para averiguar se os soviets constituem, na realidade, "um poder revolucionário"[74]. Em de janeiro de 1917, em uma conferência sobre a revolução de 1905, só menciona os soviets de passagem, definindo-os como "órgãos de luta"[75]. Vão se passar algumas semanas antes que suas análises se modifiquem, graças à influência de Bukharin, do holandês Pannekoek e, principalmente, ao papel desempenhado pelos novos soviets russos.

Também a respeito desta questão, Trotski aparece como uma figura isolada e precursora. A partir de sua experiência no seio do soviet de São Petersburgo, extrai suas conclusões, faz um balanço de sua ação e, por último, afirma: "Sem dúvida alguma, na próxima explosão revolucionária, serão formados conselhos operários como este em todo o país. Um soviet panrusso de operários, organizado por um conselho nacional (...) assumirá a direção (...). O futuro soviet vai tirar destes cinquenta dias todo seu programa de ação (...): cooperação revolucionária com o exército, com os camponeses e com os setores mais pobres das classes médias; abolição do absolutismo e destruição de seu aparato militar; abolição da polícia e do aparato burocrático; jornada de 8 horas; distribuição de armas ao povo e principalmente aos operários; transformação dos soviets em órgãos revolucionários de governo nas cidades; formação de soviets camponeses para dirigir, a partir do cam-

73 *Ibid.*, p. 100.
74 *Ibid.*, p. 103.
75 *Ibid.*, p. 103.

po, a realização da reforma agrária; eleições para a assembleia constituinte"[76]. Em outra ocasião afirma: "Este plano é mais fácil de formular do que de aplicar, mas a revolução deve se impor, o proletariado não pode deixar de assumir tal papel. Ele cumprirá esta tarefa revolucionária sem paralelos em toda a história universal"[77].

Depois de ter sido praticamente o único a afirmar, como o fez frente a seus juízes, que o soviet era uma "organização típica da revolução", posto que era a "organização própria do proletariado" e que se converteria no "órgão de poder da classe operária"[78], Trotski permaneceria distante da polêmica fundamental dos sociais-democratas a propósito da participação em um governo provisório que surgiria de uma nova revolução. Os mencheviques se pronunciam contrários a esta participação, argumentando que é a burguesia a encarregada de dirigir a revolução burguesa e que o papel dos socialistas deve ser permanecer na oposição e recusar qualquer participação no poder, posição que para eles favorece o fortalecimento das posições da classe operária, evitando assim, ao mesmo tempo, de se lançar de forma prematura na luta pelo socialismo. Por sua vez, os bolcheviques afirmam que, ao renunciar à participação em um governo provisório, os sociais-democratas renunciariam, ao mesmo tempo, à realização de uma revolução democrática. Certamente, a história parece zombar de todos eles quando, em 1917, são precisamente os mencheviques os que aceitam a participação no governo provisório, enquanto os bolcheviques reprovam tal atitude como sendo uma traição. Isto acontece porque, nesta época, a construção dos soviets havia se tornado uma tarefa empreendida pelos operários e camponeses e o desenvolvimento revolucionário espontâneo acabou superando de maneira definitiva as velhas polêmicas, da mesma forma que, alguns anos atrás, a guerra também havia feito.

A guerra: novas posições

A guerra de 1914 vai traçar novas divisões entre as posições dos sociais-democratas. Os grandes partidos da II Internacional, os socialistas franceses e os sociais-democratas alemães – excluindo o pequeno grupo internacionalista de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht – participam da União Sagrada[79]. Em ambos os lados sustentam a defesa nacional, suspendem a luta pelo socialismo e inclusive qualquer luta operária imediata devido à necessidade de derrotar previamente, pela força das armas, o militarismo imperialista do inimigo. De fato, nos países oci-

76 TROTSKI, Leon, *Histoire du soviet*, citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed, op. cit.*, p. 149.

77 *Ibid.*

78 TROTSKI, Leon, *Discurso perante o tribunal, 19 de setembro de 1906*, citado em *Fourth International*, março de 1942, p. 85.

79 Nome dado aos governos de ampla unidade nacional, formados após o início da Primeira Guerra Mundial em quase todos os países beligerantes, incorporando socialistas, liberais e conservadores em nome da luta contra o inimigo externo (N. do E.).

dentais, os partidos socialistas optam pela preservação dos vínculos que os unem à suas respectivas burguesias, solidarizando-se com elas neste conflito bélico. A Internacional, como organização operária, entra em falência pelo fato de que seus dirigentes, seja qual for o país ou sistema de alianças em que estejam incluídos, colocam sua solidariedade nacional com o Estado acima da solidariedade internacional com os operários dos demais países. Em termos leninistas, durante este processo, o reformismo se converte em "social-chauvinismo". Em tais condições, não podemos nos surpreender com o fato desta corrente patriótica ter sido menos vigorosa na Rússia do que no Ocidente: o reformismo não contava com uma base social própria e a declaração de guerra é utilizada de imediato e sem nenhum pudor pelo governo czarista para justificar a proibição da imprensa operária de todas as tendências. Os deputados bolcheviques e mencheviques da Duma chegam a um acordo na hora de votar contra os créditos de guerra, o que seus correligionários franceses e alemães aceitaram de imediato, por medo de perder na repressão tudo aquilo que consideravam como suas "conquistas".

A social-democracia russa, no entanto, vai sentir em sua própria pele todas as divisões da social-democracia internacional, mesmo com sua distinta correlação de forças, dadas as características específicas da sociedade e do movimento operário russos. Plekhanov condena como "traição" o boicote socialista aos créditos militares, sustentando ao mesmo tempo o ponto de vista da defesa nacional. Assim como os socialistas franceses, opina que a derrota do imperialismo alemão, muralha do capitalismo e do militarismo europeus, propiciará uma vitória do socialismo, conciliando desta forma uma aparente contradição e atacando os socialistas alemães, que, por outro lado, enxergam na derrota czarista, bastião da reação, uma possível vitória do socialismo, conseguida no país onde o partido é mais forte. Junto a ele se alinha a maioria dos mencheviques emigrados, bem como o Secretariado Estrangeiro, que no entanto, não consegue atrair a totalidade de seus militantes, pois numerosos mencheviques, que até este momento se encontravam à sua direita, se negam a adotar tal atitude patriótica.

Por sua vez, Lenin, que está refugiado na Suíça depois de problemas surgidos durante sua estada na Áustria[80], escreve um manifesto em nome do Comitê Central do partido onde afirma:

> Não existe dúvida nenhuma de que o mal menor, do ponto de vista da classe operária e das massas trabalhadoras de todos os povos da Rússia, seria uma derrota da monarquia czarista, que é o mais bárbaro e reacionário dos governos, o que oprime o maior número de nacionalidades e a maior proporção da população da Europa e Ásia[81].

---

80 Com o início da guerra entre Áustria e Rússia, todos os cidadãos estrangeiros foram "internados compulsoriamente", como medida para evitar espiões. Essa medida atingiu inclusive os exilados russos que, grosso modo, fugiram para países neutros como a Suíça (N. do E.).
81 *Cahiers du bolchevisme*, nº24, agosto de 1925, p. 1511.

Ao observar o naufrágio da II Internacional, o Comitê Central bolchevique, retomando os princípios que serviram para a construção de sua organização e a fim de propô-los a todos os socialistas, declara:

> Que os oportunistas preservem suas organizações legais a preço de traírem todas as suas convicções; os sociais-democratas vão utilizar seu espírito organizativo e seus vínculos com a classe operária para criar as formas ilegais de luta, tendentes ao socialismo e à maior coesão proletária e que possam responder à crise. Vão criar tais formas de luta não para combater junto com a burguesia patriótica de seu país, mas para marchar lado a lado com a classe operária de todos os países. A Internacional proletária não sucumbiu, nem o fará. As massas operárias criarão uma nova Internacional, mesmo com todas as dificuldades[82].

Em fevereiro de 1915 acontece em Berna uma conferência de grupos bolcheviques emigrados, na qual participam alguns recém chegados da Rússia, como Bukharin e Piatakov. Esta conferência se pronuncia em favor da resolução que defende "converter a guerra imperialista em guerra civil".

Desta forma e por iniciativa dos bolcheviques, que se opõem ao "defensismo" dos partidos da II Internacional, surge uma corrente "derrotista", partidária da construção de uma III Internacional. A capitulação da II Internacional frente à guerra criou as condições para uma ruptura definitiva no movimento operário mundial. No entanto, serão necessários vários meses ainda para que os novos princípios e posicionamentos triunfem, dentro da nova correlação de forças, frente aos preconceitos e atitudes antigos.

Em primeiro lugar, entre a emigração russa aparecem várias posições, que variam do defensismo de Plekhanov ao derrotismo de Lenin. Tanto Martov quanto diversos outros mencheviques se negam a admitir que a vitória dos Habsburgos ou dos Hohenzollern seria um fator mais ou menos favorável para a causa do socialismo do que a dos Romanov[83]. Denunciam o caráter imperialista da guerra, as terríveis quantidades de atrocidades e sofrimento que são impostas aos trabalhadores de todos os países por esta e afirmam que os socialistas devem acabar com a guerra através da luta por uma paz democrática e sem anexações. Sobre esta base, prosseguem, pode ser reconstruída a unidade dos socialistas de todos os países, cuja condição prévia deve ser a negativa em apoiar os créditos de guerra em todos os países beligerantes.

Neste momento, Trotski está muito próximo de Martov. Desde o verão de 1914, começa a atacar violentamente os sociais-democratas alemães e franceses com um folheto intitulado "A Internacional e a guerra". Neste afirma:

82 *Ibid.*, p. 1512.
83 Habsburgos e Hohenzollern são os nomes das famílias reais, respectivamente, do Império Austro-húngaro e do Império Alemão. Já os Romanov eram a casa real do Império Russo (N. do E.).

Nas presentes condições históricas, o proletariado não tem interesse algum em defender uma "pátria" nacional anacrônica, que se converteu no principal obstáculo para o desenvolvimento econômico. Pelo contrário, deseja criar uma nova pátria mais poderosa e estável, os Estados Unidos Republicanos da Europa, como base dos Estados Unidos do Mundo. Na prática, o proletariado só pode enfrentar o beco sem saída imperialista com o programa da organização socialista da economia mundial[84].

Os mencheviques internacionalistas de Martov e os amigos de Trotski vão encontrar-se, junto com alguns antigos bolcheviques, em *Nashe Slovo* (Nossa palavra), um jornal russo que é editado em Paris sob a direção de Antonov-Ovseenko.

As posições se definem através das polêmicas. Desde novembro de 1914, Trotski afirma:

O socialismo reformista não têm nenhum futuro, pois se converteu em parte integrante da antiga ordem e cúmplice de seus crimes. Aqueles que esperam reconstruir a antiga Internacional, supondo que seus dirigentes poderiam fazer-nos esquecer sua traição ao internacionalismo com uma mútua anistia, estão impedindo, de fato, o ressurgimento do movimento operário[85].

Em sua opinião, a tarefa imediata é "reunir as forças para a III Internacional". Por sua vez, Rosa Luxemburg acaba adotando uma postura análoga: a ala revolucionária da social-democracia alemã se organiza na ilegalidade. Entretanto, Martov está preocupado com a evolução das posições de Trotski e não acredita que uma nova Internacional possa aspirar a uma papel que não seja o de seita impotente. Em fevereiro de 1915, Trotski narra, nas páginas de *Nashe Slovo*, seus desacordos com os mencheviques e sua ruptura, em 1913, com o Bloco de Agosto. *Nashe Slovo* converte-se no núcleo do internacionalismo socialista, situado na encruzilhada de todas as correntes internacionalistas russas. Em torno de Antonov-Ovseenko, de Trotski e de Martov se encontram antigos bolcheviques otzovistas como Manuilski, antigos conciliadores como Sokolnikov, militantes que tinham rompido com o menchevismo como Chicherin e Alexandra Kollontai, amigos de Trotski como Yoffe, internacionalistas cosmopolitas, entre os quais se encontram o búlgaro-romeno de educação francesa Christian Rakovski, Sobelsohn, conhecido como Karl Radek, oriundo da Galícia, meio polonês, meio alemão e também a ítalo-romena Angélica Balabanova.

Trotski pressiona Martov para que rompa com os "social-chauvinistas". Lenin acusa Trotski de querer preservar os vínculos que o unem com estes. Em julho, Trotski escreve que os bolcheviques constituem o núcleo do internacionalismo russo. Martov abandona o jornal, rompendo com Trotski. Em setembro, trinta e oito delegados de doze países, incluindo os das nações beligerantes, se reúnem na

84 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed, op. cit.*, p. 203.
85 *Ibid.*, p. 205.

cidade suíça de Zimmerwald. Nesta ocasião, Lenin defende as teses derrotistas: transformação da guerra imperialista em guerra civil e construção de uma nova Internacional. A maioria, que é mais pacifista do que revolucionária, não o segue. Se adota, contudo, por unanimidade, um manifesto escrito por Trotski, que faz um chamado a todos os trabalhadores para que lutem para pôr fim à guerra. Em 1915, com os deputados bolcheviques na prisão, os mencheviques aceitam participar da Santa Aliança e seu líder Chkheidze volta atrás nos acordos feitos em Zimmerwald. Vera Zasulich e Potresov, velhos líderes mencheviques, apoiam Plekhanov. Trotski continua vacilante e se pergunta, em maio de 1916, se os revolucionários "que não contam com o apoio da massa" não se veem, por isso, "obrigados a ser, durante certo período, a ala esquerda da Internacional 'deles'"[86].

Lenin e Trotski continuam polemizando em torno do "derrotismo", no qual Trotski não enxerga nenhuma vantagem decisiva, além das acusações de sabotagem, que são feitas contra aqueles que estão firmemente dispostos a prosseguir a luta revolucionária sem preocupar-se com o resultado da guerra; também discutem a respeito dos "Estados Unidos da Europa", consigna que Lenin não considera atual, e que ameaça frear a luta revolucionária que acontece em cada país, ao dizer que, aparentemente, a revolução só pode triunfar se ocorrer simultaneamente em todos os países da Europa. Como demonstrou Isaac Deutscher, as diferenças entre os dois homens são mínimas e se alimentam fundamentalmente da desconfiança surgida de antigos conflitos. O diário russo de Nova York *Novi Mir* (Novo mundo), em que, junto com Trotski, colaboram a ex-menchevique Kollontai, o bolchevique Bukharin e o revolucionário russo-americano Volodarski, constitui, no início de 1917, um grande expoente desta fusão de todos os internacionalistas russos – incluindo os bolcheviques –, fusão esta que os *vperiodistas* vão transformar em sua principal consigna, e que Bukharin, em oposição a Lenin, pretende transformar na primeira pedra da edificação de uma nova Internacional.

As forças socialistas na Rússia

Durante algum tempo, todas as organizações social-democratas parecem desaparecer. A tendência patriótica parece arrastar inclusive revolucionários profissionais como o operário Voroshilov, que se alista no exército czarista, chegando a suboficial. Os bolcheviques e os mencheviques internacionalistas são duramente perseguidos. Os defensistas evitam colocar em perigo, com sua atividade política, a Santa Aliança que defendem. Em novembro de 1914, o partido bolchevique é decapitado pela detenção, durante uma conferência, de seus delegados e do Birô Russo do Comitê Central. Todos eles são julgados, condenados e deportados. Kamenev, diante do tribunal, mantém uma atitude firmemente internacionalista, mas se dissocia do derrotismo, tal como este fora exposto no manifesto do Comitê Central.

86 *Ibid.*, p. 221.

É apenas a partir da primavera de 1916 que, a partir da Suíça, Lenin e Zinoviev conseguem restabelecer o contato com o pouco que sobrou da organização na Rússia. Em torno de Shliapnikov construiu-se um "Birô Russo" e este, por sua vez, restabeleceu pessoalmente as ligações com o operário Zalutski e com o estudante Skriabin, conhecido como Molotov. Começam a ser publicados alguns jornais ilegais em Petrogrado, Moscou e Kharkov. O metalúrgico Lutovinov consegue, em janeiro de 1917, reagrupar os militantes da região de Donetz e organizar uma conferência regional. As condições do trabalho político são extremamente precárias: cada vez que em Moscou se consegue reconstruir uma direção, esta é imediatamente desarticulada pela prisão de seus membros. Quando o movimento operário começa a ressurgir, a partir de 1916, os grupos proletários que se constituem são geralmente autônomos. Assim ocorre em Moscou com a célula da Rua Tverskaia, com o comitê do partido do bairro de Pressnia e, em Petrogrado, com o grupo Interbairros, que defende a reconstrução de um partido aberto a todos os internacionalistas. Esta organização, que é contrária ao defensismo menchevique, mas também inimiga dos princípios organizativos dos bolcheviques, conseguiu estabelecer durante alguns meses um precário contato com Trotski e com a redação do *Nashe Slovo*. No geral, continuam sendo muito escassas as possibilidades de ação. Serão necessários três anos de matanças nas trincheiras, de sofrimentos na retaguarda e de um crescimento incontrolável da cólera popular para que, com a revolução de fevereiro e o reaparecimento das massas nas ruas, os reagrupamentos que se organizavam na emigração recuperem influência na Rússia.

A revolução de fevereiro

O ano de 1917 inicia uma nova era. A guerra acentuou em todos os países as contradições, afetando profundamente a estrutura política e econômica. A prolongação da matança gera sentimentos de rebeldia. É contra a guerra, o mal de sua geração, que se revoltam os jovens – os quais ela mata às centenas todos os dias – e as famílias que ela destroça. Na Alemanha, na França, na Rússia, em todos os países beligerantes, aparecem os primeiros sintomas de uma agitação revolucionária: como o próprio Lenin havia previsto, o cortejo de sofrimentos que acompanham a guerra imperialista colocam na ordem do dia a necessidade de sua transformação em guerra civil, mesmo quando a luta se inicia sob a bandeira do pacifismo.

O império czarista, como foi dito inúmeras vezes, é "o elo mais débil da corrente imperialista". Em 1916 este começa a dar indícios de sua debilidade. O czar, desacreditado pelo entusiasmo da czarina pelo crápula Rasputin, mas ainda assim convencido da autoridade deste personagem, é motivo de debate nas mais altas esferas da burocracia e do exército. Durante os dois primeiros anos da guerra, foram colecionados desastres militares. A partir de 1916, as exigências da guerra vão desorganizar toda a atividade econômica russa. Os transportes, que operam

com uma carga muito além de sua capacidade, são cada vez mais inseguros. A alimentação é escassa, tanto para a população das cidades quanto para o exército. Os preços sobem vertiginosamente. O inverno de 1916-1917 aplica um golpe mortal no regime. A disciplina das tropas, que sofrem tantas baixas pela fome e pelo frio quanto pelo fogo inimigo, se enfraquece. O descontentamento chega às fábricas e bairros operários das grandes cidades. Em fevereiro, explode a crise: no dia 13, 20/mil operários cruzam os braços para celebrar o segundo aniversário do processo contra os deputados bolcheviques; no dia 16, o pão passa a ser racionado; os estoques de carvão se esgotam e, no dia 18, os operários da fábrica Putilov são demitidos; no dia 19, várias padarias são saqueadas. No dia 23, as operárias têxteis de Petrogrado iniciam as primeiras manifestações de rua para celebrar o Dia Internacional da Mulher. A greve se generaliza espontaneamente no dia 24, e as palavras de ordem antigovernamentais e pacifistas tomam as ruas, ao lado das reivindicações referentes ao abastecimento de alimentos. Ocorrem os primeiros disparos contra manifestantes. No dia 25 aparecem entre os soldados, que neste dia disparam para o ar, os primeiros indícios de simpatia pelos manifestantes. Durante todo o dia 26 ocorrem motins nos vários regimentos da guarnição da capital. Por último, no dia 27, a insurreição operária e os motins dos soldados se unem: a bandeira vermelha tremula sobre o Palácio de Inverno.

Enquanto se organizam as eleições do soviet de Petrogrado, os deputados pertencentes à oposição liberal constituem rapidamente um "governo provisório". O czar renuncia. Durante os dias seguintes, o movimento revolucionário se amplia. Enquanto os decretos do governo provisório dão uma base legal ao desmantelamento do antigo regime, libertando os presos políticos, outorgando anistias, concedendo igualdade de direitos, inclusive às nacionalidades, e liberdade sindical, anuncia-se a convocatória de uma assembleia constituinte. Por sua vez, o soviet de Petrogrado, que organizou comissões de bairro, de abastecimento e militar, lança, pressionado pelos operários e pelos soldados, o famoso *Prikaz nº1*[87], que será um instrumento da desintegração do exército e da ruptura da disciplina militar. Desta forma, durante as semanas seguintes, o governo provisório perde o controle sobre a única força de que poderia ter disposto. Os problemas mais decisivos, inclusive o do poder, vão surgir como consequência daquele que originou a insurreição: a guerra.

Os bolcheviques e o duplo poder

A revolução de fevereiro de 1917, chamada "insurreição anônima", foi um levantamento espontâneo das massas que surpreendeu a todos os socialistas, inclusive os bolcheviques que, enquanto organização, desempenharam um papel nulo

87 "Ordem nº1", que vai limitar o controle do governo sobre as forças armadas, e indicar que as ordens do governo provisório só devem ser acatadas se não se opuserem às diretivas do soviet (N. do E.).

neste levante, apesar de que seus militantes tiveram individualmente um importante trabalho nas fábricas e nas ruas como agitadores e organizadores. Em 26 de fevereiro, o Birô Russo, encabeçado por Shliapnikov, recomenda que os operários atuem com prudência. No entanto, alguns dias depois, se cria de fato uma situação de duplo poder. De um lado se encontra o governo provisório, integrado por parlamentares representantes da burguesia, cujo objetivo é reparar os danos sofridos pelo aparato de Estado czarista, ao mesmo tempo em que se esforçam por construir um novo e frear a revolução. Do outro lado estão os soviets, autênticos parlamentos de deputados operários, eleitos nas fábricas e nos bairros das cidades, representantes da vontade dos trabalhadores que os elegem e renovam seus mandatos. A partir destes órgãos de poder, se confrontam duas concepções de democracia, a representativa e a direta, e por trás delas, duas classes, a burguesia e o proletariado, que, com a queda do czarismo, foram colocados frente a frente.

No entanto, esse choque ainda vai demorar a acontecer. Os mencheviques e os SR's são maioria nos primeiros soviets e no primeiro congresso panrusso. De acordo com suas análises, não devem lutar pelo poder. Em sua opinião, somente um poder burguês pode ocupar o lugar do czarismo, convocar eleições para uma assembleia constituinte e negociar uma paz democrática sem anexações. De seu ponto de vista, os soviets foram o instrumento operário da revolução democrático-burguesa e, na república burguesa, devem seguir defendendo as posições da classe operária. No entanto, não pensam de maneira nenhuma na possibilidade de lutar pelo poder, já que a classe operária ainda não tem condições de exercê-lo agora, e irá conquistá-lo apenas futuramente, como fruto de uma evolução espontânea que os socialistas não devem "forçar". Lenin resumirá brutalmente tal atitude ao afirmar que equivale de fato a uma "entrega voluntária do poder do Estado à burguesia e a seu governo provisório".

Os bolcheviques, o poder e a conciliação

A primeiras tomadas de posição dos bolcheviques são bastante indecisas. Seu primeiro manifesto público, de 26 de fevereiro, escrito por Shliapnikov, Zalutski e Molotov, assim como os primeiros números do *Pravda*, denunciam o governo provisório, formado por "capitalistas e grandes latifundiários", exigem um "governo provisório revolucionário", a convocatória, a partir do soviet, de uma assembleia constituinte, eleita por sufrágio universal e cuja missão seria criar as bases de uma "república democrática". No entanto, Molotov se encontra em minoria no comitê de Petrogrado quando apresenta uma moção que qualifica o governo provisório como "contrarrevolucionário". Ao contrário, o comitê propõe apoiar o governo "enquanto seus atos correspondam aos interesses do proletariado e das amplas massas democráticas do povo". O *Pravda* volta a aparecer no dia 5 de março, exigindo que se iniciem "negociações com os proletários dos países estrangeiros para

colocar fim à matança". Trata-se, obviamente, de um ponto de vista "internacionalista", mas sensivelmente diferente das teses derrotistas desenvolvidas por Lenin desde 1914, e adotadas pelo Comitê Central emigrado.

No dia 13 de março, os dirigentes deportados, liberados pelo governo provisório, chegam a Petrogrado. Muranov, Kamenev e Stalin voltam a assumir a direção da organização bolchevique. A linha do *Pravda* sofre um giro radical a partir do momento em que Stalin toma sua direção. Os bolcheviques passam a adotar as teses dos mencheviques, segundo as quais é preciso que os revolucionários russos deem continuidade à guerra para defender suas recentes conquistas democráticas contra a agressão do imperialismo alemão. Kamenev escreve vários artigos abertamente defensistas, nos quais pode se ler que "um povo livre responde às balas com balas". No final do mês, uma conferência bolchevique adota esta linha, apesar de algumas resistências, aceitando a proposta de Stalin, que afirma que a função dos soviets é "sustentar o governo provisório em sua política durante todo o tempo em que continue a satisfazer as reivindicações operárias"[88]. De fato, tais posições só diferem das sustentadas pelos mencheviques em alguns detalhes, pois estes são igualmente partidários de um "apoio condicional". Em tais condições, não podemos estranhar que a própria conferência de 1º de abril aceite, por iniciativa de Kamenev e Stalin, considerar a reunificação de todos os sociais-democratas, proposta, em nome do comitê de organização, pelo menchevique Tsereteli. A velha tese conciliadora parece se impor.

De fato, esta atitude dos bolcheviques está baseada em sua antiga análise das tarefas que a revolução deve realizar: fevereiro marcou o começo de uma revolução burguesa e, como explica Stalin, é o momento de "consolidar as conquistas democrático-burguesas", objetivo que só pode ser alcançado por um governo burguês, que deve ser apoiado condicionalmente e, portanto, controlado pelo proletariado reunido nos soviets. Eles davam assim razão a Trotski que, depois de 1905, fez o prognóstico de que uma concepção de revolução por etapas acarretaria "numa autolimitação burguesa-democrática do proletariado"[89]. Porém, uma minoria de metalúrgicos, encabeçada por Shliapnikov, que prontamente será seguido por Kollontai, resiste em adotar esta política. Sua tese de que os soviets constituem um embrião do poder revolucionário converge neste ponto com as posturas defendidas pela organização Interbairros de Petrogrado.

As "Teses de abril"

O retorno de Lenin, no dia 3 de abril, vai provocar uma reviravolta nas fileiras bolcheviques e, posteriormente, no próprio processo revolucionário. Desde que re-

88 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, p. 92.
89 TROTSKI, Leon, *1905, Bilans et perspectives*, Paris, Minuit, 1967. (Publicado em português pela Editora Sundermann em *A teoria da revolução permanente*, acima citado).

cebeu as primeiras notícias da Rússia, Lenin ficou muito alarmado com os indícios de conciliação que observava na política bolchevique. A partir de Zurique escreve quatro cartas ao *Pravda* – as chamadas "Cartas de longe" –, nas quais afirma que é preciso construir uma milícia operária, cuja missão deverá ser a de converter-se no órgão executivo do soviet. Além disso, deve-se preparar imediatamente a revolução proletária, denunciar os tratados de aliança com os imperialistas, negar-se terminantemente a cair na armadilha do "patriotismo" e realizar a transformação da guerra imperialista em guerra civil. Somente a primeira das quatro cartas será publicada, pois os dirigentes bolcheviques, assustados pelo caráter radical das posições ali expostas, preferem supor que Lenin está mal informado. A única solução que resta a Lenin é tentar voltar à Rússia de qualquer maneira para convencer seus companheiros. Os aliados lhe negam todo tipo de visto de trânsito e ele recorre então à negociação com a embaixada alemã, através do socialista suíço Platten: Lenin e seus companheiros atravessam a Alemanha em um vagão "extraterritorializado", comprometendo-se a tentar obter, em contrapartida, a entrega de um número igual de prisioneiros alemães. Com esta concessão, o estado-maior alemão crê introduzir um novo elemento de desorganização nas defesas russas, que poderia vir a facilitar sua vitória militar. Na realidade, eles acabaram por permitir, involuntariamente, o retorno e o triunfo de um homem que dirige todos seus esforços para a destruição de todos os imperialistas.

O marinheiro bolchevique Raskolnikov relatou em suas memórias como Lenin, assim que entrou no vagão do trem que o esperava na fronteira russa, iniciou uma acalorada polêmica contra Kamenev e contra as teses defensistas de seus artigos no *Pravda*. No dia 3, na estação de Petrogrado, Lenin volta a defender suas posições, desta vez em público. É recebido por uma delegação do soviet de Petrogrado presidida por Chkheidze, que pronuncia um discurso de boas-vindas no qual afirma que a revolução deve ser "defendida de todo ataque que possa acontecer, tanto no interior quanto no exterior". Virando as costas para as personalidades oficiais, Lenin fala então à multidão, composta por operários e soldados, e os saúda como representantes da "revolução russa vitoriosa, vanguarda da revolução proletária mundial"[90]. Logo se une a seus companheiros bolcheviques e começa a desenvolver uma feroz crítica à política menchevique, que pretende defender as conquistas de fevereiro ao mesmo tempo em que mantém uma luta supostamente patriótica em aliança com os imperialistas. As teses de Lenin, que contradizem todos os pontos da análise e da orientação da direção bolchevique, deixarão os dirigentes de sua fração profundamente consternados. Tais teses serão publicadas no dia 7 de abril no *Pravda*, assinadas por Lenin e com o título: "As tarefas do proletariado na presente revolução".

Adotando as teses da revolução permanente, Lenin afirma: "O traço mais característico da situação atual na Rússia consiste na transição da primeira etapa

90 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, pp. 94-95.

da revolução – que entregou o poder à burguesia devido à insuficiência, tanto organizativa, quanto da consciência proletária – à sua segunda etapa, que há de colocar o poder nas mãos do proletariado e dos setores mais pobres dos camponeses"[91]. Qualifica como "equivocadas" e "evidentemente surreais" as exigências do *Pravda*, que pede a um governo capitalista que renuncie às anexações de guerra, quando é "impossível terminar a guerra com uma paz verdadeiramente democrática se antes não se derrotar o capitalismo". O objetivo do partido bolchevique, minoritário na classe operária e nos soviets, deve ser explicar às massas que "o soviet de deputados operários é a única forma possível de governo revolucionário" e que o objetivo de sua luta é construir "não uma república parlamentarista, mas uma república de soviets de operários e camponeses de todo o país, desde a base até o topo"[92]. Os bolcheviques só vão ganhar as massas "explicando pacientemente, com perseverança e sistematicamente" sua política: "Não queremos que as massas acreditem em nós sem nenhuma garantia além de nossa palavra. Não somos charlatães, queremos que seja a experiência que faça com que as massas percebam seus erros"[93]. A missão dos bolcheviques é "estimular tanto a consciência das massas, quanto sua iniciativa local, audaz e decidida; estimular a realização espontânea, o desenvolvimento e a consolidação das liberdades democráticas e do princípio de posse de todas as terras por todo o povo"[94]. Desta iniciativa revolucionária, irá surgir a experiência que dará aos bolcheviques a maioria nos soviets. Então terá chegado o momento em que os soviets poderão tomar o poder e aplicar as primeiras medidas do programa bolchevique: a nacionalização da terra e dos bancos, o controle soviético da produção e da distribuição. A última das teses de Lenin se refere ao partido, cujo nome e programa ele propõe alterar. "Já é tempo de tirar a camisa suja", afirma ao sugerir a troca do nome de "social-democrata" por "comunista", já que, segundo ele, no momento presente a tarefa é "criar um partido comunista proletário", para o qual "as bases foram já assentadas pelos melhores elementos do bolchevismo"[95].

Desta forma, sobre todos os pontos decisivos – a linha a respeito da guerra, sobre o governo provisório e sobre a própria concepção de partido –, Lenin se opõe à política aplicada pelos bolcheviques até sua chegada. Isto é o que obriga Kamenev a escrever no *Pravda* que "tais teses não representam nada mais que a opinião pessoal de Lenin". Ao relembrar as decisões adotadas anteriormente, afirma: "Aquelas resoluções continuam sendo a plataforma na qual nos baseamos e que defendemos tanto contra a linha desintegradora do 'defensismo revolucionário', quanto contra a crítica do camarada Lenin. O esquema geral de Lenin nos parece inadmissível

91 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, XXIV, p. 12.
92 *Ibid.*, p. 13.
93 *Ibid.*, p. 15.
94 LENIN, *Oeuvres choisies*, op. cit., tomo II, p. 23.
95 *Ibid.*, p. 15.

porque considera que a revolução democrático-burguesa já terminou e coloca a necessidade de transformá-la imediatamente em revolução socialista".

Desta forma, a discussão que se inicia vai prosseguir durante alguns dias. De um lado se encontram Kamenev, Rikov e Noguin, os quais Lenin, com sua ácida ironia, chama de "velhos bolcheviques" e que por sua vez o acusam de ter adotado as teses da revolução permanente. No outro lado se agrupam Lenin, Zinoviev e Bukharin. Stalin, ao que parece, adotou imediatamente as teses de Lenin. A conferência nacional que se reúne no dia 24 de abril conta com 149 delegados eleitos por 79 mil membros, do quais mais de 15 mil são de Petrogrado. Contra Lenin, Kamenev afirma: "É prematuro afirmar que a democracia burguesa esgotou todas suas possibilidades" quando "as tarefas democrático-burguesas continuam inconclusas". Ao mesmo tempo, sustenta que os soviets de operários e soldados constituem "um bloco de forças pequeno-burguesas e proletárias". Também opina que "se a revolução democrático-burguesa estivesse terminada, tal bloco (...) não teria mais um objetivo concreto e então o proletariado teria que lutar contra o bloco pequeno-burguês". Sua conclusão é: "Se adotássemos o ponto de vista de Lenin, ficaríamos sem tarefas políticas, nos converteríamos em teóricos, em propagandistas, publicaríamos, sem dúvida, excelentes estudos sobre a futura revolução socialista, mas ficaríamos à margem da realidade viva, como militantes políticos e como partido político definido"[96]. Como consequência, Kamenev propõe manter a linha adotada em março e "vigiar atentamente, a partir dos soviets, o governo provisório". Rikov concentra sua intervenção no problema da revolução socialista: "De onde – se pergunta – surgirá o sol da revolução socialista?", e responde:

> A julgar pela situação de conjunto e pelo nível pequeno-burguês da Rússia, a iniciativa da revolução socialista não nos pertence. Não contamos com força suficiente nem com as necessárias condições objetivas. Nos é colocado o problema da revolução proletária, mas não devemos superestimar nossas forças. Diante de nós, se apresentam gigantescas tarefas revolucionárias, mas sua realização não nos levará além do âmbito do sistema democrático-burguês[97].

Enquanto isso, a situação política estava em rápida transformação. Alguns dias antes da conferência do partido, uma declaração do kadete Miliukov, ministro dos Assuntos Estrangeiros, afirma que o governo provisório está decidido a respeitar todos os compromissos assumidos com os aliados e assegura que "todo o povo quer prosseguir com a guerra mundial até a vitória final". Tal declaração provoca manifestações populares nos dias 20 e 21 de abril e provoca uma crise ministerial que não se fecha até o dia 5 de maio. A radicalização das massas e a atitude dos soldados, que, em parte, se negam a disparar contra os manifestantes, bem como as declarações defensistas do ministro kadete ajudam na defesa das posições de Lenin,

96 YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 262.
97 *Ibid.*, p. 263.

que desenvolve então seus argumentos contra os "velhos bolcheviques", afirmando que "a revolução burguesa está concluída na Rússia e a burguesia tem o poder em suas mãos", mas a luta pela terra, pelo pão e pela paz não será vitoriosa sem que o poder passe para os soviets, que saberão "muito melhor, de maneira mais prática e segura, como avançar rumo ao socialismo". A ditadura democrática do proletariado e dos camponeses é uma fórmula velha, que os "velhos bolcheviques" acabaram por "adotar formalmente, no lugar de analisar a originalidade da nova e dinâmica realidade". Dirigindo-se a Kamenev, ele recorda a frase de Goethe: "Cinza é a teoria e verde é a árvore da vida"[98]. Lenin combate ferozmente as propostas de controle dos soviets sobre o governo provisório, exclamando: "Para controlar é preciso ter o poder! Não existe controle quando os controlados são os que possuem os canhões. Controlem-nos, dizem os capitalistas, que sabem que, na atualidade, nada podem negar ao povo. Mas sem o poder, o controle não é nada mais que uma frase pequeno-burguesa que dificulta a marcha e o desenvolvimento da revolução russa"[99].

Por fim, Lenin acaba triunfando no que se refere aos pontos fundamentais da divergência, conseguindo maiorias variáveis em cada ponto: sobre a questão da guerra, consegue, com exceção de 7 abstenções, a unanimidade da conferência; na resolução sobre "iniciar um trabalho prolongado" com o objetivo de "transferir aos soviets o poder do Estado", consegue 122 votos a favor, 3 contra e 8 abstenções; no entanto, na resolução em que afirma a necessidade de seguir a via da revolução socialista, só obtém 71 votos, de um total de 118. Nas resoluções referentes ao partido é derrotado, sendo o único a votar a favor de sua moção pelo abandono do nome "social-democrata". Apesar de sua advertência de que "a unidade com os defensistas é o mesmo que uma traição", a conferência aceita a constituição de uma comissão mista de bolcheviques e mencheviques para o estudo das possíveis condições de unificação, nos mesmos termos que Stalin defendera no mês anterior. Apesar da oposição dos velhos bolcheviques, presos à suas antigas análises, Lenin consegue "direcionar" o partido; sua vitória, no entanto, está longe de ser completa, já que, dos oito camaradas que, como ele, foram eleitos ao Comitê Central, um deles, Stalin, adotou suas teses de última hora, outros quatro, Kamenev, Noguin, Miliutin e Fedorov, fazem parte dos velhos bolcheviques e somente Zinoviev, Sverdlov e o jovem Smilgá apoiaram Lenin desde a abertura da discussão.

No entanto, bastaram algumas semanas para que o desenvolvimento do movimento revolucionário e a luta pela maioria dos soviets pelos bolcheviques levassem o partido em sua totalidade a aceitar, sem reservas, as teses que Lenin desenvolverá, semanas mais tarde, em *O Estado e a revolução*, obra na qual considera os soviets como um "poder do mesmo tipo que a Comuna de Paris", originado não por "uma lei discutida e votada previamente em um parlamento, mas por inicia-

98 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXIV, p. 35.
99 YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 263.

tiva das massas, que surge da base, por uma usurpação direta do poder"[100], elaborando assim uma teoria que será a base das ações dos bolcheviques durante os meses seguintes, assim como do triunfo da revolução.

O partido de Lenin e Trotski

A Conferência de Abril provoca a saída da extrema direita do partido, formada pelos defensistas Voitinski e Goldenberg, acelerando o processo de unificação com os mencheviques internacionalistas. Várias organizações social-democratas autônomas já haviam se integrado ao partido bolchevique antes desta data. No entanto, em Petrogrado, a organização Interbairros continuava separada do mesmo. Este grupo, vinculado a Trotski, defendia em suas posições o poder soviético, e o giro do *Pravda*, depois da volta de Kamenev e Stalin, o fez recuar de uma fusão imediata com os bolcheviques, que tinha sido aprovada no começo de março. No entanto, o problema volta a aparecer depois da vitória das teses de Lenin no partido. Depois de uma grande viagem, passando do Canadá à Escandinávia, Trotski finalmente volta à Rússia no dia 5 de maio. Imediatamente, se integra à organização Interbairros, onde militam vários mencheviques internacionalistas, Yurenev e Karakhan, antigos bolcheviques e, além disso, os militantes que estavam vinculados a ele durante muitos anos: Yoffe, Manuilski e Uritski do *Pravda*, e Pokrovski, Riazanov e Lunacharski do *Nashe Slovo*.

No dia seguinte à sua chegada, Trotski toma a palavra diante do soviet de Petrogrado como havia feito Lenin e com a mesma postura que ele, anunciando que a revolução "abriu uma nova era, uma era de sangue e fogo, uma luta que não é de nação contra nação, mas das classes oprimidas contra seus governantes". Afirmando que os socialistas devem lutar para dar "todo o poder aos soviets", conclui: "Viva a revolução russa, prólogo da revolução mundial!"[101]. No dia 7 de maio, em uma recepção organizada pela Interbairros e pelos bolcheviques, afirma ter abandonado definitivamente seu velho sonho de unificação de todos os socialistas, declarando que a nova Internacional só pode se construir com uma ruptura total com o social-chauvinismo. A partir do dia 10, volta a encontrar-se com Lenin.

Poucas diferenças os separam agora, e eles o sabem. Lenin tem pressa em integrar Trotski e seus companheiros ao partido. De fato, ele já havia proposto Trotski para redator chefe do *Pravda*, mas sua iniciativa não foi aprovada. Ainda assim, lhe pede que se integre ao partido e oferece cargos de responsabilidade na direção da organização e na redação do *Pravda* a Trotski e seus companheiros. O amor próprio e algumas reticências, que talvez pesem mais em seus companheiros do que nele mesmo, fazem com que Trotski não aceite. Sem dúvida, a recordação de antigas intrigas está mais gravada na sua memória do que na de Lenin, ape-

100 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXIV, pp. 28-29.
101 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, pp. 253-254.

sar destas estarem agora superadas. Trotski ressalta que o partido bolchevique se "desbolchevizou", que adotou um ponto de vista internacional e que nada agora os separa, mas esta é precisamente a razão que o leva a desejar uma mudança de nome. "Não posso me considerar um bolchevique", afirma. Desejaria que se celebrasse um congresso de fundação e que se definisse um novo nome para o novo partido, que se enterrasse o passado de forma definitiva. Lenin não pode aceitar fazer tamanha concessão ao amor próprio de Trotski: ele tem orgulho do partido e de sua tradição, e tende a defender também o amor próprio dos bolcheviques veteranos que já foram bastante contrariados durante as discussões de abril e que reprovam sua aliança com Trotski, o qual continuam considerando um inimigo pessoal. Depois de já ter imposto suas teses ao partido, seria arriscado para Lenin querer ainda lhes impor um homem. Os bolcheviques seguirão sendo bolcheviques e Trotski virá por sua própria vontade, pois suas reticências são um tanto quanto insignificantes.

Durante as semanas seguintes, de fato, Trotski se converte, frente às massas, em seu orador preferido, e será identificado pelas mesmas como um autêntico bolchevique. Depois das manifestações armadas de julho, é detido e preso junto com um grande número de bolcheviques, antigos e novos, que são acusados pelo governo provisório – que agora conta com a participação dos mencheviques – de serem agentes alemães e de terem preparado uma insurreição armada. Nem ele nem Lenin, que passou à clandestinidade, participam do VI Congresso, que começa no dia 26 de julho e se autodenomina "Congresso de Unificação". Os delegados participantes foram eleitos por 170 mil militantes, dos quais 40 mil pertencem à cidade de Petrogrado. O partido bolchevique de 1917, o partido revolucionário, cuja construção era exigida por Lenin em abril tendo por base os "melhores elementos do bolchevismo", nasce da união, no seio da corrente bolchevique, das pequenas correntes revolucionárias independentes que integram tanto a organização Interbairros, quanto numerosas outras organizações social-democratas internacionalistas que, até então, permaneciam à margem do partido de Lenin.

Desta forma, se cristaliza a concepção de partido que Lenin defende desde muitos anos: a fração bolchevique, como ele esperava, conseguiu impor sua concepção de partido operário e atrair para si os demais revolucionários. Esta é a história, tal como foi vista e vivida pelos contemporâneos do período. Mais de dez anos vão se passar até que se inicie sua deformação sistemática. Em 1931, explicando o que fora para os bolcheviques a fundação do partido de 1917, Karl Radek fala que este havia "reunido o melhor do movimento operário" e que não se deveria agir como se o partido tivesse nascido diretamente da fração de 1903, esquecendo as correntes e fluxos que em 1917 haviam se unido a ela. No entanto, como esta realidade história era inadmissível para o pequeno grupo de homens que, com Stalin, tinham usurpado o poder, não se economizou, desde então, nenhum meio para

apagá-la. Ao voltar a escrever a história segundo as exigências da política stalinista, Kaganovich exclamou:

> É preciso que Radek compreenda que a teoria dos fluxos e correntes dá base à liberdade de grupos e frações. Se é tolerado um "fluxo" haverá que oferecer-lhe a possibilidade de funcionar com uma "corrente". (...) Nosso partido não é um depósito de águas turvas, mas um rio poderoso que não pode admitir fluxo nenhum, pois conta com todas as possibilidades para derrubar quantos obstáculos se coloquem à sua frente[102].

Na realidade, os acontecimentos posteriores ao VI Congresso provam com clareza que a força do partido unificado provém da fusão total das diferentes correntes, com a diversidade de caminhos que as levaram, ao longo de vários anos de luta ideológica, à luta comum em prol da revolução proletária. A direção eleita em agosto é um fiel reflexo desta correlação de forças. Lenin é eleito membro do Comitê Central com 133 votos dentre 134 votantes, seguem Zinoviev com 132 e Trotski e Kamenev com 131. Dos 21 membros, 16 pertencem à fração bolchevique, que inclui o letão Reizin e o polonês Dzerzhinski. Miliutin, Rikov, Stalin, Sverdlov, Bubnov, Muranov e Shaumian são os típicos *komitetchiks*, que estiveram tantos anos presos ou deportados quanto na clandestinidade e que somente passaram por breves temporadas em liberdade no estrangeiro. Kamenev, Zinoviev, Noguin, Bukharin, Sokolnikov e Artem-Sergueiev passaram períodos no estrangeiro, compartilhando às vezes, junto a Lenin, as responsabilidades da emigração. A maioria já se chocou com ele em algum momento: Rikov em 1905, quando apareceu como o porta-voz dos *komitetchiks*; Noguin e Sokolnikov, novamente com Rikov, como conciliadores; Bukharin e Dzerzhinski durante a guerra, no referente à questão nacional; Muranov, Kamenev, Rikov, Stalin e Miliutin no período entre março e abril. Outros tiveram histórias pessoais ainda mais complexas na fração ou à margem dela: Krestinski, velho bolchevique, trabalhou durante a guerra com os mencheviques de esquerda de Maxim Gorki; Sokolnikov, também veterano, foi conciliador e posteriormente, durante a guerra, colaborador de *Nashe Slovo*, antes de retornar da Suíça com Lenin; Kollontai, velha militante, foi menchevique a partir de 1903, começou a aproximar-se dos bolcheviques em 1914 e se uniu a eles em 1915. Por último, Trotski, assim como Uritski e o membro suplente Yoffe, são veteranos do *Pravda* que nunca foram bolcheviques.

O partido bolchevique, protagonista de Outubro, que para o mundo inteiro ficou conhecido como "o partido de Lenin e Trotski", acaba de nascer. Como afirma Robert V. Daniels, "a nova direção não era um grupo de disciplinados lambe-botas"[103]. Tal e como aparece, representa já perfeitamente a imagem de um partido jovem, mas

---

102 KAGANOVITCH, Lasar, *Discurso pronunciado no Instituto de Professores Vermelhos*, em *Correspondence Internationale*, nº114, 23 de dezembro de 1931, p. 1260.

103 DANIELS, Robert, *The conscience of the revolution: communist opposition in soviet Russia*, Harvard, Harvard University Press, 1960, p. 49.

experiente: Lenin, com 47 anos, é o decano de um Comitê Central que conta com onze membros com idades entre 30 e 40 anos e três membros com menos de 30 anos. O mais jovem é Ivan Smilgá, que tem 25 anos e é militante bolchevique desde 1907.

De julho a outubro

As jornadas de julho foram um giro decisivo. Os operários de Petrogrado, contra a vontade dos dirigentes bolcheviques, iniciam uma série de manifestações armadas que o partido considera prematuras. No entanto, a influência de seus militantes evita uma derrota, ao permitir uma retirada ordenada. As manifestações não se convertem em uma insurreição, que condenaria ao isolamento uma possível "Comuna de Petrogrado". Entretanto, o governo não deixa de explorar esta situação e golpeia duramente os bolcheviques: as sedes do partido são invadidas, seus jornais são proibidos e as detenções prosseguem. Os bolcheviques não são surpreendidos por essa repressão: eles contam com sedes e materiais clandestinos, além do hábito de operar nessas condições. O *Pravda* desaparece, mas é substituído por uma grande quantidade de materiais clandestinos e, em seguida, por um jornal "legal", de nome diferente. Trotski, Kamenev e outros são presos, mas vários militantes, com documentos falsos, passam à clandestinidade, escapando da prisão e passando a utilizar as redes clandestinas que foram preservadas desde fevereiro e as novas possibilidades de ação ilegal que foram abertas. O Comitê Central decide preservar Lenin da repressão: este será mandado à Finlândia, onde se esconderá, sob uma falsa identidade, até outubro. A imprensa burguesa tenta criar calúnias para difamar os bolcheviques: com falsos documentos, os acusa de terem recebido ouro dos alemães, reaviva a história do "vagão selado"[104] e pede a cabeça dos traidores. O partido sofre uma série de fortes golpes, mas a organização sobrevive e continua sua atividade, como previam as teses de Lenin sobre a necessidade, sob todas as circunstâncias, de manter preparativos para a utilização do trabalho ilegal.

O governo provisório entra em uma crise ministerial. No dia 23 de julho, Kerenski – membro burguês dos SR's – forma um novo governo provisório, no qual os ministros "socialistas" são maioria. Em sua opinião, o objetivo é consolidar o novo regime, em primeiro lugar, mantendo-se na guerra. Ao mesmo tempo, é preciso reforçar o Estado: se restabelece a pena de morte como prerrogativa dos tribunais militares, volta a funcionar a censura, o ministro do Interior retoma o poder de proibir jornais e de fazer prisões sem ordem judicial.

Contudo, a propaganda dos conciliadores não seduz nem os operários, que foram testemunhas da repressão contra os bolcheviques, nem os burgueses, que desejam uma ação mais firme contra os subversivos. A crise econômica se agrava:

---

104 Refere-se ao acordo, citado anteriormente, entre Lenin e o governo alemão sobre a extraterritorialidade do vagão em que um grupo de bolcheviques exilados viajou da Suíça até a Rússia logo depois da Revolução de Fevereiro (N. do E.).

os industriais criam uma verdadeira sabotagem interna, tanto para preservar suas propriedades, quanto para mostrar as consequências da "anarquia revolucionária", a qual desejam responsabilizar pela miséria reinante. A desvalorização do rublo continua e se acelera: em outubro seu valor se reduz a 10% do valor de 1914. As empresas fecham as portas e continuam ocorrendo greves patronais que deixam sem trabalho centenas de milhares de operários famintos, que, inevitavelmente, vão adotar as consignas de "controle operário" e de nacionalização da indústria, difundidas a partir de julho pelos bolcheviques.

Com alguns meses de atraso, o campo se levanta. Desde fevereiro, os governos provisórios que contavam com ministros dos SR's, tradicionais defensores dos interesses dos camponeses, haviam multiplicado as promessas de reforma agrária. No entanto, foram incapazes de colocá-la em prática. Os bolcheviques, que, através de seu trabalho sobre o exército, multiplicaram seus contatos com os camponeses, chamam à ação direta, à ocupação das terras. Depois da colheita, se inicia uma autêntica revolução agrária: o povo queima as mansões dos latifundiários; as colheitas são expropriadas e as terras são ocupadas, primeiro sob a direção dos comitês agrários e, posteriormente, sob a dos soviets camponeses. Primeiro, o governo faz chamados à paciência, ao respeito à ordem e à propriedade; depois, recorre aos odiados cossacos[105] para reprimir os camponeses rebeldes. A partir de então, os bolcheviques não têm mais nenhuma dificuldade em se mostrar aos camponeses como seus únicos amigos.

No início de agosto, Kerenski convoca uma Conferência de Estado, que agrupa os representantes das organizações políticas, sociais, econômicas e culturais de todo o país. Desta, espera conseguir um novo acordo, um "armistício entre o capital e o trabalho". Os bolcheviques boicotam a conferência, e as forças contrarrevolucionárias, que consideram que a missão dos conciliadores está concluída, aproveitam para conspirar. Os industriais e os generais chegam a um acordo: chegou o momento de dar um golpe definitivo no movimento revolucionário. O encarregado desta tarefa é o generalíssimo de Kerenski, Kornilov, que é escolhido pelos conspiradores como "salvador supremo". No dia 25 de agosto Kornilov envia contra a capital uma divisão de cossacos dirigida por oficiais de sua confiança. A impotência de Kerenski – que foi abandonado pelos ministros burgueses quando tentou destituir o general –, somada à cumplicidade de seus aliados, aparece desta forma perante todos. Entretanto, o golpe de Estado é derrotado. Os ferroviários se negam a fazer circular os trens. Os próprios soldados, quando recebem ordens dos seus superiores, se amotinam, deixando os oficiais isolados e gratos por não serem executados pelos seus próprios homens. No momento decisivo, os bolcheviques

105 Os cossacos eram uma espécie de casta militar composta por camponeses que fugiam das regiões centrais da Rússia, onde vigorava a servidão, para encontrar a liberdade nas regiões mais ao sul, como a Ucrânia e a foz do rio Volga. Lá, constituíam comunidades militarizadas que, mais tarde, passaram a servir ao próprio Estado russo na qualidade de tropas de elite do exército. Por seu modo de vida militarizado e religioso, tendiam a uma mentalidade conservadora (N. do E.).

saem de sua semiclandestinidade, chamando à resistência nos soviets, os únicos organismos que parecem funcionar naquelas semanas, enquanto os últimos restos do aparato estatal parecem estar se desmanchando. Os marinheiros de Kronstadt saem em defesa da capital e começam a abrir as portas das prisões para libertar os militantes bolcheviques detidos em julho, a começar por Trotski. Se constituem destacamentos de guardas vermelhos, organizados pelos bolcheviques; nos regimentos, se proliferam os soviets de soldados, que caçam os kornilovistas, aplicando assim um golpe mortal à oficialidade.

Portanto, o golpe de Estado serve fundamentalmente para inverter por completo a situação a favor dos bolcheviques, que vão se beneficiar de uma aura de prestígio com sua vitória sobre Kornilov. No dia 31 de agosto, o soviet de Petrogrado vota uma resolução, apresentada por sua fração bolchevique, que exige que todo o poder seja entregue aos soviets. O espírito desta votação se vê confirmado no dia 9 de setembro por uma condenação terminante à política de conciliação com os representantes da burguesia nos governos provisórios. Os mencheviques, a partir de então, navegam contra a corrente, pois, um atrás do outro, os soviets das grandes cidades – o de Moscou no dia 5 de setembro, e mais tarde o de Kiev, Saratov e Ivanovo-Voznesensk – alinham sua política com a do soviet da capital que, no dia 23 de setembro, elege Trotski como seu presidente. A partir de então, fica claro que o II Congresso dos Soviets, cuja abertura estava prevista para o dia 20 de outubro, vai exigir o poder para si, condenando ao mesmo tempo a aliança dos mencheviques e SR's com os ministros burgueses. Frente a esta perspectiva, o Comitê Executivo Panrusso dos Soviets, presidido pelo menchevique Tsereteli, trata de ampliar a coalizão de apoio ao governo, mediante a convocatória – em base ao modelo da Conferência de Estado – de uma Conferência Democrática, que, por sua vez, designará um pré-parlamento.

O problema da insurreição

Do seu retiro na Finlândia, Lenin demorou um pouco a compreender até que ponto a situação sofreu uma mudança radical: no dia 3 de setembro, em um projeto de resolução, se refere à "rapidez de furacão, tão incrível" com que se desenvolvem os acontecimentos. Todos os esforços dos bolcheviques, escreve, devem "buscar não retardar o curso dos acontecimentos, para poder guiar da melhor maneira possível os operários e trabalhadores". Ainda assim, opina que tal "fase crítica conduz inevitavelmente a classe operária – talvez a uma velocidade perigosa – a uma situação em que, como consequência de uma série de acontecimentos que não dependem dela, se verá obrigada a afrontar, num combate decisivo, a burguesia contrarrevolucionária para conquistar o poder"[106]. No dia 13 de setembro, considera que o momento decisivo chegou e dirige ao Comitê Central duas cartas que devem

106 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXV, p. 243.

ser discutidas em sua reunião do dia 15. "Depois de ter conseguido a maioria nos soviets das capitais, os bolcheviques podem e devem tomar o poder". Pressiona o Comitê Central para que submeta a questão ao órgão que é, de fato, seu congresso, quer dizer, a reunião dos delegados bolcheviques na Conferência Democrática, "voz unânime daqueles que se encontram em contato com os operários e soldados, com as massas"[107]. Lenin afirma igualmente: "A história jamais nos perdoará se não tomarmos o poder agora"[108]. Os bolcheviques devem apresentar seu programa, o dos operários e camponeses russos, na Conferência Democrática e depois "apresentá-lo a todas as frações nas fábricas e quartéis". Depois disso, "seremos capazes de decidir qual o momento em que vamos desencadear a insurreição"[109].

Mais uma vez, Lenin está distante da maioria dos dirigentes bolcheviques, da mesma maneira que ocorreu em abril. No dia 30 de agosto o *Pravda*, dirigido por Stalin, publica um artigo de Zinoviev que leva o título de "O que não devemos fazer", em que recorda o destino da Comuna de Paris e coloca ênfase no perigo de toda tentativa prematura de tomar o poder pela força. Esta é a opinião que o partido defendia até julho. Novamente, Lenin considera que a situação se modificou consideravelmente. No entanto, suas cartas acabam não convencendo o Comitê Central. Kamenev se pronuncia contra as propostas de Lenin e exige que o partido tome medidas contra qualquer tentativa de insurreição. Trotski é partidário da insurreição, mas acredita que esta deve ser decidida pelo congresso panrusso dos soviets. Por último, a maioria dos membros do Comitê Central se inclina à postura de Kamenev, que propõe que sejam queimadas as cartas de Lenin, deixando-as sem resposta.

A partir de então Lenin inicia a batalha. Sabe que convenceu plenamente Smilgá, presidente do soviet regional do exército, da marinha e dos operários da Finlândia e começa a conspirar com ele contra a maioria do Comitê Central, utilizando-o para "fazer propaganda dentro do partido" em Petrogrado e Moscou. Examina com ele os mais diversos planos para colocar em marcha a insurreição e bombardeia o Comitê Central com uma série de cartas veementes que denunciam os dirigentes "vacilantes". O Comitê Central decide por uma estreita maioria de nove votos contra oito, apoiar Trotski e Stalin, que propõem o boicote ao pré-parlamento que deverá surgir da Conferência Democrática. Entretanto, a fração bolchevique nesta conferência defende a posição de Rikov e Kamenev, que se opõem à insurreição e são partidários da participação no pré-parlamento. No dia 23, Lenin escreve ao Comitê Central: "Trotski era partidário do boicote. Bravo, camarada Trotski! A moção de boicote foi rechaçada pela fração bolchevique da Conferência Democrática... Viva o boicote!". Lenin exige a convocação de um congresso extraordinário do partido que discuta a questão do boicote e afirma

107 *Ibid.*, tomo XXVI, pp. 10-12.
108 *Ibid.*, p. 12.
109 *Ibid.*, p. 18.

que em nenhum caso o partido pode adotar uma posição pela participação no pré-parlamento: "Devemos conseguir fazer com que as massas discutam a questão. É necessário que os operários conscientes debatam o assunto e pressionem seus 'dirigentes intermediários'"[110]. No dia 29 de setembro, em uma carta dirigida ao Comitê Central, afirma que considera inadmissível que não se tenha respondido suas cartas e, mais ainda, que o *Pravda* censure seus artigos, pois isto mostra "uma delicada alusão ao amordaçamento e um convite a retirar-se". Também escreve: "Devo apresentar minha renúncia ao Comitê Central e assim o faço, reservando-me o direito de fazer propaganda nas fileiras do partido e no congresso, pois minha mais profunda convicção é que, se esperarmos o congresso dos soviets e deixarmos escapar esta ocasião, provocaremos a derrota da revolução"[111]. E volta ao ataque no dia 1º de outubro: "esperar é um crime!"[112].

A maioria do Comitê Central, sensibilizada pela discussão, tem dúvidas e, por fim, decide pedir a Lenin que faça uma viagem clandestina a Petrogrado para discutir o problema da insurreição. Por outro lado, durante os dias seguintes, a situação se modifica dentro do próprio partido: Trotski consegue convencer os delegados bolcheviques ao pré-parlamento de que devem boicotá-lo por meio de um manifesto que deve ser lido durante a sessão inaugural. Abandonam a sala no momento em que ele, em nome de todos, exclama "A revolução está em perigo! Todo o poder aos soviets!". Os bolcheviques de Moscou, representados por Lomov, exigem que se decida pela insurreição. No dia 9, Trotski consegue que o soviet de Petrogrado vote pela formação de um comitê militar revolucionário, ferramenta para construir um estado-maior da insurreição. No dia 10 de outubro, Lenin, disfarçado e escondido, chega a Petrogrado, discute apaixonadamente e consegue, por fim, que se aceite, por dez votos a dois, uma resolução a favor da insurreição, que já está "completamente madura", convidando "todas as organizações do partido a estudar e discutir as questões de caráter prático para a insurreição".

Os dois adversários desta resolução são Zinoviev e Kamenev, que, no dia seguinte, apelam contra a decisão do Comitê Central em sua "Carta sobre o momento atual", dirigida às principais organizações do partido. Nela escrevem:

> Estamos firmemente convencidos de que, no momento atual, convocar uma insurreição armada significa apostar em uma só cartada não somente a sorte de nosso partido, mas também a da revolução russa e internacional. Não há dúvidas de que existem situações históricas nas quais uma classe oprimida deve reconhecer que vale mais brigar até a derrota do que render-se sem luta. Por acaso a classe operária russa se encontra hoje numa situação similar? Não, mil vezes não! (...) Enquanto esta escolha dependa de nós, podemos e devemos ter, na atualidade, uma postura defensiva. As massas não desejam lutar. (...) As massas de soldados nos apoiam (...) por

110 *Ibid.*, p. 51.
111 *Ibid.*, pp. 78-79.
112 *Ibid.*, p. 139.

nossa consigna de paz. (...) Se nos víssemos obrigados a iniciar uma guerra revolucionária, (...) nos abandonariam imediatamente"[113].

A seu ver, o maior perigo é a superestimação das forças proletárias, já que o proletariado internacional não está disposto a apoiar a revolução russa.

Entretanto, os preparativos continuam: no dia 11, os delegados bolcheviques que chegam ao congresso desde a região norte são convocados em Petrogrado; a partir do dia 13, os navios da marinha, controlados por Smilgá, colocam seu rádio à disposição da propaganda bolchevique, fazendo um chamado aos delegados para que se reúnam antes da data prevista. No dia 16 de outubro, se reúne um Comitê Central ampliado que ratifica, por 19 votos contra 2 (com 4 abstenções), a decisão do dia 10, rechaçando ainda uma moção de Zinoviev, que propõe a suspensão dos preparativos da insurreição até que se inicie o congresso dos soviets. Nesta mesma tarde, Kamenev apresenta sua renúncia como membro do Comitê Central.

No dia 17 de outubro, o jornal menchevique *Novaia Zhizn* (Nova vida), dirigido por Maxim Gorki, publica informações referentes à "Carta sobre o momento atual". No dia seguinte, no Instituto Smolni, quartel general do soviet de Petrogrado, acontece uma conferência ilegal dos delegados dos regimentos, destinada a fazer um balanço preciso das forças militares com as quais conta a insurreição. Zinoviev e Kamenev respondem ao jornal de Gorki, aproveitando a ocasião para expor publicamente seus argumentos contra a insurreição e insinuando ainda, com uma frase de duplo sentido, que o partido ainda não se pronunciou de maneira definitiva. Trata-se de uma grave indisciplina. Trotski acaba de ser nomeado delegado para o regimento da fortaleza de Pedro e Paulo, cuja atitude é vacilante, para que possa convencê-la a unir-se ao grupo dos insurgentes; seu trabalho é coroado com êxito. Lenin, em duas cartas, uma dirigida a todos os membros do partido e outra ao Comitê Central, reage com extrema violência e exige a expulsão de Zinoviev e Kamenev. Um pouco depois, envia ao *Rabochi Put* (Caminho operário) - o novo *Pravda* - um artigo de dura polêmica contra os adversários da insurreição, sem nomear Zinoviev e Kamenev. Porém, Trotski acaba sendo obrigado a desmentir que o partido tenha decidido pela insurreição, por questões de segurança, e Zinoviev e Kamenev vão se utilizar dessa declaração para encobrir seu comportamento.

No dia 20 de outubro, o *Rabochi Put* publica simultaneamente a continuação do artigo de Lenin, a declaração de Zinoviev sobre o "desmentido" de Trotski sobre a insurreição e uma nota da redação, escrita por Stalin em termos conciliadores, que parece implicar um repúdio à atitude de Lenin: "A dureza do tom do camarada Lenin não altera o fato de que permanecemos todos de acordo em relação aos pontos fundamentais". Nesta mesma tarde, numa sessão do Comitê Central na

---

113 BUNYAN, James, FISHER, Harold, *The bolshevik revolution 1917-18*, Stanford, Stanford University Press, 1961, pp. 59-62.

qual Sverdlov lê a carta de Lenin, Trotski ataca violentamente Stalin por sua nota conciliadora. Stalin oferece então sua renúncia e, logo depois, defende a conciliação, pedindo ao Comitê Central que se negue a aceitar a renúncia apresentada por Kamenev. Por fim, a renúncia de Kamenev é aceita por cinco votos contra quatro, ao que se soma uma resolução do Comitê Central dirigida a ele e a Zinoviev, exigindo que não voltem a tomar posição publicamente contra as decisões do partido.

A insurreição

A discussão sobre a insurreição se desenvolve, portanto, praticamente à vista de todos, em um ambiente ultrademocrático, que desmente de maneira clara a lenda de um partido bolchevique de robôs. Apesar da designação por parte do Comitê Central de um birô que vai se encarregar de supervisionar os preparativos, estes são feitos sob a direção do comitê militar revolucionário. No dia 22 de outubro, a tripulação bolchevique do cruzador Aurora recebe a ordem de manter o navio atracado, enquanto o governo provisório, por sua vez, havia ordenado que levantassem âncoras. No dia 23, o comitê envia seus delegados a todas as unidades militares, cujos representantes divulgam um comunicado afirmando não reconhecer a autoridade do governo provisório. Durante a noite, o governo decide atuar: proíbe os jornais bolcheviques, fecha suas gráficas e chama a Petrogrado todos os cadetes da Academia de Guerra. O comitê militar revolucionário envia, então, um destacamento que reabre a gráfica do *Pravda*. Durante a manhã do dia 24, nos quartéis, se distribuem armas a todos os destacamentos operários; durante a tarde, os marinheiros de Kronstadt chegam a Petrogrado; do Smolni, sede do comitê, partem os destacamentos que vão ocupar todos os pontos estratégicos da capital. O Palácio de Inverno cairá 24 horas depois, após alguns disparos dos canhões do cruzador Aurora. A insurreição triunfa.

No partido bolchevique, a polêmica parece ter se extinguido com o começo das ações: Kamenev, que renunciou ao Comitê Central no dia 20, participa da sua reunião do dia 24; passa a noite no Smolni ao lado de Trotski, encarregado de dirigir a insurreição; Lenin vai se unir em seguida a eles. Quando, na tarde do dia 25 de outubro, tem início o congresso dos soviets, Kamenev é proposto para ocupar a presidência como representante do partido bolchevique.

Na realidade, antes que o congresso proceda à votação que vai dar à insurreição o referendo revolucionário que esperam os dirigentes bolcheviques, o desenvolvimento do movimento de massas é, mais uma vez, o encarregado de eliminar as divergências. Em todo o país acontecem assembleias de operários, de camponeses e de soldados. Nelas se argumenta, se ataca ou se defende a decisão sobre a insurreição. John Reed escreveu sobre um destes debates, que aconteceu no regimento motorizado de metralhadoras do exército. Neste, o bolchevique Krilenko vence um violento duelo oratório, no qual enfrenta uma série de adversários mencheviques e SR's con-

trários à insurreição. Os soldados presentes votam: uns cinquenta se situam à direita da tribuna, o que equivale a condenar a insurreição, mas várias centenas destes se aglomeram à esquerda, aprovando-a. O jornalista americano conclui:

> Imaginemos esta luta repetida em cada um dos quartéis da cidade, de toda a região, em toda a frente de batalha, em toda a Rússia. Imaginemos todos os "Krilenkos" defendendo suas posições em todos os regimentos, discutindo, ameaçando, suplicando. Imaginemos esta mesma cena repetida em todos os sindicatos, nas fábricas, nas aldeias, nos barcos; pensemos nas centenas de milhares de russos, operários, camponeses, soldados e marinheiros que contemplam os oradores, esforçando-se intensamente para compreender e tomar uma decisão que se revela, por fim, tão surpreendentemente unânime. Assim foi a Revolução Russa[114].

O II Congresso e o problema da coalizão

Dos 650 deputados do II Congresso Panrusso dos Soviets, 390 são bolcheviques; aproximadamente 150 SR's votam com eles. O presidium[115] do novo Comitê Executivo conta com 14 bolcheviques de um total de 25 membros. Ao lado dos dirigentes do partido – os membros do Comitê Central Lenin, Trotski, Zinoviev, Kamenev, Rikov, Noguin e Kollontai – estão militantes veteranos como Riazanov, Lunacharski, Muralov – que Trotski chama de Muranov –, o letão Stuchka e dirigentes da insurreição como Antonov-Ovseenko, do comitê militar revolucionário, Krilenko e o jovem Sklianski. Durante a discussão, chegam notícias exaltantes: a queda do Palácio de Inverno e a passagem para o lado revolucionário das tropas enviadas por Kerenski para uma possível repressão. A minoria, composta por mencheviques e pela ala direita dos SR's, abandona a sala. O congresso aprova a insurreição, vota os célebres decretos que iniciam o regime soviético e ratifica por aclamação o novo governo de "comissários do povo", nomenclatura que foi proposta de última hora por Trotski e apoiada com entusiasmo por Lenin, que apresenta ao plenário os nomes: é composto por 15 membros, todos bolcheviques, dos quais 4 são operários. Posteriormente, se elege um Comitê Executivo composto por 71 bolcheviques e 29 SR's dissidentes, partidários da colaboração no poder com os bolcheviques e que pertencem à ala esquerda de seu partido. A sessão se encerra depois de 15 horas de debate que se estenderam por dois dias.

Entretanto, a polêmica que se desenvolveu no partido antes da insurreição volta a aparecer imediatamente depois da vitória. Os delegados do II Congresso votam a favor de uma resolução apresentada pelo menchevique internacionalista Martov e apoiada pelo bolchevique Lunacharski que solicita que o Conselho de Comissários do Povo inclua representantes de todos os partidos socialistas. Na opinião de muitos militantes, inclusive de bolcheviques, um Conselho de Comissários totalmente

114 REED, John, *Dix jours qui ont ébranlé le monde*, Paris, Éditions ouvrières, s/d, p. 153.
115 Órgão equivalente a um secretariado ou mesa diretora (N. do E.).

bolchevique deve ser apenas uma alternativa provisória; a única solução real é um governo de coalizão dos partidos socialistas. Alguns dias mais tarde, o Comitê Executivo do Sindicato dos Ferroviários, chamado Vikzhel por sua abreviação em russo, retoma a consigna de coalizão e, para dar mais peso à suas posições, ameaça cortar as comunicações do governo se este não empreender imediatamente a formação de um governo socialista de coalizão.

No dia 29 de outubro, o Comitê Central, do qual estão ausentes Lenin, Trotski e Stalin, e, mais tarde, o Comitê Executivo do Congresso dos Soviets, aceita negociar. Uma delegação encabeçada por Kamenev aceita a proposta dos ferroviários, entrando em contato com os representantes dos mencheviques e dos SR's. Estes últimos, encorajados nos bastidores por diplomatas dos países aliados – se podemos dar crédito ao testemunho de Jacques Sadoul –, exigem que os guardas vermelhos sejam desarmados, que se constitua um governo de coalizão que não inclua nem Lenin, nem Trotski e que, a princípio, não responderia aos soviets, e sim às "amplas massas da democracia revolucionária", fórmula muito ampla e ambígua. Os membros do Comitê Executivo dos Soviets, inclusive os bolcheviques Riazanov e Kamenev, aceitam que a discussão se inicie sobre estas bases, firmando com seus interlocutores um chamado ao cessar-fogo.

Neste mesmo momento, os cossacos do general Krasnov se enfrentam, em seu avanço contra Petrogrado, com os guardas vermelhos, liderados por Trotski. Após seu retorno, Trotski acusa Kamenev e Riazanov, perante o Comitê Central, de terem preparado uma condenação à insurreição, bem como de terem sido manipulados pelos seus adversários. Lenin vai ainda mais longe e propõe a imediata ruptura das negociações. Riazanov e Lunacharski declaram estar de acordo com a exclusão de Lenin e Trotski do governo se esta condição for indispensável para a constituição de um governo de coalizão de todos os socialistas. O Comitê Central rechaça esta postura e vota a favor de Trotski, que propõe prosseguir as negociações, buscando criar condições que garantam ao partido bolchevique a maioria em uma coalizão com os partidos socialistas que se opuseram ao poder dos soviets, com a condição de que estes aceitem reconhecer que o poder dos soviets é um fato consumado, se responsabilizando por ele.

No entanto, a minoria bolchevique não muda de opinião, pois acredita que a resolução do Comitê Central impedirá, de fato, qualquer tipo de coalizão. Kamenev., que continua presidindo o Comitê Executivo dos Soviets, propõe a demissão do Conselho de Comissários do Povo exclusivamente bolchevique e presidido por Lenin, para que seja substituído por um governo de coalizão. Volodarski opõe a esta moção aquela que foi adotada pelo Comitê Central bolchevique. Durante a votação, vários comissários do povo, como Rikov, Noguin, Lunacharski, Miliutin, Teodorovich, assim como alguns dirigentes do partido, como Zinoviev, Lozovski e Riazanov, votam contra a resolução apresentada pelo seu próprio partido. No dia seguinte,

outro bolchevique, Larin, apresenta ao executivo uma moção sobre a liberdade de imprensa, censurando a repressão governamental contra a imprensa direitista e a proibição dos jornais que chamam à insurreição armada contra o governo bolchevique. A moção é derrotada por uma maioria de apenas dois votos. Lozovski e Riazanov votam mais uma vez contra o governo. Para não serem submetidos à disciplina partidária, parte dos membros da oposição renuncia a seus cargos para poder protestar contra a "política catastrófica do Comitê Central" e contra "a manutenção de um governo puramente bolchevique por meio do terror político"[116]. Lenin, num pronunciamento que é difundido por todo o país, os chama de desertores. Em sua opinião, não deve haver nenhum tipo de vacilação: se a oposição não aceita as decisões da maioria, deve abandonar o partido. Afirma: "Uma divisão será um fato muito lamentável. No entanto, uma divisão honrada e franca é, na atualidade, muito preferível à sabotagem interna e ao não cumprimento de nossas próprias resoluções"[117].

Não haverá de fato uma divisão. A oposição é condenada pelo conjunto dos militantes e pelas mesmas reuniões de operários e soldados que aprovaram a insurreição. Por outro lado, em seguida surgem evidências que deixam claro que os mencheviques e os dirigentes SR's nunca pensaram em propor aos bolcheviques outra coisa que não fosse a escolha entre o suicídio político, que resultaria da eliminação de Lenin e Trotski do Conselho de Comissários do Povo, e a negativa em compor uma coalizão, o que daria a eles – mencheviques e SR's – a justificativa para travar uma luta contra o governo com todos os meios a seu alcance.

Parte dos SR's se nega a seguir a maioria de seus dirigentes pelo caminho que os conduz à luta armada contra o regime soviético. O novo partido que formam os SR's de esquerda, ao perceberem que os mencheviques e SR's se negam de fato a formar parte da coalizão, aceita compartilhar o poder com os bolcheviques, delegando alguns de seus membros ao Conselho de Comissários do Povo. Dos membros da oposição, Zinoviev é o primeiro a reconsiderar sua renúncia. No dia 21 de novembro escreve: "Nosso direito e nosso dever é advertir o partido de seus próprios erros. No entanto, permanecemos com o partido. Preferimos cometer erros com milhões de operários e soldados e morrer com eles do que nos separarmos deles na hora mais decisiva de nossa história. Não haverá, nem pode haver, uma divisão no partido"[118]. Kamenev, Miliutin, Rikov e Noguin seguem seu exemplo no dia 12 de dezembro, esperando um pouco mais de tempo antes de assumirem suas responsabilidades. Kamenev, substituído por Sverdlov na presidência do executivo dos soviets, será enviado à Europa Ocidental. O único a manter sua postura será Lozovski, que será finalmente expulso, fundando o efêmero Partido Socialista Operário.

116 BUNYAN, James, FISHER, Harold, *op. cit.*, p. 204.
117 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, tomo XXVI, p. 293.
118 *Pravda*, 21 de novembro de 1917, citado por SERGE, Victor, *L'an I de la révolution*, Paris, Librairie du Travail, 1930, pp. 104-105. Publicado em português pela Editora Boitempo como *O ano I da Revolução Russa*, São Paulo, 2007.

Não haverá crise nas fileiras do partido bolchevique quando surge a questão da assembleia constituinte, cuja maioria das cadeiras pertence aos SR's de direita, devido ao fato de que os candidatos foram definidos antes da divisão do partido. Bukharin propõe então a desautorização dos deputados direitistas e a proclamação de uma convenção revolucionária. Diante desta proposta, o Birô Político bolchevique manifesta certa vacilação. Entretanto, Lenin conseguirá impor facilmente seu ponto de vista. Em sua primeira sessão, a assembleia constituinte rechaça uma "Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado" que retomava o essencial das decisões do II Congresso dos Soviets, provando assim seu desejo de questionar tanto o novo poder soviético, quanto a própria revolução. A assembleia é então dissolvida pelos guardas vermelhos no dia 19 de janeiro. Nenhum bolchevique vai protestar contra a dissolução de uma assembleia, cuja eleição, em seu momento, fora uma das principais consignas de agitação empregadas pelo partido. As "Teses de abril" haviam triunfado de forma definitiva.

A fisionomia do partido vitorioso

O partido bolchevique terá que suportar a maior parte das responsabilidades do novo regime. Em todo o mundo, os especialistas se perguntam: Este governo de aventureiros vai perdurar? Lenin responde: "A burguesia só reconhece que um Estado é forte quando, fazendo o uso de todo o poder do aparato governamental, consegue mobilizar as massas no sentido desejado pelos burgueses. Nossa concepção de força é diferente. Para nós o que dá força a um Estado é a consciência das massas. O Estado é forte quando as massas sabem tudo, podem julgar qualquer coisa e atuam sempre com perfeita consciência"[119]. Os bolcheviques têm fé no futuro porque acreditam que são apenas a vanguarda da revolução mundial, mas também porque sabem que sua fusão com os elementos mais ativos da classe operária é tão absoluta que é impossível saber se foi o partido que os integrou ou se foram eles que se apoderaram do partido para convertê-lo em sua organização. Esta é a opinião que foi expressa já em julho por Volodarski nos seguintes termos: "Nas fábricas desfrutamos de uma influência formidável, ilimitada. O trabalho do partido é realizado principalmente pelos próprios operários. A organização foi montada a partir da base e esta é a razão que nos faz pensar que ela não será abalada"[120].

De fato, nenhum argumento é mais eficaz na hora de desmentir abertamente a lenda do partido bolchevique monolítico e burocratizado do que o relato destas lutas políticas, destes conflitos ideológicos, destas indisciplinas públicas que, definitivamente, nunca são punidas. São as massas revolucionárias que sancionam as decisões que, por sua vez, sua iniciativa tinha sugerido. Lenin, que no calor da discussão foi o primeiro a chamar Kamenev e Zinoviev de "covardes" e "desertores", uma vez supe-

119 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies, op. cit.*, tomo II, p. 150.
120 Citado por TROTSKI, Leon, *Histoire...*, tomo III, p. 364.

rada esta etapa, é igualmente o primeiro a manifestar veementemente seu desejo de conservá-los no partido, onde são necessários e onde cumprem um papel difícil de substituir. No fim de 1917, o partido tolera mais que nunca os desacordos e inclusive a indisciplina, na medida em que a paixão e a tensão das jornadas revolucionárias os justificam. Enquanto há um acordo sobre o mais fundamental, ou seja, sobre o objetivo, a realização da revolução socialista, um acordo sobre os meios para realizá-la não pode surgir a não ser da discussão e do convencimento.

Na realidade, a postura dos conciliadores, que tinha seu fundamento na antiga teoria das distintas etapas da revolução, só foi abandonada depois do triunfo das "Teses de abril". A ruptura com ela não poderia acontecer em poucas semanas, pelo menos na mente daqueles que a haviam desenvolvido, e esta é a explicação da atitude de Zinoviev e Kamenev. Certamente, baseando-se em seus escritos de novembro de 1917, é fácil sugerir, como faz Robert Daniels, que os adversários bolcheviques do monopólio bolchevique do poder haviam pressentido o perigo da degeneração de um partido que se confundisse com o Estado. Na realidade, é impossível ir além da afirmação de Deutscher: "A história haveria de justificar tal advertência, apesar de que, quando foi feita, não aparentava ter nenhuma base"[121].

Na realidade, nem Lenin, nem Trotski, nem os outros dirigentes bolcheviques previam ou desejavam, naquele período, um monopólio bolchevique do poder. Lenin havia feito um chamado para que se tentasse "a última chance de garantir um desenvolvimento pacífico da revolução, a pacífica eleição de seus deputados pelo povo, a luta pacífica dos partidos que participam dos soviets, o combate, na prática, entre os diferentes programas dos diferentes partidos e a pacífica transição do poder de um partido a outro"[122]. Imediatamente depois da revolução, o Comitê Central declara ainda: "Na Rússia foi conquistado o poder soviético e a passagem do governo de um partido soviético a outro será assegurada sem nenhuma revolução, pela simples renovação dos deputados nos soviets"[123]. Entretanto, naquele momento, os mencheviques haviam abandonado a sala de reuniões do II Congresso dos Soviets, onde se encontravam em completa minoria; os SR's e eles negavam-se a aceitar a oferta bolchevique de colaboração num governo dos soviets. Alguns contemplavam a luta armada ao lado dos chefes militares da oligarquia e dos exércitos dos países aliados, enquanto outros se preparavam para assumir posições acima da confusão reinante.

Se, anos mais tarde, os soviets acabaram reduzidos a uma mera casca vazia frente ao todo-poderoso aparato bolchevique, será porque, fundamentalmente, na época em que os soviets ainda eram organismos vivos, o partido bolchevique foi o único a defender seu poder, enquanto os mencheviques e os socialistas-revolucionários, leais oponentes ou colaboradores da república burguesa, se negaram a desempenhar seu papel na república soviética dos conselhos de operários, camponeses e soldados.

121 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 335.
122 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, *op. cit.*, tomo II, p. 150.
123 *Ibid.*, p. 282.

5

OS PRIMEIROS PASSOS DO REGIME SOVIÉTICO E A PAZ DE BREST-LITOVSKI

O isolamento em que ficam os bolcheviques em relação às outras tendências socialistas após a tomada do poder não é de modo algum um fato acidental. Os dirigentes SR's, que, durante sua permanência no poder, se mostraram incapazes de satisfazer as reivindicações das massas que figuravam em seu programa, assim como de romper com a burguesia e seus aliados, não estão dispostos a se submeter aos que pretendem empreender tais tarefas depois de seu fracasso. Os mencheviques, por sua vez, consideram então – e vão seguir considerando posteriormente – como uma loucura sanguinária a tomada do poder por um partido operário, quando, segundo eles, a Rússia só está madura para uma revolução burguesa e para uma república democrática. Nem por um momento nenhum destes pensou que diante do regime nascido de Outubro pudesse se abrir um futuro de esperanças. Assim como os partidos burgueses e os elementos oligárquicos, esperam pela derrubada inevitável do regime. Todos eles acham que é melhor acelerá-la, buscando assim o mal menor, isolando ao máximo os dirigentes bolcheviques. Os mencheviques mais próximos à revolução, e inclusive aqueles como o historiador Sukhanov, que se considera "um quarto bolchevique", acham que a ideia de construir um Estado socialista em um país atrasado é uma verdadeira utopia, mas, acima de tudo, pensam que o mais catastrófico é a destruição do antigo aparato de Estado, o que, nas condições de guerra e total desgraça econômica em que se encontra a Rússia, irá causar a destruição das forças produtivas essenciais ao país. Entretanto, enquanto Sukhanov não deseja isolar-se "das massas e da própria revolução" abandonando os soviets, a maioria dos dirigentes SR's e mencheviques, ao mesmo tempo em que resolvem lutar contra os bolcheviques "sem a burguesia, em nome da democracia", preferem antes romper seus vínculos com os soviets do que

os laços que os unem à burguesia internacional. Eles, que não compartilham das esperanças dos bolcheviques em uma revolução mundial, acreditam que o apoio dos aliados será indispensável para reconstruir uma Rússia burguesa e democrática quando este período turbulento terminar. Esta é a origem de sua fidelidade à aliança militar durante sua passagem pelo governo provisório, assim como da simpatia de muitos deles às insinuações dos aliados, que querem manter a Rússia em guerra custe o que custar. É por isso que vão apoiar, desde o dia seguinte à insurreição, os esforços para, em primeiro lugar, eliminar Lenin e Trotski durante a discussão sobre a coalizão e, mais tarde, defender a legitimidade da assembleia constituinte que será dissolvida em janeiro de 1918.

De fato, os bolcheviques, a partir de fevereiro, se limitam a encabeçar uma onda revolucionária que eles não haviam provocado, mais orientando-a do que dominando-a. Os mencheviques e os SR's, ao romper com eles, rompiam também com este movimento e corriam o risco imediato de virar prisioneiros das forças burguesas cujo apoio aceitavam. Por sua vez, os bolcheviques tinham a necessidade imperiosa de concretizar a vitória revolucionária satisfazendo as principais reivindicações das massas. Este será o objetivo dos grandes decretos do II Congresso dos Soviets. O decreto sobre a terra abole a propriedade privada no campo. "A terra não pode ser vendida, nem comprada, nem alugada, nem utilizada como garantia, nem alienada de qualquer maneira. A terra passa a ser propriedade da nação e seus frutos devem ser possuídos por aqueles que nela trabalham". A socialização da terra não constava no programa do partido bolchevique. Entretanto, foi implantada porque este era o desejo da imensa maioria dos camponeses. Tal medida estava presente no programa dos SR's e havia sido retomada pelos membros de sua ala esquerda, aliados dos bolcheviques no campo, concretizando, desta forma, a aliança dos camponeses com o poder soviético, o único capaz de pôr em prática suas reivindicações. Da mesma maneira, o decreto sobre o controle operário responde ao desejo dos trabalhadores de tomar em suas mãos a direção das fábricas, evitando assim um caos na produção industrial.

No entanto, a realização da parte mais substancial do programa da revolução, a reivindicação primordial das massas – a paz – era muito mais difícil. Era preciso assegurar o sucesso desta formidável insurreição: instaurar uma nova sociedade, organizar a energia revolucionária que emanava de milhões de homens, manter o funcionamento de uma economia seriamente abalada e enfrentar o perigo de uma contrarrevolução, armada ou não. No entanto, a guerra obrigava os bolcheviques a enfrentar essas imensas tarefas sob a ameaça do exército alemão, que avançava ao longo de um *front* de vários milhares de quilômetros. Assim, se não ocorresse um levante revolucionário nos países beligerantes, principalmente na Alemanha, a paz não poderia ser mais do que uma capitulação, que teria de ser aceita nas piores condições.

O isolamento político dos bolcheviques acarretava igualmente um endurecimento de sua autoridade em relação a todos aqueles que não aceitavam ainda a insurreição como um fato consumado. Trotski havia confiado a Sadoul seu desejo de chegar a uma coalizão autêntica. Caso contrário, afirmava, "para evitar novas ações antibolcheviques, será preciso exercer uma implacável repressão e o abismo se tornará ainda maior"[124]. Os bolcheviques, com plena consciência de todos estes perigos, se esforçaram em resistir, à espera do socorro que havia de chegar da Europa industrial e, principalmente, da Alemanha operária. "Não foi a nossa vontade, dirá Lenin, mas as circunstâncias históricas, a herança do regime czarista e a debilidade da burguesia russa as causas de que nosso destacamento tenha se antecipado aos outros destacamentos do proletariado industrial. Não queríamos, foram as circunstâncias que nos impuseram. Mas devemos permanecer em nosso posto até que nosso aliado, o proletariado internacional, nos acuda"[125]. Para "permanecer em seu posto", os bolcheviques não viam outro meio, a não ser intensificar e aprofundar a atividade das massas que os haviam levado ao poder. "Lembrem-se – dizia Lenin aos operários e camponeses russos – que, na atualidade, são vocês mesmos que dirigem o Estado: ninguém os ajudará se não permanecerem unidos, se impondo em todos os assuntos do Estado"[126].

O sistema soviético

O único sistema que, segundo Lenin, permite "a uma cozinheira dirigir o Estado" é o sistema dos soviets. Às vésperas da insurreição de outubro, os soviets estão em toda a parte, exercendo a totalidade ou parte importante do poder. A insurreição acontece em seu nome e o II Congresso Panrusso dos Soviets assim o ratifica, entregando, em todos os níveis, "o poder aos soviets". O verdadeiro sentido de tal medida fica claro com o chamado do Comitê Executivo de 4 (17) de novembro de 1917, que foi escrito por Lenin: "Os soviets locais podem, segundo as condições de lugar e tempo, modificar, expandir e completar os princípios básicos estabelecidos pelo governo. A iniciativa criadora das massas: este é o fator fundamental da nova sociedade. (...) O socialismo não é o resultado de decretos vindos de cima. O automatismo administrativo e burocrático é estranho a seu espírito, o socialismo vivo, criador, é obra das próprias massas populares"[127].

A forma dessa organização e os princípios nos quais se baseia serão publicados nas circulares do Conselho de Comissários do Povo e do Comissariado do Interior. A do dia 5 de janeiro de 1918 estipula: "Os soviets são, em todas as partes, os órgão da administração do poder local, devendo exercer seu controle sobre todas as

---

124 SADOUL, Jacques, *Notes sur la révolution bolchevique*, Paris, Horay, 1953, p. 69.
125 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 395.
126 *Ibid.*, tomo XXVI, p. 311.
127 *Ibid.*, tomo XXVI, p. 300.

instituições de caráter administrativo, econômico, financeiro e cultural. (...) Todo o território deve ser coberto por uma rede de soviets, estreitamente conectados uns aos outros. Cada uma destas organizações, inclusive as menores, é plenamente autônoma nas questões de caráter local, mas deve adaptar suas atividades aos decretos gerais e às resoluções do poder central e das organizações soviéticas mais elevadas. Desta forma, se estabelece uma organização coerente com a república soviética, uniforme em todas as suas partes"[128]. A Constituição soviética de 1918 retomará este esquema em seu artigo 10, ao afirmar que "toda a autoridade no território da RSFSR[129] se encontra nas mãos da população trabalhadora, organizada em seus soviets urbanos ou rurais"; no artigo 11: "a autoridade suprema (...) se encontra nas mãos do Congresso Panrusso dos Soviets e, nos intervalos entre os congressos, nas do seu Comitê Executivo"[130].

Os soviets são organismos que, na medida do possível, reúnem os trabalhadores em seus próprios locais de trabalho, no marco de sua vida social. De fato, somente os soviets rurais são realmente órgãos de democracia direta: eles são assembleias gerais nas quais os membros podem prescindir da eleição de delegados, discutindo entre eles e tomando decisões a respeito de seus problemas. Durante certo tempo, serão os únicos a receber a denominação de soviets, pois os conselhos de delegados eleitos serão conhecidos como *sovdeps*[131]. Os representantes dos soviets camponeses integram o soviet do distrito, e os delegados do distrito, por sua vez, fazem parte do soviet da comarca, da mesma forma que os soviets de fábrica e de bairro integram os soviets das cidades. Neste nível estão os soviets operários e camponeses: o congresso de comarca rural e o congresso das cidades (urbano) se integram num congresso provincial, que é representado no nível superior por diferentes congressos regionais que nomeiam seus representantes ao congresso panrusso dos soviets, ao qual os soviets das grandes cidades delegam diretamente seus representantes.

O direito de voto para os soviets não é nem "universal" nem "igualitário": a ditadura do proletariado é exercida unicamente pelos proletários; não possuem direito de voto os homens e mulheres que empregam trabalho assalariado, nem aqueles que não vivem de seu trabalho, quer dizer, os homens de negócios, os padres e os monges. Entretanto, em relação à concepção supostamente "leninista" de ditadura do proletariado, que foi amplamente difundida nos anos posteriores, é interessante recordar a posição que manteve Lenin em 1918: "Hoje convém afirmar que a restrição do direito eleitoral é um problema particular de cada nação (...). Seria um erro afirmar de antemão que todas ou a maioria das futuras revoluções proletárias na Europa vão ter que restringir obrigatoriamente os di-

128 Citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, pp. 274-275.
129 RSFSR: República Socialista Federativa Soviética Russa (N. do E.).
130 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, p. 149.
131 Em russo, abreviação para "conselhos de deputados" (N. do E.).

reitos eleitorais da burguesia"[132]. A representação dos operários é maior que a dos camponeses. Os soviets rurais têm um deputado para cada cem habitantes com o mínimo de três e o máximo de cinquenta; os soviets de comarca têm um deputado para cada mil habitantes ou dez membros do soviet local; e os provinciais, um para cada 10 mil eleitores ou cem deputados. No entanto, no congresso regional, há um deputado para cada 25 mil eleitores rurais e um para cada cinco mil eleitores urbanos. Nos congressos panrussos se dá a mesma proporção: os operários contam com um deputado para cada 25 mil eleitores, enquanto os camponeses só têm um para cada 125 mil. Este é o resultado prático das condições da fusão entre o congresso dos soviets operários e o dos soviets camponeses: os bolcheviques defendem esta desigualdade com o argumento da necessidade de que a classe operária desfrute, dadas as condições russas daquela época, de uma hegemonia, negando-se ao mesmo tempo a elevar esta prática à qualidade de princípio universal.

Além desta, existem poucas normas gerais, exceto o princípio fundamental da revogabilidade dos mandatos; a este respeito Lenin declara: "Toda formalidade burocrática, assim como qualquer tipo de limitação, desaparecem das eleições, as próprias massas determinam a forma e o ritmo das eleições com o pleno direito de revogar seus representantes"[133]. No entanto, se fixa a duração do mandato dos soviets locais em três meses, estabelecendo-se, ao mesmo tempo, como princípio, a reunião do Congresso Panrusso dos Soviets para pelo menos duas vezes ao ano.

O funcionamento

Não existe nenhum estudo sobre o funcionamento dos primeiros soviets, com a exceção do excelente esboço de Oskar Anweiler. No entanto, podemos afirmar que, nos meses que se seguiram à insurreição de outubro, os soviets estenderam rapidamente sua autoridade ao conjunto do território, substituindo as câmaras municipais, dos quais 8,1% foram dissolvidos, em dezembro, 45,2% em janeiro de 1918, 32,2% em fevereiro e o restante entre março e maio do mesmo ano[134]. Na maior parte das cidades, principalmente nas maiores, uma parte do aparato administrativo municipal continua funcionando sob o controle do soviet. Os soviets intermediários, de comarca e de distrito, que desempenharam um importante papel na extensão da rede soviética, vão em breve cessar sua atividade. Vários soviets locais se comportam como verdadeiros governos independentes, proclamando minúsculas repúblicas soviéticas que contam com seu próprio Conselho de Comissários do Povo. É a concretização do Estado-comuna ou, pelo contrário, uma demonstração das insuficiências do novo Estado proletário? Em todo caso, Lenin,

132 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 450.
133 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, p. 148.
134 ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 276.

antes do início da guerra civil, insistirá em afirmar que esta dispersão é necessária: "Nessa aspiração ao separatismo existia algo de são, de proveitoso, na medida em que se tratava de uma aspiração criadora"[135].

O estabelecimento do poder central e seu funcionamento vão se chocar com outras dificuldades e enfrentarão novos desafios. Os comissários do povo vão encontrar os prédios dos ministérios desertos ou revirados, e vão encarar todo tipo de obstáculos, desde a falta da chave para entrar no lugar de despacho, até a greve dos funcionários. Os primeiros serviços da maioria dos comissariados são improvisados por militares, utilizando destacamentos revolucionários de militantes operários ou soldados: desta forma, os marinheiros ligados ao marujo Markin organizam para Trotski o Comissariado de Assuntos Estrangeiros, enquanto o do Trabalho é posto em funcionamento para Shliapnikov pelos metalúrgicos do sindicato. Quando os bandos de pilhagem penetram nas adegas das mansões e hotéis aristocráticos para apropriar-se dos vinhos e da vodka, são os grupos de intervenção integrados por operários ou marinheiros, bolcheviques ou anarquistas, que os reprimem e destroem os estoques da "vodka que adormece o povo". Os primeiros ataques contrarrevolucionários em Petrogrado se enfrentam com grupos armados deste tipo; os responsáveis, quando vencidos, são acusados perante assembleias reunidas espontaneamente, autênticos tribunais integrados por operários voluntários ou eleitos.

Durante alguns dias, esta vanguarda operária constitui a única força verdadeiramente organizada a serviço de um governo cuja existência vai se definindo muito gradualmente. O congresso panrusso vai reunir-se três vezes em seis meses e, entre suas reuniões, sua autoridade é exercida pelo Comitê Executivo que é eleito. Entretanto, este último conta com mais de duzentos membros, o que o converte num organismo muito grande para um poder executivo: é por isso que são designados os comissários do povo, cujo conselho formará o verdadeiro governo. Cada comissário tem ao seu redor um "colegiado" de cinco membros do Comitê Executivo que têm o direito de apelar de suas decisões perante o Conselho de Comissários do Povo ou mesmo o Comitê Executivo. Os conflitos se multiplicam neste período, já que os comissários do povo tendem, pressionados pela necessidade, a atuar sem esperar pela aprovação do Comitê Executivo, e acabarão ditando leis, direito que, a princípio, não lhes havia sido atribuído, mas que também não fora proibido, e que eles acabarão preservando.

Os partidos e a democracia soviética

Os soviets, em todos os níveis, contam evidentemente com membros de diferentes partidos. O fato de que as eleições aconteçam quase sempre por votação pública exclui, até certo ponto, os representantes das organizações de direita a

135 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVIII, p. 30.

princípio e, posteriormente, dos pertencentes a todos os grupos que reivindicam a autoridade da assembleia constituinte. Entretanto, o Comitê Executivo eleito no III Congresso é composto ainda por sete SR's de direita, além de 125 SR's de esquerda e 160 bolcheviques.

Os SR's de esquerda provinham da tendência do velho partido encabeçada por Natanson e Spiridonova, que, durante a guerra, rechaçaram a política de união sagrada. No congresso de maio de 1917, haviam apresentado sua própria plataforma, pronunciando-se a favor da ruptura de todo o tipo de aliança com os partidos burgueses, e pela criação de um governo verdadeiramente socialista, pela paz imediata e pela socialização da terra. Foram expulsos pela direção de seu partido ao negarem-se a obedecer aos dirigentes que, em sinal de protesto, haviam abandonado a sala em que se celebrava a sessão do II Congresso (que acabava de aprovar a insurreição de outubro), constituindo-se neste período como partido independente e conseguindo, como vimos, uma representação no governo. Pertencem à maioria e contam com 284 delegados no IV Congresso e com 470 no V Congresso, de um total de 1.425 delegados. Mesmo depois de sua saída do governo, ocupam postos importantes no novo Estado, no exército e na Cheka – polícia especial destinada à repressão de atividades contrarrevolucionárias. Seus porta-vozes são Katz (Kamkov), Karelin e principalmente a respeitada Maria Spiridonova, lendária terrorista e defensora da revolução camponesa; suas atividades consistem em atacar os dirigentes bolcheviques com críticas muitas vezes violentas. Desde a insurreição de outubro até o começo da guerra civil, sua imprensa é publicada com total liberdade.

Os mencheviques subsistem igualmente. Uma fração dos internacionalistas permaneceu no congresso dos soviets, apesar da saída da maior parte dos delegados de seu partido. A reunificação entre os internacionalistas de Martov e o partido de Dan acontece em março de 1918 e a ela se segue um congresso que acontece em maio. Até maio de 1918 existe um órgão central dos mencheviques, *Novi Luch* (Novo raio de luz); também aparece nas ruas um novo *Vperiod*, que é agora o jornal do grupo de Martov, além de algumas publicações diárias ou periódicas. Entretanto, os mencheviques vão reclamar de sofrer interdições, proibições e detenções arbitrárias. Estas devem ser atribuídas mais a circunstâncias e iniciativas locais do que a uma política repressiva de conjunto, ainda que uma importante fração dos mencheviques continue declarando-se partidária de uma intervenção estrangeira e que a maioria insista em sua fidelidade à assembleia constituinte.

Tanto antes como depois de Outubro, os anarquistas desempenharam um importante papel. Sua influência é considerável entre os marinheiros da frota do Báltico e certos regimentos, moscovitas principalmente, foram ganhos para sua causa. Subdividem-se em um grande número de grupos. Alguns deles, ao mesmo tempo em que condenam a insurreição por ter dado origem a um novo "poder",

aceitam defender a autoridade dos soviets, enquanto outros a criticam ferozmente. No geral, estão de acordo com os bolcheviques no momento da dissolução da assembleia constituinte, cuja liquidação expressa será proclamada precisamente por um deles, o marinheiro Zhelezniak[136]. No início de 1918 contam com suas próprias sedes, sua organização, seus jornais, sua milícia ou guarda negra e seus rebeldes incontroláveis, que são acusados de banditismo e pilhagem. No executivo, seu porta-voz é Alexander Gay, que confidencia a Sadoul seu propósito de "cavar a tumba dos bolcheviques"[137]. Em abril, a Cheka inicia uma vasta operação contra eles, monitora suas sedes e faz centenas de prisões. A guarda negra é dissolvida. Oficialmente, esta depuração tem o objetivo de acabar com os elementos problemáticos que se infiltraram em suas fileiras; ela também se deve a uma queixa feita pelo coronel Robins, representante informal dos EUA. No entanto, a maioria das detenções não é definitiva, os militantes conhecidos são liberados e, mesmo sendo desarmados, conservam suas sedes e jornais. De fato, vários militantes anarquistas são fortemente pelo bolchevismo no início da revolução, reconciliando-se com a concepção de Lenin sobre o Estado e com o Estado formado pelos soviets: o russo-americano Krasnochekhov e o franco-russo Kibalchich, de pseudônimo Victor Serge, se unem ao partido bolchevique; outros, sem chegar a se filiar, colaborarão bem de perto. Este é o caso do ex-presidiário Sandomirski e de seu companheiro Novomirski, do anarcosindicalista Alexander Schapiro e, principalmente, do antigo líder da federação sindical revolucionária americana Industrial Workers of the World, o russo-americano Bill Chatov, que será um dos fundadores da República Soviética do Extremo Oriente e do Exército Vermelho. O próprio Gay participará da guerra civil junto das tropas vermelhas, sendo fuzilado pelos brancos em 1919.

Assim funciona no marco dos soviets, em que pesem as dificuldades, um regime pluripartidarista com seu corolário inevitável de conflitos ideológicos, batalhas retóricas e polêmicas nos jornais. O leitor russo pode, inclusive, seguir as atas dos debates do executivo, onde se enfrentam os líderes dos diferentes partidos: Lev Sosnovski, porta-voz da fração bolchevique, e Bukharin, que é um dos oradores governamentais de maior audiência, Gay, Martov, Karelin e Spiridonova, sob a autoritária condução dos trabalhos por Sverdlov, presidente de potente voz e cujo apelido é "cala-bocas". Para os bolcheviques, isto representa um êxito indiscutível, pois, desta forma, seu isolamento deixa de ser total e constitui a prova de que sua

---

136 O episódio da dissolução da assembleia constituinte (que ocorreu no primeiro dia de seu funcionamento) ficou famoso, entre outras coisas, por sua forma um pouco cômica. Já de madrugada, depois de várias horas de debates sobre se a assembleia constituinte deveria ou não reconhecer os principais decretos do recém-criado governo dos soviets, o marujo anarquista Zhelezniak, responsável pela segurança do prédio e irritado com a inutilidade de toda aquela discussão, entrou na sala onde os deputados estavam reunidos e anunciou: "O pessoal da segurança cansou. Vão para as suas casas". Depois disso, os deputados constituintes nunca mais se reuniram. Com estas duas frases e sem nenhum tiro ou violência, foi encerrada a era da democracia burguesa da Rússia (N. do E.).

137 SADOUL, Jacques, *op. cit.*, p. 296.

influência não diminui, já que, depois da vitória, é possível descartar medidas repressivas que, em sua precária situação, talvez tivessem sido aconselháveis.

No entanto, neste quadro de conjunto vão surgir inumeráveis dificuldades, em particular no que se refere à liberdade de imprensa. Os bolcheviques não têm a este respeito nenhuma postura abstrata. Assim expõe claramente Trotski ao soviet de Petrogrado: "Todo homem que conte com um capital tem direito, ao contar com meios suficientes, de abrir uma fábrica, um bar, um bordel ou um jornal de seu gosto particular (...). Mas, por acaso os milhões de camponeses, operários e soldados desfrutam de tal liberdade de imprensa? Eles não contam com a condição essencial da liberdade, quer dizer, com os meios reais e autênticos necessários para a publicação de um jornal"[138]. Propõe então a nacionalização das gráficas e das fábricas de papel, assim como a possibilidade de oferecer facilidades de impressão aos partidos e grupos operários com influência real. Neste sentido, Lenin escreve um projeto em que reconhece a toda agrupação que represente pelo menos dez mil operários o direito de editar um jornal, garantindo-se inclusive os fundos necessários para seu financiamento[139]. Nenhum desses projetos chegará a ser realizado e, de fato, as únicas medidas tomadas foram medidas repressivas. No entanto, as primeiras proibições de jornais que conclamavam ao apoio armado da causa da assembleia constituinte contra o governo soviético causaram grandes protestos nas fileiras revolucionárias. O governo se encontra, de fato, pressionado por necessidades contraditórias: a de autorizar a manifestação de uma oposição que considera legítima e inclusive necessária e, por outro lado, a de impedir que o adversário utilize a imprensa como uma arma, que é, com razão, temida, dada a situação russa, na qual rumores e boatos alarmistas podem proporcionar aos provocadores um terreno fértil. Nada reflete esta dupla preocupação melhor do que o chamado emitido por Volodarski, comissário do povo da Informação, na *Krasnaia gazeta* (Gazeta vermelha) de Petrogrado: "A liberdade de criticar os atos de poder dos soviets, a liberdade de agitação em benefício de outro tipo de poder – tal liberdade será dada a nossos adversários. Se estes entenderem isto, garantiremos a liberdade de imprensa. Mas devem renunciar às notícias falsas, à mentira e à calúnia"[140]. O próprio Volodarski é morto em 21 de junho, vítima das balas dos terroristas SR's, os mesmos aos quais oferecera a liberdade de expressão sob a condição de renunciarem à violência verbal.

Neste período a situação piora muito. Desde março, se agrava a escassez de alimentos, os efeitos da fome surgem em toda a parte, deixando, segundo a expressão de Kaiurov "as cidades famintas cara a cara com cem milhões de camponeses hostis"[141] que começam a rebelar-se contra as requisições de grãos. Os agentes dos

---

138 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 337.
139 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVIII, p. 30.
140 *Citado* por SERGE, Victor, *L'An I...*, *op. cit.*, p. 273.
141 *Ibid.*, p. 252.

aliados, ou seja, os generais czaristas, preparam o contra-ataque armado. Além disso, o problema da paz divide profundamente a maioria soviética, colocando os SR's de esquerda contra os bolcheviques e fracionando os próprios bolcheviques; o tratado de Brest-Litovski vai sancionar de uma só vez a perda de uma parte importante do território russo. A guerra e a necessidade de terminá-la rapidamente servem para sacodir profundamente os elementos básicos do problema da democracia soviética.

O Comitê Central e o problema da paz

As "Teses de abril" haviam tratado o problema da paz conforme as perspectivas de Lenin e Trotski sobre a revolução europeia: a guerra só poderia ser concluída com uma paz democrática caso o poder do Estado passe, em todos os países beligerantes, às mãos do proletariado. Lenin e Trotski afirmam em diferentes ocasiões que a revolução russa não poderia sobreviver sem a vitória da revolução europeia. Este é, pois, o enfoque que deve ser usado para compreender as propostas de paz que foram feitas a todos os países beligerantes e que são seguidas de um imenso esforço para chegar às massas mediante a propaganda revolucionária e a confraternização. No entanto, durante as semanas posteriores à vitória de Outubro, não ocorre nenhum movimento revolucionário na Europa. Para o governo bolchevique, a paz se converte numa necessidade absoluta, tanto para satisfazer o exército e os camponeses, como para ganhar tempo enquanto se espera a revolução europeia.

A manobra é delicada: é preciso, simultaneamente, negociar com os governos burgueses e lutar politicamente contra eles, quer dizer, utilizar as negociações como uma plataforma de propaganda revolucionária. Deve ser evitada qualquer aparência de acordo com um ou outro dos clãs imperialistas, tratando, no entanto, de evitar que a Rússia revolucionária arque com as consequências de uma paz política entre os imperialistas, que lhes permitiria evitar a revolução que os ameaça internamente. As negociações do armistício se iniciam em Brest-Litovski em novembro de 1917 entre uma delegação alemã e uma delegação russa, pois os aliados se negaram a participar destas negociações. O armistício, que se firma no dia 2 de dezembro, estabelece um *status quo* territorial (com o exército russo e o alemão mantendo suas respectivas posições) e proporciona à delegação russa uma importante satisfação moral: as tropas alemãs da frente russa não serão transferidas à frente ocidental, se organizam "boas relações" entre os soldados russos e alemães, e são oferecidas condições ótimas para a confraternização e o desenvolvimento de propaganda revolucionária.

Nas conversações de paz que começam no dia 22 de dezembro, Trotski encabeça a delegação russa, convertendo-se, com tal encargo, no advogado de todos os povos ao enfrentar-se com a diplomacia imperialista, e utilizando-o igualmente para ganhar tempo e para desmascarar a política alemã. Contudo, no dia 5 de ja-

neiro, o general Hoffmann joga sua carta: Polônia, Lituânia, Bielorrússia e metade da Letônia devem permanecer ocupadas pelo exército alemão. Os russos ficam com o prazo de dez dias para responder sim ou não. Devem ceder ao machado que ameaça decapitá-los? Tem condições de resistir, como sempre haviam afirmado que fariam em tais condições, declarando uma "guerra revolucionária"? Nem Lenin, que defende a primeira destas posturas, nem Bukharin, partidário da segunda, conseguem maioria no Comitê Central, que, ao final, decide seguir Trotski por nove votos a sete. A resolução aprovada consiste em colocar fim à guerra sem assinar a paz. Trotski informará à delegação alemã que "a Rússia, ao mesmo tempo em que se nega a assinar uma paz com anexações, declara o fim da guerra". Os delegados russos abandonam Brest-Litovski. Por sua vez, a Alemanha, que acaba de assinar um tratado de paz com um governo fantoche da Ucrânia, comunica que considera a atitude russa como uma ruptura do armistício. No dia 17, os alemães lançam uma ofensiva em toda a frente. Lenin propõe ao Comitê Central voltar a empreender as conversações de paz. Sua moção é derrotada por 6 votos contra 5. Frente a ele, Bukharin e Trotski impuseram a decisão de "retardar o começo de novas negociações de paz até que a ofensiva alemã seja suficientemente clara e se revele sua influência sobre o movimento operário"[142]. Lenin considera que estas são frases ocas e que, de fato, a maioria do Comitê Central foge de suas responsabilidades. Questiona então o que será feito se o exército alemão continuar avançando e a revolução não acontecer na Alemanha: desta vez, o Comitê Central opina, por seis votos contra um (o de Yoffe) e quatro abstenções, que devem ser empreendidas novas negociações. Nesta votação Trotski se une a Lenin. No dia 18, o Comitê Central deve reunir-se mais uma vez, pois o avanço alemão é muito rápido na Ucrânia. Lenin propõe reiniciar as negociações partindo das propostas que a delegação russa se negou a aceitar anteriormente: de novo é seguido por Trotski e a moção é aprovada por sete votos contra cinco. O governo, então, entrará novamente em contato com o estado-maior alemão, cuja resposta chega no dia 23 de fevereiro. As condições pioraram: desta vez se exige a evacuação da Ucrânia, Livônia e Estônia. A Rússia será privada de 27% de sua superfície cultivável, de 23% de suas vias férreas e de 75% de sua produção de aço e ferro[143].

O Comitê Central volta a iniciar a discussão: Bukharin exige que se rechacem as condições alemãs e que se inicie a resistência, quer dizer, a "guerra revolucionária". Lenin solicita que se coloque fim ao "palavreado revolucionário" e ameaça mais uma vez renunciar caso o Comitê Central não adote sua posição. Stalin propõe, como mediação, que se voltem a empreender negociações. Lenin exige então que o Comitê Central se pronuncie de forma definitiva sobre a aceitação ou o rechaço imediatos das condições alemãs, defendendo, por sua vez, a aceitação de tais

142 BUNYAN, James, FISHER, Harold, *op. cit.*, pp. 510-511.
143 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 186.

condições, no que será apoiado por 7 votos contra 4. Trotski não está convencido, mas se nega a correr o risco de iniciar uma guerra revolucionária sem Lenin à frente do governo. No mesmo dia, o Comitê Executivo dos Soviets aprova a resolução do Comitê Central, que é defendida pelos bolcheviques por 116 votos contra 84, com a abstenção de um grande número de deputados mencheviques. O tratado que mutila a Rússia é assinado no dia 3 de março de 1918 em Brest-Litovski. Até o último momento foram consideradas todas as possibilidades, inclusive as ofertas de ajuda material e militar comunicadas pelos embaixadores dos países aliados: por outro lado, sobre este ponto, os mesmos agrupamentos no Comitê Central que são partidários da "guerra revolucionária" votam pelo rechaço da ajuda aliada. Em oposição a eles se encontra Trotski, que é favorável à aceitá-la se for o caso, e conta com o apoio de Lenin, cujo voto é a favor de "receber batatas e munições dos bandidos imperialistas"[144].

O partido à beira da divisão

A polêmica sobre o tratado de Brest-Litovski quase provocou uma ruptura no partido. Após a decisão do Comitê Central, um grupo de dirigentes, entre os quais se encontram Bukharin, Bubnov, Uritski, Piatakov e Vladimir Smirnov, se demitem de todas suas funções e reivindicam liberdade de agitação dentro e fora do partido. O Birô Regional de Moscou declara que deixou de reconhecer a autoridade do Comitê Central até que aconteça um congresso extraordinário e a convocatória de novas eleições. Com base em uma proposta de Trotski, o Comitê Central vota uma resolução que garante à oposição o direito de expressar-se livremente no partido. O órgão moscovita do partido, o *Sotsial-Demokrat*, inicia uma campanha contra a aceitação do tratado no dia 2 de fevereiro. A República Soviética da Sibéria se nega a reconhecer a validade e permanece em estado de guerra com a Alemanha.

No dia 4 de março, o comitê do partido em Petrogrado publica o primeiro número de um diário, o *Kommunist* (O comunista), cuja redação é formada por Bukharin, Karl Radek e Uritski, e que será posteriormente o órgão público da oposição dos que desde então serão chamados de "comunistas de esquerda". Esta iniciativa, que coincide com a celebração do congresso que foi exigido pela oposição e no qual suas teses são derrotadas, parece indicar sua determinação de seguir o caminho da ruptura, com a criação de um partido rival daquele que, desta vez por unanimidade, acaba de adotar o nome de "Partido Comunista".

De fato, os "comunistas de esquerda" propõem uma política completamente oposta à de Lenin. A brutal queda da produção industrial obrigou o Conselho de Comissários do Povo a restringir o alcance das iniciativas empreendidas pelos operários nas fábricas onde se iniciava o "controle operário". Primeiro no Comitê Central e mais tarde no congresso, Lenin promove a adoção de uma série de medi-

144 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo III, p. 146.

das enérgicas para deter a desorganização da indústria: a manutenção, pelo maior tempo possível, da administração capitalista das empresas, a oferta de concessões que assegurem os serviços dos especialistas e técnicos burgueses, o restabelecimento da direção e da administração por uma só pessoa e, por fim, o estímulo da produtividade operária mediante um sistema de premiação controlado pelos sindicatos. Lenin não esconde que, em sua opinião, o controle operário não é mais que um recurso emergencial, a ser utilizado enquanto não seja possível organizar um controle estatal. Para os comunistas de esquerda, essas medidas são um retrocesso da revolução. Segundo Bukharin, o partido se encontra em uma fase decisiva de sua história: ou a revolução russa encara a luta, sem acordos de nenhum tipo, contra o mundo capitalista mediante uma "guerra revolucionária", ao mesmo tempo em que completa sua obra no interior do Estado russo através de uma nacionalização total e da delegação da direção da economia a um organismo que represente os comitês de controle[145], ou firma a paz com a Alemanha e segue a via dos pactos externos e da degeneração interna.

Lenin afirma a necessidade de um período de "capitalismo de Estado" que restabeleça a economia; os comunistas de esquerda denunciam a aparição de relações "pequeno-burguesas" nas empresas e condenam a concepção "centralista burocrática" que as inspira, assim como o abandono, na prática, da tese do "Estado-comuna, administrado de baixo para cima" que deveria constituir a base do Estado operário. Bukharin fala então com ironia sobre a presença, agora obrigatória, de um "comissário" ao lado de cada uma daquelas cozinheiras chamadas a dirigir o Estado.

Lenin combate esta acusação com uma análise da situação "extraordinariamente penosa, difícil e perigosa do ponto de vista internacional; [que obriga a] contornar, retroceder; se trata de um compasso de espera de novas explosões revolucionárias que amadurecem penosamente no Ocidente; no interior da Rússia, trata-se de um período de lenta edificação, de inflexíveis chamados à ordem, um longo e difícil enfrentamento entre o rigoroso espírito de disciplina proletário com o elemento ameaçador da anarquia e da apatia pequeno-burguês"[146].

Nesta polêmica podem ser vistos, como afirma Robert V. Daniels, os germens dos futuros conflitos, o enfrentamento entre o aspecto realista e o utópico do bolchevismo? Ao contrário, sublinhamos, de acordo com E. H. Carr, que a discussão termina com a vitória de um princípio sobre o outro, pois não são princípios que se discutem. Certamente, Bukharin e seus companheiros temem que a aceitação da paz com a ameaça de um machado na garganta, signifique um abandono da política de revolução internacional e constitua, de um certo modo, um prólogo de uma espécie de linha de coexistência pacífica que somente poderia desembocar na

145 O autor se refere aqui aos comitês de fábrica, responsáveis pela aplicação do controle operário (N. do E.).

146 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 405.

degeneração da revolução. No entanto, Lenin não abandona a perspectiva de uma revolução europeia: "É rigorosamente correta a afirmação de que sem a revolução alemã pereceremos", proclama[147]. Se nega a admitir a análise de Riazanov, que afirma que o partido se encontra no dilema de estar "com as massas camponesas ou com o proletariado da Europa Ocidental". Ele busca uma paz imediata que seria a condição indispensável para o apoio camponês e para a trégua, a ser feita à espera de reforços: "Seria um erro basear a tática do governo socialista da Rússia na tentativa de determinar se a revolução socialista vai eclodir ou não na Europa, e principalmente na Alemanha, durante os próximos seis meses"[148]. Lenin mantém também a posição de que "a revolução socialista deve ocorrer e ocorrerá de fato na Europa", afirmando novamente: "Todas as nossas esperanças na vitória definitiva do socialismo estão baseadas nesta certeza, nesta previsão científica"[149].

O restabelecimento da coesão

O partido vai restabelecer sua coesão durante os meses seguintes. A este respeito, a atitude de Trotski é decisiva. "Na atualidade, não haveria golpe mais grave para a causa do socialismo do que aquele que seria infligido com a divisão do poder soviético na Rússia"[150], declarou no Comitê Central. Esta preocupação em preservar as chances da revolução europeia, que é, afinal, a sua própria, e o forte respeito que mantém por Lenin são as principais motivações de sua atitude no Comitê Central e no congresso de março de 1918; em ambos organismos Trotski mantém suas reservas e suas críticas, mas multiplica igualmente seus esforços para impedir a cristalização de divergências. É ele que convence Yoffe e Dzerzhinski a não seguirem Bukharin em sua oposição pública e, ao mesmo tempo, quem oferece a este último, a fim de preservá-lo, total liberdade de expressão dentro do partido. Neste esforço de síntese pela democracia interna na perspectiva da revolução mundial, ele é, após ter evitado o racha, o principal agente da nova coesão.

Bukharin, que durante muito tempo parecia estar disposto a tudo, vacila. Criar um novo partido comunista e empreender uma luta contra a organização dirigida por Lenin, com a perspectiva de substituí-lo na direção revolucionária, não parece sensato. Também os comunistas de esquerda temem uma divisão que traz riscos consideráveis e sobre a qual teriam grande responsabilidade. O *Kommunist*, que havia sido transferido para Moscou, interrompe sua aparição diária e se converte em um semanário. No partido, a discussão não parece ser favorável à oposição. A partir de maio, esta perde a maioria em Moscou e na região dos Urais, dirigida por Preobrazhenski. Por acaso os comunistas de esquerda chegaram a considerar

147 *Ibid.*, p. 353.
148 *Ibid.*, p. 317.
149 *Ibid.*
150 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo III, p. 56.

uma possível aliança "parlamentar" com os SR's de esquerda, inimigos como eles do tratado, no Comitê Executivo dos Soviets? Parece que esta aliança lhes foi efetivamente proposta: uma pacífica mudança na maioria dentro do executivo teria, desta forma, provocado a substituição do governo de Lenin por um governo de Piatakov, partidário da guerra revolucionária. Bukharin, que posteriormente revelará estas conversações, deixa claro que os comunistas de esquerda rechaçaram as ofertas dos SR's de esquerda.

A atitude destes últimos será, precisamente, o que impulsionará a decisão da volta da oposição ao partido. Em julho, os SR's decidem iniciar uma campanha terrorista com o objetivo de impulsionar as hostilidades contra a Alemanha. Por ordem de seu Comitê Central, um grupo de SR's de esquerda, que conta com o jovem Blumkin, membro da Cheka, realiza com sucesso um atentado contra a vida do embaixador da Alemanha, o conde von Mirbach. Outros SR's de esquerda, que também pertencem à Cheka, prendem os dirigentes comunistas e tentam provocar um levante em Moscou. Os comunistas de esquerda, com Bukharin à frente, participarão da repressão a esse levante. Desta maneira, os debates do congresso dos soviets mostram o abismo que se abria entre os SR's de esquerda e os bolcheviques. Os comunistas de esquerda decidem permanecer no partido, pois, num momento de perigo, não há alternativa. Definitivamente, a crise do partido serviu para reforçar sua coesão. Lenin ratifica mais uma vez o direito que possuem seus oponentes de abandonar o partido, escrevendo no *Pravda* do dia 28 de fevereiro: "É perfeitamente natural que alguns camaradas que se opuseram ao Comitê Central o condenem não menos energicamente e expressem sua convicção de que a divisão é inevitável. Este é o direito mais elementar dos membros do partido"[151]

Um ano mais tarde, no dia 13 de março de 1919, dirá: "A luta que se originou em nosso partido no ano passado foi extraordinariamente positiva; suscitou diversos choques sérios, mas não há luta que não o faça"[152]. No momento dessa declaração, já se passaram dez meses desde que os membros da oposição se reintegraram às suas funções dentro do partido e lutam junto a ele em todas as frentes. A guerra civil, que se iniciou no dia 25 de maio de 1918 com o ataque da Legião Tchecoslovaca, vai durar trinta meses, esgotando o país e absorvendo todas as forças dos revolucionários. O mundo capitalista sustenta os exércitos brancos; para Lenin, como para os bolcheviques, a guerra civil é a manifestação da luta internacional em que se enfrentam o velho mundo e a vanguarda dos Estados Unidos Socialistas da Europa, que Trotski, segundo John Reed, considerava estar na ordem do dia e que figurava no programa da Internacional Comunista.

---

151 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 63.
152 *Ibid.*, tomo XXIX, p. 71.

6

A GUERRA CIVIL E O COMUNISMO DE GUERRA

A guerra civil começa com o levante da Legião Tchecoslovaca em maio de 1918 e se propaga rapidamente. Os 50 mil tchecos e seus comandantes franceses que integram a Legião constituem uma tropa formidável, à qual que se somam ainda um número importante de voluntários russos. Marcham do oeste ocupando sucessivamente Cheliabinsk e Omsk, até alcançar o Rio Volga, na Rússia central. O êxito de sua incursão parece convencer os aliados a intervir de forma combinada: tropas franco-inglesas desembarcam em Murmansk no início de junho e, posteriormente, fazem o mesmo em Arkhangel, onde enviarão 12 mil soldados que oficialmente têm a missão de "proteger" a região contra um ataque alemão. No entanto, enquanto os *partisans* ucranianos, organizados pelos bolcheviques Piatakov, Evguenia Bosch e Kotziubinski, perseguem as tropas alemãs na Ucrânia, os aliados vão desembarcar 100 mil homens em Vladivostok, em agosto, sob o pretexto de apoiar os tchecos. No sul, o general monarquista Denikin mobiliza um exército de voluntários, equipado com armas e munição pelo governo britânico, que vai também enviar uma missão militar. Em setembro ocorre o primeiro triunfo soviético: Trotski, liderando o 5º Exército Vermelho, derrota os tchecos e reconquista Kazan.

A partir de novembro de 1918, os alemães serão, a princípio, eliminados; entretanto, os aliados vão substituí-los, invadindo pelas áreas desguarnecidas no Báltico e nos Dardanelos. Enquanto isso, nas tropas dos brancos, os elementos monarquistas e reacionários vão descartar os mencheviques e SR's; no dia 18 de novembro, o almirante Kolchak assume o comando do conjunto das forças contrarrevolucionárias. O ano de 1919 será o de maior perigo para os bolcheviques. As tropas francesas, que desembarcam em Odessa, somam aproximadamente 12 mil homens e ocupam o sul da Ucrânia e a Crimeia; os soldados ingleses ocupam

Batum e Baku, controlam o Cáucaso, o Kuban e o leste do Don, desembarcam em Revel, apoiando os governos brancos da região, ao mesmo tempo em que os aliados solicitam oficialmente aos alemães que mantenham as tropas do general von der Goltz em batalha contra os russos na Letônia e na Lituânia.

No início de 1919, o projeto de Clemenceau de cercar os bolcheviques está consumado. Louis Fischer resume assim a situação: "A oeste, a Rússia estava separada do mundo exterior pelo Báltico, pelos alemães, pela frota inglesa e pela Polônia; ao norte, pelas tropas inglesas, francesas, americanas e sérvias; ao sul, pelos franceses na Ucrânia, por Denikin no Kuban e pelos ingleses no Cáucaso e Transcáspia; por último, ao leste da Sibéria estão os japoneses e seus leais atamans[153]; e ao oeste dela estão os tchecos e Kolchak"[154]. Entretanto, entre os aliados não reina a harmonia: o primeiro-ministro inglês Lloyd George teme o surgimento de motins e manifestações e declara: "Se iniciássemos uma empreitada militar contra os bolcheviques, esta terminaria por bolchevizar a Inglaterra e por criar um soviet em Londres". Clemenceau, o marechal Foch e Winston Churchill, pelo contrário, defendem a ideia de intervenção.

Por fim, se impõe a solução mais prudente: os aliados decidem ajudar os brancos dando-lhes armas e equipamento. Em maio, Kolchak, o "chefe supremo", alcança os Urais; Denikin se apodera do sul; Yudenich, que vem da Estônia, ameaça Petrogrado, devastada por uma epidemia de tifo e pela fome. No dia 19 de outubro, seu exército se encontra a 15 quilômetros da cidade. A chegada do trem blindado de Trotski, que galvaniza os defensores da cidade, e um esforço heroico dos operários esgotados, conseguem salvar a situação, e no dia 21 Yudenich é derrotado. No mesmo momento a cavalaria vermelha inflige uma derrota às tropas de Denikin perto de Voronezh e um pouco mais tarde, o 5º Exército Vermelho consegue expulsar Kolchak de Omsk.

O regime soviético, que esteve a ponto de ser derrotado militarmente, emerge vitorioso. Kolchak foge para além dos Urais e os restos de seu exército são destruídos em janeiro de 1920. O próprio Kolchak será capturado e fuzilado. Ivan Smirnov, comissário político do 5º Exército, dirige a sovietização da Sibéria, o que lhe dará o apelido de "Lenin da Sibéria". O perigo volta a aparecer a oeste com a intervenção polonesa que dá lugar, em março, à contraofensiva do Exército Vermelho, vitoriosa de início, mas que fracassa em Varsóvia, onde os aliados apontaram o general Weygand[155] como "conselheiro". O armistício é assinado em setembro.

153 Os atamans eram os chefes cossacos. Enquanto muitos soldados cossacos, camponeses empobrecidos, passaram para o lado da revolução, os atamans (que possuíam terras e eram privilegiados na ordem czarista) vão no geral combater ao lado das forças contrarrevolucionárias (N. do E.).

154 FISCHER, Louis, *Les soviets dans les affaires mondiales*, Paris, N.R.F., 1933, p. 131.

155 Maxime Weygand (1867-1965) foi um destacado general francês durante a Primeira Guerra Mundial, conhecido por suas posições políticas à direita. Durante a ocupação francesa na Segunda Guerra Mundial, colaborou com o regime fascista de Vichy (N. do E.).

Durante a guerra com a Polônia, o barão Wrangel, general czarista, apoiado por conselheiros, capitais e materiais franceses, consegue reunir os restos do exército de Denikin, e atacar a Ucrânia vermelha, mas seu exército será derrotado em novembro de 1920, encerrando desta maneira a guerra civil.

As consequências da guerra civil

Os trinta meses de intensa luta modificam profundamente a atmosfera do país. Em sua História socialista da Revolução Francesa, Jean Jaurés escreveu algumas frases sobre esta que Boris Souvarine recordou oportunamente ao referir-se à guerra civil russa: "Quando um país revolucionário luta contra as frações internas e contra o mundo, quando a menor vacilação ou o menor erro podem comprometer, durantes séculos talvez, o destino de uma nova ordem, os que dirigem esta colossal empreitada não têm tempo para debater com os dissidentes ou para convencer seus adversários. Não podem dar grande espaço nem ao espírito de disputa nem ao de associação. Devem matar, devem atuar e, para conservar intacta sua força de ação, para não diluí-la, recorrem à morte para conseguir a unanimidade imediata que necessitam"[156]. Em Outubro, os vencedores se mostravam generosos: um dos primeiros atos do congresso dos soviets depois da insurreição foi abolir a pena de morte que havia sido suprimida em fevereiro, mas que foi restabelecida pelo governo Kerenski, por exigência dos chefes do exército. Os ministros do governo provisório derrotado, ao serem detidos, são quase imediatamente soltos. O general Krasnov, que foi preso logo após a Revolução de Outubro, é colocado em liberdade, junto com outros oficiais, depois de ter dado sua palavra de que não voltaria a levantar armas contra o regime soviético. Semelhante generosidade custará caro, pois estes homens se tornaram os quadros dos exércitos brancos durantes os meses seguintes.

Esta é a razão pela qual, após a revolta dos cadetes, Trotski adota um tom ameaçador: "Não entraremos no reino do socialismo de luvas brancas e sobre um piso encerado"[157]. A Cheka, criada pelo comitê militar revolucionário do soviet de Petrogrado e dirigida por Dzerzhinski, se transforma, em dezembro, em uma "Comissão Extraordinária de Combate à Contrarrevolução e à Sabotagem"; desenvolve suas atividades e começa a atuar a partir de março, durante a ofensiva alemã; a repressão se intensifica de julho em diante, quando os SR's assassinam Volodarski e os aliados desembarcam no norte. O antigo SR Savinkov, que provavelmente atuava a soldo do "Segundo Birô"[158] francês, organiza um levante em Yaroslavl. O avanço dos tchecos obriga os dirigentes do soviet dos Urais, aconselhados pelo bolchevique Beloborodov, a executar, durante a noite de 16 de julho de 1918, o czar

156 SOUVARINE, Boris, *Staline: aperçu historique du bolchevisme*, Paris, Plon, 1935, p. 237.

157 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, p. 174.

158 O Segundo Birô do Estado-Maior Geral era o serviço de espionagem e infiltração francês, encarregado das ações contra tropas inimigas (N. do E.).

e sua família. A insurreição dos SR's de esquerda em Moscou e a série de atentados que acontecem contra os dirigentes bolcheviques vão provocar um giro radical. No dia 30 de agosto, Uritski morre e Lenin é gravemente ferido pela terrorista SR Fanni Kaplan na saída de um comício. O Comitê Executivo dos Soviets decide responder ao "terror branco" com o "terror vermelho". A Rússia então conhecerá também seus "massacres de setembro"[159].

O "terror vermelho" é um terror de classe.

> A Cheka – declara o chekista Latsis – não julga, golpeia... já não lutamos contra alguns inimigos isolados, exterminamos a burguesia como classe. Não busquem nos arquivos dos acusados provas de que eles se opõem ou não ao governo soviético com palavras ou com atos. O que nos interessa é saber a que classe social pertencem, sua instrução e sua profissão. Estes são os dados que decidem sua sorte[160].

O caráter extraordinário da missão da Cheka é ressaltado por Peters, outro de seus dirigentes, que declara: "em sua atividade, a Cheka é completamente independente ao efetuar registros, prisões e execuções e só presta contas ao Conselho de Comissários do Povo e ao Comitê Executivo dos Soviets"[161].

Evidentemente, é impossível dar números precisos no que concerne à amplitude de tal repressão. Os números oficiais são certamente muito inferiores à realidade, mas refletem a importância do giro de julho: Peters informa 22 execuções nos seis primeiros meses de 1918 e seis mil nos seis últimos. O historiador Chamberlin considera que o total de 50 mil vítimas seria bastante verossímil. Entretanto, este número é muito menor que o total de vítimas dos brancos. Como ressalta Victor Serge, devemos considerar que, de conjunto, o terror vermelho será responsável por menos vítimas que alguns dos mais sangrentos dias da batalha de Verdun.

Seja como for, os bolcheviques têm a consciência de que é preciso pagar um preço alto se, no futuro, querem evitar um número ainda maior de mortes. Os dirigentes, fiéis aos seus princípios, não dissimulam sua política terrorista, nem a renegam. No soviet de Kazan, Trotski declara:

> Neste momento, em que se acusam os operários de crueldade na guerra civil, afirmamos, instruídos pela experiência, que a indulgência com as classes inimigas seria, na atualidade, a única falta imperdoável que poderia cometer a classe operária russa. Combatemos em nome do maior bem da humanidade, em nome de sua regeneração, para tirá-la das trevas e da escravidão[162].

---

159 Referência à época de maior intensidade da repressão durante o governo dos jacobinos na Revolução Francesa (N. do E.).
160 Citado por FAINSOD, Merle, *How Russia is ruled*, Harvard, Harvard University Press, 19[illegible], p. 359.
161 *Ibid.*, pp. 536-537.
162 Citado por SERGE, Victor, *L'An I...*, *op. cit.*, p. 355.

Ao dirigir-se aos operários americanos que eram informados sobre todas as atrocidades do terror vermelho, Lenin declara:

> Nossos erros não nos deixam com medo. Os homens não se converteram em santos pelo fato da revolução ter começado. As classes trabalhadoras, oprimidas, embrutecidas e mantidas pela força na miséria, na ignorância e na barbárie durante séculos, não podem fazer uma revolução sem cometer erros (...). Não se pode guardar em um caixão o cadáver da sociedade burguesa e enterrá-lo. O capitalismo morto apodrece, se decompondo entre nós, infectando o ar com seu fedor e envenenando nossa vida: o que é antigo, podre e morto se agarra com milhares de vínculos e ligações a tudo que é novo, fresco e vivo[163].

Mais do que a Checa, entretanto, foi o Exército Vermelho e seus feitos que marcaram seus contemporâneos. Trotski, nomeado comissário do povo para a Guerra em março de 1918, está convencido de que a revolução não vencerá se não dispuser de um verdadeiro exército moderno, disciplinado, instruído e dirigido por um verdadeiro estado-maior de especialistas. O antimilitarismo não deve paralisar os revolucionários em suas iniciativas, mas inspirá-los em sua vontade de luta, se tornando o combustível de sua vitória. Mesmo assim, o decreto sobre a instrução militar escrito por Trotski recorda que um dos fins essenciais do socialismo é "liberar a humanidade do militarismo e da barbárie causados pelos conflitos sangrentos entre os povos"[164]. Na opinião de Trotski, "o trabalho, a disciplina e a ordem vão salvar a república dos soviets"[165]. O comissário da Guerra empreende esta tarefa com a ajuda de um reduzido estado-maior de militantes, em cuja primeira linha se encontra um homem muito jovem, o estudante Sklianski, que se revela um grande organizador. É preciso mobilizar, instruir, enquadrar e dar ordens a vários milhões de homens. Deve-se armar, equipar e dar provisões ao Exército Vermelho. Mas um exército moderno necessita de técnicos. Estes existem: são os antigos oficiais czaristas, em sua maioria hostis ao regime soviético. Apesar da resistência de vários bolcheviques, Trotski vai utilizá-los – são mais de 30 mil –, resolvendo o problema de como controlá-los com a criação dos comissários políticos, que, ao mesmo tempo, têm a missão de manter a moral revolucionária dos soldados, operários e camponeses.

Lenin chama os operários de Petrogrado a dedicar-se a esta tarefa: "Permanecer em Petrogrado morrendo de fome e perambulando pelas fábricas vazias, alimentando o fútil sonho de restaurar a indústria na cidade ou defendê-la, é estúpido e criminoso. Os operários devem partir em dezenas de milhares para os Urais, para o Volga, para o sul. (...) Ali é onde o operário de Petrogrado é indispensável

---

163 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVI, pp. 67-68.
164 BUNYAN, James, FISHER, Harold, *op. cit.*, p. 572.
165 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 407.

como organizador, como guia e como chefe"[166]. Antigos oficiais, como Tukhachevski ou Shaposhnikov, vão fazer parte da liderança do Exército Vermelho junto de militantes bolcheviques como os operários Voroshilov e Schmidt, ou os antigos suboficiais Budioni, Blucher e Frunze, ou ainda como o marinheiro Muklevich e o estudante Yakir. Os marinheiros de Kronstadt e os operários de Petrogrado estarão em todas as frentes da guerra civil, assumindo as mais altas responsabilidades políticas e militares. Assim, Bukharin e Preobrazhenski podem escrever que: "A república é um acampamento fortificado. Vivemos sob o regime da ditadura militar do proletariado"[167].

O "comunismo de guerra" nasce, então, das próprias necessidades de guerra. Para mobilizar os operários, é preciso controlar todas as potencialidades do país, e será necessário nacionalizar a indústria sem que os operários tenham o tempo de passar, antes, pelo aprendizado do controle operário. A alimentação do exército e a provisão de armamentos são imperativos absolutos. O comércio privado desaparece por completo; para poder alimentar os soldados e os habitantes das cidades, destacamentos de operários armados percorrem as aldeias e confiscam os cereais. Os camponeses pobres são organizados contra o *kulak*, servindo assim como defesas do regime. Como as rendas fiscais são nulas e o governo não dispõe do aparato administrativo necessário para a cobrança de imposto, o Estado imprime dinheiro sem parar. As dificuldades aumentam com uma inflação gigantesca que somente pode ser combatida com mais medidas de controle. Os salários estão muito abaixo do mínimo necessário para garantir a alimentação, e são pagos em espécie. Como aponta Isaac Deutscher, esta situação reflete uma amarga ironia: o controle governamental total, a supressão do mercado, a desaparição da moeda e a igualdade nas condições de vida se parecem à realização do programa comunista, quando na realidade não passam de sua triste caricatura; de fato, este comunismo não surge do desenvolvimento das forças produtivas, mas sim de sua destruição. Não é mais que a igualdade em uma miséria que se aproxima muito do retorno à barbárie. São necessárias todas as energias revolucionárias dos bolcheviques para vislumbrar, por trás das cruéis chamas desta imensa fogueira, o que Trotski, ao dirigir-se aos jovens comunistas chama de "a luta do homem para se tornar senhor de sua própria vida"[168].

O partido dos soviets

A insurreição dos SR's de esquerda, em julho de 1918, marca o fim do período pluripartidarista no sistema soviético. No IV Congresso Panrusso dos Soviets, de

166 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVI, pp. 67-68.

167 BUKHARIN, Nikolai, PREOBRAZHENSKI, Evgueni, *L'A.B.C. du communisme*, Paris, L'Humanité, 1923, p. 191.

168 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 442.

um total de 1.164 deputados, havia, além dos 773 bolcheviques, 353 SR's de esquerda, 17 maximalistas[169], dez sem partido, quatro anarquistas e quatro mencheviques internacionalistas[170]. Posteriormente, não haverá jamais uma minoria tão importante no congresso panrusso. Nos outros soviets, a composição política se modifica radicalmente a partir de julho de 1918. Desde então, os bolcheviques gozam de um predomínio esmagador, já que os não bolcheviques aparecem como "sem partido", única prudente para um menchevique ou um SR. No fim de 1919, o soviet de Petrogrado conta com aproximadamente 1.800 deputados, dos quais 1.500 são bolcheviques, ou seja, 82%. 300 são "sem partido", três são mencheviques e dez são SR's. O soviet de Saratov tem 472 bolcheviques de um total de 644 deputados, ou 72,9%, 172 deputados "sem partido" e quatro "vários". Os congressos provinciais na primeira metade de 1918 contavam com 48,4% de deputados bolcheviques, 19,5% de deputados de outros partidos e 32,1% de "sem partido". Nos seis últimos meses do mesmo ano contam com 72,8% de bolcheviques, 18,3% de "sem partido" e 8,9% pertencentes a outros partidos. A evolução é ainda mais significativa nos congressos regionais, que, nos primeiros meses de 1918, contam com 52,4% de deputados bolcheviques, 24,5% de deputados de outros partidos, dos quais 16,8% são SR's de esquerda e 23,1% de deputados "sem partido". Depois dos acontecimentos do verão, passam a 90,3% de bolcheviques, 5,7% de "sem partido" e 4% de deputados de outras organizações. O processo não deixará de acentuar-se até 1921, ano em que os bolcheviques serão representados por 90% dos deputados presentes nos congressos regionais[171].

Entretanto, o predomínio quase exclusivo dos bolcheviques nos organismos soviéticos está longe de ser a principal característica do aparato estatal durante a guerra civil. De fato, os soviets vão, pouco a pouco, sendo esvaziados de suas atividades e de participação, ao mesmo tempo em que os militantes do partido vão sendo mobilizados para cuidar dos setores mais essenciais do Estado. Tanto o Exército Vermelho como a Cheka escapam por completo da influência dos soviets, por serem diretamente vinculados à autoridade central. Porém eles englobam uma parte muito importante da atividade política e administrativa, reduzindo assim os soviets a uma competência puramente local, exercida em geral por seu presidium, seus comitês executivos e seu aparato técnico de funcionários, herdados muitas vezes do antigo Estado czarista. No VII Congresso Panrusso, em dezembro de 1919, Kamenev descreveu assim seu funcionamento: "Sabemos que durante a guerra os melhores trabalhadores saíram em massa das cidades e que muitas vezes isso resul-

169 Membros da União dos Socialistas Revolucionários Maximalistas, partido criado a partir de uma ruptura dos SR's. Os maximalistas rejeitavam o modelo de revolução em duas etapas defendido por Tchernov, e reivindicavam a aplicação do programa da "segunda etapa", ou seja, o programa diretamente socialista (N. do E.).

170 Citado por SERGE, Victor, *L'An I...*, *op. cit.*, p. 305.

171 Citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 291.

ta em que precisamos recriar um soviet em determinada província ou cidade, dando-lhe condições para que tenha um funcionamento regular. [...] As assembleias do soviets definham, enquanto organismos políticos, pois frequentemente seus participantes se ocupam das tarefas puramente técnicas. As assembleias gerais dos soviets ocorrem em raras ocasiões, e quando os deputados se reúnem, é somente para serem informados de uma circular, para escutarem um discurso etc."[172]. Ele resume a nova situação que ocorre nos soviets, declarando ao IX Congresso do partido: "Nós administramos a Rússia e só podemos fazê-lo através do intermédio de comunistas"[173]. E de fato, todos os cargos de responsabilidade de Estado, em todos os níveis do poder soviético, são ocupados por bolcheviques, do mesmo modo que os da Cheka e do Exército Vermelho.

E os líderes bolcheviques não fazem segredo desta realidade.

> O poder soviético – afirma Zinoviev – não teria durado três anos, nem sequer três semanas, se não fosse pela férrea ditadura do partido comunista. O controle do partido sobre os órgãos soviéticos e sobre os sindicatos é a única garantia sólida de que nenhuma camarilha nem grupo de pressão poderá impor-se e de que somente prevalecerão os interesses do proletariado em sua totalidade[174].

Por outro lado, Trotski usa grande parte de sua obra *Terrorismo e comunismo* para justificar a "ditadura do partido". Nela escreve:

> O partido assegurou aos soviets a possibilidade de transformar-se, de converter-se em parlamentos operários que constituem, de fato, um instrumento de poder dos trabalhadores. Em tal substituição do poder da classe operária pelo poder do partido não há nada equivocado e, no fundo, não existe "substituição" alguma. Os comunistas expressam os interesses fundamentais da classe operária. É perfeitamente natural que, em uma época em que a história coloca como atual a discussão de tais interesses em toda sua extensão, os comunistas se convertam em representantes legítimos da classe operária em sua totalidade[175].

Entretanto, esta transformação das relações entre os soviets e o partido durante o primeiro ano da guerra civil afetou também, de forma não menos profunda, o próprio partido. Antes de 1917 os "revolucionários profissionais" formavam em certa medida o "aparato" do partido, cuja estrutura havia desempenhado um papel fundamental entre fevereiro e outubro de 1917. Porém, desde a tomada do poder e, principalmente, desde o começo da guerra civil, os antigos "revolucionários profissionais" deixam de ser militantes cujo campo de ação é o partido e a classe. Como

---

172 *Ibid.*, p. 297.

173 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, p. 239.

174 Citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 303.

175 TROTSKI, Leon, *Défense du terrorisme*, Paris, Nouvelle revue critique, 1936, p. 120.

afirma Bukharin, estes se transformam em "chefes do exército, soldados, administradores e governantes operários"[176]. Em 1919 ainda não existem os "dirigentes liberados"[177] nas organizações locais do partido, nem mesmo um embrião de aparato central. Sverdlov, secretário do Comitê Central, é auxiliado por um estado-maior de não mais que quinze camaradas; isto se deve a que, ao mesmo tempo em que desempenha suas funções internas, é presidente do Comitê Executivo dos Soviets. Por outro lado, os organismos regulares só se reúnem em raras ocasiões; as decisões importantes referentes à orientação geral são tomadas no Comitê Central e os organismos soviéticos se limitam a ratificá-las, através dos membros do partido, desde o Comitê Executivo até os soviets locais. As diretivas políticas referentes aos aspectos mais específicos elaborados diretamente por Sverdlov e Lenin, que são os únicos a manter contato com os dirigentes políticos que a guerra dispersou por todo o país, são transmitidas, preferencialmente por Sverdlov, através de uma rede de soviets ou, na realidade, através da rede de membros do partido que trabalham nos soviets.

O poder dos comunistas se afirma enquanto se dá, paralelamente, uma espécie de eclipse de seu partido. Ele não tem mais autonomia financeira e, portanto, a este respeito, depende totalmente dos soviets. De fato, Sverdlov afirma que as organizações bolcheviques locais não são mais que os "departamentos de agitação dos soviets locais"[178]. O partido parece ter se fundido com os soviets, que são o único canal de transmissão de suas consignas. Por outro lado, o próprio vocabulário utilizado demonstra até que ponto os próprios dirigentes ainda concebem o partido em termos de homens mais do que em termos de aparato. Uma boa prova disto é a dedicatória de *ABC do comunismo*, de Bukharin e Preobrazhenski, dirigida "ao partido que comanda um exército de milhões de homens mas dorme nas trincheiras, ao partido que governa um país imenso e carrega lenha em seu sábado de trabalho voluntário"[179].

Preobrazhenski não escandalizará ninguém ao sugerir que se dissolva o partido que, em sua opinião, se tornou inútil, pois os comunistas são os dirigentes reconhecidos do Estado. Osinski propõe que se formalize a situação que já existe de fato, sugerindo a fusão do Conselho de Comissários do Povo com o Comitê Executivo dos Soviets em um único órgão colegiado onde devem ser incluídos todos os membros do Comitê Central do partido. Este plano acabou sendo colocado em prática na Letônia soviética, sob a direção de Stuchka. Mas a urgência em solucionar este problema não parece ser sentida naquele momento: a capacidade de Sverdlov – um homem cuja autoridade se baseava em seu senso de lealdade – permite

176 BUKHARIN, Nikolai, em *Bulletin communiste*, nº11, 15 de março de 1923, pp. 64-65.
177 A expressão "liberados" se refere aos militantes profissionais que recebem um salário para se ocupar integralmente das tarefas de uma organização política ou de um sindicato (N. do E.).
178 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 243.
179 BUKHARIN, Nikolai, PREOBRAZHENSKI, Evgueni, *op. cit.*, dedicatória sem paginação.

ao partido atravessar esta etapa "sem nenhum conflito digno de menção"[180]. Porém sua morte, ocorrida no dia 17 de março de 1919, vai obrigar o partido a repensar os princípios de seu funcionamento e, igualmente, a revisar as relações entre o partido e os soviets, e a restituir ao partido sua "independência".

A construção do aparato do partido

É o VIII Congresso que vai se encarregar desta tarefa. Todos parecem estar de acordo no que se refere ao princípio básico: o partido deve dirigir os soviets e não substituí-los. É preciso garantir o seu funcionamento normal devolvendo a estes uma identidade diferenciada e paralela. Os soviets funcionam mal, o próprio congresso panrusso não se reuniu mais do que uma vez durante todo o ano. Mas estes só poderão voltar a funcionar bem se seu motor, o partido, for revisado, e conseguir funcionar bem em todos os níveis. Em primeiro lugar, os membros do partido devem parar de simplesmente executar diretrizes, e também de discutir livremente, seja no seio dos organismos soviéticos, ou em qualquer outra parte, com os sem partido. Ao contrário, os comunistas, onde quer que se encontrem, devem organizar-se em "frações do partido, submetidas a uma disciplina estrita", conforme a tradição bolchevique ou mesmo da social-democracia alemã. O Comitê Central deverá funcionar normalmente, ou seja, deverá reunir-se ao menos duas vezes por mês. Nos intervalos entre suas reuniões, um Birô Político terá a missão de tomar as decisões urgentes, atribuição que até certo ponto será dada ao seu executivo, uma espécie de subcomitê responsável e composto a princípio por cinco membros: Lenin, Trotski, Stalin, Kamenev e Bukharin.

As bases do aparato se afirmam com a criação do Birô de Organização do Comitê Central, encarregado da distribuição dos dirigentes do partido nos diferentes postos, trabalho que até este momento havia sido feito de maneira anárquica; também é criado o cargo de secretário do Comitê Central, encarregado do funcionamento geral da organização e da garantia da execução das decisões do congresso. Krestinski, que foi eleito secretário e membro do Birô de Organização, assim como Stalin, membro do Birô Político e do Birô de Organização, se encarregam do necessário enlace e coordenação entre ambos os organismos. No congresso seguinte, ao mesmo tempo em que declara sua aprovação à medida e mostra sua preocupação em não deixar que burocracia do aparato tome conta do partido e de seus delegados, Lenin dirá:

> No curso deste ano, o trabalho feito pelo Comitê Central foi dirigido por seus organismos eleitos, o Birô de Organização e o Birô Político. Para permitir a coordenação e a unidade de critérios entre eles, o secretário era membro de ambos. A prática demonstrou que a função principal e ca

180 Citado por TROTSKI, Leon, *O testamento de Lenin*, em *IV Internationale*, nº14, p. 45.

racterística do Birô de Organização era a de distribuir as forças do partido, ao mesmo tempo em que o Birô Político se ocupava só das questões políticas. [...] Entretanto, se consagrou o costume de que a exigência de um só membro do Comitê Central bastava para que uma questão, fosse qual fosse, passasse a ser considerada uma questão política[181].

Em 1919, Krestinski é assessorado por cinco "auxiliares técnicos"; a partir de 1920, será respaldado por outros dois secretários, membros, por sua vez, do Comitê Central: Serebriakov e Preobrazhenski, que se revelará o mais ativo dos três. O Secretariado dirige os birôs centrais do partido, que estão divididos em nove departamentos. A princípio, o pessoal com que contam é de 80 empregados, que passam a ser 150 em março de 1920 e 600 em março de 1921. Posteriormente, o partido vai dispor de recursos próprios e o Secretariado se coloca como tarefa criar uma estrutura que agora pode manter-se pela existência dos "liberados", que se dedicam exclusivamente à atividade partidária. Pouco a pouco, voltam a estabelecer-se os antigos vínculos com as organizações locais e regionais: o Comitê Central, que, em maio de 1919, havia recebido 470 informes das organizações de base, recebe uma média de quatro mil por mês em 1920. No lugar das 71 circulares mensais de 1919, são enviadas 253 em 1921. Em 1922, quando Stalin chegará ao cargo de secretário geral, o Secretariado terá "fichado" todos os membros do partido, podendo assim estender sua atividade e seu controle direto para o exterior, às organizações soviéticas e sindicais.

A nova fisionomia do partido

Os arquivos dos primeiros anos de poder do partido bolchevique desapareceram com Sverdlov, cuja extraordinária memória permitia suprir a ausência de fichários. Portanto, é difícil avaliar com precisão as modificações introduzidas, pois com a avalanche de novos membros ao partido aparecem problemas que não haviam sido previstos.

Certamente, os recrutas dos tristes momentos da guerra civil não precisam receber lições de abnegação, nem de espírito de sacrifício. O jovem comunista Barmin conta que em 1919 ele fazia o recrutamento nas fábricas e escolas dizendo as seguintes palavras: "Venham ao partido que não lhes promete privilégios nem vantagens. Se alcançarmos a vitória, construiremos um mundo novo. Se formos derrotados, lutaremos até o último homem"[182]. Os que atenderam a este chamado possuem a mesma moral que os que, sob o czarismo, militavam na clandestinidade. Mas eles estão longe de possuir sua cultura, e Yaroslavski pode assim escrever em 1921 que "entre os camaradas do partido, é extremamente difícil encontrar

181 Citado FAINSOD, Merle, *How Russia...*, *op. cit.*, p. 155.
182 BARMIN, Alexander, *Vingt ans au service de l'URSS*, Paris, Albin Michel, 1939, p.108.

algum que tenha lido pelo menos *O Capital* de Marx ou alguma outra obra básica de teoria marxista"[183]: durante uma guerra civil, obviamente, não se lê. Mas na verdade, se oportunistas vão entrar no partido, será depois deste período, quando o sucesso dos comunistas já está garantido. O aumento numérico é rápido: os 250 mil membros em março de 1919 se convertem em 610 mil em março de 1920 e em 730 mil em março de 1921. Em 1919, 50% dos militantes têm menos de 30 anos e somente 10%, mais de 40. A velha guarda se vê completamente reduzida em número: em 1919 somente 8% dos membros do partido ingressaram em suas fileiras antes de fevereiro de 1917 e 20% antes de outubro. O nível cultural é muito baixo: só 5% possuem escolaridade de nível superior e somente 8% têm o nível médio.

As estatísticas de outubro de 1919 revelam, por outro lado, valiosíssimas informações sobre a origem social e o ofício dos membros do partido: 52% são classificados como "operários", 15% como "camponeses", 18% como "funcionários" e 14% como "intelectuais". Estas mesmas estatísticas revelam que somente 11% destes estão efetivamente empregados na indústria, e, destes, poucos são trabalhadores braçais. 53%, quer dizer, mais da metade dos membros, trabalham nos diferentes órgãos do Estado soviético, e, destes, 8% no aparato, na qualidade de "liberados" do partido e dos sindicatos; por último, 27%, mais de um quarto, servem no Exército Vermelho, a maioria como oficiais e sobretudo como comissários. De fato, a imensa maioria dos membros do partido exerce funções de autoridade, são "governantes"[184]. As necessidades da guerra civil lhes impuseram um regime de partido que é o único que 70% dos militantes jamais conheceram, aquele em que, segundo a frase de Karl Radek, o partido era "antes de tudo, um exército, uma tropa de choque e só então um partido político"[185].

Podemos aceitar a opinião de Victor Serge quando afirma que o partido operário, naquele período, tinha se transformado em um "partido de operários convertidos em funcionários"[186]? Por um lado, durante a guerra civil as funções dos comunistas de modo algum são tarefas de burocratas. Além disso, da época do partido operário, foi conservada a fé e o vínculo ao igualitarismo, o que faz com que se fixe o salário de todos os militantes, inclusive o dos comissários do povo, tendo como referência um "máximo comunista", que equivalente ao salário de um operário qualificado. De fato, os membros do partido não desfrutam de nenhum privilégio, vivendo na mesma miséria que todos. Os militantes, inclusive, se colocam mais obrigações que aos demais. Uma delas – claramente penosa – é o trabalho voluntário nos "sábados comunistas". Um torrão de açúcar ou uma lata de conservas estrangeira são presentes extraordinariamente apreciados na mesa

183 *Pravda*, 28 de agosto de 1921, citado por SORLIN, Pierre e Irene, *Lénine, Trotski, Staline*, Paris, Colin, 1962, p. 74.

184 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 243.

185 RADEK, Karl, *Bulletin communiste*, nº15, 14 de abril de 1921, p. 247.

186 SERGE, Victor, *Destin d'une révolution*, Paris, Grasset, 1937, p. 174.

familiar de Lenin ou de Trotski. Na família de Yonov, cunhado de Zinoviev, membro do Comitê Executivo e diretor da Livraria Estatal, um recém-nascido morre de inanição. Mas também é indiscutível que os militantes operários, que, segundo a expressão de Bukharin, se converteram em "governantes de operários", vão perder seu estado de espírito inicial e que a função que passaram a desempenhar vai mudar pouco a pouco seu estado de espírito. De forma ainda imperceptível, se inicia um processo que Christian Rakovski denomina "diferenciação funcional" e que irá levar um bom número de comunistas a abandonar completamente qualquer vínculo com a classe operária à qual pertenciam.

Os partidos socialistas

Os métodos do comunismo de guerra, as exigências de uma conjuntura perigosa, o desaparecimento do partido como grupo político frente ao aparato de um Estado controlado por seus militantes e governado por seus dirigentes, servem, assim como a situação de guerra civil, para explicar a contraditória atitude em que se encontram durante este período os outros partidos socialistas. Em diversas ocasiões, os dirigentes bolcheviques reafirmam sua lealdade ao princípio da democracia proletária: a ditadura se dirige apenas contra o inimigo de classe e os partido operários devem desfrutar das liberdades essenciais. Mas ao mesmo tempo em que dizem isto os bolcheviques os atacam ou perseguem, perseguindo-os o suficiente para colocá-los de fato fora da lei, mesmo quando não contam com o argumento irrefutável que é sua participação em atos armados contra o regime soviético.

Em seu Conselho Nacional de maio de 1918, os SR's definem posição a favor da intervenção estrangeira "com fins puramente estratégicos". Enquanto Semenov organiza em Petrogrado os grupos terroristas que irão assassinar primeiramente Volodarski e depois Uritski, preparando atentados contra Lenin e Trotski que estiveram a ponto de obter êxito, outros dirigentes participam nos governos brancos, como em Samara, sob a proteção dos tchecos, em Arkhangel e junto com os ingleses em Omsk. O SR's Avksentiev preside a conferência de unificação dos brancos em Ufa, que acontece em setembro de 1918, fazendo parte do governo provisório que derrubará em novembro o almirante Kolchak. Os SR's de esquerda tentaram inflamar, em julho, uma revolução em Moscou: alguns dias mais tarde, um deles, o coronel Muraiev, tenta lançar suas tropas contra os bolcheviques.

O partido menchevique está ligado de maneira menos direta a todos estes atos: no entanto, o dirigente sindicalista Romanov figura entre os conselheiros de Denikin; Maiski, membro do Comitê Central, é ministro do já citado governo de Samara, enquanto outros membros menos destacados servem aos brancos em diferentes cargos. No entanto – e de forma tardia certamente –, o partido desautoriza tais iniciativas: Maiski é expulso em setembro de 1918. A conferência que acontece em maio de 1918 se pronuncia a favor de uma nova convocatória de assembleia

constituinte, consigna que é adotada neste período por todos os defensores da contrarrevolução armada, e o partido, apesar de uma oposição de princípio à intervenção estrangeira, mantém em suas fileiras os partidários de Lieber, que exigem abertamente uma aliança militar com os aliados. Assim, o governo bolchevique podia alegar que os mencheviques não haviam dado, até junho de 1918, uma prova tangível de sua vinculação à legalidade soviética e de sua ruptura com os ataques armados dos brancos e, com esta justificativa, considerá-los como suspeitos.

Esta é a razão pela qual, em 14 de junho, os deputados do Comitê Executivo votam uma resolução defendida por Sosnovski, pela qual excluem de seus organismos os SR's de direita e de centro, assim como os mencheviques, por sua aliança com os contrarrevolucionários e convidam "a todos os soviets de operários, camponeses e soldados a excluir de seu interior os representantes de tais partidos". O diário menchevique *Vperiod* continua, entretanto, aparecendo em Petrogrado, onde, segundo Victor Serge, conta com ampla audiência em 1918. Os SR's de esquerda se desintegraram depois da insurreição de julho: alguns militantes que discordam de tal ação, organizados nos grupos "comunistas-revolucionários" e "comunistas-populares", tentam manter a aliança dos SR's de esquerda com os bolcheviques. Os dirigentes SR's de esquerda são julgados em novembro e condenados a penas leves (três anos de prisão na maioria dos casos): um ano para Spiridonova, que seria liberada em breve, e para Blumkin, o assassino de von Mirbach, que se filia ao partido bolchevique e parte para a frente de batalha. A Cheka reprime alguns grupos anarquistas, permitindo a outros que se desenvolvam, publiquem jornais e discutam violentamente entre eles. Serge, que os conhece bem, afirma que preparam uma insurreição para novembro de 1918, mas que renunciam a ela por não saber, em caso de vitória, que medidas tomar para combater a onda de fome. O líder camponês da Ucrânia Makhno chega a Moscou durante o verão para discutir com seus correligionários, sendo recebido por Lenin e Sverdlov, que o ajudam a voltar à Ucrânia – ocupada na época por austro-húngaros e pelos brancos, encabeçados pelo cossaco Skoropadski –, onde organizará sua famosa guerrilha camponesa.

Durante o outono, a pressão externa diminui, com o início da debandada alemã e, mais tarde, com a revolução de novembro[187]. O VI Congresso, integrado exclusivamente por delegados bolcheviques, solicita a volta à "legalidade revolucionária" e a limitação dos poderes da Cheka. Apesar do decreto de exclusão de que são objetos, Lenin convida Dan e Martov porque, segundo ele mesmo afirma, "necessita de sua crítica". No fim de outubro de 1918, o Comitê Central menchevique, reunido em Moscou, resolve abandonar a consigna decididamente contrarrevolucionária de convocação de uma constituinte, reconhece a Revolução de Outubro como "historicamente necessária" e, ao mesmo tempo em que exige "o fim do terror eco-

187 Trata-se da primeira onda da Revolução Alemã, que ocorre em novembro de 1918. Apesar dos comunistas serem derrotados, a revolução vai derrubar o kaiser, e forçar a Alemanha a se retirar da guerra e dos territórios que ocupava (N. do E.).

nômico e político" e "eleições livres nos soviets", se compromete a "apoiar as operações militares do governo soviético contra a intervenção estrangeira". O executivo dos soviets anula no dia 30 de novembro a medida de exclusão adotada por ele em 14 de junho: os mencheviques são admitidos de novo nos soviets. Em um grande discurso à conferência operária, Lenin justifica esta política de abertura:

> No momento atual, quando a revolução explodiu na Alemanha, aconteceu um giro nos mencheviques e nos socialistas-revolucionários. Os melhores elementos entre eles aspiram ao socialismo. Eles pensavam que os bolcheviques corriam em direção a um fantasma, um conto de fadas. No entanto, hoje estão se convencendo de que aquilo que esperavam os bolcheviques não era fruto da imaginação, mas uma realidade de carne e osso, de que a revolução mundial chegou e se estende pelo mundo todo; os melhores entre os mencheviques e os SR's começam a arrepender-se de seu erro, começam a compreender que o poder dos soviets não é somente russo, mas simboliza o poder dos operários em escala mundial. (...) Quando alguém compreende seu erro deve ser acolhido. (...) Nosso único inimigo é aquele que vive do trabalho alheio. Os outros não são nossos inimigos, simplesmente estão vacilando, mas o fato de vacilar não os torna inimigos[188].

Os socialistas-revolucionários vão entrar por esta porta que lhes é aberta. Sua experiência com os brancos lhes deu algumas lições: tanto em Samara como em Omsk, e mais tarde na Sibéria, se viram oprimidos pelos generais czaristas. Em fevereiro de 1919 acontece em Petrogrado uma conferência SR que condena a luta armada contra o poder soviético. Os antigos dirigentes do levante de Samara que se rendem são perdoados imediatamente. Lenin defenderá em março, perante o VIII Congresso do partido, a legalização dos mencheviques e dos SR's, cujo jornal *Delo Naroda* (A causa do povo) volta a aparecer durante certo período. Em julho de 1919, em um manifesto que carrega o título de "Que fazer?", os mencheviques exigem o retorno ao funcionamento normal do regime soviético, eleições livres com votação secreta e liberdade de agitação e propaganda para os partidos socialistas. Em outubro, o soviet de Petrogrado volta a distribuir armas aos grupos anarquistas que são dirigidos por Kalabushkin e que irão participar com grande sucesso da defesa da capital. Em dezembro, durante o VII Congresso Panrusso, Trotski, com "verdadeira alegria, sem dupla intenção nem ironia", agradece a Martov por seu ataque às violações da Constituição e por sua exigência de restauração das liberdades: "Falou sobre *nosso* exército e *nossa* luta internacional e, ao agir assim, reforçou politicamente e moralmente nossa causa"[189].

Em janeiro de 1920, a suspensão do bloqueio imposto pela "Entente" parece anunciar o fim da guerra civil: se reduzem os poderes da Cheka, volta a ser abolida a pena de morte. Os mencheviques dispõem em Moscou de um clube e de certo

---

188 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes, op. cit.*, tomo XXVIII, pp. 377-378.
189 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed, op. cit.*, p. 447.

número de sedes: alguns trabalhadores britânicos participam em maio de uma reunião de seu Comitê Central. Em agosto, fazem uma reunião que é registrada pela imprensa. Dirigem sindicatos como o de impressores e intervêm como tendência organizada nos congressos. Possuem delegados na maioria dos soviets locais: são somente 46 em Moscou, mas em Kharkov chegam a 250. No início de 1920, os socialistas-revolucionários, agrupados em torno de Steinberg, publicam um novo jornal que se pronuncia "contra o monopólio bolchevique do poder" e exige o retorno a uma "verdadeira democracia operária"[190].

Os anarquistas

As relações com os anarquistas são mais complexas, principalmente pela multiplicidade de grupos em que se dividem. Um destes, em julho de 1919, coloca uma bomba nas sedes que o partido possui em Petrogrado, ferindo Bukharin. Apesar disto, Lenin escreve: "Vários operários anarquistas se tornam agora os mais sinceros defensores do poder dos soviets e, portanto, nos dão a prova de serem nossos melhores camaradas e amigos, os melhores revolucionários, que não eram inimigos do marxismo a não ser como consequência de um mal entendido, ou melhor dizendo, não como consequência de um mal entendido, mas por culpa da traição do socialismo oficial da II Internacional ao marxismo, de sua degradação ao oportunismo e sua falsificação da doutrina de Marx e das lições da Comuna de Paris de 1871"[191]. Em setembro, o anarquista alemão Muhsam escreve desde a fortaleza de Augsbach, expressando o ponto de vista de numerosos libertários: "As teses teóricas e práticas de Lenin sobre a realização da revolução e as tarefas comunistas do proletariado deram uma nova base à nossa ação. (...) Já não existem obstáculos insuperáveis para a unificação da totalidade do proletariado revolucionário"[192]. O II Congresso da Internacional Comunista será palco de negociações que, nos bastidores, ocorrem entre Lenin e o anarquista Aleinikov sobre as condições de uma colaboração entre os libertários e os bolcheviques.

O acontecimento mais importante do movimento anarquista na Rússia foi a epopeia do movimento camponês de Makhno[193], que têm como auge o outono de 1918 na Ucrânia. De volta à sua província, depois de uma viagem a Moscou durante o verão de 1918, o jovem anarquista organiza seus primeiros ataques armados e faz as primeiras incursões contra o chefe cossaco Skoropadski, fantoche das potências da Europa Ocidental. No fim de 1918 já possui 1.500 homens sob seu comando e no início de 1919 organiza, no território que controla, um congresso

190 Citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 293.
191 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXIX, p. 567.
192 MUHSAM, Eric, em *Bulletin communiste*, 22 de julho de 1920.
193 Veja-se o ponto de vista "makhnovista" em *La révolution inconnue*, de Boris Volin. O estudo mais completo foi realizado por David Footman em *Soviet Affairs*, nº16, e em *Civil War in Russia*, pp. 245-305.

que designa uma espécie de governo regional: o Conselho Militar Revolucionário dos Operários e Camponeses Insurgentes. No final de fevereiro, Makhno entra em contato com o Exército Vermelho, que reconhece sua autoridade e se compromete a ajudá-lo: suas unidades recebem comissários políticos até o nível de regimento, mas conservam seu título de Exército Insurgente e sua bandeira negra. Ainda que se preparem para uma ação militar comum contra o exército de Denikin, a capital de Makhno, Guliaipole, se converte em um centro político do anarquismo russo com a chegada de Volin, antigo redator-chefe do *Nabat* (O alarme), de Kiev, que os bolcheviques acabam de proibir, e do teórico moscovita Arshinov. Ambos vão desempenhar um importante papel no movimento makhnovista.

A convocatória de um novo congresso dos insurgentes aumenta notavelmente a tensão nas relações com as autoridades soviéticas, ainda mais quando as unidades do exército russo são convidadas a enviar seus delegados. Como estas divergências acontecem em plena ofensiva branca, Makhno se demite de suas funções. Durante o verão, ele se alia com um aventureiro, o oficial Grigoriev, a quem vai assassinar pouco tempo depois em uma emboscada, obtendo assim o comando de seus homens. Em setembro, conquista uma grande vitória sobre Denikin. No final deste ano está no auge de seu poder.

Sem dúvidas, se discutirá ainda durante muito tempo sobre o papel desempenhado por este personagem abnegado, brutal e fanfarrão, de pouca inteligência, porém enorme capacidade de trabalho, e principalmente, dotado de um extraordinário talento para dirigir pessoas. Seu Exército Negro será dono de toda a Ucrânia durante alguns meses. Sua influência se baseia na adesão das massas camponesas, tão hostis aos desejos da restauração dos brancos, quanto às requisições feitas pelos vermelhos; seus grupos guerrilheiros são extraordinariamente combativos e possuem uma forte "segurança militar", a Razvedka (Inteligência), que não fica em nada atrás da Cheka. Entretanto, suas relações com os habitantes das cidades, e principalmente com os operários, são difíceis, e em Ekaterinoslav violentos conflitos explodem entre os makhnovistas e os sindicatos. A política financeira de Makhno provoca uma grande inflação, que faz com que os camponeses, que não sofrem tanto com os problemas da falta de provisões, consigam suportá-la em melhores condições do que os operários. Segundo Victor Serge, Makhno respondeu aos ferroviários, que exigiam que ele pagasse seus salários, com as seguintes palavras: "Organizem-se vocês mesmos para explorar a malha ferroviária. Eu não necessito dela"[194]. No âmbito econômico, as realizações de seu regime são bastante modestas: a sua força militar – baseada na cavalaria e em sua capacidade de deslocamento rápido, e em sua infantaria, que se move com a ajuda de carroças – vai sofrer com a diminuição de seus números, da quantidade de cavalos e da incapacidade de seus dirigentes em organizar, mesmo quando conquistam uma cidade, a produção de armas e munição.

194 SERGE, Victor, *Mémoires d'un révolutionnaire*, Paris, Seuil, 1961, p. 120.

Quando entra novamente em contato com o Exército Vermelho, no final de 1919, as relações acabam sendo boas, apesar dos conflitos passados. Makhno autoriza a publicação de um jornal bolchevique chamado *Zvezda*, mas proíbe praticamente todo tipo de atividade do partido, com o pretexto de que esta tenderia a "estabelecer sobre as massas uma autoridade que atentaria contra sua liberdade plena"; também ordena que se fuzile o comandante de sua divisão de ferro, além de outros bolcheviques que organizaram células clandestinas[195]. No início de janeiro é comunicada ao Exército Insurgente a ordem de tomar posições na fronteira com a Polônia, mas Makhno se nega a acatá-la. Explode então, entre o Exército Negro e o Exército Vermelho, uma feroz guerra civil que vai durar oito meses e na qual cada um dos lados vai se dedicar a denunciar exaustivamente as atrocidades cometidas pelo outro.

Contudo, durante este período existem em Moscou dois grupos anarquistas, os "universalistas" e os "sindicalistas" que possuem sedes e que editam folhetos de Pelloutier e Bakunin. O segundo destes grupos, encabeçado por Alexander Schapiro, se nega a estabelecer negociações com Rosmer e Trotski com o objetivo de fazer reconhecer oficialmente seu grupo e garantir sua imprensa[196]. Victor Serge relata também que estes rechaçaram as propostas de Kamenev, que lhes havia oferecido a completa legalização de todo seu movimento com a condição de que depurasses suas fileiras, concluindo após sua recusa indignada: "Preferiam desaparecer, perder sua imprensa e suas sedes"[197]. Volin, que foi feito prisioneiro durante a retirada do Exército Negro, é conduzido a Moscou, onde Lenin e Kamenev vão se opor à sua execução, aparentemente salvando-o no último momento.

Mas até metade de 1920, a ameaça do exército de Wrangel suscita uma nova trégua na Ucrânia. Bela Kun, Frunze e Gusev assinam com Makhno, em nome do Exército Vermelho, um novo acordo em outubro. O Exército Insurgente volta a subordinar-se ao Exército Vermelho; libertam-se os presos políticos de ambas partes e a liberdade de expressão será garantida a ambos os lados. Volin é solto, volta a Kharkov, iniciando de novo a publicação do *Nabat*, e prepara uma conferência anarquista panrussa. Depois da vitória comum sobre Wrangel, cujas últimas forças são esmagadas na Crimeia, o Exército Vermelho assume a iniciativa de uma ruptura que já era prevista por ambos os lados. Depois de um ultimato que exige a integração do Exército Insurgente – e que é rechaçado – o Exército Vermelho ataca. Karetnik, chefe do Exército Insurgente na Crimeia, é feito prisioneiro de surpresa e fuzilado. Makhno, que conta com 2 mil homens, resiste, conseguindo livrar-se do

195 Mikhail Polonski era um dirigente bolchevique muito respeitado pelo exército de Makhno, e que comandava uma das mais aguerridas unidades dos insurgentes ucranianos, o Terceiro Regimento Insurrecional da Crimeia, conhecido também como "divisão de ferro", devido à sua disciplina. Polonski foi acusado de tramar contra Makhno e, por "estar implicado nas atividades de organizações autoritárias" (o Partido Comunista, no caso), foi fuzilado (N. do E.)

196 ROSMER, Alfred, *Moscou sous Lénine*, Paris, Horay, 1953, p. 142.

197 SERGE, Victor, *Mémoires... op. cit.*

cerco que lhe foi feito. Vai controlar o campo durante aproximadamente um ano. Volin, que foi detido novamente, rechaça todas as propostas de aproximação dos bolcheviques e permanece irredutível em sua oposição.

As discussões internas do partido

Não é estranho que no período da guerra civil tenham desaparecido as grandes polêmicas internas. Os perigos exteriores exigem uma coesão a toda prova, mas não eliminam todos os conflitos. Desta foram, em cada período de calmaria leva, assim, a uma explosão de divergências que não se esgotam. O final desta etapa verá o ressurgimento de discussões públicas entre os bolcheviques, que relembram as acontecidas nos anos 1917 e 1918.

Uma das questões principais foi a colocada pela chamada "oposição militar". A construção do Exército Vermelho se choca com sentimentos muito presentes entre os bolcheviques. A organização de um estado-maior, de um exército regular e de um mando único implica no abandono dos métodos das guardas vermelhas e das milícias operárias, que, de forma bastante caótica, haviam constituído a parte essencial das originárias forças armadas revolucionárias. A mais estrita disciplina se restabelece com a aplicação da pena de morte a qualquer desobediência; todas estas medidas acabam entrando em conflito com os sentimentos antimilitaristas dos comunistas. A utilização de oficiais de carreira, que constituem a metade do novo corpo, e o abandono do princípio de eleição, que, segundo Trotski, "politicamente carece de objetivo e tecnicamente é inadequado", provoca reações violentas. Os adversários da política militar defendem uma organização proletária do exército. Alguns comunistas de esquerda, como Vladimir Smirnov, se aproximam, nesta oposição, ao grupo de Tsaritsin, cujo mentor é Stalin, e aos "militares vermelhos" descontentes, entre os quais se encontram Frunze e Voroshilov.

A oposição antimilitarista a princípio se rende rapidamente, frente aos resultados obtidos na guerra civil. No entanto, será muito mais difícil de superar os rancores e conflitos que surgem entre os suboficiais revolucionários frente à utilização, na qualidade de técnicos, de grande quantidade de antigos oficiais czaristas. Este, ao menos, é o ângulo pelo qual Trotski analisa a oposição denominada "de Tsaritsin", na qual ele vê primeira manifestação organizada de um grupo burocrático[198], a reação de alguns arrivistas medíocres e incapazes de aprender, que, entretanto, se apegam a alguns privilégios e postos de comando que eles acham que lhes são devidos como recompensas por seus antigos méritos revolucionários. Seja como for, o VIII Congresso aprova a política militar de Trotski, defendida por Sokolnikov e criticada por Vladimir Smirnov, por 174 votos contra 95.

No IX Congresso surge uma nova oposição. O grupo "Centralismo Democrático", que conta com Vladimir Smirnov, Osinski e Sapronov, denuncia a centra-

198 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 427.

lização excessiva e o abuso dos métodos autoritários. Seus protestos suscitam a criação de uma Comissão de Controle que conclama que todos os abusos sejam denunciados "seja qual for a posição ou o cargo das pessoas incriminadas". Durante o outono de 1920, se agrupa em torno de Shliapnikov e de Alexandra Kollontai a Oposição Operária, cujo programa de controle da produção pelos sindicatos, de depuração do partido de todos os elementos que não sejam operários e de restabelecimento do princípio de eleição de todos os dirigentes, será difundido amplamente, inclusive na imprensa, antes de ser publicado em forma de um folheto que será distribuído em todo o partido nas vésperas do X Congresso.

A discussão sindical

A Oposição Operária será levada, portanto, a desempenhar um papel de destaque na controvérsia sobre os sindicatos, a mais importante desde Brest-Litovski, iniciada por Trotski em acordo com Lenin, mas que se encerrará com um sério conflito entre ambos. As mais remotas origens de tal polêmica se remetem a 1919. Trotski, preocupado com a total desorganização da economia russa e convencido igualmente de que deve se iniciar uma reconstrução urgente, escreve um projeto de tese para o Comitê Central, onde propõe a aplicação dos métodos de guerra na frente econômica, bem como a atribuição de autoridade econômica ao Comissariado da Guerra. Em sua opinião, a "militarização do trabalho" é do mesmo tipo que a que permitiu a formação do Exército Vermelho. Esta exige "os mesmo heroicos esforços e o mesmo espírito de sacrifício". Em sua opinião, que se enfrenta com os defensores da democracia operária, isto "consiste de fato em um mecanismo para que as massas determinem por si mesmas a organização e as atividades produtivas, exercendo de maneira impiedosa, sobre todos aqueles que se colocam como obstáculo para o avanço da economia, uma pressão pública"[199].

A ideia é atrativa e contará com a aprovação de Lenin. Entretanto, exige ser estudada com cuidado, pois, definitivamente, a tarefa é infinitamente mais complexa do que a de construir um exército. Em primeiro lugar, ameaça provocar enormes protestos entre os trabalhadores e os dirigentes sindicais, que, apesar de serem comunistas, se mostram sensíveis à pressão de suas bases e hostis a uma militarização que se entende unicamente como a introdução de métodos autoritários e antidemocráticos. Sobre este assunto, Bukharin, redator-chefe do *Pravda*, publica por erro o projeto de Trotski no dia 17 de dezembro de 1919. O impacto é enorme entre os dirigentes sindicais e, apesar da advertência de Trotski, que afirma: "Nossa situação econômica é cem vezes pior do que jamais foi nossa situação militar"[200],

---

199 *Discurso pronunciado diante da Conferência dos Trabalhadores dos Transportes*, em *Bulletin communiste*, nº4, p. 55.

200 Citado por DEUTSCHER, Isaac. *The Prophet Armed, op. cit.*, p. 493.

no dia 12 de janeiro de 1920 a fração sindical bolchevique rechaça o projeto por uma maioria esmagadora.

Convencido de que não há outra saída que possa evitar a iminente catástrofe econômica nos marcos da política do comunismo de guerra, Trotski considera inclusive a possibilidade de renunciar a esta última. Na sessão do Comitê Central de fevereiro de 1920, ele propõe o restabelecimento de um mercado, substituindo as requisições por um imposto progressivo em espécie e realizando um esforço para prover aos camponeses produtos industriais em quantidades correspondentes. Esta é, em essência, a política que, com o nome de NEP, irá ser adotada um ano mais tarde. No entanto, Lenin não está totalmente convencido e a proposta é derrotada por onze votos a quatro[201].

Trotski, então, volta às suas propostas anteriores: é preciso impulsionar o comunismo de guerra até suas últimas consequências. Sob sua direção, o Exército Vermelho empreende tarefas econômicas na Ucrânia, no Cáucaso e no Ural. Ele assume a tarefa da reconstrução do sistema de transportes, solicita uma ampliação de seus poderes, tratando com grande severidade os "desertores do trabalho" e começa a introduzir uma "emulação socialista"[202]. Assim, ao mesmo tempo em que Trotski vai conseguir colocar os trens em funcionamento - o que é um verdadeiro milagre – vai também provocar uma irredutível oposição de parte do sindicato dos ferroviários. O comitê de organização dos transportes (Tsektran), que, estimulado por Trotski, foi construído para substituir a direção sindical, se converte no grande inimigo dos dirigentes sindicais, incluindo os bolcheviques, que o denunciam como um organismo ditatorial e burocrático. Zinoviev, dirigente do partido em Petrogrado, ataca também o Tsektran em seus artigos e discursos, acusando-o de usar "métodos policialescos"; trata-se de um velho bolchevique consciente do grande prestígio de Trotski e que, aparentemente, pretende restaurar sua própria popularidade em um conflito contra ele, aproveitando a maré da opinião pública. Além disso, Trotski também se choca com Preobrazhenski, secretário do partido que não aprova tais métodos.

Durante alguns meses, tanto Lenin como a maioria do Comitê Central defendem Trotski, atribuindo-lhe, com plena consciência de seus métodos, outras tarefas urgentes, como colocar em funcionamento a indústria do vale do rio Don e dos Urais. Mas ele acaba se chocando nestes locais com outros sindicatos, que ele vai ameaçar dissolver. Tomski, presidente do Conselho Panrusso de Sindicatos, questiona no Comitê Central do partido de 8 de novembro: Por acaso Trotski tem o direito de revogar dirigentes eleitos?

Nesta ocasião Lenin deixa de defender Trotski. O Comitê Central adota, por oito votos contra seis, um texto que, ao mesmo tempo em que defende "as formas

201 TROTSKI, Leon, *Ma vie*, tomo III, pp. 479-480.

202 Trata-se de uma prática que incentiva a competição entre empresas estatais e entre indivíduos, para tentar ampliar a produtividade (N. do E.).

saudáveis de militarização do trabalho", condena "a *degeneração que* converte o centralismo e o trabalho militarizado em burocracia, prepotência, em funcionalismo mesquinho e em ingerências preocupantes nos sindicatos". Encarrega igualmente uma comissão do estudo das relações entre o partido e os sindicatos, autorizando unicamente o seu responsável, Zinoviev, a se expressar em público sobre este tema.

Trotski vê nesta decisão uma condenação de sua atitude e se nega a ser entrevistado por uma comissão que considera parcial. No dia 7 de dezembro, Zinoviev informa o Comitê Central e propõe a imediata eliminação do Tsektran. Não se chega a nenhum acordo, formando-se dois grupos. A discussão vai se tornar pública: Trotski foi o primeiro a propô-la a Lenin, como uma medida necessária para o bem do partido, que, desta forma, poderá conhecer as teses, segundo ele muito perigosas, da Oposição Operária, das quais pensa serem muito próximos os dirigentes sindicais bolcheviques. Zinoviev deseja também que aconteça esta discussão; para isto, organiza uma campanha que anuncia "uma nova era", onde se poderá "respirar livremente", prometendo "o restabelecimento da democracia operária e camponesa de 1917 mediante a retomada do princípio eletivo" e afirmando:

> Se nós mesmos confiscamos os direitos democráticos mais elementares dos operários e camponeses, é tempo de acabar com tal estado de coisas. Estabeleceremos contatos mais íntimos com a classe operária. Teremos reuniões nos quartéis, nos acampamentos e nas fábricas. As massas trabalhadoras compreenderão então que, quando proclamamos o início de uma nova era, não estávamos falando ao vento e que, quando pudermos voltar a respirar livremente, levaremos às próprias fábricas nossas reuniões políticas. (...) Se nos perguntam o que entendemos por democracia operária e camponesa, respondo: nem mais nem menos do que entendíamos em 1917[203].

Por estas palavras, Zinoviev é repreendido pelo Secretariado. Como resposta, na reunião da fração bolchevique do congresso dos soviets, ataca violentamente o Birô de Organização. Desta forma, surge um novo conflito com Preobrazhenski, que, na sessão do Comitê Central do dia 30 de dezembro, exige que se condene o que qualifica de "agressão" por parte de Zinoviev. Sua exigência é satisfeita. Lenin está ausente e não toma parte na votação, mas Stalin, Tomski, Kalinin, Rudzutak e Petrovski votam com Zinoviev a favor da "supressão do Birô de Organização", quer dizer, contra Preobrazhenski. Eis o início de algumas alianças que irão perdurar por muito tempo.

O debate ocupa completamente a pauta de centenas de reuniões desde o dia 30 de dezembro até o início de março. Das sete plataformas que existiam inicialmente, somente três se enfrentam definitivamente. Trotski, apoiado por Bukharin,

---

203 Citado por KOLLONTAI, Alexandra, *Worker's opposition*, Londres, texto mimeografado, s/d, p.

propõe integrar os organismos sindicais ao aparato de Estado, encarregando-os da produção e, por consequência, da garantia de produtividade e de disciplina laboral. Hostil a alguns dirigentes sindicais que considera "trade-unionistas"[204], Trotski se pronuncia a favor da promoção de novos dirigentes operários, mais vinculados às novas tarefas produtivas que à defesa de alguns interesses particulares, que seriam capazes pôr em prática o que denomina de "democracia produtiva", já que, como ele mesmo sublinha, somente com a estatização os trabalhadores vão poder participar da discussão e da direção da economia. O ponto frágil desta postura é seu silêncio em relação à função de defesa dos interesses operários pelos sindicatos. Apesar desta ideia não figurar de maneira explícita em suas teses, parece bastante provável que nem Trotski, nem Bukharin concebam a necessidade de defender os interesses operários em um Estado operário.

No outro extremo do espectro de tendências, a Oposição Operária denuncia violentamente a militarização e a burocratização, opondo-as ao conceito de "controle operário" sobre a produção, que deverá ser exercido pelos sindicatos nas empresas e por um congresso de produtores em escala nacional. Como medidas imediatas, exige o nivelamento dos salários, a distribuição gratuita de alimentos e produtos de primeira necessidade aos operários e a progressiva substituição de salários em dinheiro por salários em espécie. Preobrazhenski, que é o mais severo de seus críticos, demonstrará posteriormente, sem grandes dificuldades, a insuficiência de tais teses, que, de fato, obrigam os camponeses a suportar sozinhos o peso da indústria e os privilégios dos operários. Em sua crítica à concepção anarquista dos companheiros de Kollontai, que propõem uma "economia sem cabeça", refuta seu igualitarismo com argumentos econômicos: "Somos excessivamente pobres para nos permitirmos o luxo da igualdade: cada pud (16,38 kg) de pão que se dê aos mineiros no período de reconstrução da economia, quando todo o progresso depende do carvão, vale muito mais que cinco puds repartidos em outros ramos da indústria"[205].

As teses de Lenin, apoiadas por Zinoviev, Stalin e pela maioria do Comitê Central, se assemelham mais às de Trotski do que às da Oposição Operária. Segundo eles, os sindicatos devem "educar os operários, desenvolvendo, principalmente, seu senso de responsabilidade a respeito da produção; o partido deve manter seu controle sobre eles; mas estes não podem ser tutelados, devem continuar expressando as aspirações dos trabalhadores e assegurando sua defesa, inclusive frente ao Estado, se for o caso. De fato, do ponto de vista de Lenin, o "Estado operário" continua sendo uma abstração e o Estado soviético é muito mais um "Estado operário e camponês com deformações burocráticas".

As teses de Lenin se impõem no congresso por 336 votos contra 50 de Trotski e Bukharin e 18 da Oposição Operária. Lenin tem uma avaliação severa sobre

204 Referência ao sindicalismo inglês, famoso por seu corporativismo e aversão à política mais estratégica. Uma tradução literal seria "sindicalistas", entendido com uma conotação negativa (N. do E.).
205 Citado por PEARCE, Brian, *1921 and all that* em *Labour Review*, abril-maio de 1959, p. 226.

esse debate, no geral: "Este luxo era de fato inadmissível e, ao permitir semelhante discussão, certamente cometemos um erro. Colocamos em primeiro lugar uma questão que, por razões objetivas, não poderia ocupar este lugar e nos lançamos à discussão sem levar em conta que desviávamos nossa atenção dos problemas reais e ameaçadores que estavam ao nosso redor"[206].

O fracasso da revolução europeia

Desta forma, chega ao fim a guerra civil. Todos estão cientes das imensas dificuldades que enfrenta o regime e, sobretudo, da existência de uma Oposição Operária que se revela hostil às massas camponesas. Entretanto, todos continuam querendo identificar a ditadura do partido com a ditadura do proletariado, considerando-a como a única forma de voltar à democracia operária de 1917-1918. Trotski quer reconstruir, mediante métodos administrativos e autoritários, o aparato econômico e o próprio proletariado, condições indispensáveis para a restauração da democracia operária. A Oposição Operária faz das necessidades virtudes, admite a possibilidade de construir diretamente o socialismo em um país atrasado, carente tanto de meios materiais como de técnicos e exige o imediato retorno à democracia operária como se o proletariado fosse ainda a falange combativa de 1917, aceita deliberadamente que se amplie o abismo entre operários e camponeses, ao converter os primeiros em privilegiados, alimentados pelo trabalho dos segundos. Lenin se nega tanto a aprofundar a separação entre o partido e os operários, que ocorreria se se aplicasse a política proposta por Trotski, como a admitir o desastre econômico que poderia gerar o programa da Oposição Operária. Tratando de evitar a catástrofe que vislumbra no fim desses dois caminhos, ele se esforça em não gerar rupturas, em manter a coesão entre os membros do partido e entre o partido e os sindicatos, em dar para todos alguma margem de manobra e, sobretudo, em ganhar tempo para restabelecer a produção e aumentar a produtividade do trabalho, combatendo a falta de confiança e de entusiasmo. Os acontecimentos vão justificar imediatamente tanto seus temores como sua prudência.

Durante estes anos em que os dirigentes bolcheviques se viram imersos na luta cotidiana pela sobrevivência de sua revolução, a revolução europeia, em que tantas esperanças haviam sido depositadas, fracassou. Em agosto de 1918, Kamenev volta de uma longa e difícil viagem pela Europa e, ao soviet de Petrogrado, lança uma dramática exclamação: "Estamos sós, camaradas!"[207]. Mais tarde veio a revolução alemã de 1918, a rede de conselhos de operários e soldados que cobriu todo o país e a fuga do Kaiser: a revolução europeia se convertia em realidade, e o isolamento dos russos parecia perto do fim. Mas a burguesia alemã era muito mais consciente

206 *Discurso pronunciado diante do X Congresso no dia 8 de março de 1921*, citado por ROSMER, Alfred, *op. cit.*, p. 167.
207 SERGE, Victor, *L'année I...*, *op. cit.*, p. 346.

que a russa e havia tirado várias conclusões – mais do que o próprio proletariado – da Revolução de Outubro. O estado-maior alemão, bastião das forças contrarrevolucionárias, utiliza o partido social-democrata para frear o desenvolvimento dos conselhos operários; a burguesia alemã multiplica suas concessões para preservar, com a ajuda dos aliados, uma força militar confiável e coloca o social-democrata Noske à frente da organização de corpos paramilitares contrarrevolucionários[208]. Os revolucionários alemães da Liga Espartaquista, surgidos na luta contra o centralismo burocrático da velha social-democracia, vão formar – cedo demais ou talvez tarde demais – um partido comunista que não tem nem a coesão nem a paciência do partido bolchevique: a maioria de seus militantes se nega a participar das eleições, a militar nos sindicatos, renuncia à explicação paciente, à conquista das massas, e da experiência russa, que conhecem mal, apenas retém as lições última fase, a da insurreição armada. O jovem partido acaba de ser constituído quando cai na armadilha que lhe foi preparada em Berlim, lançando-se, contra a vontade de Rosa Luxemburg, sua única cabeça política, a um combate prematuro no qual a vanguarda operária fica isolada das massas proletárias e é atacada pelos paramilitares de Noske. Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg, seus principais dirigentes, são assassinados; esta será também a sorte de Leo Jogiches, que, sob o pseudônimo de Tychko, havia desempenhado um importante papel na social-democracia polonesa e russa. Uma após a outra, as "repúblicas soviéticas" alemãs são derrotadas pelos corpos de Noske. Do Ruhr ao Báltico, da Saxônia à Baviera, os conselhos operários desaparecem.

Ainda assim, em março de 1919, os bolcheviques se utilizam de toda sua autoridade perante os revolucionários estrangeiros para convencê-los da necessidade de proclamar a III Internacional, a Internacional Comunista, frente à perspectiva de vitórias revolucionárias em breve e em vários dos países avançados. O trágico fim da revolução socialista na Hungria, vítima tanto da inexperiência de seus dirigentes como da coalizão formada contra ela, não parece invalidar este prognóstico. Na Itália se produz uma onda de greves revolucionárias: o movimento dos conselhos de fábrica de Turim revela a mesma tendência que os soviets russos e os conselhos alemães.

O partido comunista alemão, que foi destruído com o fracasso de 1919, volta a renascer: a classe operária derrota de maneira esmagadora, em março de 1920, à tentativa de golpe do general von Luttwitz e do alto funcionário imperial Kapp. Centenas de milhares de operários avançados rompem com a social-democracia reformista; a fusão entre o minúsculo Partido Comunista da Alemanha e o Partido

---

208 Gustav Noske, antigo dirigente social-democrata alemão e ministro da Defesa do recém-formado regime republicano, vai organizar os *freikorps*, ou "corpos livres", força paramilitar composta de antigos membros do exército alemão (que é reduzido com o fim da guerra) e que se lançam à perseguição e assassinato dos insurgentes comunistas. Entre outras atrocidades, os *freikorps* serão responsáveis pelo assassinato de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht (N. do E.).

Social-Democrata Independente, em dezembro de 1920, dá origem a um novo partido de massas – o primeiro e o único além do partido russo –, um instrumento revolucionário incomparável, que reúne a elite dos intelectuais e militantes operários da vanguarda, formando assim a direção revolucionária que faltou em 1919. Assim, após 1918, a vaga revolucionária europeia parece continuar. O movimento grevista dos operários britânicos faz com que o governo desistir da intervenção militar na Rússia em apoio aos brancos, que era tão defendida por Winston Churchill. São também os motins dos marinheiros da frota francesa no Mar Negro, encabeçados por André Marty, que impedem o governo francês de tentar uma ação militar no sul. Apesar disso, em nenhum país a revolução triunfa. A maioria dos socialistas franceses vai aceitar as "21 condições", exigências draconianas fixadas pela III Internacional para a admissão de novos partidos, mas isto não os converterá em bolcheviques. De fato, vão conservar sua velha estrutura e sua velha direção, social-democrata e oportunista.

Depois de perdidas as esperanças em um levante operário na Polônia, durante o outono de 1920, a onda revolucionária parece retroceder. Lenin e Trotski, absorvidos pelas tarefas urgentes da guerra civil, confiam a Zinoviev a responsabilidade prática de uma Internacional Comunista na qual nenhum dirigente estrangeiro conseguiria discutir de igual para igual com os russos. Zinoviev parece haver subestimado as tarefas de explicação e educação, que seriam as principais da nova direção internacional. Em Halle[209] vai obter um grande êxito ao convencer a maioria dos independentes, mas aplica na Internacional métodos de direção excessivamente verticais. São seus enviados, em especial o dirigente da fracassada revolução húngara Bela Kun, que vão fomentar uma débil e improvisada tentativa de insurreição na Alemanha central. Depois deste fracasso esmagador, o partido alemão passará uma crise violenta. O episódio de março de 1921 é a prova de que a onda revolucionária do pós-guerra se extingue. Tudo indica que o isolamento da revolução russa ainda deve durar.

Isto é o que dá à situação dos bolcheviques suas características trágicas e faz as contradições parecerem difíceis de superar. A revolução russa teria de sobreviver e tentar preservar o terreno conquistado em condições que seus dirigentes julgavam insustentáveis.

---

209 Trata-se do congresso do Partido Social-Democrata Independente, realizado na Alemanha em outubro de 1920, e que vota a filiação deste partido à III Internacional (se fundindo, após isso, com o Partido Comunista da Alemanha) (N. do E.).

7

A CRISE DE 1921: O COMEÇO DA NEP E O AUGE DO APARATO

O país em que a revolução operária alcançou sua primeira vitória e no qual se iniciou a construção do primeiro Estado operário parece chegar, depois de três anos destes triunfos, à beira da desintegração. Regiões inteiras vivem em um estado de anarquia próximo da barbárie, sob a ameaça dos ataques de salteadores. Toda a estrutura econômica parece ter desabado. A indústria fabrica apenas 20% da quantidade que produzia antes da guerra, e gera apenas 13% do valor. A produção de ferro representa 1,6%; a de aço 2,4%. A produção de petróleo e carvão, que são os setores menos afetados, chega apenas a 41% e 27%, respectivamente, das cifras de antes da guerra. Nos outros setores a porcentagem oscila entre zero e 20%. A maquinaria está praticamente destruída: 60% das locomotivas estão fora de uso e 63% das vias férreas estão inutilizáveis. A produção agrícola sofreu uma forte queda tanto em quantidade como em valor produzido. A superfície cultivada caiu em 16%. Nas regiões mais ricas os cultivos especializados, destinados ao comércio e à criação de gado, desapareceram, dando lugar aos cultivos de subsistência e de ínfimo valor. As trocas entre as cidades e o campo foram reduzidas ao mínimo, dando lugar às requisições e saques.

No entanto, há um mercado negro no qual os preços são entre quarenta e cinquenta vezes maiores do que os preços legais. O nível de vida das populações urbanas é muito inferior ao mínimo vital necessário. Em 1920, os sindicatos opinam que os gastos absolutamente indispensáveis representam somas entre duas vezes e meia e três vezes superiores aos salários. Os trabalhadores com melhores salários recebem entre 1.200 e 1.900 calorias ao invés das 3.000 calorias diárias que os especialistas consideram necessárias. Por esta razão, as cidades, mortas de fome, se esvaziam. No outono de 1920, a população de quarenta capitais de província

diminui 33% em relação a 1917, passando de 6,4 milhões para 4,3. Em três anos, Petrogrado perdeu 57,5% e Moscou 44,5% de sua população. Em relação ao número de habitantes de antes da guerra, a primeira perdeu a metade e a segunda um terço de seus habitantes.

Desta forma, quatro anos depois da revolução, a Rússia representa o paradoxo de um Estado operário surgido de uma revolução proletária, no qual se vê, nas palavras de Bukharin, uma verdadeira "desintegração do proletariado". Enquanto em 1919 existiam 3 milhões de operários industriais, em 1920 estes já não são mais do que 1,5 milhão e em 1921 não passam de 1,25 milhão. Além disso, estes não estão verdadeiramente empregados: o absenteísmo "normal" nas empresas é de 50%, o operário recebe um salário que é praticamente um seguro-desemprego e os sindicatos calculam que a metade dos produtos fabricados em algumas empresas é imediatamente revendida pelos operários que os produziram: o mesmo ocorre (com graves consequências) com as ferramentas, o carvão, os pregos e os bens de produção.

A classe operária, consideravelmente reduzida em número, sofreu alterações profundas em sua consciência. Sua vanguarda, constituída pelos militantes da época clandestina, pelos combatentes da revolução, pelos organizadores dos sovíets, pela geração de quadros experientes ou de jovens entusiastas, abandonou em massa as fábricas com o começo da guerra civil: os operários revolucionários ocupam postos de comando no Exército Vermelho e no aparato estatal, em todas as frentes de combate ao redor do imenso país. Entre os que permaneceram, os mais ativos são os quadros sindicais; os mais hábeis buscam, no meio da miséria geral, uma solução individual que lhes permite sobreviver. Às centenas de milhares, os operários das cidades restabelecem com o campo vínculos que nunca haviam deixado de existir. Não existe mais uma vanguarda operária, nem sequer um proletariado, no sentido marxista da palavra, mas uma massa de operários desclassados, um subproletariado miserável e semiocioso. A degeneração é tão brutal que o ano de 1921 marcará o reaparecimento de uma onda de fome que, segundo os dados oficiais, afeta 36 milhões de camponeses, chegando inclusive a provocar casos de canibalismo.

A crise de 1921: Kronstadt

A explosão da crise se produz no início de 1921. Na realidade, esta crise vinha sendo incubada desde o fim da guerra civil. Se é certo que, entre dois males – o Exército Branco e o Exército Vermelho –, os camponeses haviam escolhido o segundo como o menor, depois da derrota dos brancos, os confiscos de grãos vão se tornar mais difíceis de tolerar, agora que os camponeses não temem mais uma restauração que poderia retirar-lhes as terras. Assim, o descontentamento camponês vai crescer a partir de setembro de 1920: ocorrem levantes na Sibéria durante o

inverno, ameaçando o fornecimento de provisões para as cidades. É apenas graças ao apoio dos camponeses ucranianos que Makhno vai conseguir continuar sua resistência, de armas em punho. A crise do campo se propaga para as cidades. Em Petrogrado, durante longas semanas, o salário do operário se reduz a meia libra de pão diária; em fevereiro se multiplicam as greves e as manifestações.

Esta agitação será o pano de fundo da rebelião de Kronstadt. A discussão sobre os sindicatos e a campanha de Zinoviev a favor da "democracia operária" vão avivar as brasas. O comitê do partido em Petrogrado, tentando explorar o descontentamento dos marinheiros diante da centralização que é imposta pelos comissários políticos, exige que lhe seja confiada a direção política da frota: Zinoviev respalda os que denunciam a "ditadura dos comissários" e, em Kronstadt, todos estes elementos de agitação encontram terreno fértil.

Em 1917 a base naval fora o bastião dos marinheiros revolucionários. Ela não o é mais. Aqui também a vanguarda foi sugada pelas novas tarefas. Os dirigentes de 1917 já não estão aqui. O bolchevique Rochal foi eliminado pelos brancos na Romênia; o anarquista Yarchuk está no cárcere; Markin morreu na frente de batalha do Volga; Raskolnikov, Dingelstedt e Pankratov estão dispersos por todo o país como comissários, chefes militares ou diretores da Cheka. Entre os marinheiros, privados de suas lideranças políticas, existem muitos novos recrutas. Entretanto, ainda existe uma tradição, um prestígio e uma força. Sem dúvida são influenciados pelas correntes de oposição. A influência dos mencheviques, notável nas fábricas de Petrogrado, não é sentida na frota. Porém tanto os anarquistas quanto os socialistas-revolucionários certamente têm uma audiência que nunca chegou a desaparecer por completo e cuja adesão irá se refletir nas consignas dos insurgentes. Entretanto, não se pode atribuir a nenhum grupo político a iniciativa da revolta; as primeiras manifestações da oposição política dos marinheiros surgem espontaneamente da agitação operária de fevereiro.

Nos dias 24, 25 e 26 de fevereiro, as fábricas de Petrogrado declaram greve uma após a outra; às assembleias grevistas exigem o fim das requisições no campo, melhorias no abastecimento alimentar e a suspensão dos exércitos do trabalho, umas das consignas mencheviques. Diversos oradores exigem que se limitem os poderes da Cheka. No dia 24, o soviet local constitui um comitê de defesa composto por três membros, dirigido por Lashevich, que proclama o estado de sítio e, em cada fábrica são concedidos plenos poderes a outros comitês de três, os "troiki", e faz um chamado aos jovens oficiais a que ajudem a preservar a ordem nas ruas. Alguns delegados dos marinheiros de Kronstadt participam de todas as reuniões nas principais fábricas, dando informes sobre elas a seus companheiros na fortaleza. Este é provavelmente o tipo de reunião que acontece a bordo do encouraçado Petropavlosk, no dia 28 de fevereiro, com a presença dos comissários da frota. Nela se adota uma resolução de quinze pontos, que exige a reeleição dos soviets por voto

secreto após uma campanha eleitoral livre, liberdade de imprensa e de reunião para os partidos anarquistas e socialistas e para os sindicatos operários e camponeses, bem como a convocatória de uma conferência independente – tendo o dia 10 de março como limite – dos operários, soldados e marinheiros de Petrogrado, Kronstadt e de toda a região; a libertação de todos os presos políticos pertencentes aos partidos socialistas e de todas aquelas pessoas que foram detidas por sua participação em mobilizações operárias ou camponesas, a eleição de uma comissão que se encarregue de rever os processos de todos os detidos, a abolição das seções políticas de educação e agitação, a igualdade entre as rações alimentares de todos os trabalhadores, a dissolução dos destacamentos encarregados das requisições de cereais, bem como de todas as unidades comunistas do exército, o direito de todos os camponeses de dispor de suas terras e de seu gado como quiserem e, por fim, a liberdade de produção para todos aqueles artesãos que não utilizem trabalho assalariado[210]. Neste momento, nada permite ainda considerar este programa como a base de um movimento insurrecional. De fato, o comitê de defesa de Petrogrado não o considera como tal e envia a Kronstadt dois oradores, o presidente do Comitê Executivo dos Soviets, Kalinin, que já soube apaziguar diversas greves em Petrogrado, e o comissário da frota, Kuzmin.

No dia 1º de março, os dois dirigentes falam, na Praça da Ancora, a um auditório de cerca de seis mil marinheiros, soldados e camponeses, sob a presidência do comunista Vasilev, dirigente do soviet de Kronstadt. São interrompidos com muita frequência e não conseguem convencer a assembleia, que, por ampla maioria, adota a resolução de Petropavlosk e, posteriormente, decide por unanimidade reunir uma conferência de delegados encarregados de realizar novas eleições para o soviet[211].

Nesta conferência, que vai acontecer no dia seguinte, ocorrem os primeiros incidentes sérios: Kuzmin, que proclama a posição do partido comunista de não se deixar expulsar do poder no momento de maior perigo da revolução, é acusado de ter ameaçado os marinheiros de Kronstadt. Por aclamação, sua prisão é decidida, junto com a de Vasilev. Surge um rumor de que os comunistas da escola do partido estariam se dirigindo à sala de reuniões e a conferência termina em completa confusão, não sem antes designar, também por aclamação, um comitê de cinco membros que, ampliado pela incorporação de mais dez, será seu comitê militar revolucionário, dirigido pelo marinheiro Petrichenko. A rebelião vai, daqui por diante, se voltar contra aqueles que os de Kronstadt chamam de "usurpadores

---

210 Texto integral nas pp. 22-23 do estudo *The Kronstadt Rising*, de George Katkov, publicado no nº6 dos *St. Antony's Papers, Soviet Affairs*. Trata-se, sem dúvida, da mais completa e recente análise sobre o tema. Em francês se pode consultar ainda, além do livro de Volin, ver *La commune de Kronstadt*, de Ida Mett (Liga Spartacus), obra na qual se expressa o mesmo ponto de vista, bem como o dossiê publicado em 1959 no nº14 da revista *Arguments*.

211 KATKOV, George. *op. cit.*, p. 28.

comunistas" ou de "comissariocracia". Ao que parece, este movimento vai arrastar consigo à maioria dos comunistas de Kronstadt[212].

A situação se torna extraordinariamente grave para o governo bolchevique. Apesar de que nenhum dirigente pareça acreditar na influência de guardas brancos no começo do motim, a propaganda oficial descreve imediatamente o movimento como uma rebelião dos oficiais brancos, dirigida por um destes, o general Kozlovski. Este último, antigo oficial do exército czarista que esteve a serviço o Exército Vermelho, é o chefe da artilharia de Kronstadt, ocupando, depois de 4 de março, um posto no comitê de defesa da cidade. Porém, ele de modo algum parece ter sido o inspirador do movimento. Entretanto, a experiência da guerra civil demonstrou que os levantes populares espontâneos contra o regime soviético sempre terminaram por cair nas mãos de reacionários ou de monarquistas, apesar do caráter democrático de suas reivindicações iniciais. Desde o dia 3 de março, os delegados de Kronstadt tentam chegar a Oranienbaum e se apossar da V Esquadrilha Aérea: se tivessem conseguido, Petrogrado teria caído em poucas horas[213]. O secretário do partido em Petrogrado, Serguei Zorin, descobre os preparativos de um chefe de regimento que está a ponto de passar para o lado dos rebeldes e que, antes de seu fuzilamento, declara: "Esperava por esta hora há muitos anos. Os odeio, assassinos da Rússia"[214]. Apesar dos chamados a uma "terceira revolução", que evidentemente distancia os revoltosos de Kronstadt dos defensores da assembleia constituinte, os emigrados brancos vão multiplicar suas ofertas de ajuda, que, entretanto, são rechaçadas. Petrichenko nega-se a receber Tchernov até que a situação fique mais clara[215]. Miliukov, o líder dos kadetes, escreve que os rebeldes encontraram uma boa maneira para acabar com o regime ao lançar (o que não é verdade) a consigna de "soviets sem comunistas".

Lenin assegura: "Não querem os guardas brancos, mas também não querem nosso regime"[216]. Ao que parece, o que ele mais teme é que os marinheiros possam desempenhar um papel de cavalo de Troia. Kronstadt é uma posição estratégica vital e dispõe de uma poderosa artilharia pesada. A ilha está bloqueada pelo gelo, mas, se a insurreição se prolonga, depois do degelo pode vir a ser a ponta de lança de uma intervenção estrangeira às portas de Petrogrado. São os rebeldes os primeiros a iniciar as hostilidades nos dias 2 e 3 de março. O primeiro objetivo do governo parece ter sido o de negociar, mas após alguns dias de uma intensa guerra de propaganda, através de panfletos e do rádio, decide empregar a força.

As notícias vindas do campo não são nada reconfortantes. Victor Serge afirma que naquele período existem mais de cinquenta focos de levantes camponeses. O

---

212 *Ibid.*, pp. 29-32.
213 *Ibid.*, p. 32.
214 SERGE, Victor, *Mémoires... op. cit.*, p. 129.
215 KATKOV, George, *op. cit.*, p. 42.
216 Citado por SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 205.

socialista-revolucionário Antonov reúne na região de Tambov um exército de 50 mil homens que o Exército Vermelho vai demorar vários meses para conseguir derrotar. Makhno continua controlando a Ucrânia. Todos estes movimentos poderiam se estender com imensa rapidez se Kronstadt resistisse por algum tempo; este é o caso de Saratov, onde os camponeses atacam a cidade para acabar com os comunistas. Os bolcheviques vislumbram no horizonte o terror branco e temem que o inimigo se aproveite do descontentamento popular para voltar a colocar os pés na Rússia. Como consequência, tomam a decisão de "cortar o mal pela raiz".

No X Congresso, Lenin afirma: "Aqui temos uma manifestação do democratismo pequeno-burguês que reclama sua liberdade de comércio e clama contra a ditadura do proletariado. Desta maneira, os elementos sem partido serviram de estribo, de escada, de passarela para os guardas brancos"[217]. As palavras dos bolcheviques acentuam o caráter de "conjuração contrarrevolucionária monárquica, inspirada pelo chefe da artilharia Kozlovski", o que "não foi percebido pelos marinheiros", como sustenta Radek[218]. No dia 5 de março, como chefe do Exército Vermelho, Trotski exige que os amotinados rendam-se imediatamente, mas estes se negam a fazê-lo. Tukhachevski prepara então o assalto com tropas de elite: chekistas e alunos da escola de oficiais do Exército Vermelho. As operações acontecem com a maior rapidez, pois o tempo urge, já que o degelo iminente poderia isolar a fortaleza da terra firme. O preço em vidas humanas vai se elevar, pois os soldados vermelhos iniciam o ataque pelo gelo, sob o fogo dos canhões de Kronstadt. O ataque se inicia no dia 7 de março e se conclui no dia 17. Um certo número de dirigentes rebeldes consegue escapar – entre eles Petrichenko, que foge para fora do país –, mas a repressão é dura. Dos insurgentes de Kronstadt, alguns serão fuzilados nas ruas e o restante, cujo número se eleva a centenas, será executado, segundo Serge, meses mais tarde "em pequenos grupos"[219].

A insurreição é derrotada. O termidor[220] que Lenin temia aconteceu efetivamente, mas os bolcheviques venceram os termidorianos. As contradições, mesmo assim, continuam profundas. O programa dos rebeldes trazia diversos ecos do programa da revolução de 1917, cuja ponta de lança havia sido Kronstadt, e as

---

217 *Discurso pronunciado diante do X Congresso*, em *Bulletin communiste*, nº15, 14 de abril de 1921, p. 243.

218 RADEK, Karl, *Kronstadt*, em *Bulletin communiste*, nº19, 12 de maio de 1921, p. 322.

219 SERGE, Victor, *Mémoires...*, op. cit., p. 130.

220 Termidor é o nome dado ao décimo primeiro mês do ano no calendário instituído na França pela revolução de 1789. O sentido político da expressão "termidor" ou "termidoriano" vem do fato de que, no dia 9 de termidor de 1794 (27 de julho), o setor mais radical da Revolução Francesa – os jacobinos – foi derrubado do poder pela alta burguesia. Começa então um período de reação dentro da revolução, que resultará na anulação de várias medidas revolucionárias e na eliminação física dos principais líderes jacobinos. Mais tarde, referindo-se à Revolução Russa, Trotski usará o termo para definir a essência da reviravolta política e social que levou Stalin ao poder e o regime instaurado a partir de então (N. do E.).

reivindicações que incluía correspondiam às aspirações de um bom número de operários e camponeses, cansados do sacrifício, exaustos, destroçados e famintos. "Nós fomos longe demais" dirá Lenin. No entanto, o partido respalda a ação: os delegados ao X Congresso, inclusive os pertencentes à Oposição Operária, participarão do ataque e da repressão à Kronstadt. Lutovinov, tenente de Shliapnikov, que se encontrava em Berlim, condena categoricamente a insurreição, aprovando a intervenção do Exército Vermelho. No entanto, fica claro que foram criadas novas relações entre o partido e os operários: "Por acaso devemos ceder frente a alguns trabalhadores, cujas forças físicas e paciência estão esgotadas, e que estão menos informados que nós a respeito de seus próprios interesses gerais?" se perguntava Radek alguns dias antes em uma palestra aos alunos da Academia Militar do Exército Vermelho, concluindo assim: "O partido acredita que não pode ceder, que deve impor sua vontade de vitória aos trabalhadores cansados e vacilantes"[221]. Pela primeira vez, em nome de "uma consciência superior", o partido que até então dirigira os trabalhadores através do convencimento, combatia, de armas em punho, a trabalhadores que se expressavam livremente, mas de um modo reacionário, segundo a opinião do partido. A harmonia lírica de 1917 pertencia ao passado.

A insurreição e a repressão de Kronstadt puseram fim ao sonho de Mühsam e de outros sobre uma possível unificação entre marxistas e libertários. Depois do fracasso das tentativas de mediação dos anarquistas americanos Emma Goldman e Alexander Berkman, Kronstadt será o símbolo da hostilidade irredutível que daqui por diante existirá entre estas correntes do movimento operário.

A NEP

Certamente, não é por acaso que a insurreição de Kronstadt vai coincidir com a adoção, no X Congresso do partido, de um giro radical na política econômica conhecido pelo nome de Nova Política Econômica, geralmente chamada de NEP. Diferente das afirmações superficiais que apareceram com frequência, não é Kronstadt o fator determinante na adoção da NEP. Ao contrário, foram as mesmas dificuldades que originaram a insurreição que causaram também o giro na economia. As raízes dos acontecimentos de março de 1921 podem ser encontradas tanto nas consequências da guerra civil quanto do final das lutas. No pior dos casos, podemos considerar que o giro da NEP foi iniciado demasiado tarde e que a insurreição de Kronstadt foi o castigo por este atraso inútil: a maioria das reivindicações econômicas dos amotinados estava presente no projeto elaborado pelo Comitê Central comunista nos primeiros meses de 1921, onde apareciam como medidas inevitáveis na nova situação.

A NEP se caracteriza pela supressão das requisições de grãos - substituídas por um imposto progressivo em espécie -, pelo restabelecimento da liberdade de co-

221 Citado por BARMIN, Alexander, *op. cit.*, pp. 143-144.

mércio e o reaparecimento de um mercado, pela volta da economia monetária, pela tolerância à pequena e média indústria privada e pelo chamado, sob o controle estatal, a investimentos estrangeiros. Trata-se de um esforço para sair do círculo vicioso que supõe o comunismo de guerra. Além disso, de certo modo, constitui a inversão do pressuposto que partia da necessidade de se pilhar o campo para alimentar as cidades, para, ao invés disso, priorizar o estímulo ao camponês para que este forneça às cidades o produto de seu trabalho e possibilite uma política de produtividade industrial necessária para a sustentação do mercado. Os historiadores se preocuparam em destacar as duas tendências contraditórias que adotam as explicações dos dirigentes comunistas: alguns consideram a NEP como um refúgio temporário; outros a concebem como a reativação, depois de um desvio imposto pela guerra, da política econômica esboçada em 1917. Na verdade, ela tinha o duplo objetivo de aglutinar as massas camponesas e desenvolver, junto com a indústria, as bases econômicas e sociais do novo regime. A NEP se impunha também como consequência do fracasso da revolução europeia. No X Congresso, Lenin a explica desta maneira: "Uma revolução socialista pode ser vitoriosa de maneira definitiva em um país como o nosso se existem duas condições. Em primeiro lugar, se, no momento oportuno, é apoiada por uma revolução socialista em um ou vários países avançados. Trabalhamos muito para que esta condição fosse cumprida (...). Entretanto, estamos longe de sua realização. A outra (...) é um acordo entre o proletariado, que exerce sua ditadura, que tem em suas mãos o poder do Estado, e a maioria da população camponesa"[222].

Na verdade, é o isolamento da revolução russa o fator que conduz os dirigentes bolcheviques a promover a NEP e não a adoção da NEP que os desvia do objetivo da revolução europeia. De fato, março de 1921 não é unicamente o mês de Kronstadt e do 10º Congresso, mas também o do fracasso das greves revolucionárias na Alemanha. Preparada às pressas, mal organizada, imposta ao Comitê Central do partido alemão pelo húngaro Bela Kun, emissário de Zinoviev, tentada talvez com a esperança de que um êxito revolucionário evitaria o giro da NEP, ela vai demonstrar, com seu fracasso, que é preciso abandonar tanto a tática ofensiva quanto as perspectivas revolucionárias de curto prazo. O capitalismo europeu conseguiu se estabilizar e os comunistas devem ajustar sua tática a esta situação. Lenin e Trotski, que a princípio se enfrentam praticamente sozinhos contra uma maioria hostil, conseguem depois de um duro combate convencer os delegados do III Congresso da Internacional. O informe de Trotski se conclui desta maneira: "A história outorgou à burguesia uma trégua durante a qual poderá respirar (...). O triunfo do proletariado no dia seguinte à guerra foi um possibilidade histórica, mas, de fato, não se realizou. Devemos aproveitar este período de estabilização relativa pare estender nossa influência sobre a classe operária e ganhar sua maio-

222 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo II, pp. 289-290.

ria antes que se produzam acontecimentos decisivos"[223]. Os partidos comunistas, antes de tomar o poder, devem "conquistar as massas": esta é a tarefa a que os chama a Internacional Comunista a partir de 1921.

O monopólio do partido

Apesar de supor uma maior liberdade no campo econômico, o giro da NEP constitui uma importante etapa no monopólio político do partido bolchevique. A ditadura, que até então poderia se justificar pelas necessidades da luta militar, permanece, e inclusive se reforça, em nome de outros perigos. O fim do comunismo de guerra e a diminuição do controle estatal vão dar um novo vigor a forças sociais que até então estavam praticamente suprimidas: o campesinato próspero dos *kulaks*; a nova burguesia formada pelos *nepmans*[224] enriquecida pela retomada dos negócios, e os especialistas e técnicos burgueses empregados na indústria.

Os dirigentes bolcheviques temem ver estas forças temíveis voltarem-se contra o regime. O partido está cansado. Como dirá abruptamente Zinoviev, "Muitos militantes estão mortalmente fatigados, nós os mantemos sob uma tensão constante; suas famílias vivem em péssimas condições. O partido e a sorte os carregam de um lado para outro. Naturalmente, disto resulta um desgaste fisiológico brutal"[225]. Os arquivos de Smolensk revelam que, naquela época, 17% dos membros do partido padecem de tuberculose[226]. Dezenas de milhares dos melhores militantes morreram; por outro lado, o fim da guerra civil provoca um influxo de arrivistas e de oportunistas ambiciosos ao partido, ou seja, de todos aqueles para os quais a carteira do partido é uma espécie de garantia social. A força do partido em 1917 vinha de sua velha guarda e, na atualidade, esta elite está dizimada e exausta; sua potência também se originava de seus vínculos com a classe operária ardente e combativa, generosa e entusiasta. Já não existe um verdadeiro proletariado revolucionário e os proletários da atualidade se distanciam do partido e de suas perspectivas históricas para se lançar em busca de uma salvação individual problemática. Como os bolcheviques poderão aceitar a livre confrontação de ideias e a livre eleição nos soviets, se sabem que noventa por cento da população lhes é hostil, se pensam que sua derrota conduziria a um caos sangrento, a um aprofundamento ainda maior da barbárie e à volta ao reinado reacionário dos organizadores de progroms?

Desde 1917 nunca os mencheviques tiveram tanta influência nas fábricas e nos sindicatos. Pela primeira vez representam, bem como os anarquistas, uma força

---

223 TROTSKI, Leon, *The first five years of the Communist International*, Londres, New Park, 1953, pp. 219-226.
224 "Homens da NEP": comerciantes, pequenos empreendedores e especuladores (N. do E.).
225 Citado por SOUVARINE, Boris, *Staline*, *op. cit.*, p. 298.
226 FAINSOD, Merle, *Smolensk under soviet rule*, Harvard, Harvard University Press, 1958, p. 45.

real entre os operários. Por isto não serão cumpridas as promessas de legalização: as organizações antagônicas ao partido são proibidas de fato, ainda que não de direito. O jornal dos socialistas-revolucionários de esquerda desaparece em maio de 1921: Steinberg consegue fugir, mas Kamkov e Karelin desaparecem nas prisões, como já havia ocorrido com Spiridonova em outubro de 1920. Em fevereiro de 1921 ainda existe um número considerável de anarquistas em liberdade para assistir ao enterro de Kropotkin, mas depois de Kronstadt eles são detidos em massa. Makhno consegue fugir para a Romênia; Volin, depois de uma greve de fome, é autorizado a emigrar. Apesar das promessas de Kamenev, o velho Aaron Baron permanece na prisão, enquanto sua mulher é fuzilada em Odessa. No outono de 1920, Martov recebe um passaporte para a Alemanha e se instala no país. Dan, que foi detido depois da rebelião de Kronstadt, será autorizado a emigrar posteriormente. A partir de fevereiro de 1921, a revista menchevique *Sotsialisticheski Vestnik* vai aparecer na Alemanha, ainda que, durante muitos anos, seja distribuída quase que livremente na Rússia.

Vários antigos adversários acabam se juntando às fileiras dos bolcheviques e são acolhidos entusiasticamente: Semenov, seguindo os passos de Blumkin, se une ao serviço secreto, onde este antigo terrorista ocupa um cargo. Os mencheviques Martinov, antigo "economicista", Maiski, Vishinski e Troianovski também se integram ao partido. Em virtude de seu monopólio político, o partido se converte no único organismo onde podem se expressar as pressões divergentes das classes e os desacordos políticos.

O X Congresso

Estas novas condições pesam sobre o partido, que deve fazer frente a dois tipos de imperativos contraditórios. Por um lado, se quiser manter suas características de partido comunista, ele não pode admitir sua conversão num campo de batalha de forças sociais antagônicas, como implicaria sua posição de partido único. Como partido do poder, ele também não pode virar as costas a seus próprios objetivos e continuar dirigindo o país sem nenhum tipo de democracia interna, como se fosse um destacamento militar. Obrigado a filtrar cuidadosamente os pedidos de adesão, ele deve também precaver-se contra o isolamento que poderia convertê-lo em uma espécie de maçonaria de veteranos, distanciada das gerações mais jovens que, nos últimos anos, se educam no novo regime. É por enfrentar-se com necessidades antagônicas que o partido vai adotar soluções que posteriormente irão se revelar contraditórias e mesmo irreconciliáveis, num momento onde quase a totalidade dos militantes e dos dirigentes as considerava suplementares. Isto explica por que o X Congresso, que para seus contemporâneos foi o da recuperação da democracia operária, se converteu, durante os anos seguintes, naquele que, com sua proibição das frações dentro do partido, anunciava e preparava o monolitismo.

É pouco provável que a influência de Zinoviev no X Congresso se devesse aos seus esforços anteriores em defesa da restauração da democracia operária. Pelo contrário, ele desfrutava de uma sólida reputação de homem decidido, que nunca era constrangido por escrúpulos democráticos; diversos autores da época contam que uma das melhores maneiras para obter boas gargalhadas de um auditório operário consistia em selecionar certo número de citações de Zinoviev sobre a democracia. Entretanto, é significativo que um homem com estas características tenha escolhido precisamente este tema como cavalo de batalha. O incidente em torno ao Tsektran e o desenvolvimento da discussão sobre o papel dos sindicatos tinham demonstrado claramente que eram numerosos os militantes e dirigentes que, como Preobrazhenski, opinavam que "a extensão das possibilidades de crítica era precisamente uma das conquistas da revolução"[227]. Era nesta perspectiva que Trotski havia solicitado também que se iniciasse "um debate livre" no âmbito do partido sobre a questão sindical.

O X Congresso teve sua sessão inaugural no dia 8 de março. No mesmo dia, ainda rugiam os canhões em Kronstadt. Mais de duzentos delegados abandonaram a sala para participar do assalto. Não podemos estranhar, em tais condições, que o segundo dia tenha sido marcado por uma séria advertência de Lenin, que declara, ao referir-se à Oposição Operária:

> Um desvio ligeiramente sindicalista ou semianarquista não é tão grave porque o partido o reconhece a tempo e se preocupa em eliminá-lo. Mas quando tal desvio se produz num quadro de uma ampla maioria camponesa no país, quando cresce o descontentamento dos camponeses com a ditadura proletária, quando a crise da agricultura alcança seu limite, quando a desmobilização do exército camponês está libertando centenas de milhares de homens que não podem encontrar trabalho e não conhecem outra atividade que não seja a guerra, passando a ingressar na bandidagem, já não é tempo de discussões sobre desvios teóricos. Devemos dizer claramente ao congresso: não permitiremos mais discussões sobre os desvios, é preciso detê-las (...). O ambiente de controvérsia é extraordinariamente perigoso e está se convertendo em uma autêntica ameaça para a ditadura do proletariado[228].

Acima de tudo, Lenin parece ter compreendido o perigo da situação. Tentando justificar a condenação da Oposição Operária, emprega alguns argumentos que revelam uma visão extremamente pessimista da realidade: "Se formos derrotados, será a maior importância preservar nossa linha ideológica e dar uma lição para nossos sucessores. Nunca devemos esquecer isso, nem sequer nas circunstâncias mais desesperadoras"[229].

227 Citado por SCHAPIRO, Leonard, *Les bolcheviks et l'opposition*, Paris, Iles d'Or, 1958, p. 222.
228 LENIN, Vladimir, *Selected works*, *op. cit.*, vol. IX, p. 92.
229 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience... op. cit.*, p. 147.

Entretanto, o perigo também vem inevitavelmente do regime militarizado do partido. Bukharin apresenta, em nome do Comitê Central, o informe sobre democracia operária[230]. Começa recordando que uma das contradições do comunismo de guerra foi que, graças à introdução na organização de uma "militarização" e de um "extremo centralismo" absolutamente necessários, levou à criação de "um aparato altamente centralizado, tendo como base o baixíssimo nível cultural das massas". Tal regime não é mais desejável nem aplicável. "É preciso fazer com que nossas forças tendam à democracia operária, realizando-a com a mesma energia empregada durante o período anterior na militarização do partido. Deve compreender-se por democracia operária no interior do partido uma forma de organização que assegure a todos os membros uma participação ativa na vida do partido, na discussão de todas as questões que se colocam e em suas decisões, assim como uma participação ativa na construção do partido". Sobre a delicada questão das nomeações ele se mostra categórico: "A democracia operária é impossível num sistema de nomeações, e se caracteriza pela eleição de todos os organismos, desde os de cima até os de baixo, por sua responsabilidade e pelo controle que lhes é imposto". Os métodos de trabalho na democracia operária devem basear-se na "ampla discussão sobre todas as questões importantes, na absoluta liberdade de crítica dentro do partido e na elaboração coletiva de suas decisões".

A resolução que propõe recorda a definição do centralismo democrático dos estatutos de 1919: "As decisões dos organismos dirigentes devem ser aplicadas com rapidez e exatidão. Ao mesmo tempo, a discussão no partido de todas as questões controversas sobre a vida deste é inteiramente livre até que a decisão seja tomada". Esta discussão deve se concretizar no âmbito da democracia operária mediante a busca de um "constante controle da opinião pública do partido sobre o trabalho de seus órgãos dirigentes, bem como de uma constante interação na prática entre estes últimos e a totalidade do partido. Ao mesmo tempo, deve-se buscar também uma estrita divisão das responsabilidades entre os comitês do partido, tanto os superiores quanto os inferiores". O texto apresentado por Bukharin conta com a aprovação de todos os delegados do congresso, pois, no fundo, responde a uma aspiração geral, manifestada não somente pelo proponente e seus aliados, mas também por Zinoviev e os seus, e por Shliapnikov e os outros opositores.

Trata-se de uma resolução sobre os princípios, mas que também trata da atualidade. É em nome da democracia operária que deve ser impedido o acesso ao partido dos carreiristas e dos inimigos de classe. Mais tarde, será imposto aos aspirantes que não sejam de origem operária um período de prova de um ano, durante o qual não terão direito a voto. Recorrendo a uma resolução do VIII Congresso e mostrando que os dirigentes bolcheviques estão conscientes do perigo de degeneração que implica a perpetuação dos dirigentes liberados e a diferenciação funcio-

230 *Informe e resolução*, em *Bulletin communiste*, nº24, 9 de julho de 1921, pp. 401-405.

nal entre operários e governantes de operários, esta resolução prevê a sistemática execução da decisão segundo a qual "os operários que permanecerem muito tempo a serviço dos soviets ou do partido devem ser empregados na indústria ou na agricultura, nas mesmas condições de vida que os outros operários"[231]. Desta forma, o partido demonstra seu firme propósito de seguir sendo um partido operário, apesar de seu caráter dirigente.

Entretanto, para os dirigentes bolcheviques, é importante fixar, em função dos perigos imediatos, os limites desta democracia que exigem unanimemente. No dia 11, Bukharin anuncia sua intenção de apresentar uma moção sobre a "unidade do partido", que evidentemente se dirige contra os membros da Oposição Operária. Por último, Lenin se encarrega de apresentar, no dia 16 de março, último dia do congresso, duas moções especiais. Uma delas condena o programa da Oposição Operária como um desvio anarcosindicalista, defendendo que as teses que figuram neste programa acerca do papel dos sindicatos na direção da indústria são "incompatíveis com o programa do partido". A outra chama a atenção sobre o que chama de "indícios de fracionalismo", "aparição de grupos com seus próprios programas e uma tendência a possuir disciplina própria de grupo". Tal situação debilita o partido e dá força aos seus inimigos, e a moção recorda aos militantes que "aquele que faz uma crítica" deve "levar em conta a forma como esta é feita e a situação atual do partido, que está cercado de inimigos"[232].

Ainda neste ponto, se refere ao grupo de Shliapnikov e Kollontai de maneira explícita, lembrando que a resolução exige, sob pena de expulsão, a dissolução dos grupos constituídos em torno de plataformas particulares. O artigo 4 precisa que, em todas as discussões sobre a política do partido, é proibido agir "fracionalmente" no debate, mas que todas estas discussões contam com os canais dos organismos regulares do partido, deixando claro que: "Com este fim, o congresso decide publicar um boletim de discussão periódico, assim como uma série de publicações especiais". O artigo 7 prevê que, para garantir a aplicação desta resolução, o Comitê Central vai poder dispor do poder de expulsão, inclusive de um de seus membros, contanto que esta decisão seja aprovada por pelo menos dois terços do organismo; este artigo não será publicado.

Esta resolução estava destinada a desempenhar um papel fundamental na posterior transformação do partido e no desaparecimento definitivo da democracia operária, mesmo quando, a princípio, somente se tratava de regular uma disposição. Somente 25 delegados votarão contra ela. Alguns, como Karl Radek, expressam suas reservas, demonstrando inquietação a respeito do novo poder de expulsão do Comitê Central, mas votam a favor da resolução, levando em conta as ameaças que o partido sofre neste momento: "Ao votar a favor desta resolução, opi-

231 *Ibid.*, p. 403.
232 Citado por SCHAPIRO, Leonard, *Les bolcheviks et l'opposition...*, pp. 262-263.

no que ela pode voltar-se contra nós mesmos, entretanto, a apoio (...). Que o Comitê Central, em um momento de perigo, tome as medidas mais severas contra os melhores camaradas (...)! E inclusive que ele se equivoque! Isto é menos perigoso do que a indecisão que paira neste momento"[233]. Por outro lado, a atitude de Lenin parece tranquilizadora: todos sabem que ele propõe uma medida puramente circunstancial, justificada pela gravidade da situação, e que ele opina "que a atuação fracional mais vigorosa está justificada (...) se os desacordos são verdadeiramente muito profundos e se a correção da política errônea do partido ou da classe operária não pode ser obtida de outra forma"[234]. Assim, quando Riazanov propõe adotar uma emenda impedindo que as futuras eleições de membros ao Comitê Central se deem com base em listas de candidatos partidários de diferentes plataformas, Lenin o ataca vigorosamente: "Não podemos privar o partido e os membros do Comitê Central do direito de dirigir-se aos militantes se em uma questão fundamental possuem desacordos (...). Não temos autoridade para suprimi-lo"[235].

Antes de votar estas duas resoluções, o congresso já havia votado a composição do Comitê Central, com base precisamente nas plataformas que os militantes apresentaram durante a discussão sobre os sindicatos. A iniciativa deste procedimento havia chegado a Petrogrado no dia 3 de janeiro, inspirada por Zinoviev, que a considerou como uma forma cômoda de eliminar alguns de seus antagonistas e, principalmente, os três secretários que haviam votado a favor da plataforma de Trotski-Bukharin. Trotski havia protestado contra aquele procedimento, que, do seu ponto de vista, adulterava a autenticidade do "debate livre" que havia se iniciado, obrigando a todos os candidatos e a todos os participantes na polêmica a comprometerem-se e, de fato, a agruparem-se em torno de um ponto de vista em particular. Entretanto, no Comitê Central do dia 12 de janeiro, ele havia sido vencido por 8 votos contra 7. Desta forma, na composição do Comitê Central se operam mudanças significativas. O novo comitê terá apenas quatro partidários das teses de Trotski e Bukharin. Nenhum dos três secretários (Krestinski, Preobrazhenski e Serebriakov) é reeleito, pagando assim pelo liberalismo com que haviam tratado a Oposição Operária, condenada atualmente. Andreiev e Ivan Smirnov, partidários da plataforma de Trotski-Bukharin, também desaparecem do novo comitê. Todos eles são velhos militantes, pilares do Comitê Central durante a guerra civil, e conhecidos também por seu espírito independente. Os seus substitutos também são velhos bolcheviques; o fato de que quase todos eles tenham tido, anteriormente, choques com Trotski e que estivessem vinculados a Stalin parece, nesta época, ter pouca importância. Molotov, Yaroslavski, Ordzhonikidze, Frunze e Voroshilov passam a ser titulares; Kirov e Kuibishev, suplentes. Zinoviev ocupa o lugar de Bukharin no Birô Político e este, por sua vez, passa a ser o terceiro suplente. Molotov é eleito "secretário responsável"

233 *Ibid.*, p. 264.
234 Citado por DANIELS, John, *Labour Review*, nº2, 1957, p. 47.
235 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience*..., *op. cit.*, p. 150.

do Comitê Central e, em seu novo cargo, será assessorado por Yaroslavski e Mikhailov. Apesar de seus protestos e pela insistência de Lenin, Shliapnikov e Kutuzov, membros da Oposição Operária, serão também eleitos.

A ascensão do aparato depois do X Congresso

Nos dias seguintes ao X Congresso, no período de crise que caracteriza os difíceis inícios da NEP, a resolução sobre a democracia operária não será colocada em prática. O novo Secretariado é mais duro que o antigo. O Tsektran – paradoxalmente – se restabelece com todas as suas prerrogativas e o Secretariado cria ainda um departamento especial para a "direção e controle dos transportes". Uma conferência da fração no congresso dos sindicatos havia aprovado, no dia 17 de maio, uma resolução em que declarava que o partido "deveria fazer um esforço especial para aplicar os métodos normais da democracia proletária, particularmente nos sindicatos, onde a eleição dos dirigentes devia ser feita pelas próprias massas"[236]. Riazanov, autor da proposta que proíbe que qualquer cargo nos sindicatos seja escolhido por nomeação, e Tomski, que a defendeu, são excluídos de seus cargos no Conselho Panrusso de Sindicatos, por proposta de uma comissão especial encabeçada por Stalin. A maioria dos círculos de estudos fundados no decorrer do ano é dissolvida de forma quase imediata com diferentes pretextos. São poucas as reações, inclusive nos organismos dirigentes; Sosnovski, no *Pravda*, critica a forma com que o aparato se esforça em suprimir as divergências:

> Quando os melhores elementos de uma organização se dão conta que os trapaceiros não são reprimidos, enquanto que os camaradas que criticaram são deslocados de Vologda para Kerch ou vice-versa, isso faz com que entre os melhores comece a crescer aquele sentimento de desesperança e de apatia, ou inclusive de raiva, que constituem a base de todos os grupos "ideológicos" de oposição (...). Somente quando aparece um grupo assim, a direção começa a interessar-se pela questão.

Com a afirmação de que o militante comunista é aquele que aporta em sua tarefa com "o espírito de criação e sabe, com seu exemplo, arrastar as massas", ressalta que este tipo de militante, no momento atual, é mal visto pelas autoridades do partido, devido a seu "insuficiente respeito pela hierarquia burocrática". E acusa: "A transposição mecânica e superficial da 'liquidação das intrigas' nos levou a abandonar o verdadeiro espírito comunista, nos tornando somente homens-com-a-carteira-do-partido'"[237].

A reação deste velho bolchevique em um órgão central do partido demonstra que a tradição democrática continua vigorosa. Quando o operário Miasnikov, bolchevique desde 1906, exige publicamente liberdade de imprensa para todos,

236 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 268.

237 SOSNOVSKI, Leo, *Taten und Menschen*, Viena, Verlag für Literatur und Politik, 1924, p. 153.

inclusive para os monarquistas, Lenin tenta convencê-lo em uma correspondência privada. Miasnikov, depois de sucessivos atos de indisciplina, será expulso do partido, podendo reintegrar-se dentro de um ano, caso respeite a disciplina da organização. Em agosto, Shliapnikov critica, em uma célula, utilizando termos tidos como inadmissíveis, um decreto do Presidium de Economia Nacional, mas o Comitê Central nega a sua expulsão, proposta por Lenin, que não consegue obter os dois terços dos votos necessários para tal, como exige a aplicação do artigo 7.

A Oposição Operária, que, mediante uma carta conhecida como "Declaração dos 22", questiona, junto à Internacional, as decisões do partido russo, é acusada de indisciplina grave. Uma comissão integrada por Dzerzhinski, Stalin e Zinoviev exige, em uma moção apresentada ao XI Congresso, a expulsão de Shliapnikov, Medvedev e Kollontai. No entanto, a proposta é rechaçada.

Entretanto, estas mesmas resistências demonstram a existência de uma pressão maior sobre os militantes e uma centralização crescente no partido, cujo aparato se consolida e cresce, apesar das resoluções do X Congresso, com seu peso e sua autoridade. Se o Comitê Central se nega a usar da prerrogativa que lhe permite eliminar uma minoria, isto se deve, entre outras razões, a que seus membros sentem diminuir pouco a pouco a autoridade de que desfrutavam anteriormente. O Comitê Central só se reúne de dois em dois meses e seus poderes, na prática, são exercidos pelo Birô Político, que, desde 1921, conta com sete membros.

Neste último organismo aumenta a influência daqueles que controlam o aparato do partido. Este não deixa de crescer numericamente, justificando assim a multiplicação dos dirigentes liberados pelas necessidades da mobilização dos militantes, do controle das organizações e pelo aumento das atividades de agitação e propaganda. Em agosto de 1922, existem 15.325 dirigentes liberados no partido, dos quais 5 mil atuam nos níveis de distrito e fábrica. O Secretariado do Comitê Central termina, neste ano, a ficha de todos os militantes, que a partir de agora ele controla e mobiliza segundo sua vontade. Sob sua direção é criado um "departamento de destinações", o *Uchraspred*, fundado em 1920 para assegurar, durante a guerra civil, as transferências de comunistas aos setores estratégicos e possibilitar sua "mobilização" militar. As necessidades de uma ação rápida o obrigam em seguida a, como já vimos, intervir na nomeação dos dirigentes do partido e na busca de substitutos para os que são deslocados. Quando se trata de cargos mais elevados, é necessária a intervenção do Birô de Organização. Porém, nos níveis mais baixos, o *Uchraspred* efetua de fato nomeações oficiais por meio das "recomendações" do Secretariado do Comitê Central, cuja autoridade, desta forma, se estende por todas as regiões: em 1922-1923, acontecerão mais de dez mil nomeações e transferências deste tipo. Entre os dirigentes deslocados, estão quarenta e dois secretários de comitês de província e importantes dirigentes do aparato administrativo ou econômico. Todas essas nomeações e transferências ocorrem à margem

das decisões dos eleitores ou dos responsáveis pelos comitês competentes. Sob a gestão de Krestinski e Preobrazhenski, foram criados os departamentos regionais do partido, que funcionam como correias de transmissão entre o Secretariado e as organizações locais e cuja autoridade não para de crescer.

Em 1922, surge, paralelamente ao Secretariado, o Departamento de Organização e Instrução, que está destinado a tornar-se um de seus mais eficazes instrumentos. Este dispõe de um corpo de "instrutores responsáveis", que desempenham o papel de verdadeiros inspetores gerais: eles visitam as organizações locais, elaboram informes, controlam a atividade geral e selecionam os quadros dirigentes. O departamento pode também delegar poderes importantes a alguns dirigentes que serão conhecidos como "plenipotenciários do Comitê Central" e que, em seu nome, possuem o direito de veto sobre qualquer decisão emitida por um organismo do partido, um meio eficaz para disciplinar comitês provinciais ou locais excessivamente críticos.

Certamente, a criação de comissões de controle foi exigida pelos diferentes grupos da oposição, precisamente com o objetivo de lutar contra os abusos de autoridade dos dirigentes do aparato, pois a Oposição Operária vê nelas uma defesa contra a burocracia. Seus membros são eleitos por um sistema complicado em que participam os comitês de província, as organizações locais e uma comissão central eleita nos congressos de província. Entretanto, os eleitos carecem de fato de autoridade suficiente frente aos representantes do aparato normal. A tarefa de depuração evidentemente os obriga a manter uma intensa colaboração com os serviços do Secretariado, que centraliza os dados, resultando em que a Comissão Central de Controle domina as restantes.

Depois do X Congresso, os "expurgos" serão particularmente severos: 136.836 membros do partido são expulsos, dos quais 11% são acusados de "indisciplina", 34% de "passividade", 25% de "delitos leves" – entre os quais se encontram a embriaguez e o "carreirismo" – e 9% de "faltas graves", como chantagem, corrupção e prevaricação. Desta forma, o partido se depura de um grande número de elementos duvidosos. Entretanto, como afirmarão Shliapnikov e seus companheiros, é plausível a suposição de que certo número de membros da oposição foi afetado, ou ao menos ameaçado, com estas expulsões. Durante o ano de 1922 fica claro que o aparato do partido está assumindo o controle sobre o conjunto da organização e, por consequência, sobre toda a vida do país e, assim, ameaça substituir ao próprio partido, da mesma forma que o partido substituiu os soviets. Isto é particularmente evidente na evolução das comissões de controle que se convertem em um apêndice daquela burocracia que, a princípio, deveriam eliminar. Entretanto, é ainda mais escandaloso o caso da Inspeção Operária e Camponesa (Rabkrin), na qual Lenin perece ter depositado uma grande confiança. Tal organismo, integrado por uma série de comissões e destinado, a princípio, a garantir o controle dos

trabalhadores sobre o funcionamento do aparato estatal, sob a direção de Stalin, comissário da Inspeção Operária e Camponesa, se converte em um anexo da Comissão de Controle, que mantêm, por sua vez, um estreito vínculo não só com o Secretariado, mas também com a antiga Cheka, que agora possui o nome de GPU.

Desta maneira, acontece no partido, uma transferência de autoridade em todos os níveis: dos congressos ou conferências para os comitês, eleitos ou não, e dos comitês para seus secretários liberados. A persistência e o agravamento da prática das nomeações, em oposição às resoluções do X Congresso, fazem com que os secretários se sintam responsáveis não mais perante a base, mas perante o aparato e o Secretariado. Cria-se uma autêntica hierarquia autônoma de secretários, que faz com que se acentue o espírito corporativo. Sosnovski descreve desta maneira aqueles que começa a chamar de *apparatchiks*[238]:

> Não são nem frios, nem quentes. Conhecem todas as circulares dos comitês (...), realizam vários cálculos numéricos com vistas à ação recomendada, obrigam toda a atividade do partido a se enquadrar na fórmula matemática dos informes que vão redigir minuciosamente, se mostram satisfeitos quando todos os pontos são cumpridos e podem informar à direção a perfeita realização de suas exigências. Sobre este tipo de funcionário do partido cai permanentemente uma chuva de planos, programas, instruções, teses, campanhas e informes. Só ficam contentes quando em sua organização reina a calma, quando não existem "intrigas", quando ninguém os ataca[239].

Acima dos membros ordinários, que são simples trabalhadores, já existiam no partido os responsáveis nos soviets, no exército e nos sindicatos; agora existe ainda uma camada superior, já que são os *apparatchiks* que controlam o acesso a todos os responsáveis, aos departamentos e a toda a pirâmide de secretários.

Entretanto, o partido protesta durante o XI Congresso, celebrado sem a presença de Lenin, que só participa do informe de abertura. O informe de Zinoviev contém alusões às "camarilhas" e aos "grupos", revelando uma consciência do fenômeno oposicionista e de sua extensão. Uma moção que exige a supressão das comissões locais de controle, apesar de muito aplaudida, obtém apenas 89 votos contra 223. Uma das resoluções propostas perece colocar o dedo na ferida ao afirmar: "As organizações do partido começaram a ver-se recobertas por um aparato imenso, (...) que, com seu desenvolvimento constante, começa a fazer incursões burocráticas e a absorver uma parte importante das forças do partido"[240]. No entanto, este aparato parece ainda ser anônimo e não tem um rosto conhecido. O mesmo congresso aprova as palavras do presidente da Comissão Central de Controle, que afirma: "Agora, mais do que nunca, necessitamos de disciplina e isto é necessário porque o inimigo não é mais tão visível como antes. Ao abaixarmos a

---

238 Homens do aparato (N. do E.).

239 *Ibid.*, p. 152.

240 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience... op. cit.*, p. 166.

guarda, começa a aparecer entre nós o desejo de se libertar do jugo do partido. Começamos a pensar que este momento chegou, mas isto não deve ser assim"[241].

Para ele, que pronuncia estas palavras, nunca chegaria tal momento, pois pertence ao grupo de homens do aparato cuja influência está condenada a crescer incessantemente e que ocupa, já em 1922, quase todos os postos decisivos. Seus nomes são ainda pouco conhecidos: Yaroslavski, secretário geral da Sibéria em 1921, secretário do partido em 1922 e mais tarde membro da Comissão Central de Controle; Lazar Kaganovich, secretário do Turquestão, que, em 1922, ascende a dirigente do Departamento de Organização e Instrução do Secretariado; Serguei Kirov, secretário do Azerbaijão e, mais tarde – em 1921 –, suplente do Comitê Central; Stanislav Kossior, sucessor de Yaroslavski na Sibéria, Mikoyan, secretário do Cáucaso Norte que ingressa no Comitê Central em 1922; Ordzhonikidze, secretário da Transcaucásia desde 1921; Kuibishev, secretário do Turquestão, secretário do partido em 1922 e presidente da Comissão Central de Controle em 1923. Seus principais líderes são Molotov, secretário do partido em 1921; Soltz, presidente neste mesmo ano da Comissão Central de Controle e, sobretudo, Stalin, membro do Birô Político, da Inspeção Operária e Camponesa e membro influente do Birô de Organização.

Todos estes dirigentes são velhos bolcheviques, mas formam um grupo característico. São unidos por numerosos vínculos pessoais. Kaganovich, Molotov e Mikoyan exerceram ao mesmo tempo cargos importantes em Nizhni-Novgorod, onde foram substituídos por um jovem *apparatchik*, Andrei Zhdanov. Ordzhonikidze e Stalin, ambos georgianos, são amigos desde os tempos de clandestinidade e Kuibishev tornou-se íntimo de Stalin durante a guerra civil. Stalin, Molotov e Soltz estavam juntos no comitê de redação do *Pravda* antes da guerra. Todos eles, além disso, têm em comum um mesmo estado de ânimo, assim como uma determinada concepção da existência e da ação que os distingue dos outros bolcheviques. Entre eles não existe nenhum teórico, nenhum tribuno, nem sequer um dirigente de massas de origem operária. Todos eles são homens hábeis, eficazes e pacientes, organizadores discretos, personagens do aparato, prudentes, rotineiros, trabalhadores, obstinados e conscientes de sua importância. Stalin é o que os aglutina e os integra; ao seu redor começa a constituir-se uma fração que não se assume enquanto tal, mas que atua e estende, cada vez mais, sua influência.

Em 1922 já está tudo preparado para que se inicie o reino dos administradores. A única coisa que falta é "*the right man in the right place*"[242]: Stalin no cargo de secretário geral, de onde poderá reunir em suas mãos todos os fios tramados durante os anos precedentes, encarnando o novo poder do aparato. Isto ocorrerá depois do XI Congresso. Podemos acreditar na versão, relatada nas memórias de um dos de-

241 *Ibid.*, p. 165.
242 Expressão em inglês no original, que quer dizer "o homem certo no lugar certo".

legados deste congresso, segundo a qual a candidatura de Ivan Smirnov era quase unânime, mas Lenin se opôs à sua nomeação por considerá-lo insubstituível na Sibéria? Podemos crer na afirmação de que Lenin precisou de vinte e quatro horas de reflexão antes de propor Stalin[243]? É plausível imaginar uma intervenção nesse sentido da parte de Zinoviev, que se aproximava do georgiano devido à hostilidade que ambos sentiam por Trotski, e via Smirnov como um amigo pessoal deste? Estas são apenas conjecturas. O fato é que o pequeno artigo do *Pravda* de 4 de abril de 1922 que anuncia a nomeação de Stalin como secretário geral vai abrir um novo período na história dos bolcheviques e também dos povos russos. No entanto, este fato vai passar quase desapercebido: no XI Congresso apenas Preobrazhenski vai questionar que um único homem, em um regime soviético e num partido operário, acumule em suas mãos funções e poderes de tal envergadura.

Com a NEP, inicia-se uma nova era na revolução russa. Nesta se abandonará para sempre o heroico entusiasmo dos anos apocalípticos. Durante o lento restabelecimento, ressoam ainda as palavras de Lenin, que, certamente, viram uma página

> Transportados por uma onda de entusiasmo, nós, os que havíamos despertado o fervor popular – primeiro político e logo militar –, contávamos com a possibilidade de realizar diretamente, a favor deste entusiasmo, tarefas econômicas tão grandiosas como as tarefas políticas gerais ou como os empreendimentos militares. Contávamos – ou talvez fosse mais exato dizer que opinávamos sem suficiente reflexão – com a possibilidade de organizar à maneira comunista, mediante as ordens expressas do Estado proletário, em um país de camponeses pobres, a completa produção e repartição dos produtos pelo Estado. A vida demonstrou nosso erro. [...] Não é apoiando-se diretamente sobre o entusiasmo, mas sim jogando com o interesse e a vantagem individual, aplicando o princípio do rendimento comercial, que iremos construir, num país de camponeses pobres, sólidas passarelas que conduzam ao socialismo, através do capitalismo de Estado[244].

Alguns anos mais tarde, o gentil e fervoroso Bukharin definiria, por sua vez, os novos sentimentos que o giro lhe havia inspirado: "No ardor da autocrítica, as ilusões do período infantil se destroem, e desaparecem sem deixar traços; as relações reais vêm à tona em sua sóbria nudez e a política proletária adquire o caráter – talvez menos emocional, porém mais seguro – de uma política que se aproxime da realidade e que a modifique também. Deste ponto de vista, o passo da NEP representa o colapso de nossas ilusões"[245].

É em condições completamente diferentes que se inicia o novo período, que será mais cinza e rotineiro, e menos heroico e lírico. Os *apparatchiks* certamente surgem na hora certa. Entretanto, nenhum dos que os viu prosperar e se enfrentou com eles crê que sua vitória seja possível. Afinal como alguns burocratas poderiam arrancar de Lenin a direção de seu partido?

243 *Ibid.*, p. 170.
244 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies, op. cit.*, tomo III, p. 917.
245 BUKHARIN, Nikolai, *Bolshevik*, nº2, abril de 1924, p. 1.

8

A CRISE DE 1923: O DEBATE SOBRE O NOVO CURSO

No dia 26 de maio de 1922 Lenin sofre um derrame. Sua recuperação vai durar todo o verão e ele retomará suas atividades apenas em outubro. Portanto, é difícil saber o que aceitou e respaldou durante este período de retiro parcial. No entanto, o último período de sua vida política, do final de 1922 até os primeiros meses de 1923, é marcado por sua ruptura pessoal com Stalin e pelo início de uma luta contra o aparato, que só será interrompida por sua recaída definitiva. Durante muito tempo, as únicas informações sobre este período de que dispunham os historiadores eram as apresentadas peço testemunho de Trotski, confirmadas em um ou outro detalhe por uma alusão presente nas atas dos congressos ou pelo conteúdo de alguma declaração. Obviamente, a historiografia stalinista nega esta versão, que, no entanto, foi definitivamente validada pelas revelações do relatório Krushev, ao menos em seus elementos fundamentais.

Lenin e a burocracia

Teria sido assombroso que um homem com a envergadura intelectual de Lenin não tivesse percebido o perigo de degeneração que o regime soviético e o partido sofriam com o isolamento da revolução vitoriosa em um país atrasado. No período de março-abril de 1918 escreve:

> O elemento de desorganização pequeno-burguesa (que irá se manifestar em maior ou menor medida em toda revolução proletária, e que em nossa própria revolução deve surgir com grande vigor, dado o caráter pequeno-burguês do país, seu atraso e as consequências da guerra reacionária) também deve deixar suas marcas nos soviets (...). Existe uma tendência pequeno-burguesa que leva a transformar os membros dos soviets em "parlamentares" ou em burocratas. Esta

> tendência deve ser combatida, fazendo com que todos os membros dos soviets participem nas decisões sobre os mais diversos assuntos[246].

Consciente de que o principal obstáculo para a aplicação deste remédio era a falta de cultura das massas, Lenin vai, logo após a tomada do poder, redigir o decreto de reorganização das bibliotecas públicas, onde eram previstas as trocas de livros, sua circulação gratuita e o funcionamento diário das salas de leitura, que deveriam permanecer abertas, inclusive nos sábados e domingos, até as onze da noite. No entanto, os efeitos de tais medidas não poderiam ser imediatos. Em 1919, falando ao VIII Congresso, afirma:

> Sabemos perfeitamente o que significa a falta de cultura na Rússia, e o que ela acarreta para o poder soviético que, a princípio, criou uma democracia proletária infinitamente superior a todas as democracias conhecidas [...], sabemos que esta falta de cultura degrada o poder dos soviets e facilita o ressurgimento da burocracia. Se acreditarmos somente nas palavras, o Estado soviético está ao alcance de todos os trabalhadores; na realidade – e nenhum de nós a ignora – não está ao alcance de todos e falta muito para que assim seja[247].

Seus discursos de 1920, 1921 e 1922 estão repletos de referências à burocracia do aparato estatal e à herança do czarismo. Porém, o refluxo das massas e a letargia que asfixia os soviets não permitem utilizar os remédios propostos a princípio. Lenin parece ter se aprofundado na compreensão do problema, afirmando que a crescente confusão entre o partido e o Estado estava na raiz de diversos males. Assim, declara sem rodeios no XI Congresso: "Se estabeleceram relações errôneas entre o partido e as organizações soviéticas: quanto a isso estamos todos de acordo [...]. Formalmente, é muito difícil resolver a questão, pois o governo é dirigido por um partido único. [...] Em muitos aspectos sou também culpado disso"[248].

Será que Lenin foi mais longe em sua análise, considerando o possível final do sistema de partido único? Também isto parece provável, pois uma de suas notas manuscritas, destinada a um artigo que redigiu durante a celebração do congresso, menciona em distintas ocasiões a "legalização" dos mencheviques. No entanto, continua convencido da necessidade de trabalhar com prudência para não comprometer alguns resultados ainda frágeis, plenamente consciente das imensas dificuldades. Em um informe dirigido ao Comitê Central, depois de dar ênfase à má qualidade do aparato estatal, reitera: "A primeira máquina a vapor era inútil. Não importa! [...] Agora temos a locomotiva. Nosso aparato estatal é fraco e mal organizado. Não importa! Ele foi criado, e isto é uma enorme invenção histórica,

246 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 283.
247 *Ibid.*, tomo XXIX, p. 177.
248 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, *op. cit.*, tomo II, p. 979.

um Estado de caráter proletário foi criado!" Sua conclusão demonstra que ele está ciente dos limites do que se pode fazer para melhorar a situação. "Toda a questão consiste em separar firme, clara e saudavelmente aquilo que é um mérito histórico mundial da revolução russa daquilo que fazemos da pior maneira possível; aquilo que ainda não foi criado daquilo que, muitas vezes, ainda terá de ser refeito"[249]. A seguinte passagem, referente às greves do início de 1922, reflete, talvez mais ainda, o caráter pragmático de seu pensamento no que se refere a estes problemas fundamentais: "Em um Estado proletário de tipo transitório como o nosso, o objetivo final de qualquer ação da classe operária deve ser sempre o fortalecimento do Estado proletário, tarefa que será realizada pelo próprio proletariado através da luta contra as deformações burocráticas de tal Estado". O partido, os soviets e os sindicatos não devem dissimular que "o apelo à luta grevista em um Estado em que o poder político pertence única e exclusivamente ao proletariado pode explicar-se e justificar-se unicamente por certo número de deformações burocráticas do Estado proletário, assim como por toda uma série de sobrevivências capitalistas em suas instituições por um lado, e pela falta de desenvolvimento político e pelo atraso cultural das massas trabalhadoras por outro[250].

De fato, Lenin entende que deve concentrar todos seus esforços, em detrimento de qualquer outra atividade, em salvaguardar e aperfeiçoar a ferramenta que, em sua opinião, é absolutamente essencial: o partido. Mesmo um historiador tão hostil a Lenin como Schapiro adverte que "é como se Lenin tivesse conservado a crença de que era possível elevar o nível de seus membros e parar o desenvolvimento do carreirismo e da burocracia, desenvolvendo as aptidões do proletariado e sua confiança em si mesmo"[251].

Neste sentido, as medidas de 1922, que fixam a duração do período de experiência prévio ao ingresso no partido em seis meses para os operários e soldados do Exército Vermelho de origem operária e camponesa, em doze meses para os camponeses e em dois anos para o restante dos estratos sociais parecem ter sido, na opinião de Lenin, completamente insuficientes, já que a sua proposta exigia seis meses unicamente para aqueles operários que tivessem trabalhado por pelo menos dez meses na indústria pesada, dezoito meses para os outros setores operários, dois anos para os ex-combatentes e três anos para as outras categorias sociais. Sua grande preocupação em preservar o capital constituído pela "velha guarda" bolchevique nos permite supor que as condições mínimas que se exigiam para o exercício de responsabilidades dentro do partido – um ano para ser secretário de célula, três anos para converter-se em secretário de distrito e ter entrado no partido antes da Revolução de Outubro para ser secretário regional – contaram,

249 *Ibid.*, tomo II, p. 975.
250 *Ibid.*, tomo II, p. 929.
251 SCHAPIRO, Leonard, *Les bolcheviks et l'opposition*..., *op. cit.*, p. 278.

pelo menos, com sua plena aprovação. De todo modo, seus últimos escritos demonstram que em 1923 ele continuava fiel aos princípios que defendera durante a construção do partido. Assim, ele aconselha afastar das tarefas de direção "os operários que estão há muito tempo desempenhando trabalhos soviéticos" porque "possuem uma determinada tradição e uma determinada mentalidade contra as quais seria conveniente lutar", e recomenda apoiar-se "nos melhores elementos de nosso regime social, quer dizer, principalmente nos operários avançados, e, em segundo lugar, nos elementos verdadeiramente instruídos, dos quais se tenha certeza que nunca vão crer em algo baseados apenas em palavras e que nunca dirão nada que vá contra a sua consciência"[252].

Estes artigos e discursos dedicados ao tema da burocracia e do aparato serão aprovados por todos, inclusive pelos burocratas. Entretanto, no *Pravda* de 3 de janeiro de 1923, Sosnovski descreve como aqueles que o aplaudem, não mudam, todavia, nada em suas práticas:

> Lenin, em várias ocasiões, deu ênfase às formas através das quais o aparato formado pelos funcionários dos escritórios nos subjuga, quando deveríamos ser nós os que deveríamos subjugá-lo. E aqui todos aplaudem Lenin: os comissários, os chefes e os dirigentes também aplaudem de todo o coração, pois estão completamente de acordo com Lenin. Porém, pegue algum deles pela gola da camisa e pergunte-lhe: "Por acaso o aparato de teu escritório também dominou seu chefe?" Ficará, sem dúvida, totalmente ofendido: "Não é a mesma coisa. Tudo isso é absolutamente certo somente para o próximo, para o vizinho. Eu controlo perfeitamente o meu aparato".

Lenin frente à ascensão do aparato

Desde seu retorno à atividade política, depois de seu primeiro derrame, Lenin concentra sua atenção no problema da crescente influência da burocracia, fenômeno que o surpreendeu durante sua lenta retomada de contato com a situação do país. Ao mesmo tempo em que se lamenta das "mentiras e da arrogância comunista" que "lhe causam nojo", busca, entre seus companheiros de luta, o aliado e confidente de que necessita para empreender qualquer tipo de ofensiva. Segundo Trotski, é a ele a quem propõe, em novembro, a criação de "um bloco contra a burocracia em geral e contra o Birô de Organização em particular"[253]. No dia 14 de dezembro sofre um segundo derrame, que o deixa semiparalisado. No dia 15, dita uma nota que será conhecida como seu "testamento". O texto, publicado em 1925 graças aos cuidados de Max Eastman, será por um longo tempo denunciado como falso pelos dirigentes russos, antes de ser confirmado em 1956 por Krushev, causando grande impacto. Neste documento, Lenin comenta as qualidades e defeitos dos principais dirigentes bolcheviques, prevê a possibilida-

252 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies, op. cit.*, tomo II, p. 979.
253 TROTSKI, Leon, *Ma vie*, Paris, Gallimard, 1957, tomo III, p. 200.

de de um conflito entre Stalin e Trotski e recomenda que se tente evitá-lo, sem sugerir, no entanto, solução alguma.

Durante os dias seguintes Lenin terá um verdadeiro choque ao tomar conhecimento dos acontecimentos que se produziram na Geórgia. Em 1921 o Exército Vermelho entrou na Geórgia para apoiar uma "insurreição" bolchevique. A resistência à dominação russa sempre foi intensa nesta região, e nesta ocasião se traduz em um forte sentimento nacionalista entre os comunistas georgianos. Durante o verão de 1922, estes se lançam contra o projeto de Stalin, comissário das Nacionalidades, que propõe a construção de uma república federal que inclua Geórgia, Armênia e Azerbaijão, destinada a se unir à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas com o mesmo status que a Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. No dia 15 de setembro, o Comitê Central do partido comunista georgiano toma posição contra esse projeto, defendido por Ordzhonikidze, secretário do Birô Regional da Transcaucásia. O protesto que Budu Mdivani, dirigente do partido comunista georgiano, dirige a Lenin suscita um primeiro choque entre Stalin e Lenin, que acusa o primeiro de ter sido "muito afobado".

No meio de outubro, no entanto, quando o Comitê Central do partido russo aprova o plano de Stalin, os comunistas georgianos, ignorando o chamado à disciplina que lhes é feito, se negam a submeter-se. Ordzhonikidze, instalado em Tiflis, empreende então a tarefa de romper sua resistência com os métodos característicos do aparato, obrigando o Comitê Central georgiano a renunciar. A operação, inspirada possivelmente por Stalin, de quem Ordzhonikidze é um mero executor, transcorre sem maiores incidentes, devido ao uso da repressão policial e da violência. Os chamados dos comunistas georgianos suscitam a criação de uma comissão de investigação presidida por Dzerzhinski, que aprovará a ação desencadeada por Ordzhonikidze. Transferidos pelo Birô de Organização e separados de seu partido, os dirigentes georgianos conseguem, no entanto, entrar em contato com Lenin e lhe apresentar um importante informe sobre a atividade executada contra eles na Geórgia por Stalin e Ordzhonikidze.

Lenin descobre então subitamente a verdadeira extensão dos danos e reprova a si mesmo com termos nada habituais: "Creio que sou enormemente culpado ante os trabalhadores da Rússia por não haver intercedido com suficiente força, nem com o vigor necessário para este assunto". As "forças poderosas que desviam o Estado soviético de seu caminho devem ser denunciadas: surgem de um aparato que nos é completamente estranho e que representa uma mescla de resquícios burgueses e czaristas" que apenas são "recobertos com certo verniz soviético" e que jogam de novo o país em um "lamaçal de opressão". Contra Stalin, a quem se refere de forma inequívoca na discussão da questão georgiana, emprega duras palavras: "O georgiano que contempla com desdém este aspecto do assunto, que profere depreciativas acusações de 'social-nacionalismo' (quando ele mesmo não somen-

te é um verdadeiro e autêntico 'social-nacionalista', mas também, além disso, um brutal policial grão-russo), este georgiano, ataca, na verdade, a solidariedade de classe proletária"[254].

Estas linhas são ditadas no dia 30 de dezembro. No dia 4 de janeiro, Lenin inclui em seu testamento uma nota sobre Stalin, na qual denuncia sua brutalidade, recomendando seu afastamento do Secretariado. Mais adiante vai tornar público este debate, tratando, em um artigo que aparece no *Pravda* de 23 de janeiro, dos "problemas da Inspeção Operária e Camponesa", o departamento de Stalin, a quem já havia criticado em uma carta escrita em setembro de 1921 por sua política de tentar "apanhar" ou "desmascarar" as pessoas em vez "melhorá-las". No dia 6 de fevereiro aparecerá um novo artigo sobre a questão – o último artigo de Lenin – intitulado "Melhor pouco, porém bom", no qual lança uma avalanche de críticas sobre Stalin, ainda que sem citá-lo: "As coisas estão repugnantes, no que diz respeito ao aparato do Estado", "não existe instituição pior que a Inspeção". Devemos acabar com "a burocracia, não somente nas instituições soviéticas, mas também nas pertencentes ao partido". Para todos os leitores informados do *Pravda*, isto cai como uma bomba: Lenin denuncia publicamente Stalin. Trotski é o único que fornece um relato das vacilações do Birô Político na hora de publicar este artigo. Aparentemente, Kuibishev chega inclusive a propor que se imprima apenas um exemplar do *Pravda*, com o objetivo de enganar o doente[255]. Porém, esta proposta não conta com a cumplicidade de todos e o artigo virá a público. Entretanto, Lenin prossegue seus ataques: o informe de Krushev confirmou e precisou o relato que, dois anos mais tarde, Kamenev fará a Trotski sobre o incidente ocorrido entre Stalin e Krupskaia, que obriga Lenin a enviar, na noite de 5 para 6 de março, uma carta de ruptura com Stalin. No dia 9 Lenin sofre um terceiro derrame que lhe tira por completo a fala. O partido bolchevique se vê assim privado de sua cabeça no momento em que mais iria necessitá-la: o país está debilitado por uma grave crise econômica, a Alemanha está prestes a começar sua tão esperada revolução. Lenin agoniza.

A crise econômica: as tesouras

Os primeiros resultados da NEP foram positivos. O organismo econômico voltou a funcionar. A agricultura, liberada das amarras das requisições, se desenvolve. Se o camponês pobre ainda vive mal, o *kulak* dispõe agora de importantes excedentes. A colheita de trigo chega, em 1922, a três quartos da de antes da guerra. As cidades voltam à vida. Petrogrado, cuja população havia diminuído até alcançar 740 mil habitantes em 1920, chega a 860 mil habitantes em 1923 e, em

254 Estas notas, cuja existência foi revelada por Trotski, não foram publicadas até o XX Congresso. Cf. LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXXVI, pp. 620-623.
255 TROTSKI, Leon, *La révolution défigurée*, *op. cit.*, p. 164.

pouco tempo, a 1 milhão. A indústria também se recupera: as plantas industriais abandonadas, repletas de sujeira, cuja maquinaria havia sido roubada peça por peça e cujas chaminés permaneciam apagadas, voltam à vida. Em 1922, a produção ainda só representa um quarto da de antes da guerra. Porém, aumenta em 46% em relação ao ano anterior. Este ressurgir supõe um grande estímulo, uma prova da vitalidade e do dinamismo do sistema, na opinião de muitos russos; este ressurgimento, depois dos anos sombrios, representa para muitos uma conquista de incalculável valor, a aurora de uma nova era. Entretanto, o quadro ainda não é dos mais animadores.

Os progressos da indústria estatal são muito menos notórios que os dos pequenos artesãos e da indústria privada. Os avanços da indústria pesada são lentos se comparados aos da indústria leve. A alta dos preços desta última ameaça privar o consumidor camponês de uma parte substancial de seus rendimentos. Entretanto, e acima de tudo, este crescimento traz importantes consequências sociais. Em primeiro lugar, a NEP causa uma nova depressão relativa do nível de vida do proletariado industrial, que inicialmente fora beneficiado por ela, como consumidor. Por outro lado, os quadros técnicos da pujante indústria, administradores e engenheiros, recrutados entre os especialistas de origem burguesa e preocupados somente com o rendimento e a produtividade, assumem uma importância que inquieta os sindicatos. A partir do outono de 1922, a alta dos preços industriais causa um aumento do desemprego; dos 500 mil desempregados de então, a cifra aumenta para 1 milhão e 250 mil no verão de 1923. A liberdade econômica provoca uma crescente diferenciação dos salários, que são mais altos na indústria de bens de consumo do que na indústria pesada, maiores no setor privado do que no setor estatal. Os "industriais vermelhos" sofrem uma constante pressão do partido no sentido de diminuir seus gastos gerais e aumentar a produtividade, gerando precisamente um aumento do número de desempregados e o estancamento dos salários.

Na primavera e no verão de 1923 a crise se agrava continuamente. Trotski, ao apresentar um gráfico ao XII Congresso, vai denominá-la "crise das tesouras", pois, de fato, as curvas dos preços industriais e agrícolas, após terem se cruzado no outono de 1922, não cessam de se afastar. Até o verão de 1923, os preços industriais chegam a até 180% e 190% do nível de antes da guerra, enquanto os preços agrícolas se estabilizam em torno de 50%. O aumento da produtividade, único meio de diminuir os preços industriais, implica na concentração das empresas: no quadro da NEP, os interesses a longo prazo da economia infligem aos operários novos sofrimentos. O problema que se coloca é se a NEP deve ser mantida integralmente (o que supõe o adiamento da recuperação da indústria pesada, uma ação sobre os preços para pressioná-los para baixo e a execução de uma política de conciliação com os camponeses mediante um incremento das exportações e das isenções fiscais) ou, pelo contrário, se a crise deve ser combatida mediante uma ajuda à in-

dústria. No Birô Político, a maioria opta pela primeira solução, defendendo o atual *status quo*. No entanto, Trotski se pronuncia a favor do início de uma planificação que, antes de tudo, sirva ao desenvolvimento da indústria pesada. Esta discordância, que está latente desde o fim de março, época do XII Congresso, não se tornará pública até o outono de 1923.

O fracasso da revolução alemã

O ano de 1923 vê surgir na Alemanha uma situação revolucionária sem precedentes nos países avançados. A crise se deve às "reparações de guerra" que a Alemanha deve aos aliados, à ocupação do Ruhr por tropas francesas e à política das altas esferas do capitalismo alemão, que provocam uma catastrófica inflação. O marco alemão se afunda: a libra esterlina vale 50 mil marcos em janeiro, 250 mil em fevereiro, 500 mil em junho e mais de 5 milhões em agosto. Todo o edifício social balança até seus últimos alicerces: os proprietários que ganham por renda fixa se arruínam imediatamente; a pequena burguesia se afunda na miséria; os operários, que podem se defender melhor, veem, no entanto, uma constante queda no seu nível de vida.

Esta catástrofe econômica origina uma importante reviravolta política. O poder financeiro do partido social-democrata e dos sindicatos se esvai com a inflação. Sua influência, baseada na "aristocracia" formada pelos operários mais bem remunerados, se volatiliza. O Estado entra em colapso: já não tem como pagar seus funcionários, nem sequer suas forças repressivas. No entanto, os detentores de capitais investidos em maquinário ou em divisas estrangeiras obtêm lucros fabulosos, enquanto os camponeses armazenam seus produtos e as cidades passam fome. Nas ruas, proliferam-se os motins, as brigas e as manifestações, exprimindo um ódio generalizado contra os imperialistas estrangeiros e os capitalistas que se beneficiam da crise. A alta burguesia e o exército subvencionam os grupos de extrema direita, cujo programa e ideologia são, aparentemente, anticapitalistas. Entre eles, está o partido nazista de Adolf Hitler. A revolução parece estar se aproximando, com maior intensidade ainda que a de 1918-1919.

A situação política, no entanto, sofre uma mudança radical. Os pequenos grupos de oposição de 1918-1919, divididos e sem coesão, deram origem a um poderoso partido comunista, que, no início de 1923, conta com mais de 200 mil membros localizados nos centros operários, e cuja influência se traduz em um número de eleitores vinte vezes maior que o de militantes. Contam também com um sólido aparato e com o apoio técnico e financeiro da Internacional Comunista. A partir da crise de 1921, adotam uma nova linha no sentido da "conquista das massas". A partir do início da crise, seus progressos são enormes: no sindicato metalúrgico de Berlim, os candidatos comunistas recebem o dobro dos votos dos sociais-democratas, sendo que no ano anterior receberam apenas 10%. Entretanto, a direção, profundamente dividida, vacila.

Na primavera, a maioria do partido adota uma linha prudente, inspirada por Radek, cuja maior preocupação é em romper o bloqueio diplomático à URSS e que tem pouca confiança em um trinfo da revolução. Os comunistas estendem a mão aos nazistas para fazer uma frente anti-imperialista. A esquerda do partido, de grande influência no Ruhr, pressiona a favor de uma ação revolucionária, ainda que a direção se mostre vacilante.

No dia 10 de julho a greve dos trabalhadores gráficos do Banco Nacional desencadeia uma greve geral espontânea que derruba o governo Cuno. A burguesia alemã se volta aos aliados para pedir ajuda.

A Internacional e os dirigentes bolcheviques começam a se interessar pela situação alemã. A direção do partido comunista alemão é convocada a Moscou. Durante todo o verão são feitos preparativos para a "tomada do poder", de cuja viabilidade o secretário Brandler acaba sendo convencido. Os alemães solicitam a presença de Trotski para dirigir a insurreição, mas Zinoviev se opõe. Piatakov e Radek partem para a Alemanha, acompanhados por diversos técnicos militares. São organizados destacamentos de "guardas vermelhos" que ficam conhecidos como "centúrias proletárias", e armas começam a ser estocadas. Os dirigentes contam com que os comitês de fábrica e os comitês de ação de desempregados e mulheres desempenhem o papel de soviets. Na Saxônia e Turíngia, os comunistas começam a fazer parte dos governos encabeçados por sociais-democratas de esquerda, com o objetivo de transformar aqueles estados em bastiões da revolução. Brandler se torna ministro do governo saxão do doutor Zeigner. Entretanto, temendo ações prematuras, os militantes freiam a impaciência das massas alemãs, suspendendo todo o tipo de ação que não seja conspiratória. Este plano minucioso fracassa: ao não conseguir convencer os comitês de fábrica na conferência celebrada em Chemnitz, a direção renuncia à insurreição no dia 21 de outubro. O momento favorável passou. Como escreve Trotski, "as esperanças das massas se convertem em desilusão como resultado da passividade do partido, no momento exato em que o inimigo supera seu pânico e se aproveita de tal desilusão"[256].

O *Reichswehr* restabelece a ordem na Saxônia e derrota a insurreição de Hamburgo. Com apoio americano, a Alemanha capitalista vai se recuperar. Qualquer possibilidade de êxito revolucionário a curto prazo desaparece. A direção russa, e principalmente Zinoviev, têm muita responsabilidade nesta derrota, pois Brandler não deu um passo sequer sem antes consultá-los. Entretanto, a direção da Internacional descarrega a responsabilidade da derrota sobre ele, denunciando-o e apoiando sua expulsão da direção do partido comunista alemão. Nem Stalin, que recomendava "frear os alemães" no lugar de "empurrá-los"[257], nem Zinoviev, presidente da Internacional, vão assumir a responsabilidade por seus erros.

---

256 TROTSKI, Leon, *Les leçons d'Octobre. Cahiers du bolchevisme*, nº5 e 6, p. 335.
257 TROTSKI, Leon, *Staline, op. cit.*, pp. 479-480.

As consequências destes acontecimentos sobre a evolução política na Rússia são também dramáticas: durante o verão de 1923, o partido estremece com um grande fervor internacionalista e revolucionário. A vitória do Outubro alemão é festejada antecipadamente em múltiplos cartazes e artigos. A jovem geração saboreia o entusiasmo revolucionário e se apaixona por ele[258]. O partido parece renascer com o empurrão das jovens forças que assim se mobilizam, e a comoção resultante irá se traduzir no fervor com que serão feitas as discussões do inverno seguinte. Por outro lado, a derrota sem luta dos comunistas alemães condena – e desta vez por muito tempo – a revolução russa ao isolamento. A desilusão que se produz, depois da vitória revolucionária ter sido dada como certa e por parte dos dirigentes russos, causará um grave dano à moral, à confiança e à atividade dos militantes. Este sentimento será um fator determinante no conflito cuja vinda à público vinha sendo adiada, à espera do desenrolar dos acontecimentos na Alemanha.

A maturação da crise

A doença de Lenin impediu o enfrentamento – que em abril parecia inevitável – entre ele e Stalin, encarnação do aparato. Trotski, que, no dia 6 de março, recebeu das mãos de Fotieva, secretária de Lenin, a carta sobre a questão nacional que este último havia ditado nos dias 30 e 31 de dezembro de 1922, não vai iniciar a luta que planejara travar com Lenin ao seu lado. A Kamenev diz em março que se opõe a iniciar no congresso qualquer tipo de luta cujo objetivo seja promover mudanças na organização. Está a favor da manutenção do *status quo*, contra a substituição de Stalin, contra a expulsão de Ordzhonikidze e, em geral, contra qualquer tipo de sanção. Espera que Stalin se redima, que mude de atitude como manifestação de sua boa vontade, que abandone suas intrigas e que inicie uma "honesta cooperação"[259].

Inúmeras especulações podem ser feitas sobre esta surpreendente atitude, este recuo e abandono do bloco que Trotski havia formado com Lenin. Trata-se, talvez, de certo temor de aparecer descaradamente como pretendente ao poder? Ou da vontade de ter todas as forças a seu favor, com a esperança de uma breve recuperação de Lenin? De um vacilo, por se deparar com relações que, desde certo tempo, são pouco cordiais com alguns velhos bolcheviques que o consideram um intruso, e temem sua popularidade, seu prestígio e seu poder como chefe do Exército Vermelho tanto quanto o sarcasmo de sua ácida oratória? Complexo de inferioridade, vacilação própria de seu caráter? Sem dúvida, nunca conheceremos a resposta, já que as explicações que oferece em sua autobiografia não são nada convincentes. Uma coisa é fato: a retirada não lhe servirá de nada, e Trotski parece ter de fato subestimado seu adversário.

258 FISCHER, Ruth, *Stalin and german communism*, Harvard, Harvard University Press, 1948, p. 312.
259 TROTSKI, Leon, *Ma vie, op. cit.*, tomo III, p. 209.

Stalin, que acaba de sair de uma situação embaraçosa graças à abstenção de Trotski sobre a questão georgiana durante o XII Congresso, voltará, durante a primavera de 1923, a restaurar o equilíbrio e a submeter o partido a um jugo cuja ruptura dependia apenas de Trotski. Efetivamente, neste período, Bukharin parece ter estado muito preocupado com os riscos de degeneração interna da revolução vitoriosa. Em um discurso pronunciado em Petrogrado sobre o tema "Revolução proletária e cultura", destaca que a falta de cultura do proletariado (consideravelmente inferior neste campo à burguesia, enquanto esta, durante sua própria revolução, era infinitamente superior às classes feudais que enfrentava) faz com que os desafios da revolução proletária sejam inevitavelmente superiores aos da anterior revolução burguesa. Por isto, a degeneração, por sua vez, é um perigo muito real. Em primeiro lugar, pode originar-se da inevitável utilização dos elementos politicamente hostis, porém tecnicamente capacitados para os postos de responsabilidade, e que ameaçam "contaminar pouco a pouco as formas soviéticas com um conteúdo burguês e liquidacionista, fatal para a revolução". Por outro lado, a composição proletária do aparato não parece ser garantia suficiente contra tal evolução: "Nem mesmo uma origem proletária, nem as mãos cheias de calos, nem outras qualidades tão significativas como estas constituem uma garantia suficiente contra a transformação dos elementos proletários privilegiados em uma nova classe"[260]. No entanto, destas reflexões paralelas dos dois dirigentes não vai surgir uma aliança Trotski-Bukharin.

As diferenças se cristalizam no Birô Político durante a discussão da crise das tesouras. Stalin, Zinoviev e Kamenev se manifestam a favor do *status quo*, opondo-se aos projetos de industrialização e planificação que propõe Trotski. Esta aliança, que será chamada de *troika*[261], vai se selar em torno da defesa do aparato, atacado violentamente no congresso por vários delegados, e da comum hostilidade contra Trotski, que não vai apaziguar seus adversários nem com sua recusa em colocar em discussão uma situação que muitos de seus amigos consideram intolerável.

Preobrazhenski denuncia a não aplicação das principais resoluções do X Congresso, inclusive das que se referem à democracia interna, bem como o agravamento das práticas autoritárias e a substituição, em todos os níveis, do sistema de eleição pelo de recomendação. Vladimir Kossior ataca a "quadrilha" do secretário geral, a metódica perseguição (que se realiza mediante o expediente das transferências) de todos aqueles militantes que se atrevem a expressar críticas, além da sistemática opção pela docilidade em detrimento da capacidade, na escolha dos dirigentes. Lutovinov ironiza a pontifical e infalível direção, com sua "pretensão de salvar o partido sem contar com seus militantes". Budu Mdivani e Makharadze,

260 [illegible]IEVO, L., *A revolução e a cultura*, em *Bulletin communiste*, nº2, 1924.
261 Em russo, "trio" ou "triunvirato" (N. do E.).

que foram derrotados no congresso georgiano celebrado em março, denunciam o chauvinismo grão-russo do aparato manipulado por Stalin e Ordzhonikidze. Bukharin qualifica de chauvinista, no referente às nacionalidades, a política de Stalin e destaca o preconceito manifestado a respeito dos georgianos, que são acusados de desviacionismo por todos os delegados, baseados apenas no informe do aparato. Em nome da delegação ucraniana, Rakovski condena a política de "russificação" das minorias e afirma que Stalin, neste aspecto, retoma a tradição czarista. Também invoca a autoridade de Lenin e sua carta – ainda que esta não tenha sido publicada – sobre a questão nacional para condenar a concepção centralizadora que Stalin impôs à Constituição da URSS.

Trotski, por sua vez, abandona a sala durante a discussão sobre a questão georgiana, guarda silêncio durante as denúncias contra o aparato e presta seu apoio à *troika* ao afirmar a inquebrantável solidariedade do Birô Político e do Comitê Central, respondendo indiretamente às criticas com um chamado à disciplina e à vigilância que se assemelha bastante ao feito por Zinoviev. Uma espécie de conceito muito peculiar de "solidariedade ministerial" do Birô Político o leva a apoiar publicamente uma política que ele combateu, e a ir contra as próprias posições de Lenin, já que não se opõe nem à reeleição de Stalin como secretário geral, nem à eleição de Kuibishev para a presidência da Comissão de Controle. Renunciando a utilizar as armas de que dispõe em uma luta a favor de uma política que considera justa, desarma deliberadamente aqueles que poderiam apoiá-lo, convertendo-se desta forma em um refém nas mãos de seus adversários. Por sua vez, Bukharin, que no congresso se ergueu contra a *troika* quando Trotski se absteve, está fadado a converter-se em um dos maiores aliados desta durante os meses seguintes.

Sem dúvida, Trotski não teve que esperar muito tempo para compreender o quão vão foi seu sacrifício. De volta às suas funções, Stalin continua a intensificar sua influência sobre o aparato, afirmando desta forma sua autoridade no Comitê Central de quarenta membros, cuja maioria esmagadora apoia a *troika*. Com o pretexto de uma suposta conspiração, ordena a detenção do líder comunista tártaro Sultan-Galiev, inspirador de um projeto de federação soviética das minorias muçulmanas, acusando-o de "destruir a confiança das nacionalidades, outrora oprimidas, no proletariado revolucionário". Durante o verão, a situação econômica piora: os funcionários deixam de ser pagos, explodem diversas greves espontâneas, e um pequeno grupo de oposicionistas que se autodenomina Grupo Operário vai tratar de intervir neste movimento para assumir sua direção. No entanto, a GPU cai imediatamente sobre o grupo, acusando-o de ter preparado uma manifestação de rua. Miasnikov é detido em junho e Kuznetsov e outros vinte e oito comunistas são presos em setembro. A GPU reprime igualmente o grupo Verdade Operária, encabeçado pelo velho Bogdanov. Todos estes militantes são expulsos do partido. A gravidade da situação é tal que Dzerzhinski declarará em setembro, a uma sub-

comissão do Comitê Central: "A debilidade de nosso partido, a extinção de nossa vida interior e a substituição da eleição pelas nomeações estão se convertendo em um perigo político"[262].

No entanto, será este mesmo homem, encarregado da repressão contra os grupos operários da oposição, que provocará a ruptura aberta e a entrada de Trotski na luta, ao solicitar ao Birô Político que exija a todos os membros do partido que denunciem à GPU qualquer atividade oposicionista de que tomem conhecimento. Ao que parece, foi esta iniciativa que convenceu Trotski da gravidade da situação. Neste mesmo momento, ele consegue, com a ameaça de sua renúncia, evitar o ingresso de Stalin no Comitê Revolucionário da Guerra, mas é obrigado a aceitar, em contrapartida, o afastamento de Sklianski, seu fiel companheiro na guerra civil, chamado de "Carnot da revolução russa" e sua substituição por dois homens da *troika*, Voroshilov e Lashevich. Desta forma, depois de ter sofrido os primeiros ataques da *troika*, Trotski decide travar o combate que, até então, só havia encampado a contragosto e nos bastidores.

Conflito no Comitê Central

No dia 8 de outubro, Trotski dirige ao Comitê Central uma carta que o transformará no chefe da oposição. Analisando a moção de Dzerzhinski, vai demonstrar até que ponto esta revela "uma extraordinária degeneração da situação no interior do partido depois do XII Congresso". Ao mesmo tempo em que admite que os argumentos então apresentados em defesa da democracia operária fossem um tanto exagerados e demagógicos, "dada a incompatibilidade entre uma democracia operária total e o regime da ditadura", afirma que, a partir do congresso, "a burocratização do aparato do partido se desenvolveu em proporções inéditas, devido ao método de seleção utilizado pelo Secretariado. Surgiu uma ampla camada de militantes que, ao introduzirem-se no aparato governamental do partido, renunciam por completo às suas próprias opiniões dentro da organização ou, ao menos, de sua manifestação pública, como se a hierarquia burocrática fosse a grande responsável por formar a opinião do partido e tomar suas decisões". Uma das características deste autoritarismo, "dez vezes superior ao dos piores momentos da guerra civil", é o papel que desempenha nele "a psicologia do secretário, cuja principal característica é a convicção de que o secretário é capaz de decidir tudo". O descontentamento dos militantes, que se veem usurpados de seus direitos, ameaça provocar "uma crise de gravidade extraordinária, na medida em que pode confundir 'os velhos bolcheviques' ao secretariado". Trotski conclui a carta com a ameaça de recorrer ao conjunto do partido se o Comitê Central se negar a normalizar a situação"[263].

262 Citado por KAMENEV, LEV, *Pravda*, 13 de dezembro de 1923.

263 O texto integral da carta de Trotski é desconhecido e não se encontra nos arquivos de Harvard. Entretanto, podem ser encontrados amplos extratos deste no livro de EASTMAN, Max, *Depuis la*

No dia 15 de outubro, 46 militantes – dos quais ao menos alguns conheciam a iniciativa de Trotski, mas cujas ações eram completamente independentes deste último – dirigem ao Comitê Central uma declaração. Entre eles, se encontram alguns dos mais eminentes bolcheviques e heróis da guerra civil: Preobrazhenski, Alski, Serebriakov, Antonov-Ovseenko, Ivan Smirnov, Vladimir Smirnov, Piatakov, Muralov, Sapronov, Osinski, Sosnovski e Vladimir Kossior. Apesar de seu caráter secreto, o texto é revelador da profundidade da crise interna, capaz de reunir um número tão grande de dirigentes em torno a uma plataforma de luta pela democracia interna. As dificuldades econômicas provêm do empirismo da direção do Comitê Central, e os êxitos foram obtidos "apesar da direção". Porém, dada a falta de medidas apropriadas e, fundamentalmente, a ausência de uma política ativa de planificação, uma grave crise econômica se aproxima. O fracasso da direção acaba se manifestando na situação do partido, submetido a um regime de ditadura, e que já não constitui um organismo vivo, com iniciativa própria. "Assistimos a uma progressiva divisão - hoje já praticamente pública - do partido, submetido a um regime ditatorial, entre a hierarquia do Secretariado e o 'povo passivo', entre os funcionários e profissionais do partido nomeados e selecionados a partir da direção e a massa do partido que não participa de sua vida cotidiana". Os congressos e as conferências se transformam gradualmente em "assembleias executivas da hierarquia". "O regime que se instalou no partido é absolutamente intolerável; acaba com qualquer iniciativa interna, a direção conta com uma série de funcionários assalariados que, em períodos de normalidade, sem dúvida funcionam, mas que fracassam quando precisam encarar um período de crise, e que ameaçam levar o partido à bancarrota total frente aos graves problemas que se avizinham"[264].

A primeira resposta do Birô Político, dirigida a Trotski, mostra que a direção se nega a aceitar a discussão nos termos em que este a apresenta. Recordando a negativa de Trotski em aceitar a vice-presidência do Conselho de Comissários do Povo, o Birô Político o acusa de ser partidário do "tudo ou nada", atribuindo sua atitude oposicionista a uma ambição desmedida.

O segundo conflito ocorrerá na sessão plenária do Comitê Central e da Comissão Central de Controle do dia 25 a 27 de outubro. Trotski, afetado por uma estranha enfermidade que vai afastá-lo de todos os conflitos decisivos nesta época, está ausente. Preobrazhenski é o encarregado, em nome da oposição, de expor as suas exigências imediatas: discussão em todos os níveis dos mais importantes problemas políticos, total liberdade de expressão dentro do partido, abertura da imprensa partidária a esses debates, retorno da regra de eleição dos dirigentes, exame da situação dos militantes "transferidos" por conta de suas opiniões e de

---

mort de Lénine, Paris, Gallimard, 1925, Anexo IV, pp. 192-194.

264 Texto integral traduzido do russo ao inglês em CARR, Edward, *The Interregnum*, Londres, Macmillan, 1954, pp. 367-373.

suas críticas. O Comitê Central responde no terreno da disciplina, com a acusação de fracionalismo: "O gesto do camarada Trotski, em um momento crucial da experiência do partido e da revolução mundial", constitui "um grave erro político, sobretudo porque o ataque dirigido pelo camarada ao Birô Político adquiriu o caráter objetivo de um ato fracional que ameaça se transformar em um duro golpe à unidade do partido e suscitar uma crise em seu interior"; consequentemente, "serviu de sinal para um grupo fracionalista". A Declaração dos 46 é condenada como um ato de divisão "que ameaça colocar toda a vida do partido nos próximos meses sob o signo da luta interna, debilitando-o precisamente em um momento crucial para a revolução internacional"[265] e por isso não é publicada. Entretanto, a situação é grave o bastante para que se inicie uma discussão no partido e na sua imprensa: mais uma vez, a abertura do debate servirá como válvula de escape para as tensões.

O debate

A controvérsia vai se dar entre novembro de 1923 e março de 1924. Zinoviev é o encarregado de iniciar o debate no dia 7 de novembro no *Pravda*: "Desgraçadamente, a maioria das questões essenciais é decidida de antemão desde cima"; esta é a razão de que "seja necessário no partido que esta democracia operária, de que tanto falamos, tenha mais concretude". Certamente, a centralização é inevitável, mas também é necessário que se intensifiquem as discussões. Não há nada de decisivo, mas também nada de agressivo nesta forma tranquila mas também um pouco desiludida de iniciar a polêmica.

As primeiras discussões giram em torno das graves críticas que são feitas ao funcionamento do aparato. Bukharin declara:

> Se fizéssemos uma pesquisa para averiguar quantas vezes os eleitores se limitam a responder a estas duas questões que se pronunciam do alto da tribuna: "Quem é a favor?" e "Quem é contra?", prontamente descobriríamos que, em sua maior parte, as eleições se transformaram em puro formalismo; não só as votações acontecem sem nenhuma discussão prévia, como muitas vezes só se responde nelas à pergunta "Quem é contra?". Como geralmente se pronunciar "contra" as autoridades gera um grande desconforto, não é difícil prever qual é o resultado habitual. É desta forma que acontecem todas as eleições em nossas organizações de base. Tais métodos suscitam, como é de se supor, uma grande onda de descontentamento. O mesmo ocorre, aproximadamente com os mesmos resultados, em todos os níveis da hierarquia do partido[266].

A maioria das outras contribuições publicadas na tribuna de discussão do *Pravda* estão, num primeiro momento, muito próximas desta posição e se limitam a breves críticas, sem generalizações, de determinados aspectos ou manifestações

265 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, pp. 219-220.
266 *Informe taquigráfico do XIII Congresso*, p. 154, citado por EASTMAN, Max, *op. cit.*, pp. 51-52.

do burocratismo. Entretanto, com a intervenção de Preobrazhenski no dia 28 de novembro o tom se modifica; em seu artigo, ataca aqueles "camaradas, inclusive os mais altos dirigentes, que riem sarcasticamente da democracia no seio do partido segundo foi definida no X Congresso". Em sua opinião, "o partido que, no X Congresso, decidiu substituir os métodos militares pelos métodos democráticos, iniciou de fato um caminho diametralmente oposto [...], o que talvez fosse inevitável na primeira fase da NEP [...]. Depois, a aplicação das resoluções do X Congresso não somente era possível, como indispensável. Este passo em direção à democracia não aconteceu no seu devido tempo. O automatismo da rotina domina por completo a vida do partido: ele foi legitimado". Invocando as recordações do partido na época em que Lenin o dirigia, afirma:

> É sintomático que, na época em que estávamos rodeados de frentes de batalha, a vida do partido tivesse muito mais vitalidade e a independência das organizações fosse muito maior. No momento em que apareceram não somente as condições objetivas para a revitalização da vida do partido e sua adaptação às novas tarefas, como também, por consequência, existe uma verdadeira necessidade de que isto aconteça, fica claro que não avançamos nem um passo em relação ao comunismo de guerra. Pelo contrário, intensificamos o burocratismo, a petrificação e aumentamos a quantidade de questões decididas de antemão pela cúpula; acentuamos a divisão do partido, que se havia iniciado durante o período de guerra, entre aqueles que tomam as decisões e carregam todas as responsabilidades e as massas que aplicam estas decisões do partido, em cuja elaboração não puderam tomar parte.

Esta intervenção vai situar melhor os limites da discussão. No dia 1 de dezembro, Zinoviev, ao referir-se à privação do direito de voto para aqueles militantes que se encontram no período de experiência de dois anos, declara: "Do ponto de vista da democracia operária em abstrato, esta é uma paródia de democracia. Mas, do ponto de vista dos interesses fundamentais da revolução, deste ponto de vista do bem maior da revolução, a nosso ver é indispensável reservar o direito de voto somente àqueles que possam ser os genuínos guardiões do partido (...) O bem da revolução é a lei suprema. Todo revolucionário deve dizer: Ao diabo com os princípios da democracia 'pura'!". No dia 2 de dezembro, Stalin, por sua vez, precisa: "É necessário colocar limites na discussão, impedir que o partido, que constitui uma unidade combatente do proletariado, se converta em um clube de discussões".

Ao mesmo tempo em que se desenrola esta discussão, o Birô Político se esforça em encontrar um terreno de entendimento com Trotski, com vistas a uma tomada de posição unânime pela direção. No dia 5 de dezembro, adota uma resolução que é fruto de discussões feitas em regime de subcomissões entre Stalin, Kamenev e Trotski e que parece anunciar um novo curso. Nesta se reconhece que as contradições objetivas da fase de transição se manifestam em um certo número de

tendências negativas que é preciso combater: "as profundas diferenças na situação material dos membros do partido em relação à suas diferentes funções e os fenômenos que recebem a qualificação de 'excessos', como o crescimento das relações com os elementos burgueses e sua influência ideológica; a estreiteza de horizontes, que se deve distinguir da especialização, necessária, e o enfraquecimento, por consequência, dos vínculos entre os comunistas que atuam em setores diversos; um risco de perder de vista a perspectiva da construção socialista em seu conjunto e da revolução mundial [...]; a burocratização dos aparatos do partido e o desenvolvimento de uma ameaça de divórcio entre o partido e as massas". "O partido – afirma a resolução – deve empreender uma séria modificação de sua política no sentido de uma aplicação metódica e estrita da democracia operária", o que "implica para todos os camaradas na liberdade de examinar e discutir publicamente os principais problemas do partido, assim como na eleição dos funcionários e dos órgãos colegiados, desde a base até a cúpula". No referente às medidas práticas, recomenda "a aplicação integral da eleição dos funcionários e, em particular, dos secretários de célula", a decisão "de submeter – a não ser que circunstâncias excepcionais o impeçam – todas as decisões essenciais da política do partido ao exame das células", um esforço para formar quadros, a obrigação, estendida a todos os organismos, de divulgar informes detalhados e, por fim, o recrutamento para o partido de "um novo fluxo de operários da indústria"[267].

Esses princípios retomam, talvez de forma menos precisa, os enunciados das resoluções do X Congresso. Entretanto, as medidas recomendadas vêm acompanhadas de numerosas restrições. Fica claro que a resolução não é mais que uma concessão a um descontentamento evidente. A recordação da proibição de frações, que é feita após o rechaço pelo Comitê Central das propostas de Preobrazhenski, e a subsequente condenação da Declaração dos 46, considerada fracionalista, mostram bem as intenções dos autores das resoluções.

Entretanto, Trotski vota a favor desta ambígua resolução, que não é mais do que uma cobertura para as ações da direção. Mais tarde irá justificar seu voto afirmando que, em sua opinião, o texto "move o centro de gravidade para a questão da atividade, da independência crítica e da autoadministração do partido"[268]. Na verdade, ele sabe perfeitamente que a interpretação e a aplicação que desejaria para esta resolução diferem profundamente da concepção que tem a *troika*: no dia 2 de dezembro, em uma carta aos comunistas do bairro moscovita de Krasnaia Pressnia, Stalin reconhece a existência de um certo mal-estar, cuja origem se encontra, em sua opinião, nas "sobrevivências do comunismo de guerra", sob a forma de "sequelas militaristas na mente dos trabalhadores"[269].

267 *Correspondence Internationale*, nº5, 24 de janeiro de 1924, pp. 42-45.
268 TROTSKI, Leon, *De la révolutión*, Paris, Minuit, 1963, p. 27.
269 *Bulletin communiste*, nº5, 1924, pp. 138-141.

Em uma carta também dirigida à organização do partido de Krasnaia Pressnia, publicada no dia 10 de dezembro, Trotski oferece sua própria interpretação da resolução de 5 de dezembro. Ao mesmo tempo em que recorda que o perigo da burocratização emana do aparato, "composto inevitavelmente pelos camaradas mais capazes e mais meritórios", expressa seus temores de que "a velha guarda" possa "imobilizar-se, convertendo-se sem perceber na mais acabada manifestação do burocratismo". Recordando o passado, em especial a degeneração dos dirigentes da II Internacional, apesar de serem estes "discípulos diretos de Marx e Engels", afirma que este perigo existe para a velha geração de bolcheviques russos. "É a juventude a que mais vigorosamente reage contra o burocratismo" e, em seu nome, exige confiança e uma mudança nos métodos.

> Nossa juventude não deve limitar-se a repetir nossas fórmulas. Deve conquistá-las, assimilá-las, formar sua própria opinião, sua própria fisionomia e, além disso, ser capaz de lutar por seus objetivos com profunda convicção e uma grande independência de critério. Fora do partido com a passiva obediência que obriga a seguir mecanicamente o passo atrás dos chefes! Fora do partido com a impessoalidade, o servilismo e o carreirismo! O bolchevique não é só um homem disciplinado, mas também um homem que, em cada caso e sobre qualquer questão, forma uma opinião sólida e a defende valorosamente, não somente frente aos seus inimigos, mas também no seio de seu próprio partido.

A carta de Trotski contém um chamado aberto à luta:

> Antes da publicação da decisão do Comitê Central acerca do "novo curso", o simples fato de sinalizar a necessidade de uma modificação do regime interno do partido era considerado, pelos funcionários instalados no aparato, como uma heresia, uma manifestação do espírito divisionista e uma ameaça à disciplina; na atualidade, os burocratas estão dispostos formalmente a levantar a bandeira do "novo curso" [...]. Antes de tudo, é preciso afastar dos cargos dirigentes aqueles que ante a primeira expressão de protesto ou de objeção, brandem contra os críticos a espada das sanções. O "novo curso" deve ter como primeiro resultado o de fazer sentir a todos que, de agora em diante, ninguém se atreverá a submeter o partido ao terror[270].

Desta vez o conflito se dá entre o aparato por um lado e Trotski e os 46 por outro. No entanto, a situação é complexa, já que a oposição, em seu enfrentamento com o aparato, se apoia nos argumentos de Trotski, e combate a resolução do dia 5 de dezembro, que este votou junto da *troika*, como uma manobra para distraí-los. Preobrazhenski e seus camaradas elaboram uma resolução na qual propõem a eleição de dirigentes em todos os níveis, uma nova formulação sobre a proibição de frações que permita uma autêntica democracia interna e o restabelecimento da

---

270 TROTSKI, Leon, *De la révolutión, op. cit.*, p. 86.

antiga regra segundo a qual é a célula quem deve primeiro se pronunciar sobre as sanções disciplinares.

A assembleia dos militantes de Moscou acontece no dia 11 de dezembro. Nela, Kamenev se mostra pouco combativo. Destaca a necessidade da democracia operária, na qual somente a eleição dos dirigentes pode garantir a liberdade de discussão. Admitindo que a democracia operária ilimitada compreende o "direito de grupo", ele justifica a oposição do Comitê Central ao exercício deste direito pelo fato do partido estar no poder: os partidos comunistas estrangeiros admitem a existência de grupos porque "não conseguem eliminar certas sobrevivências social-democratas em sua luta contra o poder". Não menciona Trotski, mas ataca Preobrazhenski, que denunciou a existência da *troika*, desafiando-o para que cite um só documento que emane dela. Finaliza sua intervenção solicitando aos militantes que "votem pela sua confiança no Comitê Central"[271].

As intervenções posteriores são mais interessantes. Krilenko analisa o conceito de fração, que não é mais que "um grupo diferenciado ligado por uma disciplina especial". A seu ver, a concepção defendida por Kamenev confunde "fração e grupo", "reduz toda a democracia do partido ao direito de intervenção individual de camaradas isolados", o que conduz à "supressão da democracia operária no partido". Afirma ainda: "O direito de unir-se em torno de determinadas plataformas é uma prerrogativa intocável da democracia interna do partido, sem a qual esta se converte em uma frase oca"[272]. Kalinin, presidente do Comitê Executivo do Soviets, admite, sem meias palavras, que o aparato não deseja a democracia:

> Na situação atual, nenhum comunista pode admitir a democracia completa [...]. Quem sofre com a ausência de democracia? Não é a classe operária, mas o próprio partido. No entanto, no partido existem poucas pessoas que não tenham nada a ver com o aparato, que não participem de seu complexo trabalho [...]. Quem vai se beneficiar mais de nossa democracia? Em minha opinião, todos aqueles que não trabalham. Os que estão livres de obrigações vão poder aproveitar-se inteiramente da democracia, mas aqueles sobrecarregados de trabalho não vão poder fazê-lo[273].

Dos outros oradores que pediram a palavra, somente Yaroslavski lança um forte ataque contra Trotski. Sapronov e Preobrazhenski sustentam os pontos de vista da oposição, exigindo expressamente a liberdade de grupos, em cuja defesa Radek invoca a autoridade de Lenin. A resolução proposta por Preobrazhenski não é aprovada por uma pequena margem. Porém, o ambiente da reunião parece indicar que a oposição se encontra em uma situação muito favorável. No dia 15 de dezembro, Stalin lança no *Pravda* o primeiro ataque *ad hominem*: quando se inclui entre os velhos bolcheviques, Trotski parece demonstrar uma memória particularmente

271 *Bulletin communiste*, nº5, 1924, pp. 135-138.
272 *Bulletin communiste*, nº1, 1924, p. 7.
273 *Ibid.*, p. 6.

curta; a degeneração ameaça o partido, mas sua origem não deve ser buscada na "velha guarda", e sim entre os "mencheviques infiltrados em nosso partido que não conseguiram se livrar de seus costumes oportunistas". Acusa Trotski de "duplicidade", pois sua carta do dia 10 constituía um apoio à oposição dos 46 ao Comitê Central, em favor de cuja resolução ele mesmo votou. Também afirma que, a respeito dos jovens, Trotski pratica uma "demagogia barata".

O tom da polêmica aumenta, na assembleia organizada no dia 15 pelos militantes de Petrogrado. Zinoviev retoma a revelação, feita por Bukharin durante uma reunião em Moscou, sobre os contatos que haviam se estabelecido em 1918 entre os comunistas de esquerda e os socialistas-revolucionários de esquerda para discutir a possibilidade de compor uma nova maioria e de formar um governo encabeçado por Piatakov. A menção deste fato tem um duplo objetivo: por um lado, o de demonstrar que "a luta de duas frações em um partido que controla o poder contém o gérmen de dois governos" e, por outro lado, o de destacar que muitos membros da oposição dos 46 foram, em 1918, "comunistas de esquerda" e adversários de Lenin. Tocando o fundo do problema, afirma: "O burocratismo deve ser combatido, mas aqueles que querem diminuir a importância do aparto do partido devem ser firmemente chamados ao seu dever de comunistas, pois nosso aparato é o braço direito do partido". Ao analisar a atitude de Trotski, afirma agressivamente: "O trotskismo constitui um tendência bem definida no movimento operário" e acrescenta: "quaisquer que sejam nossas atuais divergências a respeito destas questões, Trotski é Trotski e continua sendo um de nossos dirigentes mais capazes. Aconteça o que acontecer, sua colaboração com o Birô Político do Comitê Central e nos outros organismos do partido é indispensável"[274].

Enquanto isso, a discussão prossegue nas colunas do *Pravda* e o tom continua subindo. Seu responsável, Konstantinov, é destituído por haver protestado no dia 16 de dezembro ao escrever: "a calúnia e as acusações infundadas se converteram nas armas de discussão de numerosos camaradas; é preciso evitar isto". Seu substituto não será mais submisso às diretivas do Comitê Central e também será destituído. No dia 21, Zinoviev ataca um texto de Trotski que leva o título de "Novo curso" e que circula amplamente entre as fileiras do partido. Para ele, Trotski sustenta o Comitê Central como "uma corda pode sustentar o enforcado" e manifesta, na realidade, "uma resistência à linha (...). O erro fundamental do camarada Trotski consiste em que manifesta o ressurgimento de antigas ideias, ao admitir a legitimidade de tendências divergentes". Posteriormente, conclui uma longa descrição do "trotskismo" com a afirmação: "Todo o Comitê Central, unido como nos tempos de Vladimir Ilich – ou talvez ainda mais –, opina que o camarada Trotski comete, na atualidade, um erro político radical".

274 *Bulletin communiste*, nº8, 1924, pp. 222-228.

O novo curso

O texto que provocou o ataque de Zinoviev aparece por fim no *Pravda* dos dias 28 e 29 de dezembro. Trata-se de um trabalho pouco polêmico, apesar de algumas alfinetadas ferozes; contém uma análise minuciosa e muito bem embasada da situação política dentro do aparato de Estado e no partido, um estudo das origens do burocratismo e um esboço do "novo curso" que o partido deve seguir. De fato, para Trotski, esta discussão marca uma etapa do desenvolvimento do partido, sua transição para "uma etapa histórica superior". Em sua opinião, tudo transcorre como se "a massa dos comunistas" dissesse aos dirigentes:

Vocês, camaradas, têm a experiência anterior a Outubro, que falta à maioria de nós; mas sob sua direção adquirimos depois de Outubro uma grande experiência que se torna a cada dia mais importante. E não queremos apenas ser dirigidos por vocês, mas também participar com vocês na direção da classe. Queremos isso não apenas porque é nosso direito como membros do partido, mas também porque é absolutamente necessário à classe operária como um todo"[275]. A explosão do descontentamento que comove o partido provém de uma longa evolução anterior, acelerada pela crise econômica e pela espera da revolução alemã, fatores que fizeram aparecer "com particular nitidez, o fato de que o partido vive, de certo modo, em dois níveis: o nível superior, onde se tomam as decisões, e o inferior, que se limita a conhecer as decisões"[276]. O "burocratismo" que a resolução do Comitê Central acaba de reconhecer não é uma característica aleatória, mas um "fenômeno geral", mais do que uma simples sequela: "o burocratismo do período de guerra era ínfimo em comparação com o que se desenvolveu nos tempos de paz, quando o aparato [...] continuava obstinadamente a pensar e decidir pelo partido"[277]. Desta situação surge um duplo perigo de degeneração: entre os jovens, aos quais se exclui da participação na atividade geral, e também na "velha guarda". "Encarar esta advertência, que se baseia numa previsão marxista objetiva, como um "ultraje" ou um "atentado" só é possível desde o ponto de vista da irritável susceptibilidade e arrogância de alguns burocratas"[278].

Trotski analisa, em seguida, a composição social do partido. Constata que os militantes que trabalham em fábricas não correspondem nem a um sexto de seus membros, pois a maioria deles está localizada nos diferentes aparatos de direção. No entanto, "os presidentes dos comitês regionais ou os comissários de divisão, independentemente de sua origem, representam um tipo social determinado"[279]. Dito de outra forma, "a origem do burocratismo reside na crescente concentração

---

275 TROTSKI, Leon, *De la révolutión, op. cit.*, p. 32.
276 *Ibid.*, p. 33.
277 *Ibid.*, p. 34.
278 *Ibid.*, p. 36.
279 *Ibid.*, p. 38.

das atenções e das forças do partido nas instituições e aparatos governamentais e na lentidão do desenvolvimento da indústria"[280], que não permite considerar, em um prazo breve, uma alteração da composição social do partido. Portanto, o burocratismo constitui "um fenômeno essencialmente novo, que provém das novas tarefas, das novas funções e das novas dificuldades do partido"[281]. Prevalecendo os "métodos do aparato", a direção cede lugar à mera administração, "adquire um caráter puramente organizativo e, com frequência, degenera-se em um sistema de ordens e comandos". O "secretário" vive das preocupações diárias do aparato do Estado, "perde de vista as linhas gerais" e, "quando crê mover aos demais, é ele mesmo movido por seu próprio aparato"[282].

Entretanto, no Estado soviético russo, onde "o partido comunista se vê obrigado a monopolizar a direção da vida política", é de fato desejável evitar no partido os "agrupamentos estáveis (...), que, sob determinadas condições, podem se transformar em frações organizadas". Porém, ao mesmo tempo, é impossível evitar "as divergências de enfoque em um partido que reúne meio milhão de homens"[283] e a experiência demonstra que "de modo algum basta declarar que os grupos e frações são um mal para evitar seu aparecimento"[284]. As diversas oposições de 1917, superadas com tomada do poder, as de 1918, que se extinguiram com o tratado de paz, e as de 1921, que acabaram com o giro que imprimiu a NEP, demonstram que as frações podem ser superadas com uma política correta: a resolução do X Congresso, que as coloca fora da lei, só pode, nesse sentido, possuir um "caráter auxiliar" no âmbito de uma verdadeira democracia operária. Efetivamente, existem frações no partido e a mais perigosa delas é a que nutre as restantes, quer dizer, a "fração burocrática conservadora", de cujas fileiras se erguem "vozes provocadoras" e na qual se "remexe o passado" para buscar nele "tudo aquilo que possa acirrar mais a discussão"[285], aquela que coloca em perigo a unidade do partido com a pretensão de se opor esta à necessidade de democracia.

Respondendo a Zinoviev, Trotski afirma que "seria monstruoso crer que o partido destruirá ou permitirá que qualquer um destrua seu aparato". No entanto, o partido "deseja renovar este aparato, recordar-lhe que se trata de seu aparato, eleito por ele e que dele não deve se separar"[286]. Como já apontou Lenin, o burocratismo constitui um fenômeno social cuja causa na Rússia reside na "necessidade de criar e sustentar um aparato estatal que reúna os interesses dos proletários e dos camponeses em perfeita harmonia econômica" e desta harmonia o regime ainda está muito longe; este processo se complica ainda mais pelo fato de que as amplas

280 *Ibid.*, p. 38.
281 *Ibid.*, p. 49.
282 *Ibid.*, p. 41.
283 *Ibid.*, p. 42.
284 *Ibid.*, p. 44.
285 *Ibid.*, p. 49.
286 *Ibid.*, p. 49.

massas carecem de cultura. "Evidentemente, o partido não pode fugir das condições sociais e culturais" existentes, porém, como "organização voluntária", pode se proteger melhor se souber se antecipar ao perigo. Os chamados à tradição por parte da fração conservadora apenas desarmam o partido frente a este:

> Quanto mais o aparto do partido se encerra em si mesmo, mais se impregna do sentimento de sua importância intrínseca e autossuficiência, mais lentamente reage às demandas vindas de baixo, mais tende a opor a tradição às novas necessidades e tarefas. E se existe algo capaz de dar um golpe mortal à vida do partido e à formação teórica da juventude, é a transformação do leninismo – método que exige, em sua aplicação, iniciativa, pensamento crítico e coragem ideológica – em um dogma que, para sua interpretação, necessite de intérpretes designados irrevogavelmente[287].

A batalha da XIII Conferência

A publicação de *Novo curso* assinala o auge da controvérsia mas também o fim da livre discussão: posteriormente, o secretário geral controlará de perto o *Pravda*, utilizado por Bukharin para responder imediatamente a Trotski, acusando-o de "desvios" e de "oposição ao leninismo". Os membros da oposição já não voltaram a intervir, salvo em contadas ocasiões, e estas sempre cercadas por toda uma série de artigos dos partidários da linha do Comitê Central. O *Novo curso* terá como única resposta a suspensão do recebimento de opiniões referentes às polêmicas. De fato, o êxito de Trotski e dos 46 pareceu tão grande em Moscou que o próprio Trotski, no dia 10 de dezembro, escrevia que a capital "havia tomado a iniciativa da revisão da linha do partido". O perigo também é percebido pelo aparato, que, posteriormente, vai assegurar o êxito na discussão com seus métodos característicos, com o uso dos poderes de que dispõe e que são exatamente aqueles dos quais se quer privá-lo.

O direito de nomeação permite isolar Trotski e decapitar a oposição. A designação de muitos de seus amigos para altos cargos diplomáticos não é mera casualidade: o translado de Yoffe para a China e, mais tarde, o de Krestinski para Alemanha não vão despertar suspeitas. Porém, quando Christian Rakovski é nomeado embaixador em Paris, no verão de 1923, fica evidente que esta é a forma utilizada pelo aparato para se livrar de um dos porta-vozes da resistência das nacionalidades no XII Congresso, de um amigo íntimo de Trotski, de um adversário de Stalin e de um dos mais destacados líderes de uma oposição que começa a se formar. Devido a seu afastamento da Rússia, Rakovski não assinou a Declaração dos 46. Porém, o partido ucraniano, fortemente influenciado por seus amigos, vai se transformar, até o final do ano, em um bastião da oposição. Chubar, sucessor de Rakovski na presidência do Conselho de Comissários do Povo da Ucrânia e Kaganovich, encarregado do Secretariado, assumem a tarefa de "reorganizá-lo"; Kotziubinski, combatente clandestino de 1918 e porta-voz da oposição, é transferido para Viena. As

287 *Ibid.*, p. 61.

células do Exército Vermelho, em sua maioria, votam a favor das teses da oposição. O dirigente político do exército, Antonov-Ovseenko, é destituído por ter emitido uma circular sobre a democracia operária, conforme as decisões do congresso, mas sem submetê-la previamente à aprovação do Comitê Central. Bubnov, seu substituto, também assinou a Declaração dos 46. Porém, nesta ocasião, a renega. Desta forma, Stalin consegue matar dois pássaros com um só tiro.

Apesar do *Komsomol*[288] não participar diretamente da discussão, a maioria de seus militantes, membros do partido, se encontra alinhada com a oposição. Por isto, quinze membros eleitos de seu Comitê Central são não apenas excluídos de suas funções na organização pelo Secretariado do partido, com absoluto desprezo pelos estatutos, como são também enviados a desempenhar "missões" em uma série de regiões afastadas. Com tal medida, os partidários da *troika* tornam-se maioria. Sem se intimidar, Trotski publica, como apêndice ao *Novo curso*, uma carta assinada por vários jovens dirigentes, todos eles simpatizantes da oposição: Fedorov e Dalin, membros do Comitê Central do *Komsomol*; Shokhin, Bezimenski e Dugachev, três dos seis membros do primeiro Presidium da Juventude Comunista, criada em 1918; e Penkov, Deliusin e Treivas, antigos secretários do Comitê de Moscou do *Komsomol*. Apesar de perseguidos, estes jovens mantêm suas posições.

Trata-se de um caso excepcional. Tanto em Moscou quanto em Petrogrado, dirigentes e militantes são deslocados a lugares que ficam a centenas e milhares de quilômetros. A simples ameaça faz com que mais de um oposicionista se curve, e precipita a decisão de muitos vacilantes. Uma vez que a oposição, da qual Trotski oficialmente não faz parte, não se organiza como fração, para evitar de ser acusada de indisciplina, o aparato consegue isolar com facilidade os delegados que a representam, eliminando-os posteriormente com o sistema de nomeação nos distintos níveis. Desta forma, em Moscou, os partidários da oposição contam com a maioria nas células, mas sua maioria se reduz a 36% nas conferências do distrito e a 18% na conferência da província, onde Preobrazhenski só consegue 61 votos contra 325 de Kamenev. Apesar da oposição ter sido majoritária – talvez pela diáspora que se inflige aos seus quadros – em localidades como Riazan-Penza, Kaluga, Simbirsk e Cheliabinsk, e apesar de contar com o apoio da maioria ou de pelo menos um terço das células do Exército Vermelho e quase a totalidade das células estudantis, só elegerá três delegados à Conferência Nacional.

Naturalmente, semelhante redução na representação da oposição só foi possível com as manipulações do aparato. Porém, para a oposição, a luta terminou com um grave fracasso, que contrasta com suas esperanças iniciais. Certamente ela conseguiu se impor entre os jovens e, especialmente, entre os estudantes – que representavam uma elite intelectual e militante de ascendência operária direta –, confirmando o prognóstico de Trotski. Mas ela fracassou em seu esforço principal, dirigido aos operários do partido, já que, em Moscou, que é onde conta com mais votos, só ob-

288 União da Juventude Comunista, subordinada ao PCR (b) (N. do E.).

tém a maioria em 67 células de fábrica, de um total de 346. Para explicar este fracasso, foram propostas diferentes interpretações, podendo se destacar a ausência, na Declaração dos 46, de qualquer referência aos interesses imediatos dos operários, ao que se soma também uma provável impopularidade de Trotski em certos setores do proletariado, presente desde que este empreendeu a discussão sobre a militarização dos sindicatos. Não podemos deixar de lado nenhum destes elementos – Stalin sabia o que fazia quando acusava Trotski de ser o "patriarca dos burocratas". No entanto, qualquer um deles é melhor como explicação do que a ideia simplista que absolutiza a habilidade de Stalin em manobras políticas ou os métodos demagógicos de Zinoviev. Parece que E. H. Carr se aproxima bastante da verdade ao escrever: "A incapacidade da oposição em ganhar influência no proletariado era um sintoma não só da debilidade desta, mas também da própria classe operária"[289].

Possivelmente, este sentimento da inevitabilidade de uma derrota a curto prazo seja a melhor explicação da abstenção de Trotski durante a última fase da batalha. Afetado por uma misteriosa enfermidade que continuará a derrubá-lo durante estes anos, não participa de nenhuma discussão do partido, além das do Birô Político, deixando para Preobrazhenski, Piatakov e outros homens capazes e brilhantes, mas que não tinham nem de perto sua envergadura, a missão de defender teses que são tão suas como dos 46. No dia 21 de dezembro, acata o parecer dos médicos do Kremlin que lhe recomendam o afastamento de Moscou para um retiro de descanso de dois meses às margens do Mar Negro. Inevitavelmente, esta sua atitude contribui para debilitar a oposição. Em todo caso, é difícil explicá-la, e as hipóteses geralmente levantadas são pouco convincentes, e destoam do temperamento de lutador de Trotski, ao sugerirem uma hesitação quanto à justeza desta luta ou um recuo diante das suas possíveis consequências. É mais verossímil buscar a explicação de seu comportamento em uma certa desilusão frente a esses imprevisíveis eventos políticos, a um certo sentimento de impotência frente a um aparato de ambições e eficácia garantidas e, talvez ainda, à necessidade de uma trégua, de um tempo para fazer uma nova análise da situação.

A XIII Conferência

Não podemos assegurar que a intervenção de Trotski, mesmo com toda sua força, teria modificado o curso dos acontecimentos durante as semanas de intensa discussão que se iniciaram em meados de dezembro, já que sua semiparalisia política não é, no fundo, mais do que a consequência lógica de sua recusa em lutar, desde a enfermidade de Lenin, de sua intervenção em outubro quase contra sua vontade, e de sua tática de buscar um acordo com o Birô Político ao votar a resolução do dia 5 de dezembro. Em todo caso, algumas semanas antes da conferência, a sorte está lançada: dali em diante, a imprensa não voltará a publicar mais artigos da oposição;

289 CARR, Edward, *Interregnum*, *op. cit.*, p. 328.

os dirigentes, no entanto, vão seguidamente tomar a palavra nas colunas dos jornais, afirmando sua determinação em imprimir ao partido um "novo curso", apesar das manobras dos "desviacionistas", dos "antileninistas", dos "mencheviques" e dos "pequeno-burgueses" mascarados com o disfarce do "trotskismo". O folheto *Novo curso*, que reúne as principais intervenções de Trotski, será publicado tarde demais para ajudar nas discussões e será menos um instrumento da oposição do que uma expressão da solidariedade de Trotski para com esta. Os mais destacados membros do grupo dos 46 serão, pois, os que continuarão, de dentro do partido, a luta que iniciaram simultaneamente, mas que até então não tinha sido travada em conjunto.

Os debates da conferência se desenrolam normalmente. Na discussão sobre os problemas econômicos, Preobrazhenski intervém para destacar o crescimento alarmante do capital comercial e industrial privado. Piatakov, com grande habilidade, retoma as teses comuns a Trotski e aos 46: o desenvolvimento da indústria coloca problemas que não se limitam a uma discussão sobre a taxa de crescimento, já que a verdadeira questão é como dirigir este crescimento. O instrumento existe: é o plano estatal (Gosplan), que, a princípio, deve permitir a eliminação do empirismo em matéria econômica e, baseando-se numa concepção global, aperfeiçoar e precisar os objetivos conforme as condições e os recursos. Seria um erro acreditar que a indústria estatal deve adaptar-se ao mercado de maneira espontânea, sob o pretexto de que este último se desenvolve espontaneamente. Somente a planificação permitirá adaptar a indústria à conquista do mercado: sem ela, a nacionalização se converterá em um obstáculo para o desenvolvimento econômico. Molotov, Kamenev e Mikoyan qualificam ironicamente como utopias estes projetos de planificação da indústria com uma perspectiva de vários anos, acusando a oposição de querer impor, em matéria econômica, concepções centralizadoras e burocráticas e – na eterna acusação contra Trotski e seus correligionários – de sacrificar os camponeses para desenvolver a indústria. O resultado da votação é obvio.

A discussão sobre os problemas do partido é introduzida por Stalin, que admite a existência de certo burocratismo, reflexo, segundo ele, da pressão exercida pela burocracia do Estado sobre o partido, agravada pelo ínfimo nível cultural do país e pelas sobrevivências psicológicas do comunismo de guerra. Ao recordar as discussões, feitas por uma subcomissão, sobre a resolução que discute a democracia operária, declara:

> Recordo como nos chocamos com Trotski no referente aos grupos e frações. Trotski não se opunha à proibição das frações. Porém, defendia resolutamente a permissão de grupos no partido. Esta é a opinião da oposição. Estas pessoas parecem não compreender que, se se admite a liberdade de grupos, abre-se a porta para pessoas como Miasnikov, permitindo-lhes enganar o partido ao apresentarem uma fração como se ela fosse um grupo. E afinal, qual é a diferença entre um grupo e uma fração? Se trata somente de uma diferença de aparência[...]. Se admitíssemos os grupos, acabaríamos com o partido, transformaríamos uma organização monolítica e compacta

em uma federação de grupos e frações, negociando entre si alianças e coalizões temporárias. Isto não seria mais um partido, mas o fim do partido[290].

Em sua opinião, a burocratização real serviu para Trotski de pretexto para intervir, violando a disciplina, com um ponto de vista "anarco-menchevique" e para tentar lançar o partido contra seu aparato, os jovens contra os velhos e os estudantes contra os operários. É preciso consolidar a unidade do partido, fortalecê-la contra qualquer ameaça e, para demonstrar a determinação dos bolcheviques, incluir na resolução final o ponto 7 do X Congresso, que proíbe as frações e confere ao Comitê Central os já citados poderes de expulsão.

Preobrazhenski intervém em nome da oposição, volta a brandir todos os argumentos que já foram apresentados, recorda a intensa vida interna do partido nos tempos de democracia operária, protesta contra a sistemática exumação de antigas intrigas e contra a identificação do "leninismo" com as teses burocráticas.

A réplica de Stalin é mais contundente que seu informe: o X Congresso aprovou por votação a proibição de frações na época em que Lenin ainda se encontrava à frente do partido; o período de prova mínimo que se exige aos dirigentes e que, em alguns casos, impede sua eleição, foi fixado no XI Congresso, quando Lenin ainda estava na direção. O que Preobrazhenski e seus companheiros pedem na realidade é a "modificação de uma linha de conduta do partido intimamente vinculada ao leninismo". Ao responder a Preobrazhenski, Stalin manifesta ainda, com toda a clareza, o seu verdadeiro pensamento a respeito de um ponto determinado, que, naquela época, parecia demasiado estranho para merecer qualquer destaque:

De fato, qual é a conclusão de Preobrazhenski? Não pede nem mais nem menos do que devolver ao partido o caráter que este tinha em 1917 e 1918. Naquela época, o partido, dividido em grupos e frações, era vítima das lutas internas em um momento crítico de sua história, no qual se encontrava de frente com um problema de vida ou morte [...]. Preobrazhenski nos apresenta o partido de 1917 e 1918 pintado em cores ideais. Porém, conhecemos suficientemente este período da vida do partido, quando as dificuldades chegavam inclusive a provocar graves crises. Por acaso Preobrazhenski está pensando em restabelecer esta "situação ideal" em nosso partido?[291]

Na verdade, segundo Stalin, o partido está ameaçado por uma coalizão heterogênea que inclui desde Trotski, "o patriarca dos burocratas", até os "antileninistas de sempre", quer dizer, os Preobrazhenski e os Sapronov.

---

290 Ata taquigráfica, citada por LEITES, Nathan e BERNAUT, Elsa, *Ritual of liquidation: bolshevism on trial*, Glencoe, Illinois Free Press, 1954, p. 64.

291 *Correspondence Internationale*, nº8, 1924, p. 70.

A resolução final constata que o partido sofreu o ataque de um reagrupamento de pequenos círculos nascidos das antigas oposições, cimentados ao redor da atividade "fracionalista" de Trotski. A oposição possui "consignas para destruir o aparato do partido, tentando deslocar o verdadeiro centro de gravidade, que é a luta contra a burocracia do Estado". Suas teses são condenadas por constituírem um "abandono do leninismo", que "reflete objetivamente a pressão exercida pela pequena-burguesia". Fixa como medidas contra a burocratização, que é aceita como problema real, o rápido recrutamento de 100 mil operários fabris para o partido, a redução do contingente estudantil do partido e a melhoria da educação dos militantes mediante a sistemática retomada do "leninismo", o aumento da disciplina e uma maior dureza na repressão às "atividades fracionalistas"[292].

Definitivamente, a *troika* obteve uma vitória política total; o aparato também resistiu ao primeiro embate sério. Qual é, então, a opinião dos militantes do partido a esse respeito? Sem dúvida, para um grande número deles, não existe problema algum: o partido continua seu caminho depois de superar uma crise passageira. Alguns deles estão confusos frente aos ataques que alguns velhos bolcheviques lançaram contra Trotski, a encarnação, junto com Lenin, do partido depois de 1917. Os mais cínicos e mais desmoralizados percebem os pontos marcados na luta pelo poder que se desenrola frente a seus olhos. Muitos *apparatchiks*, como Kalinin, estão com a consciência tranquila. Acreditam que Trotski atacou o partido pelas costas e que o partido soube se defender.

Entre os oposicionistas correm ventos de desmoralização. Alguns militantes se suicidam, como Lutovinov, velho bolchevique que foi líder da Oposição Operária; ou Evguenia Bosch, militante desde antes da guerra e organizadora do partido ucraniano durante a guerra civil; como Glazman, um dos secretários de Trotski, e ainda outros militantes menos conhecidos. Outros pagam por seu envolvimento com a oposição com a piora de sua situação material, tornando-se alvo de destituições ou transferências. Alguns prometem a si mesmos que serão mais prudentes posteriormente. Para aqueles que seguem acreditando que tinham razão frente ao partido, já não é o caso de resistir, depois da votação feita na conferência, pois são militantes disciplinados. Porém, a batalha política que acaba de se desenvolver expôs claramente o avanço e a profundidade da degeneração burocrática, cujos primeiros sintomas haviam assinalado. Pela primeira vez na história do partido, a luta não teve como centro principal ideias ou problemas táticos, mas questões pessoais; pela primeira vez, o aparato interveio abertamente, impondo por ameaças e mesmo pela força sua disciplina no voto. Entretanto, a todos os membros da oposição resta uma esperança: o restabelecimento de Lenin, cuja personalidade e autoridade podem reverter a precária situação de um partido ainda trêmulo diante dos golpes trocados entre os protagonistas da polêmica sobre o "novo curso".

292 *Resolução da XII Conferência*, em *Bulletin communiste*, nº 9, 1924, p. 238.

9

O INTERREGNO E A NOVA OPOSIÇÃO

Lenin morre no dia 21 de janeiro de 1924. O problema de sua sucessão formal já está resolvido. O pálido Rikov se torna o novo presidente do Conselho de Comissários do Povo. Trotski, que ainda está ausente, será avisado da morte tarde demais para poder voltar a tempo para as solenidades. São os homens da *troika* os encarregados de presidir o funeral onde pronunciam discursos em memória do falecido. Stalin, que é o último orador, entoa, com cadência litúrgica, os "mandamentos" do morto. Essa exaltação, quase mística, repleta de gestos bíblicos e mais próxima de uma doutrina papal do que dos ensinamentos de Marx, ecoa de maneira curiosa no grande salão onde se celebra o Congresso dos Soviets: definitivamente, uma página da história foi virada.

A transformação do partido

A campanha de recrutamento de operários industriais, decidida na XIII Conferência, acontecerá sob a bandeira do chefe morto. A promoção do "chamado de Lenin" trará mais de 200 mil novos filiados, que engrossam os efetivos do partido em mais de 50%. Apesar de seu nome, a campanha confirma uma profunda ruptura com os métodos empregados durante a vida de Lenin. Por um lado, já não se trata da ardente e entusiástica convicção de uma série de operários, ganhos por outros militantes, nem mesmo da escolha dos ambiciosos, levados pelas circunstâncias a buscar no partido o reconhecimento de seu valor, mas de um recrutamento quase oficial, que acontece no âmbito das fábricas sob a pressão dos secretários, que são autoridades oficiais e que não economizam meios para conseguir filiar ao partido único dos trabalhadores àqueles que se preocupam apenas com seus problemas cotidianos e com a necessidade de manter seu emprego. Por outro lado,

os recém incorporados carecem por completo de instrução ou a possuem num grau ínfimo – eles são a maioria dos 57% de analfabetos que compõem o partido, segundo declara Stalin em maio de 1924. Consequentemente, se encontram muito afastados dos problemas políticos e são inexperientes e maleáveis.

Nas mãos do aparato, se convertem em uma dócil massa de manobra, sempre obediente aos dirigentes, consideravelmente afastada do espírito revolucionário do operário bolchevique, e que vai sufocar, com seus números, os militantes mais rebeldes. As restrições votadas nos congressos anteriores são revogadas em seu benefício: os recém-chegados exercem plenamente seus direitos de militante, votam e ocupam cargos importantes, podendo inclusive ser delegados aos congressos sem ter que passar pelos períodos de prova que eram exigidos anteriormente. Compreende-se muito melhor a função desempenhada por este influxo de novos membros na manipulação das células e organismos dirigentes por parte do aparato e do secretário geral quando se percebe que o recrutamento, realizado sob a consigna do "chamado de Lenin", ocorre paralelamente a uma depuração que, nesta ocasião, tem como alvos os militantes vinculados à Oposição dos 46. Em tais condições, compreende-se perfeitamente que Molotov afirme: "O futuro desenvolvimento do partido se baseará, sem dúvidas, no "chamado de Lenin"[293].

O começo do culto a Lenin e a supressão de seu testamento

Os discursos e os artigos fúnebres imprimem um novo caráter à etapa que se inicia. O congresso dos soviets convocado após a morte de Lenin muda o nome de Petrogrado para Leningrado, declara o dia 21 de janeiro dia de luto, decide erguer monumentos em sua memória em todas as cidades, além de embalsamar seu cadáver e colocá-lo em um mausoléu, aos pés dos muros do Kremlin, para que possam ocorrer peregrinações para visitar sua múmia. Somente a voz de Krupskaia se levantará contra estas decisões – surpreendentes para alguns revolucionários, dada sua inspiração quase religiosa: "Não permitam que vosso luto por Ilich adote formas de reverência externa por sua pessoa. Não construam monumentos, não deem seu nome a palácios, não celebrem cerimônia alguma em sua memória. Ele dava tão pouca importância a tudo isso! Lembrem-se da pobreza [...] que ainda subsiste no país. Se querem honrar a memória de Vladimir Ilich, construam creches, jardins de infância, casas, escolas, bibliotecas, centros médicos, hospitais, asilos para os mutilados; e, sobretudo, coloquem em prática seus princípios"[294].

Entretanto, Zinoviev, que adota as funções de sumo sacerdote, declara: "Lenin está morto, o leninismo vive!"[295], enquanto o Comitê Central resolve criar um novo periódico, o *Bolshevik* (O bolchevique), cujo objetivo é resumir sistematica-

293 Citado por CARR, Edward, *Interregnum*, *op. cit.*, p. 356.
294 *Pravda*, 30 de janeiro de 1924.
295 *Ibid.*

mente o "leninismo" em termos simples e acessíveis para a maioria. Ao mesmo tempo, surge o problema do testamento político, que Krupskaia considera que deve ser conhecido pelo partido, cumprindo assim a vontade do falecido. O testamento será efetivamente lido no dia 22 de maio em uma sessão do Comitê Central ampliado para incluir os militantes mais antigos, produzindo o efeito de uma verdadeira bomba. Zinoviev, então, corre em defesa de Stalin, que o documento, dado o clímax de adoração pelo morto, parece condenar irrevogavelmente: "A última vontade de Ilich constitui uma lei suprema para nós [...], mas, ao menos sobre um ponto concreto, os temores de Lenin parecem carecer de fundamento. Refiro-me àquele que se refere a nosso secretário geral. Todos vocês foram testemunhas do nosso trabalho em comum durante os últimos anos e, como eu mesmo, puderam comprovar felizmente que os temores de Ilich não se confirmaram"[296]. Com o apoio de Kamenev, propõe manter Stalin no posto do qual Lenin queria afastá-lo. Não surge nenhum tipo de oposição. Apesar de Krupskaia, que desejava que fosse feita a leitura do testamento para o congresso – conseguindo em tal proposta 30 votos contra 10 –, o Comitê Central decide conservar em sigilo o "testamento", comunicando seu conteúdo apenas aos chefes das delegações presentes no congresso. Desde o início até o fim da sessão, Trotski manteve-se em silêncio e com esta atitude se fez cúmplice, por vários anos, dos falsificadores. Pela segunda vez, sua abstenção salva Stalin e todos aqueles que, ao idolatrar Lenin e dissimular suas últimas vontades, demonstram claramente que seu único propósito é manter-se no poder. De qualquer forma, esta atitude deixa clara sua posterior abstenção: do ponto de vista de Trotski, o partido continua sendo o partido e aqueles que o dirigem, quaisquer que sejam seus erros, devem ser poupados, no interesse da própria organização.

O XIII Congresso

Uma vez livres do perigo que supunha o testamento, o XIII Congresso, que é aberto no dia 23 de maio, constitui para os vencedores do momento uma repetição, em maior escala e com maior brilho, da XIII Conferência. Zinoviev é o primeiro a abordar a questão do conflito sobre o novo curso durante seu longo discurso inaugural, no qual empreende também um novo ataque contra a oposição e uma autoglorificação dos dirigentes, que conseguiram superar a crise e desmascarar a manobra que arriscava, ao atentar contra seu Comitê Central, enfraquecer o partido. Tranquilizado, sem dúvidas, pelo silêncio de Trotski no que se refere ao testamento, afirma que a controvérsia provou que "agora, mil vezes mais do que nunca, é necessário que o partido seja monolítico". Volta a empreender seus ataques contra Trotski, chegando a exigir que a oposição se retrate publicamente e reconheça seus erros: "A postura mais decente e digna de

296 DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 239, citando Bazhanov.

um bolchevique que a oposição poderia ter seria vir à tribuna do congresso e dizer: nós cometemos um erro, o partido tinha razão"[297]. Tal pretensão, inédita na história do bolchevismo, provoca certo mal-estar entre os delegados. Krupskaia, que conta com uma grande autoridade moral, dada sua qualidade de viúva e colaboradora de Lenin, subirá posteriormente à tribuna para qualificar a exigência de Zinoviev como "psicologicamente inadmissível". Esta última afirmação dará base para que Trotski faça uma intervenção simples e digna, geralmente mal interpretada pelos historiadores, que creem ver nela algo mais que a afirmação de um militante disciplinado: "Nada seria mais fácil que dizer ao partido: 'Todas as minhas críticas, todas as minhas declarações, todas as minhas advertências e todos os meus protestos, tudo isso, enfim, não foi nada mais que puro erro'. Porém, camaradas, eu não acho isso. [...] Os ingleses costumam dizer 'Right or wrong, my country'[298]. Com muito mais razão nós podemos dizer: 'esteja ele certo ou errado sobre certas questões e em determinados momentos, é meu partido'". Em seguida, repete o princípio que já estava nas páginas do *Novo Curso*: "Em última instância, o partido sempre tem razão porque é o único instrumento que a classe operária possui para solucionar seus problemas. [...] Só se pode ter razão dentro do próprio partido e mediante ele porque a história ainda não criou outro instrumento que possibilite ter razão"[299]. Consciente de sua derrota, se curva. Porém, não se convence. Na realidade, insiste que tem razão e, retomando todos os argumentos que foram desenvolvidos anteriormente na XIII Conferência, volta a destacar sua independência em relação aos 46, precisando sua hostilidade à existência de grupos no partido, já que seria extremamente difícil, em sua opinião, não confundi-los com frações. Preobrazhenski subirá igualmente à tribuna para protestar contra o fato de que a depuração tenha tido como foco principal os oposicionistas e para contestar – Trotski não o fez – contra a utilização que o Comitê Central fez do sucesso do "chamado de Lenin", pois "a pretensão de que tal entrada de operários no partido sirva para confirmar e aprovar inteiramente nossa atividade em matéria de política interna, incluindo aí as perversões burocráticas, seria, no mínimo, a prova de um otimismo inadmissível"[300].

Em diversas resoluções o congresso ratifica as decisões da XIII Conferência e a linha do Comitê Central, renova as condenações à oposição, que, alguns dias mais tarde, o *Bolshevik* qualificará como "semi-menchevismo interno, um quarto de menchevismo mil vezes mais perigoso que o menchevismo a cem por cento" e que se forma precisamente em um momento em que é necessária uma "unidade bolchevique a cem por cento"[301].

297 Citado por CARR, Edward, *Interregnum*, *op. cit.*, p. 361.
298 Certo ou errado, meu país (N. do E.).
299 *Bulletin communiste*, nº77, 1924, pp. 639-642.
300 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 238.
301 *Bolshevik*, 5 de junho de 1924, citado por SORLIN, Pierre e Irene, *op. cit.*, p. 162.

A "bolchevização" da Internacional

Segundo a história oficial, o ano de 1924 marca a "bolchevização" da Internacional. A Internacional foi criada entre 1919 e 1921, com a perspectiva de lutas revolucionárias imediatas que, em um breve lapso, pudessem levar à conquista do poder em diferentes países. Assim se explicam as vinte e uma condições prévias à adesão impostas aos partidos, e também os estatutos, que buscam constituí-la como um partido mundial centralizado, como um "partido bolchevique internacional". Somente Lenin pareceu mostrar certa inquietação frente a esta russificação, pois esta forma de organização, imposta artificialmente a alguns partidos que não tinham nem a experiência nem a tradição dos revolucionários russos, ameaçava frear seu próprio desenvolvimento. Os delegados do III Congresso da Internacional Comunista não compartilham este temor; de fato não seguiram Lenin no II Congresso quando, ao relembrar a enorme influência dos socialistas alemães na II Internacional, havia proposto que se localizasse a sede de seu executivo em Berlim, para diminuir desta forma a influência dos dirigentes russos.

Na realidade, ainda com Lenin vivo, foi o processo contrário que aconteceu. Os partidos comunistas, tanto as pequenas seitas, como o inglês, quanto os grandes partidos de tipo social-democrata, como o francês e o italiano, não contam nem com a experiência de luta, nem com dirigentes capazes de se confrontar com os dirigentes russos. Depois do assassinato de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, o partido comunista alemão se divide em diferentes tendências que se enfrentam violentamente. Seu antigo secretário, Paul Levi, é expulso por ter condenado publicamente a insurreição de março. Com o objetivo de conservá-lo no partido e evitar uma ruptura, Lenin faz todo um esforço: mesmo depois de sua expulsão, ao dirigir-se aos comunistas alemães, Lenin escreve que na realidade Levi "apenas perdeu a cabeça"[302].

Porém, junto com Lenin, desaparece da Internacional a preocupação em educar e integrar os seus membros. Zinoviev, com o pretexto de "bolchevizar" os partidos comunistas, se dispõe a convertê-los em organizações servis que dependem totalmente do Executivo da IC. Alfred Rossmer, que foi testemunha e protagonista de tal empreendimento, escreve sobre o fato:

> Suprimíamos de antemão todo o tipo de oposição no congresso por meio de emissários enviados às diferentes seções nacionais. Em todas as partes se empregavam os mais diversos métodos para eliminar as diferenças que poderiam surgir; se tratava de uma guerra de desgaste, na qual os operários eram derrotados de antemão por funcionários que, ao não terem de se dedicar a outra coisa, impunham debates intermináveis; todos aqueles que tinham ousado emitir uma crítica terminavam esmagados pelo peso da Internacional, ficavam esgotados, cedendo provisoriamente, ou simplesmente se afastavam[303].

302 *Carta aos camaradas alemães*, em *Bulletin communiste*, nº57, 1921, p. 960.
303 ROSMER, Alfred, *op. cit.*, pp. 287-288.

Depois da derrota de Trotski, a repressão se abate sobre todos aqueles que o defenderam. Boris Souvarine, um dos fundadores do movimento comunista francês, é expulso, primeiramente da direção, e depois do partido por haver traduzido e publicado o *Novo curso*. Brandler, que se converteu no único responsável pela derrota alemã, é afastado da direção do partido. Os dirigentes comunistas poloneses Warski, Walecki e Wera Kostrzewa são igualmente descartados por terem protestado contra os ataques que Trotski sofreu. Durante o V Congresso, Zinoviev ameaça "dizimá-los". Em sua resposta a Stalin do dia 3 de julho de 1924, Wera Kostrzewa acusa:

> Nos opomos à criação no seio do partido de uma atmosfera de luta permanente, de tensão e de intenso enfrentamento de uns contra os outros [...]. Estou firmemente convencida de que este sistema vai desacreditar sucessivamente a todos os dirigentes do partido e temo que, quando chegar o momento decisivo, o proletariado não conte com homens testados. Desta forma, a direção da revolução poderia cair em mãos de carreiristas e de aventureiros[304].

Entretanto, a tônica do V Congresso vai ser dada pela intervenção da jovem militante alemã Ruth Fischer. Trata-se de uma mulher eloquente e apaixonada, porém carente de qualquer tipo de experiência na luta de classes; é a companheira de Maslow, militante alemão de origem russa que foi o porta-voz da esquerda em 1923; Zinoviev a impôs como dirigente do partido comunista alemão no lugar da velha guarda de militantes da Liga Spartacus que, neste momento, são acusados de "direitismo". Ruth Fischer, que encarna a tendência "bolchevizante", denuncia Trotski, Radek e Brandler como "liquidadores mencheviques" e exige a conversão da Internacional em um "partido bolchevique mundial", monolítico, de cujo seio deveriam ser descartados todos os conflitos entre tendências. Na realidade, este programa já está realizado em, no mínimo, três quartos. A subordinação definitiva a Moscou dos partidos comunistas só foi possível porque o partido bolchevique, do ponto de vista dos operários de vanguarda, conserva sua aura revolucionária que lhe foi conferida pela vitória de Outubro. Wera Kostrzewa reflete os sentimentos de um grande número de comunistas quando, no final de sua intervenção, afirma, dirigindo-se a Zinoviev e Stalin: "Sabeis que nos é impossível lutar contra vocês. Se no dia de amanhã vocês pedirem aos operários poloneses que escolham entre nós e a Internacional Comunista, de antemão saibam que seríamos os primeiros a aconselhar que sigam vocês!"[305]. Desta forma, a pseudobolchevização, ao aniquilar todo espírito crítico e todo pensamento comunista independente, elimina também qualquer possibilidade de transformar os partidos da Internacional em organizações capazes de desempenhar a função que na Rússia teve o partido bolchevique.

---

304 Citado por KAROL, K. S., *Visa pour la Pologne*, Paris, Gallimard, 1958, pp. 45-46
305 *Ibid.*, p. 46.

As "Lições de Outubro" e a segunda campanha contra Trotski

Apesar de sua atitude de militante disciplinado que, por hora, se resigna a guardar o silêncio, Trotski continua sendo um problema para a *troika*. O *Bolshevik* de 5 de junho não esconde sua indignação com o "discurso elástico" pronunciado por ele no XIII Congresso. Entretanto, os triúnviros também não têm interesse em provocá-lo e, já que Trotski permanece em silêncio ante os problemas político essenciais, mantêm esta linha de conduta. No entanto, Trotski não está disposto a deixar-se derrotar sob a chuva de calúnias. A publicação, prevista há muito tempo pelas Edições do Estado, do terceiro volume de seus escritos e discursos dedicados ao ano de 1917 lhe oferece uma ocasião para tomar a palavra. Evidentemente, tais textos são irrefutáveis por si só, e colocam Trotski no verdadeiro lugar que ocupou durante a revolução, como a primeira figura depois de Lenin, como ele consentia em admitir, mesmo que não aceitasse ser tido como seu mero ajudante ou substituto. Porém, para o militante e lutador incansável, a história só tem valor se é explicada e compreendida, quer dizer, só quando serve como instrumento de transformação do mundo. Para o terceiro volume de suas obras, Trotski elabora um estudo, uma espécie de denso folheto, no qual, para discutir Outubro, retoma as "lições" que lhe parecem essenciais, reagrupando neste trabalho as principais ideias defendidas por ele no referente ao papel do partido na revolução em diversas ocasiões e, fundamentalmente, ao longo de 1923. Trata assim de converter o terreno sólido e irrefutável do passado e dos textos publicados pelas Edições do Estado em um trampolim que sirva a todo o partido para compreender a etapa que acaba de iniciar-se e elaborar sobre o futuro.

As densas páginas do prefácio que leva o título de "Lições de Outubro" descrevem em primeiro lugar um panorama da história do partido bolchevique. Ali Trotski distingue três períodos: a fase preparatória, anterior a 1917, a etapa revolucionária de 1917 e a pós-revolucionária. Evidentemente, considera que a segunda é a decisiva – e isto não somente porque Trotski foi nela a viva encarnação do bolchevismo, como prova a expressão que, na época, era de uso corrente – "o partido de Lenin e Trotski" –, mas porque o partido provou, em seu maior desafio, sua justificação histórica. Ora, a história, tal como aparece nos documentos e discursos de Trotski e dos demais dirigentes, revela duas crises no seio do partido: uma delas em abril, quando a maioria dos quadros dirigentes do bolchevismo tende à conciliação com os mencheviques e à integração na república democrática e se rebela contra as palavras de Lenin, que guia, apoiando-se na vanguarda operária, o partido para uma nova orientação, e a de Outubro, na qual Zinoviev, Kamenev e parte do estado-maior bolchevique só irão ceder frente a Lenin quando este consegue o consenso das amplas massas e demonstra, com a prática, a justeza de seu enfoque. Tal "lição" é muito importante: a autoridade de Lenin e seus conhecimentos mais profundos dos movimentos da sociedade foram os únicos fatores que foram

capazes de convencer, na hora decisiva, a velha guarda bolchevique que, na atualidade, se considera a guardiã desta tradição. Trotski destaca que nem Zinoviev, nem Kamenev têm a menor autoridade para se protegerem atrás do "leninismo", na medida que, em uma série de momentos decisivos, sobretudo às vésperas da tomada do poder – esse muro que separa os incompetentes dos revolucionários –, tiveram posições contrárias às de Lenin, enquanto Trotski, cujo passado não era bolchevique, as defendia decididamente.

De outubro de 1917 passa para outubro de 1923. Recorda a situação em que se encontrava a Alemanha durante o ano anterior e as vacilações do partido comunista, que deixou passar o momento chave e se rendeu sem combate. As contradições que o Outubro russo superou positivamente, no Outubro alemão se resolveram de forma negativa; no entanto, são os mesmo dirigentes do partido os que estiveram então responsáveis pela Internacional - presidida por Zinoviev - e devem assumir, com ela, o fracasso da revolução alemã: quando se tratava de funcionar com perfeição e marchar com audácia até a tomada do poder, manifestaram o mesmo reflexo conservador que haviam demonstrado seis anos antes na Rússia. Em condições objetivas favoráveis, a classe operária alemã contava com um partido comunista; no entanto, nem em nível nacional, nem na escala internacional contava com uma direção comparável à de Lenin: foi esta, e não qualquer outra, a causa de sua derrota.

Tal ataque é devastador; se apoia com firmeza na história e na realidade contemporânea e isto lhe confere uma consistência a toda prova. Entretanto, ao destacar o papel da direção em seu mais alto nível, minimiza, segundo muitos militantes, o próprio papel do partido. Por último, ao servir de réplica contundente às "revelações" da *troika* sobre o passado menchevique de Trotski, converte-se, por sua vez, em uma "revelação" sobre o passado "conciliador" de Zinoviev e Kamenev, se assemelhando a uma intriga pessoal, a abertura de todo um arquivo de trapos sujos que, definitivamente, terminará por desacreditar todos os envolvidos, desta empenhados que estão em destruir mutuamente suas lendas de bolcheviques de ferro e de fiéis seguidores de Lenin.

A aparição do livro com seu prefácio inédito é anunciada pelo *Pravda* no dia 12 de outubro. Como destacam Pierre e Irene Sorlin em sua minuciosa análise da imprensa, será preciso esperar até o dia 2 de novembro pela aparição de um artigo, com o título de "Como não deve ser escrita a história de Outubro"[306], em que se volta a falar deste livro já conhecido por todos os militantes. A partir do dia 12 de novembro os jornais estão repletos de cartas e moções de protesto das organizações locais, orquestradas pelo aparato, o que explica perfeitamente sua quantidade, sua simultaneidade, bem como o atraso desta reação, de outro modo inexplicável.

306 *Cahiers du bolchevisme*, nº1, 1924, pp. 12-13.

Em todo caso, a campanha que se origina será de uma violência inusitada. Nos limitaremos a enumerar somente os artigos que os dirigentes dedicam ao prefácio em questão: em 18 de novembro aparece "Leninismo ou trotskismo", de Kamenev[307]; no dia 19 de novembro "Trotskismo ou leninismo", de Stalin[308]; no dia 30 de novembro "Bolchevismo ou trotskismo", cujo autor é Zinoviev[309]. Todos estes artigos acusam Trotski de "revisionismo" e de tentar "liquidar o leninismo". Posteriormente, aparecem os artigos contra a teoria da "revolução permanente". Kamenev toma esta iniciativa no dia 10 de dezembro, Bukharin no dia 12 e, por último, Stalin no dia 20, que em uma de suas primeiras incursões sobre dita teoria conclui com seu particular estilo: "O abismo que separa o leninismo da teoria da 'revolução permanente' não poderá ser ocultado com nenhum tipo de discurso meloso ou de diplomacia podre".

Estas são grandes bombas. Porém, Trotski será ainda atacado por todos os lados, com toda a potência de fogo que confere ao aparato o controle da imprensa oficial, a sistemática utilização de todos os documentos que existem nos arquivos e a exumação e exibição – totalmente fora do contexto – das fórmulas mais agressivas utilizadas em numerosas polêmicas do passado; assim, o leitor do *Pravda* pode informar-se simultaneamente que Lenin chamava Trotski de "porco" e que este último confiava suas críticas a Lenin ao menchevique Chkheidze. Uma série de textos e citações escolhidos a dedo, convenientemente recortados, buscam assim criar a impressão de que Trotski sempre foi um antibolchevique e um adversário irredutível de Lenin. Até mesmo aquele que não esqueceu os acontecimentos de 1917 poderá ser convencido por estas tergiversações: pouco importa que Lenin tenha também chamado Zinoviev e Kamenev de "amarelos" e Stalin de "policial", já que essas duas afirmações serão ocultadas e esquecidas. O membro médio do partido, para quem, no melhor dos casos, 1917 não foi mais do que uma gloriosa lenda, admite, por vezes não sem amargura, o papel desempenhado pelo "malvado Trotski", sem acreditar verdadeiramente nas acusações feitas contra "o bom Zinoviev". O discreto Stalin será, definitivamente, o menos afetado da *troika*, pois o papel secundário que desempenhou antes e durante 1917 lhe permite livrar-se do descrédito geral que começa a se abater sobre seus protagonistas.

Até o final da guerra civil, Lenin havia – achava ele – reabilitado definitivamente Zinoviev e Kamenev ao escrever na revista *Kommunisticheski Internatsional* (A Internacional Comunista): "Um pouco antes da Revolução de Outubro e imediatamente depois, certo número de excelentes comunistas russos cometeram um erro que seria, de todos os pontos de vista, dispensável de ser recordado na atualidade. Por que? Porque, ao menos que isto seja absolutamente indispensável, é absurdo

307 *Ibid.*, nº5, pp. 296-312 e nº6, pp. 375-395.
308 *Ibid.*, nº7, pp. 450-463.
309 *Ibid.*, nº7, pp. 464-471 e nº8, pp. 529-543.

recordar erros que foram retificados por completo"[310]. Neste momento, Lenin elevava sua voz com o único propósito de conservar todos aqueles dirigentes valiosos, tanto ao acolher o "porco" Trotski, como ao conservar ao seu lado os "amarelos" Zinoviev e Kamenev. No dia 16 de dezembro, Krupskaia afirma que "não se sabe se o camarada Trotski é culpado de todos os pecados mortais de que é acusado com tão obvio propósito polêmico", relembra sua verdadeira participação em 1917 e tudo o que lhe deve o partido. Entretanto, sua conclusão é que "quando um camarada como Trotski toma, de forma inconsciente talvez, o caminho da revisão do leninismo, o partido tem algo a dizer"[311]. Uma carta de Trotski que aparece no *Pravda* do dia 20 pontua que seu livro constitui simplesmente o desenvolvimento de ideias que já haviam sido manifestadas por ele anteriormente e que nunca havia recebido tamanha onda de ataques[312].

O Secretariado forja, em suas centenas de colunas de jornais, por meio de todos os organismos, escolas, instrutores, oradores e propagandistas, o conceito de "trotskismo". Segundo esta nova versão da história, Trotski sempre subestimou o papel do partido, defendendo, a partir de 1903, concepções que minam os alicerces do marxismo e o convertem no "porta-voz das influências pequeno-burguesas". Ao mesmo tempo, sempre subestimou o papel dos camponeses, defendendo uma política que ameaça romper a aliança operária e camponesa. Todos os seus desacordos com Lenin no passado – sobre o partido antes da guerra, a discussão sobre a paz de Brest-Litovski e sobre os sindicatos – têm como base estes desvios. Partindo de tais concepções, recomenda a planificação, procedimento digno da autocracia, e a industrialização à custa dos camponeses, esforçando-se por eliminar, a qualquer custo, a direção que conseguiu desmascará-lo. Exposto assim, o "leninismo" se reduz a uma justificativa da política atual, ao uso da mão de ferro no partido e às concessões feitas aos camponeses.

É preciso educar o partido. Uma resolução do Comitê Central do dia 17 de janeiro de 1925 decide "continuar com a iniciativa de revelar o caráter antibolchevique do trotskismo" e "introduzir nos programas de ensino político a explicação de suas características pequeno-burguesas"[313]. A revisão da própria história se aproxima. Presentemente, por ter, com seus ataques, dado aos "elementos vacilantes e antissoviéticos" o "sinal para o reagrupamento contra a política do partido" ele será lembrado de que "a afiliação ao partido bolchevique exige uma subordinação efetiva, e não meramente verbal, à disciplina, bem como uma renúncia total e sem reservas a todo tipo de luta contra o leninismo" ou seja, a todo tipo de oposição. Sua permanência no Comissariado da Guerra e no Comitê Revolucionário da Guerra já não tem mais significado; a seu pedido, ele acaba sendo liberado de suas respon-

310 *L'Internationale communiste*, 20 de dezembro de 1921.
311 *Carta de Krupskaia*, em *Correspondence Internationale*, nº1, 7 de janeiro de 1925, pp. 4-5.
312 *Cahiers du bolchevisme*, nº12, pp. 751-753.
313 *Ibid.*, nº12, pp. 753-759.

sabilidades. Somente a oposição de Stalin, muito mais prudente que seus aliados, impede Zinoviev e Kamenev de obter sua expulsão, que os jovens comunistas de Leningrado vão exigir aos gritos.

Os problemas da NEP

Na realidade, a expulsão de Trotski do governo em 1925 não é mais do que a última consequência da derrota da oposição em 1923. Entretanto, as novas dificuldades vão originar novos conflitos. Em 1923 e 1924 a direção apoia firmemente a NEP: as novas oposições vão se nutrir do desenvolvimento de seus efeitos.

A Rússia de 1925 saiu efetivamente do período de crise que havia chegado ao auge no verão de 1923. O país voltou ao trabalho, os campos são cultivados, as fábricas funcionam, os trens circulam e o comércio é bastante ativo. No entanto, nem tudo está bem. A agricultura continua atrasada como sempre. Não foi criado nenhum tipo de indústria pesada. A prosperidade do comércio privado não consegue dissimular a mediocridade do nível de vida geral, para a qual ela contribui, visto que o capital de 900 milhões de rublos que são investidos no comércio privado geram por ano um lucro de 400 milhões de rublos. A luta de classes prossegue: certamente, o camponês consegue subsistir junto com sua família; porém, em contrapartida, está privado de todo o tipo de produtos industriais, cujo preço dobrou em relação ao período anterior à guerra, enquanto sua própria produção está parada com o mesmo valor. Enquanto isso, também diminui o salário e a ração alimentícia do operário em relação aos valores anteriores à guerra. Nas cidades surgem enfrentamentos de comerciantes, *nepmans* enriquecidos, administradores e especialistas vermelhos contra operários; estas mesmas contradições se reproduzem com igual intensidade no campo. Os verdadeiros beneficiados pela NEP e pela reaparição do mercado são aproximadamente 3 ou 4% do povo do campo – são os *kulaks* e agricultores acomodados; estes possuem metade das terras cultivadas e 60% das máquinas, são praticamente os únicos que se beneficiam da venda dos excedentes de suas colheitas: 2% dos *kulaks*, os mais ricos, produzem 60% das mercadorias presentes no mercado. Aprofundam-se as diferenças entre eles e os camponeses médios e pequenos: os *kulaks* possuem 75% dos 7,7 milhões de hectares de terras, que acabam sendo arrendadas ilegalmente aos camponeses pobres ou médios; eles também são os patrões de 3,5 milhões de assalariados agrícolas e de 1,6 milhões de trabalhadores avulsos, que recebem salários inferiores em quase 40% aos pagos antes da guerra pelos grandes proprietários[314]. O camponês pobre – que continua sendo vítima da usura, já que paga uma taxa de juros por empréstimo que chega a ser quatro vezes superior às cobradas aos *kulaks* – depende por completo destes, assim como o partido, que, por temor das reações dos grandes proprietários, freia e cria obstáculos à formação

314 SERGE, Victor, *Rumo à industrialização*, em *Clarté*, nº15, pp. 486-487.

dos sindicatos de camponeses pobres, o que tinha sido precisamente um dos eixos centrais da política do comunismo de guerra. A maior consequência do aumento do poder do *kulak* é sua capacidade de interferir no mercado, ameaçando a totalidade do equilíbrio econômico, através de uma consciente diminuição de seus excedentes. Seus interesses imediatos – ou, se preferirmos, suas tendências capitalistas – ameaçam provocar um choque com o regime ou, ao menos, um novo retrocesso econômico. Em 1925, uma queda na produção agrícola provoca uma crise de abastecimento que obriga o governo a suspender a exportação de grãos e a importação de maquinário e matérias-primas destinadas à indústria. Ninguém pensa mais em voltar aos métodos utilizados durante a fase do comunismo de guerra. No entanto, o problema se coloca com absoluta nitidez: a industrialização deve depender apenas da satisfação dos interesses dos camponeses ricos?

Entre outros temas, este será o objeto central de um debate de alto nível teórico que vai colocar frente a frente duas da mentes mais brilhantes do partido, os seus principais economistas, Bukharin e Preobrazhenski, coautores do *ABC do comunismo* e antigos comunistas de esquerda, cujos pontos de vista divergem extraordinariamente a partir de 1923.

As teses de Preobrazhenski

A obra de Evgueni Preobrazhenski é hoje praticamente desconhecida: só foi publicado o primeiro volume de seu trabalho *A nova economia*, antes de seu autor se tornar vítima das autoridades soviéticas[315]. Entretanto, se trata de um ensaio de enorme interesse, cuja análise e conclusões fornecem os fundamentos indispensáveis para o estudo do desenvolvimento de uma economia de tipo socialista em um país subdesenvolvido. Parte desse interesse se deve ao fato do ousado pesquisador ter tentado aplicar à economia soviética as categorias de *O Capital*.

Sua análise parte da situação da economia soviética, na qual um Estado operário, dirigindo uma indústria nacionalizada, se esforça em desenvolver uma economia moderna, nos marcos de um país atrasado. Em linhas gerais, sua tese afirma que a vitória da revolução em um país atrasado e isolado, ou mesmo em um grupo de países que ainda não tenha alcançado seu o desenvolvimento econômico máximo, como por exemplo os Estados Unidos, cria uma situação extremamente crítica pelo fato de que tal país, depois da revolução, perde as vantagens que oferece o sistema capitalista no que diz respeito ao seu desenvolvimento econômico, sem ter ainda a possibilidade, por falta das bases necessárias, de se beneficiar das vantagens do sistema socialista. Desta forma, o camponês médio – e principalmente o *kulak*, liberado das cargas fiscais do antigo regime – pode permitir-se o

---

315 PREOBRAZHENSKI, Evgueni, *La nouvelle Économique*, Paris, E. D. I., 1966. Publicada em português com o título de *A nova econômica*, para enfatizar o fato de que se trata de uma nova ciência econômica, e não de uma nova forma de produção (N. do E.).

luxo de diminuir sua produção e aumentar seus empréstimos ao camponês pobre ou mesmo seu próprio consumo, já que a indústria não lhe oferece (ou só o faz com preços proibitivos) aquelas mercadorias que poderiam incitá-lo a produzir para vender. Este "período de transição" é muito perigoso, dada a inferioridade em que se encontra o país que fez uma revolução contra o "capitalismo monopolista". É assim que o mercado russo se mantém ligado a uma indústria tecnologicamente atrasada, enquanto vende seus produtos agrícolas ao preço do mercado mundial, pagando duas vezes o que acumula para investir. Preobrazhenski afirma que este é "o período mais crítico do desenvolvimento do Estado socialista" e acrescenta: "constitui-se para nós uma questão de vida ou morte atravessar este período de transição tão rapidamente quanto seja possível, para alcançar o ponto em que o sistema socialista ofereça todas as suas vantagens"[316]. Frente à ameaça de uma aliança entre o *kulak* russo e o capitalismo internacional, assinala que os bolcheviques estão construindo o socialismo "durante uma trégua entre duas batalhas".

Portanto, a tarefa do economista consiste em analisar as leis do desenvolvimento econômico do período de transição, verdadeiras "forças objetivas" comparáveis às leis econômicas que regem o desenvolvimento capitalista e que operam independentemente da consciência que se tenha delas.

A primeira dessas leis é que, para lutar contra o capitalismo monopolista, o sistema socialista deve praticar o "monopólio socialista", quer dizer, uma extraordinária concentração do controle econômico estatal sobre a indústria e o comércio exterior; no caso russo, tal política é imposta pela necessidade inevitável de deter o aumento da população rural, que, de fato, facilita a chantagem dos *kulaks* ao Estado, boicotando a indústria, bem como pela necessidade de se criar, utilizando mais maquinário no país, uma "nova base tecnológica", única medida que pode garantir um desenvolvimento de conjunto da economia. Este princípio exige "a concentração de todas as grandes empresas do país nas mãos de um só truste, quer dizer, do Estado operário"[317], com o objetivo de criar uma política de preços, baseando-se no monopólio, que permita fazer dela uma "outra forma taxação por sobre a produção privada". Este monopólio tenderá a impor-se inevitavelmente, quaisquer que sejam as vacilações dos dirigentes a este respeito: "A atual estrutura de nossa economia nacionalizada costuma se revelar mais progressiva que nosso sistema de direção econômica"[318]. Apesar de suas resistências, o desenvolvimento das forças produtivas, promovido pela indústria monopolista de Estado, acontecerá segundo as exigências do que Preobrazhenski chamará de

316 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, Oxford, Oxford University Press, 1959, p. 235.

317 Citado por ERLICH, Alexander, *The Soviet industrialisation debate (1924-1925)*, Harvard, Harvard University Press, 1960, p. 49.

318 *Ibid.*, p. 59.

"lei da acumulação socialista primitiva": "Vivemos sob o tacão de ferro da lei da acumulação socialista primitiva"[319].

Este termo – que Preobrazhenski toma de Sapronov e que já foi utilizado por Trotski em 1922 – se converteu, até certo ponto, na pedra angular do sistema que se atribui a Preobrazhenski e que, muitas vezes, não foi bem interpretado. O autor o utiliza como analogia com a "acumulação primitiva capitalista", cujo desenvolvimento, nas primeiras etapas do sistema capitalista, havia sido descrito por Marx na sétima parte do primeiro livro d'*O Capital*. Este termo significa que um país atrasado não pode industrializar-se rapidamente baseando-se unicamente nas forças de sua indústria estatal, mas deve, além disso, recorrer a uma acumulação obtida através de fundos que normalmente se destinariam aos salários e rendas do setor privado. Portanto, a lei da acumulação socialista primitiva obriga o Estado a "explorar" – no pleno sentido econômico da palavra, quer dizer, a pagar um salário inferior ao valor produzido – os camponeses, dando prioridade à indústria pesada em seus planos e, seguindo um caminho inverso ao que será feito no período socialista futuro, a dirigir a economia não do ponto de vista do consumidor, mas do produtor.

Naturalmente, o funcionamento desta lei durante o período de transição – estimado por Preobrazhenski em cerca de vinte anos, no caso de uma vitória revolucionária na Europa Ocidental – traz consequências que entram em contradição com a tendência geral do desenvolvimento. A "exploração" dos camponeses supõe que as rendas destes irão crescer com menor rapidez que a dos demais assalariados e este processo, inevitavelmente, irá gerar uma oposição política que deverá ser reduzida mediante o desenvolvimento de fazendas em regime de cooperativa e de uma política fiscal equilibrada. A centralização da economia impulsionará a criação de um enorme aparato "monopolista" repleto de tendências parasitárias, que, por sua vez, poderão servir de freio ao desenvolvimento geral ao dar origem a um setor de privilegiados, constituído por administradores e técnicos, que se eleva por sobre os trabalhadores. Em linhas gerais, a economia de transição é fonte de desigualdades sociais, já que os privilégios não podem desaparecer totalmente até que as forças produtivas alcancem seu máximo desenvolvimento e que se derrubem as distinções entre trabalho manual e intelectual. O marxista consciente das "leis objetivas" tem a obrigação de acelerar este processo através da ação política do partido, organização da classe operária. Chegando a este ponto, Preobrazhenski abandona o papel de economista científico para adotar o de político, militante e líder da oposição, destacando que as tendências parasitárias do aparato monopolista e o predomínio do enfoque no produtor, dados por sua própria lógica interna, devem ser retificados por uma ação operária que se exerça do ponto de vista do consumidor, o que exige inevitavelmente a existência de uma verdadeira democracia operária e a garantia aos trabalhadores de meios para se defenderem contra o Estado

319 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 231-232.

De maneira geral, o conjunto de contradições globais conduz Preobrazhenski à concluir que: "Nosso desenvolvimento em direção ao socialismo se enfrenta com a exigência de acabar precisamente com o nosso isolamento socialista por uma série de razões que não pertencem somente ao âmbito político, mas também ao econômico, criando assim a possibilidade de buscar no futuro o apoio nos recursos materiais dos demais países socialistas"[320].

O ponto de vista de Bukharin

Bukharin vai se colocar como o principal adversário das teses de Preobrazhenski, as quais, já desde o início, qualifica de "monstruosas". A suposta lei de acumulação primitiva socialista, que serve para justificar a exploração do campo, ameaça, segundo ele, provocar a ruptura do proletariado, a aparição de uma nova classe de exploradores originada na centralização do aparato econômico do Estado. Tal atitude por parte do antigo profeta da revolução europeia se deve, como ele mesmo afirma, ao fim de parte de suas ilusões com o fracasso do comunismo de guerra. Deutscher afirma que Bukharin descobriu subitamente que "o bolchevismo permanecia sozinho frente ao camponês russo", e isto o fez voltar-se para os camponeses "com o mesmo fervor, as mesmas esperanças e a mesma capacidade de idealização com que havia se voltado para o proletariado europeu"[321]. Esta explicação se adapta muito, sem dúvidas, ao temperamento de Bukharin. Porém, suas mais profundas motivações se originam, provavelmente, em uma análise que se opõe sistematicamente – e esta postura foi compartilhada pelos dois antagonistas – às elaborações de Preobrazhenski.

O fracasso do comunismo de guerra traz uma dura lição. Como afirma Erlich, resumindo seu pensamento, é preferível "alimentar a galinha dos ovos de ouro do que matá-la". "Ao utilizar a iniciativa econômica dos camponeses pequeno-burgueses, e inclusive dos burgueses, quer dizer, ao tolerar a acumulação privada, nos colocamos objetivamente a serviço da indústria socialista de Estado e da economia de conjunto; este é o significado da NEP"[322]. Durante a etapa do comunismo de guerra, já tinha sido condenada a concepção totalitária da planificação. Posteriormente, afirma Bukharin, "ocuparemos os postos de comando e controlaremos as posições-chave; nossa economia estatal, por diversos caminhos, talvez mesmo em competição com os restos do capital privado, continuará a se reforçar e absorverá gradualmente as unidades econômicas mais atrasadas: se trata, portanto, de um processo que em suas características essenciais se dá através do mercado"[323].

320 ERLICH, Alexander, *op. cit.*, p. 59.
321 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 243.
322 ERLICH, Alexander, *op. cit.*, p. 10.
323 *Ibid.*

Para desenvolver a indústria, nosso primeiro passo é fazer baixar os preços industriais, o que dará a dupla vantagem de impedir que surjam "lucros monopolísticos" e de obrigar os "industriais vermelhos" a aumentar a produtividade de suas empresas ao mesmo tempo em que reavivam a atividade do mercado. O motor desta revitalização deve ser um aumento da demanda dos camponeses, mas esta só será possível se os camponeses puderem aumentar seus rendimentos e investir, operações que lhes são proibidas pelas limitações impostas pelo Estado soviético:

> O setor próspero do campo e os camponeses médios que aspiram formar parte dele têm, na atualidade, medo de acumular. Produz-se uma situação na qual o camponês não se atreve a utilizar um arado de ferro em seu sítio por temor de ser chamado de *kulak*; só se compra uma máquina se existe a possibilidade de escondê-la dos comunistas (...). O camponês acomodado está descontente porque não lhe permitimos acumular, nem contratar os serviços de trabalhadores assalariados; por outro lado, os camponeses pobres que padecem em suas terras se lamentam de não poder vender sua força de trabalho[324].

Para Bukharin, a conclusão lógica é esta: é preciso eliminar todas as limitações aos camponeses porque o socialismo só será atrativo para eles se lhes oferecer um incentivo e for economicamente vantajoso. O cooperativismo deverá ser a ponte entre as fazendas coletivas e o socialismo na agricultura, mas deve ser introduzido com grande prudência, restringindo-se, num primeiro momento, à "esfera da circulação".

O enriquecimento dos camponeses, como condição prévia para a reativação da indústria e para o desenvolvimento econômico, implica evidentemente no risco do desenvolvimento de uma classe social que, na Rússia, representa o último vestígio do capitalismo. Porém, o Estado operário poderá, com os instrumentos que possui, harmonizar o desenvolvimento gradual, regularizando-o mediante um imposto direto e progressivo, e devendo também conseguir integrar, passo a passo, ao *kulak* no desenvolvimento de conjunto da economia. Segundo Bukharin: "enquanto estivermos esfarrapados, o *kulak* poderá nos vencer no terreno econômico. Mas isto não acontecerá se permitirmos que ele deposite suas economias em nossos bancos. Vamos ajudá-lo certamente, mas ele também nos ajudará"[325]. Em uma perspectiva de longo prazo – Bukharin chega a referir-se à legitimidade futura dos "netos dos *kulaks*" –, ao nivelar o campo socialmente por cima e chegar a um grau de tecnologia superior em toda economia, e à exploração coletiva da terra, o *kulak* terminará por morrer de "eutanásia", segundo a expressão de Erlich.

Ao basear-se em premissas opostas às de Preobrazhenski, priorizando os problemas de consumo e mercado e a diminuição dos preços industriais, Bukharin chega a conclusões completamente diferentes sobre "a construção do socialismo, inclusive com uma base tecnológica medíocre": "Devemos avançar a peque-

324 *Ibid.*
325 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 243.

nos passos, pequeníssimos, arrastando o pesado vagão dos camponeses"[326]. Por uma estranha ironia, este brilhante discípulo de Marx, na análise do período de transição, retoma a tradição populista. Renunciando a todas suas ilusões juvenis, argumenta, contra Preobrazhenski, que a própria vitória da revolução em escala mundial não colocaria esse problema em outros termos que não os "russos", mas então em uma escala global, e que a perspectiva mais ou menos de longo prazo da revolução mundial não deveria ser levada em conta na decisão da política do partido. No referente aos antagonismos entre a cidade e o campo, que voltavam a explodir violentamente no verão de 1925, afirmava sua posição de defensor e, até certo ponto, de porta-voz dos camponeses, pelo temor que se destruíssem as condições que, em sua opinião, eram necessárias para o equilíbrio social em que deveria basear-se o desenvolvimento econômico.

Todos estes pontos de vista serão explicados mais tarde com toda clareza em seu célebre discurso, pronunciado no dia 17 de abril no Teatro Bolshoi de Moscou. Em tal ocasião, depois de ter repetido seus melhores argumentos a favor da acumulação camponesa, afirma: "Devemos dizer aos camponeses: Enriquecei-vos, ampliem e desenvolvam suas fazendas e não temam que se exerça limitação alguma sobre vossa atividade. Apesar de parecer paradoxal, devemos estimular a exploração para ajudar os camponeses pobres e médios"[327]. Tal afirmação vai originar posteriormente um verdadeiro escândalo e Bukharin termina por se retratar formalmente por ela, ainda que esta não implique em nenhuma mudança profunda em sua perspectiva. Seus discípulos do Instituto de Professores Vermelhos, entre eles Stetski, que, com idênticos argumentos, vai sugerir a supressão do monopólio do comércio exterior; Bogushevski, que na época afirma que o *kulak* já é "um tipo social em extinção e do qual só sobram alguns espécimes"; e Slepkov, que especula sobre a transformação da NEP em uma "neo-NEP" – todos eles serão chamados à prudência por suas posições. Porém, ao mesmo tempo em que critica estas colocações extremistas, a XIV Conferência empreende a via que eles traçam, autorizando o arrendamento de terras e a utilização de mão de obra assalariada, incluindo em seu programa créditos para o estímulo à compra de equipamentos agrícolas no campo, uma política de pressão para baixar os preços industriais paralela à liberação dos preços dos produtos agrícolas e uma diminuição do imposto sobre as propriedades rurais. O campo e os camponeses acomodados, aparentemente, conseguiram um grande triunfo. A reação a esta política virá de uma grande cidade: Leningrado.

O nascimento da "Nova Oposição"

Leningrado, a antiga São Petersburgo era, desde os tempos do czarismo, o bastião russo do moderno proletariado industrial. Desta cidade saiu a maioria dos

326 *Ibid.*, p. 240.
327 Citado por CARR, Edward, *Socialism in one country*, Londres, Macmillan, 1958, tomo I, p. 258.

militantes que formaram o núcleo central do partido em 1917 e que mais tarde deram vida aos soviets em todo o país, alimentando igualmente a coluna de quadros do Exército Vermelho. Certamente, por conta das condições desta constante promoção, uma verdadeira sangria de homens, a organização do partido em Leningrado não pode ser comparada àquela da Petrogrado dos anos 1917-1918. No entanto, ela conservou algumas características originais que explicam em parte sua atuação em 1925. Neste período, em toda a província, de um total de 50 mil membros do partido e de 40 mil elementos submetidos ao período de experiência, contamos com 72% de operários frente a apenas 11% de funcionários. Em nenhuma outra região do partido existe uma proporção tão alta de operários. Destes, 36,4% são metalúrgicos, setor que tradicionalmente é o mais avançado. Portanto, não é de estranhar que as teorias de Bukharin tenham suscitado neste local uma viva oposição: as oficinas de construção e os estaleiros navais da cidade estão fechados, existem dezenas de milhares de desempregados para os quais a industrialização, e a industrialização *rápida*, é uma necessidade vital, e que não estão dispostos a tolerar, segundo a breve e excelente fórmula de Isaac Deutscher, a tese segundo a qual deveria ser o *mujik* o encarregado de determinar o ritmo da reconstrução industrial, ou seja, um "ritmo de tartaruga".

Certamente, o partido local é um feudo de Zinoviev, cuja dureza é por todos conhecida e que não enfrentou ali grandes dificuldades em liquidar a oposição de 1923. Entretanto, os próprios "ativistas" leningradenses se dão conta do descontentamento que reina entre os operários que dirigem. Estes dirigentes, mitificados pela propaganda oficial, orgulhosos de serem os sucessores da ponta de lança do partido bolchevique e de serem a vanguarda da "Comuna do Norte", estão com a confiança em alta após a derrota da oposição em sua região. Eles não vão, portanto, resignar-se a aceitar, sem objeções, uma linha que reduz ao mínimo seu papel no presente e no futuro, que os abandona frente ao descontentamento da base que dirigem, quer dizer, que abala os próprios fundamentos de sua autoridade. Em setembro, o velho bolchevique Zalutski, secretário do comitê do partido na província de Leningrado, pronuncia um discurso, editado rapidamente na forma de folheto, em que manifesta o descontentamento dos operários, que se perguntam até que ponto Outubro foi de fato o triunfo de uma revolução proletária. Refere-se também ao termidor da Revolução Francesa e à "degeneração" que surgiu no interior do próprio partido e, por último, compara Stalin com Bebel, o papa da social-democracia alemã, encarnação, como ele, do aparato do partido e árbitro dos conflitos entre esquerdistas e revisionistas.

Frente à nova tendência direitista encarnada por Bukharin e seus aliados do Instituto de Professores Vermelhos, aparece uma nova esquerda, diferente da oposição de 1923, não tanto pelas posições teóricas e pelos estudos científicos de Preobrazhenski, mas principalmente pela sua forte ligação com o setor operário do partido.

Na realidade, Zalutski por si mesmo é insignificante: trata-se de uma mera prolongação de Zinoviev e não atuou por iniciativa própria. Certamente, se vê pressionado pela base de sua organização, mas também conta com o apoio de seu "chefe"; seu discurso é o primeiro sintoma público da ruptura, que se gestou por vários meses, entre os membros da *troika*.

No fim de 1924, o secretário geral já havia tentado reduzir a influência que seus colaboradores Zinoviev e Kamenev exerciam sobre as organizações de seus respectivos feudos em Leningrado e Moscou. O secretário de Moscou, Zelenski, foi deslocado para a Ásia Central e substituído por Uglanov, que vinha de Nizhni-Novgorod. A maior parte dos historiadores parece estar de acordo em afirmar que somente o ataque que significou *Lições de Outubro*, de Trotski, pôde restabelecer a coesão da *troika* – que estava a ponto de dissolver-se –, pois obrigou Zinoviev e Kamenev a adiar a contraofensiva que preparavam em resposta a uma evidente intromissão em seus domínios políticos. Em todo caso, Uglanov pôde aproveitar taticamente esta trégua forçada para "reorganizar" o aparato regional, colocando homens de confiança nos diferentes níveis. A sobrevivência dos violentos rancores contra os burocratas que haviam esmagado a oposição em Moscou durante a discussão sobre o novo curso facilitou seus trabalhos. Desta forma, a depuração dos depuradores foi observada de maneira sarcástica pelos oposicionistas, que viam nela uma espécie de justa vingança.

O primeiro conflito sério surge em 1923, quando Stalin nega à Zinoviev e Kamenev, apoiado pela maioria do Comitê Central, a expulsão de Trotski do Birô Político. Nesta ocasião, Zinoviev chega a acusar Stalin de ser "meio trotskista" e dá início, no *Komsomol* de Leningrado, aos preparativos de uma campanha contra Trotski e contra a direção nacional, que vai terminar com a expulsão seu dirigente adulto, Safarov. Na Internacional, feudo de Zinoviev, gestam-se novos enfrentamentos. Stalin defende Thaelmann na Alemanha, partidário da apresentação de uma candidatura unicamente comunista para as eleições para a presidência do Reich, contra as posições de Maslow e Ruth Fischer, protegidos de Zinoviev, que desejam enfrentar o marechal Hindenburg com uma aliança eleitoral com os sociais-democratas. Maslow e Ruth Fischer são vencidos e eliminados da direção. O controle da Internacional parece, com isto, escapar das mãos de Zinoviev.

As situações de conflito se multiplicam a partir da primavera de 1925: no Birô Político, Zinoviev e Kamenev se opõem à apresentação na XIV Conferência de uma resolução elaborada por Stalin, na qual se afirma a possibilidade de "construção do socialismo em um só país", em franca oposição à teoria da "revolução permanente" de Trotski. Um acordo é feito. No entanto, a crise econômica vai gerar conflitos ainda mais graves: Zinoviev e Kamenev criticam abertamente a linha defendida por Bukharin e é por sua pressão que serão condenadas as fórmulas mais escandalosamente direitistas.

Porém, o debate ainda não se tornou público, nem foi reconhecido oficialmente. Zinoviev vai iniciá-lo com uma série de discursos e folhetos. Em setembro de 1925 publica uma volumosa antologia que carrega o título de *O leninismo*. Depois de dedicar algumas centenas de páginas ao "trotskismo" e às tradicionais acusações contra este, examina os problemas surgidos com a NEP. Começa habilmente sua análise, partindo da recente obra do emigrado branco Ustrialov, o qual Lenin costumava citar, dizendo que, ao proclamar sua "verdade de classe", revelou aos bolcheviques os perigos que os ameaçavam. Em seu livro *Sob o signo da revolução*, publicado na Manchúria, Ustrialov, depois de analisar a situação na Rússia, "onde todo o povo, renovado, porém cansado igualmente pela tempestade, desperta com uma vontade de paz, de trabalho e de submissão", escreve: "Proprietários, enriquecei-vos! Consigna de vida, consigna de saúde, genial grito interior!" e conclui: "A consigna de desenvolvimento e individualismo é tão saudável quanto o trabalho, inevitável como a própria vida, imperiosa como a história"[328]. Desta forma, os argumentos deste hábil "inimigo de classe" permitem a Zinoviev afirmar que o perigo principal pode vir "do enfraquecimento da ditadura do proletariado, como consequência das influências pequeno-burguesas e antiproletárias que se exercem sobre o aparato estatal, sobre a economia e inclusive sobre o próprio partido" em um país em que a população pequeno-burguesa predomina e o capitalismo renasce parcialmente, visto que "os pequeno-burgueses e a nova burguesia continuam ligados por milhares de laços com a burguesia internacional"[329], onde o Estado está fortemente impregnado de burocratismo e a grande indústria não recuperou ainda o nível de 1913 e que, acima de tudo, sofre com o bloqueio capitalista. Mais adiante, apoiando-se em numerosas citações de Lenin e analisando a NEP como uma retirada tática, na qual a marcha ao socialismo se dá mediante a construção de um capitalismo de Estado, Zinoviev vai afirmar que a luta de classes continua durante a ditadura do proletariado e, principalmente, durante a NEP, fundamentalmente no campo. Agora existe uma certeza: "Os *kulaks* são inimigos do poder soviético", infinitamente mais perigosos que os *nepmans*, já que "os 3% de *kulaks* do campo constituem uma força econômica enorme". Neste ponto, o ataque contra Bukharin e seus discípulos será ainda mais direto: "No momento atual, tentar fazer crer que o *kulak* não existe, lançar frases como 'o *kulak* não é perigoso' significa sugerir que [...] não consideramos o *kulak* como inimigo!". E ainda: "No referente ao *kulak*, não se pode tolerar nem o menor vestígio de dúvida"[330]. Em um capítulo composto inteiramente por citações de Lenin, Zinoviev demonstra a irredutível hostilidade do fundador do bolchevismo com a ideia de que o socialismo pudesse se realizar em um só país: é preciso lutar contra a "ideologia política burguesa e pequeno-burguesa vinculada à época da NEP e à necessidade de aumentar o bem estar em nosso país" porque esta é contrária ao objetivo dos comu-

328 Citado por ZINOVIEV, Grigori, *Le léninisme*, Paris, Bureau d'éditions, 1926, p. 186.
329 *Ibid.*, p. 189.
330 *Ibid.*, p. 233.

nistas, que consiste em consolidar a vitória em seu próprio país, abrindo ao mesmo tempo o caminho para os operários de todo o mundo[331].

Nos dias 19 e 20 de setembro aparece no *Pravda* um artigo ainda mais claro, apesar dos cortes impostos pelo Birô Político, onde, sob o título de "A filosofia de uma época", e, seguindo a mesma linha da polêmica com Ustrialov, afirma: "O desenvolvimento da NEP, junto com o atraso da revolução, implica, entre outros perigos, na degeneração". Ao evocar a luta operária revolucionária, escreve: "Em nome de que se levantaram durante as transcendentais jornadas de outubro a classe operária e as amplas massas populares? Em nome de que seguiram Lenin na linha de fogo? Em nome de que foram atraídas por nossa bandeira durante os primeiros anos? Foi em nome da igualdade! [...]. O povo, em sua totalidade, sonha hoje com a igualdade [...]. Esta é a pedra angular da filosofia de nossa época". Afirmando que "para sermos os autênticos porta-vozes do povo, devemos encabeçar sua luta em prol da igualdade"[332], Zinoviev deixa claro, frente a Bukharin, escolhido como representante pelos *kulaks*, que ele, Zinoviev, está disposto a ser o dos operários.

A batalha anterior ao congresso

O conflito que, no início, se viu limitado aos altos círculos do partido, ao ser levado ao terreno teórico por Zinoviev, vai seguir o habitual processo de gestação nos bastidores antes de chegar à opinião pública. Depois da tomada de posição por parte de Zalutski, o Secretariado afasta-o de suas funções, obtendo, inesperadamente, a aprovação do Comitê Regional. Em seu lugar, Stalin coloca Komarov, um de seus leais seguidores. O grupo de Zinoviev reage ao ver-se ameaçado em seu próprio bastião: o Comitê Regional rechaça o candidato enviado pelo Secretariado e o próprio Komarov solicita a anulação de sua nomeação frente à oposição que esta suscita. Para precaver-se contra novas surpresas, Zinoviev inicia uma profunda depuração do aparato de Leningrado, eliminando sem nenhum tipo de vacilação todo aquele que lhe parece ser partidário do Secretariado. Os protagonistas já se vigiam: quando morre Frunze, comissário da Guerra, este será substituído por Voroshilov, um dos homens de Stalin, tendo como assessor Lashevich, leal a Zinoviev. Na sessão de outubro do Comitê Central, a luta se agrava: ambos os lados se acusam mutuamente de tentar transgredir as decisões tomadas na conferência de abril. Zinoviev, Kamenev, Sokolnikov e Krupskaia exigem uma discussão pública sobre o problema do campo; a maioria se nega a discutir, violando uma longa tradição – porém, em conformidade com o precedente introduzido no enfrentamento com Trotski. O conflito é quase público: o *Pravda* de Leningrado multiplica seus ataques relativos à questão camponesa, ao mesmo tempo em que o *Komsomol* publica um certo *Livro azul*, onde são discutidos vá-

331 *Ibid.*, p. 290.
332 Citado por CARR, Edward, *Socialism...*, *op. cit.*, tomo I, p. 301.

rios artigos de Bukharin, Stetski, Bugushevski e outros que servem para ilustrar o que chamam de "desvio *kulak*".

De fato, os membros da *troika* lutam valendo-se de intermediários. A imprensa e as assembleias de Leningrado e Moscou trocam acusações mútuas e emitem moções de censura, enquanto cada um dos secretários regionais se apressa em eliminar de todos os cargos dirigentes qualquer suspeito de vacilação a respeito de suas próprias teses: Leningrado afirma que o partido deve preservar "o máximo de democracia interna". Moscou se pergunta ironicamente sobre o que Leningrado entende por isso, ao que Leningrado responde que Moscou sabe bem. Leningrado propõe que se recrutem massivamente proletários – será possível dizer que esta é uma tentativa séria de diminuir o poder do aparato? – até que estes cheguem a 90% do partido. Moscou os acusa então de desviar do leninismo e de pretender debilitar a vanguarda do partido. As afirmações de Leningrado sobre o "perigo *kulak*" e o capitalismo de Estado, atribuídas a Zinoviev, são qualificadas por Moscou de "alienação, separatismo, gritos histéricos e desconfiança próprios de intelectuais". Leningrado responde, defendendo firmemente seu caráter proletário e, quando Leningrado protesta contra os métodos que se empregam para silenciá-la, Moscou a acusa de querer acabar com o aparato do partido e de ter se aliado com Trotski, que, por sua vez, permanece em silêncio, zombando do triste espetáculo que oferecem estas duas organizações do mesmo partido operário votando uma contra a outra uma série de resoluções, sempre unânimes, incapazes por completo de encontrar em seu interior um único oposicionista, mesmo isolado, como prova do caráter democrático de seus debates. De fato, os vencedores de ontem, dispostos a lutar entre si, têm em comum a idêntica eficácia quanto à "organização" e o mesmo "realismo" em termos de trabalho político. Esta é a razão pela qual se pode dar crédito à versão de Stalin, que afirma ter oferecido, às vésperas do congresso, um acordo, sustentado pela concessão de importantes cargos no Secretariado e no comitê de redação do *Pravda,* aos leningradenses. No entanto, Zinoviev recusa, convencido, sem dúvida, de que já havia perdido muito neste jogo desde a morte de Lenin.

O XIV Congresso

No entanto, este é um erro estratégico, tendo em conta a localização de Zinoviev desde 1922. No congresso nenhuma surpresa irá acontecer. Com exceção dos delegados de Leningrado, cuidadosamente selecionados pelo aparato de Zinoviev, todos os demais foram escolhidos da mesma forma entre os leais ao Secretariado: tudo já está decidido de antemão. No entanto, Stalin não deseja que se produza uma ruptura. É preciso que a opinião pública, os "tranquilos patriarcas do partido", atribuam a ruptura da unidade e a iniciativa do ataque a seus adversários. É necessário que sejam Zinoviev e Kamenev os divisionistas. Desde a abertura do

congresso, em seu informe político, Stalin se refere a toda uma série de questões polêmicas sem mencionar um só nome, expressando, ao mesmo tempo, seu desejo de que se chegue a um acordo. Em sua tentativa de conciliação, chega inclusive a evitar referir-se ao comportamento dos leningradenses. Porém, talvez Zinoviev ainda acreditasse na importância dos programas e manifestos, e se dispõe a travar a polêmica num momento em que nenhuma discussão havia ainda sido aberta. Para isto, solicita e obtêm do congresso o direito de, como membro do Comitê Central e do Birô Político, apresentar um contrainforme político. Tal uso, que antes havia sido habitual no partido, não era utilizado desde 1918.

Agora em minoria, se vê obrigado a referir-se à "democracia operária", que pretende reivindicar. Denuncia o fato de que "tudo seja mastigado previamente pelo Comitê Central, para depois ser levado à boca do partido". Afirma também que não é licito falar de democracia quando nem todos os camaradas têm a possibilidade de pronunciar-se. Porém, a discussão neste terreno implica uma série de armadilhas, e quando declara que o partido se encontra em um "semiestado de sítio", o congresso reage com a pergunta: "E Trotski?". Responde então que em 1923 as condições ainda não tinham amadurecido: "1926 não é nem 1921, nem 1923: contamos agora com um tipo de trabalhador completamente diferente, temos mais atividades entre as massas e outras consignas". É preciso liquidar este passado. "Sem permitir a existência de frações e mantendo nossa antiga política a este respeito, deveríamos delegar ao Comitê Central a tarefa de incluir no trabalho do partido todos os grupos que se formaram, dando-lhes possibilidade de trabalhar sob a sua direção". O Comitê Central deve ser reorganizado "deste mesmo ponto de vista, contando com um Birô Político e um Secretariado de funcionários que esteja subordinado a ele"[333]. Imediatamente depois destas afirmações, começa a tempestade.

A discussão que acontece durante o XIV Congresso é muito interessante para a compreensão dos problemas do partido nesta época. Não se diz nada de novo a respeito do problema do *kulak* e o congresso mantém a "linha". Ainda assim, o rechaço a uma resolução proposta por Shanin e Sokolnikov – que destaca como fator decisivo do desenvolvimento econômico a capacidade de desenvolvimento da agricultura e de integração ao mercado mundial – permitirá à historiografia oficial chamar este congresso, no futuro, de "o congresso da industrialização". O principal neste congresso é que são levantados, por muitos dos que contribuíram para o esmagamento da oposição, vários dos problemas que a oposição havia levantado anteriormente. Além disso, os métodos da luta contra Trotski, Preobrazhenski e seus companheiros são criticados justamente por aqueles que foram seus iniciadores. Por fim, tem importância o fato de que apareça, pela primeira vez, a problemática da autoridade e do papel de Stalin.

333 *Bulletin communiste*, nº12, 1926, pp. 178-180.

Zinoviev confirma a existência do testamente de Lenin e as circunstâncias em torno de sua ocultação. Recorda a advertência contra Stalin para demonstrar que, na atualidade, aquele perigo se concretiza na aliança do *kulak*, do *nepman* e do burocrata. Reconhece sua participação, junto com Stalin, no "golpe de Estado" que foi realizado no *Komsomol*, resultando na destituição e transferência de dirigentes eleitos. Refere-se igualmente à forma com que os membros do Birô Político, incluindo ele mesmo, constituíram uma verdadeira fração por meio da sistemática convocatória de reuniões nas quais Trotski, legalmente eleito, estava ausente e que aconteciam para aplicar uma "disciplina de grupo" durante reuniões oficiais, o que, de fato, já constituía uma falta passível de expulsão do partido[334]. Yaroslavski responderá a esta acusação afirmando que seria estúpido acusar a maioria de se constituir como fração, pois, devido ao fato de possuírem enorme superioridade no partido, isto jamais seria necessário. Outros delegados se referem às condições que o aparato impõe aos militantes: os oposicionistas, explica Avilov-Globov, guardam silêncio "pelo temor de serem enviados a Murmansk ou ao Turquestão". "Estas transferências, declara Krupskaia, suscitam no partido a impossibilidade de falar sincera e abertamente. Se escrevemos resoluções sobre a democracia interna e, ao mesmo tempo, criamos condições tais que todo membro do partido possa ser transferido para outro local por ter expressado livremente sua opinião, todas as boas intenções acerca da democracia interna nunca sairão do papel".

A intervenção da viúva de Lenin contribui para elevar consideravelmente o nível do debate: esta é uma das últimas ocasiões em que um congresso bolchevique aceitará ouvir alguém que lhe recorde quais eram as verdadeiras ideias de Lenin. Desta vez, Krupskaia protesta energicamente contra os abusos na utilização da autoridade do "leninismo":

> Penso que carece de sentido discutir aqui se isto ou aquilo é o verdadeiro leninismo. Recentemente reli os primeiros capítulos de *O Estado e a revolução.* (...) Ali Ilich escrevia: "Houve casos na história em que os ensinamentos dos grandes revolucionários foram adulterados depois de sua morte, transformando-os em ícones inofensivos. Porém, ao honrar-se seu nome, se cega o gume revolucionário de sua doutrina". Em minha opinião, esta citação repleta de amargura nos proíbe de esconder qualquer concepção pessoal sob a etiqueta de leninismo, mas também considero que todas estas questões devem ser examinadas em sua verdadeira essência. [...] Para nós marxistas, a verdade é aquilo que se adapta à realidade. Vladimir Ilich sempre dizia: "a doutrina de Marx é invencível porque é verdadeira". [...] A missão de nosso congresso deve ser buscar e elaborar uma linha justa. [...] Bukharin defendeu aqui mesmo e com muita ênfase que o que se decidir no congresso será o justo. Todo bolchevique considera as decisões do congresso importantíssimas, mas não devemos adotar o ponto de vista daquele jurista inglês que levava ao pé da letra o provérbio que afirma que o parlamento pode decidir sobre tudo, inclusive transformar um homem em mulher.

334 *Ibid.*

O congresso, que até então escutava impressionado, rugirá de indignação frente ao crime de "lesa-majestade" contra a concepção da história do bolchevismo que comete esta mulher, que desde os tempos do *Iskra*, foi uma peça chave da organização, quando declara que: "De nada serve consolar-se com o pensamento de que a maioria sempre tem razão. Na história de nosso partido houve congressos em que a maioria estava equivocada. Recordemos, por exemplo, o congresso de Estocolmo"[335]. Às acusações que se acumulam contra ela, Krupskaia adenda ainda o maior delito: recordar os méritos de Trotski e a amizade que este mantinha com Lenin, denunciando os inadmissíveis métodos empregados na polêmica contra ele.

É significativo que uma parte da discussão - precisamente a mais violenta - tenha girado em torno da figura de Stalin, pela primeira vez denunciado como o deus do aparato, como a encarnação das forças que conduzem à degeneração. Sokolnikov denuncia a situação que - independente da personalidade de Stalin - suscita o fato de um mesmo homem ser membro do Birô Político e chefe do Secretariado, o que faz com que "as divergências políticas acabem por traduzir-se de um modo ou de outro em medidas organizativas". Lança então o desafio: "Se o camarada Stalin quer ser tão digno de confiança quanto Lenin, que a mereça!"[336]. Kamenev, apesar do tumulto instalado, afirma claramente: "O que eu já disse em mais de uma ocasião pessoalmente a Stalin e mais de uma vez o repeti aos delegados do partido, mais uma vez afirmo perante o congresso: estou convencido de que o camarada Stalin não pode cumprir a função de unificar o estado-maior bolchevique [...]. Nos opomos veementemente à teoria do chefe único na direção. Nos opomos à criação de um 'chefe'!"[337]. Se Tomski, grande amigo de Bukharin, responde imediatamente com a afirmação de que não existe nem existirá nunca um "sistema de chefes", os homens de Stalin se apressam para desmenti-lo e Kuibishev afirma em uma declaração de grande importância: "Em nome da Comissão Central de Controle, eu declaro que o camarada Stalin, como secretário geral de nosso partido, é precisamente o tipo de pessoa que, junto com a maioria do Comitê Central e com o apoio deste, foi capaz de reunir ao seu redor as melhores forças do partido e colocá-las para trabalhar. [...] Baseando-se na experiência real e no exato conhecimento de nossa direção, eu declaro, em nome da Comissão Central de Controle, que esta direção e este secretário geral são precisamente os que o partido necessita para seguir de vitória em vitória"[338].

Stalin e seus homens entendiam que a materialização de tais vitórias deveria se dar sob o lema da construção do socialismo em um só país. Zinoviev contribui para a discussão com uma série de citações de Lenin e uma análise geral que

335 *Bulletin communiste*, nº12, 1926, pp. 181-183.
336 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 268.
337 Citado por CARR, Edward, *Socialism...*, *op. cit.*, tomo I, p. 138.
338 *Ibid.*, p. 146.

concluía com as seguintes palavras: "A vitória final do socialismo é impossível em um só país. (...) Deverá ser decidida na escala internacional". Por sua vez, Stalin só conta com uma citação, suscetível de ser utilizada em qualquer contexto. Porém, possui uma enorme confiança nas generalizações e na influência do raciocínio de tipo escolástico que predomina nas reuniões de funcionários do aparato: "É impossível saber o que estamos construindo. Não se pode dar um único passo sem saber a orientação geral do movimento. (...) Estamos construindo o socialismo na esperança da vitória da revolução socialista ou estamos trabalhando ao azar, às cegas, 'preparando o terreno para a democracia burguesa' enquanto esperamos a consumação da revolução socialista internacional?"[339]. Por sua vez, Bukharin, com maior capacidade intelectual, acusa o adversário de defender a revolução permanente. Zinoviev termina por aceitar que o socialismo pode ser construído em um só país, mas insiste que ele só pode ser concluído em escala mundial.

O congresso termina com a adoção dos informes de Stalin e Molotov, que são aprovados por 559 votos contra 65. Altera-se a composição do Comitê Central: dos partidários de Zinoviev, quatro, entre eles Zalutski, não são reeleitos; Lashevich passa a ser suplente e onze suplentes desaparecem. Entre os titulares, surgem dezesseis novos membros; vinte e três *apparatchiks* desconhecidos constam entre os suplentes. Muitos deles iniciam então uma brilhante carreira: Gamarnik, Postishev, Unslicht, Lominadze e Andrei Zhdanov.

O esmagamento do aparato de Leningrado

Apesar de sua esmagadora derrota, já que ao longo de todo o congresso mantiveram as mesmas forças com que contavam no início, os leningradenses não haviam sido totalmente desarticulados. Ao recordar os enfrentamentos com Trotski, Stalin, em seu discurso de encerramento, se atribui o papel de campeão da unidade: "Não estamos de acordo com os camaradas Zinoviev e Kamenev, mas sabemos perfeitamente que o método da amputação é de grande risco para o partido; a mutilação e o derramamento de sangue – porque eles pediam sangue! – são perigosos e contagiosos. Um dia se expulsa um; no dia seguinte, outro; dois dias depois, um terceiro. Quem permaneceria então no partido?". Então, encarando os dirigentes de Leningrado, pergunta: "Por acaso pedem o sangue de Bukharin? Pois saibam que não o daremos!"[340]. Ao mesmo tempo, ele adota também um tom ameaçador: "Não devemos nos distrair com estas discussões. Não se esqueçam que somos um partido governante". Certamente, esta é uma linguagem que os funcionários que se enfrentam com as dificuldades do dia a dia entendem perfeitamente.

Stalin havia falado de represálias e estas não tardam a chegar. No dia seguinte ao congresso, chega a Leningrado uma delegação do Secretariado, encabeçada por

339 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 425.
340 Citado por SORLIN, Pierre e Irene, *op. cit.*, pp. 203-204.

Molotov e na qual se encontram Voroshilov, Kirov, Kalinin, Stetski e outros dirigentes da mais alta categoria: o Comitê Regional é acusado de haver falsificado as eleições ao eliminar os votos do bairro de Viborg, sabidamente hostil a Zinoviev; a delegação é acusada igualmente de não haver respeitado o voto da conferência regional sobre a unidade do partido. Assim, mediante a multiplicação de reuniões de comitês em todos os níveis, o assédio aos secretários locais e a utilização de ameaças de envio ao Turquestão, alternadas com a oferta de promoções – além de fazer pairar sobre os operários a ameaça de demissões –, os homens do Secretariado liquidam em poucos dias o aparato construído por Zinoviev. Seus elementos, desorientados – Zinoviev achava que sua posição era impregnável –, rapidamente se limitarão a reduzir os danos no plano pessoal.

Desta maneira, muitos destes dirigentes, que são verdadeiros tiranos em suas organizações, sofrem humilhações que são vistas pelos operários com uma secreta satisfação. Os protestos indignados de Zinoviev contra a violação da democracia só despertam risos. Ainda durante o congresso, Mikoyan o ataca duramente: "Quando Zinoviev conta com a maioria, se manifesta a favor de uma disciplina férrea e da obediência, mas quando não a possui, se revolta contra estas".

Victor Serge assistiu ao desenrolar desta operação, cuja duração foi de quinze dias, elaborando posteriormente uma amarga descrição de sua ambientação e dos argumentos dos emissários, baseados sempre na violência e no medo: "Seu êxito estava assegurado de antemão pelo baixíssimo nível cultural do auditório e pela dependência material dos comitês"[341]. O *Komsomol* resiste um pouco mais que os comitês locais: seu Comitê Regional consegue rechaçar uma resolução na qual se referendavam as decisões do congresso e emitir um chamado a favor da convocatória de um congresso extraordinário, tudo isso um pouco antes de ser dissolvido pelos enviados do Secretariado. No congresso de março, seis dos membros do Comitê Central do *Komsomol* continuam defendendo as teses da oposição e Katalinov fala da luta do "stalinismo" contra o "leninismo"[342]. Segundo a confissão do próprio historiador oficial Yaroslavski, também foi extraordinariamente difícil conquistar as células de fábricas. No entanto, o objetivo foi alcançado e Molotov pôde anunciar, no dia 20 de janeiro, ao Comitê Central que, dos 72.907 membros do partido – 85% do total – que haviam sido consultados pessoalmente, 70.389 – aproximadamente 96% – se mostraram contrários às posições oposicionistas e somente 2.244 – aproximadamente 3% – a favor. O reino de Zinoviev, que a esta altura perde inclusive seu cargo de presidente do soviet de Leningrado, havia chegado ao fim. Serguei Kirov, *apparatchik* vindo do Azerbaijão, assume então as rédeas do aparato da "Comuna do Norte", em cujo secretariado irá permanecer até sua morte.

341 SERGE, Victor, *op. cit.*, p. 209.

342 FISHER, Ralph, *Pattern of soviet youth: a study of the congresses of the Komsomol*, Columbia, Columbia University Press, 1959, p. 120.

O "socialismo em um só país"

Vencedor graças a seu aparato, Stalin pode então assumir o papel de teórico. Seu novo livro *Questões do leninismo* retoma a afirmação sobre a possibilidade de construção do socialismo em um só país, definida como "a possibilidade de resolver as contradições entre o proletariado e os camponeses com as forças internas de nosso país, a possibilidade do proletariado tomar o poder e utilizá-lo para edificar a sociedade socialista completa em nosso país, contando com a simpatia e o apoio dos proletários dos demais países, porém, sem que previamente triunfe nestes países a revolução proletária"[343].

Rechaçando como "antileninista" a afirmação segundo a qual o estado atrasado da sociedade russa poderia ser um obstáculo intransponível para a construção do socialismo somente na URSS, Stalin termina por reduzir todas as dificuldades a apenas uma: a ameaça do mundo capitalista que pesa sobre o país.

Desta forma, em 1926, baseando-se no isolamento da Rússia revolucionária como consequência do fracasso da revolução mundial, surge, na forma de teoria, a justificação do que será durante anos a Rússia de Stalin. Entretanto, neste período, ainda militavam no partido todos os bolcheviques de direita e de esquerda, que deveriam ser convencidos de que o regime instituído era de fato o "socialismo" e a "ditadura do proletariado", como todos eles haviam desejado, como Lenin os havia explicado e pelo qual todos eles haviam feito a revolução.

343 STALIN, Josef, *Les questions du léninisme*, Paris, Editions sociales, 1947, tomo I, pp. 225-274.

10

A LUTA DA OPOSIÇÃO UNIFICADA

Na realidade, os enfrentamentos do XIV Congresso foram apenas o prólogo da mais importante luta que seria travada no seio do partido, que, precisamente naquele momento, acabava de decidir por sua segunda mudança de nome, adotando desta vez o de Partido Comunista da URSS (bolchevique). Com uma coalizão entre a oposição de 1923 e a de 1925, um agrupamento da elite do partido e da velha guarda se dispõe a enfrentar-se com a direção exercida pelo secretário geral. Talvez a aliança de Trotski com Zinoviev e Kamenev fosse inevitável – esta é a opinião da maioria dos historiadores – depois destes presenciarem a forma como seus enormes esforços políticos se esfacelavam frente ao poder do aparato. Entretanto, isto era menos evidente para os próprios atores do drama. De fato, Zinoviev e Kamenev haviam sido considerados por Trotski como seus piores inimigos, os que haviam lhe infligido os golpes mais sérios, pois se dependesse deles, sua expulsão teria sido consumada logo após seu afastamento do Birô Político. Por outro lado, a perda da aura de prestígio que rodeava Zinoviev e Kamenev, companheiros e sucessores de Lenin, de primeiríssima importância dentro da *troika*, se devia fundamentalmente aos ataques e revelações de Trotski.

Parece suficientemente provado que, durante o XIV Congresso, nenhuma das frações hostis subestimou o peso decisivo que poderia ter a intervenção de Trotski no conflito. Zinoviev denunciou os golpes baixos que Stalin havia desferido contra Trotski; Stalin, por sua vez, recordou como ele próprio havia se negado a expulsar Trotski do partido, apesar das exigências de seus adversários. Mikoyan contrastou o comportamento dos leningradenses com a atitude disciplinada de Trotski, e Tomski distinguiu a nitidez de sua postura com a ambiguidade de Zinoviev e Kamenev; Yaroslavski e Kalinin reprovaram os métodos que estes utilizaram con-

tra Trotski; Krupskaia fez um longo discurso a seu respeito, enquanto Lashevich admitiu que este havia tido razão em diversas questões durante a discussão de 1923. No entanto, Trotski, permaneceu em silêncio e só interviu brevemente em duas ocasiões: a primeira, para dar razão a Zinoviev, que havia justificado sua atitude hostil do ano anterior com a afirmação de que não se poderia eleger para um cargo no Birô Político a um homem ao qual se atribui uma quantidade tão grande de erros; e a segunda, para protestar contra as "represálias" que Stalin acabava de anunciar contra a organização de Leningrado.

Como afirma a maioria dos historiadores, podemos dizer que tal abstenção na batalha de 1925 constituiu, sem dúvidas, o maior erro tático de sua carreira política. Na realidade, para todo aquele que conheça a continuação da história, é muito fácil opinar desta forma. A opinião pessoal de Trotski parece ser a de que todos os protagonistas são de um mesmo tipo; no dia 8 de janeiro de 1926 escreve a Bukharin para recordá-lo de como ele (Trotski) havia merecido, em 1924, o adjetivo de demagogo por afirmar – não sem certo exagero, como ele mesmo o reconhece – que os operários comunistas de Leningrado estavam literalmente "amordaçados" pelo aparato. No entanto, ele constata que, na atualidade, a mesma unanimidade existe, mas em um sentido oposto, em Leningrado e em todo o país: todas essas organizações estão nas mãos de seus respectivos aparatos[344]. No geral, esta posição parece ter recebido a aprovação dos amigos de Trotski e do núcleo dos oposicionistas de 1923. Afinal de contas, foram Zinoviev e Kamenev os inventores do termo "trotskismo" e os "trotskistas" de Leningrado não escondiam seu ceticismo frente à espetacular defesa da democracia operária feita pelos dirigentes da "Comuna do Norte".

Trotski declararia mais tarde: "Esta explosão foi, para mim, inesperada. Durante o congresso, permaneci vacilante porque a situação estava em plena evolução. Para mim, absolutamente nada parecia claro"[345]. Algumas notas pessoais citadas por Deutscher agregam novos detalhes: ao que parece, para Trotski, há mais do que um "grão de verdade" na ideia de que a oposição de 1925 é a sucessora da de 1923, já que para ele, a hostilidade aberta no congresso contra os leningradenses reflete a hostilidade do campo para com as cidades. Trotski levanta a hipótese de um despertar do proletariado, que o tribuno Zinoviev traduziria, assim, a seu modo. Porém, Trotski espera que tal despertar se expresse de outras formas, superiores àqueles "gritos vulgares", proferidos por homens que, em sua opinião, se encontram, "com razão, desacreditados".

A unificação da oposição

Na realidade, a aproximação entre a antiga e a nova oposição é inevitável na medida em que ambos os grupos pretendem apoiar-se em uma plataforma operá-

344 Texto incluído em *Fourth International*, volume 2, nº8, outubro de 1941, pp. 252-253.
345 TROTSKI, Leon, *The case of Leon Trotski*, Nova York, Harper, 1937, p. 248.

ria e internacionalista e denunciam o mesmo perigo: a aliança dos *kulaks*, *nepmans* e burocratas e a degeneração do partido sob a direção de Stalin e sua camarilha. Bukharin, que sentimentalmente permanece ligado a Trotski, mas que também se sente muito preocupado com a oposição de Leningrado, tenta durante certo tempo impedir uma aliança já pressentida por todos. Trotski aceita discutir com ele. No dia 8 de janeiro lhe escreve: "Sei que alguns camaradas, dos quais talvez você talvez faça parte, desenvolveram nestes últimos tempos um plano, que consiste em dar aos operários a possibilidade de criticar em suas células os assuntos da fábrica, dos sindicatos e da região, eliminando simultaneamente todo tipo de resistência que emane da cúpula do partido". Mas Trotski alerta Bukharin: "Desta forma, o regime do aparato em seu conjunto se veria preservado por uma ampliação de sua base"[346]. Propõe-lhe também a criação de um bloco contra Stalin em defesa de uma verdadeira democracia interna, mas Bukharin vacila.

Por sua vez, Zinoviev e Kamenev estão dispostos a fazer quantas concessões sejam necessárias. Como confessa Zinoviev a Ruth Fischer, eles iniciaram uma luta pelo poder na qual necessitam de Trotski, com seu prestígio, sua autoridade e suas faculdades intelectuais; mas precisarão também, depois da vitória, de "sua mão firme para trazer novamente o partido e a Internacional para o caminho do socialismo"[347]. Os amigos de Trotski estão divididos: Radek se declara partidário de uma aliança com o grupo de Stalin contra a direita, Mrachkovski se opõe a qualquer tipo de bloco. Serebriakov se inclina pela unificação e faz o papel de intermediário entre Trotski e os dois antigos membros da *troika*. Primeiro Kamenev, e logo em seguida Zinoviev fazem as primeiras tentativas de aproximação, oferecem explicações, reconhecem seus erros e se comprometem a adotar a mesma atitude perante todo o partido. No Comitê Central, Zinoviev reconhecerá:

> Cometi muitos erros. Creio que são dois os mais importantes. O primeiro, em 1917, é conhecido por todos. Entretanto, considero que o segundo é muito mais grave que o de 1917. O primeiro cometi enquanto Lenin estava entre nós, e foi corrigido por ele e pelo próprio partido alguns dias mais tarde. [...] Sem dúvida alguma, o núcleo fundamental da oposição de 1923 – como a posterior evolução da fração dirigente pôde provar – tinha razão ao colocar-se em guarda contra os perigos que comportava o desvio da linha proletária e o desenvolvimento ameaçador do regime do aparato. Sim, em relação à opressão burocrática exercida pelo aparato, Trotski tinha razão contra nós![348]

Desde suas primeiras conversas, Zinoviev e Kamenev confiam ao incrédulo Trotski o temor que lhes inspira Stalin, que para eles é movido exclusivamente pela ânsia de poder e a quem creem capaz de cometer todo tipo de crimes: "Pode-se es-

---

346 *Fourth International*, volume 2, nº8, *op. cit.*, p. 253.
347 FISHER, Ralph, *op. cit.*, p. 548.
348 Citado por TROTSKI, Leon, *The case...*, *op. cit.*, pp. 81-82.

perar qualquer coisa", afirma Kamenev[349]. Na sessão do Comitê Central de abril de 1925, Kamenev e Trotski coincidem na votação de emendas sobre as resoluções de política econômica, terminando por chegar a um acordo e redigir conjuntamente as outras resoluções. O primeiro passo está dado, e a aliança não vai tardar. Desta vez, cada lado caminha um pouco no sentido de diminuir a distância que os separa. A Oposição Unificada não defenderá as teses da "revolução permanente", mas Zinoviev e Kamenev vão reconhecer não só que Trotski tinha razão em 1923, mas também que são eles os que fabricaram o "trotskismo" para se desvencilhar de um obstáculo em sua luta pelo poder. Em tais condições, Trotski não pode recusar um acordo que vai dar às suas teses principais o apoio daqueles que ele crê representar, os "milhares de operários revolucionários de Leningrado", seja qual for a desconfiança que ainda tenha a seu respeito. Mais adiante escreverá: "Na luta para ganhar as massas, quando a linha política é justa, pode-se formar um bloco não só com o diabo, mas também com um Sancho Pança de duas cabeças"[350]. Ambos os lados tentam ainda convencer os vacilantes e os desconfiados. Como era de se esperar, Leningrado é o centro que oferece as maiores dificuldades. Zinoviev e Lashevich por um lado e Preobrazhenski por outro se encarregam de superá-las[351]. Por fim, se constitui a Oposição Unificada.

É preciso dizer que a nova oposição é muito dinâmica, e que anteriormente ela nunca havia conseguido reunir um número tão grande de dirigentes de prestígio e de brilhantes personalidades. Suas fileiras não só contam com Zinoviev, Trotski e Kamenev, cuja qualidade de principais colaboradores de Lenin é indiscutível, mas também com Preobrazhenski, Serebriakov e Krestinski, os sucessores de Sverdlov no Secretariado e dez dos dezoito sobreviventes do Comitê Central de março de 1919, eleito em plena guerra civil. Krupskaia, a viúva de Lenin, e Badaiev, o antigo deputado bolchevique na Duma czarista, são mais dois ilustres sobreviventes do período pré-revolucionário. Eles contam também com alguns dos mais conhecidos militares dentre os vencedores da guerra civil, os bolcheviques Antonov-Ovseenko, Lashevich, Muralov e os grandes comissários Ivan Nikitich Smirnov, que derrotou Kolchak, e destacadíssimas figuras como Mrachkovski e Smilgá, organizador do partido na frota do Báltico e cúmplice de Lenin em seu "complô" contra o Comitê Central imediatamente antes da insurreição. A equipe que integra a oposição supera em tudo a linha de seus adversários, desde o ponto de vista do talento e da capacidade intelectual: Sosnovski é uma figura muito popular por suas sátiras da burocracia e é considerado, junto com Karl Radek, um especialista em questões internacionais. Com exceção de Bukharin, não existem economistas cuja reputação se aproxime da de Preobrazhenski, Piatakov e Smilgá. Todos parecem estar de acordo em admitir que Rakovski e Yoffe são os dois diplomatas mais hábeis

349 TROTSKI, Leon, *Stalin, op. cit., p.* 337.
350 *Carta a I. N. Smirnov*, em *Lutte de classes*, nº6, agosto-setembro de 1928, pp. 163-164
351 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed, op. cit.*, p. 268.

do país. Destes homens, flor e nata da velha guarda, alguns ocupam ainda postos importantes e prestigiosos: Zinoviev é presidente da Internacional; o antigo marinheiro Evdokimov, seu braço direito, se encontra no Birô de Organização; Beloborodov é comissário do Interior da RSFSR; Lashevich é vice-comissário da Guerra, Muralov é inspetor-geral do Exército Vermelho. É claro que estes dirigentes são pouco numerosos se comparados às dezenas de milhares de funcionários do partido que estão sob a direção de Stalin. Porém, para Zinoviev e Kamenev, bem como para alguns de seus companheiros que dizem a Victor Serge que estes grandes dirigentes "parecem ter mudado de alma da noite para o dia"[352], não parece haver a menor dúvida de que a elite agrupada desta forma será reconhecida imediatamente: "Bastará – diz Kamenev a Trotski – que Zinoviev e você apareçam na mesma tribuna para que o partido reconheça seu verdadeiro Comitê Central"[353].

Esta é principal divergência que subsiste entre os novos aliados, já que, por sua vez, Trotski opina que a luta será longa e difícil. Certamente a situação mudou muito desde 1923, tempo em que um proletariado desintegrado assistiu com completa passividade à sua derrota; na atualidade existe um verdadeiro proletariado nas fábricas, assim como uma importante camada operária dentro do partido. Trotski não pode concordar com Bukharin, que tenta justificar o regime autoritário pela completa desaparição da consciência de classe operária e fixa em alguns decênios o prazo necessário para seu renascimento entre os operários, geralmente analfabetos, recrutados no campo. Entretanto, sabe medir melhor que seus novos aliados a imensidão da tarefa que consiste em voltar a criar no partido e, através dele, na própria classe operária, uma vanguarda lúcida. Em sua opinião, a onda revolucionária que levou ao poder o partido bolchevique em 1917 definitivamente refluiu. A Rússia conhece um novo período de reação, do qual se originam a decomposição do partido e o início de sua degeneração e cujo expoente principal é a onipotência adquirida pelo aparato. A capitulação diante do interesse individual, a perda da confiança e a falta de iniciativa coletiva, do gosto pela luta e da consciência, o cansaço e o ceticismo desviaram da atividade política milhões de homens que, com suas próprias mãos, escreveram a epopeia revolucionária de 1917 e da guerra civil: o "grande debate" interessará a, no máximo, um núcleo de 20 mil pessoas dentre os 150 milhões de habitantes da URSS, e as informações sobre este debate serão publicadas na imprensa controlada apenas de uma forma unilateral e deformada, para que não venham a despertar nenhum eco sério na consciência das massas.

De fato, a oposição, que se proclama "Oposição de Esquerda" e pretende ser a ala proletária e bolchevique do partido, se move contra a corrente. Os chamados à energia revolucionária, à responsabilidade, à entrega e à luta pela verdade

352 SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 209.
353 TROTSKI, Leon, *Ma vie*, *op. cit.*, tomo III, p. 258.

provocam indiferença em muitos homens cansados e desiludidos que aspiram à segurança, senão ao seu bem-estar. Ninguém quer ouvir falar de "revolução permanente" se isto significar revolução contínua e ininterrupta, pois da guerra e da revolução todos guardam a recordação de uma infinidade de sofrimentos atrozes, com dezenas de milhares de mortos, cansaço, fome e desolação. Alexander Barmin, militante comunista desde os dezoito anos, antigo soldado, comissário do Exército Vermelho, conta como, ao converter-se primeiro em diplomata e mais tarde em alto funcionário, deu um suspiro de alívio com os artigos de Stalin contra a teoria da revolução permanente, e que lhe convenceram a rechaçá-la definitivamente por ser muito perigosa[354]. O "socialismo em um só país" oferece aos homens uma perspectiva certamente menos épica, mas mais concreta e imediata, e menos aventureira, sobretudo. O relativo restabelecimento econômico proporcionado pela NEP deu um valor muito maior às ínfimas satisfações materiais das quais todos foram privados, tão profundamente e por tanto tempo. Esta recuperação econômica não é antiga o bastante para ser tomada como algo dado, e o desejo de se agarrar às pequenas melhorias no padrão de vida jogam contra aquelas cujas propostas parecem arriscar colocá-las em cheque.

Stalin conhece perfeitamente a eficácia de suas palavras ao reprovar Trotski por suas "posturas heroicas" e afirmar que este não se dirige a "homens de carne e osso, mas a uma espécie de criaturas ideais, de sonho, revolucionárias da cabeça aos pés"[355]. É verdade que, em 1926 e 1927, tanto os militantes do partido quanto os cidadãos comuns se assemelham muito mais ao "homem de carne e osso" corporificado por Stalin, do que às "criaturas revolucionárias da cabeça aos pés", das quais Trotski vem a ser o protótipo.

Deste ponto de vista, se o aparto triunfou como consequência de uma desmobilização das massas, ele se torna, por sua vez, em um fator ativo desta desmobilização, na qual encontra sua justificação: as trágicas derrotas da revolução chinesa em 1927 confirmam de forma marcante os prognósticos da oposição, que denunciava a política comunista neste país. Porém, ao mesmo tempo, essa derrota debilita profundamente a oposição, precisamente por golpear a confiança, o ardor e a moral dos militantes. Assim, ela termina por reforçar o grupo dos que foram responsáveis por sua derrota, ao tornar irrealizáveis as perspectivas daqueles que haviam corretamente indicado como evitar o fracasso.

Idêntica contradição pesa sobre os métodos de luta da oposição: seus membros estão convencidos de que a política da direção debilita tanto o regime quanto a Internacional, e passam a denunciar o perigo, que para eles se aproxima, de uma restauração capitalista. Mas o abismo que se abre entre o partido e as massas e entre o aparato e os militantes é um fator que contribui para debilitar o regime frente a este

---

354 BARMIN, Alexander, *op. cit.*, pp. 244-245.
355 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, p. 284.

perigo. Para não agravar esta situação, a oposição se abstém de qualquer tipo de críticas desmoralizantes e de manifestações públicas que possam ampliar a ruptura existente no interior de um partido que continua sendo para eles o instrumento histórico necessário para a revolução mundial; não se queixam de sua existência, mas precisamente de sua incapacidade – devido a seus métodos burocráticos e sua miopia política – de constituir-se em um instrumento realmente eficaz.

Enquanto a oposição tiver uma existência legal dentro do partido, tais contradições não podem impedi-la de manifestar-se de forma unificada. Porém, a partir do momento em que se inicia a pressão do aparato sobre os opositores, ela perderá seu fôlego. Se verá dividida entre os que não querem mais continuar no partido e aqueles que não concebem a ideia de sair dele. Estes últimos se dividirão ainda entre os que querem ficar no partido para lutar dentro dele, e os que, para continuar na organização, estão dispostos a renunciar à luta.

São estas condições que explicam o linguajar esotérico no qual se dão estas controvérsias, feitas entre o punhado de privilegiados que conseguem entendê-las. Mais da metade dos membros do partido são analfabetos e as discussões acontecem no linguajar característico do partido: ambos os lados citam Marx, Engels e Lenin, todos se golpeiam mutuamente com pesadas colagens de citações, apelam à tradição, às autoridades doutrinais e a uma série de fórmulas que, para a maioria dos militantes, não são mais que palavras ao vento.

Os dirigentes da oposição são destacados marxistas que colocam questões de um alto nível teórico. Como poderia a "base" compreender as análises sobre a taxa de acumulação? Quando Bukharin se detém na frase em que fala da "exploração" do campesinato, pode, por acaso, um militante de base compreender que tal vocábulo não possui no léxico marxista o sentido vulgar e imoral do uso cotidiano? A este respeito, a mediocridade dos silogismos habitualmente usados por Stalin, a redundância de suas comparações e a grosseria de seus insultos, repetidos diversas vezes, acabam tendo um peso infinitamente maior do que as mais certeiras análises da oposição, quase nunca são publicadas, e quando o são, acabam sistematicamente deformadas. Quando a oposição expõe o projeto da represa de Dnieprstroi, Stalin argumenta que seria tão absurdo construí-la quanto presentear com um gramofone a um camponês que não tem nem vaca, nem trator. Entretanto, esse projeto "tão absurdo" será conhecido posteriormente como uma das "grandes realizações de Stalin". Mas poucos homens têm condições de analisar a enorme quantidade de dados econômicos necessários ao debate deste tipo de projeto. O plano de industrialização e planificação elaborado conjuntamente por Trotski, Piatakov e Preobrazhenski é uma conquista do pensamento socialista, e será aplicado, a seu modo, por seus adversários, após terem afirmado que este programa "superindustrial" e "superproletário" "não é mais que uma *utópica* superestrutura de ilusões social-democratas, uma máscara demagógica que

serve para dissimular a verdadeira essência direitista da plataforma da oposição", e após terem eliminado seus autores[356].

Deste modo, a oposição será continuamente golpeada. Denunciada como "fracionalista" a cada tentativa de fazer-se ouvir dentro do partido, ela é perseguida e condenada a limitar-se aos órgãos dirigentes, onde não tem nenhuma chance de convencer ninguém, e de onde não tem chances de sair sem ser vergonhosamente expulsa e acusada do maior crime de todos, o de divisionismo. Ainda assim, a oposição vai lutar por cerca de dois anos contra o cerco que se fecha ao seu redor e que terminará por fazê-la explodir, dadas as divergências que se acentuam gradualmente à medida que diminuem as suas possibilidades de ação.

A política direitista de Stalin-Bukharin

A linha contra a qual se levanta a Oposição Unificada não tem nada de original. Na realidade, é a mesma definida pela *troika* no XII Congresso, teorizada por Bukharin em 1924 e 1925. O que ocorre é que suas consequências se tornam mais evidentes com o passar do tempo. A diferenciação social não para de aumentar no campo, onde o poder do *kulak* se manifesta em um processo ininterrupto de concentração de terras. No período entre 1925-1926 são arrendados 15 milhões de hectares, frente aos 7,7 milhões do período 1924-25; quase todas por *kulaks*. O camponês pobre se faz empregar como jornaleiro[357] ou como arrendatário[358], e continua pagando aos agiotas quantias que chegam a ser até quatro vezes superiores às que deve ao fisco. Em algumas regiões o processo adquire proporções verdadeiramente alarmantes: na Ucrânia, 45% dos camponeses não possuem cavalos e 35% não possuem gado bovino. A direção das cooperativas vai escapando dos camponeses pobres para cair progressivamente nas mãos dos *kulaks*, que representam 6% de seus dirigentes. As 22 mil propriedades coletivas não são mais que uma gota d'água se comparadas aos 30 ou 40 milhões de propriedades privadas e à massa de 2,16 milhões de proletários agrícolas que, em agosto de 1926, se encontram empregados em fazendas de *kulaks* que utilizam mais de dez assalariados[359].

Esta pequena burguesia rural em pleno desenvolvimento não limita suas ambições à esfera imediata de seus interesses pessoais. Pelo contrário, exerce pressão sobre os soviets e inclusive sobre o partido para defender-se contra as associações de camponeses pobres ou contra os sindicatos, apesar destes não reunirem mais de 20% dos operários agrícolas; demonstra também sua oposição à nova legislação

356 *Pravda*, 3 de novembro de 1926, citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 291.
357 Trata-se do trabalhador do campo pago por dia, sem garantias trabalhistas e sem tempo de trabalho mínimo previsto (N. do E.).
358 Trata-se do trabalhador que, não tendo terras (ou não tendo terras suficientes para sobreviver) trabalha a terra alheia, pagando para isso um valor fixo, que independe da produção (N. do E.).
359 NAVILLE, Pierre e SIZOFF, Paul, *A economia soviética*, em *Lutte de classes 1927-1928*, nº15, pp. 458-460 e SERGE, Victor, *Rumo à Industrialização*, *op. cit.*, pp. 486-488.

soviética; requer um tratamento especial para o casamento registrado, e que tenha privilégios em relação à união livre; protesta contra os direitos que o código civil outorga às mulheres; exige que sua propriedade seja salvaguardada mediante uma série de medidas draconianas, como a aplicação da pena de morte aos ladrões de cavalos, que por vezes ela própria aplica, de maneira sumária. Definitivamente, esta pequena burguesia é a base e a vanguarda de todas as forças que podem vir a apoiar uma tentativa de restauração do capitalismo.

Enquanto isso, o ritmo da industrialização está longe de criar as condições da absorção dessas tendências. Certamente, a indústria russa recuperou seu nível de antes da guerra, embora sob novas condições, já que ela não se beneficiou dos capitais estrangeiros que serviram de base para a industrialização da Rússia czarista. Entretanto, a população aumentou em 10 milhões de habitantes durante este período, e o atraso industrial é mais significativo do que nunca, já que a recuperação foi realizada tendo por base o nível técnico de antes da guerra, enquanto os países capitalistas aproveitaram este período para aperfeiçoar seu maquinário: enquanto os preços russos do período anterior à guerra se encontravam num nível similar aos do mercado mundial, os de 1926 são duas vezes e meia mais altos. A Academia Comunista estima que em 1926 o valor pago a mais pelos consumidores russos pelos produtos industriais, o "bônus de carestia", chegou a um bilhão de rublos. O raquitismo da indústria fica evidente com o fenômeno que será conhecido como "escassez de produtos". O mesmo instituto acredita que a quantidade de produtos industriais que o mercado estaria pronto a absorver (mantendo-se todas as outras condições) chegue ao valor de 400 milhões de rublos. Este fenômeno explica a sobrevivência e os progressos do capital privado, cuja participação na produção é estimada em um valor que, segundo as fontes, varia entre 4 e 10%. Na própria Moscou, a indústria privada emprega 20 mil operários, sendo que na Ucrânia esse número se eleva a 620 mil. É o capital privado que domina por completo o mercado interno, às custas do qual recolhe grandes lucros. O volume de seus negócios em Moscou é igual ao movimentado pelas cooperativas. Em todo o país, o investimento privado cresce a mais de sete bilhões e meio de rublos ao ano, sobre um volume total de 31 bilhões. Além disso, é impossível avaliar seus enormes lucros, que constituem, na realidade, capitais subtraídos da acumulação estatal e, por consequência, do fundo de industrialização.

Desta forma voltam a aparecer dentro da sociedade russa os elementos característicos de uma burguesia tão vigorosa quanto temível. Porém, a administração e os organismos econômicos são tão perigosos quanto estes elementos, pesando sobre a economia de uma forma cada vez mais danosa, dado seu enorme aparato burocrático, freando com seu funcionamento parasitário o desenvolvimento industrial. Em 1927 as estatísticas revelam que frente aos 2.766.136 operários e empregados do setor industrial, existem 2.076.977 empregados na administração.

Uma circular do dia 16 de agosto de 1926, escrita por Rikov e Stalin, avalia em dois bilhões de rublos os gastos com a administração e gestão deste aparato, e em 300 ou 400 milhões a parte desse montante que poderia ser imediatamente economizada. Um informe de Ordzhonikidze, que aparece no *Pravda* de 15 de dezembro de 1926, constata um aumento de 43.199 pessoas nos quadros do Estado, isso após uma campanha de um ano em defesa da redução da planilha de funcionários. No dito informe constam exemplos mais escandalosos do não cumprimento de tais diretivas: por exemplo, o balanço anual do truste moscovita ocupa 13 volumes de 745 páginas cada, cuja elaboração e impressão custam por si sós 1,3 milhões de rublos. Enquanto isso, o salário real do operário não para de cair entre 1926 e 1927, quando finalmente se estabiliza.

A conjunção entre *nepmans*, *kulaks* e burocratas, denunciada pela Oposição Unificada, tem uma clara expressão na política de imobilismo e de *laissez-faire*[360] subentendidas e apoiadas pelas teorias de Bukharin, sobre a estabilização do capitalismo por um longo período, e de Stalin, sobre a construção do socialismo em um só país. O reflexo destas teorias na Internacional é uma nova política que rompe definitivamente com as concepções afirmadas durante seus quatro primeiros congressos, a saber, a política de "frente única" com as organizações reformistas, partidos e sindicatos não revolucionários. Como afirma Deutscher, "supor de antemão que a União Soviética teria que construir sozinha o socialismo do princípio ao fim era abandonar a perspectiva da revolução internacional; e abandonar essa perspectiva significava negar-se a participar da mesma e inclusive tornar-se um obstáculo a ela"[361]. A vontade de afirmar-se como "leninistas", o desejo dos dirigentes comunistas de outros países de se distanciarem do "trotskismo", a confusão, inicialmente involuntária, porém repetida e reafirmada cada vez com maior frequência, entre os interesses do Estado soviético, sua política externa e suas necessidades diplomáticas, de um lado, e os interesses da revolução mundial, dos demais partidos comunistas e as exigências da luta operária nos diversos países, por outro, explicam o resto.

Esta é a razão pela qual os comunistas poloneses, crendo erroneamente terem o aval da Internacional para apoiarem, em maio de 1926, o marechal Pilsudski no golpe de Estado que lhe permite chegar ao poder e, uma vez fortalecido, esmagar o movimento operário. A política de aliança com as classes não proletárias, com o *kulak* e com a pequena burguesia na Rússia se refletiu, no caso polonês, em uma aliança com um movimento pequeno-burguês de caráter supostamente socialista e camponês, mas que não demorou muito em transformar-se em uma ditadura militar apoiada nos grandes magnatas da alta burguesia financeira.

Em maio de 1925, depois de uma série de contatos de quase um ano com Purcell, dirigente dos sindicatos britânicos, os sindicatos russos fundam o Comitê Sin-

360 Literalmente, "deixar fazer" em francês. É considerada a expressão símbolo do liberalismo econômico (N. do E.).
361 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 278.

dical Anglo-Russo, saída diplomática que tenta minimizar a hostilidade da burguesia britânica. Seu principal resultado será o fortalecimento, graças ao prestígio internacional dos bolcheviques, dos dirigentes reformistas ingleses, que, após boicotarem a greve geral de maio de 1926[362], vão terminar apoiando o ataque contra a URSS, que será levado a cabo em 1927 por seu próprio governo[363].

A linha seguida pela direção do partido e da Internacional será ainda mais significativa no caso da China. Tal política se tornará, com o início da segunda revolução chinesa, em 1927, na grande polêmica com a oposição.

O começo da oposição

Conscientes das dificuldades que os aguardam depois dos dois fracassos anteriores, os dirigentes da oposição começam a se organizar. Trata-se de um passo decisivo, pois, com ele, violam uma disciplina à qual afirmam estarem submetidos; passam então a uma espécie de clandestinidade em relação ao partido. Seus militantes, depois de vários anos de atividade pública e de responsabilidades no Estado, voltam a submergir em um tipo de ação política que não praticavam mais desde os tempos do czarismo, mas que lhes continua familiar: reuniões secretas, encontros em domicílios privados ou em bosques, protegidos por piquetes e patrulhas, portadores, emissários, guarda-costas, "contatos", enfim, toda a parafernália da ilegalidade que agora enfrenta novas condições, já que o grupo clandestino dentro do partido deve lutar para escapar da vigilância da GPU. O primeiro objetivo é organizar uma rede que cubra todo o país e que conte com uma estrutura paralela ao partido. Para isto é imprescindível entrar em contato com pessoas

---

362 O leitor que se interesse por este episódio único da luta de classes na Inglaterra pode consultar a monografia de Julian Symons, The General Strike, publicada em 1957. Nesta obra poderá encontrar numerosos exemplos da forma como os trabalhadores britânicos, durante a greve geral, puseram em ação métodos de organização puramente soviéticos (no sentido etimológico do termo), o que conduz o autor a afirmar que "em muitos lugares os operários desejavam veementemente tomar o poder". São dignos de menção os dados aportados sobre o Comitê Central da greve de Merthyr Tydfil (p. 146), que contava com subcomissões de abastecimento, transporte, finanças, informação etc., e com a existência generalizada de grupos operários de autodefesa, autênticas milícias operárias, cuja criação foi condenada pelo Conselho Geral da greve por ser "imprudente e irrealizável" (p. 148). Outra de suas conclusões (p. 231) é a total responsabilidade da direção no fracasso de um movimento que não pôde atender às necessidades das massas por negar-se a assumir o caráter "político e revolucionário" que era necessário. O fato de que a grande maioria dos grevistas tenham tido a impressão de haverem sido traídos por seus dirigentes não parece, no entanto, ter contribuído para fortalecer as posições da "minoria" revolucionária dirigida pelos comunistas, já que a política dos dirigentes da greve parecia apoiada pelo Comitê Sindical Anglo-Russo.

363 O autor se refere aqui ao ataque, empreendido em 1927 por agentes do serviço secreto inglês, contra a sede da Sociedade Cooperativa Panrussa, situada em Londres e encarregada do estabelecimento de relações comerciais entre os dois países. Após esse ataque, as relações comerciais e econômicas entre os dois países serão rompidas, o que é especialmente prejudicial para a economia soviética, sendo restabelecidas apenas em 1929 (N. do E.).

para além do círculo de amigos que cada um possui, restabelecer antigas relações, sondar a disposição dos novos militantes, para assim criar pontos de partida em todo o país.

Poucos meses bastarão para que os elementos mais decididos das diversas oposições se organizem. Entre eles se encontram, em clara minoria, alguns antigos membros da Oposição Operária, assim como os aliados de Zinoviev, um pouco mais numerosos que os de Trotski, e, por último, os oposicionistas de 1923. No total, calculam entre 4 e 8 mil militantes, segundo as avaliações mais extremas. Certamente, esta cifra é ridícula se comparada aos 750 mil militantes com que conta o partido. Porém, se trata de uma vanguarda, cujo campo de ação será bem menor que o do partido. Acima de tudo, como destaca Deutscher, a característica fundamental de seus membros, sejam os velhos militantes ou os jovens recém -incorporados, é que são todos quadros responsáveis, dirigentes, líderes que, em maior ou menor medida, desconhecem todo tipo de carreirismo ou oportunismo. Apesar de Evdokimov, o único representante com que contava a oposição no Birô de Organização, ser rapidamente destituído, existem possibilidades de se apoiar em determinados setores do aparato, e, de fato, os escritórios de Zinoviev e da Internacional serão utilizadas para fins de recrutamento e de ligação. Naturalmente, a extensão desta rede exigiu a organização de numerosas viagens e reuniões. Os emissários são intimados um após o outro a se apresentarem perante as comissões de controle, obcecadas por encontrar uma prova definitiva da existência de uma fração. Tal prova será obtida por um provocador, que irá denunciar uma reunião da oposição, realizada em um bosque nos arredores de Moscou, presidida por Belenki, alto funcionário da Internacional, e da qual participa também Lashevich, membro do governo.

No terreno político, a Oposição Unificada se manifesta oficialmente pela primeira vez na sessão do Comitê Central de junho. Nesta ocasião, Trotski, em nome de todos, lê a "Declaração dos 13", baseada na resolução do dia 5 de dezembro de 1923, que reconhecia o avanço da burocratização dentro do Estado e do partido, descrevendo a agravação contínua desse problema, assim como o crescimento dos perigos internos que constitui o fortalecimento dos elementos pró-capitalistas, os *kulaks* e os *nepmans*. É neste quadro que se forma a oposição, uma oposição de esquerda, bolchevique e proletária à fração que detém o poder, ela própria uma aliança da "fração de Stalin", manifestação do aparato, com a direita, o grupo de Bukharin, o porta-voz dos *kulaks*. A oposição declara que está disposta a trabalhar imediatamente junto aos outros setores para "restaurar de comum acordo no partido um regime que [...] esteja em plena conformidade com nossas tradições" de democracia operária. Em caso de negativa, se propõe a lutar, seguindo os dispositivos estabelecidos pelos estatutos, para conseguir maioria e constituir-se como a direção que irá restabelecer uma trajetória correta dentro do partido.

Seu programa é um programa de classe, de "defesa do proletariado"[364]. Em primeiro lugar, se manifesta a favor do aumento dos salários na indústria e também de uma reforma fiscal que diminua os impostos sobre os camponeses pobres e médios, aumentando ao mesmo tempo e de maneira significativa os encargos sobre os *kulaks*. No médio prazo, defende uma política de apoio à coletivização no campo e, sobretudo, uma substancial aceleração do ritmo do desenvolvimento industrial, que a oposição concretiza com a exigência de "um autêntico plano quinquenal". Ela se propõe, assim, a reforçar o papel desempenhado pela classe operária no Estado proletário e a aumentar seu peso específico no país, devolvendo-lhe sua voz dentro do partido e combatendo os incipientes elementos capitalistas do campo. Ao destacar o perigo da crescente confusão entre os interesses do Estado russo como tal e os da classe operária internacional, a "Declaração dos 13" condena a política oportunista que inspirou o acordo com os sindicatos ingleses no Comitê Sindical Anglo-Russo, que apoiou, em nome dos revolucionários russos e em oposição aos operários ingleses, os dirigentes reformistas que acabavam de sabotar a greve geral de maio. Com esta denúncia a oposição declara guerra à teoria do "socialismo em um só país" que justifica as concessões oportunistas dos partidos comunistas estrangeiros e o total abandono das perspectivas revolucionárias.

As polêmicas são extremamente duras. Dzerzhinski, o chefe da GPU, morre de um ataque do coração após uma violenta intervenção contra Kamenev. Todas as propostas da "Declaração dos 13" são rechaçadas em bloco e a maioria, por sua vez, passa ao contra-ataque, criticando as "violações de disciplina" praticadas pela oposição. O oposicionista Ossovski, autor de um artigo no *Bolshevik*, em que exige a criação de um novo partido, é expulso; Trotski e seus companheiros, apesar de se dissociarem desta opinião, se negam a votar a favor da expulsão, pois, de seu ponto de vista, a responsabilidade desta "falta grave" é do aparato. A reunião da qual Lashevich participou é considerada uma "conspiração ilegal"; os responsáveis por ela são alvo de uma moção de censura; Lashevich é destituído de seu cargo de comissário, expulso do Comitê Central e privado de todo tipo de responsabilidade por dois anos; Zinoviev é expulso do Birô Político, sendo substituído por Rudzutak. A resolução final acusa a oposição de ter decidido "passar da defesa legal de seu ponto de vista para a criação de uma ampla organização ilegal em escala nacional que se enfrenta com o partido, preparando uma ruptura".

Esta é uma clara lição para a oposição: o partido nunca vai se inteirar daquilo que ela discute no Comitê Central. Não existe outra alternativa a não ser dirigir-se à opinião pública, utilizando para isto sua organização, que até então havia permanecido na clandestinidade, para um tipo de trabalho que, nesta ocasião, irá acontecer em plena luz do dia, em todas as células e comitês do partido. Os oposicionistas decidem, então, tentar essa nova investida no final de setembro,

364 DANIELS, Robert, *Documentary history of communism*, Nova York, Vintage Books, 1962, tomo I, pp. 280-287.

durante a XV Conferência do partido. Como é provável que o aparato reprima a iniciativa, se decide que serão os próprios dirigentes da oposição os que, autorizados pelos estatutos, irão até as células operárias defender nelas seus pontos de vista. Trotski, Piatakov, Radek, Smilgá e Sapronov vão até a célula dos ferroviários de Riazan-Ural, onde são bem recebidos: a célula vota uma moção que defende os principais pontos do programa da oposição. Explode o entusiasmo, sua primeira intervenção pública foi uma vitória. Porém, o comitê de Moscou protesta; não se deve permitir que os líderes da oposição "espalhem pelo partido uma febre oposicionista". Quando os mesmos líderes oposicionistas comparecem, alguns dias mais tarde, a uma célula da fábrica de aviões Aviapribor, os dirigentes pedem auxílio ao Comitê Regional. Uglanov, acompanhado de seu assessor Riutin, encabeçando um grupo de choque que servirá como reforço, chegará tarde demais para impedir que Trotski tome a palavra, mas a tempo ainda de ameaçar e intimidar. A partir do dia 27 de setembro, o *Pravda* inicia a publicação de listas nominais de "expulsos por levar a cabo atividades fracionais". Na votação, se enfrentam as teses da "unidade" – cuja defesa é feita por Riutin e Uglanov – contra as teses em favor da "discussão": são contados 78 votos favoráveis à unidade contra 27 partidários da discussão. Dadas as circunstâncias, não há dúvida de que o resultado são alentadores para a oposição.

Na realidade, este resultado foi apenas o prólogo de uma série de graves derrotas. Tanto em Moscou quanto em Leningrado, o aparato decidiu silenciar a oposição custe o que custar. Seus oradores serão atacados por grupos de choque – organizados por Riutin em Moscou – que assoviam e vaiam, abafando suas vozes, provocam incidentes e tumultos. Na fábrica Putilov de Leningrado, Zinoviev consegue falar durante 15 minutos em meio à confusão, obtendo apenas 25 votos contra 1.375. A oposição decide então denunciar os métodos de gangsterismo político que emprega o aparato ao enviar "provocadores" às reuniões com o fim de intimidar os operários. Stalin responde que é a "voz do partido", são e íntegro, que encobre a voz dos agitadores. Na realidade, o mais grave é que os testas de ferro dos comitês ditam as leis impunemente nas células, enquanto os operários permanecem indiferentes ou até submissos: podem até votar, "no susto", na oposição, mas imediatamente se retratam frente à violência e às ameaças. Uma vez reunida de novo, a célula Riazan-Ural reconsidera sua votação anterior, enquanto Molotov denuncia aqueles que não hesitaram em nenhum momento em "assediar uma célula operária". A oposição está encurralada, presa em uma armadilha: se tentar continuar com seus avanços, as reuniões de célula se converterão em um campo de batalha de violentos enfrentamentos, cuja responsabilidade lhe será atribuída, sem que possam ganhar um só novo membro para suas fileiras. A massa do partido demonstrou que aceitará sem protestos tanto o rechaço brutal da discussão, como as expulsões, que não tardam em seguir.

O bloco começa a rachar: alguns veteranos da Oposição Operária e do grupo Centralismo Democrático pensam que está suficientemente demonstrado que uma recuperação do partido não é mais possível e que os revolucionários devem romper com ele. Com posições contrárias, Zinoviev e Kamenev mostram seu medo das consequências da ação que estão empreendendo: acreditam que deram um passo errado ao organizar de fato uma fração, depois de terem sustentado publicamente a proibição destas, e também ao mobilizar a base contra o Comitê Central, do que ambos fazem parte. Também querem frear o processo que leva a oposição à expulsão. Também Trotski condena o projeto de fundação de um novo partido e continua a crer na possibilidade de recuperá-lo. No entanto, não acha que o resultado da batalha posa ser decidido em poucas semanas. Não se resigna a ser expulso sem antes poder manifestar publicamente sua opinião, mas também teme o desânimo e a capitulação de Zinoviev e Kamenev, que caem de uma maior altura do que ele, pois poderiam levar ao colapso de toda a oposição. Ele acredita também que seja possível fazer uma negociação que lhe permita permanecer no partido sem capitular, evitando ao mesmo tempo uma expulsão, que a base operária, pelo menos naquele momento, aceitaria com indiferença.

No dia 4 de outubro se inicia a discussão entre o Secretariado e os líderes da oposição. Stalin termina por aceitar uma resolução em se opta pela não expulsão. Trotski, Zinoviev, Piatakov, Evdokimov, Kamenev e Sokolnikov assinam um documento em que mantém integralmente as posições defendidas na "Declaração dos 13". Ao mesmo tempo, desautorizam as posições de Shliapnikov e Medvedev a favor de um novo partido, assim como a posição dos partidários estrangeiros da oposição como Souvarine, Maslow, Ruth Fischer e outros, que criticam publicamente o partido e a Internacional. Os líderes da oposição admitem fundamentalmente o caráter fracional de sua atividade e reconhecem ter rompido a disciplina partidária. Comprometem-se a acatá-la e pedem a seus companheiros que "dissolvam todos os elementos fracionais que se constituíram em torno das teses oposicionistas". A oposição declara igualmente errônea a alusão feita por Krupskaia ao Congresso de Estocolmo, que "poderia ser entendida como uma ameaça de ruptura", e conclui afirmando: "Cada um de nós se compromete a defender suas posições unicamente na forma fixada pelos estatutos e pelas decisões do congresso e do Comitê Central de nosso partido, pois estamos convencidos de que se realmente forem justas nossas concepções, estas serão adotadas pelo partido no curso de seu trabalho futuro"[365].

Na realidade, a declaração de 16 de outubro não é a capitulação a que tantos historiadores se referem. Porém, podemos considerá-la como o reconhecimento de uma grave derrota. Os dirigentes que a assinam se afastam de uma parte de seus efetivos ao condenarem o grupo de Medvedev-Shliapnikov, dando a alguns

365 *Correspondence Internationale*, nº114, 23 de outubro de 1926.

a impressão de terem retrocedido no exato momento em que eram ameaçados de expulsão. Sobretudo, eles aceitam seu retorno ao círculo vicioso do qual haviam tentado sair, primeiro na primavera, ao organizarem a fração, e mais tarde em setembro, ao iniciarem a ofensiva dentro das células. Ao mesmo tempo em que mantêm seus pontos de vista, aceitam não manifestá-los fora dos organismos dirigentes, onde não contam com nenhuma possibilidade de serem acatados e onde seus argumentos seguirão desconhecidos pela imensa maioria dos membros do partido. Muitos partidários da oposição enxergam tal declaração como uma aceitação de sua impotência, como se os próprios advogados da democracia operária se renunciassem a defendê-la. Por isso, para muitos, a última cartada já foi dada, e uma grande parte dos militantes vai abandonar uma posição que parece completamente sem perspectivas.

A XV Conferência

Apesar de tudo, a oposição não terá a trégua que havia negociado e a qual buscou contando com a perspectiva de participar de um congresso preparado democraticamente: a luta vai recomeçar e o XV Congresso não será convocado até o final de 1927, quando todos os chefes oposicionistas já terão sido expulsos. No dia 18 de outubro, Max Eastman publica no *The New York Times* (Os tempos de Nova Iorque) o testamento político de Lenin. Durante o outono do ano anterior, depois da publicação de um livro de Eastman que aludia à existência do dito documento e que citava longos trechos dele, Trotski havia aceitado – a pedido do núcleo dirigente da oposição, segundo escreve em 1928 a Muralov[366] – publicar no *Bolshevik* um artigo atacando duramente ao comunista americano, em que praticamente o acusava de atacar o partido russo com calúnias e falsificações[367]. Na realidade, dada a notória e íntima amizade entre Eastman e Trotski, era bastante óbvio que Trotski estava a par da iniciativa do americano: ao ceder ao ultimato do Birô Político, por considerar que o momento era inoportuno para iniciar uma nova batalha, Trotski se arriscava a isolar-se de seus próprios amigos no estrangeiro, e de aparecer, entre os próprios oposicionistas, como um capitulador. Em 1926, a situação de Trotski é uma das piores possíveis: Eastman tomou a iniciativa de publicar o documento em meio à ofensiva da oposição russa e crê contar com a aprovação de Rakovski. Porém, naturalmente, nem sequer suspeita de que, neste meio tempo, a oposição teve de retroceder e que o texto vai aparecer precisamente dois dias depois da declaração de 16 de outubro.

Stalin imediatamente acusa a oposição de jogar um jogo duplo ao pedir uma trégua em Moscou e atacar simultaneamente o partido com um golpe pelas costas.

366 *Carta a Muralov*, 11 de setembro de 1928, em *New International*, nº34, pp. 125-126.
367 *Declaração de Trotski sobre o livro de Eastman*, em *Correspondence Internationale*, nº72, 22 de julho de 1925, p. 601 e nº82, 22 de agosto de 1925, p. 672.

Por isto, declara que o acordo foi rompido, conseguindo também que o Comitê Central inclua no programa da XV Conferência um debate sobre a oposição, em que se reserva o papel de relator. No dia 25 de outubro submete seu projeto de informe ao Birô Político; neste, qualifica a oposição de "fração social-democrata". Esta proposta gera uma cena de extraordinária violência, onde Trotski chama Stalin de "coveiro da revolução". Natalia Sedova descreveu posteriormente a reação dos assustados amigos de Trotski e especificamente de Piatakov, que, completamente atônito, repetia: "Por que o chamou disso? Ele jamais vai perdoá-lo!"[368].

Durante a XV Conferência, que acontece entre os dias 26 de outubro e 3 de novembro, os chefes da oposição, fiéis aos termos de sua declaração de outubro, guardam silêncio durante seis dias, apesar dos ataques e sarcasmos de que são vítimas. No sétimo dia Stalin apresenta durante três horas seu informe sobre a oposição e a situação interna do partido. Depois de recordar exaustivamente o que Zinoviev e Kamenev já disseram em outros momentos sobre Trotski e o que este disse sobre aqueles, volta a empreender seus ataques, que posteriormente vão se tornar tradicionais, contra o "trotskismo", ao qual, segundo ele, os membros da "nova oposição" teriam aderido. Denuncia a atividade fracional, da qual a declaração de 16 de outubro – que não passa de uma manobra para enganar o partido - não é mais do que uma nova faceta, e conclui afirmando que a oposição insistiu em manter "integralmente" seu ponto de vista. Então: "Que tome, pois, a sopa que ela mesma cozinhou!". A política de industrialização preconizada pelos oposicionistas – que, em sua opinião, "condenaria à miséria milhares de operários e camponeses" – se enfrenta com a sustentada pelo Comitê Central e que se caracteriza por uma gradual melhora do bem estar, sem convulsões: "Menos discurso e mais trabalho positivo e criador para a edificação socialista". Seu informe termina com um chamado à luta por uma capitulação da oposição: "Para realizar a unidade completa, temos que dar um passo adiante, o bloco da oposição deve renunciar a seus graves erros e proteger desta forma o partido e o leninismo contra todos os ataques e tentativas de revisionismo de que é alvo"[369].

Kamenev, primeiro orador da oposição, apesar das frequentes interrupções, se mantém digno e frio. Explica a decisão de 16 de outubro como uma manifestação da vontade de evitar a qualquer preço uma ruptura que parecia inevitável. No entanto, diante das acusações de Stalin, a oposição não pode permanecer em silêncio. O começo de sua intervenção é um fiel expoente da temperatura política da sala; os mesmos delegados que haviam premiado Stalin com uma "entusiástica ovação" quando este recordou as polêmicas passadas de Zinoviev, Kamenev e Trotski contra Lenin, vociferam em desaprovação aos "métodos inadmissíveis" da lembrança dos ataques de Bukharin contra Lenin em 1918. Ao discutir tranquilamente as

---

368 SERGE, Victor, *Vie et mort de Trotsky*, Paris, Amiot-Dumont, 1951, p.181.
369 *Cahiers du bolchevisme*, edição especial, 20 de dezembro de 1926, pp. 2177-2222

"exageradas acusações" proferidas contra os oposicionistas, Kamenev desenvolve os argumento propostos no referente ao campo econômico e à burocratização do partido, declarando, ao mesmo tempo, que a aliança da "nova oposição" com Trotski se baseia no propósito de "defender concepções muito específicas". A resolução apresentada por Stalin torna difícil "o trabalho em comum, desejado pela oposição" e os ataques dos delegados não avançam em nada o debate: "Acusai-nos, se assim querem, camaradas, mas não estamos na Idade Média. Já não vivemos na época dos processos por bruxaria"[370].

Segundo a biografia de Deutscher, Trotski pronuncia um de seus melhores discursos, moderado em sua forma, porém brilhante e agudo em seu conteúdo. Consegue que o auditório preste atenção durante sua intervenção, apesar da hostilidade latente e obtém da conferência sucessivas prorrogações de seu tempo na tribuna. Explica as razões que motivaram a declaração de 16 de outubro:

> A virulência da luta fracional da oposição – quaisquer que tenham sido as condições que a provocaram – foram interpretadas por um grande número de militantes como a demonstração de que as divergências de opinião criaram a impossibilidade de um trabalho comum. Porém, o objetivo e o sentido da declaração de 16 de outubro foi fazer a defesa das opiniões que sustentávamos no marco de um trabalho comum e de uma responsabilidade solidária sobre a política de todo o partido.

No relativo à questão econômica, agrega uma grande quantidade de dados: atualmente a situação não é totalmente catastrófica, mas o pior seria fechar os olhos e não dizer a verdade a tempo. Recorda as propostas da oposição, e admite que estas podem ser errôneas, porém, se pergunta o que é que elas têm de "social-democratas" – como são qualificadas por Stalin –, questionando que sentido pode ter tal apelação. Ele é acusado de não ter confiança na URSS; no entanto, em sua obra *Rumo ao capitalismo ou rumo ao socialismo* propôs taxas de desenvolvimento industrial três vezes superiores às apresentadas pelo Comitê Central. É também acusado de semear o pânico com seus prognósticos sobre o conflito entre a cidade e o campo quando se refere à necessidade da Rússia de se apoiar no operariado europeu. O passado recente, no entanto, demonstra claramente que os prognósticos são plausíveis: por acaso os delegados esqueceram Kronstadt, a crise de 1921 e a imperiosa necessidade do giro radical que foi a NEP? Esqueceram a influência que exerceu na Europa a revolução russa e como foi defendida pela classe operária europeia?

Mais adiante entra em cheio na questão central do debate: a polêmica sobre a construção do socialismo em um só país. Começa provocando risos em toda a conferência ao usar citações de Bukharin, que acaba de escrever que o socialismo

370 *Ibid.*, pp. 2222-2245.

poderia ser construído abstraindo-se o cenário internacional. Bukharin, exclama Trotski, também pode passear totalmente nu por Moscou em janeiro se conseguir "abstrair" a temperatura e a polícia. Trotski ressalta igualmente sua preocupação de que a direção do partido não busque, com esta teoria, justificar um funcionamento rotineiro que sirva para dissimular de uma renúncia, uma perda de confiança, nas perspectivas revolucionárias. Nisto reside o verdadeiro perigo, pois não existe razão alguma para pensar que seja mais fácil para os russos construir o socialismo em um só país do que seria para o proletariado fazer a revolução. Resumindo, afirma: "Penso que a vitória do socialismo em nosso país só pode ser garantida através de uma revolução vitoriosa do proletariado europeu". Estas palavras não devem ser distorcidas:

> Se não opinássemos que nosso Estado é um Estado proletário, se bem que com determinadas deformações burocráticas, ou seja, um Estado que deve ser aproximado ainda mais da classe operária, apesar das opiniões falsas de certos burocratas; se não acreditássemos que empreendemos a construção do socialismo; se não opinássemos que existem em nosso país recursos suficientes para desenvolver uma economia socialista; se não estivéssemos convencidos de nossa vitória completa e definitiva, é evidente que nosso lugar não seria mais nas fileiras de um partido comunista.

Esta é a razão que faz com que a oposição condene qualquer tipo de divisão.

> Mas aquele que acredita que nosso Estado é um Estado proletário com um certo número de deformações burocráticas, causadas pela pressão do setor pequeno-burguês e do cerco capitalista, que estiver convencido de que nossa política não garante suficientemente bem uma nova repartição dos recursos nacionais, aquele que achar isso deve lutar, com os meios que lhe oferece o partido e sem abandonar o caminho do partido, contra aquilo que achar perigoso, mas assumindo a plena responsabilidade por toda a política do partido e do Estado operário[371].

Os métodos do aparato, cujo exemplo típico é a resolução apresentada por Stalin, supõem um autêntico perigo, porque transformam em um pedaço de papel sem valor nenhum o acordo de 16 de outubro, porque fazem ressurgir os métodos fracionais e, por fim, porque podem provocar a ruptura.

Zinoviev, tomando a palavra depois de Trotski, faz um fraco discurso. Em nenhum momento consegue se impor a um auditório completamente descontrolado. Ataca o tom dos artigos dos jornais que se referiam à oposição, como por exemplo o *Kommunisticheski Golos* (A voz comunista) de Saratov, que, durante a polêmica, parafraseou o poema de Blok: "É por acaso nossa culpa que vosso esqueleto se quebre sob nossos pesados pés?". Também arremete contra outros jornais que falavam

371 *Ibid.*, pp. 2245-2270.

de "exterminar a oposição". No entanto, seu tom moralista e a tentativa de recordar a forma com que Lenin tratava a oposição de sua época só conseguem suscitar o riso dos delegados, que ouvem Zinoviev desculpá-los sob o pretexto de que a luta interna não se leva a cabo com "luvas brancas" e que "os exageros são inevitáveis". Depois de ter mencionado, com uma grande coleção de citações de Lenin, as verdadeiras divergências, se mostra totalmente incapaz de retomar o controle da situação frente às crescentes vaias do plenário: "Me limito a justificar-me, não acuso ninguém". Se vê obrigado, inclusive, a renunciar falar sobre a Internacional e sobre o "bloco" formado com Trotski: seu tempo na tribuna se esgota e, apesar de seus protestos, a conferência se recusa a prolongá-lo[372].

Sua intervenção será presa fácil para um Bukharin irreconhecível, sarcástico e incisivo, violento e cínico, disposto a esmagar os oposicionistas, explorando a fundo suas vacilações e suas contradições. "O camarada Zinoviev [...] nos falou sobre como Lenin sabia lidar com uma oposição sem precisar expulsar a todos, quando, em uma reunião de operários, o próprio Zinoviev não conseguiu reunir mais do que dois votos. Lenin sabia perfeitamente como atuar frente a uma oposição, de fato. Porém, como é que poderíamos expulsar a todos, quando estes homens só contam com dois votos? Quando se conta com todos os votos a favor e somente dois contra, e ainda esses dois clamam contra um "termidor", então aí sim se pode pensar em fazê-lo". Stalin se levanta imediatamente para apoiá-lo neste ponto, como faz a conferência inteira quando Bukharin diz: "Afirmais haver batido em retirada por temor de uma catástrofe. Falem claramente, tal catástrofe é por acaso uma ruptura? Três homens eliminados do partido: eis os efetivos de tal "ruptura". Depois de uma feroz referência a Zinoviev e à sua "desmedida vaidade", Bukharin afirma cruelmente: "Tudo isto não é mais que uma farsa"[373].

Sua intervenção dá o tom de todas as restantes. Molotov afirma que a oposição está tomando "o caminho de Kronstadt", assegura que "a propaganda a favor de ideias hostis ao leninismo é incompatível com a qualidade de membro do partido", e que este não poderia de modo algum tolerar "o desenvolvimento e o agravamento deste desvio social-democrata". Rikov – que, em seu informe inicial, havia acusado a oposição de derrotismo, mas havia também reconhecido que "seria absurdo acusar a oposição de ter empreendido uma ação planejada para derrotar a ditadura do proletariado" – exige que a conferência faça com que "o partido adote as medidas necessárias para garantir a unidade e manter uma férrea solidez ideológica em nossa linha"[374]. O antigo oposicionista Larin denuncia como são "corruptas as teses da oposição" e afirma: "a revolução está deixando para trás alguns de seus chefes"[375]. Entretanto, houve ataques ainda mais graves: Shliapnikov e Medvedev

372 *Ibid.*, pp. 2274-2292.
373 *Ibid.*, pp. 2292-2313.
374 *Ibid.*, pp. 2176-2318.
375 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 282.

farão uma autocrítica de seus próprios erros, e chamam todos os partidários à se entregar[376]. Krupskaia rompe publicamente com a oposição. Com a capitulação da viúva de Lenin, que para muitos é a viva encarnação do espírito dos velhos bolcheviques, o aparato consegue uma enorme vitória moral.

Em sua resposta, Stalin exige a capitulação de toda a oposição, ameaçando-a com as seguintes palavras: "Ou vocês aceitam estas condições que são absolutamente indispensáveis para a unidade do partido, ou o partido que ontem os derrotou acabará amanhã com vocês inevitavelmente"[377]. A resolução final, adotada por unanimidade, condena a oposição como um "desvio social-democrata" e afirma que sua ação "só pode destruir a unidade do partido, debilitar a ditadura do proletariado e deixar o campo livre para todas as forças antiproletárias que, dentro do país, tentam debilitar e derrubar nosso Estado"[378]. Trotski e Kamenev são expulsos do Birô Político e a conferência solicita ao Comitê Executivo da Internacional que Zinoviev seja destituído de seu cargo de presidente.

Desta vez, o desastre será completo no que diz respeito aos cargos de responsabilidade. A expulsão será concluída na sessão do Comitê Executivo da Internacional, realizada em dezembro: nela, depois de um informe de Stalin, se expulsam os partidários da oposição nos partidos comunistas estrangeiros. Zinoviev não questiona esta decisão, porém dá "algumas explicações". Mais uma vez, Trotski critica a teoria do "socialismo em um só país". A maioria dos delegados estrangeiros, entretanto, já foi convencida de antemão: o delegado francês Jacques Doriot se distingue por sua denúncia das opiniões de tom oposicionista, sustentadas em conversas privadas pelo iugoslavo Voya Vuyovich, que já foi destituído no dia 27 de setembro de seu cargo de secretário da Internacional Comunista da Juventude. O ambiente da reunião reflete perfeitamente o discurso de encerramento feito por Stalin: "Sobre a questão de sua atitude frente a seu passado menchevique, Trotski responde, não sem certa exaltação, que o próprio fato de ter ingressado no partido constitui a prova de que havia abandonado na soleira tudo o que o separava do bolchevismo. Como se pode abandonar tais imundícies na soleira do partido? Por acaso Trotski deixou tudo isso na soleira para conservar tais políticas para as lutas futuras que se avizinham no seio do partido?"[379].

Nas fileiras da oposição se acentuam as contradições. Para os adeptos da ideia de um novo partido, os antigos membros da tendência "Centralismo Democrático", conhecidos como "decistas"[380], a XV Conferência demonstrou claramente a determinação do aparato e seu controle sobre o partido degenerado, além do oportunismo dos líderes da oposição e a persistência das ilusões que os fizeram capitular no dia 16 de outubro. Como consequência, se afastam da Oposição Uni-

376 *Cahiers du bolchevisme*, edição especial, *op. cit.*, p. 2127.
377 *Ibid.*, pp. 2270-2274.
378 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 452.
379 *Correspondence Internationale*, nº143, 29 de dezembro de 1926, p. 1867.
380 Abreviação de centralistas democráticos, na sigla em russo (N. do E.).

ficada e formam, junto com Sapronov e Vladimir Smirnov, o Grupo dos 15, cuja tese fundamental é de que a luta dentro do partido assumiu um caráter de classe: "Stalin tem ao seu lado um exército de funcionários, enquanto a oposição se apoia no setor operário do partido; o grupo de Stalin e da pequena-burguesia não poderá ser derrotado sem que a oposição consiga a simpatia ativa e um franco apoio por parte da classe operária. Portanto, é necessário formar um núcleo que sirva à causa da revolução proletária"[381].

De maneira contrária, outros membros da oposição pensam que a XV Conferência demonstrou a impossibilidade de chegar a qualquer tipo de acordo: para estes militantes, que estão convencidos de que a fundação de um segundo partido seria uma catástrofe para a causa do socialismo, a única solução que resta é capitular e se curvar perante a direção vitoriosa, dissolver a fração e manter o silêncio. Zinoviev e Kamenev estão a ponto de adotar esta posição. Frente à repressão que se inicia dentro do partido e à proliferação dos expedientes de expulsão, aconselham a seus partidários que tentem de todas as maneiras evitar a expulsão, dissimulando, se for preciso, suas opiniões e votando com a maioria para confundir-se com ela: em sua opinião a luta só é concebível se for levada a cabo desde dentro do partido.

Trotski e seus companheiros mais próximos, o núcleo da oposição de 1923, não têm ilusões em relação à eficácia desta tática, que conduz inevitavelmente à desmoralização e ao abandono definitivo da luta. Para eles, a cada dia que passa surgem mais provas confirmando suas teses sobre o risco da restauração do capitalismo. De fato, o "inimigo da classe" Ustrialov[382] acaba de escrever, no dia 19 de outubro, em seu jornal de emigrados brancos *Novosti Zhizni* (Notícias da vida), as seguintes palavras: "Glória ao Birô Político se a declaração de arrependimento dos dirigentes da oposição é resultado de sua capitulação incondicional e unilateral. Seria deplorável se esta fosse apenas fruto de um acordo. (...) O Comitê Central vitorioso deve conseguir imunizar-se internamente contra o perigoso veneno da oposição. (...) Se não for esta a realidade, se abaterá uma verdadeira calamidade sobre o país. (...) E isto justifica por que não só nos opomos a Zinoviev, como também apoiamos deliberadamente Stalin"[383]. No entanto, para adquirir força, estes argumentos teriam que germinar em outra terra, em outro partido, e no seio de uma classe operária menos indiferente e menos esgotada.

Trotski confessa a Victor Serge, durante uma conversa, que não se trata somente de atacar a deslealdade de Stalin e os métodos utilizados pelo aparato. No dia

381 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 452.

382 Tendo começado como um apoiador feroz dos brancos, na guerra civil (conforme indicado anteriormente), com o passar dos anos, Ustrialov vai reivindicar cada vez mais as posições de Stalin e a nova URSS, sobre a qual vai dizer que "é como o rabanete, vermelha por fora, mas branca por dentro". É considerado um dos fundadores da tendência conhecida como "nacional-bolchevismo", que nada mais é que uma forma de fascismo russo (N. do E.).

383 *Novosti Zhizni*, 19 de outubro de 1926, citado por KAMENEV, Lev, *Correspondence Internationale*, nº11, 24 de janeiro de 1927, p. 156.

26 de novembro elabora para si mesmo o rascunho de teses que nunca chegará a concluir, mas que nos apresentam sua compreensão pessoal da situação e das possibilidades da oposição nesta batalha. Ao destacar que "na história, as revoluções sempre foram seguidas por contrarrevoluções", afirma que "a revolução é impossível sem a participação das massas", cujas "esperanças de um futuro melhor estão sempre conectadas com as consignas revolucionárias". Porém, estas esperanças são geralmente exageradas, o que explica a inevitável desilusão das massas frente aos resultados *imediatos* de uma revolução. Em 1926 as massas operárias russas passaram a ser "mais prudentes, mais céticas e menos diretamente receptivas às consignas revolucionárias e às grandes generalizações". Ao referir-se ao grande debate que acaba de acontecer, também escreve, sempre para si próprio:

> A adoção oficial da "teoria do socialismo em um só país" significa a aprovação teórica de uma virada que já aconteceu. (...) Se converte a revolução permanente em um espantalho precisamente com o propósito de explorar o estado de ânimo de um importante setor dos operários, que não são carreiristas, mas que estão engordando, começando uma família. Utilizada com este propósito, a teoria da revolução permanente não tem nada a ver com a velha discussão, que foi relegada aos arquivos da história, mas serve para espantar o fantasma de novas convulsões: heroicas "invasões", violação da "lei e ordem" – tudo isso se converte em uma ameaça para as realizações do período de reconstrução, abrindo uma nova época de esforços e sacrifícios imensos[384].

Tal fenômeno está longe de ser novo. No dia 10 de setembro de 1918, Sosnovski já havia apontado no *Pravda* o que ele considerava ser uma consequência da desmoralização e da diminuição do entusiasmo das grandes massas: a aparição "simultânea não só do desejo de uma vida melhor – natural por parte dos operários –, mas também de uma tendência a querer viver o melhor possível segundo o princípio 'Depois de mim, o dilúvio!'". No entanto, os dirigentes do aparato fomentam ativamente este cansaço autêntico, e esse estado depressivo do movimento operário não pode ser superado apenas pela ação da oposição. Se uma revolução triunfasse no exterior, o sopro de 1917 voltaria a ser sentido por todo o país, reanimando os que perderam as esperanças e inspirando a abnegação e a iniciativa da geração mais jovem, que atualmente se vê esmagada pelo peso dos mais velhos.

Pouco antes de sua morte, em resposta a todos aqueles que fazem o inventário de seus erros e das oportunidades que desperdiçou, Trotski escreverá sobre este período:

> A Oposição de Esquerda não poderia tomar o poder, nem mesmo o desejava [...]. Uma luta pelo poder, encabeçada pela Oposição de Esquerda, por uma organização marxista revolucionária, só pode ser concebida nas condições de um levante revolucionário (...). No início da década de

384 Texto incluído em *Fourth International*, volume 2, nº8, pp. 251-252.

> 1920 não existia tal levante na Rússia, muito pelo contrário: em tais condições, iniciar uma luta pelo poder estava totalmente fora de questão (...). As condições impostas pela reação soviética eram infinitamente mais difíceis do que haviam sido as condições impostas pelo czarismo aos bolcheviques[385].

O que fazer então? Para Trotski, o essencial é resistir, permanecer a postos o maior tempo possível para poder afirmar os princípios, denunciar a deturpação do socialismo que está acontecendo e preservar as oportunidades revolucionárias que possam surgir no exterior. O aparato está enraizado precisamente no atraso das massas russas, em sua miséria e sua baixa cultura; sua influência se deve ao desalento, à inércia, ao desespero e a uma espécie de conservadorismo instintivo. A vitória da revolução em um país estrangeiro, sobretudo se ocorrer num país avançado – e segundo as suas análises isto era possível – pode produzir uma reviravolta na situação, desmontar em poucos dias o reinado do "socialismo em um só país", voltar a colocar as massas em ação, esses "milhões que fazem política" aos quais Lenin gostava de se referir. Antes de tudo, é preciso manter a análise marxista e os princípios internacionalistas que se deduzem desta; lutar contra a mentira paralisante e contra as ilusões que desarmam; as perspectivas revolucionárias devem ser mantidas, ainda que na atualidade estas não sejam escutadas nem entendidas. Por fim, a oposição adota essas teses e, no fim de dezembro, a fração, de maneira ainda mais clandestina, volta a funcionar, mesmo estando seriamente debilitada.

A revolução chinesa

O inverno transcorre sem incidentes nem polêmicas. A partir de abril, a batalha será retomada, desta vez em torno do problema da revolução chinesa: a oposição empreende uma ofensiva contra a linha aplicada na China pela Internacional, que segue as instruções do partido russo. O que se discute nesta nova batalha tem uma enorme importância: obviamente, em primeiro lugar, está em jogo o "futuro do proletariado chinês", como afirma Trotski. No entanto, junto com esta revolução que, em seu assalto contra a velha China e as potências imperialistas, arrasta milhões de operários e dezenas de milhões de camponeses chineses, toda a estratégia revolucionária - o papel do partido, a influência das organizações de massas, a natureza do poder do Estado e as relações entre a massa e a vanguarda, será colocada em pauta, assim como ocorrera em 1917.

Certamente, as divergências são importantes: o proletariado chinês, de acordo com as linhas de desenvolvimento do capitalismo industrial, se encontra num nível inferior àquele alcançado pelo proletariado russo de antes da revolução; na China, o velho sistema feudal permanece praticamente intacto no campo; o Estado

385 TROTSKI, Leon, *Stalin, op. cit.*, pp. 522-523.

é muito débil e, dada a combinação entre a pilhagem imperialista e os resultados da primeira revolução, está dividido entre diversos "senhores da guerra". Entretanto, nos pontos principais, o desenvolvimento da sociedade chinesa se deu conforme previa a lei do desenvolvimento desigual, e a revolução se deu segundo o ritmo do desenvolvimento combinado, exatamente como ocorreu na Rússia no início do século 20. Na realidade, a diferença essencial entre ambas revoluções está no fato de que a russa foi a primeira deste tipo a ocorrer em um país semicolonial. Já a China, cujas características coloniais são mais acentuadas, conta com a possibilidade de beneficiar-se não somente da experiência russa, mas também dos conselhos e da ajuda técnica e militar dos comunistas russos.

Contudo, mesmo antes da oposição fazer da "questão chinesa" seu cavalo de batalha, a partir de abril de 1927, as ações dos comunistas chineses parecem ter, contra sua vontade, tomado um rumo bem diverso das dos bolcheviques de 1917, embora o movimento de massas tenha apresentado tendências semelhantes. O minúsculo partido comunista chinês, dirigido por Chen Duxiu, um intelectual de prestígio, decidiu, em 1922, que seus militantes deveriam aderir individualmente ao Kuomintang[386], partido nacionalista idealizado e organizado por Sun Yat-sen, o pai da primeira revolução chinesa, que na época disputava com seus próprios generais o controle da China meridional.

O Kuomintang é uma organização bastante frouxa, e seu programa inclui a unificação nacional, a reforma agrária e algo de socialismo. Os comunistas se juntam a ele para travar contato com seus militantes operários, bastante numerosos, sobretudo na região de Cantão. Em 1924, o governo de Sun Yat-sen assina uma aliança com o embaixador Yoffe: o jovem movimento nacionalista chinês busca apoio no exterior, se aproveitando do prestígio com que conta a primeira revolução vitoriosa junto aos operários e camponeses chineses. O Birô Político russo envia Borodin como conselheiro permanente do Kuomintang. O partido chinês, integrado ao Kuomintang, forma uma série de quadros organizadores que se esforçam em reproduzir a estrutura e os métodos bolcheviques. O novo exército nacionalista conta com oficiais russos e vários oficiais nacionalistas vão fazer cursos em Moscou. Um deles, Chiang Kai-shek, em seu retorno à China, em 1924, funda a Academia Militar. Este oficial, ambicioso e inteligente, encarnação da jovem burguesia chinesa, se expressa no congresso do Kuomintang usando uma linguagem claramente revolucionária: "Nossa aliança com a União Soviética e com a revolução mundial é, na realidade, uma aliança com todos os partidos revolucionários que lutam juntos contra todos os imperialistas pela revolução mundial". A Câmara de Comércio de Cantão é então inundada com os gritos de "Viva a revolução mundial!". Tudo isto se deve ao fato de que a construção do Estado Nacionalista do Sul exige a mobilização das massas operárias e camponesas.

386 Literalmente, "Partido Nacionalista Chinês" (N. do E.).

No entanto, estas começam a atuar por conta própria: a grande greve de Cantão e Hong Kong em 1924 verá o surgimento do que de fato é o primeiro soviet chinês: o comitê de delegados dos grevistas, eleito pelos operários, que conta com 2 mil homens armados e com uma polícia própria; este organismo cria um tribunal, decide a construção de escolas, dita leis e as executa, organiza seus próprios comitês de abastecimento, transportes etc. A partir deste momento, começam a surgir dificuldades: os dirigentes do Kuomintang tentam deter o avanço do movimento operário. Então, em outubro de 1925, a direção do partido comunista chinês decide se afastar do Kuomintang para poder assim dirigir a luta operária de forma independente. O Comitê Executivo da Internacional se opõe a esta posição. A linha ditada ao partido comunista consiste, em primeiro lugar, em evitar que se inicie uma luta de classes contra a burguesia nacionalista do Kuomintang, e em segundo, em frear os movimentos camponeses, abstendo-se de todas as críticas contra a ideologia oficial dos nacionalistas, o "sunismo". A análise em que se apoiam Stalin e Bukharin para defender tal política é a seguinte: a revolução chinesa é uma revolução burguesa; porém, em sua luta contra o feudalismo e a burguesia internacional, a burguesia desempenha um papel revolucionário e anti-imperialista, tornando imprescindível sua aliança com os operários e camponeses. Bukharin explicará mais tarde:

> O Kuomintang é uma organização de tipo *especial*, um organismo intermediário entre um partido político e uma organização como os soviets; este deve ser integrado por diferentes grupos de classe. (...) O Kuomintang inclui a *burguesia liberal* (aquela que em nosso país se organizou em torno aos kadetes e que se transformou em contrarrevolucionária ainda *nas etapas anteriores à revolução*), a pequena burguesia e a classe operária. Do ponto de vista de sua *organização*, o Kuomintang *não é* um partido, se nos atemos à tradicional acepção do termo. Sua estrutura permite que se lute por uma maioria em seu interior, uma conquista que irá se iniciar desde a base, mediante a realização em suas fileiras de um agrupamento de classe. (...) Nossa obrigação é *explorar* esta peculiaridade no curso da revolução chinesa. (...) É preciso transformar progressiva e aceleradamente o Kuomintang em uma organização efetiva de massas, (...) empurrar *para a esquerda* seu centro de gravidade, *modificar a composição social de sua organização*[387].

No início de 1926, a Internacional Comunista aceita a adesão do Kuomintang na qualidade de "partido associado" e Chiang Kai-shek, que, desde a morte de Sun Yat-sen, divide com Wang Ching-wei a direção do Kuomintang, passa a ser "membro associado" do Comitê Executivo. Entretanto, no dia 20 de março, ele fará um pequeno "golpe de Estado" em Cantão, detendo os dirigentes sindicais comunistas, fechando as sedes da União Geral de Trabalhadores e expulsando os comunistas da direção do Kuomintang. Ao mesmo tempo, exige, como condição prévia para a

387 BUKHARIN, Nikolai, *Problémes de la révolutión chinoise*, Paris, Bureau d'éditions, 1927, pp. 50-51.

permanência destes na organização, a proibição a todo tipo de crítica ao "sunismo", assim como a entrega de uma lista com o nome de todos os filiados ao partido. Tanto a Internacional quanto o partido russo pressionam o partido comunista chinês a aceitar tais condições. Nesta ocasião, em abril de 1926, Trotski discorre sobre o problema da independência do partido comunista chinês e critica a inclusão do Kuomintang na Internacional. Esta discussão ocorre a portas fechadas e, de fato, nenhuma nova divergência vai surgir até abril de 1927.

Na verdade, um conflito entre Chiang Kai-shek, que controla o exército, e Wang Ching-wei, líder dos civis e do governo, está sendo gestado. Chiang Kai-shek começa uma marcha para o norte para enfrentar-se com os "senhores da guerra" e esta campanha lhe serve de pretexto para proibir, em nome do patriotismo, qualquer tipo de greve ou agitação operária nas zonas controladas por ele. No entanto, sua marcha suscita novos levantes camponeses, ocupações de terras e insurreições operárias e o partido comunista chinês, percebendo a dificuldade de Chiang Kai-shek em restabelecer a "ordem" conforme avança em suas conquistas, solicita novamente, por meio de Chen Duxiu, a autorização para levar a cabo uma política independente. Este pedido será rechaçado. Stalin afirma na XIV Conferência: "Nosso partido respondeu ao desafio histórico de encabeçar a primeira revolução proletária do mundo. Estamos certos de que o Kuomintang conseguirá desempenhar idêntico papel no Oriente"[388]. No dia 18 de maio, ele mesmo qualifica o Kuomintang como "partido único operário e camponês" e durante a VI Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista o define como um "bloco revolucionário formado por operários, camponeses, intelectuais e pela democracia urbana (burguesia), cuja base se assenta sobre a comunhão de interesses de classe destes setores em sua luta contra os imperialistas e contra a ordem militarista-feudal de conjunto"[389]. Felicita igualmente a campanha de Chiang Kai-shek, que, em sua opinião, "significa a liberdade de reunião, a liberdade de greve e a liberdade de coalizão para todos os elementos revolucionários, em especial para os operários"[390].

Da mesma forma, Bukharin, ao caracterizar a etapa em que se encontra a revolução, "pelo fato de que as forças revolucionárias já estão organizadas em um poder de Estado que conta com um exército regular e organizado", conclui: "O avanço de tais exércitos constitui uma forma peculiar de processo revolucionário"[391].

Frente a Chen Duxiu, os dirigentes soviéticos voltam a afirmar o "papel objetivamente revolucionário da burguesia", apoiando o ingresso dos comunistas no governo do Kuomintang, que lhes oferece os ministérios da agricultura e do trabalho.

---

388 ISAACS, Harold, *The tragedy of the chinese revolution*, Stanford, Stanford University Press, 1951, p. 85.

389 *Ibid.*

390 *Ibid.*, p. 119.

391 *Ibid.*, p. 112.

Sob tais condições, são perfeitamente compreensíveis as vacilações dos comunistas chineses. No dia 19 de março explode em Xangai uma greve geral que se transforma quase espontaneamente em insurreição. O partido comunista lança a consigna de "assembleia de delegados"; porém, não faz desta uma diretiva para a sua ação. Organiza um comitê "de cúpula" e não estimula a eleição de nenhum delegado. Seus aliados o abandonam e, sem outras perspectivas, a insurreição é derrotada. Voitinski, delegado da Internacional Comunista em Xangai, escreverá mais tarde: "Deixamos passar um momento histórico extraordinariamente favorável. O poder já se encontrava nas ruas e o partido não soube tomá-lo ou, o que é pior, não quis fazê-lo, teve medo"[392]. Em março, as tropas de Chiang Kai-shek chegam às portas de Xangai, e é uma insurreição operária, dirigida pela União Geral dos Trabalhadores, que vai terminar de expulsar os últimos soldados inimigos do norte da cidade. O *Pravda* do dia 22 de março anuncia: "Os trabalhadores vitoriosos entregaram as chaves da cidade de Xangai ao exército de Cantão. Este gesto resume a força heroica do proletariado chinês". A partir deste momento, Chiang Kai-shek vai se dedicar a preparar abertamente o extermínio dos comunistas de Xangai.

Neste momento intervém a oposição. No dia 31 de março, em uma carta dirigida ao Comitê Central, Trotski reclama da falta de informações sobre os acontecimentos na China, afirmando que o país parece passar por um poderoso ascenso do movimento operário. Por que não é lançada a consigna de formação de soviets? Porque não se impulsiona a revolução agrária? Se esta linha não for aplicada, o proletariado chinês pode ficar à mercê de um golpe militar. No dia 3 de abril escreve um artigo, cuja publicação lhe será negada. Nele, afirma que o partido coloca os operários e camponeses chineses no mesmo bando que a burguesia: converter o partido comunista chinês em um refém do Kuomintang equivale a uma traição. É preciso dizer que o Kuomintang não é em absoluto um partido de operários e camponeses. No dia 5 de abril, Trotski escreve que Chiang Kai-shek prepara um golpe de Estado, e que somente a organização de soviets poderá pará-lo. Da mesma maneira, no dia 12, formula uma longa resposta a um artigo de Martinov, antigo "economicista" e menchevique de direita, integrado ao partido depois da guerra civil, e que, neste período, defende a teoria da "revolução por etapas", do mesmo modo que já a defendia para a Rússia antes de 1917, mas desta vez contando com o apoio de Stalin e Bukharin e aplicando-a à situação chinesa[393].

---

392 *Ibid.*, p. 136.

393 Claramente, a presença de Martinov no comitê de redação da revista *Internationale Communiste* constitui, durante todo este período, um cavalo de batalha para a oposição. É interessante destacar que a admissão de Martinov no partido bolchevique havia sido proposta pelo próprio Stalin durante o XIII Congresso, quando o define como "um dos mais honestos e eficientes militantes mencheviques". Posteriormente, Martinov cometeu o erro de votar a favor de uma resolução da oposição durante uma das discussões sobre o novo curso. Na XIII Conferência, Stalin se apoia literalmente neste

No dia 5 de maio, Stalin faz um discurso para três mil militantes na Sala das Colunas: "Chiang Kai-shek se submete à disciplina. O Kuomintang é um bloco, uma espécie de parlamento revolucionário (...). A única opção de Chiang Kai-shek é lançar seu exército contra os imperialistas"[394]. O partido comunista chinês adverte Moscou que Chiang Kai-shek quer desarmar os operários de Xangai. A resposta é a seguinte: "Enterrem as armas!", Bukharin irá comentar posteriormente esta decisão dizendo que, de fato, alguém poderia perguntar "se por acaso não seria melhor esconder as armas, não aceitar a luta e, desta forma, não se deixar desarmar"[395]. O partido comunista chinês se aproxima ainda mais de Chiang Kai-shek, desmente os rumores sobre dissidências e rechaça a oferta feita pela Primeira Divisão do Exército de Cantão, que se propõe a sair em defesa dos sindicatos operários em contraposição à política do generalíssimo.

No dia 12 de abril, sete dias depois do discurso de Stalin, no mesmo dia em que Trotski escreve sua resposta a Martinov, os pistoleiros de Chiang Kai-shek, que contam com o apoio dos banqueiros e dos homens de negócio ocidentais, atacam os piquetes e as sedes operárias. Dezenas de milhares de operários, entre eles muitos comunistas, são acusados de "reacionarismo" e de conspirar com os "militaristas do norte" e são assassinados. No dia 21, Stalin vai declarar que "os acontecimentos confirmaram plenamente a justeza da linha"[396] defendida pela Internacional. Bukharin vai, futuramente, fazer apenas um breve comentário sobre este episódio, que resultou no esmagamento completo da vanguarda operária chinesa: "A burguesia passou para o bando da contrarrevolução"[397].

A "discussão chinesa"

Obviamente, o total esmagamento do proletariado de Xangai e a traição de Chiang Kai-shek infligiram um sério golpe ao prestígio da direção encabeçada por

fato: "Os Martinovs fazem parte da oposição. Prestem atenção nisto. É por acaso um produto do azar que aqueles que expressam correntes de opinião não proletárias votem a favor da oposição? Não, isto não é uma mera coincidência". Martinov, desde então, seguiu a disciplina mais estrita e somente a oposição pôde, posteriormente, fazer ironias sobre o seu passado, acusando-o de "representar uma corrente não proletária". Aos olhos da direção, o mesmo havia se convertido em um "verdadeiro bolchevique". Tratava-se de uma casualidade? Certamente não. Manuilski dará uma boa prova de tal afirmação na VII Assembleia Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista (*Corr. Int.*, nº11, 1927), ao sair em defesa do tcheco Smeral, o qual Trotski acaba de atacar violentamente por ter se posicionado contra a oposição, recordando-lhe seu passado chauvinista e suas numerosas concessões à burguesia. Desde que se tornou comunista, diz Manuilski, "Smeral, como um bom soldado disciplinado, (...) aplicou todas as decisões de seu partido e da Internacional". Os ex-mencheviques ou antigos oposicionistas em semelhante situação não tinham outra opção, a não ser adotar uma disciplina cega, se não quisessem ser atacados ou ter seu passado descoberto e usado como arma.

394 ISAACS, Harold, *op. cit.*, p. 162.

395 BUKHARIN, *Problèmes...*, *op. cit.*, p. 57.

396 Citado por ISAACS, Harold, *op. cit.*, p. 185.

397 BUKHARIN, *Problèmes...*, *op. cit.*, nº57.

Stalin e Bukharin. Tais fatos poderiam ter aumentado a popularidade da oposição, que, apesar de sua total falta de informação sobre os acontecimentos, os havia previsto. No entanto, tais críticas da oposição não conseguiram atravessar a muralha de silêncio que envolvia as deliberações dos organismos dirigentes. Somente alguns poucos quadros conheciam as posições de Trotski e Zinoviev. Entretanto, os líderes da oposição vão encampar a discussão da "questão chinesa" tanto na Internacional quanto no partido, com a mesma energia com que Stalin e Bukharin – que negavam o fracasso para não terem que assumir suas responsabilidades no mesmo – insistiam de maneira obcecada em manter a mesma linha. Bukharin costumava analisar o golpe de estado de Xangai como "a insurreição da alta burguesia contra o Kuomintang". O partido comunista chinês, posteriormente, deveria apoiar, contra Chiang Kai-shek, o governo de Wang Ching-wei instalado em Hankeu.

Durante a reunião do Comitê Executivo da Internacional do dia 24 de maio, Trotski inicia o ataque: desta vez a direção não poderá dissimular frente ao partido o tamanho da derrota sofrida, nem sua direta responsabilidade na mesma. É preciso imediatamente a remediar a situação, impulsionando os movimentos camponeses que se desenvolvem em toda a China, lançar a consigna de soviets para apoiar o movimento, organizá-lo e preparar a aliança de operários e camponeses. O Birô Político "desarmou politicamente" a classe operária chinesa porque aplicou na China a mesma "concepção burocrática, de aparto" que tem da autoridade revolucionária e que encontra seu mais fiel reflexo no regime vigente no partido comunista russo. Lançar, como faz Stalin, a consigna de rearmamento em oposição à de organização de soviets é uma aberração: os sindicatos e organizações de massas que Stalin aponta como alternativa não podem em nenhum momento desempenhar o papel essencial de defesa e de organização do "duplo poder" que teriam os soviets[398].

Stalin interrompe a discussão para anunciar que a Grã Bretanha acaba de romper relações diplomáticas com a URSS, comentando, ao mesmo tempo, que, para sua ofensiva, Trotski escolheu o momento em que o partido deve enfrentar-se contra uma "cruzada global", uma verdadeira "frente única que reúne desde Chamberlain até Trotski". Trotski responde serenamente que "nada, nem ninguém ajudou mais a política de Chamberlain do que a política equivocada de Stalin para a China". No entanto, isto parece não ter muita importância, já que tudo está decidido de antemão. Stalin escolheu a linha a ser seguida, expondo-a com seu característico estilo escolástico: "A revolução camponesa é a base e o conteúdo da revolução democrático-burguesa na China. O Kuomintang e o governo de Hankeu constituem o centro do movimento democrático-burguês". Agitar a consigna de organização de soviets significaria declarar guerra a Hankeu. Agora, "existindo já uma organi-

398 Arquivos, citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, pp. 334-338.

zação revolucionária específica, adaptada às condições chinesas e que prova seu valor em prol do futuro desenvolvimento da revolução democrático-burguesa na China, (...) seria estúpido destruí-la". Desdenha igualmente de qualquer tipo de analogia com a Rússia, "já que a Rússia se encontrava às vésperas de uma revolução proletária, enquanto a China se enfrenta com a iminência de uma revolução democrático-burguesa e também porque o governo provisório russo cumpria um papel contrarrevolucionário, enquanto o atual governo de Hankeu é um governo revolucionário na acepção democrático-burguesa da palavra". Complementando, chega inclusive a afirmar que a "ala esquerda do Kuomintang desempenha, na atual revolução democrática chinesa, aproximadamente o mesmo papel que os soviets russos desempenharam em 1905"[399].

"Admirável comparação!", há de comentar mais tarde Wang Ching-wei, que se ocupou durante as semanas seguintes em reprimir, junto do governo de Hankeu, aos movimentos camponeses, ao mesmo tempo em que se reconciliava com Chiang Kai-shek. A Stalin não restava outra solução a não ser censurar todas as notícias da China, preparar a eliminação dos dirigentes comunistas chineses que haviam se encarregado das responsabilidades que lhes foram impostas, e imprimir à política do partido chinês a viragem que havia de se iniciar em outubro e que culminaria na insurreição suicida de Cantão, cuja realização foi decidida em Moscou e organizada em nome de um soviet formado clandestinamente no escritório do partido chinês com o auxílio dos envidados russos Lominadze e Neumann.

A lucidez da oposição não conseguiu nem "salvar o proletariado chinês", nem reverter a tendência geral na URSS mediante uma vitória revolucionária. Mas a discussão sobre a China mostrou que, se a direção do partido não tinha escrúpulos em tomar para si, pelo menos na aparência, os slogans da oposição, ela iria tolerar cada vez menos a sua existência.

O Chamado dos 83

Apesar de tudo, a discussão sobre a China serviu fundamentalmente para devolver à oposição uma coerência que ela tinha perdido completamente no final de 1926. Depois da deserção de Krupskaia, na XV Conferência, as rupturas haviam se multiplicado: este foi o caso do velho bolchevique Badaiev, depois de Zalutski, Sokolnikov, além de outros que seguiram o exemplo. Para convencer seus camaradas, Trotski teve que se empenhar a fundo. Preobrazhenski e Radek continuavam tão hostis à "revolução permanente" quanto Zinoviev e Kamenev, empenhados em afirmar sua ortodoxa leninista e, portanto, sua fidelidade à "ditadura democrática do proletariado e do campesinato". Eles não consentirão, de modo algum, que a oposição exija a saída do partido comunista chinês de dentro do Kuomintang. Na verdade, só se decidiram por isto no final desta discussão, contentando-se nos me-

399 Citado por ISAACS, Harold, *op. cit.*, pp. 241-258.

ses decisivos em reivindicar para os comunistas chineses o seu direito a uma política independente. No entanto, os acontecimentos confirmam os pontos de vista de Trotski, permitindo-lhe empregar com todas as suas forças suas características de lutador e polemista, assim como sua genial capacidade de análise e de previsão. O resultado final é que a oposição acaba se unindo em torno dele.

Alguns dias antes da sessão plenária de abril, a oposição decide recolher as assinaturas de alguns militantes para uma declaração de solidariedade a Trotski e Zinoviev, o Chamado dos 83. "Todos nós estávamos unidos em prol da revolução chinesa", conta Victor Serge, afirmando que "em todas as células onde havia oposicionistas (...) os debates do Comitê Central se reproduziam com idêntica violência"[400]. Esta é a época em que Serge e seu amigo Chadaev, que nos últimos meses estavam isolados em sua célula, observam que um jovem operário também vota com eles. Através dele, se informam de que existem outros que também estão de acordo com a oposição e pensam em unir-se a ela. "O gelo se fundia. As fragmentadas informações de que dispúnhamos nos faziam perceber que o mesmo ocorria em todo o partido". Chadaev declara: "Me parece que vão nos destruir antes que se produza o grande degelo"[401].

De fato, neste período começam a acontecer as primeiras detenções de militantes da oposição. O Secretariado empreende um sistemático desmantelamento de sua direção: Rakovski, que continua no cargo de embaixador em Paris, recebe Piatakov e Preobrazhenski, que são mandados para acompanhá-lo no cumprimento de uma "missão". Antonov-Ovseenko é enviado a Praga, Safarov a Ancara e Kamenev é nomeado embaixador na Itália fascista. O elemento mais brilhante da jovem geração de oposicionistas, Elzear Solnzev, próximo a Trotski desde 1923, será primeiro enviado para a Alemanha e mais tarde para os EUA. Outros militantes são enviados para a Sibéria ou Ásia Central. Frente a todos estas arbitrárias "transferências", a indignação cresce e, em meados de junho, vários milhares de oposicionistas se manifestam na estação Yaroslavl para expressar simpatia e solidariedade com Smilgá, que é envidado para Khabarovsk. Paradoxalmente, é a própria repressão que os leva a esquecer a prudência, e a multidão está furiosa. Trotski e Zinoviev acabam se decidindo por falar à multidão, correndo o risco de serem acusados por indisciplina, ainda que só para pedir por prudência: Trotski fala sobre o perigo de guerra e a necessidade de união no partido. A manifestação não chega a ter maiores consequências, porém, a partir do dia seguinte, alguns dos que haviam participado dela começam a ser convocados pelas comissões de controle do partido. No dia 28 de junho, durante o Comitê Central, Trotski denuncia as calúnias e provocações que sofre a oposição. Afirma: "O caminho do grupo dos stalinistas está fixado rigorosamente. Hoje falsificam nossas palavras, amanhã falsificarão nossos atos". Recordando a campanha de

400 SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, pp. 212-123.
401 *Ibid.*, p. 214.

calúnias levantadas em 1917 contra Lenin, prognostica: Falarão de "vagão selado", de "ouro do estrangeiro" e de "conspirações"[402].

A partir de agora fica claro que Trotski lutará: como membro do Comitê Central, falará no XV Congresso, ainda que a oposição não conte com nenhum delegado. Poderá assim revelar ao partido, a todo o país e à Internacional tudo aquilo que a imprensa russa dissimula cuidadosamente, como a responsabilidade do Birô Político na questão chinesa. Para evitar isso, Stalin apresenta uma moção de expulsão contra Trotski e Zinoviev. Yaroslavski é o encarregado de apresentar o dossiê: nele, reprova a intervenção dos oposicionistas no Comitê Executivo da Internacional e acusa o Chamado dos 83 de ser uma "atividade fracional", bem como a manifestação na estação de Yaroslavl e as críticas feitas por Zinoviev perante indivíduos não pertencentes ao partido, feitas por ocasião do aniversário do *Pravda.*

Frente à comissão, Trotski continua lutando. Desenvolve a comparação com o termidor da Revolução Francesa, acusa Stalin de debilitar a defesa da URSS com sua política, denuncia o agravamento sistemático dos conflitos internos e também a busca de alianças com os sindicatos ingleses, que apoiam o governo de Chamberlain contra a URSS. Também afirma: "Seguiremos criticando o regime stalinista até que fechem nossas bocas fisicamente"[403]. O presidium, representado por Ordzhonikidze, propõe expulsar Trotski e Zinoviev do Comitê Central. No entanto, a maioria hesita, de modo que Stalin, então, se vê obrigado a somar às denúncias uma nova, a de "derrotismo", pois supostamente Trotski teria, em uma carta a Ordzhonikidze, afirmado que em caso de guerra adotaria a mesma atitude de oposição que teve Clemenceau em 1917 frente a um governo que considerava inapto para conduzir a guerra até a vitória[404]. A "tese Clemenceau" é transformada em uma ameaça expressa de golpe de Estado.

Na sessão conjunta do Comitê Central e da Comissão de Controle que acontece no dia 7 de agosto, Krupskaia pede aos membros da oposição "unidade" e que estes "sigam o Comitê Central"[405]. Trotski volta ao ataque, exige "unidade revolucionária" no lugar de uma "hipócrita união sagrada", acusa a direção de ter debilitado a

402 Arquivos, citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed, op. cit.*, p. 340.
403 *Ibid.*, p. 343.
404 Em uma reunião do Comitê Central de 1927, Trotski fez uma analogia histórica entre a Rússia da época e a França de 1917. Segundo esta analogia, o imperialismo, para defender seus interesses históricos mais profundos, não hesitou, mesmo durante a guerra, em derrubar o fraco, vacilante e incompetente gabinete de Paul Painlevé e impor Georges Clemenceau, o mais consciente e coerente defensor do imperialismo, como novo chefe de governo da França. Da mesma forma, o proletariado não deveria hesitar, mesmo sob as condições do cerco imperialista, em derrubar o fraco e incompetente governo de Stalin e impor um governo forte e consciente dos interesses históricos e estratégicos do proletariado mundial, condição necessária à própria vitória em caso de guerra. Este governo só poderia ser o governo da Oposição de Esquerda. Esta tese de Trotski, apelidada assim de "tese Clemenceau", foi objeto de inúmeras falsificações e ataques por parte do stalinismo, que o acusava de querer sacrificar o governo soviético e a ditadura do proletariado em nome da luta pelo poder (N. do E.).
405 Documentos incluídos em *Correspondence Internationale*, nº84, 13 de agosto de 1927.

URSS ao provocar a derrota da revolução chinesa, e cita um discurso de Voroshilov onde este condena a política de formação de soviets, pois poderiam debilitar a vanguarda dos exércitos de Chiang Kai-shek, qualificando o discurso de "catástrofe" e de ser "o equivalente de uma batalha perdida". Medindo suas palavras, continua: "A direção de Stalin, em caso de guerra, tornaria a vitória mais difícil"[406].

A maioria continua vacilante e a oposição tenta então desfazer o cerco dividindo a maioria, através de uma "declaração pacífica": rechaçando a interpretação derrotista da tese Clemenceau, a oposição afirma estar "absolutamente e sem reservas a favor da defesa da pátria soviética contra o imperialismo". Defende igualmente seu direito à crítica e afirma existirem, dentro do país, graves elementos de degeneração termidoriana, precisando que não acusa nem o partido nem sua direção de serem termidorianos. Ainda condena qualquer ideia de ruptura no partido e conclui: "Executaremos todas as decisões do partido e de seu Comitê Central. Estamos dispostos, sempre que seja necessário, a acabar com todos os elementos de fração que tenham se formado por termos sido forçados, dado o regime do partido, a divulgar nosso verdadeiro ponto de vista, que se encontrava distorcido pela imprensa"[407].

A "declaração pacífica" afasta o perigo de expulsão imediata. O historiador Yaroslavski escreve: "A sessão plenária se limitou a emitir uma categórica advertência dirigida à oposição e manteve Zinoviev e Trotski no Comitê Central"[408]. Tudo indica que, nesta ocasião, a oposição supôs ser capaz de explorar as vacilações da maioria: a votação representa um fracasso para Stalin, que não conseguiu obter a expulsão desejada. A "declaração pacífica" não constitui uma capitulação e, de fato, o isolamento da oposição parece estar a ponto de ser rompido dentro do partido com a difusão da carta que Yaroslavski batizou mais tarde de "carta da viúva": o texto, assinado por vários militantes veteranos, entre os quais se encontra a viúva de Sverdlov, Novogorodtseva, solicita um "perdão mútuo" e a constituição de um Comitê Central que agrupe representantes de todas as tendências[409].

A batalha da plataforma

As forças que entraram em jogo no dia 8 de agosto, poupando os dirigentes da oposição e lhes garantindo uma trégua, permanecem desconhecidas. Da mesma maneira, pouco se sabe sobre os conflitos no interior da maioria e sobre como o secretário geral conseguiu acabar com as resistências dentro de sua própria fração. Em todo caso, a partir do dia 9 de agosto, os jornais aparecem repletos de resoluções – de inspiração óbvia – que exigem uma "vigilância maior" e que consideram que a declaração é "insuficiente". As expulsões se multiplicam. Por fim, o congresso

406 Arquivos, citados por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, p. 353.
407 *Correspondence Internationale*, nº85, 18 de agosto de 1927, pp. 1166-1167.
408 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, op. cit., p. 457.
409 *Correspondence Internationale*, nº85, p. 1169.

do partido, previsto para novembro, é adiado em um mês. A oposição elabora sua plataforma. Redigida por Trotski, Zinoviev, Kamenev, Smilgá, Piatakov e um grupo de jovens, entre os quais se encontram Yakovin, Dingelstedt e Leon Sedov, filho mais velho de Trotski, ela será submetida ao exame de todos os grupos da oposição e, quando possível, às células operárias. No dia 6 de setembro, seus líderes se dirigem ao Birô Político e ao Comitê Central, se queixam de perseguição pelos membros do aparato e, contradizendo as decisões da sessão plenária de agosto, solicitam que seja feita uma preparação honesta para o próximo congresso, permitindo a publicação de todos os documentos nos jornais do partido. O Comitê Central responde se negando a publicar a plataforma, cuja elaboração é qualificada como "fracional" e com uma clara proibição de que esta circule dentro do partido. Desta forma, a mera discussão é simplesmente colocada fora da lei, pela recusa do Comitê Central, segundo a declaração de Stalin, de "legalizar a fração de Trotski".

Mais uma vez a oposição se encontra encurralada: "Tudo indica que o Comitê Central teme a discussão mais que tudo e que não pretende, de forma alguma, defender sua linha em qualquer discussão política honrada que aconteça dentro do partido. (...) O grupo stalinista está decidido a (...) fabricar o XV Congresso apenas com secretários"[410]. Para seguir adiante, a oposição deve voltar imediatamente à ilegalidade e, como dirá Alski, colaborador de Trotski, "abrir assim um caminho para a legalidade"[411]. Como consequência, a oposição imprimirá o texto da plataforma, lhe dará a devida difusão dentro do partido e entre os operários independentes, recolherá assinaturas e, apesar da proibição expressa, celebrará reuniões e comícios, impondo assim, pela força, o reconhecimento de sua "legalidade". Finalmente, esta é a única alternativa – abrir uma brecha, como no outono de 1926 –, mas desta vez sem possibilidade de recuo, pois não há outra alternativa entre a "legalização" e a expulsão.

Esta decisão acaba de ser tomada quando a repressão ataca: durante a noite do dia 12, os agentes da GPU descobrem a "gráfica clandestina" da oposição, dirigida pelo velho bolchevique Mrachkovski, que é detido e será posteriormente expulso junto a outros 14 militantes, assim como Preobrazhenski e Serebriakov, que assumem publicamente sua responsabilidade em tal empreitada. A imprensa do partido, absolutamente controlada, anuncia a desarticulação de um "complô", no qual parece estar envolvido um guarda branco, antigo oficial do exército de Wrangel. Este dado tem alguma base real: um antigo oficial branco ajudou os jovens militantes da oposição a imprimir o texto da plataforma. O que os jornais não falam, mas que Trotski, Zinoviev e Kamenev conseguem extrair de Menzhinski, chefe da GPU, e que este confirmará posteriormente em seu relatório para o Comitê Central, é que este antigo oficial branco, cujo nome é Stroilov, que trabalha sob as

410 Arquivos, DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 312.
411 Citado por KRITCHEVSKI, *Correspondence Internationale*, nº27, 21 de dezembro de 1927, p. 1949.

ordens do provocador Tverskoi, passou a ser agente da GPU, sendo encarregado de montar uma complexa operação de provocação. De fato, ele ofereceu ao jovem oposicionista Cherbatov os meios técnicos de difusão do documento. Na sessão do Comitê Central, Stalin admite os fatos e tenta justificar tal provocação:

> A oposição parece dar muita importância ao fato de que o antigo oficial de Wrangel que foi procurado pelos aliados da oposição (...) tenha sido desmascarado como agente da GPU. Mas qual é o problema em que este mesmo oficial de Wrangel ajude o poder soviético a descobrir as conspirações contrarrevolucionárias? Quem pode discutir o direito do poder soviético de atrair antigos oficiais para utilizá-los para desmascarar tais conspirações?[412]

No entanto, os jornais nunca chegarão a dar à segunda parte da história a mesma importância que conferiram à primeira: "O mito do 'oficial de Wrangel' se difunde por todo o país, envenenando a alma de milhões de membros do partido e de dezenas de milhões de independentes"[413]. O assunto contribui para dar maior consistência às acusações de organização de atividades contrarrevolucionárias e permite desviar a atenção dos problemas políticos levantados pela oposição. No dia 27 de setembro, Trotski comparece para depor no Comitê Executivo da Internacional: entre os seus juízes se encontra Marcel Cachin, colaborador do governo burguês da França durante a guerra e redator-chefe do *L'Humanité* (A humanidade)[414], o mesmo jornal que saudou Chiang Kai-shek como "herói da comuna de Xangai". Trotski os provoca, assinalando que vão expulsá-lo de um Comitê Executivo que se esqueceu de expulsar Chiang Kai-shek e Wang Ching-wei, que continuam como "membros associados", apesar da matança de operários e camponeses que promoveram na China. "Nenhum organismo, afirma Trotski, discute e adota resoluções na atualidade. Todos se limitam a aplicar decisões, e o presidium da Internacional Comunista não constitui uma exceção". Naturalmente, é expulso; o mesmo acontece com Vuyovich[415].

Apesar de tudo, a oposição consegue imprimir sua plataforma em uma gráfica do Estado, cujo diretor é detido. A tiragem é de 30 mil exemplares, segundo o Birô Político, que também afirma que somente 12 mil foram distribuídos e que a maioria deles foi apreendida. O documento começa a circular com a capa de uma obra literária conhecida: *O caminho da luta*, de Furmanov. Zinoviev e Kamenev calculam que serão necessárias de 20 a 30 mil assinaturas para fazer com que Stalin retroceda, mas a oposição consegue com dificuldades alcançar o primeiro milhar. A oposição também tem que lutar contra o medo. Mesmo assim, conseguem alguns êxitos. Trotski, Kamenev, Zinoviev e Smilgá vão a bairros operários

412 Informe incluído em *Correspondence Internationale*, nº114, 12 de novembro de 1927, p. 1642.
413 *Declaração da oposição* em *New International*, 4 de outubro de 1927, p. 124.
414 *L'Humanité* é, desde 1920, o jornal do Partido Comunista Francês (N. do E.).
415 *Correspondence Internationale*, nº101, 5 de outubro de 1927, p. 1425.

de Moscou e Leningrado para falar com algumas dezenas de operários que se aglomeram em casas minúsculas. Posteriormente, quando os quadros adquirem certa consistência, se lançam a uma campanha pública; acontecem reuniões que burlam a vigilância armada de cassetetes, mobilizada pelo aparato em cada bairro para impedi-las. Os chefes da oposição se empenham em deixar claro que sua passagem à luta ilegal foi a última solução e que, de fato, foram forçados a isto; exigem salas para fazer reuniões e, quando estas são negadas, as ocupam. Desta maneira, conseguem fazer em Moscou um verdadeiro motim em um dos anfiteatros da Escola Técnica Superior, que foi ocupado de surpresa. Com a energia elétrica cortada, Kamenev e Trotski falam durante duas horas à luz de velas perante 2 mil pessoas, enquanto uma verdadeira multidão se aglomera em frente ao local lotado. Em Leningrado é preparada uma operação similar para ocupar uma das salas do Palácio do Trabalho, onde vão tomar a palavra Radek e Zinoviev. No entanto, Zinoviev desiste da operação no último momento e Radek se nega a ser o único orador: seus partidários se limitarão a discursar em uma conferência oficial dos metalúrgicos. Em Kharkov, Rakovski toma a palavra frente a 300 operários numa reunião não autorizada. Por sua vez, Trotski vai discursar em duas fábricas de Moscou, nas quais a oposição conta com alguns partidários.

Todas estas ações acabam sendo bastante alentadoras e a oposição considerará que está alcançando seu objetivo e que conseguiu abrir uma brecha: a massa do partido começa a interessar-se por seus argumentos. Alguns dirigentes acreditam até que o êxito está se aproximando quando, no dia 17 de outubro, em Leningrado, durante a festa de aniversário do Comitê Central, Zinoviev e Trotski, situados ao lado da tribuna oficial, são aclamados por uma série de operários que se reúnem em torno deles. Segundo Victor Serge, os dois líderes acreditam que a situação se inverteria efetivamente a seu favor: "As massas estão conosco"[416], escreverá Zinoviev posteriormente. "Este é o acontecimento mais importante que se produziu no seio do partido nos últimos anos, (...) seu significado político é enorme"[417]. Trotski, em sua autobiografia, qualifica o episódio como um reflexo do descontentamento dos operários de Leningrado, mas de modo algum como uma decisão de lutar contra o aparato[418]. A opinião de que, naquela ocasião, os dirigentes da oposição tinham tomado seus desejos por realidade ao interpretar como uma manifestação política o que não era mais que uma salva de afetuosas aclamações festivas, não pode ser aceita sem reservas. É bastante verossímil a afirmação de que Zinoviev tinha razão ao opinar que aquela manifestação tinha preocupado Stalin, sendo decisiva para que este atuasse mais rapidamente. Também parece inquestionável que, a partir deste momento, o secretário geral demonstrou uma enorme pressa em acabar com o problema.

416 SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 214.
417 *Pravda*, 2 de novembro de 1927, citado por SORLIN, Pierre e Irene, *op. cit.*, p. 212.
418 TROTSKI, Leon, *Ma Vie*, tomo III, p. 273.

Este é o momento em que o Comitê Central ouve a proposta de Kirov, que solicita a adoção de um programa para o décimo aniversário da revolução que contenha a semana de cinco dias e a jornada de sete horas de trabalho. A oposição responde com a afirmação de que isto é "pura demagogia" e sugere que, em primeiro lugar, se aplique de verdade a jornada de oito horas, que em quase todos os casos não é mais que uma mera frase sobre o papel, e que se aumentem os salários mais baixos. Consequentemente, vota contra a proposta. Tanto o *Pravda* quanto a propaganda oficial se utilizam de tal ato para "desmascarar" uma vez mais uma oposição que se autodenomina "proletária", mas que luta contra todas as medidas que favorecem a classe operária. O tom geral vai ser dado pelo historiador oficial Yaroslavski: "O vergonhoso voto dos trotskistas contra a jornada de sete horas serve, melhor que todas as suas declarações, para revelar a fisionomia menchevique da oposição"[419]. A oposição então perde terreno. Seus protestos e seus argumentos são enterrados completamente pelo alarde desencadeado pela propaganda oficial. De fato, a defesa dos interesses operários constituía praticamente o único ponto da plataforma que era compreendido e aprovado para além do pequeno setor englobado pela oposição. Este é o ambiente que impera no momento em que Stalin se prepara para solicitar novamente ao Comitê Central, reunido entre os dias 21 e 23 de outubro, a expulsão de Trotski e Zinoviev. O relato das cenas de selvageria que se seguem a esta decisão é bem conhecido: da tribuna dos oradores, Trotski, protegido por seus amigos, injuriado e ameaçado – chegam a lançar contra ele livros, tinteiros e um vaso –, prossegue indiferente com sua defesa: "A marca predominante de nossa atual direção é sua fé na onipotência dos métodos violentos, inclusive quando estes são exercidos contra o próprio partido. (...) Os seus livros não prestam para serem lidos, mas ainda servem para serem lançados na cabeça das pessoas"[420]. Também afirma que Stalin quer dividir com "um risco de sangue" a oposição e o partido; prevê os massacres e os expurgos e encerra sua intervenção com as seguintes palavras: "Podem nos expulsar. Mas não podem nos vencer". Stalin, tão tranquilo quanto Trotski, nesta reunião que parece ter se convertido em um verdadeiro pandemônio, responde a Zinoviev, que acaba de recordar o testamento de Lenin e a brutalidade do secretário geral do partido: "Sim, camaradas, sou brutal com aqueles que, brutal e deslealmente, querem derrotar e dividir o partido. Nunca escondi isso"[421]. Segundo ele, a oposição se apoiou "com o seu pesar e contra a sua vontade, em uma série de elementos antissoviéticos". Ela tomou um caminho que conduz à ruptura. É preciso aniquilá-la. Zinoviev e Trotski são assim expulsos de um Comitê Central do qual Stalin se tornou dono e senhor.

No entanto, a batalha continua. Na assembleia dos militantes de Moscou, Ivan Nikitich Smirnov consegue tomar a palavra, mas Kamenev e Rakovski são expul-

419 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, pp. 474-475.
420 Citado por SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 220.
421 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 315.

sos da tribuna. O mesmo ocorre com Badaiev e Evdokimov no mesmo dia em Leningrado. O *Pravda* anuncia que a oposição só conseguiu um voto contra 2.500 em Moscou e nenhum contra 6.000 em Leningrado. Parece estar inevitavelmente definida a expulsão do partido, pois está claro que seus porta-vozes não vão poder tomar a palavra no congresso. Ela perdeu a batalha pelas assinaturas, e sabe que nem sequer apresentará suas listas de apoiadores ao Birô Político, para evitar que a repressão se abata sobre todos os seus membros.

No dia 4 de novembro se reúne na casa de Smilgá o centro dirigente da oposição. Kamenev preside os trabalhos. Entre Trotski, que deseja lutar até o final porque crê nada se pode esperar dessa situação, e Zinoviev, que novamente considera a possibilidade de um acordo, se acentuam as divergências. Ao final, as recordações da manifestação de 17 de outubro determinam sua decisão: a oposição resolve participar das manifestações do dia 7 de novembro[422], durante o desfile oficial, com suas próprias consignas: "Abaixo o oportunismo!", "Aplicação do testamento de Lenin!", "Evitar a divisão!", "Pela unidade bolchevique!", "Abaixo o *kulak*, o *nepman* e o burocrata!". No dia 5 de novembro, a Comissão Central de Controle convoca Zinoviev, Kamenev, Trotski e Smilgá, chamando-os a renunciar a este projeto. Smilgá responde que a comissão deveria primeiro garantir a liberdade de opinião antes de tentar impor condições a esta.

A manifestação do dia 7 vai ser preparada cuidadosamente por ambos os lados. No entanto, os oposicionistas, contando apenas com um punhado de valorosos militantes, parecem estar vencidos de antemão. Conhecem-se poucos detalhes referentes ao fracasso da manifestação de Kharkov, dirigida nas ruas por Rakovski. Em Leningrado, os oposicionistas chegam a alcançar a tribuna oficial. Porém, posteriormente, são habilmente afastados pelo serviço de segurança, que os separa da multidão, detendo Zinoviev e Radek até que todos voltem às suas casas. No entanto, acontecem vários incidentes entre a polícia e os manifestantes encabeçados por Badaiev e Lashevich. Em Moscou os incidentes são mais graves: os manifestantes da oposição dispersos em pequenos grupos em meio à multidão que se dirige à Praça Vermelha, abrem seus cartazes e estandartes. Seu número supera as centenas, segundo o testemunho de um renegado da oposição. Porém, todo o material é imediatamente apreendido por ativistas colocados ao longo do caminho que passam posteriormente a cercar os seus portadores. Ao que parece, somente os estudantes chineses puderam conservar seus cartazes até a Praça Vermelha. Pouco depois, os grupos que já foram localizados são dispersos e atacados, e alguns manifestantes são presos. Um comando invade a Casa dos Soviets, onde Smilgá coloca uma bandeira com palavras de ordem e os retratos de Lenin e Trotski. Os militantes que lá se encontram são atacados. Incidentes idênticos ocorrem no Hotel du Grand Paris, onde Preobrazhenski, que encabeçou a manifestação,

422 Trata-se da comemoração da Revolução Russa, que cai no dia 25 de outubro no calendário juliano, e no dia 7 de novembro, no calendário gregoriano (N. do E.).

é violentamente atacado. Trotski, que chega num carro, tenta dirigir uma coluna de operários até a Praça da Revolução. Imediatamente é cercado por militantes e ridicularizado por eles. Então, um disparo atinge a janela de seu carro. Não existe alternativa a não ser desistir de tentar chegar à praça.

Com o cair da noite, a derrota já é um fato consumado. A partir de então, "trotskistas" e "zinovievistas" se chocam em todas as reuniões da oposição. "Lev Davidovich, chegou o momento de ter coragem o bastante para capitular", diz Zinoviev, ao que Trotski responde: "Se esta coragem bastasse, a revolução já teria triunfado no mundo inteiro"[423]. Ambos são expulsos do partido no dia 15. Rakovski, Evdokimov, Smilgá e Kamenev são expulsos do Comitê Central. No dia 16, Adolf Yoffe, velho amigo de Trotski, afetado por uma doença incurável, se suicida. Pela última vez, os dirigentes da oposição falam com seus partidários no dia 19, no enterro de Yoffe, que é presenciado por 10 mil pessoas, segundo Trotski, ou vários milhares, segundo Serge: "A luta continua. Que todos permaneçam em seus postos!", diz Trotski. Rakovski, em nome de todos os presentes, pronuncia o juramento solene de seguir até o final a bandeira da revolução.

O XV Congresso

Os preparativos do congresso continuam sob o signo dominante da luta contra a oposição. Os dirigentes da maioria indicam o tom durante as conferências preparatórias. Tomski declara: "Stalin não fugiu em nenhum momento de seu papel de chefe. A ofensiva da oposição pretendia apresentá-lo como um obscuro malfeitor, e aos membros do Comitê Central e do Birô Político como uma série de lacaios e aduladores por ele manipulados. Abaixo destes se encontraria um aparato de funcionários temerosos do secretário Stalin e, ainda mais abaixo, outros militantes, com medo do secretário de célula". Esta é uma hipótese ridícula, diz Tomski, uma das fábulas que não servem para nada. Como um partido onde cada um teme os demais poderia dirigir um Estado imenso?", e voltando-se aos ex-camaradas que são acusados de querer constituir um "segundo partido", pronuncia a frase que a história atribuirá a Bukharin: "Sob a ditadura do proletariado, podem existir dois, três e até quatro partidos, com a condição de que um deles se encontre no poder e os demais na cadeia"[424]. Bukharin é tão taxativo quanto Tomski: "Nós já enfrentamos todas as formas de luta, exceto um levante armado. [...] Porém, quando eles já organizaram uma greve, a única opção que lhes sobra é sempre um levante armado"[425].

Quando é aberto o congresso, no dia 2 de dezembro, já se sabe que o aparato exige uma capitulação incondicional e uma renúncia total: "A oposição, diz Stalin,

423 SERGE, Victor, *Mémoires*, p. 226.
424 *Discurso pronunciado diante da Conferencia de Leningrado*, em *Correspondence Internationale*, nº120, 3 de dezembro de 1927, p. 1758.
425 *Corresponde Internationale*, nº120, p. 1754.

deve capitular por inteiro e incondicionalmente, tanto no plano político quanto no da organização. Devem renunciar às suas opiniões antibolcheviques, aberta e honestamente, perante o mundo inteiro. Devem denunciar as faltas que cometeram e que se converteram em crimes contra o partido"[426].

A partir do dia seguinte, parece ficar bem claro que a oposição começa a se desintegrar. Rakovski, que se nega a fazer qualquer tipo de "autocrítica", é expulso da tribuna. No entanto, Kamenev será escutado. Sua intervenção, pungente e corajosa, pressagia a morte dos bolcheviques. "É preciso, diz, buscar o caminho da reconciliação". A via do "segundo partido" seria "desastrosa para a revolução", devemos "descartar totalmente esta possibilidade, negada por todos os ensinamentos de Lenin sobre a ditadura do proletariado". O único caminho possível é "submeter-se a todas as decisões do congresso, por mais duras que estas possam parecer". No entanto, Kamenev solicita aos delegados que não peçam o impossível aos seus amigos: "Se renunciássemos às nossas teses, não seriamos bolcheviques. Camaradas, até esta data, jamais o partido exigiu de seus militantes que estes renunciassem às suas opiniões pessoais. (...) Se eu fosse obrigado a subir aqui e declarar que renuncio às teses desenvolvidas em meus escritos nas últimas semanas, isto seria hipocrisia da minha parte, e tal hipocrisia não parece necessária (...). Estendam-nos sua mão em nosso auxílio"[427].

Porém, a comissão eleita no congresso se mostra inflexível: exige que os oposicionistas condenem de forma explícita as ideias da oposição. Ordzhonikidze, ao ler, no dia 10, o informe elaborado pela comissão, se lamenta de que estes "antigos bolcheviques" obriguem o partido a sanções tão graves e propõe a expulsão, dado que estes não condenaram explicitamente a plataforma da oposição. Rakovski, Radek e Muralov declaram que de modo algum renunciarão à defesa individual de suas ideias. Entretanto, os zinovievistas cedem; Kamenev, Badaiev e Evdokimov aceitam as condições impostas. Em seu nome, Kamenev afirma: "Nos vemos obrigados a submeter nossa vontade e nossos juízos à vontade e ao juízo do partido, único juiz supremo do que é útil ou nocivo para o progresso da revolução"[428].

No entanto, o aparato exige ainda mais. A edição de 1938 da *História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)* vai dar uma justificação de tais exigências. O partido

> exigiu um certo número de condições prévias para a reintegração dos militantes. Os expulsos deveriam: a) condenar abertamente o trotskismo como uma ideologia antibolchevique e antissoviética; b) reconhecer publicamente que a única política justa é a seguida pelo partido; c) submeter-se incondicionalmente às decisões do partido e de seus organismos; d) passar por um

426 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, pp. 318-319.
427 *Correspondence Internationale*, nº128, 1927, p. 1965.
428 *Correspondence Internationale*, nº3, 11 de janeiro de 1928, p. 54.

> período de observação, durante o qual o partido controlaria os autores da declaração, considerando, depois deste momento, e segundo os resultados desta observação, se eles devem ser readmitidos. O partido considerava que o reconhecimento público de todos estes pontos pelos expulsos teria uma importância positiva, pois romperia a unidade do bloco de trotskistas e zinovievistas; serviria também para demonstrar seu poder e a correção de sua linha, permitindo-lhe, caso os autores das declarações agissem de boa-fé, reintegrar seus valorosos membros e, em caso de má fé, denunciá-los frente a todos, não mais como homens equivocados, mas como verdadeiros carreiristas sem princípios, como pessoas que tratam de enganar a classe operária com uma série de fraudes comprovadas[429].

Ao submeterem-se a tais exigências, os antigos oposicionistas renunciavam de fato a todo tipo de opinião pessoal e, como consequência, à possibilidade de, posteriormente, vir a expressar qualquer tipo de divergência, por menor que fosse, com a direção. O que se exigia deles era uma capitulação definitiva e incondicional, um verdadeiro suicídio político. Durante uma semana, os membros da oposição continuam vacilando. Porém, finalmente, no dia 18, decidem capitular e condenar expressamente as ideias da oposição – suas próprias ideias – como errôneas e "antileninistas". Bukharin os parabeniza com uma alegria feroz: "Vocês fizeram a escolha correta. Este era o último prazo, a cortina de ferro da história estava descendo neste exato instante"[430]. Este último ato, por outro lado, só os faz merecedores de uma graça ínfima. A Comissão de Controle decide examinar sua solicitação de reintegração somente dali a seis meses; portanto, continuam expulsos. Rakovski, Smilgá, Radek e Muralov declaram no mesmo dia: "Se formos expulsos do partido, faremos o possível para voltar a ele. Estamos sendo expulsos por nossas ideias, mas nós consideramos que estas são bolcheviques e leninistas. Não podemos renunciar completamente a elas"[431].

Os dois caminhos

Assim acaba a aliança de Zinoviev e Kamenev com Trotski. Apesar da repugnância que isto lhes causa, depois de uma longa agonia, terminam por renegar suas ideias, fazendo perante Stalin o que em vão exigiram que Trotski fizesse perante a *troika*, da qual faziam parte em 1924. Eles também eram "burocratas" e "homens do aparato", derrotados em sua pequena guerra. Tentaram eles, como pensou Trotski, despertar a misericórdia e merecer o perdão ajudando Stalin a liquidar Trotski o quanto antes com seu isolamento? No dia 27 de janeiro de 1928, o *Pravda* publica uma carta assinada por eles, na qual atacam os "trotskistas". No entanto, este cálculo supõe uma prévia análise da situação. Por acaso subes-

429 *Histoire du PC (b) de l'U.R.S.S.*, (ed. 1949), p. 321.
430 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 388.
431 *Correspondence Internationale*, nº3, 11 de janeiro de 1928, p. 53.

timaram a profundidade da transformação sofrida por este mesmo partido que Kamenev considerava incapaz de realizar "processos inquisitórios"? Pensaram, talvez, que era necessário, no caso de uma rápida inversão da situação, permanecer dentro do partido para poder atuar a partir do mesmo no momento decisivo? Ou, pelo contrário, pensaram que durante décadas não existia outra perspectiva por fora da opressão e da força da burocracia e que sua única saída, tanto pessoal quanto política, não poderia ser outra a não ser seguir os passos do partido? Atualmente, ainda é impossível responder a tais questões. No entanto, um fato é certo: nenhum dos velhos bolcheviques parece ter previsto o caminho repleto de capitulações que se abria à sua frente e que, em menos de dez anos – dezenove anos depois da revolução –, os levaria a acusar-se dos crimes mais horrendos que se pode imaginar, sentados no banco dos réus dos novos processos de caça às bruxas.

Os irredutíveis não vão segui-los. Rakovski, Smilgá, Muralov e Radek, bem como o próprio Trotski, condenam explicitamente a perspectiva de criar um "novo partido". Assim como Zinoviev e Kamenev, opinam que o partido pode ser recuperado, se se livrar de sua "excrescência parasitária" – a burocracia. Mas não creem de modo algum na possibilidade de que permanecer a qualquer custo no partido possa facilitar esta regeneração. Rakovski declara: "Abster-se de defender nossas ideias significaria renunciar a elas; com isto faltaríamos com nosso mais elementar dever para com o partido e a classe operária"[432]. Desta forma, o vão que separava os dois principais grupos da oposição no início de 1926 se transforma em um abismo. Quando Zinoviev e Kamenev estão convencidos da vitória, Trotski já espera o pior: a calúnia e a exterminação física. Como consequência, se prepara para uma longa luta, cujo resultado não parece nada claro: "Nosso dever, diz a Victor Serge, é esgotar todas as possibilidades de regeneração. Podemos acabar como Lenin ou como Liebknecht. Devemos estar à altura de ambas as eventualidades"[433]. Certamente, isto explica uma postura que muitos historiadores qualificaram como "suicídio político" e na qual encontram uma série de vacilações e contradições. A revolução europeia fracassou, a URSS vai permanecer isolada durante muito tempo e a direção stalinista compromete seriamente as possibilidades de vitória das futuras revoluções proletárias. Entretanto, o pêndulo da história voltará ao ponto revolucionário mais cedo ou mais tarde. Até que chegue este momento, é preciso resistir, "salvaguardar as tradições revolucionárias, manter o contato com os elementos avançados dentro do partido, analisar o desenvolvimento do período termidoriano e preparar-se para o próximo levante revolucionário, tanto na URSS quanto em escala mundial"[434]. Em uma palavra, já não se trata de lutar pelo hoje,

432 *Ibid.*
433 Citado por SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 216.
434 TROTSKI, Leon, *Stalin*, *op. cit.*, p. 523.

mas sim pelo amanhã, preservando para o dia em que as massas voltem à cena histórica a herança do bolchevismo, que está sendo adulterada e que, de outra forma, seria destruída pelos stalinistas.

Teriam razão os irredutíveis ao quererem "esgotar todas as possibilidade de regeneração"? Hoje, certamente, é fácil rir de tais ilusões e de seu temor "fetichista" de uma possível restauração do capitalismo. O fato é que o caminho ainda era longo: os 1.500 "trotskistas" expulsos do partido, as centenas – que em pouco tempo se converteriam em milhares – de oposicionistas, que, depois de Trotski (deportado no dia 17 de janeiro de 1928 para Alma-Ata), Preobrazhenski, Rakovski, Sosnovski, Smilgá, Serebriakov e Sapronov, serão enviados para a Sibéria, são apenas a vanguarda em uma estrada que, mais tarde, será percorrida pela quase totalidade dos bolcheviques que participaram da revolução, jovens ou velhos, independentemente, inclusive, das posições adotadas durante a grande batalha política de 1926-1927.

11

A OPOSIÇÃO DE DIREITA

Enquanto se desenvolvem os conflitos políticos, em segundo plano prossegue uma lenta transformação do partido. O censo de janeiro de 1927 registra uma proporção de 30% de operários, 10% de camponeses, 8% de militares e 38% de funcionários. Um informe de janeiro de 1928, dirigido ao Comitê Central, revela que, dos 638 mil membros do partido que em 1927 eram classificados como "operários", 184 mil, na realidade, são funcionários. Assim, continua o processo que o informe chama de "êxodo da classe operária em direção ao aparato estatal". O aparato, no sentido estrito da palavra, duplicou desde 1924 e podemos inferir em aproximadamente 30 mil o número de *apparatchiks* que são funcionários liberados do partido, nascidos mais devido ao refluxo das massas do que à iniciativa de Stalin, como muitos historiadores afirmam. Porém, é um fato que seus métodos e seu estado de ânimo propiciam o surgimento de uma série de quadros à sua imagem e semelhança, completamente diferentes dos bolcheviques dos tempos heroicos.

Neste sentido, a derrota da Oposição de Esquerda se converte de fato na derrota do espírito bolchevique, encarnado naqueles últimos defensores do entusiasmo revolucionário. No entanto, a força do ataque usado para eliminá-la indica a complexidade das novas relações sociais e políticas. O aparato é onipotente, desempenhando um papel de árbitro em um conflito que se agudiza progressivamente no interior do partido, e que se dá entre uma série de forças sociais antagônicas. Porém, a coalizão que defendeu este aparato na luta contra a ala proletária revolucionária está longe de ser homogênea. Na realidade, reúne elementos com diferentes objetivos que se aliaram provisoriamente para fazer frente a um perigo comum, com a evidente intenção de disputar os resultados depois da vitória. A partir de 1926, Trotski distinguirá três grupos no interior da direção: o dos burocratas sin-

dicais, representado por Tomski; o da direita pura, que reflete a pressão da massa camponesa e é encarnado por Bukharin e Rikov; e, por último, o que representa o aparato, o "centro", encabeçado por Stalin e Kirov[435]. A derrota da Oposição Unificada acelera a explosão do conflito latente, pois o centro não pode tolerar uma situação que o converte em refém da direita. A pressão dos acontecimentos, e em particular das decisões econômicas, obriga o aparato a iniciar, a partir do dia seguinte ao XV Congresso, uma batalha contra a direita. A respeito deste setor à direita, devemos admitir que, entre a pressão camponesa e o temor das aventuras, comuns a qualquer fração burocrata, ela expressa também – ainda que de maneira um tanto deformada e mais vaga do que a Oposição Unificada – os ecos do tempo em que o partido bolchevique retirava suas forças das discussões e de sua disciplina voluntária.

A crise dos alimentos e o giro à esquerda

Contra a oposição, que previa as piores catástrofes e falava do perigo de restauração capitalista gerado pelo progresso do camponês rico e pela lentidão do desenvolvimento industrial, a direção havia mantido no XV Congresso a linha defendida por Bukharin desde 1924. Nesta ocasião, Stalin havia falado insistentemente dos "medrosos" da esquerda que, apesar de saber que a NEP leva ao fortalecimento dos *kulaks* "empalidecem de medo e pedem socorro, gritando: Assassino! Polícia!", tão logo os *kulaks* "surgem em uma esquina". A situação, no entanto, está longe de ser tão tranquila. Já no fim do ano, as informações oficiais admitem a existência de 1 milhão e 700 mil desempregados, enquanto cerca de meio milhão de pessoas trabalham exclusivamente na contabilidade da indústria estatal. A fome volta a aparecer nas cidades. Apesar da superfície cultivada ter alcançado sua maior extensão desde o fim da guerra e das colheitas de 1925, 1926 e 1927 estarem entre as melhores que o país já conheceu, as entregas de trigo em 1927 são menos da metade das de 1926.

No início do inverno de 1927 se produzem os primeiros incidentes entre os encarregados da colheita de grãos e os camponeses que exigem o aumento do preço do trigo. Até o final do ano as dificuldades se multiplicam: os camponeses ricos que podem se permitir o luxo de esperar, cansados de vender sua colheita sem obter em contrapartida os produtos industriais, armazenam seus excedentes na expectativa de uma alta dos preços. No começo de janeiro já é evidente que a quantidade de trigo no mercado diminuiu em cerca de 25%. Durante os meses seguintes as cidades são ameaçadas pela inflação; os dirigentes locais do partido e dos soviets, acostumados a reprovar a "subestimação trotskista dos camponeses", temem ter de recorrer a medidas coercitivas que poderiam resultar na gravíssima acusação de terem contribuído para "romper a aliança de operários e camponeses".

435 *Plateforme de l'opposition de gauche*, Paris, Faussecave, 1927, pp. 30-31.

No dia 6 de janeiro, frente à gravidade da situação nas cidades, o Birô Político toma uma série de "medidas de urgência" que são comunicadas ao partido, porém não publicadas. A mais radical de todas elas é a ordem de aplicar imediatamente aos *kulaks* que retêm os grãos o artigo 107 do Código Penal, que prevê a expropriação dos estoques dos especuladores e determina, para facilitar a distribuição, que da totalidade do trigo expropriado, um quarto seja distribuído entre os camponeses pobres. Apesar disto, os resultados são insignificantes e uma verdadeira mobilização se faz necessária. No dia 15 de fevereiro, ao reproduzir um informe de Stalin, o editorial do *Pravda* anuncia em seu título a viragem da política: "O *kulak* ergue sua cabeça". É adotada então uma série de medidas de urgência, desta vez de forma pública e oficial: a expropriação dos estoques, a aplicação do artigo 107, o empréstimo forçado de grãos, chamado de "leis de autoimposição", o congelamento dos preços, a vigilância sobre o preço do pão e a proibição da compra e venda direta nos povoados. O artigo denuncia a aparição no partido e no aparato do Estado "de certos elementos estranhos ao partido, que não aplicam nossa política de classe no âmbito rural, fazendo seu trabalho sem defender as aldeias, vivendo em paz com o *kulak* e, em geral, preservando sua popularidade com todos os setores dos povoados". Trata-se de um verdadeiro chamado à luta emitido pelo próprio partido contra a mesma "ideologia *kulak*" que a Oposição Unificada havia denunciado durante anos, mas cuja existência real havia sido negada inúmeras vezes. Inicia-se a batalha do trigo, que é travada sem vacilações; mais de dez mil militantes das cidades são mobilizados e enviados ao campo para colocar um fim à "campanha de armazenamento". Como consequência, nas regiões onde ocorrem as retenções de grãos, o aparato do partido e as cooperativas passam por uma onda de expurgos.

No campo, acontece uma infinidade de incidentes: Bukharin confidenciará posteriormente a Kamenev que em seis meses teve que reprimir cento e cinquenta rebeliões camponesas. O uso da força para executar as requisições de trigo, o medo da fome nas cidades e os gritos de alarme da direção parecem ressuscitar, tanto no campo quanto nas cidades, o comunismo de guerra. Os jovens operários comunistas que foram mobilizados se lançam à luta para alimentar seus irmãos e acabar com o inimigo de classe. Os camponeses médios temem a ofensiva tanto quanto os *kulaks*: todo o campo está em pé de guerra.

A sessão do Comitê Central de abril, depois de comprovar que as requisições foram importantes para combater a situação, condena "as deformações e excessos cometidos na base pelos órgãos do partido e os soviets", anula a proibição da compra e venda livre, proíbe toda a expropriação que não se opere como aplicação do artigo 107, suprime a distribuição obrigatória das colheitas e dissolve os grupos armados que vigiam a circulação do trigo. Ainda assim, ao mesmo tempo em que reconhece que sua política fiscal foi incapaz de impedir o desenvolvimento do poder econômico dos *kulaks*, que "exercem na atualidade uma considerável influ-

ência sobre o mercado", o Comitê Central refuta as acusações de haver implantado novamente as políticas do comunismo de guerra. Stalin afirma: "A NEP é a base de nossa política econômica e seguirá sendo durante um longo período histórico". Rikov reconhece que a crise do trigo surpreendeu a direção do partido; no entanto, a ênfase no fortalecimento da disciplina e na mobilização das forças econômicas indica que alguns querem adotar uma nova política e virar suas costas para a NEP.

No fim de abril, a crise do trigo parece retornar. No dia 26, o *Pravda* emite um chamado para que não se abandone a "pressão de classe" exercida sobre os *kulaks*. Assim, são restauradas as medidas de emergência. Pouco tempo depois, a imprensa simula a descoberta de uma suposta "sabotagem" nas minas de Donetz para continuar mantendo o alarme e colocar em guarda os trabalhadores contra "as novas formas e métodos que adota a burguesia na luta contra o Estado proletário e a industrialização socialista".

De fato, a viragem à esquerda que ocorre durante a crise do trigo é um ensaio geral de uma viragem política de grande alcance. No fim de maio, durante um discurso público, Stalin esboça os pontos gerais de uma política que já não é a do XV Congresso, afirmando que, no plano agrícola, "a solução está na transição das propriedades camponesas individuais para as grandes plantações coletivas" e que, sob hipótese alguma, se deve "atrasar o desenvolvimento da indústria pesada e fazer da indústria ligeira, que produz sobretudo para o mercado camponês, a base da indústria em seu conjunto"[436]. A sessão do Comitê Central de julho de 1928 presenciará o primeiro choque, fora do Birô Político, entre Stalin e seus adversários da direita, Bukharin, Rikov e Tomski, no prólogo do último grande conflito semipúblico que surge no seio do partido.

As posições da direita têm em Bukharin um porta-voz eloquente. A experiência dos anos transcorridos desde sua primeira grande polêmica com Preobrazhenski deixou nele marcas profundas. Nesta ocasião, defende uma política direitista – porém, convenientemente corrigida – desde os organismos dirigentes e em alguns artigos, sobre tudo no intitulado "Notas de um economista", que aparece no *Pravda* de 10 de setembro de 1928. O polemista incorrigível começa destacando o crescente contraste entre a necessidade que experimentam as massas de "ir até o fundo nos assuntos" e "o alimento espiritual que lhes é oferecido, completamente cru ou insípido"[437]. O partido, com seu empirismo, está sempre atrasado em relação aos acontecimentos, assim como aquele *mujik* que se benze somente depois que troveja. O objetivo a que se propõe Bukharin é elaborar uma investigação teórica que permita atuar sobre as leis gerais do desenvolvimento da sociedade de transição "nos países de população pequeno-burguesa, atrasados e com uma periferia hostil"[438]. Aponta os progressos experimentados pela produção, assim como

436 *Correspondence Internationale*, nº54, 9 de junho de 1928, pp. 642-644.
437 *Notas de um economista*, em *Correspondence Internationale*, n.º 126, 20 de outubro de 1928, p. 1369.
438 *Ibid.*, p. 1370.

a periódica aparição de "crises" de um tipo especial, que só aparentemente são parecidas às experimentadas pelo capitalismo, já que apresentam características inversas, entre as quais destaca a "escassez das mercadorias", em oposição à superprodução capitalista. A partir disto, conclui que é possível

> determinar para uma sociedade que se encontre no período de transição os esquemas da reprodução, quer dizer, as condições em que se opera uma exata coordenação das diferentes esferas da produção entre si, ou, em outros termos, estabelecer as condições para um equilíbrio econômico dinâmico. E isto se materializa essencialmente na tarefa de elaborar um plano para a economia nacional que se assemelhe cada vez mais a um balanço de toda a economia, a um plano projetado conscientemente que constitua ao mesmo tempo um prognóstico e uma diretiva[439].

Esta análise leva Bukharin a pensar que as crises não são de modo algum inevitáveis na sociedade de transição. De fato, por um lado, refletem a tendência socialista de uma nova economia, cujo impulso deve ser dado pelo aumento das necessidades, não revelando, portanto, nenhum tipo de antagonismo fundamental. Por outro lado, as crises agudas são um simples resultado da relativa anarquia, quer dizer, da relativa falta de um plano de conjunto, inevitável na medida em que a política da NEP se baseia na existência de "pequenas economias" e que a produção individual de trigo constitui um "fator anárquico". De tudo isto, deduz: "Para obter o melhor tipo de reprodução social e o sistemático crescimento do socialismo, o que supõe uma correlação de forças de classe mais vantajosa ao proletariado, é preciso esforçar-se por encontrar a combinação mais justa dos elementos da base da economia nacional, equilibrá-los, dispor destes da forma mais proveitosa possível; é preciso influenciar ativamente o processo econômico e a luta de classes"[440].

Com esta perspectiva, o problema das relações entre a cidade e o campo poderia ser estudado à luz de suas relações no âmbito capitalista. A história demonstra que a força e a amplitude do desenvolvimento industrial alcançaram seu ponto máximo nos Estados Unidos, onde não existiam antes nem relações feudais, nem renda da terra e onde os fazendeiros acomodados formavam um bom mercado para a indústria. É necessário, diz, ao contrário do que se afirma nas teses trotskistas, que qualificavam a agricultura como uma forma pré-revolucionária de economia, elevá-la à categoria de "americana": "O ritmo máximo de desenvolvimento industrial não será obtido arrancando, ano após ano, a maior quantidade possível de recursos dos camponeses para investi-los na indústria. O ritmo permanente ideal se obterá a partir de uma combinação na qual a indústria se desenvolva apoiando-se em uma economia rural de rápido crescimento"[441].

439 *Ibid.*, p. 1371.
440 *Ibid.*
441 *Ibid.*, p. 1372.

Em outras palavras, opina que "o desenvolvimento da indústria depende do desenvolvimento capitalista", afirmando, ao mesmo tempo, que "o desenvolvimento da agricultura depende da indústria, ou seja, uma agricultura sem tratores, sem fertilizantes químicos e sem eletrificação está condenada à estagnação". "A indústria é a alavanca principal da transformação radical da agricultura"[442]. Este é o ângulo desde o qual analisa a crise do trigo, preparada pela estabilidade da economia do trigo, e cujas principais manifestações foram a crescente desproporção entre os preços do trigo e dos outros cultivos técnicos, o aumento da renda de origem não agrícola dos camponeses, a oferta insuficiente de produtos industriais para o campo e a crescente influência econômica do *kulak*. A manutenção obrigatória de preços baixos para o trigo levará inevitavelmente à estagnação e, mais adiante, à regressão da economia do trigo. A política de "pressão" é a responsável direta pela crise do trigo e, portanto, dos resultados industriais. O desenvolvimento da agricultura e do cultivo do trigo não deve ser contraposto ao da indústria: "Este é um caso onde a verdade se encontra exatamente no meio"[443].

Em sua resposta ao esboço elaborado por Stalin, Bukharin destaca que o ponto de vista que exige o aumento da produção coincide de forma clara com aquele que defende a "substituição de classe", quer dizer, a progressiva substituição dos elementos capitalistas na agricultura pela coletivização das propriedades individuais de camponeses pobres e médios e pela transição às grandes empresas no campo. No entanto, destaca: "Se trata de um problema formidável que é preciso resolver em base ao *desenvolvimento* das propriedades individuais, que exigem grandes investimentos em tecnologia e também de quadros"[444]. Ao rechaçar as perspectivas de aceleração do ritmo da industrialização, propõe simplesmente a busca pela estabilização no presente período.

Em uma crítica feroz aos métodos empregados – "não se pode construir uma fábrica de hoje com os tijolos de amanhã" –, faz igualmente uma crítica às enormes despesas improdutivas dos ciclos de produção, doze vezes superiores às da indústria americana. Também critica o desperdício de matérias-primas, cuja quantidade empregada na indústria russa supera em uma vez e meia ou duas vezes a empregada nos Estados Unidos para uma mesma produção. Estes são os fatores sobre os quais se deve atuar para garantir recursos, mantendo o ritmo de industrialização sem afetar de forma mais grave a condição dos trabalhadores. Para isto, é imprescindível aprender novas técnicas, elevar o nível cultural e formar engenheiros e administradores. Sua conclusão soa como uma profecia: "Nos poros de nosso gigantesco aparato se alojaram elementos de degeneração burocrática absolutamente indiferentes às necessidades das massas, à sua vida e seus interesses materiais e culturais (...). Os funcionários estão dispostos a elaborar qualquer tipo de plano"[445].

---

442 *Ibid.*
443 *Correspondence Internationale*, nº127, 24 de outubro de 1928, p. 1388.
444 *Ibid.*, nº128, 27 de outubro de 1928, p. 1407.
445 *Ibid.*, nº131, 31 de outubro de 1928, p. 1440.

Desta forma, em uma de suas últimas manifestações públicas, Bukharin, invocando a ciência econômica desenvolvida por Marx, condena todas as concepções autoritárias de planificação. Afirma que qualquer tentativa de criar recursos econômicos – seja voluntariamente ou por militarização – não pode gerar nada além de uma edificação estatal estranha ao espírito do socialismo, vendo nesta o principal fator da degeneração que o partido vive desde 1918. Em 1928, recorda o que havia declarado em 1922, ao rebater a ideia de uma economia cuja direção se encontrasse por inteiro nas mãos do proletariado:

> Se nos colocarmos esta tarefa, nos veremos obrigados a pôr em funcionamento um aparato administrativo colossal. Para cumprir as funções econômicas relativas aos pequenos produtores, camponeses pobres etc., necessitaremos de muitíssimos empregados e administradores. A tentativa de substituir todas estas pessoas simples por burocratas gera um aparato tão colossal que os gastos necessários para mantê-lo são infinitamente maiores que os gastos improdutivos que resultam das condições anárquicas em que se encontra hoje a produção em pequena escala. Nesta forma de administração global, a totalidade do aparato do Estado proletário, definitivamente, não só não oferece nenhum tipo de facilidade, como atrapalha o desenvolvimento das forças produtivas e leva diretamente ao objetivo oposto ao que se propunha. Esta é a razão pela qual o proletariado tem a imperiosa necessidade de destruí-lo. (...) Se o proletariado não o fizer, outras forças serão encarregadas de colocar um ponto final em seu domínio[446].

A crítica de Bukharin, que de fato se opõe completamente à elaborada pela Oposição Unificada tanto em suas premissas quanto em sua análise imediata, o leva a um estudo do Estado e do papel da democracia operária. Suas "Notas de um economista" são concluídas com uma confissão que também é um chamado: "Estamos supercentralizados. Não teríamos condições de dar alguns passos em direção ao Estado-comuna de Lenin?". Na ocasião do quinto aniversário da morte de Lenin, analisa seus últimos artigos em um trabalho que leva o título de "O testamento político de Lenin". Neste, Bukharin afirma que o Estado operário "constitui uma etapa perfeitamente definida da transição para o Estado-comuna, de onde infelizmente ainda estamos muito, muito longe". Sobre este problema Lenin tenta encontrar possíveis saídas e afirma: "Devemos nos voltar às fontes históricas de nossa ditadura; e, sem dúvida, a mais profunda de todas elas são os operários avançados"[447]. Alguns dias mais tarde, Bukharin irá escrever que a "participação das massas deve ser a garantia fundamental contra uma possível burocratização de um grupo de quadros"[448].

---

446 *Pravda*, 12 de setembro de 1928, citado por DANIELS, Robert, *The conscience*..., *op. cit.*, p. 255.
447 *Pravda*, 24 de janeiro de 1929, citado por DANIELS, Robert, *Ibid.*
448 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience*..., *op. cit.*, p. 356.

As oposições na encruzilhada

Por todos estes fatos não devemos nos surpreender que, de diferentes lados e, principalmente do ponto de vista dos próprios protagonistas, tenha se considerado a viabilidade de uma aproximação entre direita e esquerda, o que seria facilitado pelas amistosas relações pessoais mantidas, inclusive enquanto a luta entre as frações estava em seu maior auge, entre Trotski e Bukharin.

No entanto, a primeira reação da Oposição de Esquerda frente à "viragem" da linha oficial está repleta de ironia. Trotski afirma: "Nos inteiramos do que sabíamos há muito tempo: a existência, dentro do partido, (...) de uma forte ala de direita que pressiona a favor de uma neo-NEP, o que é o mesmo que uma tentativa de restauração do capitalismo por etapas"[449]. Preobrazhenski destaca que a viragem confirma a análise feita pela oposição e vem determinar sem equívocos a bancarrota da direção; as medidas de urgência, apesar de necessárias, acabam se demonstrando insuficientes, sendo necessária uma série de intervenções estatais para reduzir o consumo imediato e satisfazer a demanda do campo por produtos industriais. Stalin, entretanto, parece logo se decidir por aplicar esta parte do programa da oposição.

Passada a satisfação inicial de amor próprio, os oposicionistas passam a se fazer uma série de perguntas: Se a "viragem à esquerda" é definitiva, não fomos muito longe ao denunciar Stalin como o "protetor do *kulak*"? Trotski opina que é necessária uma posição de "apoio crítico" à nova política de Stalin: o chamado aos operários, e à luta de classes, facilita a luta pela democracia interna, e o enfraquecimento do kulak libera as energias proletárias. No entanto, as novas perspectivas começam a dividir a oposição: Piatakov capitula e é seguido pelo zinovievista Safarov, que diz a todos os que permanecem irredutíveis: "Agora tudo vai acontecer por fora de nós!"[450]. A ala irredutível, os decistas, que consideram que o Estado está nas mãos dos *nepmans* e dos *kulaks*, se nega a aceitar que a nova linha de esquerda vá perdurar: sua influência se faz sentir entre os jovens trotskistas que demonstram menos sensibilidade aos problemas de política econômica, se atendo mais às exigências de liberdade de expressão. Por outro lado, os veteranos vacilam. Preobrazhenski considera que Stalin empreende uma nova política, pressionado pela inelutável necessidade das "leis objetivas". Todas suas hipóteses parecem se confirmar. Uma nova viragem à direita parece impossível, pois provocaria uma explosão de elementos pró-capitalistas, de forma que Stalin e até o próprio Bukharin se veriam obrigados a voltar à política aprovada em janeiro para enfrentá-los. Por isto, Preobrazhenski propõe à oposição que esta solicite uma autorização para realizar uma assembleia legal, onde possa discu-

449 TROTSKI, Leon, *L'Internationale communiste après Lénine*, p. 74. Publicado em português pela Editora Sundermann como *Stalin, o grande organizador de derrotas*. São Paulo, 2010.
450 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 417.

tir a situação e debater uma nova linha. A sua opinião pessoal inclina-se a uma aliança com o centro, que, em sua opinião, "reflete uma política proletária da maneira que um espelho deformador poderia fazê-lo"[451]. Sua proposta é rechaçada. Entretanto, suas ideias se propagam e recebem o reforço de Radek. Este último, afetado pela derrota e pela deportação, primeiro se mostra desolado: "Não posso acreditar – escreve a Sosnovski – que de toda a obra de Lenin e da revolução só tenham sobrado em nosso tempo 5 mil comunistas em toda a Rússia"[452]. A viragem à esquerda levanta sua moral: os stalinistas, no fundo, são a retaguarda do proletariado, cuja vanguarda é a oposição. Como consequência, ele também se inclina a uma posição de aproximação. A duras penas, Trotski consegue preservar a unidade da oposição, e isto somente porque a sessão do Comitê Central celebrada em julho parece imprimir uma nova mudança de rumo, agora para a direita, colocando um fim na "viragem à esquerda". Este é o momento em que Bukharin se aproveita para, valendo-se da mediação de Sokolnikov, se colocar em contato com Kamenev e, com ajuda deste, com os oposicionistas de Leningrado. Em sua opinião, a política de Stalin leva o país à guerra civil: "Este é um dirigente sem princípios que é capaz de tudo em sua ânsia pelo poder. (...) Ele fez certo número de concessões para poder nos degolar melhor. (...) Só conhece a vingança e as punhaladas pelas costas". Desesperado, perseguido pela GPU, repetirá mais de uma vez: "Ele nos assassinará! É o novo Gengis Khan, nos estrangulará". Sua intenção ao tentar se aproximar de Kamenev é evitar o que, segundo ele, seria um erro fatal: os partidários de Zinoviev e de Trotski não devem de modo algum aliar-se com Stalin. "Nossas divergências com Stalin são muitíssimo mais graves que as antigas diferenças que tivemos com vocês". Em todo caso, não se trata de um debate de ideias, pois, segundo Bukharin, Stalin parece não tê-las. "Altera suas teorias segundo a necessidade que tem de se livrar de alguém em um ou outro momento". Trata-se de uma batalha para salvar o partido, o socialismo e a vida de todos os seus adversários, pois, à sua maneira, Stalin havia adotado as teses de Preobrazhenski sobre a acumulação socialista primitiva. Desta, parece ter deduzido que, quanto maior o progresso do socialismo, mais forte se tornará a resistência popular. Bukharin afirma: "Isto significa criar um Estado policialesco, mas nada poderá deter Stalin; (...) afogará todas as rebeliões em sangue e nos denunciará como defensores do *kulak*" e complementa: "A raiz do mal se encontra na completa fusão do partido com o Estado"[453]. Para convencer Kamenev, faz uma completa descrição das forças atuais. Stalin "tem" Voroshilov e Kalinin; Ordzhonikidze o detesta e não se moverá; Tomski, durante uma bebedeira, lhe disse que os operários terminariam matando-o; Andreiev, os dirigentes de Leningrado e Yagoda, o chefe supremo da GPU, estão dispostos a lutar contra ele.

451 *Sobre a virada à esquerda*, arquivos de Trotski, citados por *ibid*.
452 Citado por *ibid*., p. 421.
453 SERGE, Victor, *Vie et mort de Leon Trotsky*, *op. cit*., pp. 213-214.

Kamenev o escuta e escreve para Zinoviev, aconselhando-o a não responder com muita pressa às propostas que Stalin vai certamente lhe fazer a qualquer momento. Simultaneamente, suplica a Trotski para que este dê algum passo no sentido de uma reconciliação com Stalin. Trotski se nega. Ao julgar a política de Stalin, é preciso considerar não somente o que ele faz, mas também *como* faz. Trotski não aceitará nenhum acordo burocrático, e não aceitará sua reintegração ao partido se não houver um restabelecimento pleno da democracia interna, e com a condição que a direção do partido seja eleita pelo voto secreto. A Bukharin ele responderá em uma carta-circular datada de 12 de setembro; as divergências continuam sendo importantes, porém, pode se considerar a possibilidade de uma colaboração no referente a um ponto específico: a restauração da democracia interna, declarando sua disposição, se Bukharin e Rikov aceitarem, de lutar junto com eles por um congresso preparado e eleito democraticamente.

A maioria dos oposicionistas protesta frente a esta atitude, negando-se a admitir a possibilidade de uma aliança com a direita contra o centro precisamente no momento em que este parece orientar-se para a esquerda. Não seria isto a repetição do ocorrido precisamente durante o termidor francês? Como, de sua parte, os aliados de Bukharin nem sequer iniciaram o que poderia vir a se tornar uma luta em comum, apelando para a opinião pública do partido como fizeram Zinoviev, Kamenev e Trotski em 1926, Stalin poderá jogar com a hostilidade das duas oposições para lançar uma contra a outra. A Oposição de Esquerda está em crise. Os "conciliadores" Preobrazhenski e Radek são seguidos por Smilgá, Serebriakov e Ivan Smirnov: todos eles suplicam para que Trotski abandone sua atitude grandiloquente e rompa seu isolamento. Entretanto, Trotski se nega, convencido de que o tempo trabalha a seu favor – depois de um ano de repressão foram deportados 8 mil oposicionistas, quer dizer, o dobro dos membros com que contava a Oposição Unificada no fim de 1927. Nesta posição será apoiado por Rakovski, Sosnovski e os elementos mais jovens da oposição; um após o outro, os conciliadores abandonam a oposição. A correspondência mantida entre os exilados permite seguir de perto o processo de desintegração acelerada pelo qual o núcleo da oposição passa neste momento. Em 1928, após a capitulação de Safarov, Sosnovski escreve a Vardin que irá seguir os passos do primeiro: "Pedi a que Vaganian me contasse com detalhes o ritual dos funerais judeus: quando vai se retirar o cadáver da sinagoga para ser levado ao cemitério, um acólito se inclina sobre o defunto, chama-o pelo nome e lhe diz: 'Saiba bem que estás morto!'. Vejo aqui uma excelente tradição"[454]. Alguns meses mais tarde, em uma carta que será interceptada pela GPU e que posteriormente será publicada por Yaroslavski, Solnzev escreve: "Reina o pânico e a confusão, se buscam soluções individuais". Ele acusa Preobrazhenski, Radek e Smilgá de terem cometido uma "traição sem tamanho", e deixa transparecer que "Smirnov toma também o caminho

454 SOSNOVSKI, Lev, *Cartas do exílio*, em *Lutte de classes*, n.º 17, janeiro de 1930, p. 71.

da liquidação"[455]. Trotski, que vê os acontecimentos com um maior distanciamento, vira a página no final de julho de 1929, ao escrever: "A capitulação de Radek, Preobrazhenski e Smilgá constitui de certo modo um fato político relevante. Demonstra até que ponto se desgastou a grande geração heroica de revolucionários que conseguiu superar a guerra e a Revolução de Outubro. Três velhos revolucionários de elite abandonam desta maneira, por sua própria conta, o mundo dos vivos"[456].

A batalha preliminar

A ofensiva contra a direita se inicia no partido em junho: uma agitação operária provocada pela insuficiência de alimentos será incentivada pela oposição, cujos membros se multiplicam no campo, se apoiando nos vínculos pessoais que continuam existindo entre os operários e suas famílias camponesas. Os operários das fábricas de Moscou protestam contra as medidas de exceção. Uglanov, secretário do partido em Moscou, critica publicamente a nova linha. Em Leningrado, Kirov se enfrenta com uma situação adversa ao confrontar-se no comitê do partido com Slepkov, discípulo de Bukharin. Frumkin, comissário do povo para as Finanças, protesta contra os métodos coercitivos empregados nas requisições de cereais e recomenda um esforço financeiro máximo que ajude os camponeses pobres que acabam de entrar para as fazendas coletivas. Stalin, então, o faz de bode expiatório, acusando-o de ceder frente à pressão dos *kulaks*.

No dia 4 de junho, o Comitê Central se reúne em Moscou. Kalinin, Molotov e Mikoyan dão seus informes, acentuando a necessidade de preservar a aliança com o camponês médio, admitindo que as medidas de exceção foram meramente circunstanciais e aceitando a possibilidade de um aumento do preço do trigo. A discussão parece estar nas mãos dos direitistas: Stetski e Sokolnikov exigem concessões para os camponeses e uma elevação dos preços; Uglanov descreve o descontentamento popular; Rikov protesta contra a diferenciação estabelecida entre "excessos" e medidas de exceção, e acusa Kaganovich – que acaba de anunciar a necessidade de uma "luta cruel" contra o *kulak* – de ser o apóstolo da violência pela violência. Stalin descreve a política do momento como uma nova etapa da NEP, como um avanço, ao mesmo tempo em que acusa os adversários da coletivização de não serem "nem marxistas, nem leninistas, mas filósofos camponeses com os olhos voltados ao passado"; denuncia como "desvio *kulak*" o grupo dos que pretendem que o Comitê Central volte atrás na política da NEP. A intervenção de Bukharin é grave e prudente. Ele teme que se produza uma revolta do conjunto dos camponeses, liderada pelos *kulaks*; e destaca, contra Stalin, que os preços constituem um dos instrumentos decisivos com que conta o governo para pressionar os camponeses individualmente. A ofensiva contra os *kulaks* deve ser comple-

455 *Correspondence Internationale*, nº102, 9 de outubro de 1929, p. 1415.
456 Reproduzido em TROTSKI, Leon, *Les crimes de Staline*, Paris, Grasset, 1938, p. 265.

mentada por uma série de medidas de política fiscal: o objetivo essencial deve ser não provocar o descontentamento dos camponeses médios, pois isto reforçaria a posição do *kulak*. Uma resolução comum, tomada de forma unânime, ressalta que as medidas de urgência já alcançaram seus resultados e decide revogá-las; proíbe igualmente as expropriações e, principalmente, autoriza um aumento de 20% no preço do pão. A impressão geral é de um triunfo da direita: Trotski se refere então à "última fase do termidor".

O VI Congresso da Internacional

O VI Congresso da Internacional Comunista, que ocorre em Moscou durante os meses do verão, reflete, entretanto, um importante retrocesso de Bukharin, que continua ocupando o posto de presidente de uma organização cujo controle escapa progressivamente de suas mãos. A Internacional é, de fato, um campo de prova para os grupos que se enfrentam no partido russo. A linha seguida pelos partidos comunistas estrangeiros desde 1923 não é mais do que um mero reflexo das oscilações da política russa. A este respeito, a política direitista do período de 1925-1927 foi um escandaloso fracasso: o Comitê Anglo-Russo e a derrota chinesa são boas provas disto. Stalin, que a princípio se negou a reconhecer tais fatos, não poderá seguir durante muito tempo com esta atitude. A partir da metade de 1927 parece notar-se um novo giro: como ocorreu com Brandler em 1924, Chen Duxiu converte-se no responsável por uma política que foi aplicada por ordem do Comitê Executivo, ou seja, pelo Birô Político do partido comunista russo. Já apontamos mais acima como Lominadze e Neumann lançam, em pleno refluxo, a mesma política dos tempos de ofensiva, política esta que fora combatida pela direção Stalin-Bukharin quando era defendida pela oposição, que a propunha em pleno ascenso da atividade revolucionária das massas operárias e camponesas.

Indubitavelmente, tal atitude é um fiel reflexo do empirismo de Stalin, de sua estreiteza de perspectivas quanto aos assuntos internacionais e da improvisação que caracteriza o que Trotski chama de "zigue-zagues burocráticos". No entanto, não devemos subestimar outra tendência latente desta política: retomar, em benefício próprio, os principais pontos do programa da oposição, ainda que seja para negar a existência desta. No final de 1927, depois da insurreição de Cantão, a direção da Internacional pôde permitir-se proclamar abertamente que reconduziu o partido chinês ao caminho da revolução soviética. Este é um caso onde o interesse político a curto prazo do aparato coincide com suas tendências fundamentais. Até 1927, a política direitista da URSS havia correspondido à política direitista de aliança sem perspectivas com os partidos social-democratas. Quando ocorreu a viragem à esquerda no início de 1928 a Internacional a reproduziu, abandonando a tática de frente única. Temendo o desenvolvimento de correntes oposicionistas nos partidos estrangeiros, a direção do partido comunista russo se dispõe, com

um mecanismo que futuramente se tornará clássico, a utilizar o descontentamento autêntico de alguns operários de vanguarda para enfrentar os dirigentes rebeldes à sua autoridade, golpeando os direitistas com argumentos de esquerda e privando, ao mesmo tempo, a esquerda do fator emocional que constitui a denúncia dos compromissos com a "social-democracia traidora".

Quando se reúne, em fevereiro de 1928, a IX Plenária do Comitê Executivo da Internacional será monopolizada pelo combate contra a oposição, que será derrotada em toda parte, ainda que algumas vezes por uma margem mínima, como na Bélgica, onde o secretário geral van Overstraeten e a maioria do Comitê Central condenam as decisões adotadas no XV Congresso. Apesar disso, em toda parte, a oposição segue existindo e atuando.

É Bukharin que apresenta o informe principal. Ele se apoia em uma análise da correlação de forças no mundo que distingue três períodos distintos a partir de 1917. Ao período de aguda crise revolucionária, que vai até 1923, segue-se uma segunda etapa, de reconstrução capitalista e de uma relativa estabilização. Em 1927 inicia-se "o terceiro período", caracterizado por uma nova fase de fortalecimento capitalista, pelo início da edificação socialista e pela intensificação do perigo de uma guerra. Tal "mudança objetiva", segundo Bukharin, força os comunistas a fazerem um "brusco giro", cujo "eixo político é a mudança de atitude em relação aos partidos social-democratas", sendo que a partir de agora as políticas de "frente única" não devem ser mais promovidas a não ser "pela base". Visivelmente incomodado por ter de justificar uma virada sectária, à qual ele próprio se opunha, Bukharin esforça-se de maneira desajeitada em atenuar seu significado, orientando todos os esforços político da Internacional unicamente contra o trotskismo, que ele chama de "um dos mais imorais instrumentos empregados pela social-democracia internacional contra os comunistas na luta pela influência sobre as amplas massas operárias". Como consequência, chega a afirmar que se trata de uma "virada geral (...), de um passo à esquerda que vai no sentido do esforço geral da luta contra a social-democracia de direita e especialmente contra a de esquerda". Ao admitir que o terceiro período provocará, como reação à ofensiva burguesa, uma radicalização operária, se esforça em fazer do trotskismo o único perigo, ao mesmo tempo em que continua afirmando a existência de uma ameaça à direita. Tal formulação o leva a uma série de acrobacias dialéticas: "Não é correta a concepção segundo a qual, por um lado, devemos lutar contra o trotskismo e por outro, contra os perigos da direita. (...) Isto significaria dizer que os trotskistas representam algum tipo de desvio esquerdista, ao lado do qual existiriam outros desvios, de direita. (...). Em quase todos os países o eixo do trotskismo é formado pelos desvios direitistas"[457].

457 *Informe dado por Bukharin diante do IX Comitê Executivo*, em *Correspondence Internationale*, nº18, 27 de fevereiro de 1928, pp. 231-239; *Discurso de fechamento*, em *Correspondence Internationale*, nº27, 15 de março de 1928, p. 357; *Informe diante do VI Congresso da IC*, em número especial 72, 1º de agosto de 1928, pp. 833-847, em especial pp. 840, 841 e 843.

Entretanto, mesmo sua flexibilidade teórica não o poupará de diversas críticas, e suas conclusões são consideradas insuficientes, principalmente pela delegação russa, que apresenta uma série de emendas. Sua supervalorização das possibilidades de desenvolvimento capitalista será repreendida, bem como seu desprezo pela ameaça da direita e suas tendências conciliadoras a respeito da social-democracia de esquerda, denunciada por Thaelmann como "o mais perigoso dos inimigos do movimento operário"[458]. Este mesmo afirma que "as tendências fascistas e os próprios gérmens do fascismo se encontram como embrião da política praticada pelos partidos social-democratas de quase todos os países". Um dos delegados italianos, Ercoli (Togliatti), tomará a palavra para censurar tais "generalizações excessivas" e defender a intervenção de Bukharin. "O fascismo, diz, é um movimento de massas, um movimento da pequena e média burguesia dominado pela alta burguesia e pelos partidos defensores dos interesses agrários. Além disso, ele não tem como base as organizações tradicionais da classe operária. De forma contrária, a social-democracia é um movimento que conta com uma base operária e pequeno-burguesa e que extrai sua força de uma organização que as amplas massas proletárias reconhecem como a organização tradicional de sua classe"[459]. No entanto, é a fórmula de Thaelmann que será incluída na resolução, e Bukharin se limita a destacar que trata-se de tendências e não de um processo completo, apontando que "não seria nem um pouco razoável colocar no mesmo saco a social-democracia e o fascismo"[460].

O mesmo conflito fica latente quando se discutem os problemas específicos das diferentes organizações. Ercoli responde aos chamados ultracentralistas de Thaelmann, Ulbricht e outros contra os "sabotadores" direitistas com as seguintes palavras:

> Como consigna para nossa política de formação de direções partidárias, poderíamos adotar as últimas palavras de Goethe em seu leito de morte: "Mehr Licht"[461]. A vanguarda operária não pode lutar nas sombras. O estado-maior da revolução não pode ser formado em meio a uma luta sem princípios entre frações. Existem formas de luta que supõem a adoção de determinadas medidas organizativas que, se são aplicadas irresponsavelmente, podem adquirir um valor independente de nossa vontade, agindo mesmo por fora de nossa vontade, levando assim à desagregação e à dispersão das forças dirigentes de nossos partidos[462].

Bukharin retomará estes argumentos invocando a autoridade de Lenin. Entretanto, em setembro, quando o Comitê Central alemão afasta Thaelmann de suas funções, acusando-o de ter ocultado o desvio de fundos feito por seu amigo Wittorf, secretário da organização de Hamburgo, e de tê-lo mantido em seu cargo apesar do roubo, o Co-

---

458 *Correspondence Internationale*, nº84, 16 de agosto de 1928, p. 887.
459 *Correspondence Internationale*, nº89, 22 de agosto de 1928, p. 949.
460 *Ibid.*
461 "Mais luz" (N. do E.).
462 *Correspondence Internationale*, nº89, 22 de agosto de 1928, p. 950.

mitê Executivo Internacional redigirá uma moção de censura a este Comitê Central, conseguindo a plena reabilitação de Thaelmann e a expulsão de todos os dirigentes alemães que haviam considerado seu comportamento como inadmissível.

Em tais condições, era impossível que a Internacional viesse a emitir a menor crítica às atitudes do partido comunista russo a respeito da oposição. Entretanto, os delegados presentes no VI Congresso conseguem ter acesso à carta de Trotski dirigida ao Comitê Executivo, passando assim a ter uma ideia de sua crítica ao programa e de suas teses gerais. Criticando a escolástica noção de Bukharin sobre a estabilização do capitalismo, Trotski afirma: "A partir de 1923 não nos defrontamos somente com derrotas do proletariado, mas também com importantes derrotas políticas da Internacional. (...) A causa fundamental da ascensão do capitalismo durante o período de estabilização dos últimos cinco anos se deve ao fato de que a direção da Internacional em nenhum momento esteve à altura dos acontecimentos"[463]. Destacando o caráter empírico da linha seguida pela Internacional, qualificada por ele como "centrista", Trotski analisa os zigue-zagues de uma linha que levou a sucessivos desastres desde 1923, na medida em que esta linha se baseia sempre em uma apreciação incorreta da correlação de forças entre as classes. A estabilização do capitalismo só foi admitida dezoito meses depois da derrota alemã, no momento em que apareciam os primeiros sintomas de uma retomada do ascenso, que foi então freado por uma política direitista. O desastre da revolução chinesa provocou, por sua vez, um novo giro à esquerda, precisamente no momento em que a ofensiva deixava de ser a política adequada. Em sua crítica ao caráter limitado das análises de Bukharin, Trotski afirma que a crescente hegemonia dos Estados Unidos constitui um elemento determinante, assim como um fator de estabilização inicial, mas também a origem de futuras crises, pois "uma grande crise nos Estados Unidos voltaria a colocar em marcha guerras e revoluções". A teoria do "socialismo em um só país" e a pseudobolchevização que converte os partidos comunistas em dóceis instrumentos de seu próprio aparato de funcionários, fazem com que, finalmente, tais organizações sejam incapazes de explorar novas situações revolucionárias.

As cartas dos correspondentes de Trotski, citadas por Deutscher, são prova do eco que suas ideias tiveram no congresso: Ercoli se lamenta do servilismo da maioria dos delegados; Maurice Thorez declara que não se sente convencido pela teoria do "socialismo em um só país"[464]. Um delegado da minoria americana, James P. Cannon, sai do congresso decidido a fundar a Oposição de Esquerda em seu país[465]. De qualquer forma, os delegados, sejam de "direita" ou de "esquerda", se sentem neste congresso tão impotentes frente às teses oficiais quanto o próprio Bukharin, que, mesmo considerando as ideias da direção catastróficas, as aceita – e inclusive as defende – contra seu próprio programa.

463 TROTSKI, Leon, *L'Internationale...*, *op. cit.*, pp. 34-35.
464 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 444.
465 CANNON, James, *History of american trotskism*, Nova York, Pioneer, 1944, pp. 49-50.

A ofensiva contra os direitistas

Neste momento já se prepara a luta no cenário decisivo: o aparato do partido comunista russo. Slepkov é afastado pelo Secretariado com sua transferência para a Sibéria, deixando Leningrado livre para a intervenção de Kirov. Em Moscou, Uglanov tenta utilizar seu próprio setor do aparato contra a política do Secretariado. Adotando a mesma tática de Bukharin, consegue que o Comitê de Moscou aprove um texto que condena veementemente a política antikulak, que ele atribui, em bloco, aos trotskistas. No dia 15 de setembro, o *Pravda* publica um chamado à "luta em duas frentes" e denuncia a existência no partido de um "desvio direitista" oportunista e "conciliador" em relação ao *kulak*. A pressão exercida pelo aparato central gera uma série de reações nos comitês de bairro de Moscou, que acusam Riutin, braço direito de Uglanov, de adotar posturas direitistas. O Secretariado Geral se aproveita deste estado de ânimo para destituir Riutin de todos os seus cargos "por falta grave", sem consultar Uglanov e destacando igualmente "o descontentamento dos militantes ativos" frente à "inconsistência e às vacilações de certos membros do Comitê de Moscou em sua luta contra os desvios de direita (...), bem como sua atitude conciliadora"[466]. Já está consumada a derrota de Uglanov: no dia 18 ninguém aprova seu informe no Comitê de Moscou e Riutin se vê forçado a fazer sua autocrítica. No dia 19, Stalin em pessoa dá o tiro de misericórdia contra Uglanov, denunciando "seus desvios de direita e as suas tendências conciliadoras"[467]. O Comitê de Moscou decide executar uma "reorganização": um após o outro, os secretário dos comitês de bairro criticam Uglanov e exigem que ele faça uma autocrítica completa.

Em novembro aumenta ainda mais a tensão nas altas esferas. A repressão ao Comitê de Moscou obriga Bukharin, Rikov e Tomski a exigir uma reorganização do aparato. Porém, suas manifestações não conseguem fazer com que se reúna uma comissão para debater tais fatos. Compreendendo que desta forma Stalin ganha tempo, decidem tentar uma jogada de efeito e se demitem simultaneamente de seus cargos de presidente da Internacional e redator-chefe do *Pravda*, presidente do Conselho de Comissários do Povo e presidente do Conselho de Sindicatos. Sua atitude representa uma verdadeira bofetada no rosto de Stalin, que acaba de desmentir em Moscou a existência de divergências reais no Birô Político. Por esta razão, se vê forçado a negociar, e seus três oponentes se comprometem a reconsiderar sua demissão em troca da votação unânime de uma resolução que dê prioridade à agricultura em relação à indústria pesada. O Birô Político, desta maneira, se apresenta unido frente ao Comitê Central, que condena, mais uma vez por unanimidade, os "desvios direitistas", que Stalin irá associar, em seu informe, aos desvios de esquerda. Desta maneira, os chefes da ala direita aprovam uma campanha do

466 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 339.
467 *Correspondence Internationale*, nº312, 3 de novembro de 1928, pp. 1454-1457.

aparato contra suas ideias e seus partidários. Rikov chega inclusive a ameaçar estes com uma série de medidas que vão além da mera campanha ideológica, caso a oposição de direita se atreva a "tomar forma". O reduto da direita em Moscou é eliminado oficialmente: Uglanov perde a direção do Secretariado e é substituído por Molotov, que será assessorado por Bauman.

Prossegue, então, a ofensiva do "centro". Durante o auge da batalha contra os direitistas de Moscou, no dia 19 de outubro, o Comitê Central adota um documento em que se define uma nova política industrial. "Como consequência de nosso atraso técnico, é impossível desenvolver a indústria num ritmo que não só nos permita acompanhar os países capitalistas, mas também ultrapassá-los, sem que sejam utilizados todos os recursos e forças do país, sem uma grande perseverança e uma férrea disciplina nas fileiras do proletariado"[468]. As vacilações de determinadas camadas da classe operária e de certos setores do partido são chamadas de "fuga frente às dificuldades". O Conselho de Economia elabora então um projeto de plano quinquenal para a indústria. A partir de então, o choque com o segundo reduto dos direitistas, o Conselho de Sindicatos presididos por Tomski, é inevitável.

Tomski é um burocrata enérgico – o "Gompers do Estado Soviético"[469] segundo a expressão de Trotski – e está firmemente empenhado na luta para que os sindicatos conservem sua função geral de defesa dos interesses operários, pois os sindicatos são também o fundamento de seu poder pessoal e é, para ele, um elemento indispensável da organização soviética. A nova linha limita a função dos sindicatos a uma mera luta pelo aumento dos rendimentos e da produção industrial. A partir de junho, o Comitê Central critica os numerosos "abusos burocráticos" na atividade do aparato sindical, emitindo chamados dirigidos às "frações" sindicais do partido para que estas trabalhem em sua correção. Desta forma, o partido vai intervir diretamente nos sindicatos, independentemente de Tomski. Desde a substituição de Uglanov, o *Pravda* se lança ao ataque contra os direitistas dos sindicatos, condenando-os por sua resistência a fazer a autocrítica e por não mobilizarem as massas em prol da construção socialista. No Congresso Panrusso dos Sindicatos, celebrado no fim de dezembro, Tomski admite a existência de certas insuficiências, mas também propõe a renovação dos esforços para conseguir um aumento geral dos salários operários. No entanto, a fração sindical do partido apresenta uma resolução que condena os direitistas e exige uma industrialização acelerada, rechaçando a visão "puramente operária" sobre os sindicatos, cuja tarefa deve ser "mobilizar as massas" para "superar as dificuldades próprias do período de reconstrução"[470]. A moção da fração sindical é adotada por uma maioria esmagadora. Esta derrota de Tomski é seguida pela

468 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 352.

469 Samuel Gompers (1850-1924) foi ativista e um dos fundadores do movimento sindical norte-americano (N. do E.).

470 *Correspondence Internationale*, nº1, 5 de janeiro de 1929, pp. 4-5.

eleição, entre os novos dirigentes, de cinco membros importantes do aparato do partido - Kaganovich, Kuibishev, Ordzhonikidze, Rudzutak e Zhdanov. Tomski será reeleito para a presidência, porém, tendo perdido efetivamente o controle da organização, se nega a retomar suas funções.

A direita tem com isso a confirmação de sua derrota e se dispõe então a apoiar, quase imediatamente, uma medida que faz pesar sobre ela uma grave ameaça. Instado a renunciar a toda sua atividade política, Trotski se recusa, no dia 16 de dezembro, a fazer o que, em sua opinião, seria uma autêntica "abjuração"[471], e um abandono da luta na qual está empenhado há trinta e três anos. Contrariando a todos os chefes da direita, apesar dos esforços desesperados de Bukharin, e apesar da oposição de um outro membro do Birô Político, que possivelmente era Kuibishev, Stalin obtém a expulsão de Trotski do território da URSS. Segundo as atas desta sessão, posteriormente publicadas por Trotski, Stalin declarou:

> Trotski deve ser exilado no estrangeiro: 1º) Porque enquanto permaneça no país, será capaz de dirigir ideologicamente a oposição, cuja força numérica aumenta incessantemente; 2º) Para ser desacreditado perante massas mundiais como um cúmplice da burguesia, a partir do momento em que se encontre em um país burguês; 3º) Para poder desacreditá-lo frente ao proletariado soviético, pois, sem dúvidas, a social-democracia se utilizará de seu exílio contra a URSS, correndo ao auxílio de Trotski, "vítima do terror bolchevique"; 4º) Se Trotski atacar a direção com denúncias, poderemos acusá-lo de traição. Todas essas razões depõem pela necessidade de exilá-lo.

A GPU o detém no dia 22 de janeiro junto com toda sua família e o expulsa para a Turquia. Para o velho revolucionário, começa sua última viagem pelo "planeta sem visto"[472]. No dia 23, o *Pravda* anuncia mais cento e cinquenta detenções por "atividade trotskista ilegal". Entre os detidos se encontram Budu Mdivani, Drobnis, Pankratov e Voronski.

A liquidação política dos direitistas

Como aponta R. V. Daniels, "a história da oposição de direita oferece o singular espetáculo de um grupo político que primeiro é derrotado e só depois é atacado"[473]. De fato, até janeiro de 1929 foi mantida no Birô Político a ficção de uma unanimidade, inclusive frente ao Comitê Central. No entanto, em fevereiro de 1929, Stalin pede à Comissão de Controle que se inicie uma investigação a propósito das conversações mantidas entre Bukharin e Kamenev, reveladas em alguns panfletos publicados pelo

471 O termo tem, aproximadamente, o mesmo significado que "retratação", mas é associado aos processos da Santa Inquisição, tendo, portanto, uma conotação mais negativa (N. do E.).

472 Assim se chama o último capítulo da autobiografia de Trotski, *Minha vida*. Trata-se de uma alusão ao fato de que, após sua expulsão da URSS, inúmeros países lhe negaram asilo ou mesmo um simples visto de trânsito (N. do E.).

473 DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 362.

grupo trotskista de Moscou. Bukharin aceita o desafio. Reconhece sua participação no ocorrido e empreende um contra-ataque no Birô Político. Ao mesmo tempo em que nega ter participado de qualquer tipo de atividade fracional, ataca ferozmente o burocratismo de um aparato, cujo secretário geral é também seu senhor absoluto e onde nenhum secretário regional foi eleito; denuncia a nova política econômica como uma "exploração militar-feudal dos camponeses" que se encobre sob a aparência de um imposto; exige a redução do ritmo previsto para a industrialização e a manutenção do livre mercado. Ele e seus dois aliados apresentam novamente seu pedido de demissão. Porém, ao serem acusados de romper a unidade da direção e de infligir um sério golpe ao partido, terminam por voltar atrás. Rikov é o primeiro, negando-se de todas as formas a reconhecer as acusações que lhe imputam. No dia 27 de fevereiro, Molotov denuncia, sem nomear ninguém diretamente, nas páginas do *Pravda*, "a teoria de integração pacífica do *kulak* ao socialismo, que supõe na prática um abandono de toda ofensiva contra este, conduzindo à emancipação dos elementos capitalistas e, por fim, ao restabelecimento do poder da burguesia".

Na sessão de abril do Comitê Central e da Comissão de Controle, os ataques de Stalin, Molotov e Kaganovich dirigem-se, desta vez abertamente, conta os três direitistas que se encontram claramente em minoria. Para evitar uma condenação pública, eles aceitam votar resoluções em defesa de um plano quinquenal para a indústria, contentando-se em pedir que se trabalhe com prudência e advertindo sobre o perigo de uma "abolição da NEP". Como consequência, o Comitê Central os condena por terem "dissimulado suas verdadeiras posições". Stalin pronuncia uma autêntica intimação contra Bukharin, o acusa de defender a "integração dos capitalistas ao socialismo", conceitos que "amortecem a classe operária, golpeiam a vontade de mobilização das forças revolucionárias e facilitam a ofensiva dos elementos capitalistas". "O plano de Bukharin, exclama, tende a frear o desenvolvimento da indústria e derrubar as novas fórmulas de aliança entre operários e camponeses". Em seguida, Bukharin se lamenta da "degradação cívica" à qual o partido o submete criticando-o em público num momento em que se vê obrigado a se calar. Stalin lhe pergunta então, com toda a seriedade, por qual razão se manteve à margem da luta contra os desvios direitistas: "Por acaso o grupo de Bukharin não compreende que renunciar à luta contra os desvios direitistas significa trair a classe operária, trair a revolução?" E conclui: "O partido exige que empreenda, ao lado de todos os membros do Comitê Central, uma luta determinada contra os desvios direitistas e o espírito de conciliação. (...) Faça o que o partido exige de você e o partido o congratulará por isto, ou não o faça e, neste caso, a responsabilidade será somente sua"[474].

O conflito continua sem vir a público. Na XVI Conferência partidária, Rikov defende o plano quinquenal, enquanto Kuibishev ameaça os "elementos pequeno

474 STALIN, Josef, *Les quéstions...*, *op. cit.*, tomo 1, pp. 225-274.

-burgueses", "derrotistas" e "vacilantes". No Birô Político, Uglanov é substituído por Bauman. Em junho, Tomski é eliminado da direção do Conselho de Sindicatos e substituído por Shvernik. No dia 3 de julho, Bukharin é destituído da presidência da Internacional e expulso de seu Comitê Executivo. Esta operação é facilitada pela aliança de última hora entre Ercoli e a fração stalinista.

Tal medida não virá a público até 21 de agosto, data que determina o começo da sistemática denúncia dos "erros" de Bukharin. Na sessão de novembro do Comitê Central, Uglanov nega seus erros. Os três dirigentes acusados tentam convencer o auditório de que, na realidade, se limitaram a defender uma abordagem diferente para uma política com a qual estão completamente de acordo. São condenados então por esta "manobra fracional" e Bukharin é expulso do Birô Político. Por último, no dia 26 de novembro capitulam totalmente:

> Nos últimos dezoito meses existiu, entre nós e a maioria do Comitê Central do partido, uma série de divergências sobre as questões políticas e táticas. Apresentamos nossos pontos de vista em uma série de documentos e de declarações nas sessões plenárias e em outras sessões do Comitê Central e da Comissão de Controle. Acreditamos que nosso dever é declarar que, nesta discussão, o partido e o Comitê Central tinham razão. Nossos enfoques, apresentados em documentos conhecidos por todos, se revelaram errôneos. Ao reconhecer nossos erros, nos comprometemos, por nossa parte, a fazer todos os esforços necessários para empreender, junto com a totalidade do partido, uma luta decidida contra todos os desvios da linha geral, e em particular contra os desvios direitistas e a tendência conciliadora, a fim de superar todas as dificuldades e garantir com isto a mais rápida vitória da edificação socialista[475].

Desta forma, um dos mais brilhantes teóricos bolcheviques passa a engrossar o grupo de "almas mortas" que alguns meses antes era formado pelos conciliadores da oposição de esquerda, Preobrazhenski, Radek e Smilgá. Com este episódio se sela a longa agonia do partido bolchevique. Trotski, no exterior, e alguns irreconciliáveis, como Rakovski, Sosnovski e Solnzev – exilados na Sibéria –, continuam defendendo as ideias que compõem o legado bolchevique, mas que agora não têm vigência alguma neste partido que supõe-se ser o herdeiro de tal tradição. Fecha-se, desta maneira, um período histórico e se inicia um novo quando, no dia 27 de dezembro, Stalin, em um artigo intitulado "Ao diabo com a NEP", anuncia o que será a "grande virada". Para os homens que haviam encabeçado a primeira revolução proletária vitoriosa, esta virada seria a primeira etapa de um caminho que os conduziria a uma morte ignominiosa ou obscura.

475 *Correspondence Internationale*, nº18, 30 de novembro de 1929, p. 1578.

12

O PARTIDO STALINISTA EM SEU INÍCIO

A autocrítica de Bukharin, Rikov e Tomski fecha todo um capítulo da história do partido. Nele nunca mais ocorrerá uma discussão pública: desde então os congressos não são mais do que grandes eventos, cujas atas apenas sugerem, de maneira muito deformada, as discussões ou desacordos internos. O Comitê Central se converte em um organismo puramente decorativo, mas que não cessa de crescer. De 40 membros em 1923, passa para 52 em 1924 e 71 em 1927. Por mais de trinta anos, as diferenças manifestadas pelos direitistas no Birô Político serão as últimas a serem conhecidas fora deste órgão. As divergências políticas – que sempre existem – serão dali por diante resolvidas no coração do aparato, nos círculos dirigentes. Obviamente, desaparecem as tendências e frações. Porém, seu lugar será ocupado pelos clãs e camarilhas; vínculos e interesses pessoais substituem as afinidades políticas; já não se produzem discussões, mas apenas acertos de contas.

Podemos nos perguntar se os velhos bolcheviques Rikov, Tomski e Bukharin, no momento em que "confessavam" seus erros, tinham noção do alcance do último ato político de suas carreiras, e se tinham percebido a profundidade das mudanças na própria natureza do partido que lhes exigia esta capitulação, quer dizer, seu suicídio moral e político de fato. Arthur Rosenberg sugere que eles sabiam ter se tornado, contra sua vontade, os líderes virtuais de uma oposição organizada dos elementos neoburgueses: uma maior resistência de sua parte poderia ter dado um impulso à luta de todos os setores pró-capitalistas, então numerosos e fortes na sociedade russa e, desta forma, teriam sido eles próprios a desencadear a maré contrarrevolucionária para a qual a política de Stalin preparava o terreno[476]. Trotski se aproxima muito desta interpretação quando escreve em outubro de 1928:

---

476 ROSENBERG, Arthur, *Histoire du bolchevisme*, Paris, Grasset, 1936, p. 300.

> Contra sua vontade ou não, a ala direita não tem escolha a não ser entrar na água fria, ou seja, tentar resolver sua disputa com Stalin por fora do aparato (...). Para conseguir enfrentar seriamente o centro, estes deveriam ter denunciado, com toda a força de seus pulmões, a ameaça ultrarreacionária, ou seja, a ameaça do termidor. Mas para isto faltou estômago a Bukharin. Ele colocou o pé na água fria, mas tem medo de mergulhar. Fica quieto e treme (...). Atrás dele, Rikov e Tomski contemplam o que está acontecendo, prestes a recuar a qualquer momento[477].

Definitivamente, durante o mês seguinte, Bukharin, Rikov e Tomski se recusam a mergulhar na água fria, assim como haviam recusado, um ano antes, a se aliar com o diabo Trotski no inferno de um "bloco" pela democracia. Devemos nos resignar à impossibilidade de responder se eles compreenderam ou não que, com sua capitulação, selavam seu próprio destino e o do partido bolchevique, que sucumbia sob o peso de suas contradições.

O historiador do partido se dá conta em seguida de que na realidade a questão é outra: a quantidade se converte em qualidade, o objeto de sua investigação mudou de natureza. A história oficial se torna praticamente inutilizável, pois cada giro da política a obriga a adotar uma nova forma e o passado deve ser representado em função das necessidades políticas imediatas: a partir de 1931, Yaroslavski, o historiador oficial dos anos de luta contra a oposição, é acusado por Stalin de ter cometido "erros de ordem doutrinária e histórica" e nenhum de seus sucessores terá melhor sorte, já que os chefes do momento querem apagar até o mesmo o nome de seus adversários, pois cobri-los de calúnias já não é suficiente. Stalin mostra bem sua concepção de história ao atacar o infeliz Slutski, que ousou afirmar que Lenin nunca havia "desmascarado" antes de 1914 os sociais-democratas alemães, e que baseia sua declaração na inexistência de documentos que provem tal fato: "Quem além de um burocrata incurável pode se ater a meros papéis chamados documentos?"[478].

Os jornais contêm alguns elementos de informação sobre o partido, incluindo as atas das sessões do Comitê Central. Porém, estas fontes só fornecem os dados que a direção quer divulgar para os membros do partido. Os correspondentes estrangeiros – que costumam permanecer à margem dos debates e em geral carecem da formação necessária – substituem a descrição e a análise pela ficção. Por vários anos, o único material confiável com que conta o pesquisador é o *Sotsialisticheski Vestnik*, publicado pelo menchevique Nikolaievski, e o *Biuleten Oppozitsi* (Boletim da Oposição), publicado por Trotski e seu filho Leon Sedov no exílio, que recebe por vários anos informações sólidas vindas da Rússia, e que contém os pontos de vista e as análises dos documentos oficiais que são feitas pelo dirigente da oposição. Alguns anos mais tarde começam a ser publicados os relatos de estrangei-

---

477 TROTSKI, Leon, *Carta sobre a situação política na URSS*, em *Lutte de classes*, nº8, fevereiro de 1929, pp. 220-221.

478 STALIN, Josef, *Les quéstions...*, *op. cit.*, tomo III, p. 67.

ros que conseguem fugir da Sibéria, Victor Serge, Anton Ciliga, as revelações do homem que assina como "Velho bolchevique"[479] e as de Walter Krivitski. Desta maneira, podemos preencher algumas lacunas. Entretanto, devemos desconfiar das "memórias", cujas edições multiplicam-se no Ocidente, pois algumas delas não passam de tentativas de explorar comercialmente uma curiosidade legítima, e que tem todas as características deste tipo de literatura, como o sensacionalismo e o gosto por tudo que é escandaloso. Do mesmo modo, os centros de pesquisa especializados, dirigidos geralmente por competentes desertores, são impulsionados por uma hostilidade que os afasta da investigação, gerando contribuições que não podem ser utilizadas sem diversas precauções.

Será preciso esperar o fim da guerra para que o material disponível aos pesquisadores aumente substancialmente: um bom número de "desterrados" poderá assim dar seu testemunho sobre determinados períodos obscuros ou fatos incertos. Entretanto, devemos levar em conta o fato de que estes emigrados costumam tentar justificar-se, sobretudo a si mesmos, e que buscam também agradar o pesquisador ou o público. Os serviços americanos que se dedicam à investigação deste material contam certamente com colaboradores competentes e honestos, mas seu desejo de provar certas visões e de "servir" ao governo geralmente falseia a objetividade de suas investigações, pela própria orientação de suas perguntas e pelos temas a que se interessam. No meio de todo este material pouco confiável, existe uma exceção de grande importância: os arquivos do Comitê Regional de Smolensk, que caíram em mãos alemãs em 1942. Durante a retirada das tropas nazistas, os americanos capturaram estes arquivos e o pesquisador Merle Fainsod pôde retirar deles uma documentação de primeiríssima qualidade, sem equivalente até esta data, na qual se incluem informes secretos da GPU, atas de discussões dos comitês, declarações às comissões de controle, correspondências entre os oficiais, petições operárias, cartas de leitores aos jornais etc. Por fim, a partir de 1953, as primeiras informações vindas da própria URSS, referentes inclusive ao período stalinista, serão divulgadas pelos novos dirigentes. O informe de Krushev ao XX Congresso, as novas "revelações" feitas no XXII Congresso, somadas às dos delegados, jornais e revistas, permitem confirmar o essencial do conteúdo dos relatos de Trotski, Serge e Krivitski e a em alguns casos completá-las. Ainda assim, isto não significa que novos segredos, precisamente por serem mais bem guardados, não estão ainda ocultos nos arquivos do Kremlin, na memória de Krushev ou de algum de seus colaboradores pessoais. Entretanto, um esboço geral começa a ser factível.

Stalin, dono da situação

O fato inegável é que a partir de 1930, Stalin passa a dominar sozinho a cena política, convertendo-se no mestre do partido. Nos tempos de Lenin, o reservado

479 Sabe-se hoje que se trata do codinome de Bukharin (N. do E.).

komitetchik de Baku não era um personagem secundário. No entanto, também não era uma figura de primeiro plano. Como escritor, é extremamente formal, sua oratória é pesada, adora os silogismos e as repetições e possui um gosto manifesto pelas ladainhas[480]. É por estes motivos que nenhuma das brilhantes personalidades que rodeiam Lenin lhe levem muito a sério. De caráter vingativo, ele terá diversos adversários, mas trata-se também de um homem trabalhador, tenaz organizador, que sabe como utilizar os demais. Inicialmente opta pela obscuridade e por trabalhos pouco espetaculares, assim como Ebert[481], a quem foi comparado diversas vezes por Trotski e depois dele, por outros. Stalin se instala no partido silenciosamente, como uma aranha no centro de sua teia. Trata-se de um militante prático, sem ideias gerais, que após retificar seus erros, quando da volta de Lenin à Rússia em abril de 1917, nunca mais vai se afastar uma vírgula sequer, ao menos em público, das posições do líder do partido, até o dia de sua morte. Sua máxima preocupação é a eficácia: entre os dirigentes, este velho bolchevique vai em breve se tornar indispensável. É daqueles que "trabalham", enquanto os outros polemizam, e que "constrói" enquanto outros posam para a história.

Seus conflitos com Trotski durante a guerra civil não ameaçam afastá-lo da maioria dos velhos bolcheviques. Pelo contrário. Em 1917 ele defende a conciliação e a unidade, protege Kamenev e Zinoviev, minimiza os desacordos. Quando em 1922 se converte em secretário geral, é Lenin que apoia sua candidatura, afirmando que o grande mérito de Sverdlov foi não haver surgido nenhum conflito digno de nota no período em ele ocupou este cargo. Ele é modesto, rende honras a Trotski, "o organizador da vitória", e no período de 1923-1924, parece ser o elemento moderado da *troika*, já que são Zinoviev e Kamenev que desferem os principais golpes contra Trotski. Ao mesmo tempo em que se refugia atrás das posições do Comitê Central que condena a oposição como "anarco-menchevique", Stalin insiste em precisar que, em suas declarações, jamais pensou em colocar Trotski entre os mencheviques. Também se opõe a seus aliados quando estes se dispõem a expulsar Trotski, denunciando-os posteriormente por terem "exigido sangue". Por um momento se vê seriamente ameaçado por sua ruptura com Lenin, mas é salvo pela recaída do enfermo. Não discute os termos que constam contra ele no "testamento" e apresenta sua demissão dos cargos que ocupa. Não a retira até que peçam sua permanência, quando então promete corrigir sua brutalidade.

Quando a *troika* se desintegra, Stalin não se encontra na primeira linha dos enfrentamentos. Porém, se coloca na disputa, inicialmente para defender Bukha-

480 Tipo de oração cristã na forma de uma série de súplicas repetitivas. Aqui o termo é aplicado em sentido figurado, referindo-se ao gosto de Stalin pelas fórmulas pobres e sem conteúdo, mas repetidas à exaustão (N. do E.).

481 Friedrich Ebert foi um militante do Partido Social-Democrata alemão, do qual se torna presidente em 1906. Chefe do setor "social-patriota" dessa organização, se torna primeiro-ministro em 1918, quando reprime violentamente a revolução de novembro (N. do E.).

rin, cujo "sangue" é exigido pelos leningradenses. Apresenta-se sempre como a encarnação das decisões do partido, porta-voz de sua vontade e defensor da unidade. No entanto, esta sua postura firme e muitas vezes submissa não o exclui de contar com uma série de lacaios, como Molotov, Kaganovich, Rudzutak e Kirov, que são os primeiros a cantar seus grandes feitos. Para Kamenev, que denuncia o "culto do chefe", responde que o partido não conhece outra direção a não ser a coletiva.

Porém, ele emerge gradualmente, enquanto seus rivais desaparecem. É ele que Zinoviev e Kamenev consideram o inimigo número um, a quem Trotski vai chamar de "o coveiro da revolução", e em quem Bukharin vê "o novo Gengis Khan". Quando Krupskaia capitula, circula o rumor de que, para conseguir tal capitulação, Stalin teria utilizado procedimentos pouco nobres, fazendo uso de informações do arquivo da polícia sobre a vida privada de Lenin para ameaçar "achar outra viúva para Lenin". Isto não parece improvável se levarmos em conta que foi precisamente uma grosseria de Stalin para com Krupskaia que provocou, em seu tempo, a carta de ruptura de Lenin. Mas estes são meros rumores, que compõem uma "reputação ameaçadora", como diz Pierre Naville, jovem comunista que chega em Moscou em 1927 e vê Stalin com "um ar tranquilo de quem é o mestre clandestino da situação". Naville também afirma: "A ele é muitas vezes atribuída, além de sua energia e bom senso, uma certa falta de genialidade"[482]. Em todo caso, em 1928 são seus discursos que vão indicar as viradas na política. Sua interpretação das resoluções é a que vai prevalecer. Pouco a pouco, emerge publicamente no papel que desempenha há muitos anos: suas fotos aparecem nos jornais, o país inteiro celebra seu aniversário. Em seguida, se converterá em um ícone vivo. Porém, neste momento, se contenta com o papel de sumo sacerdote.

Uma ideologia oficial: o leninismo

Kamenev foi o primeiro a usar o termo "leninismo" em um artigo publicado em março de 1923. Todo o partido vai imitá-lo. É o "leninismo" que contrapomos ao "trotskismo". Em 1924, Stalin publica *Problemas do leninismo*. Em 1926, como réplica a *O leninismo*, de Zinoviev, publica também *Questões sobre o leninismo*, onde expõe uma série de proposições dogmáticas, apoiadas em citações do mestre. Seis anos antes, durante o IV Congresso dos soviets, Lenin afirmava mais uma vez que a vitória da Revolução Russa não se devia "aos méritos particulares" do povo russo, nem a uma "predestinação histórica", mas a todo um "conjunto de circunstâncias históricas". Também afirmava: "Sei perfeitamente que esta bandeira está em mãos débeis, que os operários de um país tão atrasado não a conservarão se os operários dos países avançados não correrem em sua ajuda. As transformações socialistas que pudemos fazer são, em muitos aspectos, imperfeitas, débeis e

482 NAVILLE, Pierre. *Trotsky vivant*. Paris, Julliard, 1962, p. 30.

insuficientes; devem servir como indicação aos operários avançados da Europa Ocidental, que dirão: 'os russos não começaram da maneira correta a fazer as tarefas necessárias'"[483].

Mas após sua morte, Stalin vai afirmar, em nome do leninismo, que a URSS é a "pátria da teoria e da tática da revolução proletária" e que "Lenin é o criador desta teoria e desta tática e o chefe indiscutível do proletariado internacional"[484]. Seu artigo "Resposta aos trabalhadores kolkhozianos"[485], publicado no *Pravda* em 30 de julho de 1930, contém dezenove citações de Lenin e é um bom exemplo desta nova teoria.

A insistência sobre a existência do leninismo enquanto dogma perfeitamente acabado permite enfatizar a noção de "desvio". Essa palavra é primeiramente utilizada em março de 1921, e utilizada por Lenin contra a Oposição Operária. Ele define "desvio" como uma tendência em desenvolvimento, que ainda pode ser corrigida. A partir de 1925, todas as divergências se convertem em "desvios", que afastam os seus defensores "objetivamente" do leninismo, tal como é definido pelo Comitê Central. De fato, na boca de Stalin, que por sua vez recorre à expressão usada por Zinoviev, o partido deve ser "monolítico", a unanimidade e a força são as "características dos comunistas": o partido está "fundido em uma só peça", é "maciço", "férreo", "de aço". "É praticamente desnecessário, escreve Stalin, demonstrar que a existência de frações cria vários centros, o que supõe a ausência de um centro comum de poder no partido, isto é, a fragmentação da vontade única"[486].

Atacar a direção do partido e seu aparato significa atacar o próprio partido, "romper sua coluna vertebral" e "debilitar sua disciplina", quer dizer, "minar os fundamentos de sua ditadura". Para que uma discussão irrompa, é preciso que tenha sido "introduzida a força" e o dever dos dirigentes é precisamente "resistir a este assalto", já que "durante a construção do socialismo, o partido está rodeado de inimigos, precisamente no momento em que conta com um número enorme de tarefas práticas no campo da atividade criadora e é por isto incapaz de concentrar permanentemente sua atenção sobre as divergências internas de opinião". O partido "não precisa de modo algum de discussões pré-fabricadas e também não deve se transformar em um clube de discussão. Pelo contrário, precisa reforçar seu trabalho construtivo de um modo geral (...). A teoria segundo a qual nós podemos 'vencer' os elementos oportunistas através da luta ideológica no seio do partido e, desta maneira, 'superá-los' no âmbito de um partido único, é uma teoria

483 LENIN, Vladimir, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 193.
484 STALIN, Josef, *Les quéstions...*, *op. cit.*, tomo 1, p. 15.
485 *Kolkhozes* são as fazendas coletivas ou cooperativas agrícolas independentes do Estado, que vendem a este sua produção. Com a coletivização forçada do campo, no final dos anos 1920, se tornaram a forma predominante de economia agrícola na URSS (N. do E.).
486 *Ibid.*, p. 82.

podre e perigosa, que ameaça condenar o partido à paralisia"[487]. É por isto que as diversas oposições, quaisquer que sejam suas teses e seja qual for o momento de seu surgimento, acabam sempre por encorajar os "inimigos da revolução e do proletariado", "abrindo-lhes a porta" e "abrindo o caminho para a contrarrevolução". Os oposicionistas fazem "objetivamente" o jogo dos guardas brancos. Se, uma vez advertidos pelo partido, insistem em suas posições, isto supõe que a "lógica de seu enfrentamento" "os arrasta" ao bando dos reacionários e dos imperialistas. É por isso que, se o historiador Slutski afirma que não existem documentos que provem que Lenin havia, antes de 1914, "desmascarado" o "centrismo" de Kautsky, deve ser porque este pretende "passar para o lado do antileninismo". A partir do momento em que "o trotskismo é um destacamento de vanguarda da burguesia contrarrevolucionária", "uma atitude liberal em relação ao trotskismo, vencido e camuflado, não é mais do que uma imbecilidade que beira ao crime e à traição da classe operária"[488].

A única justificativa que Stalin pode oferecer para estas afirmações - empreitadas intelectuais frágeis mesmo do ponto de vista da lógica formal e contrárias ao conjunto da obra de Lenin -, a única prova que Stalin pode oferecer de sua concepção "leninista" do partido é a proibição de frações, aprovada em 1921. Aquela medida excepcional, adotada em plena retirada, no momento de maior perigo, aquele "estado de sítio" é, para Stalin, o regime político normal, a regra imposta por Lenin. Depois do XV Congresso, completará esse edifício com a generalização da prática da "crítica e autocrítica", afirmando que estas pertencem à própria "natureza do partido bolchevique" e são a "base da ditadura do proletariado". "Se nosso país – afirma em uma assembleia de funcionários moscovitas do partido – é o país da ditadura do proletariado, e se a ditadura é encabeçada por um partido, o partido comunista, que não compartilha nem pode compartilhar o poder com nenhum outro partido, está claro que somos nós mesmos que devemos velar, denunciar e corrigir nossos erros se quisermos seguir em frente, pois é evidente que ninguém mais pode denunciar ou corrigir nossas faltas"[489].

Tanto a crítica quanto a autocrítica devem ser entendidas no contexto da "linha" fixada pelo partido e se referem à sua aplicação. A crítica tem o objetivo de desenvolver a autocrítica, motor dos progressos e da melhora do partido. Ambas são ferramentas nas mãos de uma direção que é a única que pode afirmar a existência de um erro e que sempre vai encontrar os erros na incorreta aplicação da linha por parte dos funcionários, e nunca na linha, por ser a própria direção quem a determina e interpreta e porque ninguém pode criticá-la, sob o risco de ser acusado de "desviar-se da linha" e de "refletir objetivamente" a pressão de "forças contrarrevolucionárias".

---

487 *Ibid.*, p. 83.
488 *Ibid.*, p. 69.
489 *Correspondence Internationale*, nº41, 28 de abril de 1928, p. 511.

A pirâmide burocrática do aparato

Os diferentes oposicionistas e, em algumas ocasiões, o próprio Stalin compararam o funcionário médio da União Soviética com Pompadour, o tirânico administrador-burocrata encenado por Saltikov-Schedrin[490] em uma de suas famosas sátiras. A concepção de vida política defendida por Stalin, como demonstrada por sua compreensão do "leninismo", só poderia nascer e se desenvolver em um meio social marcado por uma mentalidade burocrática e de funcionário, que é de fato uma das características fundamentais da sociedade russa desde os tempos de Pedro, o Grande. Essa mentalidade é reprimida durante um tempo pelo ascenso revolucionário, mas se impõe novamente com a onda de reação que se segue à guerra civil e que acaba dominando o partido.

É incontestável que, nas cúpulas do aparato, os homens continuem sendo, em sua maioria, os mesmos que lideraram os operários e camponeses em 1917. Dos 121 membros do Comitê Central eleitos no XV Congresso, 111 já eram bolcheviques antes de 1917. A proporção é menor nos comitês centrais das repúblicas soviéticas, onde os bolcheviques do período pré-revolucionário são 22,6%. Nos comitês regionais esta proporção é de 12,1% e nos comitês de província, de apenas 11,9%[491]. Partindo desses dados, um certo número de historiadores chegou à conclusão de que existia um vínculo direto entre os *apparatchiks* dos anos 1930 e os *komitetchiks* de antes de 1917.

Esta é uma afirmação defensável, mas contra ela depõem alguns fatos. Por exemplo, é um fato que existem mais dos antigos "clandestinos" do partido nas prisões, deportados ou nos cargos subalternos do que no Comitê Central. Sobretudo, o que vemos é que os velhos bolcheviques mudaram de mentalidade desde a época em que sua vida estava marcada por greves, manifestações e períodos na prisão. Ao estabelecer a gênese dos burocratas egressos das fileiras dos antigos bolcheviques, Sosnovski destaca o papel de certos fatores como o que denomina, com certo humor, de "o fator automóvel-harém"[492]. Os velhos bolcheviques que ocupam cargos dirigentes não são mais militantes, combatentes clandestinos, difusores de palavras de ordem, oradores das assembleias relâmpago ou agitadores: antes de tudo, são funcionários que cumprem importantes tarefas materiais, respondendo perante seus superiores hierárquicos que decidem sobre o rumo de suas carreiras,

---

490 Mikhail Saltikov-Schedrin (1826-1889), foi um escritor liberal russo, conhecido por suas sátiras e críticas bem humoradas ao czarismo e seu aparato burocrático, povoado de funcionários estúpidos e corruptos. O próprio Saltikov-Schedrin foi funcionário de carreira do Estado russo, trabalhando em diversas repartições públicas ao longo de vários anos, até ser banido da Rússia por ordem direta do czar em 1886 (N. do E.).

491 Citado por SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 221.

492 A citação de Sosnovski descreve um comportamento comum durante o reinado da burocracia, no qual burocratas em ascensão se casavam com filhas de aristocratas e burgueses, passando então a imitar seus hábitos, como o de adquirir grandes e luxuosos automóveis (N. do E.).

e que contam com uma grande autoridade sobre a massa de militantes de base e mais ainda sobre os sem partido. Esses funcionários gozam também de uma série de privilégios, de fato e de direito, o que os leva a serem tratados como chefes, recebendo os mesmos nomes que eram utilizados nos tempos do czar: *chinovniks*[493] ou *nachalniks*[494]. São, por exemplo, velhos bolcheviques incontestáveis os que provocam, com sua conduta digna de barões do antigo regime, o escândalo de Smolensk, descoberto e denunciado em maio de 1928. Os dirigentes regionais do partido e dos soviets são acusados de "corrupção", de "embriaguez" e de "excessos sexuais". A investigação que se inicia em Moscou será silenciada para não dar armas à Oposição Operária. Porém, algum tempo depois, o informe secreto de Yakovlev vai confirmar que, em uma fábrica próxima a Smolensk, onde 50% dos trabalhadores são membros do partido, os funcionários dirigentes puderam abusar impunemente das jovens operárias, precisamente por ocuparem altos cargos e pelo perigo que elas corriam caso resistissem aos seus caprichos[495].

Dez anos se passaram desde a revolução. Todo este período de lutas e de derrotas parece justificar os privilégios desfrutados por esses homens, bem como sua autoridade, que em muitos casos lhes confere uma total imunidade. Porém, os velhos bolcheviques do aparato são sempre submissos a quem lhes ofereceu seu cargo, pois seu passado não garante automaticamente privilégios. Para isso devem enquadrar-se na linha oficial. Os militantes cuja carreira se iniciou nos tempos da guerra civil, por seu passado e pelo regime que conheceram, são quadros mais disciplinados e submissos. No Comitê Central só existem dez destes. Em compensação, são 57,2% dos membros dos comitês centrais das repúblicas e 63,9% dos comitês regionais. Porém, menos da metade dos dirigentes dos organismos de base pertence a esta geração. Uma proporção importante dos membros dos comitês regionais e provinciais, além de 50,9% dos secretários locais ou de fábrica, são pessoas que se filiaram ao partido em 1924 ou mais tarde, quer dizer, são pessoas que devem suas funções e sua permanência nas mesmas à sua fidelidade e disciplina ao Comitê Central e à sua luta contra as diferentes oposições. São militantes para os quais a era revolucionária, ultrapassada há muito tempo, parece pertencer a outro mundo.

Após Tomski ser expulso do Birô Político em junho de 1930 e Rikov em dezembro do mesmo ano, este órgão partidário será integrado exclusivamente por *apparatchiks*, por homens cuja carreira se desenvolveu em paralelo à de Stalin, e com o qual colaboraram estreitamente pelo menos desde 1921: Voroshilov, Kalinin, Kaganovich, Kirov, Kossior, Kuibishev, Ordzhonikidze e Rudzutak. O secretário geral controla completamente o Birô Político. Não existe mais nenhuma possibili-

493 Funcionários de alto escalão (N. do E.).

494 Chefes (N. do E.).

495 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p. 49.

dade de que a onipotência do secretário seja contestada, nem sequer pelo Comitê Central ou mesmo pelo Congresso, já que 75% de seus delegados são, em 1927, funcionários liberados do partido. Segundo Molotov, podemos estimar em 25 mil o número total de funcionários do aparato em 1927, numa proporção aproximada de um funcionário permanente para cada quarenta membros do partido.

Até 1930 o organismo fundamental do Secretariado é o Orgraspred[496], criado em 1924 pela fusão de três departamentos, o de Organização, o de Instrução e o Departamento de Nomeações. A partir desta data, sua atividade inclui a nomeação de todos os dirigentes do partido em seus diversos níveis: aparato partidário, soviets, sindicatos e administração econômica, bem como a formação e o controle de pessoal, mediante o envio de instrutores e de diretrizes, além da celebração de conferências e viagens de inspeção. Dispondo de um arquivo extremamente detalhado, este órgão nomeia, substitui e decide sobre as promoções e sanções de todos aqueles que ocupam os postos-chave. Entre 1928 e 1929, realiza 8.761 nomeações e mais de 11 mil entre 1929 e 1930. Neste período é reorganizado e dividido em dois departamentos: o de instrução e organização – que cuida exclusivamente das nomeações para os postos do aparato do partido – e o de nomeações, que destina e transfere os membros do partido para tarefas na organização econômica e administrativa do Estado. Além destes departamentos, existem quatro outros serviços, dos quais o mais importante – e menos conhecido – é o "serviço especial", dirigido por Poskrebishev, o chefe do secretariado pessoal de Stalin, e onde começa, a partir de 1925, a carreira de *apparatchick* de um jovem muito promissor, George Malenkov, que entrou no partido em 1920, e que será o responsável pelo Departamento de Organização e Instrução da região de Moscou entre 1930 e 1934.

A onipotência deste aparato central, que dispõe de mais de 800 membros liberados no início da década de 1930, não deve criar a imagem de uma centralização total e direta. O aparato é uma pirâmide: a autoridade dos departamentos centrais se estende até os comitês regionais, que, embora compartilhem o poder de nomeação com o Secretariado em certas questões, dispõem de um campo de ação no qual sua soberania é, de fato, absoluta, ainda que não o seja de direito. Os arquivos do Comitê Regional de Smolensk revelam claramente esta hierarquia de autoridade, assim como a divisão de poderes entre os diferentes níveis do que os russos chamam de "nomenclatura", quer dizer, o poder de efetuar nomeações[497]. O Comitê Regional está dividido em sete departamentos que se tratam da própria organização do partido, dos transportes e da indústria, da agricultura, dos assuntos soviéticos, da agitação e propaganda, da educação e, por fim, do trabalho cultural e educativo. Cada um destes é comandado por um diretor, auxiliado por um nú-

496 Departamento de Distribuição (N. do E.).
497 *Ibid.*, pp. 63-67.

mero variável de instrutores. Por exemplo, nesta região de caráter profundamente rural, oito instrutores fazem parte do departamento de organização do partido e onze do de agricultura. No total, os sete diretores contam com 35 instrutores e 2.763 funcionários. O trabalho do primeiro departamento consiste em controlar a atividade dos 80 distritos – delimitação administrativa que se estende, em geral, ao redor de um povoado-mercado – e do próprio município de Smolensk, além da organização regional dos jovens comunistas. Sua "nomenclatura", quer dizer, as nomeações pelas quais o Comitê Regional é responsável, compreende 596 postos. Porém, 83 primeiros-secretários de distrito e 52 segundos-secretários devem ter seus nomes confirmados pelo Comitê Central. A segunda divisão conta com 322 postos em sua "nomenclatura", mas os diretores de fábrica e os administradores são propostos pelos comissários do povo que correspondem a cada tarefa, enquanto a autoridade local dispõe da prerrogativa de nomear os secretários dos comitês de fábrica e das seções sindicais. A terceira divisão não escolhe os diretores dos *sovkhozes*[498] nem das estações de máquinas e tratores, que são decididos pelo Comissariado da Agricultura, mas tem o poder de nomear os presidentes dos *kolkhozes*. Desta forma, cada divisão têm, dentro de seu âmbito de "nomenclatura", algumas designações que lhe pertencem exclusivamente e outras que compartilha com instâncias nacionais.

O Comitê Regional, que controla todos os setores da vida da região de Smolensk de perto, e que por sua vez está estritamente subordinado ao Secretariado Geral que o nomeia – e que pode destituí-lo por mero capricho –, é a única autoridade regional. Entre 1931 e 1937, a região de Smolensk é dirigida exclusivamente, mas sob a autoridade direta do Secretariado Geral, por um grupo de três homens: Rumiantsev e Chilman, primeiro e segundo secretários do partido, respectivamente, e Rakitov, que ocupa o cargo de presidente do Comitê Executivo dos Soviets da região e, portanto, de representante da autoridade soviética, mas que na prática tem a mesma "independência" frente a Rumiantsev que Kalinin, presidente do Comitê Executivo Panrusso dos Soviets, tem frente a Stalin. As ordens e diretrizes chegam por meio dos organismos do partido e passam de secretário a secretário. O Comitê Regional do partido é encarregado de designar o Comitê Executivo de cada soviet de distrito, bem como seu presidente e vice-presidente. A este respeito, Merle Fainsod encontrou nos arquivos de Smolensk uma circular do segundo-secretário regional Chilman, em que protesta contra o fato de que as eleições para o Congresso Regional tenham sido realizadas em uma reunião do partido sem que o Comitê Regional tenha sido devidamente avisado. Chilman enfatiza que as candidaturas para o Congresso dos Soviets

498 *Sovkhozes* são as fazendas estatais soviéticas que empregam mão de obra assalariada. Ao contrário dos *kolkhozes*, permaneceram como uma forma bastante minoritária de economia agrícola (N. do E.).

devem ser apresentadas anteriormente ao Comitê Regional do partido e que a eleição formal de um candidato não poderá ser executada a não ser depois de tal apresentação e quando este for devidamente "aprovado"[499].

A mesma rígida hierarquia é encontrada no nível dos distritos, cujos principais dirigentes são designados com a aprovação do Comitê Regional ou diretamente pelo mesmo; entretanto, estes dispõem igualmente de uma "nomenclatura" que inclui os dirigentes adjuntos de seu nível e que se estende até os dirigentes das organizações locais e dos soviets dos povoados. Desse modo se enquadra totalmente uma região que, quando de sua formação, em 15 de março de 1929, contava com seis milhões e meio de habitantes e onde cada um dos seus comitês de distrito contava, em média, com entre cinquenta e setenta e cinco mil habitantes.

Do leninismo ao stalinismo

A pirâmide burocrática erguida no seio do Estado, primeiro por dentro e mais tarde por cima dos soviets, tirando-lhes todo o seu significado, não foi deliberadamente concebida nem desejada. Ela é fruto das circunstâncias, dos esforços do aparato para substituir a iniciativa cada vez menor das massas operárias e camponesas durante a guerra civil e logo após a mesma. Além disso, é fruto do reflexo conservador do aparato, de buscar se defender contra as discussões, as críticas e a ação espontânea, práticas que, em sua opinião, poderiam atrapalhar a aplicação das diretrizes e a realização das ações práticas, terminando – como afirmava honestamente Kalinin – por complicar o trabalho dos dirigentes. Nesta autodefesa, os funcionários do partido vão se adaptar à rotina que surge da aplicação sempre dos mesmos métodos, unidos por preocupações comuns e mais tarde por interesses materiais comuns, vinculados por sua inclusão em uma rígida estrutura, animados pela convicção de serem parte de uma vanguarda consciente encarregada de "educar", se possível, ou ao menos de guiar e dirigir as massas incultas, atrasadas ou simplesmente cansadas. Eles vão encarnar a mentalidade de "ativistas" frente a um mundo de desiludidos. Ao destacar as condições em que se opera este desenvolvimento, o oposicionista Christian Rakovski escreve: "Quando os camponeses médios e pobres de um país que fez uma gigantesca revolução dizem, como indica o *Pravda*: 'o poder o exige, não se pode ir contra o poder', estas palavras denotam um estado das massas infinitamente mais perigoso que o roubo e a violência exercidos pelos funcionários. Termidor e Brumário batem na porta, apoiando-se na indiferença política das massas"[500].

O escândalo do Smolensk inspira reflexões parecidas em Sosnovski quando este escreve:

---

499 *Ibid*., p. 87.

500 RAKOVSKI, Christian, *Declaração da oposição em abril de 1930*, em *Lutte de classes*, nº25-26, setembro-dezembro de 1930, p. 656.

No comando deste distrito estavam autênticos bandidos. Na base, nem uma voz se ergueu para denunciar esta quadrilha. (...) Milhares de aproveitadores, com sua carteira do partido no bolso (a propósito, os sem partido, enojados, a chamam de carteira de pão), que trabalham como instrutores, inspetores e revisores e que se apressam em inspecionar, revisar e dar instruções a todos os departamentos, cada um em seu setor (...) - nenhum destes parasitas conseguiu, em suas inspeções e revisões, ver nada de errado, e assinaram em suas atas que tudo se encontrava em perfeito estado[501].

O novo sistema em sua totalidade se opõe ao espírito que animou a organização dos soviets. Em 1924, o comunista húngaro Gyorgy Lukács escreveu: "O sistema de conselhos tenta fundamentalmente vincular a atividade dos homens a todos os problemas gerais do Estado, da economia, da cultura e outras mais, opondo-se simultaneamente a que a administração de todas estas questões se converta em um privilégio para uma camada fechada, isolada da vida social"[502]. Depois de ter "construído" o seu aparato e iniciado o seu "trabalho" à margem de qualquer tipo de controle, os funcionários do partido não concebem mais que seja possível trabalhar de outra forma. Através dos anos, Lenin denunciou as tendências ao burocratismo e indicava, como único remédio, "a participação de todos os membros dos soviets na direção de todos os assuntos"[503]. Já Stalin, para justificar não somente o monopólio do poder nas mãos do partido, mas também o monopólio do partido nas mãos do aparato, responde: "Por acaso podemos levar às ruas uma discussão sobre a guerra e a paz? Discutir uma questão nas reuniões das 20 mil células do partido significa levá-la às ruas. (...) Devemos recordar que (...) ainda permanecemos rodeados de inimigos, tudo pode decidir-se por um golpe súbito que seja dado contra nós, ou por uma manobra inesperada"[504]. Desta forma, se vê realizada a sarcástica previsão de Bukharin: os "comissários" tomam efetivamente o posto das cozinheiras na direção do Estado.

Em uma etapa posterior, o funcionário, consciente de sua originalidade, de seu papel, de seu caráter insubstituível, organiza seu trabalho e tenta moldar o mundo à sua imagem. O *apparatchik* ignora as privações que aceitava o militante: o "máximo comunista" é extinto, o número de vantagens materiais ligadas ao exercício das funções públicas aumenta. Para ele trata-se apenas de uma justa recompensa.

O privilégio adquirido desta forma deve ser defendido, pois o "trabalhador político" que perde seu posto é obrigado a voltar à fábrica ou ao campo. O X Congresso vai reafirmar esta regra solenemente. Entretanto, somente vã perder seus

501 TROTSKI, Leon, *Cartas do exílio*, em *Lutte de classes*, nº17, janeiro de 1930, pp. 69-77.
502 LUKÁCS, Gyorgy, *Lenin*, p. 59, citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 305.
503 LENIN, Vladimir, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 283.
504 STALIN, Josef, *Discurso diante do XII Congresso*, em *Obras completas* (em russo), 3ª edição, tomo V, p. 255.

postos os que, em algum momento, se vincularam a alguma oposição. Os demais conservam seus cargos e ascendem na hierarquia se são dóceis: Pavliuchenko, o responsável principal pelo ocorrido em Smolensk, é transferido. Esta é a única sanção. O fato de pertencer ao aparato é uma séria proteção, uma superioridade social, uma conquista que não deve ser questionada. Os congressos não voltarão a implementar a prática da eleição dos dirigentes, à qual todos opõem uma resistência compacta. As eleições continuam a existir como meras formalidades, confirmações de algo que já estava decidido anteriormente. Desde que este sistema se impôs, já não são os homens que "não acreditam em ninguém com base apenas em palavras", que "se negam a pronunciar uma só palavra contrária à sua consciência", tal como os concebia Lenin, os que "crescem" dentro do partido; não são mais os "inteligentes, porém pouco disciplinados", nem os rebeldes e combativos, esses apóstolos que emprestam sua grandeza à corte bolchevique. Agora são os "imbecis disciplinados", os carreiristas, os oportunistas, os céticos e os conservadores, em uma palavra, todos aqueles que, como diz o poeta Evtushenko, amam o poder soviético apenas porque ele é poder e, em meio aos quais encontramos muitos renegados do outro lado da guerra civil. Em 1928, Preobrazhenski, Mrachkovski e Smirnov, entre outros tantos, são deportados novamente. Em contrapartida, os antigos mencheviques Martinov, Vishinski, Strumilin e Maiski são reabilitados, ocupando, desde então, postos importantes.

Em 1918, Lenin reconhecia como uma derrota a volta – necessária pela pressão das circunstâncias – "ao antigo procedimento burguês" de "pagar um preço muito elevado pelos serviços dos grandes especialistas burgueses". Afirmava:

> Esta medida supõe uma concessão, um abandono dos princípios da Comuna de Paris e de todo poder proletário, que exige que estes honorários se reduzam ao salário de um operário médio e que o carreirismo seja combatido com atos e não com palavras (...). Este é um passo atrás de nosso poder de Estado socialista e soviético, que, desde o princípio, aplicou uma política que tende a reduzir os honorários mais elevados ao nível do salário de um operário médio[505].

Stalin, no entanto, encabeça toda uma luta contra a oposição em nome da desigualdade e a partir de 1925 afirma: "Não devemos jogar com frases sobre a igualdade; brincar com isto é brincar com fogo". Em 1931 denuncia a "nivelação esquerdista dos salários", afirmando que é preciso dar aos operários "a perspectiva de um crescimento, de uma contínua elevação"[506]. Em contraste com o que é o militante bolchevique, que condena sem pestanejar o apelo ao espírito pequeno-burguês da ascensão social individual, Stalin celebra, como se se tratasse de uma vitória, a

505 LENIN, Vladimir, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, pp. 257-258.
506 STALIN, Josef, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 45.

desaparição das *notabilidades* nas aldeias, e a aparição de novos *notáveis*[507], condenando a "nivelação" como "uma estupidez pequeno-burguesa reacionária digna de uma seita primitiva, mas não de uma sociedade socialista organizada de forma marxista"[508]. Desta forma, o que inicialmente surgiu como um estado de ânimo transformou-se gradualmente em uma tendência e posteriormente em uma camada privilegiada. Neste momento o aparato começa a produzir sua própria ideologia.

Nascido da burocracia do Estado e do partido, e tirando sua razão de ser da extensão do papel do partido dentro do Estado, o porta-voz do aparelho termina por elaborar uma nova teoria de Estado. Como havia previsto Bukharin, a burocracia diviniza o Estado. Segundo Stalin:

> Alguns camaradas interpretam a tese da supressão das classes, da criação de uma sociedade sem classes e da posterior eliminação do Estado como uma justificativa para a preguiça e a lentidão, para a teoria contrarrevolucionária da extinção da luta de classes e da debilitação do poder do Estado. (...) Estes são elementos degenerados ou traidores que devemos eliminar do partido. A supressão das classes não pode ser realizada pela extinção da luta de classes. Pelo contrário, esta só será alcançada com sua exacerbação. O debilitamento do Estado não será feito debilitando o seu poder, mas com seu máximo fortalecimento, o que é indispensável para acabar com os últimos resquícios das classes burguesas e para organizar a defesa contra o cerco capitalista, cuja destruição ainda é remota e não será produzida imediatamente. (...) Não podemos perder de vista o fato de que o crescente poder do Estado soviético aumentará a resistência dos últimos resquícios das classes que estão desaparecendo. Precisamente pelo fato de estarem expirando e vivendo seus últimos dias, passarão a formas de ataque mais violentas, chamando ao seu auxílio as camadas mais atrasadas da população para mobilizá-las contra o poder dos soviets[509].

No âmbito do partido, este "reforço do Estado" possui um significado bem preciso. Trata-se da intervenção da GPU na luta contra a oposição. Depois do episódio do "oficial de Wrangel" provocador, em 1927, há em 1928 o ingresso nas fileiras da oposição de esquerda de Leningrado do provocador Tverskoi, que dará à GPU um informe completo das conversas de Kamenev com Bukharin. Em 1929-1930 acontecem os primeiros acertos de contas políticos. Butov, ex-secretário de Trotski, morre fazendo greve de fome para protestar contra sua prisão e contra os interrogatórios aos quais é submetido na tentativa de comprometer seu antigo chefe. O ex-terrorista socialista-revolucionário de esquerda, Yakov Blumkin, acusado de ter trazido de Istambul para a URSS uma carta de Trotski, é condenado a morte pelo

507 Em francês, *notabilité* (que traduzimos por notabilidade) é a distinção, comum nas aldeias de vários países europeus, de pessoas que se destacam por suas ações meritórias, suas qualidades, ou mesmo por sua idade avançada. Os *notables* (na nossa tradução, *notáveis*) pelo contrário, são os que se destacam numa aldeia por seu poder, riqueza ou influência política (N. do E.).

508 *Ibid.*, p. 177.

509 *Ibid.*, pp. 103-104.

Conselho Secreto da GPU e executado quinze dias mais tarde. A GPU se converte definitivamente em um dos instrumentos de dominação a disposição do aparato e do secretário geral dentro do próprio partido.

A oposição frente a uma nova situação

Christian Rakovski, em seu exílio na Sibéria, escreve sobre o XVI Congresso, o primeiro sem uma oposição desde os tempos de Lenin, quer dizer, o primeiro congresso stalinista: "É difícil dizer quem perdeu em maior medida sua dignidade: aqueles que se inclinam humildemente sob as vaias e assovios, deixando passar os ultrajes com a esperança de um futuro melhor, ou aqueles que, com a mesma esperança, proferem tais ultrajes, sabendo de antemão que o adversário irá ceder"[510]. Desta forma, este que foi um dos últimos personagens da oposição depois da capitulação de Preobrazhenski, Radek, Smilgá e Smirnov, indica assim o sentido de sua análise. Em 1928 ele escreve:

> Sob as condições da ditadura do partido, um poder gigantesco se concentrou nas mãos da direção, um poder que nenhuma organização política teve ao longo de toda a História. (...) A direção estendeu a atitude negativa da ditadura proletária frente à pseudodemocracia burguesa também às garantias democráticas mais elementares, sem as quais, na verdade, é impossível dirigir a classe operária e o partido. Durante a vida de Lenin, o aparato do partido não detinha nem a décima parte do poder com que conta na atualidade e, consequentemente, tudo o que temia Lenin se realizou de maneira dez vezes mais perigosa[511].

Em abril de 1930, em sua resposta àqueles camaradas que haviam solicitado reintegrar-se ao partido aceitando renegar a oposição depois do "giro à esquerda" de Stalin, Rakovski vai afirmar a incompatibilidade desta atitude com as noções fundamentais do bolchevismo:

> Sempre apostamos na iniciativa revolucionária das massas, e não do aparato. Portanto, não acreditamos que uma suposta burocracia ilustrada possa avançar na revolução, assim como nossos predecessores, os revolucionários burgueses do final do século 18, não acreditavam no suposto "despotismo esclarecido". Toda a sabedoria política desta direção consiste em esmagar nas massas o sentimento de independência política, o sentimento de orgulho e dignidade humana, e em encorajar e organizar o absolutismo do aparato"[512].

Indo mais longe em sua análise do que seus companheiros de oposição e questionando a opinião, baseada nos tradicionais critérios de classe, que até então ser-

510 Citado por SOUVARINE, Boris, *op. cit.*, p. 478.
511 *Carta a Trotski de junho de 1928*, em *Fourth International*, julho de 1941, pp. 186-187.
512 RAKOVSKI, Christian, *Declaração da oposição...*, *op. cit.*, p. 656.

vira de base para a ação dos oposicionistas de todas as tendências, Rakovski se pergunta se a vitória, e mais tarde o isolamento da revolução proletária em um país atrasado, não teria levado ao aparecimento de uma formação social de novo tipo. "De Estado proletário com deformações burocráticas – segundo a definição de Lenin sobre nosso Estado –, nos convertemos em Estado burocrático com resíduos proletário-comunistas. Sob nossos olhos se formou e continua se formando uma nova classe de governantes, com suas próprias e crescentes subdivisões internas e que se multiplica através da cooptação interna e da designação direta e indireta". A base desta nova forma social é, em sua opinião, "uma forma bastante singular de propriedade privada, a propriedade do poder do Estado". E vai se utilizar da autoridade de Marx para fortalecer sua caracterização, quando este diz que "A burocracia dispõe do Estado em regime de propriedade privada"[513]. Contra a opinião de seus companheiros da oposição, que negam sua teorização, afirmando que "a burocracia não é uma classe social e jamais o será", Rakovski afirma que a História parece oferecer à revolução russa uma outra alternativa além do "retorno a Lenin" ou a restauração do capitalismo: uma sociedade transitória que não é socialista, mas que também não é capitalista.

Argumentos semelhantes são elencados por Trotski – que, todavia, opina que a burocracia não é uma classe – em sua análise da atuação de Stalin. O líder da oposição assim explica a "grande virada" da burocracia, que passa da conciliação com os *kulaks* à coletivização forçada:

> A contrarrevolução se instaura quando a teia das conquistas sociais começa a se deteriorar. Parece então que esta degeneração não terá fim. No entanto, uma parte das conquistas da revolução ainda está preservada. Desta forma, apesar das numerosas deformações burocráticas, a base de classe da URSS continua sendo proletária. (...) O Termidor russo seguramente inauguraria uma nova era de domínio da burguesia, se esse domínio não tivesse já caducado em todo o mundo. Em todo caso, a luta contra a igualdade e a instauração de uma série de diferenciações sociais não conseguiu, até o momento, eliminar a consciência socialista das massas, nem acabar com a nacionalização da terra e dos meios de produção, que são as conquistas socialistas fundamentais da revolução. Apesar de ter desferido sérios ataques contra essas realizações, a burocracia não se aventurou ainda a recorrer à restauração da propriedade privada dos meios de produção. Até o final do século 18, a propriedade privada dos meios de produção era um fator progressivo e muito significativo. Foi assim que se conseguiu conquistar a Europa e o mundo inteiro. Entretanto, na atualidade, a propriedade privada dos meios de produção constitui o maior obstáculo ao desenvolvimento normal das forças produtivas. Apesar de que a maior parte da burocracia – por sua natureza e modo de vida, por seu conservadorismo e por suas simpatias políticas – tenda à pequena burguesia, suas raízes econômicas se apoiam nas novas condições de propriedade[514].

513 *Ibid.*, p. 657.

514 TROTSKI, Leon, *Stalin, op. cit.*, pp. 525-526.

Definitivamente, para Trotski, o desenvolvimento das consequências sociais da NEP obrigava a burocracia a lutar pela sobrevivência:

> O crescimento das relações burguesas ameaçava não somente a base social da propriedade, como também o fundamento social da burocracia. Talvez esta tenha desejado rechaçar a perspectiva socialista de desenvolvimento em favor da pequena burguesia, mas em nenhum caso estava disposta a renunciar aos seus próprios direitos e privilégios em benefício desta mesma pequena burguesia. Tal foi a contradição que conduziu ao conflito extremamente violento que explodiu entre a burocracia e os *kulaks*[515].

Deste conflito, vai surgir um abalo tão grande na sociedade soviética, que quase todos os historiadores, seguindo Deutscher, utilizarão o termo "terceira revolução", ainda que as massas, estritamente controladas, não manifestem nenhuma iniciativa e continuem à margem das decisões e de todo o tipo de discussão. Deste conflito nasce a URSS atual, uma economia e uma sociedade completamente novas, mas que não conseguiu, no entanto, escapar de algumas de suas antigas contradições.

515 *Ibid.*

13

O GRANDE GIRO

Depois de vários anos de luta, durante os quais a direção acusou constantemente a oposição de tentar romper a aliança entre operários e camponeses com o pretexto de lutar contra o *kulak* e de desenvolver teses utópicas em relação à superindustrialização através da planificação, é justamente a direção stalinista que vai iniciar o "grande giro", a coletivização e a industrialização, preparando e realizando com este fim o primeiro plano quinquenal. Se enxergarmos a disputa dos anos 1923 a 1929 como uma luta pelo poder, então é forte a tentação de não ver no "grande giro" mais do que uma nova manobra política. Com esta nova estratégia, a direção desarma a oposição, se apropriando de seu programa para aplicá-lo a seu modo. Foi com este sentido que, em 1921, Zinoviev tinha se tornado o campeão da democracia. Foi também com este sentido que, na primavera, a parte principal das reivindicações econômicas dos camponeses foi incorporada ao programa da NEP. E foi também assim que a resolução do dia 5 de dezembro de 1923 proclamou o "novo curso", que era exigido pela Oposição dos 46.

Sem dúvida, muitos passos dados no processo da planificação, da coletivização e da industrialização foram incorporados não devido à pressão direta exercida pela oposição, mas sim por servirem para separá-la da base de que dispunha no partido, devido ao alcance suscitado por seu programa. Nada mais característico a este respeito do que o manifesto do Comitê Central de outubro de 1927, destinado a isolar a oposição e a encurralá-la no momento em que acabava de decidir-se por sua eliminação completa. No entanto, seria um erro reduzir as diversas causas do "grande giro" a este simples fator da luta política interna. Na realidade, esse giro foi iniciado sob a pressão de circunstâncias dramáticas e principalmente devido à alteração da correlação de forças entre as classes, que se tornou favorável aos *kulaks*

e que, a partir do inverno de 1927-1928, é um fato evidente. É também excessivamente simplista colocar um sinal de igual entre os diferentes grupos e tendências do partido, como tentam fazer os historiadores de inspiração "ocidental", alegando para isso, como único pretexto, que foi o programa econômico da oposição (ou melhor dizendo, o que tinha sido exposto por Preobrazhenski em sua teoria da "acumulação socialista originaria") o que foi aplicado por Stalin durante o período do plano quinquenal.

A coletivização

Nas discussões travadas sobre a NEP o problema camponês tinha sido o núcleo central, o pomo da discórdia. No entanto, nenhum dos protagonistas punha em dúvida o fim último a que se propunha o regime, a saber, o desaparecimento da exploração privada da terra e a socialização da agricultura. Também não eram questionadas as vias que devia adotar esta transformação: as fazendas cooperativas. De fato, as divergências se referiam aos ritmos, e o centro do desacordo era constituído pelos problemas da industrialização. Por tudo isso, o primeiro plano de coletivização, na época em que ainda pesavam as lembranças do "ritmo de tartaruga", não previa para o ano de 1932 a coletivização de mais do que 12% da superfície cultivada. A razão era evidente: o partido seguia compartilhando a opinião manifestada por Lenin em 1919:

> O campesinato médio não ingressará nas fileiras da sociedade comunista enquanto não tivermos aliviado e melhorado as condições econômicas de sua existência. Se amanhã pudéssemos produzir cem mil tratores de primeira linha, dar-lhes gasolina e providenciar os mecânicos (sabeis bem que se trata de uma utopia), o camponês médio diria: "Estou a favor da Comuna". Mas para que isto ocorra, é preciso vencer primeiro a burguesia internacional, obrigá-la a nos fornecer esses tratores, ou então, a elevar nossa produtividade laboral de forma que possamos fabricá-los nós mesmos[516].

Neste sentido, a política de manutenção integral da NEP não tinha melhorado em nada a situação. Enquanto a quantidade de tratores necessários para a agricultura é estimada pelo próprio Stalin em 250.000, o número de tratores disponíveis no campo soviético só chega a 7.000 no início de 1929. Até o final deste mesmo ano, seu número chega a 30.000, o que continua sendo uma quantidade irrisória[517]. Apesar disto, Stalin promete 60.000 tratores em 1930; 100.000 em 1931 e 250.000 em 1932, quando a coletivização já seria, portanto, realizável do ponto de vista técnico da mecanização, com a condição, naturalmente, de que o Estado pudesse fornecer também a gasolina, os meios de transporte e a energia elétrica necessárias. Ora, se em outubro de 1929 só 4,1% das famílias camponesas estão integradas

516 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXIX, p. 215.
517 DEUTSCHER, Isaac, *Stalin*, Londres, Oxford University Press, 1949, pp. 323-325.

aos *kolkhozes*, apenas seis meses depois, em março de 1930, esse número chega aos 58,1%, a maior parte dos quais não conta nem com maquinário nem com tratores.

Aparentemente estes dados confirmam a ideia, repetida frequentemente pelos historiadores oficiais, de que a coletivização foi um processo planejado e organizado, uma etapa da construção socialista posterior à mera reconstrução. Na realidade, a coletivização foi a consequência direta da "fuga para frente" dos dirigentes diante da crise do trigo, ela própria fruto das contradições de classe no campo. As "medidas de urgência" adotadas no início de 1928 permitem abastecer imediatamente as cidades, já que os destacamentos enviados às zonas rurais confiscam os estoques de trigo acumulados pelos *kulaks*. A aplicação do artigo 127 também permite, segundo a expressão de Stalin, "introduzir a luta de classes no campo", assim como autoriza o poder soviético a apoiar-se nos camponeses pobres, diretamente envolvidos na luta contra o *kulak* e contra o armazenamento do trigo. No entanto, é evidente que tais medidas só podem produzir um resultado concreto durante um período muito breve. A porção de grãos recebida pelas cidades é reduzida pela retirada prévia de uma parcela desses grãos em benefício do camponês pobre – o que explica porque diversos destacamentos de operários confiscaram deliberadamente os grãos dos camponeses, sem se preocupar com a aplicação do artigo 127. As medidas emergenciais resultam também numa diminuição considerável da produção, já que o *kulak* pode continuar sua luta diminuindo a quantidade de trigo que semeia ou mudando seu cultivo. De fato, as pesquisas feitas no outono de 1927 revelam efetivamente uma diminuição importante da semeadura.

Este é o dilema que reflete a política de Stalin entre fevereiro e julho de 1928. A alta de 20% no preço do trigo em julho de 1928 demonstra que o Comitê Central ainda busca uma solução para a crise através da conciliação, e não da eliminação do *kulak*. Mas essa situação não poderá perdurar por muito tempo. Enquanto seguir sendo o principal produtor de trigo, o *kulak* continuará tendo a iniciativa e principalmente seguirá sendo aquele de quem todos dependem, visto que em 1928, apesar de certas restrições, tem o direito de arrendar suas terras e de contratar mão de obra assalariada. A solução que consiste em apoiar-se no camponês pobre contra o *kulak* e, sempre que possível, no camponês médio, aponta a única forma razoável de debilitar a hegemonia do *kulak* na aldeia. O jugo do *kulak* é tanto mais pesado quanto, para muitos camponeses, ele é ao mesmo tempo patrão e usurário. Consequentemente, existe uma forte tentação de apoiar-se nos camponeses pobres e médios. No entanto, nos marcos da NEP, esta é uma solução puramente política, sem consequências econômicas reais, já que os dezoito milhões de camponeses médios não podem satisfazer, apenas com sua produção, o déficit criado no país pela sabotagem dos *kulaks*.

Ainda assim, esta é a solução que prevalece durante a segunda metade de 1929. No entanto, dada a fase em que se encontra o desenvolvimento da produção nas ter-

ras dos camponeses pobres e médios, não é uma operação rentável do ponto de vista técnico. A coletivização não faz nenhum sentido quando se refere aos cinco milhões de camponeses que continuam trabalhando a terra com arado e utensílios de madeira. Além disso, ela não basta para abastecer as cidades, enquanto o *kulak* continuar sendo o dono da terra que fornece a maior parte da produção comercializável. Desta forma, chega-se inevitavelmente à "eliminação do *kulak*": seus bens, terras e materiais são confiscados e transferidos ao *kolkhoz*. Tanto ele quanto sua família são excluídos do *kolkhoz*, pois se teme que tentem ali recuperar sua influência. Com as terras do *kulak* sendo agora cultivadas pelos membros do *kolkhoz*, se pode esperar, baseando-se em uma frágil estatística, que a produção manterá seus níveis, apesar da mudança na forma de exploração, ficando assim assegurado o abastecimento no curto prazo. Na realidade, a coletivização se desenvolve de forma menos esquemática e principalmente menos linear. Provoca um entusiasmo indubitável nas camadas mais pobres dos camponeses, que, desta forma, se veem chamados a retomar, de uma maneira nova, a luta secular pela terra daquele que eles consideram como um explorador. Neste sentido, podemos falar do início de um verdadeiro "Outubro camponês". A coletivização vai mobilizar também uma série de jovens operários que partem para o "front" camponês com a esperança de construir um mundo novo, de vencer o terrível passado do usurário e do individualismo rural e de construir um futuro de produção coletiva e igualitária. Apesar disto, o camponês russo – como todos os camponeses do mundo – não acredita em nada além daquilo que pode ver. Lenin estava certo quando supunha que a chegada ao campo de tratores, mecânicos e materiais de todos os tipos, solidarizaria o camponês com o esquema coletivista. No entanto, ainda assim seria necessário que o camponês percebesse, através de sua própria experiência, a superioridade do sistema coletivo e a verdade das promessas feitas a ele no passado. No entanto, o Estado não tem tratores que possam ser enviados, e o *kolkhoz* não pode esperar até que estes sejam fabricados. O camponês médio tampouco está convencido. A única solução que resta é lhe forçar.

O regime toma este caminho tanto mais facilmente quanto a pirâmide burocrática do aparato dá instruções que são verdadeiras ordens e cuja não execução ameaça fazer cair sobre o responsável subalterno a acusação de "falta de confiança", "desvio direitista" e inclusive de "sabotagem" ou de "traição favorável ao *kulak*". Para alguns, o essencial – em palavras do próprio Stalin – é adotar "uma enorme quantidade de resoluções impactantes", "perseguir uma elevada porcentagem de coletivização", com o "zelo administrativo" próprio de um espírito de burocrata[518]. Desta forma, a coletivização se desenvolve em uma atmosfera de violência absurda a partir do momento em que muitos povoados cerram fileiras em torno aos *kulaks*, devendo, portanto, ser tomados pela força, já que cada organização do partido, conforme o plano estabelecido, tem a obrigação de isolar um número determina-

518 STALIN, Josef, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo II, pp. 11-19.

do de *kulaks*, alguns dos quais devem ser detidos imediatamente, enquanto outros devem ser concentrados para serem deportados posteriormente.

Pelo menos dez milhões de pessoas são assim tiradas de seus lares por serem "*kulaks*" e "contrarrevolucionários", sendo posteriormente agrupados pela GPU em vários centros e enviados à Sibéria, onde vão formar os primeiros destacamentos de trabalhos forçados.

A forma de coletivização prevista era o chamado *artel*, uma espécie de coletivo de artesãos e trabalhadores, no qual as terras e instrumentos de trabalho de todos são reunidos e coletivizados. Porém, em cada região, um trio integrado pelo primeiro secretário do partido, pelo presidente do Comitê Executivo dos Soviets e pelo chefe da GPU será encarregado de efetuar a coletivização e pressionado para fazê-lo "o quanto antes", contando com apenas quinze dias para entregar o inventário completo das propriedades coletivizadas dos *kulaks* de sua circunscrição. Como resultado, esses "zelosos dirigentes" acabam "coletivizando' também as moradias, o gado e as aves dos camponeses. Os informes da GPU de Smolensk citam uma série de casos precisos em que os *kulaks*, camponeses médios considerados *kulaks* e inclusive alguns camponeses pobres e os membros de suas famílias são despojados de seus sapatos, de seu vestuário e inclusive de sua roupa intima. Também se refere a outro caso em que chegam a "coletivizar" os óculos de um *kulak*. Um informe datado de 28 de fevereiro afirma que a "deskulakização" se concretiza em expropriações e saques em grande escala: "comamos e bebamos, tudo é nosso", parece ser a consigna de algumas brigadas[519]. Victor Serge cita o caso de algumas regiões cuja população, considerada *kulak* em sua totalidade, é deportada em massa: as mulheres de uma aldeia do Kuban serão embarcadas, nuas, em vagões de gado, por terem ousado pensar que ninguém se atreveria a fazê-las sair desta maneira[520]. Antes da chegada dos homens da GPU, os camponeses – os *kulaks* é claro, mas também outros – queimam seus móveis, as hortas, as casas, degolam o gado e, quando podem, eliminam também os comunistas das aldeias. Em 2 de março de 1930, em um artigo do *Pravda*, intitulado "A vertigem do sucesso", Stalin denuncia parte destes excessos que "não servem, senão aos inimigos" e "comprometem a aliança com as massas", e cuja responsabilidade ele rejeita, atribuindo-a inteira e exclusivamente aos executores e a seu exagero de zelo.

Um veterano comunista russo se refere assim à coletivização em um povoado:

> Quando nos falaram de coletivização, gostei da ideia. Foi assim também com outras pessoas do povoado, homens que, como eu, tinham trabalhado na cidade e servido no Exército Vermelho. O resto do povo permanecia decididamente hostil: nem sequer me escutavam. Meus amigos e eu decidimos então pôr em funcionamento uma pequena horta cooperativa, coletivizando terras e

519 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, pp. 242-246.

520 SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 241.

ferramentas. Já conheces nossos camponeses, de nada serve falar-lhes de planos ou estimativas, é preciso oferecer-lhes resultados que possam convencê-los. Sabíamos que se conseguíssemos demonstrar que agora era possível ter uma produção maior que antes, eles gostariam e seguiriam nosso exemplo. (...) Um dia chegou do comitê de Klin a ordem de integrar mais cem famílias em nosso *kolkhoz*. Tínhamos chegado a integrar até uma dezena. Realmente não era fácil... Não havia como acolher nenhuma família a mais. Fui a Klin explicar a situação ao partido. Pedi-lhes que nos deixassem seguir como antes, prometendo-lhes que, em tal caso, todo o povo estaria integrado no *kolkhoz* no prazo de um ano. Não me escutavam, tinham listas, longas listas, que diziam quantos *kolkhozes* e quantos membros deles deveriam constar em seus informes. Isso era tudo. Disseram-me que estava sabotando a coletivização e que, se não fizesse o que me era ordenado, seria expulso do partido. Eu sabia que não conseguiria atrair ninguém, a não ser fazendo o que tinha ouvido que os outros faziam: forçando as pessoas. Convoquei então uma assembleia no povoado e disse a todos que deveriam unir-se ao *kolkhoz*, que essas eram as ordens de Moscou e que, se não o fizessem, seriam deportado e suas propriedades confiscadas. Nessa mesma tarde todos assinaram, (...) e durante a noite começaram a fazer o que faziam todos os camponeses da URSS quando se viam obrigados a entrar nos *kolkhozes*: sacrificar seu gado. (...) Peguei, então, a lista dos novos membros e a levei ao comitê de Klin e, nesta ocasião, se mostraram muito satisfeitos comigo. Quando lhes falei do sacrifício do gado e lhes contei que os camponeses se sentiam como se estivessem na prisão, não se interessaram em absoluto. Já tinham sua lista e podiam enviá-la a Moscou: isto era tudo o que os preocupava. Eu não podia censurá-los por isso, tinham ordens, assim como eu[521].

A crise é tão grande – em todos os lados ocorrem enfrentamentos, as reservas de alimentos se esgotam – que o artigo de Stalin, impresso como panfleto, será difundido em 18 milhões de exemplares. Além disso, alguns dirigentes locais da GPU serão fuzilados para dar o exemplo. O decreto de 15 de março autoriza os camponeses a abandonar o *kolkhoz*. A resposta é imediata: a maioria dos camponeses o faz nas semanas seguintes. Em junho de 1930 só 23,6% das famílias camponesas estão integradas aos *kolkhozes*, em vez dos 58,1% de março do mesmo ano. Na região das terras negras ucranianas, onde 28% dos camponeses tinham entrado nos *kolkhozes* em março, só restam 18% em maio. Este retrocesso é apenas temporário: os meios de pressão foram mudados, e o membro do *kolkhoz* se beneficia de uma total isenção de impostos, da concessão de créditos e de toda uma série de promessas, enquanto o camponês independente não possui nenhuma vantagem. Depois do desastre do começo de 1930, ele já não conta com meios para resistir e frequentemente já não tem mais nada a salvar. Consequentemente, acaba cedendo e adaptando sua resistência às novas condições. Em pleno 1931 51,7% dos lares camponeses se encontram nos *kolkhozes*; em 1932 a proporção passa para 61,5%; 25 milhões de pequenas fazendas cedem seus lugares a 240.000 *kolkhozes* e 4.000 *sovkhozes*.

As perdas são incalculáveis. As estatísticas oficiais confessam que, entre 1929 e 1934, desapareceram 55% dos cavalos (19 milhões de cabeças), 40% do gado

521 FISCHER, Markoosha, *My lives in Russia*, Londres, Harper, 1944, pp. 49-51.

bovino (11 milhões), 55% dos porcos e 66% das ovelhas. As perdas humanas não foram contadas. A esta trágica aventura se acrescenta uma segunda: a que consiste em enquadrar tecnicamente nos novos procedimentos as 25 milhões de famílias camponeses que foram coletivizadas. Enquanto que em 1930, nas condições já conhecidas, a colheita tinha sido de 835 milhões de toneladas de cereais, em 1931 será de apenas 700.

Em seu informe sobre o primeiro plano quinquenal, Stalin afirma que a quantidade de trigo armazenada nos mercados duplicou desde 1927. Isto se deve fundamentalmente ao fato de que o governo obriga os camponeses a assinar "contratos" draconianos, cuja gestão se encontra também nas mãos de funcionários locais ansiosos por "resultados". Trata-se de garantir, ao mesmo tempo, o abastecimento mínimo das cidades e as exportações de trigo que financiam parcialmente a industrialização. Em 1932-1933 as zonas rurais enfrentam uma terrível onda de fome: as estimativas do número de camponeses mortos de fome oscilam entre um e vários milhões. A repressão é dura e a pena de morte é aplicada aos ladrões de cereais. Uma nova onda de detenções no campo será detalhada em 8 de maio de 1933 por uma circular secreta de Stalin e Molotov, na qual se fala de "mutirões de detenções" e onde são fixadas para algumas regiões quotas máximas de deportação[522]. Nas cidades é instaurado o racionamento. No entanto, a caderneta de racionamento nem sempre permite conseguir pão. Na primavera de 1932 o secretário regional de Smolensk notifica as organizações subordinadas a ele de que já não será possível assegurar o fornecimento das rações aos membros das células fabris e do Exército Vermelho, que até então tinham sido mantidas a qualquer custo. Em julho, com a caderneta ou sem ela, o pão desaparece por completo. Um informe da GPU cita o caso de uma enfermeira que ganha 40 rublos mensais e que consegue o pão a mais de 3 rublos o quilo[523].

A industrialização

A industrialização forçada é o segundo grande evento do "grande giro". Os dados foram citados repetidas vezes e o balanço é impressionante. Jean Bruhat escreve:

> Na indústria o número de operários aumentou (de 11.599.000 em 1928 para 22.962.800 em 1932). Os antigos centros foram reorganizados e outros novos foram criados (Dnieprstroi, Stalinsk). Os Urais e o Kuznetzsk começaram a ser explorados. A produção de carvão e de ferro duplicou; a potência das centrais elétricas quintuplicou e foram lançadas as bases da indústria química (superfosfatos: em 1928 - 182.000 toneladas; em 1932 - 612.000). Foram abertas novas vias de comunicação (como o canal Stalin, que une Moscou ao Mar Branco, e o Turksib, terminado no início de 1930)[524].

522 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p. 263.

523 *Ibid.*,p. 259-262.

524 BRUHAT, Jean, *Histoire de l'URSS*, Paris, P.U.F., 1958, p. 87.

A URSS se transforma em um país industrial. O fato é ainda mais chocante quando nos damos conta que, nos mesmos anos, como resultado da crise mundial, a economia capitalista começa a declinar. Enquanto a produção industrial dos Estados Unidos diminui em 25% e o Japão, apesar de encontrar-se em plena fase de rearmamento, não consegue aumentar a sua em mais do que 40%, a produção industrial da URSS aumenta em 250%. Trotski celebrou

> esse fato indestrutível de que a revolução proletária permitiu a um país atrasado obter, em menos de vinte anos, resultados sem precedentes na história. [...] O socialismo demonstrou seu direito à vitória não nas páginas de *O Capital*, mas em uma arena econômica que corresponde a um sexto da superfície terrestre; não na linguagem da dialética, mas na linguagem do ferro, do cimento e da eletricidade[525].

No entanto, mais uma vez nada parece ter sido previsto. O XV Congresso, celebrado em dezembro de 1927, ainda aponta "o perigo que consiste em empenhar demasiado capital na grande edificação industrial". O plano adotado previa um aumento anual decrescente de 9 para 4% em cinco anos, mas o Birô Político, um ano depois, corrigia esta previsão para fixar uma taxa de crescimento anual de 9%. As taxas de 15 a 18% propostas com muitas reservas pela oposição eram simultaneamente condenadas como mera especulação e como expressão de uma vontade objetiva de sabotagem. De fato, aqui também se impôs a necessidade: depois de ter se negado a preparar a aceleração da industrialização simultaneamente à luta para diminuir a influência do *kulak*, a direção do partido se via arrastada à coletivização por sua necessidade de abastecer as cidades, enquanto a passagem da coletivização à industrialização era forçada pelo instinto de preservação. Para melhorar a catastrófica situação da agricultura, era preciso fabricar tratores, máquinas, produzir gasolina e adubos. Era necessário fabricar máquinas e ferramentas e para isso extrair carvão, produzir aço e ferro fundido e, como disse Stalin, "criar (...) uma indústria capaz de reequipar e reorganizar não somente as fábricas em sua totalidade, mas também os transportes e a agricultura"[526].

No entanto, isto não representa a menor contradição na URSS de Stalin: a superindustrialização proposta pela oposição tinha sido descartada pelo aparato dirigente por ser realizável somente às custas da exploração e espoliação do campesinato. E é a realização desta exploração e pilhagem, realizadas com o argumento da coletivização, que obrigam a recorrer à industrialização, nas piores condições de desorganização da economia e de desequilíbrio social. Pois, assim como nos tempos do comunismo de guerra, a guerra civil que se desenvolve no campo dificulta o funcionamento normal da indústria. Não só as matérias primas não chegam de

525 TROTSKI, Leon, *De la Révolution*, *op. cit.*, p. 449. Publicado em português como *A revolução traída*, São Paulo, Editora Sundermann, 2007.
526 STALIN, Josef, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 44-45.

forma regular às fábricas, mas também, além disso, o mercado de tipo capitalista, que constituía a base da NEP e era o motor do edifício econômico desde 1921, será suprimido em uma canetada. Os operários que possuem uma pequena parcela de terra no campo – 30% dos mineiros, segundo o *Trud* (O trabalho), o órgão dos sindicatos – abandonam a cidade e seu posto de trabalho para não serem expropriados. Em geral, o racionamento, a desnutrição e as catastróficas condições de vida provocadas pela crise da agricultura influem sobre a estabilidade da mão de obra e sobre o rendimento e a qualidade da produção. A coletivização, na opinião dos marxistas, exigia como condição prévia a industrialização. A inversão deste processo condena o regime a uma industrialização forçada nas piores condições. O fato de que, apesar de tudo, por trás do beco sem saída em que os sucessivos zigue-zagues de sua direção tinham colocado o partido, a industrialização tenha gerado esses incríveis resultados prova inequivocamente que Preobrazhenski tinha razão, pelo menos quando afirmava que o sistema econômico de conjunto, a nacionalização dos instrumentos de crédito e dos meios de produção e troca e o monopólio do comércio exterior constituíam em si mesmos um elemento decisivo de progresso, capaz de impor-se, apesar dos erros e da ação negativa de dirigentes e responsáveis.

Na realidade, como já indicamos em outras ocasiões, é o esquema de Preobrazhenski que vai triunfar na concepção stalinista da planificação e da construção socialista. No entanto, entre a prática stalinista e as teses do economista e técnico da oposição, existe a diferença de que Preobrazhenski, consciente das contradições criadas pelo desenvolvimento industrial, tinha considerado o livre desenvolvimento da democracia soviética, o funcionamento dos sindicatos e o direito de greve, assim como a democracia dentro do partido, como meios para corrigir as implicações sociais da "dura lei de bronze da acumulação socialista primitiva". Ao contrário, a industrialização stalinista é realizada dentro da máxima tensão exercida pelo Estado em favor do livre desenvolvimento da lei de acumulação, para resolver todas as contradições e, particularmente, aquelas que nascem das necessidades materiais e culturais dos trabalhadores. Em uma curiosa inversão dos termos, os teóricos da industrialização stalinista, caracterizada pela submissão máxima dos homens às leis econômicas da sociedade de transição, são os mesmos que afirmam a função "teleológica", e mesmo voluntarista, da economia. Um deles, Strumilin é o autor da fórmula, popularizada por Stalin, em que se afirma: "nossa tarefa não é estudar a economia, mas transformá-la. Não estamos atados por nenhuma lei. Não há fortaleza que os bolcheviques não possam tomar. A questão das taxas de crescimento depende dos seres humanos"[527].

Dois julgamentos importantes servirão para fixar as posições dos comunistas que tinham condenado o ritmo demasiado acelerado da industrialização: junto ao historiador menchevique Sukhanov e ao velho estudioso de Marx, Riazanov,

527 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 349.

são condenados, no "processo dos mencheviques", de março de 1931, todos aqueles que pensam que "nem tudo é possível, nem sequer quando o Comitê Central quer". Este acontecimento serve também de aviso aos escassos técnicos de origem burguesa: de fato, as principais realizações técnicas desta época foram feitas sob a direção de engenheiros estrangeiros: o americano Hugh L. Cooper, que participou das obras do Niágara; os engenheiros que trabalharam em Austin com Henry Ford, e que ajudaram na fábrica de automóveis de Nizhni-Novgorod e o americano Clader, na fábrica de tratores de Stalingrado.

A situação operária

A primeira característica econômica da política de industrialização é o retorno a uma política de inflação. Dos 1,7 bilhões de rublos do início de 1928, a soma total de dinheiro em circulação aumenta para 2 bilhões em 1929, para 2,8 bilhões em 1930, para 4,3 bilhões em 1931, para 5,5 bilhões em 1932, para 8,4 bilhões em 1933 e volta a baixar para 7,7 bilhões em 1934, subindo de novo para 7,9 bilhões em 1935. O rublo neste ano só tem um quarto de seu valor de 1924 na Bolsa de Paris. Para cobrir os enormes déficits orçamentários provocados pelos gastos da industrialização – 5 bilhões de rublos em 1929-1930 frente a 1 bilhão do biênio 1926-1927 e os 85 bilhões de rublos de investimentos totais previstos no primeiro plano quinquenal –, o governo acaba usando a inflação, como havia previsto Preobrazhenski, como um grande imposto sobre o trabalho dos operários e camponeses. Junto com isso, como tinha previsto Bukharin, ao substituir os valores reais por valores fictícios, a política de inflação priva a planificação de qualquer tipo de contabilidade exata, ao mesmo tempo em que dá a impressão de que o "manejo do rublo" é o único meio de que se dispõe para dirigir a economia.

A "lei de bronze da acumulação socialista primitiva", dentro do âmbito do poder absoluto do aparato e da ditadura do secretário geral, se traduz, portanto, em uma queda de salários reais que pode ser quantificada em 40%. Ainda assim, as necessidades da industrialização em ritmo forçado implicam igualmente uma luta contra o nivelamento dos salários que tinha prevalecido, em maior ou menor medida, até 1927, e cujo último defensor oficial tinha sido Tomski, através dos sindicatos. Em uma reunião no dia 4 de fevereiro de 1931, Stalin traça as novas metas para os dirigentes da indústria: "Em uma série de empresas os salários estão fixados de tal forma que quase desaparece a diferença entre o trabalho qualificado e o não qualificado, entre o trabalho insalubre e o fácil. (...) Não se pode tolerar que um especialista da siderurgia receba o mesmo salário que um varredor. Não se pode tolerar que um mecânico ferroviário receba o mesmo que um copista"[528].

Uma regulamentação de 20 de setembro do mesmo ano eleva para oito, em vez de sete, o número de categorias dos operários da indústria e aumenta o coeficiente

528 STALIN, Josef, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo II, pp. 44-45.

de hierarquização de 2,8 para 3,7. O discurso de Stalin de 23 de junho de 1931 reabilita a *intelligentsia*[529] e os quadros técnicos. Em 1932 se generaliza a prática de um salário por produção com prêmios progressivos para aqueles que ultrapassem as metas previstas. Em 1933, 75% dos operários são pagos por produção. Onde não se pode aplicar este sistema, uma série de prêmios, administrados pelos capatazes, desempenham o papel de suplementos progressivos. Segundo Maurice Dobb, naquele tempo 20% dos assalariados recebem 40,3% do total da massa salarial[530]. No princípio, a diferença chega a 3,13 vezes o salário base, mas os prêmios oferecidos aos trabalhadores altamente qualificados podem resultar em salários três ou quatro vezes superiores ao máximo recebido pelos operários especializados normais. O "movimento stakhanovista"[531], que premia os "heróis do trabalho", busca aumentar o rendimento destes operários mediante a "emulação socialista" e a superação dos recordes produtivos, e se reflete em uma nova diferenciação dos salários. O informe apresentado por Kuibishev à Comissão de Planificação em janeiro de 1935 indica que o salário médio chega a 149 rublos e 3 kopeks mensais. No entanto, muitas mulheres ganham de 70 a 90 rublos; os operários recebem entre 100 e 120 rublos; os especialistas, entre 150 e 200; os profissionais, de 250 a 400; e os salários dos stakhanovistas variam entre 500 e 2.000 rublos. Os salários dos engenheiros oscilam entre 400 e 800 rublos e os dos altos funcionários ou administradores, entre 5.000 e 10.000. Os especialistas mais privilegiados podem ganhar entre oitenta e cem vezes mais que um operário. Naquele tempo, o preço da carne de boi é de 6 a 8 rublos o quilo; o porco custa entre 9 e 12 rublos; a manteiga oscila entre 14 e 18; e o café, entre 40 e 50. A imensa maioria dos trabalhadores se vê assim obrigada a trabalhar em um ritmo que se acelera continuamente (já que os recordes de produção dos stakhanovistas, obtidos em condições ideais, servem de pretexto para aumentar os parâmetros de produtividade exigidos), contentando-se com um salário muito baixo. Simultaneamente, começa a se desgarrar da massa uma aristocracia operária que possui uma posição privilegiada pelos salários que recebe e pela consideração de que desfruta.

Ao mesmo tempo, a lei se torna extremamente rigorosa no âmbito do que se conhece como "disciplina do trabalho". O Código do Trabalho de 1922 previa, no caso de rescisão do contrato de trabalho, uma notificação antecipada de sete dias para os salários mensais ou quinzenais e de vinte e quatro horas para o caso dos sa-

---

529 Em russo, termo próximo a "intelectualidade", embora abranja também os setores mais qualificados do trabalho técnico e administrativo (N. do E.).

530 DOBB, Maurice, *Soviet economic development since 1917*, Londres, Routledge and Kegan Paul, 1956, p. 446.

531 Alexei Stakhanov (1906-1977), mineiro da região de Donbass, ficou famoso por ter extraído, em um único dia de trabalho, 102 toneladas de carvão, o que equivalia a quatorze vezes a sua cota pessoal. O governo soviético utilizou amplamente esse fato, dando início a um movimento em defesa do máximo esforço pessoal no trabalho. Posteriormente, soube-se que a elevada cota de Stakhanov havia sido alcançada graças ao auxílio de uma equipe inteira de mineiros (N. do E.).

lários pagos semanalmente. Um decreto do Conselho de Comissários do Povo de 6 de setembro de 1930 equipara a rescisão a uma ruptura unilateral, quer dizer, um infração disciplinar. Uma circular do dia 23 de setembro castiga o infrator com a retirada definitiva de qualquer auxílio desemprego e, em caso de reincidência, com a retenção da caderneta de racionamento. Em dezembro, alguns novos decretos proíbem a oferta de qualquer tipo de trabalho aos "perturbadores", operários que tenham abandonado a empresa em que trabalham sem notificação prévia e aos que tenham rescindido um contrato mais de uma vez em doze meses ou tenham sido despedidos por "ausência injustificada". A este conceito de "ausência injustificada" será dado um significado cada vez mais amplo. Segundo o Código de Trabalho, esta acontecia em caso de ausência não justificada de três dias consecutivos ou de seis dias no total durante um mês. Um decreto do dia 15 de novembro de 1932 obriga o diretor a despedir um operário por um só dia de ausência não justificada, com a complementar retenção da caderneta de racionamento e expulsão da moradia se esta pertence à empresa. Uma circular de aplicação do decreto, com data de 26 de novembro, precisa ainda que a expulsão da família do responsável deve acontecer inclusive quando não exista a possibilidade de ser instalada em outro lugar, "em qualquer época do ano" e "sem nenhuma providência de meio de transporte". Por sua parte, a lei de 27 de junho de 1933 estende a expulsão da moradia operária a qualquer operário infrator que ocupe uma casa de propriedade de qualquer tipo da cooperativa de construção ou de moradia diferente da empresa em que trabalha.

Neste quadro de normas, só faltava a criação da carteira de trabalho obrigatória, que já tinha sido proposta em distintas ocasiões. Por fim, foi decidida sua instituição com um decreto do Conselho de Comissários do Povo e do Comitê Executivo dos Soviets, datado de 27 de dezembro de 1932. No início, a obrigatoriedade da carteira de trabalho se refere às "pessoas que não participam da produção", mas depois é estendida a todos os assalariados que, daí por diante, ficam obrigados a apresentá-la no momento da contratação. Por sua parte, a direção da empresa deve anotar nela todas as faltas cometidas pelo titular e as sanções adotadas contra ele. Não dá direito a residir fora da localidade em que foi emitida. A comissão que a outorga também pode negar sua concessão, quer dizer, opor-se a qualquer tipo de deslocamento. Ao ser instituída num momento em que a direção da fábrica dispõe de poderes praticamente ilimitados para punir as ausências e quando as rações alimentícias são entregues *in natura* como parte do salário, a carteira de trabalho conclui o processo de acorrentar o operário à empresa, submetendo-o a uma estrutura administrativa que, por sua vez, está estreitamente vinculada ao aparato do partido. A sujeição é tão forte, que em 1935 é negado aos sindicatos, submetidos também a intenso controle, o direito de discussão das normas de trabalho fixadas pelas direções das empresas[532].

532 SCHWARZ, Solomon, *Les ouvriers en l'Union Soviétique*, Paris, Rivière, 1956, pp. 127-135.

O partido diante do grande giro

Naturalmente é difícil saber quais foram as reações dos membros do partido diante de uma linha política que eles não tinham ajudado a elaborar, mas que todos eram obrigados a defender pública e privadamente. Muitos oposicionistas guardam silêncio, sem dúvida por prudência. Não se manifesta nenhuma discrepância publicamente e por isso é imprescindível recorrer ao testemunho único que são os arquivos de Smolensk para recuperar os rastros das correntes de opinião divergentes expressas nas células ou diante das Comissões de Controle, em particular quando se iniciou, depois da XVI Conferência do partido, celebrada em abril de 1929, a sistemática depuração dos desvios de direita. Na região rural e atrasada de Smolensk, onde a industrialização apenas tinha começado, os documentos disponíveis traduzem uma verdadeira oposição por parte dos militantes, expoente indubitável de um descontentamento ainda maior no conjunto da estrutura social.

As próprias células de fábrica refletem fielmente o descontentamento reinante no campo. Em uma fábrica de Duminitchi, um dirigente sindical, organizador dos operários agrícolas, constituiu no partido um grupo clandestino de quatorze membros, cujo programa é baseado na "defesa dos camponeses"[533]. Um comunista que trabalha como operário em uma fábrica de Liudinovsk parece ter afirmado estar de acordo com Bukharin: "Não se deve acelerar a coletivização. O que se tem de fazer é deixar assustado o *kulak* para depois tirar seus excedentes de cereais"[534]. Outros lamentam que os *kolkhozes* e os *sovkhozes* não apenas produzem, mas também custam muito, reclamando simultaneamente da liberdade de mercado. A Comissão de Controle explica: "muitos operários e camponeses que possuem fazendas de tipo *kulak* no campo estão introduzindo na indústria uma mentalidade pequeno-burguesa e *kulak*"[535]. Os sinais de mal estar são mais numerosos ainda nas células rurais. A comissão afirma que "em muitos casos, os comunistas não participam na construção dos *kolkhozes* e os membros do partido adotam às vezes uma atitude negativa"[536]. Em Dubrovsk alguns membros do partido opinam que é prematuro criar *kolkhozes*, pois nada foi preparado. Esperam pela atitude que adotarão os camponeses. Outros dizem que os *kolkhozes* não são mais do que "batalhões disciplinares"[537]. No povoado de Zoli os camponeses pobres criam um *kolkhoz* em que não entrou nenhum comunista e ao qual o secretário da célula negou seu apoio. Um camponês comunista respondeu à Comissão de Controle que "sem o partido, tudo iria muito melhor"[538]. Naturalmente, a comissão deduz que os

533 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p. 212.
534 *Ibid.*, pp. 211-212.
535 *Ibid.*, p. 212.
536 *Ibid.*, p. 214.
537 Refere-se à prática de organizar brigadas de prisioneiros, que assim realizam trabalhos forçados, geralmente muito penosos e em localidades afastadas (N. do E.).
538 *Ibid.*, p. 212.

comunistas das zonas rurais "sofrem a influência de elementos *kulaks* e pequeno -burgueses, deslizando com frequência para as posições dos desvios de direita"[539].

A depuração coloca em evidência nas células fabris sobrevivências vigorosas da Oposição Unificada. Um operário de uma fábrica têxtil de Smolensk, vinculado anteriormente à oposição, protestou contra o exílio de Trotski, afirmando: "nem sempre se pode acreditar no que diz a imprensa do partido"[540]. Um ferroviário de Smolensk ataca insistentemente a teoria da construção "do socialismo em um só país"[541]. O operário Parfenov, rotulado como "trotskista" pelos autores do informe, diz que a "condição operária piora; os operários vivem em condições miseráveis, enquanto seus 'superiores' desfrutam de casas confortáveis; todas as dificuldades provêm de uma política incorreta." A comissão acrescenta que, durante a investigação, Parfenov era apoiado pelos outros operários, que diziam: "Parfenov tem razão". Como era de se esperar, todos estes operários são expulsos[542].

O expurgo de 1929-1930 na região de Smolensk afetará 4.804 membros do partido, 13% do total, dos quais 17,6% são camponeses e 11,4% são operários fabris. As células rurais sofrem a repressão mais intensamente que as células operárias, enquanto as células administrativas são pouco afetadas. É difícil saber se esta proporção se estendeu ao conjunto do país. No entanto, é indubitável que os arquivos de Smolensk dão uma ideia bastante clara da forma em que se exteriorizou a resistência dos camponeses e operários no interior do partido e também da pressão a que este se viu submetido pelo aparato.

A repercussão social do grande giro

A aplicação de um jugo tão duro sobre a classe operária serviu, com frequência, de argumento para os defensores das teses liberais, que afirmam que as realizações econômicas do regime só se explicam pela coação, tão feroz como inumana, de um sistema totalitário, cujos meios de pressão só eram comparáveis aos utilizados pelos faraós, que também conseguiram levantar imensas pirâmides. Jean Bruhat, tímido defensor do stalinismo recentemente desestalinizado, consegue expressar parte da verdade ao afirmar que a maioria dos operários fabris, recém chegados do campo, "experimentavam certas dificuldades para se adaptar à disciplina da fábrica, quer dizer, a um ritmo de trabalho que não permite negligências nem distrações". Isso, segundo o autor, poderia justificar certas práticas coercitivas que ele, aliás, não menciona, limitando-se a citar a deterioração sofrida pelas máquinas nas "mãos inexperientes" dos operários e as "sistemáticas campanhas empreendidas contra o desperdício"[543]. Esta era a consequência quase inevitável da vontade de

539 *Ibid.*, p. 215.
540 *Ibid.*, p. 215.
541 *Ibid.*
542 *Ibid.*
543 BRUHAT, Jean, *op. cit.*, p. 82.

construir no prazo mais breve possível uma indústria moderna com operários cuja instrução, estado de ânimo, cultura e capacidade técnica arrastavam séculos de atraso. Era o resultado também da teoria do "socialismo em um só país", da vitória revolucionária conseguida em um país atrasado e do fracasso exterior que a condenava ao isolamento. O drama se localizava menos na própria coação do que no fato desta projetar-se sobre milhões de homens para os quais a opressão era a regra secular da vida social, homens que viviam sua primeira infância quando soprou o ardente alento de Outubro.

No entanto, os comentaristas anticomunistas estão condenados a não compreender em absoluto a profundidade de tais transformações econômicas e de suas consequências sociais a longo prazo – independentemente inclusive da própria política dos dirigentes –, já que se limitam a explicá-las simplesmente como sendo frutos de um sistema aperfeiçoado de pura coação. Podemos afirmar, sem medo de sermos acusados de brincar com paradoxos, que a própria criação de uma aristocracia operária privilegiada constituía um elemento de progresso, dadas as possibilidades de desenvolvimento cultural que proporcionava a uma minoria, cujo surgimento, naquele momento, quer dizer, durante um lapso de vários anos, contribuía certamente para dividir o proletariado, mas era também um catalisador, naturalmente diminuto, mas extremamente novo, de atividade e, sem sombra de dúvida, de consciência.

É indubitável que tanto a industrialização como a coletivização exerceram sobre as camadas mais educadas e progressivas do proletariado, e fundamentalmente sobre a nova geração operária, uma enorme fascinação. Para os membros do *Komsomol*, que se dispunham voluntariamente a construir *kolkhozes* ou a assentar as bases dos grandes complexos industriais do leste, se tratava de um empolgante aspecto da luta para dominar a natureza e transformar o mundo. Era um prolongamento do combate dos mais velhos, levado desta vez ao terreno concreto da fabricação, da fundição, da extração e do cultivo. Desta forma, tratava-se de um capítulo a mais na luta revolucionária, cujo objetivo era vencer as forças hostis, o desconhecido, a ignorância e a miséria que mantêm subjugado o homem para libertá-lo mediante a ciência, a técnica e a máquina. Neste sentido, os chamados de Stalin para que se desprezasse o "falatório" e a "fofoca", e para que se marche resolutamente para o "front da construção", serão bem assimilados por uma vanguarda cuja imaginação e entusiasmo criador se veem inflamados. A necessidade de abnegação e espírito de sacrifício, a generosidade e os sonhos da vanguarda operária de 1917 voltam a ressuscitar entre todos os pioneiros da construção socialista – inclusive entre os membros jovens da GPU que aceitam sua ingrata missão. Todos eles parecem unir-se para assentar as bases de uma sociedade mais humana e mais fraternal.

Os membros mais conscientes desta falange, os comunistas da guerra civil, aos quais as necessidades e acaso de seus destinos mantiveram à margem do aparato

e das lutas internas, também participam deste sentimento geral, se bem que talvez o façam com maior lucidez crítica. Barmin resume com as seguintes palavras a psicologia destes homens:

> A mão de Stalin governava com dureza. A inteligência limitada de Stalin custava caro. Seus métodos autoritários também. Mas, apesar de uma série de dificuldades, que, aparentemente, eram insuperáveis, apesar de que cada nova primavera parecesse abalar os alicerces do regime, a energia implacável de Stalin fornecia à URSS uma nova base industrial. Depois de mais alguns anos de sacrifícios, os resultados daquele esforço colossal, às vezes inumano, se materializariam em um crescente bem estar e riqueza. Em nossa adesão a Stalin existia, pois, apesar de tudo, um firme entusiasmo. Os membros oposicionistas eram com frequência ganhos por ele[544].

Trotski confere sentido idêntico à sua análise sobre este período, concluindo que a burocracia só pode vencer "graças ao apoio do proletariado", mas que esta vitória "não podia aumentar o peso específico do proletariado"[545]. Mais uma vez, os socialistas tinham que enfrentar o problema de distinguir "o que" se fazia de "como" se fazia.

O ano de 1929, o primeiro do grande giro, marca também o começo do crescimento da GPU. Esta, que nasceu da expansão da Checa, especializada na repressão das ações contrarrevolucionarias e na vigilância das fronteiras, ela conta com seus próprios destacamentos militares, com o direito de registro, detenção e de conservar os detidos durante três meses no máximo. Ainda assim, até 1929, seu papel é bastante limitado, apesar de sua crescente intervenção na vida interna do partido. Durante o período da NEP, seu campo de ação se restringe à vigilância das antigas oposições, reduzidas em seu número. No entanto, a partir dos anos 1930 tudo muda, pois a luta contra a direita transforma todos os elementos independentes de tipo capitalista em contrarrevolucionários potenciais. A GPU deve vigiar os *nepmans* e as centenas de milhares de pequenas empresas industriais e comerciais, cuja liquidação definitiva está sendo gestada. Mas fundamentalmente, deve enfrentar a enorme tarefa de direção prática da chamada "deskulakização".

A partir do final de 1929, as circulares do Secretariado anunciam um recrutamento massivo de militantes comunistas pela polícia secreta e encarregam as autoridades regionais e locais de buscar voluntários aptos para este tipo de trabalho[546]. Consequentemente, seus efetivos vão crescer descomedidamente, bem como seu poderio econômico, visto que a seu encargo se encontra o destino de milhões de *kulaks* ou pseudokulaks, que foram deportados junto com suas famílias e que são utilizados em trabalhos de infraestrutura nos grandes canteiros de obras que, desta forma, passam a depender da GPU. A passagem ao terreno econômico da "frente" da luta provoca

544 BARMIN, Alexander, *op. cit.*, p. 268.
545 TROTSKI, Leon, *Stalin*, *op. cit.*, p. 528.
546 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, pp. 158-161.

a ampliação do campo de ação da GPU: ela vigia e "isola" os contrarrevolucionários da indústria, desde o engenheiro "sabotador" até o operário "perturbador", incluindo o administrador liberal que tolera que "se relaxe a disciplina". São também os funcionários da GPU os que decidem a concessão ou negação das carteiras de trabalho. Com isso, a rede da polícia secreta contribui intensamente, em paralelo à estrutura do partido (com a qual, por outro lado, costuma se chocar), para estreitar o cerco em que toda a sociedade parece estar aprisionada. Este cerco se torna ainda mais forte, pois é o secretário geral do partido quem controla diretamente a GPU.

A jurisdição militar excepcional outorgada ao "tribunal" da GPU se torna um meio para aniquilar as diferentes oposições sem dar-lhes uma publicidade indesejada. Desta forma, a GPU só envia aos tribunais os elementos mais insignificantes, e assume ainda a responsabilidade por todos os condenados a mais de três anos de cárcere, seja qual for seu delito. Tanto os métodos empregados, quanto a concentração da autoridade nas mãos de alguns especialistas cuja função é dirigir e reprimir, contribuem para fortalecer as tendências surgidas nestes anos de miséria e pobreza generalizada. Ao analisar as causas do surgimento da burocracia, Trotski escreve: "A autoridade burocrática se baseia na carestia dos artigos de consumo e na luta contra as sequelas deste fenômeno. Quando há mercadoria suficiente nos armazéns os compradores podem vir a qualquer momento. Quando há poucas mercadorias os compradores não têm outro remédio a não ser fazer fila na porta. Quando a fila se torna muito longa a presença de um agente de polícia é imprescindível para manter a ordem"[547].

Só uma combinação excepcional de circunstâncias históricas pode permitir que um distribuidor que dispõe da força se veja obrigado a prejudicar a si próprio na hora da distribuição. Na URSS de Stalin, onde "os quadros decidem tudo", parece claro que se deve conceder prioridade, no que se refere às necessidades mais imediatas, àqueles "cidadãos" que o Estado considera mais indispensáveis para a sua manutenção e de suas conquistas. Os arquivos de Smolensk nos fornecem a lista daqueles que, nos anos mais sombrios, receberam o privilégio exorbitante de não morrer na onda de fome que se abatia sobre todos. Efetivamente, uma circular secreta de 1934 inclui a lista dos dirigentes que devem receber dos armazéns centrais suas rações alimentícias com prioridade e que, por fim, parecem ser os únicos aos quais o regime outorga o direito de existir. São eles os secretários e instrutores de cada comitê regional, os secretários do *Komsomol* em cada localidade, o redator-chefe do jornal local, o diretor e os instrutores dos departamentos políticos dos *sovkhozes* e das estações de máquinas e tratores, o presidente, o vice-presidente e o secretário dos conselhos de administração dos *kolkhozes*, o presidente das comissões de planificação, os diretores dos departamentos financeiros, de agricultura, de saúde, de educação, de distribuição de víveres de cada circunscrição, o chefe de

547 TROTSKI, Leon, *De la Révolution*, *op. cit.*, p. 515.

seção do Comissariado do Povo para Assuntos Internos, a NKVD (novo nome da GPU), os fiscais, inspetores e administradores do Banco do Estado e da Caixa de Poupança, os agrônomos e veterinários mais antigos e todas aquelas pessoas que os comitês regionais considerem igualmente "indispensáveis"[548].

Desta forma, em torno da "polícia" que surge da necessidade de repartir entre um número reduzido os produtos indispensáveis dos quais carece a maioria, se consolida uma camada de privilegiados. A diferenciação social brota definitivamente sobre as bases da diferenciação funcional. O direito de viver melhor – ou menos mal – acompanha o de dirigir ou mandar. O incremento da produção, na medida em que a distribuição concerne a uma minoria privilegiada e incontrolável, não tende à nivelação e ao aumento do nível de vida de todos. Ao contrário, aprofunda as diferenças entre a massa amorfa, em relação à qual se espera que a necessidade servirá de estímulo, e o setor dos distribuidores. Os armazéns e lojas de luxo – os *liuks* – surgem ao mesmo tempo em que a imprensa começa a denunciar diariamente os roubos de víveres e em que se passa a se aplicar a pena de morte "a todo furto que atente contra a propriedade socialista". Naturalmente, não há lugar para os trabalhadores nas casas de repouso, que se tornam o paraíso com o qual se recompensa os privilegiados, funcionários ou stakhanovistas. Klaus Mehnert relata assim a forma como, em 1932, soube da supressão do "máximo comunista" pela boca de um jovem engenheiro comunista que tinha conhecido quando era estudante e vivia em uma "comuna". O jovem declara:

> Não se pode exigir nada de pessoas que trabalham dia e noite e carregam pesadas responsabilidades se não se lhes facilita, além disso, a vida dentro do possível. (...) Durante toda minha vida me arrebentei trabalhando. Ao mesmo tempo, o trabalho na fábrica, a escola de aperfeiçoamento para operários, depois o curso superior. Não fazia outra coisa. Trabalhava dezoito horas diárias, sem festas, sem férias. (...) Na atualidade, sou engenheiro-chefe da empresa. Sou responsável por uma invenção que representa uma grande economia para o Estado. É justo e razoável que eu possa fazer minhas compras em armazéns especiais e que tenha a perspectiva de ter, em pouco tempo, uma casa de três quartos em um edifício novo. Em relação à "comuna", se trata de uma grande e nobre ideia que certamente verá a luz algum dia, mas, dadas as condições da economia russa é uma utopia, um desejo raivoso de nivelamento levado ao limite, um desvio esquerdista de inspiração pequeno-burguesa e trotskista[549].

Os privilégios, bem como a necessidade dos que deles desfrutam de justificá-los, defendê-los e aumentá-los não são fenômenos novos. No entanto, neste terreno, a situação evolui muito rapidamente com o grande giro. É a coletivização, como vimos, que contribui em maior medida para aumentar enormemente as atribuições e os efetivos da GPU. O controle dos *kolkhozes* requer centenas de

548 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p.118.
549 MEHNERT, Klaus, *L'homme soviétique*, Paris, Plon, 1960, pp. 65-66.

milhares de funcionários, assim como a distribuição dos produtos agrícolas pelos organismos do Estado e as cooperativas. A industrialização caminha no mesmo sentido. A ênfase na necessidade de fortalecer prioritariamente a indústria pesada para poder assim equipar a agricultura e as indústrias de bens de consumo não é só um slogan propagandístico, mas supõe também um meio para justificar a apropriação pela burocracia da maior parte dos bens de consumo, assim como o reconhecimento da origem de seu novo poder e de sua diversificação. A partir de 1931 começam a se formar os quadros da nova *intelligentsia* soviética. Menos da metade dos diplomados do período abarcado pelos dois primeiros planos quinquenais são de origem operária e camponesa. Apesar disto, em 1936 o partido conta em suas fileiras com 97% dos administradores fabris, 82% dos diretores de obras e 40% dos engenheiros-chefes do país. O núcleo dirigente do aparato vai se consolidando na medida em que aumenta o poder do Estado que controla: se torna mais denso depois de sua aliança com os novos privilegiados que extraem sua força das realizações e das conquistas econômicas do país. Em todos os níveis e em todos os campos, a burocracia engendra mais burocracia. Os exemplos dados continuamente pelos dirigentes convencem menos de sua boa vontade em lutar contra as manifestações do "burocratismo" do que do desenvolvimento monstruoso de um mal que crava suas raízes nos métodos arbitrários e incontroláveis de direção e na desigualdade da distribuição social. Durante o XVII Congresso, Kaganovich oferecerá uma prova inquestionável disso, ao indicar que a fábrica de vagões de Moscou tem 601 administradores, dos quais 367 se encontram divididos em quatorze serviços centrais e os 234 restantes trabalham nas diferentes oficinas, tudo isso referente a uma empresa que emprega 3.832 operários, quer dizer, a proporção de burocratas sobre a base operária chega neste caso a 16%[550].

As estimativas vão se tornando cada vez mais difíceis, pois as estatísticas oficiais reduzem progressivamente o número de categorias sociais, dissimulando sob a etiqueta de "operários" ou "empregados" os setores encarregados de supervisionar e distribuir. Baseando-se em dados oficiais que contam um total de 55.000 pessoas empregadas nos escritórios centrais do partido e do Estado, aos quais devemos acrescentar os funcionários do exército e da marinha, as repúblicas e seus quadros políticos e sindicais, mais 17.000 diretores de empresa e 250.000 quadros administrativos e técnicos – que deverão ser multiplicados por três, dada a simetria do aparato do partido, do Estado e da estrutura sindical –, 860.000 "especialistas", dos quais 480.000 se encontram na indústria, e por fim 1 milhão de dirigentes dos *kolkhozes*. Trotski avalia em cinco milhões de pessoas, incluindo as respectivas famílias, "a categoria social que – sem realizar nenhum tipo de trabalho produtivo direto – ordena, administra, dirige e distribui as recompensas". Além disso, conta em uns 2 milhões a "reserva" do partido e dos

550 FAINSOD, Merle, *How Russia...*, *op. cit.*, p. 541.

sindicatos, e entre 5 e 6 milhões a aristocracia operária que compartilha com as duas primeiras categorias os favores oficiais[551].

Esta camada social, camuflada nas estatísticas, mas que fala em nome de todo um povo, está muito longe de ser homogênea. Em seu próprio interior existe um abismo entre os operários altamente qualificados, que são conhecidos por seus companheiros de fábrica como os "mil", e os milionários do regime, sejam artistas ou escritores, técnicos ou cientistas. Entre aqueles que o povo chama de *chinovniks* e, cada vez mais, de *sovbur*[552], há toda uma pirâmide de graus de poder, privilégios e prestígio social. Em resumo: entre o presidente de um soviet camponês ou um secretário de comitê regional e os membros da cúpula do partido ou os altos dignitários do Estado existe a mesma distância social que entre um notável do campo britânico e um banqueiro da City ou um chefe de serviço ministerial. Apesar disso, uns e outros estão vinculados por uma forte solidariedade. Seja qual for sua origem social, sejam bolcheviques aburguesados, mencheviques adesistas ou simples burgueses, jovens lobos de dentes afiados, tecnocratas de mentes quadradas ou conscienciosos escribas, todos eles cerram fileiras e defendem sua autoridade e seus privilégios contra qualquer tipo de controle a que possa aspirar a massa "pouco consciente" que eles dirigem e administram.

Mas o fundamental é que em qualquer nível, seja qual for o setor trabalhista em que se encontrem, sua carreira, sua segurança, sua própria vida dependem de superiores hierárquicos onipotentes. Os fios da pirâmide burocrática se reúnem no topo, quer dizer, na mão de Stalin, arbitro e chefe supremo, cuja autoridade foi construída sobre as contradições sociais que foram desfiando o velho partido revolucionário. Como chefe dos burocratas, ele é o que os castiga, recompensa e protege e é precisamente esta a imagem de "pai do povo" que difundem os especialistas do Departamento de Agitação e Propaganda – o *Agit-prop* – e os instrutores políticos das fábricas e *kolkhozes*, nos jornais e nas escolas. Ainda não se passaram vinte anos desde o triunfo da revolução sobre o território russo quando a voz dos operários e camponeses, que voltaram a ser tratados como crianças, como nos tempos dos czares "protetores", já não pode ser ouvida a não ser nos "dossiês" secretos e nos informes da GPU e das comissões de controle. Chegará, no entanto, a ser suficientemente forte para animar indiretamente, durante vários anos, o medo de novos "complôs" e "revoluções palacianas", obrigando o regime, ao final, a realizar uma autêntica matança de seus quadros de origem revolucionária. Essa matança alcançará amplitude suficiente para que até mesmo os defensores da tese da "terceira revolução" não possam negar sua função de autêntica contrarrevolução.

551 TROTSKI, Leon, *De la Révolution*, *op. cit.*, pp. 531, 532.

552 Em russo, "burguês soviético", denominação popular para os setores mais abastados da burocracia dirigente (N. do E.).

14

A CRISE POLÍTICA

Ainda hoje é impossível dar um panorama preciso das condições políticas da URSS durante o período do primeiro plano quinquenal. Carecemos de dados. Ainda assim, das breves indicações da imprensa e dos relatos pinçados de um lado e outro, temos a impressão de uma crise de excepcional gravidade. De fato, durante estes anos, a URSS se encontrou à beira da catástrofe, da fome, da falência econômica e do caos geral. O impulso dos primeiros meses da coletivização e da industrialização não consegue superar os obstáculos que surgem continuamente, nem as dificuldades de que padece a imensa maioria dos trabalhadores para subsistir, nem o medo generalizado em relação ao futuro.

Entre os oposicionistas reintegrados por estarem convencidos de que a política "esquerdista" inaugurada em 1928 acarretaria por si só no renascimento da democracia operária, sobram desilusões e lamentações. Kamenev escreve em seu diário íntimo que Zinoviev e ele cometeram um erro enorme ao romper com Trotski depois do XV Congresso.

Zinoviev confessa: "O maior erro político de minha vida foi abandonar Trotski em 1927". Ivan Smirnov, que capitulou em 1929, se encontra com Leon Sedov em julho de 1931 em Berlim e aceita enviar informações para o *Biuleten Oppozitsi*. O exemplar correspondente a novembro de 1932 inclui um estudo sobre a situação econômica da URSS baseado em dados precisos, conhecidos unicamente pelos comissários do povo. Seu autor é Smirnov. O artigo, assinado com um pseudônimo, termina com a seguinte afirmação: "Dada a incapacidade da direção atual em sair do impasse econômico e político, aumenta nossa convicção da necessidade de substituir a direção do partido"[553]. Outro correspon-

553 *Bulletin de l'opposition*, nº 31, 36, 37.

dente do *Biuleten Oppozitsi* escreve em 1933, referindo-se ao estado de ânimo de grande parte dos dirigentes: "Todos eles falam do isolamento de Stalin, do ódio universal de que é objeto, mas acrescentam: 'Se não fosse por este (omitimos seu vigoroso epíteto), a esta hora tudo já teria desabado. É ele quem mantém a coesão do conjunto'".

São desculpas para justificar a capitulação diária? Ou o fruto de uma análise séria da situação real? A segunda hipótese nos parece mais verossímil, na medida em que os "oposicionistas de coração" que se encontram no país estão de acordo sobre este ponto com Trotski, que, no exílio, em 1933, escreve: "Na atualidade, a ruptura do equilíbrio burocrático na União Soviética seria sem dúvidas utilizada pelas forças contrarrevolucionarias"[554]. Em tais condições, pode-se afirmar que, durante o período de 1930 a 1932, há uma espécie de trégua por parte dos inúmeros adversários da política stalinista instalados no interior do próprio aparato e que Stalin tinha sido aceito entre eles como um mal menor. Também não se pode desprezar o fato de que a URSS esteve até certo protegida ponto das ameaças exteriores concretas, que durante anos tinham pairado sobre ela, pelo fato de que a partir de 1929 o mundo capitalista enfrentava as consequências da crise econômica sem precedentes que marcou o período do entre guerras.

As intrigas palacianas

Na falta de uma oposição aberta, impossível a partir da derrota da Oposição de Esquerda, aparentemente vão surgir, na cúpula do aparato, algumas tentativas de reagrupamento dos adversários de Stalin, instigados pelos dirigentes que lhe deviam sua carreira, mas que consideravam que sua linha política conduzia a URSS à derrota. Sabemos de pelo menos duas destas tentativas: o caso Sirtsov-Lominadze, de 1931, e o caso Riutin, de 1932.

O primeiro é ainda um tanto misterioso e associava dois personagens pertencentes à jovem geração do aparato. Sirtsov, a quem era atribuída uma grande simpatia pelas ideias de Bukharin, tinha sido eleito membro suplente do Comitê Central em 1924 e titular em 1927. Sua promoção, em maio de 1929, ao cargo de presidente da RSFSR, à qual se seguiu sua designação como suplente do Birô Político durante o XVI Congresso, indicava que, durante a eliminação dos direitistas, ele deve ter dado a Stalin certas provas de lealdade. Também era presidente do Conselho da RSFSR. O georgiano Lominadze, com reputação de homem duro dentro do Komsomol no começo de sua carreira, era considerado um partidário incondicional de Stalin. De fato, o secretário geral o tinha enviado à China em 1927. Era o secretário regional do partido na Transcaucásia e, junto com Sten, pertencia à Comissão Central de Controle. Com Chatskin, secretário do Komsomol, tinha sido considerado, durante o período de 1928-1929, um crítico "de esquerda"

554 CILIGA, Anton, *Au pays du grand mensonge*, Paris, Gallimard, 1938, p. 189.

de Stalin, devido aos vacilos e contemporizações que este teria cometido na liquidação da direita[555].

Sirtsov e Lominadze serão expulsos do Comitê Central por terem constituído um "bloco antipartido da direita e da esquerda". Apesar das duas páginas dedicadas a este assunto por Knorin, historiador oficial em 1935, dispomos de muito pouca informação em relação às posições que adotaram e às suas atividades[556]. Parece que puseram em circulação entre os meios dirigentes, talvez com a finalidade de provocar uma "revolução palaciana", uma dura condenação contra Stalin, baseando-se nas críticas emitidas anteriormente pelas oposições de direita e de esquerda. Segundo Ciliga, Sirtsov afirmava: "O país entrou em um perigoso terreno econômico. A iniciativa dos operários foi aniquilada". Por seu lado, Lominadze acusava: "A administração do partido manipula, à maneira dos barins[557], os interesses dos operários e camponeses"[558]. Não sabemos das condições em que este grupo, heterogêneo em princípio, se desenvolveu. Pelas acusações proferidas durante o XVI Congresso contra Chatskin e, principalmente, contra Nikolai Tchaplin, que tinha encabeçado a luta dos "jovens stalinistas" contra a Oposição Unificada, podemos deduzir que o grupo tinha conseguido recrutar partidários nas fileiras do Komsomol. Seus nomes, junto aos de Sirtsov, Lominadze e Sten, são acompanhados ritualmente do epíteto "agentes do bloco das oposições"[559]. Também não se sabe se foram detidos. Knorin aponta que os membros do grupo foram expulsos do partido, e Sirtsov, Lominadze e Sten, afastados dos órgãos dirigentes. Os dois primeiros, pelo menos, foram reintegrados em 1935.

Em relação ao caso Riutin, contamos com mais informação. Este *apparatchik* de Moscou tinha sido o braço direito de Uglanov durante a luta contra a Oposição Unificada levada a cabo na capital. Em 1928, depois de ser acusado de manifestar tendências conciliadoras, tinha sido um dos primeiros direitistas depurado, mas também foi o primeiro a fazer sua autocrítica, antes inclusive da queda de Uglanov, conservando, graças a isso, suas funções no aparato de Moscou. Convencido de que a direção stalinista estava conduzindo o país a um desastre, escreveu, durante o ano de 1932, um texto de 200 páginas aproximadamente, cujo conteúdo só conhecemos através de alguns relatos. Neste documento afirma: "os direitistas tiveram razão no que se refere à economia e Trotski acertou em sua crítica ao regime do partido"[560]. Propõe uma retirada na economia, que deveria ser realizada através da redução dos investimentos na indústria e da liberação dos camponeses, autorizando-os a abandonar os *kolkhozes*. Também ataca ferozmente Bukharin por sua

555 KNORIN, Wilhelm, *Kurze Geschichite der K.P.d.S.U. (b)*, Moscou, 1935, pp. 432-433.
556 *Ibid.*, pp. 459-460.
557 Membro da nobreza russa (N. do E.).
558 CILIGA, Anton, *op. cit.*, p. 228.
559 FISHER, Ralph, *op. cit.*, p. 338
560 CILIGA, Anton, *op. cit.*, p. 228.

capitulação, e como primeira medida no sentido de restaurar a democracia do partido, propõe a reintegração de todos os expulsos, incluindo Trotski. Por último, em cinquenta páginas cheias de vigor, passa a analisar a personalidade de Stalin e seu papel passado e presente. Descreve-o como o "gênio do mal da revolução russa, (...) impulsionado por sua sede de vingança e sua ânsia pelo poder." Depois de afirmar que Stalin tinha conduzido o país "à beira do abismo", acrescenta, comparando-o com o agente provocador Azev, que tinha dirigido, sob ordens da polícia, a organização terrorista SR no início do século: "Alguém poderia se perguntar se tudo isto não é produto de uma imensa provocação consciente"[561]. Tais pontos de vista serviam para justificar sua opinião de que "não poderia haver um restabelecimento no partido nem no país" sem uma prévia derrota de Stalin.

Este programa de aproximação entre a direita e a esquerda, similar ao proposto por Sirtsov e Lominadze, e que parecia retomar a aliança que se projetou de maneira efêmera em 1928 entre Bukharin e Trotski, se baseava, talvez, em possibilidades reais, visto que, ao mesmo tempo, nos campos de concentração, nas prisões e nos lugares de deportação, a maioria dos partidários da Oposição de Esquerda como Rakovski e Solnzev, pensava que era necessário orientar-se por um programa econômico de retorno à NEP, combinado com a restauração da democracia interna[562]. As relações pessoais de Riutin facilitariam esse processo. O núcleo inicial constituído por ele e Galkin, que também era um antigo direitista, tinha se aberto à esquerda, incluído o velho operário bolchevique de Leningrado Kaiurov, assim como alguns antigos "trotskistas", pela direita, reunindo os intelectuais do grupo de professores vermelhos, Slepkov, Maretski, Astrov e Eichenwald. A "Plataforma Riutin", reproduzida clandestinamente, passará pelas mãos dos antigos oposicionistas oficialmente arrependidos, entre os quais se encontram Zinoviev, Kamenev, Stel e Uglanov, chegando, aparentemente, a ser difundida clandestinamente entre os operários das fábricas de Moscou.

Existem poucos dados em relação ao desenvolvimento, aos objetivos imediatos e à própria descoberta do "complô". Também não há informações sobre suas possíveis relações com o grupo Sirtsov-Lominadze. Ao que parece, uma vez detido, Riutin foi condenado à morte pelo tribunal secreto da GPU, sob a acusação de preparar o assassinato de Stalin. Ainda assim, a maioria do Birô Político obrigou Stalin, segundo parece, a renunciar à sua execução. Desde então, o rastro de Riutin se perde nas prisões, depois de sua passagem por Verkhne-Uralsk, onde se encontrou com Ciliga.

A consequência mais imediata do assunto é a segunda expulsão de Zinoviev e Kamenev, que são acusados de ter lido o texto de Riutin sem denunciar os conspiradores. Ocorrerá uma nova caça aos dirigentes vinculados a Riutin e a outras

561 SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 952.
562 CILIGA, Anton, *op. cit.*, pp. 215-216.

pessoas que parecem não ter mantido qualquer relação com ele. No final de 1932 e começo de 1933, são detidos de novo e condenados sem nenhum tipo de explicação pública os antigos membros da oposição Smilgá, Ter-Vaganian, Mrachkovski e Ivan Smirnov. Este último, que, após sua readmissão no partido, ocupava a direção da fábrica de automóveis de Gorki, é detido em 1° de janeiro de 1933, condenado a dez anos de cárcere e confinado no "isolador"[563] de Suzdal. Smilgá, que é condenado a cinco anos, é enviado a Verkhne-Uralsk junto com Mrachkovski, a quem, poucas semanas antes, Stalin tinha se queixado por estar rodeado de imbecis. Nesta mesma época, em 5 de novembro de 1932, morre a jovem esposa de Stalin, Nadezhda Aliluieva. Segundo os rumores (até hoje sem confirmação) que circularam na época nos meios dirigentes, Aliluieva tinha se suicidado depois de um violento desentendimento com seu marido, a quem considerava responsável pela catastrófica situação do país.

Estudante, Nadezhda Aliluieva tinha tido, sem dúvidas, oportunidade de tomar consciência do novo estado de ânimo imperante em uma parte da juventude. A partir de 1932-1933, algumas breves notas na imprensa oficial confirmam as indicações da imprensa da oposição: Desesperados pela apatia operária e educados na atmosfera de medo e ódio que Stalin inspira, os jovens, geralmente organizados no *Komsomol*, flertam com projetos de terrorismo individual, simpatizam com o movimento revolucionário do século 19, exaltam seus heróis e sonham em ser eles os que irão libertar o partido e o país do tirano. Zhdanov fará mais adiante uma depuração das bibliotecas, proibindo todos os livros que glorificam a ação terrorista. Em maio de 1933, Zinoviev e Kamenev serão trazidos novamente da Sibéria para repetir sua confissão. Trotski escreve, então, que Stalin "recolhe almas mortas", por não poder ter as almas dos vivos. No *Biuleten Oppozitsi*, Trotski adverte sobre o perigo do terrorismo: "Dentro e fora do partido se ouve cada vez mais a consigna 'Abaixo Stalin'. (...) Pensamos que isto é errôneo. Não nos preocupa a expulsão de um indivíduo, mas a mudança do sistema"[564]. A chegada dos nazistas ao poder na Alemanha coloca o problema em termos ainda mais urgentes.

A crise alemã

O mundo capitalista parece ocupado com seus próprios problemas. A grande crise provocada pelo "crack" de Wall Street vai confirmar a análise que Trotski incluiu em sua crítica ao VI Congresso da Internacional: a estabilização cede seu lugar a um novo período de convulsões sociais, principalmente no país chave da Europa, a Alemanha, enquanto o partido comunista alemão mostra sua incapacidade em deter o avanço do nazismo. Hitler alcança o poder sem que a classe ope-

563 Forma de prisão solitária utilizada pelo regime soviético (N. do E.).
564 TROTSKI, Leon, *Boletim da Oposição*, n°33, março de 1933.

rária tenha feito nada para impedir. O mundo capitalista marcha rumo à Segunda Guerra Mundial.

A história do partido comunista alemão desde 1923 é a história da longa luta travada pelos emissários da Internacional para tentar conseguir impor uma "bolchevização" que o transforme em um dócil instrumento dos dirigentes russos, privando-lhe definitivamente da possibilidade de desempenhar o papel de direção revolucionaria a que sempre aspirou. Sem levar em conta as tradições nacionais, nem o apego do núcleo fundador comunista à democracia interna – a Liga Spartacus tinha nascido em franca oposição ao partido centralizado e burocratizado de Ebert –, sem preocupar-se com a conjuntura política, o Comitê Executivo da Internacional se dedica a criar sua própria fração destinada a tomar o controle do partido, eliminando da direção todos aqueles elementos que possam vir a simpatizar com alguma das oposições russas, de direita ou de esquerda, e reorganizando o partido de forma a que o aparato se torne independente de qualquer pressão das massas, precavendo-se ao mesmo tempo contra o desenvolvimento de uma oposição interna que poderia atacá-lo no próprio campo de luta de classes. Ao projetar mecanicamente sobre a Alemanha a inquietação do grupo dirigente russo, a facção stalinista se vê obrigada a destruir aquilo que era a principal força do partido comunista alemão, a saber, a velha guarda espartaquista da qual Lenin dizia: "Não os vejo tragar fogo na festa do falatório revolucionário. Não sei se tornarão uma tropa de choque, mas de algo estou certo: é gente como eles que vai compor as sólidas colunas do proletariado revolucionário"[565].

O caso Thaelmann-Witorf dará o pretexto necessário para a eliminação daqueles aos quais se denomina "direitistas", por terem recomendado, durante um período de estabilização, a frente única com os sociais-democratas. Na assembleia plenária de dezembro de 1928, Stalin denuncia sua atividade fracional. Walcher, Frohlich, Boettcher e Hausen são expulsos, bem como Brandler e Thalheimer. A assembleia afirma, em uma carta aberta: "Cada passo dado para a estabilização do imperialismo internacional supõe também um passo em direção à decomposição de tal estabilização"[566]. O partido, onde as assembleias gerais – antiga tradição democrática – foram proibidas, é agora reorganizado por inteiro. A partir de agora, todos os "funcionários" devem ser "camaradas situados na linha do partido". Qualquer reunião em que os "liquidadores" tenham tomado a palavra é considerada invalidada. O partido é domesticado definitivamente. Thaelmann, salvo por Moscou, será até o final seu domador, contando para isso com a colaboração de Walter Ulbricht.

A X Plenária do Comitê Executivo da Internacional, celebrada em julho de 1929, termina de precisar a linha que já tinha sido esboçada no VI Congresso, com a ela-

565 Citado por ZETKIN, Clara, *Souvenirs sur Lenine*, Paris, Bureau d'éditions, 1926, p. 48.
566 *Correspondence Internationale*, nº155, 20 de dezembro de 1918.

boração da teoria do social-fascismo, que torna a social-democracia o inimigo número um dos comunistas. Manuilski, que tinha passado a presidir a Internacional, afirma em seu informe: "A social-democracia irá tirando progressivamente da burguesia a iniciativa da repressão contra a classe operária. (...) Se tornará fascista. Este processo de conversão da social-democracia em social-fascismo já começou"[567]. Bela Kun se propõe a provar "a necessidade da transformação da social-democracia em fascismo"[568]. Molotov acentua a necessidade de lutar principalmente contra a ala esquerda da social-democracia, "a mais desleal e astuta na hora de enganar os operários"[569]. Sob a bandeira da "frente única na base", vai se delineando a volta a uma política de isolamento sistemático. "A aplicação da tática de frente única, disse Ulbricht, consiste fundamentalmente na criação de órgãos independentes de luta (...), em unir as grandes massas operárias sob a direção comunista"[570]. Manuilski esboça, sem a menor vacilação, um esquema que transforma a vitória do fascismo em uma etapa necessária: "Em muitos países capitalistas intensamente desenvolvidos o fascismo será a última fase do capitalismo, prévia à revolução social[571].

A crise estoura em 1930. Inúmeras empresas quebram. O desemprego avança. Em 1932 existem 5,4 milhões de desempregados oficiais, cinco milhões de desempregados parciais e dois milhões de desempregados não inscritos. Todos os jovens desempregados não são contabilizados. A classe média é afetada, assim como o proletariado. Idosos com chapéu-coco pedem esmolas nas portas das estações do metrô. Para dezenas de milhões de alemães, quer dizer, para o conjunto dos trabalhadores, a crise coloca nos termos mais cruéis o problema da estrutura econômica e social. A sociedade capitalista está em falência, o individualismo pequeno-burguês perde qualquer sentido. Simone Weil escreve então: "O jovem alemão, operário ou pequeno burguês, não tem nem uma parcela de sua vida privada que não seja afetada pela crise. Para ele, as perspectivas, boas ou más, que podem referir-se inclusive aos aspectos mais íntimos de sua própria existência, se formulam imediatamente como uma serie de perspectivas que dizem respeito à própria estrutura da sociedade. Não consegue sequer imaginar um esforço que possa realizar para voltar a ser dono de seu destino que não tenha a forma de ação política"[572]. Desta forma, entre 1930 e 1933, se cria uma situação profundamente revolucionária. A burguesia se divide: a partir de 1930, amplos setores da indústria pesada e alguns segmentos do exército declaram seu apoio ao movimento nacional-socialista encabeçado por Adolf Hitler.

567 *Ibid.*, nº74, 21 de agosto de 1929, p. 996.
568 *Ibid.*, nº87, 22 de agosto de 1929, p. 1011.
569 *Ibid.*, nº87, 15 de setembro de 1929, p. 1193.
570 *Ibid.*, nº85, 13 de setembro de 1929, p. 1161.
571 *Ibid.*, nº92, 24 de setembro de 1929, p. 1267.
572 WEIL, Simone, *Impressões sobre a Alemanha*, em *La revolution proletarienne*, nº138, 25 de outubro de 1932, pp. 314-315.

Em 1929, este último, paralelamente à ação do partido comunista e contra a coalizão dos partidos burgueses com os sociais-democratas, faz uma campanha contra o Plano Young de amizade com o Ocidente e também invoca sentimentos patrióticos e revanchistas contra o tratado de Versalhes. A partir de 1930, os nazistas, que dispõe de uma quantidade enorme de fundos e meios materiais e de toda uma rede de cúmplices no exército e na polícia, se dedicam a explorar o desespero das classes médias empobrecidas, a frustração dos jovens desanimados e o anticapitalismo latente, que tratam de transformar em antisemitismo. Multiplicam seus esforços para desarticular as organizações operárias, atacam suas sedes, seus funcionários, seus locais de venda de jornal, alternando a utilização da violência física contra os militantes e o exacerbamento do rancor dos operários contra os aparatos burocratizados, mediante a denúncia de seus dirigentes.

Por trás dessa demagogia nacionalista e de sua fraseologia pseudosocialista, na realidade se limitam a servir a seus sócios capitalistas, os magnatas do Ruhr, que optaram por sobreviver destruindo todas as organizações operárias e orientando definitivamente a economia para a produção armamentista, através das encomendas do Estado e em última análise para a guerra, que lhes permitiria conquistar novos mercados. O nazismo, forma alemã do fascismo, último dique de contenção da revolução quando a democracia parlamentar se mostra totalmente incapaz de garantir a ordem social, não deixará de aumentar sua influência até 1932. Os nacional-socialistas tinham obtido 809.000 votos em 1928 e eleito 13 deputados; em 1930 contavam já com 6.401.000 votos e 105 deputados, que nas eleições presidenciais de abril de 1932 aumentaram para 13.417.000 votos, conseguindo 12.732.000 e 230 deputados nas eleições parlamentares de julho do mesmo ano.

O êxito dos nazistas se nutre da impotência das organizações operárias. Os sociais-democratas conservam na disputa eleitoral a maior parte de seus votos. Durante o período de estabilização, conseguiram consolidar seu poder às custas do aparato dos "sindicatos livres", da prosperidade e da colaboração de classes. Durante a crise, se apoiam fundamentalmente sobre os operários empregados que ficaram prudentes, pelo temor de serem demitidos, esforçando-se, através de uma política socialmente conservadora, por apoiar todas as soluções burguesas que não sejam fascistas (pois um triunfo nazista colocaria em perigo as posições privilegiadas de seus burocratas) e em opor-se a uma frente única que abriria à classe operária uma série de perspectivas revolucionárias que eles não estão dispostos a apoiar. Desta forma, por temor da guerra civil ou da proscrição do partido, entregarão sem luta o último bastião de seu poder político, o governo prussiano de Braun e Severing, deposto no dia 20 de julho de 1932 por von Papen. A partir desta data, se inicia ainda um movimento de descontentamento que no início se restringe a uma vanguarda, mas que mais adiante se estende rapidamente a todos os efetivos

social-democratas, em particular aos setores mais jovens, que desejam combater o nazismo, pois compreendem que esta luta põe em questão o próprio regime.

O partido comunista alemão e a crise

De fato, a crise alemã supõe para o partido comunista a prova de fogo, a confirmação definitiva, equivalente em significado ao que a de 1917 significou para os bolcheviques russos. O país mais desenvolvido da Europa sofre a mais profunda crise econômica e social conhecida pelo capitalismo. Desfazem-se todas as ilusões em relação à república democrática e parlamentar. A classe média, exasperada pela situação, busca uma saída e o grande capital lhe oferece uma: um Estado fascista nas mãos dos nazistas, a guerra e as conquistas imperialistas e, ao mesmo tempo, o esmagamento do movimento operário organizado e a supressão de todas as liberdades democráticas. Os comunistas alemães, segundo a concepção marxista, devem oferecer-lhes a alternativa da revolução socialista. Longe de estarem encurralados entre os destacamentos contrarrevolucionários nazistas (que tiram suas forças da passividade das massas) e as massas organizadas nos aparatos políticos e sindicais dos sociais-democratas, os comunistas têm a possibilidade de se impor como dirigentes da classe operária, que compõe a metade do país. Podem fazê-lo tanto através da denúncia das contradições em que incorre a propaganda hitlerista, quanto também do caráter contrarrevolucionário e antioperário de suas ações, no que poderiam arrastar consigo, com objetivos defensivos limitados, as organizações social-democratas, cujos dirigentes se veriam absolutamente desacreditados se se opusessem a ações deste tipo.

Na Conferência de Berlim, em 2 de agosto de 1922, Karl Radek, representante do partido russo, tinha se dirigido à delegação social-democrata para propor-lhe a "frente única":

> Sentamos com vocês na mesma mesa, queremos lutar com vocês e é na luta que se decidirá se se trata de uma manobra em benefício da Internacional Comunista, como imaginais, ou de uma torrente que reunirá a classe operária. [...] Se lutam conosco e com o operariado de todos os países – não pela ditadura do proletariado, não pedimos tanto, mas por um pedaço de pão e contra a decadência do mundo – o proletariado cerrará fileiras na luta e então vocês poderão nos julgar, não mais em base a um passado terrível, mas sim em base a ações completamente novas. (...) Tentaremos lutar juntos, não por amor a vocês, mas pela inflexível urgência do momento que nos está impulsionando e que os obriga a negociar nesta sala com os mesmos comunistas de carne e osso a quem vocês chamaram de criminosos[573].

No entanto, não voltará a se repetir na Alemanha esta busca de um acordo entre direções para lutar conjuntamente por uma série de pontos concretos. O

573 *Lutte de classes*, nº42, setembro de 1932.

partido comunista alemão nunca voltará a empregar esta linguagem nem chegará a desempenhar o papel que se esperava dele. Seu regime interno, a depuração dos velhos dirigentes enraizados nas fábricas e os zigue-zagues de sua política desde 1923 separam de suas fileiras os elementos mais estáveis e mais sólidos da classe operária. Uma política sindical absurda conduziu à criação de "sindicatos vermelhos", espectros ao lado dos sindicatos "livres", que agrupavam a maioria dos operários, mas em cujo interior a influência comunista é praticamente inexistente. Portanto, durante o começo da crise, o partido comunista se encontrará nas piores condições, dada a política que tinha praticado anteriormente sob a direção da Internacional. A imensa maioria de seus membros é de jovens que se encontram nele só de passagem. Em 1932, mais de 50% dos membros têm menos de um ano de militância; uma proporção superior a 80% tem menos de 2 anos. Em suas fileiras, entre 80 e 90% são desempregados. Como anotou Simone Weil, "a única vanguarda disposta a fazer uma revolução com que conta o proletariado alemão é formada por uma série de desempregados, privados de qualquer função produtiva, jogados para fora do sistema econômico, condenados a viver como parasitas e desprovidos, ademais, tanto de experiência como de cultura política. Porém, um partido assim pode vir a propagar sentimentos de rebeldia, mas em nenhum caso pode propor-se a fazer a revolução"[574]. Tal debilidade intrínseca e a falta de relação com os operários fabris é um enorme obstáculo para o partido comunista alemão em sua luta pela direção da classe operária. A política ditada pela Internacional e aplicada pelo grupo de Thaelmann se encarregará do resto.

Toda a política do partido comunista alemão consistirá durante este período em travar uma polêmica verbal extraordinariamente vigorosa dirigida exclusivamente contra os dirigentes social-democratas, o que obstaculiza qualquer possível frente única entre comunistas e não comunistas, enquanto que no que diz respeito aos nazistas, praticamente prepara uma frente única de fato, competindo inclusive sobre o próprio terreno de seu adversário. Em abril de 1931, na Prússia, o partido comunista se alia com os nazistas em um referendum organizado por instigação destes últimos contra o governo social-democrata local. Em julho de 1931, durante a XI Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista, Manuilski afirma: "Os sociais-democratas, a fim de enganar as massas, proclamam o fascismo como o principal inimigo da classe operaria"[575]. Ao criticar em novembro de 1931 as "tendências liberais que pretendem opor a democracia burguesa e o fascismo, e o partido hitlerista e o social-fascismo", Thaelmann justifica a aliança com os nazistas refutando a tese que afirma que um governo social-democrata é um mal menor se comparado ao governo de Hitler. Convida os comunistas a difundir a consigna de "revolução popular", quer dizer, a mesma que

574 WEIL, Simone, *op. cit.*, p. 317.

575 MANUILSKI, Dmitri, *The Communist party and the crisis of capitalism*, Moscou, OGIZ, 1931, p. 112.

utilizam os nazistas com o pretexto de que é um "sinônimo da consigna proletária de revolução socialista"[576]. O partido organiza ainda uma ruidosa campanha em torno da consigna de "libertação nacional", transforma o tenente Scheringen, que passou do nazismo ao comunismo, em uma espécie de herói nacional e lhe autoriza a criar um grupo que pede aos nacionalistas alemães que apoiem os comunistas, já que a aliança com os russos seria a única que poderia garantir a independência nacional da Alemanha. Os comunistas guardam silêncio quando a destituição do governo prussiano agita os operários social-democratas e depois, com vinte e quatro horas de atraso, lançam, sem preparação alguma, a consigna de greve geral, que naturalmente cai no vazio.

Nas eleições de 30 de julho de 1932 conseguem 5.277.000 votos e elegem 100 deputados, menos da metade dos conseguidos pelos nazistas. Ainda assim, o *Bolshevik* publica em seus editoriais que o partido comunista alemão se encontra a ponto de conseguir a maioria no Reichstag. Os grupos de militantes da Frente Vermelha, organizada em 1930-1931 para enfrentar os nazistas, são dissolvidos sem resistência, enquanto a XII Plenária do Comitê Executivo da Internacional afirma: "As seções da Internacional Comunista devem dirigir seus golpes contra a social-democracia, pois seu isolamento do proletariado é uma condição prévia à conquista da maioria do proletariado, à vitória sobre o fascismo e à derrota da burguesia"[577]. Quando, apesar dos sindicatos livres, os sindicatos vermelhos conseguem desencadear uma greve de transportes contra a redução de 20% dos salários, as tropas nazistas lutam na rua contra a polícia, apoiam as ações dos grevistas e acabam impondo a volta ao trabalho, apesar da oposição dos comunistas, mostrando-se assim capazes de tirar-lhes, durante a ação, a direção de uma revolta de base espontânea. Alguns dias mais tarde, o dirigente comunista Remmele declara: "O partido comunista se aproxima gradualmente do objetivo a que se propôs, a conquista da maioria da classe operária"[578].

No início de 1932 o partido comunista faz um chamado à luta contra um novo partido formado por sociais-democratas de esquerda e antigos oposicionistas comunistas: o SAP, cuja direção vai ser encabeçada por Walcher e Frohlich. O chamado proclama a necessidade de iniciar a ofensiva contra "a variante de esquerda do social-fascismo, encarnação do inimigo mais perigoso da classe operária". Da mesma forma, denuncia como manobra a participação dos sociais-democratas nas greves, "sua suposta luta pela paz ou contra o fascismo"[579]. Quando os nazistas, na véspera da ascensão de Hitler à chancelaria, preparam um desfile armado em frente à Casa Karl Liebknecht, sede do partido comunista alemão, os dirigentes lançam

576 THAELMANN, Ernst, *Sobre certos erros do PC alemão*, em *Cahiers du bolchevisme*, nº1, 1932, pp. 25-32.

577 *Guide to the XII Plenum E.C.C.I.*, setembro de 1932, p. 77.

578 *Rote Fahne*, 14 de novembro de 1932.

579 *Correspondence Internationale*, nº7, 27 de janeiro de 1932, p. 77.

a palavra de ordem de realizar petições, solicitando das autoridades a proibição da manifestação.

Uma vez que Hitler se instala no poder, Karl Radek, porta-voz da Internacional, escreve: "Não se pode destruir um partido que recebeu milhões de votos, um partido vinculado a toda a história de luta da classe operária alemã. Não se pode destruí-lo nem por uma decisão administrativa que o declara ilegal, nem com um terror sangrento, visto que o terror terá então que se dirigir contra toda a classe operária"[580]. Quando a repressão golpeia, quando os nazistas já estão prendendo, torturando e massacrando os militantes comunistas e destruindo o movimento operário, o Presidium do Comitê Executivo da Internacional decide adotar, por unanimidade, no dia 1º de abril, uma resolução que declara que: "a política implementada pela direção do partido comunista alemão, encabeçado pelo camarada Thaelmann, era absolutamente correta antes e durante a tomada do poder pelo fascismo"[581]. O historiador R. T. Clarck conclui seu estudo sobre o fim da república de Weimar com esta opinião: "É impossível ler as publicações comunistas desta época sem sentir um calafrio frente ao abismo para o qual a recusa em se servir de sua inteligência de forma independente pode arrastar a homens inteligentes"[582].

As consequências da crise

Simone Weil conclui sua análise da política do partido alemão com uma explicação mais satisfatória:

> A impotência do partido que diz ser a vanguarda do proletariado alemão poderia nos obrigar a deduzir a impotência do próprio proletariado. O problema é que o partido comunista alemão não é a organização dos operários alemães dispostos a preparar a transformação do regime, apesar de que estes sejam ou tenham sido em sua maioria membros dele. De fato, constitui uma organização de propaganda em mãos da burocracia estatal russa e este é o motivo pelo qual seus erros podem ser explicados com facilidade. Compreende-se sem esforços que o partido comunista alemão, armado, pelo interesse da burocracia russa, com a teoria do "socialismo em um só país", se encontra em uma posição difícil para lutar contra o partido hitlerista, que se autodenomina "partido da revolução alemã". De forma geral, está claro que os interesses da burocracia de Estado russa não coincidem com os dos operários alemães. O que para estes é vital é deter a reação fascista ou militarista; para o Estado russo, o importante é simplesmente impedir que a Alemanha, seja qual for seu regime interno, se volte contra a Rússia ao aliar-se com a França. Analogamente, uma revolução abriria amplas perspectivas aos operários alemães, mas só poderia perturbar a construção da grande indústria russa; e ademais, um movimento revolucionário sério traria necessariamente à oposição russa um apoio considerável em sua luta contra a ditadura burocrática.

580 *Cahiers du bolchevisme*, nº10, 15 de maio de 1933, pp. 693-694.

581 Citado por BELOFF, Max, *The foreign policy of the Soviet Union*, Oxford, Oxford University Press, 3ª edição, 1952, tomo I, p. 68.

582 CLARK, Robert, *The fall of the german republic*, Londres, Allen and Unwin, 1935, p. 475.

É, pois, bastante natural que a burocracia russa, inclusive neste momento trágico, subordine tudo a seu propósito de conservar seu controle absoluto sobre o movimento revolucionário alemão[583].

Esta nova derrota do proletariado alemão, que vai durar várias décadas, inicia na história do Partido Comunista da URSS um período completamente novo. A trégua que a crise provocou na URSS chega a seu fim. O imperialismo alemão prepara a Segunda Guerra Mundial. A burocracia muda seu rumo na política externa: daí em diante todos seus esforços tenderão a impedir a coalizão geral das potências capitalistas contra ela. O governo de Stalin, que a princípio estava unido com a França e tinha a esperança de entrar em uma aliança defensiva com o Ocidente e contra a Alemanha em favor do *status quo* europeu, acabará assinando com a Alemanha de Hitler o pacto que permitirá a esta última iniciar a Segunda Guerra Mundial sem se arriscar a uma guerra em duas frentes. A "defesa da URSS" exige a busca de aliados nos países capitalistas: os partidos comunistas de cada país subordinam toda sua ação a este imperativo e abandonam qualquer política de classe baseada na análise das relações sociais para servir exclusivamente como ponto de apoio à diplomacia russa. Portanto, deixam de fato de situar-se no terreno da luta de classes, justificando as previsões de Trotski em relação às implicações da teoria do "socialismo em um só país". Em 1937, Dimitrov explicará: "A linha histórica de demarcação entre as forças do fascismo, da guerra e do capitalismo por um lado e as forças da paz, da democracia e do socialismo por outro, é dada cada vez mais claramente pela atitude em relação à União Soviética, e não pela atitude formal que adota em relação ao poder soviético em geral, mas pela postura que adota ante uma União Soviética que prossegue com sua existência real há quase 30 anos, lutando infatigavelmente"[584]. Daí em diante, a razão de ser dos partidos comunistas não será mais a luta pelo comunismo, mas sim, como escreve Max Beloff, "o apoio aos esforços da diplomacia soviética e do Exército Vermelho"[585]. Ainda assim, a luta de classes não se detém: os acontecimentos na França e Espanha vão demonstrá-lo em seguida. Portanto, uma lógica implacável vai levar os partidos comunistas a lutar acima de tudo por controlar os movimentos operários em benefício da burocracia russa, combatendo impiedosamente qualquer movimento revolucionário.

Nesta rota, o adversário número um, a partir de 1934, é a organização revolucionária internacional cuja construção foi iniciada por Leon Trotski. De 1931 a 1933, este último concentrou toda sua atenção como polemista e como teórico na situação alemã. Sem dúvida, sua produção nunca foi tão brilhante e tão rica como então: a defesa da política de frente única, a análise do nazismo e a crítica da teoria do social-fascismo, reiterada em uma infinidade de artigos e panfletos, bastariam

583 WEIL, Simone, *op. cit.*, p. 319.
584 DIMITROV, Georgi, *The united front*, Londres, Lawrence and Wishart, 1938, pp. 270-280.
585 BELOFF, Max, *op. cit.*, p. 319.

por si só para situar seu autor entre os mais importantes políticos da época contemporânea. Não obstante, mais uma vez, de nada serve a Trotski ter razão, visto que a derrota alemã posterga durante decênios a vitória revolucionária que poderia historicamente lhe dar razão. Depois da vitória de Hitler, o "super-wrangel"[586], a quem considera como a ponta de lança do imperialismo em sua luta contra a classe operária e contra a URSS, Trotski escreve em março de 1938 no artigo "A tragédia do proletariado alemão": "A classe operária alemã poderá voltar a se levantar, mas o stalinismo jamais o fará"[587]. Em sua opinião, o stalinismo faliu na Alemanha, frente a Hitler, de maneira análoga ao ocorrido com a social-democracia em 4 de agosto de 1914. Portanto, se trata de reconstruir uma nova organização internacional e fundar em todos os países, inclusive na URSS, uma série de novos partidos.

Uma conferência da Oposição de Esquerda Internacional, reunida em Paris em agosto de 1933, decide transformar-se em um movimento pela criação da IV Internacional. Algumas semanas mais tarde, quatro organizações, entre as quais se encontram o Partido Operário Socialista alemão de Walcher e Frohlich, o Partido Socialista Independente e o Partido Socialista Revolucionário holandês, encabeçado pelo veterano comunista e sindicalista Sneevliet, junto com a Oposição de Esquerda, publicam uma declaração conjunta "Sobre a necessidade de uma nova Internacional e seus princípios". As teses de Trotski em relação à construção de novos partidos e de uma nova Internacional aparecem no *Biuleten Oppozitsi* em outubro de 1933 com a assinatura de G. Gurov. A Oposição de Esquerda deixa de comportar-se como tal para definir-se como uma organização totalmente independente. Fiel à sua concepção de defesa da URSS e das conquistas da revolução através "de organizações autenticamente revolucionarias, independentes da burocracia e apoiadas pelas massas", a nova organização vai tentar ganhar os "elementos autenticamente comunistas que ainda não tenham se decidido a romper com o stalinismo"[588] e principalmente as novas gerações operárias.

Esta virada vai criar a partir de então um perigo mortal para a burocracia, pois seu ponto de vista de defesa da URSS exige um sistema diplomático de alianças com alguns países capitalistas contra outros. Na execução desta política, os partidos comunistas nacionais desempenham um papel de meio de pressão e de instrumento de intercâmbio. Uma nova organização revolucionaria que dispute seu monopólio da vanguarda operária debilita sua posição. Paralelamente, a agitação revolucionária, ao assustar a burguesia, ameaça provocar o isolamento da URSS. A luta contra o "trotskismo" se torna, mais do que nunca, um imperativo da política stalinista. Esta luta será similar à realizada pelos partidos comunistas contra

586 Referência ao barão Wrangel, general czarista que lutou na guerra civil russa contra o poder soviético e que empregava métodos de extermínio físico não apenas contra o Exército Vermelho, mas também contra a população civil (N. do E.).
587 TROTSKI, Leon, *Écrits*, *op. cit.*, tomo III, pp. 375-387.
588 Tradução de WRIGHT, John, em *Fourth International*, julho de 1943, pp. 215-218.

movimento operário independente e contra qualquer novo processo revolucionário. Por isso, a capitulação sucessiva de Christian Rakovski e de Leon Sosnovski são ganhos importantes para Stalin na luta que recomeça. Tanto um como outro aludem ao perigo de guerra para justificar sua capitulação, mas Rakovski, ao que parece, foi ferido gravemente em uma tentativa de fuga e sua capitulação, quando foi detido, só aconteceu depois de uma temporada passada em um "hospital" do Kremlin[589]. A maioria dos observadores parece estar de acordo ao dizer que, frente aos perigos imediatos, o Birô Político se esforça em promover uma espécie de reconciliação, a fim de constituir uma "união sagrada" frente à ameaça alemã. As concessões aos camponeses e a reintegração a postos de confiança de um certo número de antigos oposicionistas constituem dois aspectos da mesma política, cujo objetivo é conseguir isolar melhor os partidários de Trotski, que a seguir são denunciados como os únicos agentes da divisão e como aqueles que passaram definitivamente ao serviço do imperialismo.

O XVII Congresso

A atmosfera do XVII Congresso sugere um certo espírito conciliador que se estabelece pouco antes da reabilitação de Rakovski. Pela primeira vez em anos, os antigos dirigentes das diferentes oposições, como Zinoviev, Kamenev, Bukharin, Rikov, Tomski, Piatakov, Preobrazhenski, Radek e Lominadze, podem tomar a palavra sem ser objeto de risos e insultos por parte dos congressistas. Apesar das referências a Stalin, sua autocrítica conserva uma dignidade formal quase nova. Em seu discurso, Stalin celebra sua vitória em termos que são perfeitamente aceitáveis para todos aqueles que abandonaram Trotski e cujo único desejo era que lhes permitissem voltar ao trabalho:

> O presente congresso é celebrado sob a bandeira da completa vitória do leninismo, sob a insígnia da liquidação dos restos de grupos antileninistas. O grupo trotskista antileninista foi desarticulado e dispersado. Seus organizadores deverão ser encontrados agora na retaguarda dos partidos burgueses. O grupo antileninista dos desviacionistas de direita foi igualmente desarticulado e dispersado. Seus organizadores renunciaram há tempos a suas opiniões e na atualidade tentam de diversas maneiras expiar as faltas que cometeram contra o partido. Há que reconhecer que o partido está mais unido do que nunca[590].

Pela primeira vez desde o começo da era Stalin, todas as figuras de primeira grandeza da oposição são aceitas de fato. Apenas Trotski parece suportar a excomunhão, enquanto Stalin faz o papel de reagrupador.

589 TROTSKI, Leon, *The case...*, *op. cit.*, p. 120.
590 STALIN, Josef, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 173.

Na realidade, muitos rumores – única fonte desde então das informações políticas – falam de divergências no Birô Político, onde um grupo de "liberais" parece se inclinar a favor de uma certa distensão, com a qual se ponha fim às perseguições aos oposicionistas e se trate de conseguir uma trégua no campo. Voroshilov parece ser o porta-voz desta tendência. Ao que parece, tinha admitido em um informe aos chefes militares, encabeçados por Blucher, que a divergência entre o regime e os camponeses ameaçava gravemente a moral do exército. Há também rumores de que Kirov, irritado com a onipotência da GPU, tinha tomado a iniciativa de pôr limites à ação de seus chefes em seu feudo de Leningrado. O grupo de "liberais" do Birô Político é completado, ao que parece, por Rudzutak e Kalinin. Dizem também que, como ocorreu nos tempos da plataforma de Riutin, todos eles tinham conseguido deter a repressão que Zhdanov, Molotov e Kaganovich já estavam dispostos a desencadear contra os jovens comunistas, aos quais se atribuíam projetos terroristas.

Deutscher opina que esta divisão interna do Birô Político teve seus reflexos em certas vacilações de Stalin durante o ano de 1934[591]. Mas Stalin realmente vacilou? É indubitável que os contemporâneos acreditaram perceber medidas contraditórias nas grandes decisões de 1934. Não obstante, é pouco provável que fosse assim na realidade. É mais plausível a opinião de que, ao confiar no clima de união sagrada criado pelo XVII Congresso, os observadores não souberam perceber as novas medidas repressivas e a promoção dos homens destinados a aplicá-las. Durante o XVII congresso, surge do aparato um homem – Yezhov –, que já é membro do Comitê Central e entra no Birô de Organização e na Comissão de Controle presidida por Kaganovich. O jovem Malenkov passa a ocupar o cargo de responsável do Departamento de Quadros do Secretariado. Estes são, junto com Poskrebishev, que encabeça o Departamento Especial do Secretariado, os homens que irão formar mais adiante o trio de depuradores do partido. Quando no dia 10 de julho de 1934 se reorganiza a GPU dentro de um Comissariado do Povo para Assuntos Internos, ampliado e batizado com o novo nome de NKVD, a opinião geral é de que suas prerrogativas serão limitadas. Seu conselho ou tribunal judicial é suprimido e a seguir todos os assuntos deverão ser enviados aos tribunais ordinários. O procurador geral Vishinski fica encarregado da supervisão de sua atividade, o que nos leva hoje a pensar que tal reorganização respondeu a um anseio de controle mais direto sobre seu funcionamento. O ano de 1934, por outro lado, aponta para o começo da distensão no que se refere à política camponesa. Os *kulaks* se beneficiam de uma anistia parcial, o Comitê Central de novembro põe fim ao racionamento de pão e adota um novo modelo de estatuto para os *kolkhozes*, no qual é autorizado o aumento da superfície das parcelas privadas de cada membro do *kolkhoz* e também se permite a livre disposição das colheitas. Contudo, esta normalização vai ser interrompida pouco tempo depois por um atentado terrorista.

591 DEUTSCHER, Isaac, *Stalin*, *op. cit.*, p. 355.

O assassinato de Kirov

Serguei Kirov morre como consequência de uma série de disparos de revolver no dia 1º de dezembro de 1934, pelas mãos de um jovem comunista chamado Nikolaiev. Sua qualidade de membro do partido permitiu-lhe aproximar-se do primeiro secretário de Leningrado, que, por outro lado, não estava acompanhado de seus guardas pessoais da NKVD. Estes são os únicos dados fidedignos de que dispomos em relação ao assassinato em si. Os objetivos de Nikolaiev só podem ser objeto de hipóteses que são hoje impossíveis de se comprovar, já que as circunstâncias que rodearam esse drama vêm sendo esclarecidas de maneira muito lenta.

No mesmo dia 1º de dezembro um decreto do Comitê Executivo dos Soviets priva os acusados de crime de terrorismo do direito ordinário de defesa. Por iniciativa pessoal de Stalin, que, segundo Krushev[592], não vai ser ratificada pelo Birô Político até dois dias mais tarde, aparece uma ordem assinada por Yenukidze, secretário do Comitê Executivo, na qual ordena a aceleração das diligências de investigação, a supressão de qualquer recurso ou petição de indulto e a execução das sentenças de morte imediatamente depois da declaração do veredito.

O próprio Stalin se une a Molotov e Voroshilov em Leningrado para dirigir a investigação na noite de 1º para 2 de dezembro. Borisov, um dos dirigentes da NKVD de Leningrado, responsável também pela segurança de Kirov, que foi convocado ao Smolni para ser interrogado, morre durante o percurso, oficialmente em um acidente. Krushev afirmou em 1956 que esta era uma "circunstância suspeita" e, em 1961, durante o XXII Congresso, afirmou ainda que tudo parecia indicar que o crime tinha sido executado pelos dirigentes da NKVD que o escoltavam. O *Pravda* de 4 de dezembro anuncia a destituição e prisão de vários altos dirigentes da NKVD que o escoltavam e a condenação à morte pelo Tribunal Supremo – que já age de acordo com as novas normas – de sessenta e seis acusados de serem guardas brancos, trinta e sete de Leningrado e vinte e nove de Moscou, que são executados imediatamente. Nos dias 28 e 29 de dezembro, Nikolaiev, autor dos disparos, é julgado a portas fechadas junto com onze coacusados, membros, como ele, do *Komsomol*, e entre os quais se encontram Katalinov e Rumiantsev, antigos membros de seu Comitê Central. Uma versão oficial nos faz imaginar qual teria sido a verdadeira atitude do jovem diante de seus juízes: "O acusado Nikolaiev trouxe vários documentos (um diário, declarações dirigidas a diferentes instituições etc.), com os quais tentava descrever seu crime como um ato pessoal de desespero e descontentamento, originado pela piora de sua situação material e que tinha de ser interpretado como um protesto contra a atitude injusta de certos

592 Discurso secreto incluído em *The anti-Stalin Campaign and International Communism – a selection of documents*, Nova York, Columbia University Press, 1956, p. 25.

membros do governo em relação a uma pessoa viva"[593]. Os doze acusados, que são apresentados como membros de um "centro de Leningrado" são condenados à morte e executados.

De 15 a 18 de janeiro, outros dezenove acusados comparecem a portas fechadas ante o tribunal militar da Corte Suprema. Entre eles se encontram Zinoviev, Kamenev, Badaiev, Evdokimov, Kuklin e Guertik, o núcleo dos antigos dirigentes de Leningrado, acusados de terem fundado um "centro moscovita". Segundo o procurador geral Vishinski, os antigos dirigentes da oposição reconhecem sua responsabilidade moral no crime cometido pelos jovens comunistas, que parecem ter sido discípulos seus. Parece que Kamenev confessou "não ter lutado ativa ou energicamente o bastante contra a degeneração, surgida como resultado da luta antipartido, e em cuja sombra esta quadrilha de bandidos pôde desenvolver-se e cometer seu crime"[594]. Por seu lado, Zinoviev, ao que parece, declarou: "A maioria dos crimes que foram cometidos se devem à confiança que eles têm em mim. Meu dever é me arrepender do que já entendi ter sido um erro e dizê-lo, para que se acabe de uma vez para sempre com este grupo"[595]. Segundo a "Carta de um velho bolchevique", os investigadores exigiram de Zinoviev e Kamenev estas confissões, comparáveis a um verdadeiro suicídio político, a fim de permitir ao partido frear o desenvolvimento das dramáticas consequências da luta fracional da qual tinham sido protagonistas durante o período de 1926-1927. Aparentemente, Zinoviev e Kamenev cederam a esta exigência com a esperança de deter a onda de terrorismo que se iniciava, e cuja repressão ameaçava implicar a todos seus antigos amigos. De todo modo, os acusados são condenados a um total de 137 anos de prisão; Zinoviev, a dez anos; e Kamenev, a cinco. Ao mesmo tempo, a NKVD decreta outras quarenta e nove condenações de internamento em um campo durante quatro e cinco anos e mais vinte e nove condenações à deportação, por períodos que oscilam entre dois e cinco anos. Entre estes condenados se encontram o escritor Ilia Vardin e os velhos bolcheviques, ex-membros do Comitê Central, Safarov, Zalutski e Avilov.

Logo vai acontecer um terceiro processo. Segundo a já mencionada carta, Agranov, um dos chefes da NKVD, tinha feito uma investigação que revelava que os chefes da polícia de Leningrado conheciam perfeitamente os planos de Nikolaiev, que costumava falar deles em público[596]. Como confirmou também Krushev[597], Nikolaiev tinha sido detido em duas ocasiões um mês e meio antes do atentado, e tinha sido posto em liberdade sem vigilância. Em 23 de janeiro são processados

593 *The crime of the Zinoviev opposition: the assassination of S. M. Kirov*, Moscou, Cooperative Publishing Society of Foreign Workers in the USSR, 1935, p. 19.
594 *Ibid.*, p. 142.
595 *Ibid.*
596 *Letter of an old bolshevik*, Nova York, Rand School Press, 1937, p. 32.
597 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign*, *op. cit.*, p. 26.

os chefes da NKVD de Leningrado, Medvedev, seu assistente Zaporozhets e seus principais colaboradores. Todos são acusados de terem sido "informados sobre o atentado que estava sendo preparado", e as condenações que recaem sobre estes homens vão de dois a dez anos de prisão. Segundo Krivitski, Medvedev, condenado a dois anos de prisão, foi deportado imediatamente a um campo de concentração, sendo liberado antes do final da pena[598]. Ainda assim, em 1937 seria fuzilado sem julgamento, junto com seus companheiros de deportação. Trotski e seus amigos desenvolveram atentamente em suas análises a hipótese da responsabilidade diretas de Stalin no assassinato de Kirov e, em 1956, Krushev confirmaria esta posição ao declarar: "Podemos supor que foram fuzilados para ocultar o rastro dos organizadores do assassinato de Kirov"[599]. Além disso, e por ocasião do XXII Congresso, Krushev ainda precisará que entre esses fuzilados, se encontravam também os homens que escoltavam Borisov quando ocorreu o acidente que o matou[600].

Estes julgamentos são os únicos aos quais se dá publicidade. Mas a partir de 1º de dezembro, centenas de comunistas são detidos. Os deportados de Verkhne -Uralsk presenciaram sua chegada por turmas: entre eles se encontra Vuyovich, antigo secretário da Internacional Comunista da Juventude, Olga Ravich, colaboradora de Lenin na Suíça, Yonov, cunhado de Zinoviev, Anishev, historiador da guerra civil e várias centenas de membros do *Komsomol* leningradense, conhecidos nos campos de concentração como "os assassinos de Kirov". Victor Serge e Deutscher calculam que o número de suspeitos detidos chegou a dezenas de milhares. Em um discurso público, Stalin reconhecerá mais adiante: "Os camaradas não se contentavam em criticar e oferecer uma resistência passiva, também ameaçavam provocar uma insurreição no partido contra o Comitê Central. Além disso, ameaçavam alguns de nós com balas. Não tivemos outro remédio a não ser tratá-los com dureza"[601]. Durante o XXII Congresso, Krushev se limitará a dizer: "As represálias massivas começaram depois do assassinato de Kirov"[602].

A organização do dispositivo do terror

Vários historiadores consideram que os anos de 1935 e 1936 continuaram refletindo a oscilação entre a linha "dura" e a linha "liberal". De fato, depois do terrível período compreendido entre 1930 e 1933, surgem alguns elementos de distensão na situação política. Antigos oposicionistas arrependidos continuam exercendo funções importantes e a conciliação prometida no XVII Congresso parecia acontecer. Piatakov é o principal responsável pela indústria pesada; Radek é o porta-voz

598 KRIVITSKI, Walter, *Agent de Staline*, Paris, Cooperation, 1940, p. 222.
599 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, p. 26.
600 *Discurso de encerramento do XXII Congresso*, em *Cahiers du communisme*, nº12, dezembro de 1961, p. 505.
601 STALIN, Josef, *Oeuvres complètes, op. cit.*, tomo II, p. 195.
602 *Discurso de encerramento do XXII Congresso, op. cit.*, p. 504.

informal de Stalin em relação à política exterior; Bukharin dirige o *Izvestia*; ele e Radek são os verdadeiros redatores da nova Constituição, elaborada durante 1935 e promulgada em 1936. A supressão do racionamento, em 1º de janeiro de 1935, corresponde a uma verdadeira estabilização da produção agrícola. A alta dos preços das mercadorias liberadas, não compensada pelo aumento dos salários, é uma importante concessão à população integrada nos *kolkhozes*. O êxito do movimento stakhanovista é um fato, apesar da resistência dos operários. Como consequência, o número de privilegiados se amplia.

Mas acontecem também muitos outros fenômenos contraditórios. Todos os membros da oposição são deportados ao final de sua pena de prisão, e isso quando não são condenados de novo. A imprensa oficial tenta implicar Trotski nos últimos acontecimentos, invocando algumas declarações de Nikolaiev, segundo as quais este teria recebido cinco mil rublos pelo assassinato de Kirov das mãos do cônsul da Letônia, suposto agente de Trotski.

Kuibishev morre em 26 de janeiro de 1935. Em 1º de fevereiro Mikoyan e Chubar se tornam membros do Birô Político; Zhdanov e Eikhe se tornam suplentes. Yezhov substitui Kirov no Secretariado do Comitê Central e Kaganovich o faz na presidência da Comissão de Controle. Este último vai se dedicar à reorganização dos transportes. Toda uma série de jovens, pertencentes à geração pós-revolucionaria e que ascenderam dentro do aparato à sombra de Kaganovich, sobem ao primeiro plano. Zhdanov assume o lugar de Kirov e Nikita Krushev é nomeado primeiro secretário do partido em Moscou no dia 9 de março.

A posteriori, é difícil negar que se tinha preparado cuidadosamente uma onda repressiva, se examinamos as medidas legislativas adotadas durante a primeira metade de 1935. Um decreto de 30 de março castiga com cinco anos de cárcere a propriedade ou posse de faca ou qualquer tipo de arma branca; em 8 de abril se estende a aplicação das penas de direito comum, inclusive da pena de morte, às crianças a partir de doze anos; o decreto de 9 de junho passa a punir com pena de morte os crimes de espionagem e a fuga ao exterior; os membros da família maiores de idade que não tenham denunciado um crime passam a ser considerados cúmplices e podem incorrer em condenações que vão de dois a cinco anos de prisão e confisco de todos os bens (se conseguirem provar que ignoravam a intenção do criminoso, ainda assim podem ser punidos com cinco anos de deportação). Desta forma, fica estabelecida a responsabilidade familiar coletiva.

Outras disposições servem igualmente para indicar em que direção serão dados os próximos golpes. Em 25 de maio de 1935 é dissolvida a Sociedade dos Velhos Bolcheviques. Malenkov é o encarregado da investigação de suas atividades e do exaustivo exame de seus arquivos. Um mês depois se aplica a mesma medida à Associação dos Antigos Condenados a Trabalhos Forçados e Presos Políticos. Desta vez Yezhov é o responsável pela investigação. A depuração do *Komsomol*

prossegue em todo o país. Em 7 de junho de 1935, a pedido de Yezhov, o Comitê Central expulsa de seu interior e do partido, por ser "politicamente degenerado", o velho bolchevique georgiano Avelii Yenukidze. Zhdanov em Leningrado e Krushev em Moscou darão explicações idênticas, acusando-o de "liberalismo". Parece que a verdadeira causa foi o fato de que ele se aproveitava de seu alto cargo de secretário do Comitê Executivo dos Soviets para "proteger trotskistas". Todas estas medidas não são ocultadas da opinião pública. No entanto, as detenções e inclusive os julgamentos continuam sendo secretos. Desta forma, no dia 17 de julho de 1935, Kamenev é julgado e condenado novamente a mais cinco anos de detenção por um suposto complô contra Stalin. Seu irmão, o pintor Rosenfeld, foi a principal testemunha de acusação.

Uma série de novas depurações vão comover o partido depois do assassinato de Kirov. Uma carta intitulada "Lições dos acontecimentos relacionados ao assassinato do camarada Kirov" é enviada a todas as organizações do partido para ser lida e discutida. Uma carta secreta, datada de 17 de fevereiro, enviada pelo Departamento de Quadros, pede que se faça um informe sobre a discussão sobre o número de "comunistas desmascarados como zinovievistas, trotskistas, elementos de duas caras e estrangeiros"[603]. Naturalmente, esta carta provoca a expulsão de uma nova leva de militantes. Uma circular secreta, datada de 13 de maio de 1935[604], prevê a averiguação da lealdade de todos os membros do partido, o que deverá acontecer no decorrer de uma série de reuniões de célula, cuja atmosfera, se nos atemos à descrição que dão os documentos de Smolensk, é a de uma autêntica e histérica caças às bruxas. Na região de Smolensk, dos 4.100 militantes examinados, 455 são expulsos depois de 700 denúncias orais e 200 por escrito; somente dois dos expulsos pertencem ao aparato do partido; 238 são empregados da administração soviética e da estrutura econômica, outros 98 são operários e 64 são estudantes[605].

Uma circular de Chilman, datada de 21 de outubro de 1935, revela que os expulsos do partido em geral foram demitidos de seu trabalho e que não são autorizados a exercer uma nova ocupação. Insiste para que tais medidas sejam interrompidas, pois "ameaçam suscitar uma animosidade excessiva". Só devem ser expulsos "os inimigos desmascarados de forma inequívoca", os quais seria conveniente deter ou exilar[606]. No início de 1936, uma circular do Comitê Central prevê uma nova depuração por ocasião da renovação de todos os documentos e carteiras do partido. Em Smolensk esta medida terá como alvo fundamental alguns jovens operários e certos "novos oposicionistas desmascarados", como o dirigente do partido na central elétrica, que havia declarado que "a situação material dos operários

---

603 FAINSOD, Merle, *Smolensk..., op. cit.*, p. 223.
604 *Ibid.*
605 *Ibid.*, pp. 228-231.
606 *Ibid.*, pp. 231-232.

tinha piorado", mesmo depois de ter sofrido reprimendas anteriormente por "suas tendências esquerdistas" e por buscar a companhia de um vizinho trotskista. Na fábrica Rumiantsev, a NKVD detém um grupo de operários, que são qualificados de "trotskistas" pelo informe emitido e acusados de "atividade contrarrevolucionaria". Muitos outros operários serão expulsos posteriormente por terem mantido contato com eles[607].

Ao comentar, no início de 1936, as informações recebidas de todas as regiões da URSS em relação às detenções de jovens operários e estudantes e as declarações de Molotov ao jornal *Le Temps* (O tempo) em relação ao terrorismo na URSS, Trotski escreve:

> No começo do poder dos soviets, dentro do ambiente da guerra civil que ainda perdurava, os socialistas-revolucionários e os guardas brancos cometiam atos terroristas. Quando as antigas classes dirigentes perderam qualquer esperança, o terrorismo também desapareceu. O terror *kulak*, do qual hoje ainda subsistem alguns restos, sempre teve caráter local e constituía um complemento da guerra de guerrilhas levada contra o regime soviético. Mas não é a isto que se refere Molotov. O terror atual não se apoia nem sobre as antigas classes dominantes, nem sobre o *kulak*. Os terroristas destes últimos anos são recrutados exclusivamente entre a juventude soviética, nas fileiras do *Komsomol* e do partido. Absolutamente incapaz de resolver os problemas que ele mesmo se coloca, não por isso o terror deixa de constituir uma espécie de sintoma de considerável importância, visto que caracteriza a intensidade do antagonismo existente entre a burocracia e a grande massa do povo, e em particular da jovem geração. O terrorismo é o trágico complemento do bonapartismo. Individualmente, todos os burocratas temem o terror, mas a burocracia de conjunto o explora com êxito para justificar seu monopólio político[608].

Trotski baseia esta análise em sua descrição das tarefas dos revolucionários da URSS: "O bonapartismo atemoriza os jovens, mas vocês devem agrupá-los sob a bandeira de Marx e Lenin. Devem conduzir a vanguarda da jovem geração da aventura do terrorismo individual, método dos desesperados, para a ampla via da revolução. É preciso educar novos quadros bolcheviques que assumam a luta contra um regime burocrático em avançado estado de decomposição[609].

Uma oposição generalizada

Numerosos comentaristas opinam que estas perspectivas eram demasiado otimistas. No entanto, os arquivos de Smolensk trazem um testemunho irrefutável do tamanho da hostilidade ao regime existente entre os jovens e entre uma vanguarda operária, cuja conexão com a corrente de ideias colocadas pela oposição não era em absoluto inverossímil nas vésperas de 1936.

607 *Ibid.*, p. 283.
608 *New Militant*, 9 de maio de 1936.
609 *Ibid.*

O informe elaborado por Kogan, secretário regional do *Komsomol*, bem como os informes dados pelos dirigentes sobre a caça a elementos alheios à classe operária dentro da organização, depois do assassinato de Kirov, jogam certa luz sobre o descontentamento da geração jovem, menos prudente e mais impaciente, que expressa abertamente sua hostilidade em relação a Stalin. Alguns estudantes picharam seu retrato, cobrindo-o com a inscrição: "O partido se envergonha com suas mentiras". Um grupo de jovens camponeses improvisou versos que diziam: "Quando mataram Kirov, liberaram o comércio do pão; quando matarem Stalin, se repartirão os *kolkhozes*". Um diretor de uma das escolas do *Komsomol* recorda o testamento de Lenin e seu conselho de eliminar Stalin da direção do partido; um professor afirma que com Stalin o partido se tornou um policial; um estudante de dezessete anos diz: "Mataram Kirov, que matem Stalin agora"; entre os jovens se fala da oposição com simpatia; um operário diz: "Já basta de caluniar Zinoviev, fez muito pela revolução"; um responsável de propaganda se nega a admitir que Zinoviev tenha algo a ver com o assassinato de Kirov; um instrutor do comitê regional defende os pontos de vista da Oposição Unificada[610].

Tais ideias são expressas também por operários adultos. Assim, na empresa de construção Medgorosk, de Smolensk, um carpinteiro chamado Stefan Danin declara, com a aprovação dos homens de seu grupo: "Devemos permitir a existência de vários partidos políticos entre nós, como nos países burgueses. Desta forma, eles estarão mais capacitados para apontar os erros do partido comunista. A exploração não foi erradicada entre nós: os comunistas e os engenheiros se utilizam e exploram as pessoas que lhes servem de criados. De qualquer forma, os trotskistas Zinoviev e Kamenev não serão fuzilados nem devem ser, porque são velhos bolcheviques". Ao funcionário do aparato que lhe pergunta quem é, em sua opinião, um velho bolchevique, ele responde: "Trotski"[611].

Os problemas operários, as questões salariais, de moradia, de abastecimento e as relações com os dirigentes revelam a mesma situação explosiva nas empresas. As atas das reuniões do partido na fábrica de aviões número 35 de Smolensk revelam que, de um total de 144 membros do partido, 90 são *udarniks*[612], quer dizer, trabalhadores de elite que se beneficiam de numerosos privilégios como rações extras, entradas para espetáculos e moradias mais espaçosas[613]. As reuniões registram a crescente oposição dos operários ordinários aos stakhanovistas. Não só estes são, em sua opinião, uns privilegiados, como também seus recordes representam uma verdadeira ameaça, visto que servem de argumento à direção para aumentar o ritmo de trabalho e as cotas mínimas de produtividade sem aumentar os salários.

610 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p. 422.
611 *Ibid.*, p. 322.
612 Literalmente "batedores" em russo (N. do E.).
613 *Ibid.*, p. 320.

A maioria dos operários se dirige, por cima de seus dirigentes imediatos, ao secretário regional. Os operários da fábrica Rumiantsev, principal empresa metalúrgica de Smolensk, se queixam de Egorov, secretário do partido e de Metelkova, presidente do comitê de fábrica, a Rumiantsev, que é o secretário regional dos quadros comunistas da empresa[614]. Os da oficina nº2 escrevem:

> Se você não interceder, abandonaremos o trabalho. Não podemos continuar trabalhando. Nos sentimos oprimidos. Não ganhamos nada - de um rublo e meio a dois rublos - porque os dirigentes só se preocupam com eles mesmos, recebem seus salários e concedem a si mesmos seus prêmios. Metelkova pega sua parte. Para esta gente há balneários, casas de repouso e hospitais, mas para os operários não há nada[615].

Outros operários da mesma fábrica denunciam, na pessoa de Metelkova, que "fechou os olhos e os ouvidos do partido", e na de Egorov, os "comunistas que se burocratizaram, que se encheram de vaidade", os "grandes magnatas que se separaram das massas e que não querem mover nem um dedo, apesar de saber o que ocorre e de terem sido informados mil vezes"[616]. Por sua vez, Metelkova se dirige a Rumiantsev para se defender e clamar desesperadamente contra "a acusação de ser uma burocrata insensível às necessidades dos operários". Pegando o exemplo das moradias, escreve:

> Deve haver muitos descontentes na fábrica, visto que inspecionamos 843 moradias operárias e descobrimos que existem 143 operários que necessitam de uma casa, pois vivem em condições deploráveis, e que 205 casas necessitam de reparos. No momento estamos reparando 40 habitações, conforme o plano, a um custo de 10.000 rublos. Naturalmente, os outros continuarão descontentes. Estes recorrem ao comitê de fábrica, solicitam reparos e moradias e eu me vejo obrigada a negar seus pedidos. (...) Este é o motivo pelo qual decidi escrever a você, para que (...) não pense que sou uma burocrata ou uma militante sindical insensível[617].

Nem Metelkova nem Rumiantsev podem fazer nada. Ao mesmo tempo em que considera que os ataques dos operários revelam "o método do inimigo para desacreditar os dirigentes", Rumiantsev acabará atacando Metelkova no jornal do partido, chamando-a de "burocrata insensível". O sacrifício de bodes expiatórios substitui as concessões que estes dirigentes não podem nem querem fazer por temor de pôr em perigo suas próprias funções de dirigentes. O descontentamento dos operários não qualificados e semiqualificados é tão profundo e tão autêntico que deve ser abafado por completo, não podendo jamais ser expresso em público de forma explícita ou mesmo velada. De outro modo, em suas pos-

614 *Ibid.*, pp. 236-237.
615 *Ibid.*, p. 231.
616 *Ibid.*, pp. 236-237.
617 *Ibid.*, p. 323.

síveis iniciativas, poderiam acabar se unindo a outros elementos, inclusive com as camadas inferiores da burocracia. As reações do operário Danin e as dos jovens comunistas demonstram que em 1935-1936 existia um perigo real de um encontro entre uma vanguarda operária que tentava se encontrar e as ideias da oposição.

Uma circular datada de 7 de março de 1935 ordena que sejam retirados de todas as bibliotecas públicas os livros de Trotski, Zinoviev e Kamenev; em 21 de junho outra circular amplia o índice de autores proscritos, incluindo Preobrazhenski, Sapronov, Zalutski e outros mais[618]. Entre os oposicionistas, o antigo marinheiro de Kronstadt, Pankratov, e o economista Pevzner se veem implicados em uma misteriosa "conspiração das prisões". Elzear Solnzev, que tinha sido condenado em 1928 a três anos de "isolador" e mais tarde a dois anos de reclusão por decisão administrativa, sendo deportado logo após esses cinco anos, é detido novamente após a morte de Kirov e condenado sem julgamento a cinco anos de cárcere. Empreende então uma greve de fome e morre no hospital de Novosibirsk em janeiro de 1936. Todos os demais irreconciliáveis da oposição, como o historiador Yakovin, o sociólogo Dingelstedt, os irmãos Papermeister, antigos *partisans* da Sibéria, o antigo presidente do soviet de Tiflis Lado Dumbadze, os veteranos Lado Yenukidze e Kossior, o operário curtidor Bykz, organizador, junto com Dingelstedt, da greve de fome de Verkhne-Uralsk em 1934 e os velhos bolcheviques Sapronov e Vladmir Smirnov voltam a ser condenados e desaparecem nas prisões.

Dos deportados da oposição, só três conseguiram chegar ao exterior antes da Segunda Guerra Mundial: Ciliga, liberado ao final de sua condenação por ser cidadão italiano; Victor Serge, escritor de língua francesa, libertado após uma campanha organizada pelos intelectuais ocidentais, e um operário russo que assina com o nome de Tarov no Boletim da Oposição. Este último, que protagonizou uma verdadeira proeza ao fugir através da fronteira com o Irã, desapareceria anos mais tarde na França durante a guerra. Segundo algumas informações não comprovadas, fez parte dos vinte e três FTP[619] que foram fuzilados pelos nazistas em Paris no dia 21 de fevereiro de 1944. O destino dos demais apenas antecipa o que seria o destino de dezenas de milhares de comunistas, oposicionistas arrependidos e stalinistas fiéis. A onda de terror que está em preparação desde o assassinato de Kirov por Stalin e pelos homens que ele colocou em postos-chave, como Nikolai Yezhov e George Malenkov, vai se abater primeiramente sobre os últimos restos da geração revolucionária de outubro de 1917.

618 *Ibid.*, p. 374.
619 *Franc-tireurs et partisans*, fração comunista autônoma da Resistência Francesa (N. do E.).

15

OS PROCESSOS DE MOSCOU

Tudo parece indicar que foi durante o ano de 1935 que se iniciou a preparação dos grandes processos contra a velha guarda. Os arquivos da Sociedade dos Velhos Bolcheviques e os da Associação dos Antigos Condenados a Trabalhos Forçados e Presos Políticos são examinados cuidadosamente pelas comissões encabeçadas por Yezhov e Malenkov. Alguns dos homens que logo serão condenados como Zinoviev, Kamenev, Yenukidze e Smirnov se encontram já há certo tempo nas mãos da NKVD. O *Pravda* de 5 de junho de 1936 inicia o novo período com as seguintes palavras: "Com mão firme seguiremos destruindo os inimigos do povo, os monstros e bestas trotskistas, seja qual for a hábil camuflagem com que se escondam". No dia 29 de julho o Secretariado envia a todos os organismos locais uma circular, cujo texto ainda nos é desconhecido, mas cujo título figura nos arquivos de Smolensk e se refere à "atividade terrorista do bloco trotskista-zinovievista contrarrevolucionário"[620].

A máquina entrou em funcionamento e, a partir de 1º de agosto, a imprensa estará repleta de informações que narram a desarticulação de vários tipos de complôs e de "conspirações contrarrevolucionárias, todos eles de caráter trotskista-zinovievista", assim como a detenção em todas as repúblicas da URSS de estudantes, jornalistas, jovens comunistas e operários, como o grupo de "trotskistas" acusado de ter se apoderado da organização do partido na celebre região de Viborg, em Leningrado. No dia 14 toda a imprensa publica simultaneamente a informação de que um novo processo contra Zinoviev será aberto. Publica também um decreto que parece reconsiderar as drásticas medidas da lei de dezembro de 1934, visto que restabelece a publicidade das audiências, a assistência de advogados e a pos-

620 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p. 233.

sibilidade de um recurso ante o Comitê Executivo dos Soviets contra as sentenças durante os três dias seguintes à emissão do veredito. No dia 19 se inicia o "processo dos dezesseis", o primeiro dos "processos de Moscou"

O processo dos 16

A ata de acusação é publicada no mesmo dia e apresentada pelo procurador Vishinski ante o tribunal militar da Suprema Corte da URSS, integrado por três juízes membros do partido e presidido por Ulrich. À primeira vista, os dezesseis acusados formam um grupo um tanto heterogêneo. Entre eles se encontram quatro dos mais distintos membros da velha guarda: os antigos dirigentes da Nova Oposição, Zinoviev, Kamenev, Evdokimov e Badaiev, que já foram condenados várias vezes, uma delas por cumplicidade no assassinato de Kirov. Podem ser incluídas também neste grupo certas personalidades menos conhecidas como Pickel, antigo secretário de Zinoviev e Reingold, colaborador de Sokolnikov na direção das finanças, já que estes antigos dirigentes foram membros da Oposição Unificada. Os antigos trotskistas da oposição de 1923 e da Oposição Unificada integram um segundo grupo: Ivan Nikitich Smirnov e Serguei Mrachkovski, antigos dirigentes da oposição que renunciaram à luta em 1928-1929; Dreitser, que foi oficial do Exército Vermelho e íntimo colaborador de Trotski, a quem apoiou durante a luta de 1926; e, por último, Ter-Vaganian, que é um escritor e jornalista pertencente à jovem geração – ambos capitularam na mesma época; além deles, é acusado Golzman, um alto funcionário que visitou Trotski durante seu período de deportação e que, apesar de suas simpatias pela oposição, não chegou a se integrar a ela. O último grupo de acusados é formado por desconhecidos, cujo passado tortuoso será revelado no decorrer do interrogatório. São eles: Olberg, Berman-Yurin, Fritz David e Moises e Nathan Luria. Todos estes homens anunciam seu propósito de se declararem culpados, abrindo mão de seu direito de serem defendidos por um advogado. A tese da acusação afirma que até o final de 1932 Smirnov, Mrachkovski e Ter-Vaganian, "ex-trotskistas reintegrados", constituíram com Zinoviev e Kamenev um "centro", com o objetivo de preparar e executar atentados terroristas contra os dirigentes do partido e do Estado. Com este fim, Trotski e Sedov enviaram à URSS um certo número de terroristas – os seis desconhecidos do banco dos réus – com passaportes e vistos fornecidos pela Gestapo. O centro transmitiu, por intermédio de Zinoviev, a ordem dada por Trotski de matar Kirov. Não há provas materiais: a ata de acusação se apoia somente nas declarações dos acusados, que parecem ter sido obtidas recentemente, já que Kamenev não confessa até 13 de julho, Mrachkovski até o dia 20, Hickel até o dia 23. Os demais confessarão às vésperas do julgamento, como Evdokimov, que o fez em 12 de agosto, Smirnov, que confessou no dia 13 de agosto e Ter-Vaganian, no dia 14.

Os contatos do centro com Trotski são confirmados por Golzman, que afirma ter participado, em novembro de 1932, de uma reunião com Sedov no Hotel Bristol de Copenhague, e mais adiante com o próprio Trotski na mesma cidade, recebendo deles instruções para fomentar o terrorismo. Mrachkovski declara que, em dezembro de 1934, recebe de Dreitser, que tinha encontrado Sedov em Berlin, uma carta de Trotski escrita com tinta invisível, na qual o objetivo fundamental é estabelecido: "o assassinato de Stalin e de Voroshilov". Moises Luria confessa ter recebido em março de 1933, em Berlim, instruções de Trotski através de Ruth Fischer e de Maslow. Badaiev confessa ter supervisionado os preparativos do assassinato de Kirov. Outros acusados declaram ter preparado atentados contra diversas personalidades, como Stalin, Voroshilov, Kaganovich, Zhdanov, Ordzhonikidze, Kossior e Postishev. Os dirigentes reconhecem ter participado pessoalmente da organização de tais crimes. "Ardíamos de ódio[621], afirma Zinoviev, pouco depois da afirmação de Kamenev: "O que nos guiou foi um ódio sem limites contra a direção do partido e do país, e uma sede de poder"[622].

O procurador Vishinski solicita a pena de morte para "estes palhaços, estes pigmeus", "estes aventureiros que, com seus pés sujos de lama, tentaram pisotear as flores mais perfumadas de nosso jardim socialista"[623]. "É preciso fuzilar esses cães raivosos". A imprensa acompanha o julgamento com o mesmo estilo. Em 23 de agosto o *Izvestia* escreve: "Eles não têm na alma mais do que um ódio bestial, que foi amadurecendo durante dez anos contra o nosso sol Stalin, e um gênio poderoso de impureza contrarrevolucionária". No dia 24 todos os acusados são declarados culpados e condenados a morte. O *Izvestia* entoa elogios ao "único humanismo (...), a defesa do regime que, sob a égide do grande Stalin, assegura uma vida nova, uma vida livre a milhões de homens". No dia 25 os 16 réus são executados. *Pravda* escreve: "Desde então, se respira melhor, o ar é mais puro, nossos músculos adquirem nova vida, nossas máquinas funcionam com mais alegria, nossas mãos são mais destras".

Os problemas colocados pelas declarações dos 16

Apesar de que a versão oficial do processo e as teses da acusação só tenham sido admitidas com reservas entre os partidários de Stalin e os "amigos da URSS" no mundo inteiro, a mera leitura atenta dos documentos oficiais revela uma série de contradições e de impossibilidades, o que nos autoriza a considerar este processo como uma das piores falsificações judiciais já montadas em todos os tempos.

---

621 *Le procès du Centre terroriste trotskiste-zinoviéviste devant le tribunal militaire de la Cour supréme de l'U.R.S.S., contre Zinoviev G. E. [et al.]*, Moscou, Commissariat du peuple de la justice de l'U.R.S.S., 1936, p. 72.

622 Ibid., p. 65.

623 *Ibid.*

Em primeiro lugar, se coloca o problema dos ausentes. Vishinski se refere a doze acusados que estão sendo objeto de uma investigação especial, mas nenhum deles jamais aparecerá perante um tribunal. Entre outros, Vishinski cita Dmitri Schmidt, um dos chefes do Exército Vermelho, lendário *partisan* da guerra civil e antigo dirigente, acusando de organizar de grupos terroristas. Outro deles é o velho bolchevique Guertik, que já tinha sido condenado em janeiro de 1935, sob a acusação de ter participado, junto com Matorin, outro dos secretários de Zinoviev, da preparação do assassinato de Kirov; e Geven, um comunista letão amigo de Smilgá, que é acusado de ter servido de emissário, transmitindo a Smirnov em 1932 as "diretrizes terroristas" de Trotski. Todos estes homens já estão mortos ou morrerão em breve sem serem processados e sem confessar. A acusação também não parece se preocupar muito em fazer coincidir suas teses com as que tinha utilizado no processo de janeiro de 1935, pois só quatro acusados – dos dezenove que foram condenados naquela ocasião – respondem mais uma vez pelo assassinato de Kirov. Não se faz nenhuma referência, como se se tratasse de algo normal, aos processos anteriores relacionados ao assunto, como o dos chefes da NKVD leningradense ou o segundo julgamento contra Kamenev. Também não se menciona Bisseneks, o cônsul da Letônia que supostamente teria entregue, em 1934, cinco mil rublos a Nikolaiev, se propondo a colocá-lo em contato com Trotski.

De fato, qualquer pessoa honrada que lesse em 1936 as atas taquigráficas do processo dos 16, sem necessidade de esperar as "revelações" de Krushev em 1956, podia chegar à conclusão de que todos os acusados eram inocentes do assassinato de Kirov.

Por outro lado, as próprias declarações estão repletas de contradições no que se refere aos atos terroristas e às instruções. Dreitser confessa ter tornado visível a mensagem de Trotski, escrita com tinta invisível, antes de transmiti-la a Mrachkovski. Mas este último também declara tê-la recebido e tornado-a visível[624]. Ninguém parece se preocupar com esta contradição. Em relação aos demais atentados, se pode dizer que são, no máximo, "crimes de intenção": Berman-Yurin confessa ter desejado matar Stalin na XVIII Plenária do Comitê Executivo da Internacional, mas não pôde entrar na sala. Fritz David sim, pôde fazê-lo, mas não conseguiu chegar perto de Stalin. Vishinski, ao aludir a estas duas declarações, sustenta que correspondem completamente à verdade, visto que foi em 1927 que Trotski elaborou sua famosa "tese Clemenceau".

Também Nathan Luria quis atirar em Voroshilov, mas seu automóvel passou muito longe. Ao que parece, pensou também em assassinar Kaganovich e Ordzhonikidze em uma reunião que aconteceria em Cheliabinsk, mas ao final resolveu não ir até lá.

624 A tinta invisível tem como sua principal vantagem permitir descobrir se a correspondência foi interceptada, pois uma vez que a tinta seja tornada visível, pela exposição ao calor, o texto fica permanentemente marcado no papel (N. do E.).

As "provas materiais" empregadas pela acusação são tão pouco consistentes quanto as declarações. O fato de que Olberg, cidadão letão, tivesse um passaporte de Honduras evidentemente não prova nada, a não ser que se acredite que só a Gestapo poderia providenciar tais passaportes. Vishinski apresenta como prova uma carta de Trotski que, segundo ele, foi encontrada em um fundo falso da maleta de Golzman e na qual o chefe da oposição afirma que é preciso "eliminar Stalin". Na realidade, se trata de uma carta aberta, publicada no mundo inteiro em 1932, e que contém a seguinte frase: "Por último, é preciso levar à prática o veemente conselho póstumo de Lenin: *afastar* Stalin". Isso prova, no máximo, que se Trotski efetivamente se dedicava a propagar consignas terroristas, se encontrava na boa companhia de Lenin. O procurador enfrenta muitas dificuldades ao tentar fazer coincidir os dados das declarações e sua argumentação. A ata afirma que o centro terrorista estava em funcionamento desde 1932 até 1936, mas Zinoviev e Kamenev que, segundo sua própria confissão, estiveram exilados de 1932 a 1933, foram detidos em dezembro de 1934 e, desde então, não saíram do cárcere. Mrachkovski, outro dos supostos membros do centro, se encontrava durante todo este período no Cazaquistão. Já Smirnov esteve preso o tempo todo desde 1° de janeiro de 1933. À luz destes fatos, Vishinski deduz que "se o centro funcionava, era porque tinha um sistema de conexões bem organizado que permitiram inclusive aos que não estavam em liberdade (...) participar de sua direção"[625], mas não dá nenhuma indicação sobre a natureza de tais "conexões".

As atas taquigráficas do processo, sem dúvida, foram objeto de importantes cortes: a acusação de Vishinski considera inadmissíveis as comparações, feitas pelos acusados, entre seus novos atos e o terrorismo anticzarista do século 19, mas nenhuma destas comparações consta nos atos do processo. A própria tese das "confissões" parece estar a ponto de ruir quando se lê as passagens "resumidas" das atas. Ao que parece, Ter-Vaganian tentou enganar a todos substituindo (segundo instruções de Trotski) a palavra "terror" pela expressão "luta enérgica contra os dirigentes do partido". Não obstante, mais tarde, foi obrigado a admitir que se tratava de instruções "cujo conteúdo era o terrorismo, só o terrorismo"[626]. Ainda assim, "Smirnov nega sua participação direta nas atividades terroristas. (...) O acusado não confessa, a não ser depois de ter sido confundido pela acusação com provas irrefutáveis"[627]. O interrogatório de Smirnov durou três horas. Um breve fragmento do diálogo mostra que não confessou, visto que, nele, nega ter feito parte do centro:

Vishinski: *Então, quando você abandonou o centro?*

Smirnov: *Não tinha intenção alguma de abandoná-lo, não tinha de onde sair.*

---

625 *Ibid.*, p. 154.
626 *Ibid.*, p. 129.
627 *Ibid.*, pp. 79-83.

Vishinski: *Existia o centro?*

Smirnov: *Por acaso aquilo era um centro?*"[628]

Em seu informe final, Vishinski volta a referir-se à resistência de Smirnov, confessou apenas em tom de brincadeira, oferecendo-se a seus companheiros de banco dos réus como chefe, já que insistem tanto. Anteriormente, tinha negado as acusações durante vários meses. Todo seu interrogatório desde 20 de maio pode ser resumido nas seguintes palavras: "Nego isto, sigo negando, nego tudo"[629].

Os acusados mais dóceis também exteriorizam certos ensaios de resistência, empregando uma linguagem de duplo sentido que acaba semeando a dúvida em relação à autenticidade de suas declarações. Que outro significado pode ter a seguinte declaração de Evdokimov, que reconheceu absolutamente todos os crimes que lhe imputavam?: "Quem pode acreditar em uma só de nossas palavras? Quem acreditará em nós, que comparecemos ante o tribunal como uma quadrilha de bandidos contrarrevolucionários, como aliados do fascismo e da Gestapo?"[630]. Na boca de Kamenev, que durante seus últimos anos estudou Maquiavel e Loyola, algumas réplicas despertam curiosas ressonâncias. Assim, depois de ter respondido docilmente, como desejava Vishinski, que foi a ânsia de poder o que o conduziu às fileiras da contrarrevolução, manifestação que o procurador associa imediatamente a uma vontade de "combater o socialismo", o acusado rapidamente precisa: "Você tira ao mesmo tempo as conclusões de um historiador e de um procurador"[631]. Inclusive um homem destroçado como Zinoviev se atreve a manifestar um resquício de dignidade quando expressa o sofrimento que é para ele compartilhar o banco dos réus com homens como Olberg e Nathan Luria, o que não teria nenhum sentido se fosse verdade que, como afirma a acusação, ele os chefiava.

Esse precário edifício da acusação começa rapidamente a desmoronar sob as investigações das afirmações que podem ser verificadas. Assim, se descobre na Dinamarca que o Hotel Bristol, no qual Golzman afirma ter se encontrado com Sedov no final de dezembro de 1935, foi demolido em 1917 e que em toda Copenhague não existe mais nenhum hotel com esse nome. Por outro lado, Sedov demonstra com testemunhas e com os vistos que lhe foram concedidos na época mencionada, que nunca tinha estado em Copenhague. As declarações dos últimos dias serão modificadas para se adequarem a estas informações. Dali em diante, Berman-Yurin e Fritz David deixam de se referir à presença de Sedov em Copenhague e Olberg coloca de improviso uma versão na qual a mulher de Sedov substitui seu marido, que não pôde ir ao encontro.

628 *Ibid.*, p. 81.
629 *Ibid.*, p. 158.
630 *Ibid.*, p. 166.
631 *Ibid.*, p. 69.

Significado e consequências do processo dos 16

O objetivo político deste processo surge das entrelinhas da argumentação do procurador Vishinski, adversário político imemorial dos acusados, por ter sido menchevique antes de se tornar stalinista. É assim que ele se refere ao julgamento de 1935, para pressionar Zinoviev a fazer, então, as confissões desejadas:

> Zinoviev teve inclusive o cinismo de fingir que ele e seus quinze cúmplices eram subjetivamente leais à classe operária e que não queriam tomar a via contrarrevolucionária, mas que objetivamente as coisas tomaram outro rumo (...). Gostaria que, em sua defesa, Zinoviev nos explicasse como pôde ocorrer que, se era subjetivamente leal à classe operária, se desviasse objetivamente para outro caminho (...). Tais coisas não acontecem (...). Se objetivamente as coisas tomaram esse rumo, isso se deve a que vossa lealdade subjetiva à revolução, acusado Zinoviev, era falsa e estava corrompida. Peço que nos fale também disso[632].

De fato, é aquele "velho arrasado" que Anton Ciliga vislumbrou descalço no pátio de uma prisão durante o ano de 1935 que se quer convencer a se autoincriminar, arrastando consigo toda a oposição, desonrando-a e a si próprio, ajudando Stalin a acabar com Trotski. É a Zinoviev que se pede que, com sua humilhação e sua morte, sirva de exemplo e de advertência a todos os adversários de Stalin.

Os homens comprometidos pelas declarações dos acusados do processo de agosto pertencem à elite do partido bolchevique, e incluem "todos os membros sobreviventes do Comitê Central que dirigiu Outubro", como apontou na época Leon Sedov: Bukharin, Rikov, Tomski, Shliapnikov, Sokolnikov, Serebriakov, Smilgá, Piatakov, Karl Radek, os generais da guerra civil Putna, Schmidt e outros. Com eles e através deles, todos os oposicionistas do passado se veem ameaçados, mesmo que desde então tenham renunciado à luta e abandonado as armas. De fato, cai com eles toda oposição e toda chance de compor uma direção alternativa. Por outro lado, entre os acusados não figura nenhum membro da Oposição de Esquerda. Todos eles romperam com Trotski há tempos, aceitando desempenhar contra ele o papel de acusadores em nome de Stalin, desde antes do XV Congresso no caso de Pickel, e desde janeiro de 1928 no de Zinoviev, Kamenev e Evdokimov. O procedimento de amálgama, que logo será rotina, consiste em apresentar os acusados como oposicionistas, processando-os junto com outros homens de passado muito suspeito e que também os acusam. Moises Luria era, já há alguns anos, o especialista em artigos antitrotskistas da *Internationale Pressekorrespondenz* (Correspondência internacional)[633], onde assinava com o nome de Emel. Em 1931 Olberg tinha tentado se tornar secretário de Trotski e não tinha sido aceito

632 *Ibid.*, p. 143.
633 Revista publicada pela Internacional Comunista em alemão, inglês e francês entre 1921 e 1943. Citado ao longo do livro em sua versão francesa, *Correspondence Internationale* (N. do E.).

precisamente por sua personalidade duvidosa. Fritz David tinha sido secretário de Wilhelm Pieck e, por essa via, se envolveu em todas as lutas internas do partido alemão. Todos estes homens, pouco conhecidos, dóceis instrumentos nas mãos da acusação e aparentemente ligados à GPU ou chantageados por ela, parecem ter sido escolhidos nos meios próximos ao partido comunista alemão para poder dar credibilidade à tese de suas relações com a Gestapo.

Para que os argumentos da acusação adquirissem um significado político, era preciso, evidentemente, que os próprios traidores exaltassem Stalin e louvassem a sua vitória. E assim o fazem. Reingold declara: "Zinoviev dizia: 'Stalin concentra em si a força e a firmeza da direção. Portanto é preciso eliminá-lo'"[634]. Mrachkovski afirma: "Há que abandonar qualquer esperança de provocar mudanças na política do partido"[635]. Também Smirnov joga seu grão de areia: "Nosso país não tem outro caminho possível senão o que tomou, e não pode haver outra direção a não ser a que nos foi dada pela história"[636]. Por sua vez, Kamenev afirma: "A política do partido, a política de sua direção triunfou precisamente no único sentido em que a vitória do socialismo é possível"[637] e acrescenta em sua declaração final: "Peço fervorosamente a meus filhos que consagrem sua vida à defesa do grande Stalin"[638].

A glorificação de Stalin vem acompanhada da já conhecida ladainha contra Trotski, "o homem que me empurrou ao crime", disse David[639], "a alma, o organizador do bloco terrorista", disse Badaiev[640]. Mrachkovski acusa Trotski de tê-lo "obrigado a empreender o caminho da contrarrevolução"; seu velho amigo Smirnov disse dele que é um "inimigo (...) do outro lado da barricada"[641]. Zinoviev afirma categoricamente: "O trotskismo é uma variante do fascismo e o zinovievismo é uma variante do trotskismo"[642]. Há aí algo mais que um ritual, e também algo mais do que uma operação de uso interno, destinada a desacreditar Trotski ante os olhos dos restos da vanguarda operária da URSS e em todo o mundo.

Em 18 de julho de 1936, a tentativa de golpe dos militares espanhóis desencadeou uma revolução operária e camponesa no país que é encabeçada por uma série de adversários irreconciliáveis de Stalin: os sindicalistas revolucionários da CNT e os comunistas dissidentes dirigidos pelo ex-trotskista Andreu Nin. A revolução espanhola é uma ameaça direta ao *status quo* europeu. É também um obstáculo à busca de aliados burgueses iniciada pela URSS, pois assusta os meios políticos capitalistas da Inglaterra e França ainda mais do que a possível

634 *Ibid.*, p. 55.
635 *Ibid.*, p. 41.
636 *Ibid.*, p. 174.
637 *Ibid.*, p. 65.
638 *Ibid.*, p. 175.
639 *Ibid.*, p. 176.
640 *Ibid.*, p. 169.
641 *Ibid.*, p. 174.
642 *Ibid.*

ampliação da zona de influência alemã e italiana no mediterrâneo. Stalin, que durante as primeiras semanas do conflito tinha se alinhado com a política de não intervenção recomendada pela França e exigida pela Inglaterra, acaba, no entanto, passando à ação na Espanha. A ajuda militar russa, que permitirá ao exército republicano resistir durante os últimos meses de 1936, implica em um retrocesso no plano político, visto que os conselheiros russos apoiam, no bloco republicano, as forças moderadas, permitindo-lhes primeiro frear e depois deter a onda revolucionária. Stalin mata dois pássaros com um só tiro, pois transforma os comunistas em paladinos do antifascismo, concebido como uma aliança de "todos os democratas" contra os fascistas, projetando assim, em cada país, o reflexo da coalizão que quer formar na Europa, aliando a URSS às democracias ocidentais contra o eixo Roma-Berlim. A luta contra os elementos revolucionários espanhóis oferece, portanto, uma garantia aos futuros aliados, do ponto de vista da preservação da ordem social e política, mas representa também mais uma faceta da luta da burocracia russa para preservar seu monopólio sobre os setores operários avançados.

A partir de setembro de 1936 começam a chegar à Espanha os conselheiros militares e políticos e os especialistas da NKVD que vão empreender a liquidação de todos os elementos revolucionários extremistas. Considerado deste ponto de vista, o processo dos 16 é uma operação destinada a facilitar a nova política externa de Stalin e, ao mesmo tempo, uma preparação psicológica para uma guerra contra o fascismo ao lado das democracias capitalistas, uma perspectiva que não só exclui a revolução, como também obriga a combatê-la, por representar uma ameaça direta ao sistema de alianças da URSS[643].

O processo dos 16 é, portanto, apenas o aspecto mais espetacular de uma ampla campanha política. Na URSS ele servirá de pretexto e cobertura para uma nova campanha de depuração do partido, que é iniciada com o envio de instruções secretas no dia 29 de julho. Como já não restam oposicionistas encobertos a desmascarar, começam a ser expulsos todos aqueles que tenham tido qualquer tipo de relação, por tênue que seja, com um trotskista ou zinovievista. Por exemplo, em Kosalzk, um dos distritos da região de Smolensk, um militante será expulso porque, em 1927, teve em suas mãos a plataforma da oposição; outro será expulso por "ter feito uma descrição favorável de um trotskista" e um terceiro ainda simplesmente por ter sido aluno no Instituto de Professores Vermelhos. Todas as reuniões são encerradas com uma homenagem à "vigilância e sagacidade do chefe bem amado, o camarada Stalin"[644].

Ainda assim, é evidente que o processo dos 16 falhou no seu objetivo principal. Kamenev e Zinoviev, ao confessarem que sua motivação tinha sido a ânsia

643 BROUÉ, Pierre e TEMIME, Émille, *La révolution et la guerre d'Espagne*, Paris, Minuit, 1961.
644 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p. 236.

de poder, fizeram a Stalin um favor envenenado: ao negarem o fato de terem um programa diferente do de Stalin, deixam claro que, dos dois lados, a questão central era a do poder. O *Pravda* do dia 12 de setembro de 1936 denuncia esse golpe e indica a direção a seguir nos próximos processos: "Os acusados se esforçaram para dissimular os verdadeiros objetivos de sua ação. Responderam que não tinham programa algum. Na verdade, o tinham sim: a destruição do socialismo e a restauração do capitalismo". No decorrer do processo seguinte os acusados reconhecerão que tinham um "programa".

Rumo ao segundo processo

É possível pensarmos que as condições em que ocorreu o primeiro processo provocaram, nos meios dirigentes, inclusive nos mais próximos de Stalin, certas resistências e vacilações sobre as quais temos apenas alguns indícios. Depois de terem sido comprometidos pelas declarações dos acusados, se abre uma investigação sobre Bukharin, Rikov e Tomski. Vishinski, ao anunciá-la ante o tribunal, lança simultaneamente a tradicional avalanche de resoluções e mensagens que exigem o castigo dos acusados. Tomski, encurralado, pressentindo o destino que o aguarda, põe fim à sua vida em 23 de agosto. No entanto, em 10 de setembro, um comunicado que aparece no *Pravda* anuncia que a investigação em relação a Bukharin e Rikov foi encerrada com o reconhecimento de que não foi possível estabelecer "nenhuma base legal" de acusação contra eles. A maioria dos historiadores parece concordar que esta conclusão do processo judicial marca um recuo das autoridades em relação a seus planos iniciais. Por ora, não podemos conhecer as peripécias que motivaram essa súbita pausa na repressão que, naquele momento, começava a se voltar contra os direitistas.

Schapiro opina que esta decisão de não incriminar os antigos dirigentes da ala direita provocou uma violenta reação de Stalin, e o consequente agravamento da crise. Esta tese se apoia nas declarações de Krushev, que situa no final de setembro o início do que vai chamar de "a repressão em massa". É precisamente em 25 de setembro, segundo ele, que Stalin e Zhdanov, que passavam suas férias em Sochi, nas margens do Mar Negro, telegrafam a Kaganovich, Molotov e outros membros do Birô Político dizendo que "é necessário e urgente nomear Yezhov comissário do povo para Assuntos Internos" (NKVD), comentando também: "Yagoda demonstrou sua absoluta incapacidade em desmascarar o bloco trotskista-zinovievista. A GPU está quatro anos atrasada"[645].

A designação de Yezhov aparece no *Pravda* do dia 27. Alguns meses depois de ser transferido para o Comissariado do Povo dos Correios e Telecomunicações, Yagoda será processado. Aparentemente, este é o período no qual a direção da NKVD começa a se reorganizar sob a férrea supervisão de Yezhov, desaparecen-

645 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, p. 26.

do de suas fileiras os antigos chekistas que a dirigiam desde a guerra civil, como Pauker, Trilisser, Agranov e outros. Zakovski, o único sobrevivente dos três adjuntos de Yagoda, cuja responsabilidade na fabricação de confissões para os processos foi revelada por Krushev em 1956, é igualmente o único cujos primeiros serviços na polícia política são posteriores à guerra civil, escapando desta forma da suspeita de simpatizar com os velhos bolcheviques. Nesse ínterim, se multiplicam as prisões destes últimos, apesar de que só uma pequena parte deles será citada no segundo processo. Circulam nessa época rumores que indicam que, até então, Ordzhonikidze fizera grandes esforços para amenizar os golpes contra a velha guarda do partido e, principalmente, para proteger seu adjunto Piatakov, cujo passado oposicionista o levaria a ter um papel destacado no próximo processo. Esses rumores foram confirmados parcialmente por Krushev ante o XXII Congresso, onde revelou que Sergo Ordzhonikidze, cuja morte seria anunciada em 18 de fevereiro de 1937, na realidade tinha se suicidado por "não querer mais se associar a Stalin e para deixar de compartilhar com ele a responsabilidade de seus abusos de poder"[646].

Também não contamos com informações precisas sobre o julgamento por sabotagem e terrorismo celebrado em Novosibirsk entre 19 e 22 de novembro de 1936 e no qual, de nove acusados qualificados como "trotskistas", seis foram condenados à morte e executados. O fato de que todos eles tenham sido apresentados como agentes de Piatakov, acusado pelo testemunho de seu amigo Drobnis, nos permite vislumbrar uma cena análoga à de julho de 1935 contra Kamenev, encaminhada como aquela para acabar com sua resistência, arrancando confissões de um homem que via o cerco se fechando a partir da prisão de sua mulher, realizada oito meses antes. Segundo o informe apresentado em seu julgamento, Piatakov não confessou até dezembro de 1936.

O segundo processo

O segundo processo acontece entre 23 e 30 de janeiro de 1937 perante o mesmo tribunal: o presidente Ulrich e o procurador Vishinski. Os dezoito acusados foram selecionados segundo o método já habitual do amálgama. Piatakov e Karl Radek são as principais figuras do grupo de velhos bolcheviques. O primeiro deles ainda era membro do Comitê Central e o segundo é redator do *Izvestia* e coautor da nova Constituição promulgada algumas semanas antes. Serebriakov, antigo secretário do partido, oposicionista arrependido e administrador das ferrovias, assim como Sokolnikov, vice-comissário da Indústria Florestal e membro suplente do Comitê Central, pertencem também à velha guarda. Os velhos bolcheviques Drobnis e Boguslavski também tinham renunciado às suas ideias, assim como

646 KRUSHEV, Nikita, *Informe apresentado ante o XXII Congresso*, em *Cahiers du communisme*, nº12, dezembro de 1961, p. 508.

Livschitz, antigo membro da Oposição Unificada, ocupando todos eles postos importantes na administração econômica. Nikolai Muralov, o velho amigo de Trotski, é o único dos antigos oposicionistas que não assinou declaração alguma de arrependimento antes da sua última detenção. O segundo grupo de acusados é composto por uma série de dirigentes da administração econômica: Kniazev e Turok das ferrovias, Ratetchak e Chestov da indústria química - ambos comunistas veteranos -, Norkin e Pushin, de militância mais recente e encarregados de importantes cargos na administração, e Stroilov, engenheiro chefe do complexo carbonífero de Kuznetsk. Por último, Arnold, motorista sem partido e homem de múltiplas identidades, e Hrasche, que é apresentado ao júri como "professor e espião", integram o grupo indispensável de personagens estranhos, aparentemente escolhidos para representar o papel de delatores.

O esquema geral do processo não difere em nada do anterior. Piatakov e seus companheiros são acusados de terem organizado um "centro de reserva", uma espécie de direção suplente, destinada a tomar, se fosse o caso, o lugar do "centro trotskista-zinovievista", que tinha sido desmantelado no primeiro processo. Todos vão confessá-lo, fornecendo também muitos detalhes sobre suas relações com os dirigentes do primeiro "centro" e com Trotski. Um antigo correspondente do *Izvestia*, de nome Romm, declara ter se reunido com Trotski em Paris no final de julho de 1933, recebendo de sua mão uma série de diretrizes por escrito, que havia transmitido posteriormente a Radek. Este, por sua vez, declara ter destruído os textos, mas explica seu conteúdo: derrotismo e terrorismo – essas eram as instruções de Trotski. Piatakov declara que, em dezembro de 1935, tinha se deslocado de Berlim, onde cumpria uma missão oficial, a Oslo, reunindo-se com Trotski em sua casa. Trotski lhe deu as diretrizes para a sabotagem e o terrorismo e o colocou a par de suas conversas com Rudolf Hess, o ministro e assessor de Hitler, assim como do acordo a que tinha chegado com a Alemanha em relação à sua luta comum contra a URSS. Piatakov e Radek confessam então sua responsabilidade direta em todos os atos terroristas, consumados ou não, que se imputam aos grupos de ação dependentes de um ou outro centro, desde o assassinato de Kirov até os atentados planejados contra as pessoas de Stalin, Voroshilov, Molotov, Kaganovich, Zhdanov, Kossior, Postishev, Eikhe, Chukhar e outros personagens de menor importância. Os funcionários da administração econômica, desde Serebriakov, o velho bolchevique, até Stroilov, o sem partido, se tornam responsáveis por uma impressionante lista de sabotagens que vão desde a sistemática fixação de metas de produção muito baixas para os ferroviários, até a organização de descarrilamentos, passando por uma série de planos destinados a reduzir em 80% a produção de carvão e a provocar explosões nas minas, com o objetivo de matar o maior número possível de operários stakhanovistas. Além disso, estes homens promoveram "intoxicações" e "envenenamentos mas-

sivos", a dilapidação de fundos públicos, o atraso sistemático (de até três meses) no pagamento dos salários dos operários, a retirada de circulação de locomotivas em bom estado para substituí-las por máquinas danificadas etc. Kniazev se torna responsável por ter organizado, por conta própria, quinze graves acidentes ferroviários e 1.600 avarias. Todos eles declaram ter aplicado nesta campanha de sabotagem as diretrizes dadas por Trotski. Os acusados menos conhecidos confessam ter trabalhado para os serviços de informação de diversas potências estrangeiras: Stroilov para a Alemanha; Kniazev para o Japão; e Ratetchak, segundo Vishinski, "é um espião, talvez polonês, talvez alemão"[647]; Hrasche, ao que parece, também é um agente múltiplo.

Depois deste incrível inventário de infâmias, Vishinski se propõe a demonstrar, remontando à atividade de Trotski antes da revolução, como a oposição se dedicava à sabotagem e à traição. Treze acusados são condenados à morte. Entre eles, Piatakov, Muralov, Serebriakov, Boguslavski e Drobnis. Arnold e Stroilov são condenados a dez e cinco anos de cárcere, respectivamente. Duas das "estrelas" do processo, Sokolnikov e Radek são perdoados, e sua condenação se limita a dez anos de prisão. Como aconteceu depois do primeiro processo, antes e depois da execução das sentenças, a imprensa repete o coro dos insultos de Vishinski contra os condenados, "criminosos profissionais, com um sangue frio próprio de víboras"[648].

Problemas colocados pelo segundo processo

Talvez o segundo processo não tenha sido preparado pelos mesmos homens, apesar de que, sem dúvida, o foi nos mesmos escritórios, e por especialistas formados na mesma escola. Também neste julgamento só comparecem os acusados que confessaram, pois todos os dossiês são numerados e o de Arnold é o número 36. Isso nos autoriza supor que há pelo menos dezenove ausentes. Seus nomes são também citados nos interrogatórios, tanto se são dirigentes, quanto se são simples membros de base. Radek cita Preobrazhenski como membro do centro. Além dele, Beloborodov, Budu Mdivani e Kotziubinski, para citar somente os mais conhecidos, são mencionados em numerosas ocasiões. Nenhum deles chegará a comparecer em um julgamento público. A acusação tenta, em diversas ocasiões, que os acusados confirmem as declarações dos condenados no primeiro processo, principalmente no que se refere ao assassinato de Kirov. No entanto, a mudança de orientação e a maior amplitude na gama de crimes "confessados" obrigam o procurador a contestar no tribunal as confissões de 1936, exclamando em determinado momento: "Quando começamos a desfiar progressivamente a

647 *Le procès du centre antisoviétique trotskiste devant le tribunal militaire de la cour suprême de l'U.R.S.S.*, Moscou, Commissariat du Peuple de la Justice de l' U.R.S.S., 1937, p. 494.
648 *Ibid.*, p. 482.

abjeta meada de seus crimes monstruosos, descobrimos a cada passo a capacidade de mentira e duplicidade de homens que já tinham um pé na sepultura"[649].

Nenhum dos acusados adota a atitude de resistência que tentou manter Smirnov. Ainda assim, alguns negam certas acusações e fazem declarações ambíguas. Piatakov se nega a admitir que "no início de sua atividade trotskista" já sabia que esta o arrastaria à traição, e desta forma destrói a tese que pretende transformar o trotskismo em uma traição consciente. Nega também qualquer tipo de participação em um suposto atentado contra Stalin, até o momento em que é confrontado com tantas declarações contra si que não pode seguir negando-as sem demolir o edifício inteiro. Logo após será descoberto que dois dos testemunhos mais importantes são falsos: a entrevista em Oslo não poderia ter acontecido pela simples razão de que no período indicado nenhum viajante estrangeiro chegou à Noruega por avião e, além disso, porque as circunstâncias que cercavam a estada de Trotski em tal país tornavam totalmente inimaginável que pudesse receber uma visita secreta de tal importância. Por outro lado, na época em que Romm afirma tê-lo visto em Paris, o líder da oposição estava em Saint-Palais, sob uma atenta vigilância da polícia francesa. Ainda assim, a declaração redigida por Trotski questionando o testemunho de Piatakov obviamente não será submetida ao tribunal. Como temia Trotski, Piatakov é executado em 1º de fevereiro, sem permitir que a pressão da opinião pública mundial force o governo soviético a interrogá-lo de novo.

De fato, hoje podemos ver que nenhuma das acusações e confissões do segundo processo se sustenta. A "viagem a Oslo" tem tão pouca consistência como o Hotel Bristol. Quando, anos mais tarde, o procurador russo se encontra cara a cara, durante o processo de Nuremberg, com os principais dirigentes da Alemanha nazista e, principalmente, com Rudolf Hess, não faz nenhuma tentativa de esclarecer as supostas entrevistas ocorridas entre este e Trotski, fundamento da acusação de traição do processo de 1937, apesar dos numerosos protestos de Natalia Sedova e dos amigos políticos de Trotski. Este silêncio, assim como a inexistência nos arquivos alemães de qualquer tipo de dados a este respeito, deixam a fraude completamente exposta. Em janeiro de 1937, Muralov, o velho bolchevique, e Arnold, o aventureiro, tinham confessado a realização, em 1934, de uma tentativa fracassada de atentado contra o carro de Molotov, na localidade de Prokopievsk. Muralov foi executado. Durante o XXII Congresso, Shvernik, presidente da Comissão de Controle, declara, ao referir-se ao "cinismo" de Molotov: "Por ocasião de uma viagem a Prokopievsk, em 1934, as rodas do lado direito de seu carro resvalaram na sarjeta. Nenhum dos passageiros ficou ferido. Este episódio serviu mais tarde de pretexto para a montagem de um "atentado" contra a pessoa de Molotov e um grupo de inocentes foi condenado por isso"[650].

---

649 *Ibid.*, p. 535.

650 *XXII Congresso do PCUS*, em *Cahiers du communisme*, nº12, *op. cit.*, p. 432.

O significado do processo

De fato a chave do processo se encontra nas próprias atas taquigráficas oficiais e, principalmente, no interrogatório e nas declarações de Karl Radek, verdadeiro representante da acusação no banco dos réus, que foi também um dos raríssimos sobreviventes dos processos, indultado aparentemente pelo papel desempenhado neles. Sua capacidade intelectual faz de Radek uma das figuras mais destacadas de sua geração. Entre 1923 e 1926 tinha simpatizado com a oposição, tornou-se membro ativo dela de 1926 a 1928 e abandonou suas fileiras em 1929. A partir deste momento, se tornará o alvo dos ataques de Trotski, que o acusa de ter denunciado Blumkin à GPU e de ter se tornado um verdadeiro delator. Radek, com modos de grande comediante, parece estar à vontade ante o tribunal e frente a Vishinski, que algumas vezes o coloca em seu lugar secamente. Denuncia com desenvoltura todos os componentes do centro, além de Bukharin e Rikov, investigados quatro meses antes, levantando ainda suspeitas contra Putna, colaborador de Tukhachevski, para dissipá-las no dia seguinte. A parte mais notável de sua intervenção é sua alegação final, onde cita com ironia alguns detalhes a respeito da investigação, ao mesmo tempo em que dá ao processo todo seu verdadeiro significado político.

Protestando contra alguns dos qualificativos que o procurador aplica aos acusados, ele inicia sua fala relembrando que o processo como um todo está baseado nas "confissões":

> O processo tem dois pontos fundamentais. Ele revelou a preparação da guerra e mostrou ainda que a organização trotskista se tornou a mais importante das forças que estão preparando a nova guerra mundial. Que provas temos disto? As provas são as declarações de dois homens: a minha, na qual confesso ter recebido diretrizes e cartas – que infelizmente queimei – de Trotski, e a declaração de Piatakov, que falou com Trotski. Todas as demais estão baseadas nas nossas. Se somos simples delinquentes comuns, meros delatores, como podem estar certos de que o que dissemos é a verdade, a verdade inflexível? Naturalmente, o procurador e o tribunal, que conhecem perfeitamente a história do trotskismo e que nos conhecem, não têm motivo algum para suspeitar que nós, os que arrastamos a pesada bola de ferro do terrorismo, teríamos acrescentado por prazer o delito de traição de Estado às nossas declarações. É inútil tentar convencê-los disto. Mas é preciso tentar convencer, em primeiro lugar, os elementos trotskistas dispersos, espalhados por todo o país e que ainda não baixaram suas armas, que são perigosos e que precisam compreender que nós, aqui e agora, dizemos com profunda emoção a verdade e somente a verdade[651].

E segundo Radek, esta verdade foi encoberta por Zinoviev, Kamenev e Mrachkovski, já que "Kamenev preferiu morrer como um rufião, sem um programa político"[652].

---

651 *Le procès du centre...*, *op. cit.*, pp. 565-566.
652 *Ibid.*

Como consequência, Radek tenta demonstrar como o trotskismo conduz à traição, uma vez que o poder de Stalin é demasiado forte. "Os velhos trotskistas – afirma – diziam que era impossível edificar o socialismo em um só país. Este era o motivo pelo qual devia se acelerar o processo revolucionário no Ocidente. Eis aqui o programa que resulta daí: 'no Ocidente não é possível a revolução, por isso é preciso que destruas o socialismo na URSS'. Que o socialismo foi edificado em nosso país – isso é um fato do qual ninguém pode duvidar". Radek argumenta que, se não denunciou a conspiração quando soube da aliança entre Trotski e Hitler, isso se deve, por um lado, a que "a justiça soviética não é uma máquina de moer carne" e, por outro, ao fato de que "existia um grande número de pessoas que nós atraímos para esta forma de luta e que não conheciam, digamos, os princípios essenciais da organização, que erravam nas trevas". Também confessa, não sem certo toque de sarcasmo: "Devo dizer que não fui eu o torturado, mas sim os investigadores os torturados por mim, pois os obriguei a fazer um trabalho inútil. Durante dois meses e meio obriguei o juiz de instrução, com incessantes interrogatórios e acareamento de minhas declarações com as dos restantes acusados, a revelar-me o quadro completo para poder saber quem tinha confessado e quem não, e até que ponto tinham chegado as confissões de cada um". "Desta forma – prossegue ele – confessei tudo por último, tornando-me assim o diretor do espetáculo"[653]. Segundo Krivitski, foi uma entrevista pessoal com Stalin que fez Radek "continuar produzindo provas contra si mesmo"[654].

A conclusão de Radek constitui um chamado político para a construção de uma união sagrada, cuja finalidade deve ser desarmar qualquer possível oposição:

> Neste país existem trotskistas pela metade, trotskistas em uma quarta parte, trotskistas em uma oitava parte, pessoas que nos ajudaram ignorando a existência da organização terrorista e pessoas que simpatizaram conosco e que, por liberalismo ou por mero espírito de rebeldia frente ao partido, nos ajudaram. A todas essas pessoas dizemos: quando no aço de um imenso martelo existe uma pequena rachadura, o perigo ainda não tem grandes proporções, mas se a rachadura se aloja exatamente na ponta do martelo, ela pode provocar uma catástrofe. Encontramo-nos em um período de enorme tensão, em um período prévio à guerra. A todos estes elementos dizemos: aquele que sinta a menor deterioração de sua confiança nas relações com o partido deve saber que no dia de amanhã pode se tornar um desviacionista, um traidor, caso não se dedique imediatamente a reparar essa avaria com total sinceridade em relação ao partido. Em segundo lugar, aos elementos trotskistas da França, Espanha e demais países – tais elementos existem – devemos dizer que a experiência da Revolução Russa demonstrou que o trotskismo sabota o movimento operário. Devemos avisar que pagarão com sua cabeça se não se aproveitarem de nossa experiência. Por último, devemos dizer ao mundo inteiro, a todos aqueles que lutam pela paz, que o trotskismo é um instrumento nas mãos dos criadores de guerras[655].

---

653 *Ibid.*
654 *Ibid.*
655 *Le procès du centre...*, *op. cit.*, pp. 572-573.

Radek, stalinista por puro cinismo, não faz a Stalin favores gratuitos. Espera inequivocamente receber uma contrapartida e, para isso, sublinha o valor de seus próprios serviços: "Quando Nikolai Ivanovich Muralov, que eu imaginava ser capaz de morrer na prisão sem pronunciar uma só palavra, quando este homem, pois, assinou sua confissão, justificando-se e dizendo que não queria morrer pensando que seu nome pudesse servir de bandeira a toda a canalhice contrarrevolucionaria, bem, eis o resultado mais profundo deste processo"[656]. Por sua boca, Radek exprime a necessidade que se impõe a Stalin se pretende defender seu regime ameaçado: é preciso aniquilar a difusa oposição interior, assegurar-se de que os partidos comunistas da França, Espanha e outros países monopolizem suas respectivas bases operárias; é necessário obter uma aliança com as potências ocidentais para assegurar a paz e manter o *status quo*. A condição prévia para esta vitória é, sem dúvida, a destruição da oposição trotskista, da organização que prepara a IV Internacional. É preciso acabar com ela porque ameaça a ditadura da burocracia, tanto no interior do país quanto fora da União Soviética. É por este motivo que a "confissão" de Muralov se torna o "resultado mais profundo do processo", pois ela, e apenas ela, constitui uma verdadeira derrota para Trotski.

Ainda assim, também neste caso, o resultado se reduz a dimensões mínimas com o passar do tempo. Na Espanha e na França os agentes da NKVD se empenham em um trabalho de liquidação sistemática dos partidários de Trotski e, em geral, de todos os revolucionários antistalinistas, assassinando na França o tcheco Klement, o polonês Reiss[657] e mais tarde o próprio Sedov; na Espanha, o líder do POUM Andreu Nin, o austríaco Kurt Landau, o tcheco Erwin Wolff, o alemão Moulin e muitos outros mais. Ele vai também, inevitavelmente, golpear seus adversários também na URSS, e desta vez seu alvo ultrapassa amplamente o pequeno núcleo de "trotskistas". Seu objetivo a partir de então é dizimar toda a velha guarda dos bolcheviques e comunistas estrangeiros residentes na URSS, quer dizer, os próprios quadros do partido e da Internacional.

656 *Ibid.*, p. 573.

657 Em 17 de julho de 1937, o polonês Ignace Reiss, membro do partido desde 1917, que tinha sido, sob o pseudônimo de Ludwig, uma das pontas de lança dos serviços secretos na Europa Ocidental, dirigiu ao Comitê Central do Partido Comunista da URSS uma carta aberta em que denunciava a política de Stalin e seus crimes, declarando que voltava a "Lenin, sua doutrina e sua ação" e que pensava em dedicar-se por inteiro às tarefas de construção da IV Internacional. Acabara então de entrar em contato na Holanda com Sneevliet, dirigente sindical e pioneiro, primeiro do partido comunista holandês e mais tarde da Oposição de Esquerda, advertindo-o da decisão tomada por Stalin de eliminar todos os partidários estrangeiros da oposição. Seu cadáver foi encontrado no dia 4 de setembro, próximo a Lausanne. Tinha um encontro marcado com Sedov no dia 5. As circunstâncias em que várias pessoas relacionadas com seu assassinato foram colocadas em liberdade provisória pelas autoridades francesas, o que lhes permitiu fugir, não foram ainda esclarecidas (N. do E.).

Processo a portas fechadas e eliminação sem julgamento

Ao processo de Piatakov segue-se imediatamente uma onda de detenções. Ao que parece, este é o momento em que são detidos Bukharin e Rikov, assim como o jurista Pashukanis, atacado pelo *Pravda* em 20 de janeiro. O suicídio de Ordzhonikidze em 18 de fevereiro constitui um dos novos fatos da luta que se desenvolve dentro do aparato; o outro é a Plenária do Comitê Central que acontece entre 23 de fevereiro e 5 de março. O comunicado do *Pravda* de 6 de março diz: "foi examinada a questão da atividade antipartido de Bukharin e Rikov, decidindo-se expulsar ambos da organização". Krivitski afirma que Bukharin e Rikov foram retirados do cárcere, assistiram a sessão do Comitê Central e se declararam inocentes das acusações feitas a eles, sem convencer no entanto os membros daquele organismo. O informe redigido na ocasião por Krushev para Moscou, publicado no *Pravda* de 17 de março, parece confirmar a presença de ambos no Comitê Central: "Foram à reunião para tentar enganar a todos, (...) não seguiam o caminho do arrependimento" e por isso devem ser considerados "inimigos do partido e da classe operária".

Em seu informe ao XX Congresso, Krushev disse que, naquele momento, quando o "terror estava dirigido já não mais contra os restos das antigas classes exploradoras, mas sim contra os honrados trabalhadores do partido e do Estado", aos quais se acusava de "jogo duplo", "espionagem", "sabotagem e complôs", "numerosos membros do Comitê Central questionaram a justeza da linha de repressão em massa praticada com o pretexto de lutar contra os traidores"[658]. Segundo o mesmo Krushev, Postishev, primeiro secretário do partido na Ucrânia, se lançou como porta-voz dos novos oposicionistas que foram, ao que parece, derrotados, já que o Comitê Central adotou um informe de Yezhov em relação ao perigo das operações de sabotagem e espionagem, cujos autores, segundo assegura Molotov no curso da discussão, "se definem como comunistas e veementes partidários do poder soviético"[659].

A crise se torna tão grave que, durante certo tempo deixarão de ocorrer processos públicos ou de qualquer outro tipo. O Exército Vermelho é decapitado: em 31 de maio Gamarnik, chefe político do exército e fiel seguidor de Stalin, se suicida. Em 11 de junho um breve comunicado anuncia a detenção e imediato processo de um grupo de generais que inclui Tukhachevski, Yakir, Uborevich, Feldmann, o chefe do Departamento de Quadros Eideman, Kork, Primakov e Putna, estes últimos encarcerados desde 1936. Segundo as revelações do XXII Congresso, estes homens estavam praticamente condenados à morte e talvez já tivessem sido executados. Apesar das afirmações oficiais, não parece ter existido um verdadeiro processo neste caso, pois alguns dos juízes, cujos nomes foram publicados poste-

658 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, p. 29.
659 MOLOTOV, Viacheslav, citado por SHVERNIK, Nikolai, *XXII Congresso do PCUS, em Cahiers du communisme, nº12, op. cit.*, p. 432.

riormente, como Alksnis, já tinham sido detidos então. Se nos atemos às revelações de Chelepin, em novembro foram detidas numerosas personalidades importantes, "militantes do partido, homens de Estado e militares influentes". Entre eles, cita Postishev, Kossior, Eikhe, Rudzutak, Chubar, Bubnov, Unslicht e Krilenko[660]. Quase todos eles serão fuzilados em datas variadas. Segundo Krushev, Eikhe foi fuzilado no dia 2 de fevereiro de 1940, quando era considerado definitivamente desaparecido. Em 16 de dezembro, uma lacônica nota anuncia o julgamento a portas fechadas, a condenação por alta traição e a consequente execução de Aveli Yenukidze, expulso desde 1935.

Esta data marca o começo do sucessivo desaparecimento dos sobreviventes da Oposição de Esquerda. Um antigo preso político relatou recentemente uma série de detalhes inéditos sobre a liquidação dos trotskistas no campo de concentração de Vorkuta[661]. Ao que parece, em 1936, se encontravam ali vários milhares deles, agrupados por barracas e muito organizados, pois se negavam a trabalhar mais de oito horas diárias. Seus chefes eram o armênio Socrates Guevorkian, o letão Melnais, antigo membro do Comitê Central do *Komsomol* e antigo dirigente da oposição na Universidade de Moscou; os velhos bolcheviques Vladimir Ivanov e Vladimir Kossior e o antigo secretário de Trotski, Posnanski, com quem Ciliga havia se encontrado em Verkhne-Uralsk. Durante o inverno de 1936-1937, conseguiram, através de uma greve de fome de 132 dias, uma melhoria em suas condições de trabalho. No entanto, durante o verão de 1937, parte de Vorkuta uma primeira expedição, na qual se encontram o antigo membro do Comitê Central Ivanov, Kossior e Serguei Sedov, o filho caçula de Trotski, e, ao chegarem em Moscou, são todos fuzilados. No final de março de 1938, Guevorkian e outros vinte homens são fuzilados nas proximidades do campo de trabalhos forçados. As execuções prosseguem, ao ritmo de umas quarenta pessoas uma ou duas vezes por semana, até o final de 1938. Já não restam mais do que alguns sobreviventes quando param os "comboios", depois da substituição de Yezhov por Béria. Na realidade, Stalin não liquida só os bolcheviques que entraram em conflito com o aparato, e sim praticamente a totalidade da velha guarda, em cujas fileiras se encontram também os homens que, durante os anos 1920, tornaram possível seu triunfo sobre a oposição. As execuções de 1937 são apenas o prólogo do gigantesco expurgo que os russos batizaram com o nome de *yezhovshina*, pelo nome do chefe da NKVD que a colocou em andamento. A parte mais importante se desenvolveu em silêncio, sem publicidade alguma. Quando começa a diminuir, depois do triunfo definitivo do terror generalizado, ocorre o último julgamento, o de Bukharin, conhecido como o processo do "bloco dos direitistas e trotskistas".

660 *Ibid.*, pp. 259-264.
661 *Courrier socialiste*, novembro-dezembro de 1961, traduzido em *IV Internationale*, dezembro de 1962, *Os trotskistas em Vorkuta*.

O terceiro processo de Moscou

Os vinte e um acusados do terceiro processo de Moscou são julgados entre os dias 2 e 13 de março. Junto a Bukharin e Rikov, os antigos direitistas, a Christian Rakovski, antigo dirigente da Oposição de Esquerda, a Krestinski, ex-secretário do partido, e a uma série de velhos bolcheviques, dirigentes e altos funcionários do partido e do Estado, se encontram Yagoda, antigo chefe da NKVD, os ex-comissários do povo Grinko, Tchernov, Rozengolz e alguns ex-membros do Comitê Central, como Kodiaev, Ikramov, Zelenski, outros funcionários e três médicos. O procurador os acusa de terem reunido, sob o nome de "bloco de direitistas e trotskistas", elementos para uma conspiração que reúne, além de alguns mencheviques e socialistas-revolucionários, alguns nacionalistas burgueses da Ucrânia, Bielorrússia, Geórgia, Azerbaijão e Ásia Central, e de terem atuado "por ordem dos serviços de espionagem estrangeiros inimigos da URSS", como consequência de um pacto administrado por Trotski, cuja contrapartida deveria ser o apoio armado de tais potências, com o objetivo de derrubar o poder soviético e desintegrar a URSS.

A lista de seus "crimes" é impressionante: Krestinski, seguindo "instruções diretas do inimigo do povo Trotski, agente dos serviços de espionagem alemão e inglês", é informante dos alemães desde 1921; Rozengolz é agente alemão desde 1923, e inglês desde 1926; Rakovski também é espião inglês desde 1924, e em 1934 decide trabalhar ao mesmo tempo para os japoneses; Grinko trabalha para a Alemanha e Polônia desde 1932. Também são acusados de atos de sabotagem na agricultura, nos transportes, nas finanças e na indústria. Além disso, segundo a ata de acusação, participaram de inúmeros atentados terroristas, tentando assassinar Stalin, Molotov, Kaganovich e Voroshilov, contribuindo para a realização do assassinato de Kirov e participando ativamente, através de sua colaboração com Yagoda e com os médicos, na morte de Maxim Gorki e de seu filho Peshkov. Também assassinaram Menzhinski, sucessor de Dzerzhinski na chefia da GPU, e Kuibishev, e tentaram envenenar Yezhov. Por último, Bukharin é acusado, além de todos esses crimes, de ter preparado em 1918 um complô com os SR's de esquerda para deter e eliminar Lenin. Para terminar, três dos acusados são apresentados como agentes da Okrana desde antes da revolução.

Definitivamente nada de novo, salvo que, desta vez, ao assassinato de Kirov puderam acrescentar outras mortes na acusação e que os delitos de espionagem crescem prodigiosamente. No entanto, tudo isso era previsível. Vários meses antes, o autor anônimo da "Carta de um velho bolchevique" tinha prognosticado que a morte de Gorki, envenenado por ordens de Stalin (*sic*), seria uma das acusações fundamentais em um futuro processo. Trotski, por sua vez, tinha anunciado em 16 de abril de 1937 que não somente Yagoda seria acusado de envenenamentos criminosos, mas também que Rakovski tinha sido enviado ao Japão para poder justificar posteriormente uma acusação de espionagem contra ele. No decorrer deste

processo são lançadas previsíveis acusações contra Tukhachevski e outros generais, para comprovar posteriormente sua traição. As já habituais entrevistas com Trotski figuram também entre os documentos da acusação, que continua mostrando sua falta de informações. Assim, Besonov confessa ter recebido, no final de dezembro de 1936, uma carta de Trotski, enquanto este, que estivera sob prisão domiciliar na Noruega desde setembro, tinha zarpado para o México precisamente no dia 18 de dezembro; Krestinski afirma ter se reunido com ele nos Alpes italianos em torno de 10 de outubro de 1933, quando é sabido que, naquela data, Trotski estava em Barbizon, submetido à rígida vigilância da polícia francesa. O único elemento original deste processo deve ser buscado entre os réus, que por vezes oferecem uma resistência por vezes aberta, por vezes velada, demonstrando por vezes uma complacência exagerada em algumas das confissões. Marcante também é a desenvoltura de grande senhor que adota Bukharin frente a Vishinski, bem como certa vontade de forçar a caricatura, da parte de alguns réus. Todos estes são traços que coexistem com a pungente manifestação de desespero reprimido, às vezes expresso em uma espécie de piscada ao espectador, presente ou futuro, na esperança de que este possa um dia compreender, explicar.

A primeira sessão é marcada por um incidente insólito. O acusado Krestinski – que segundo o relato o próprio Vishinski, resistiu a nove meses de interrogatórios sem ceder – declara que suas confissões durante a investigação são totalmente falsas, afirmando: "Nunca fui membro do bloco de direitistas e trotskistas, cuja existência ignorava. Não cometi nenhum dos crimes dos quais sou acusado. Em particular, me declaro inocente da acusação de ter mantido relações com o serviço secreto alemão". Também exclama: "Antes de minha detenção, era membro do Partido Comunista da URSS e continuo sendo". Durante todo seu primeiro interrogatório, insiste em negar qualquer valor dos testemunhos dos outros acusados, e afirma que confessou simplesmente para comparecer em um processo público e poder assim negar todas as suas acusações, o que não teria sido possível se não tivesse confessado previamente durante a investigação. A sessão é suspensa. À tarde, insiste em suas negativas e é apenas no dia seguinte, após novos interrogatórios, que ele irá ratificar suas "confissões" prévias. Ainda assim, continua negando ferozmente a acusação de ter recebido qualquer quantia de dinheiro do general von Seeckt entre 1920 e 1921, admitindo-o apenas a partir de 1922. Em sua declaração final afirma que só no cárcere ele foi "convencido da vaidade de suas esperanças e do caráter desesperado e criminoso de sua luta"[662].

Os demais acusados manifestam também uma vontade de resistência. Rikov é o que vai mais longe na confissão de uma atividade terrorista. Ainda assim, nega ter incentivado Tchernov a utilizar suas funções de comissário da Agricultura para realizar sabotagens. No entanto, quando este último confessa a acusação, respon-

662 *Ibid.*, pp. 259-264.

de: "Provavelmente, Tchernov respondeu como devia. Sem dúvida, devo ter feito o que ele disse"[663]. Ao ser pressionado por Vishinski para reconhecer sua qualidade de espião, guarda silêncio, e, à pergunta na qual é inquirido sobre a forma em que organizava a espionagem, replica: "Eu já não valia muito mais que um espião"[664]. Se nega a admitir qualquer tipo de responsabilidade no assassinato de Kirov, ainda que reconheça ter "discutido a questão do terrorismo", dando a seu secretário a ordem de vigiar a passagem dos automóveis pertencentes aos membros do governo. Mas insiste: "Nunca tomamos uma decisão concreta de matar um ou outro"[665]. Yagoda diz que se tornou conspirador em 1929, quando, de acordo com Bukharin e Rikov, ocultou sua oposição ao rumo que o partido tomava. Na manhã de 3 de março nega sua participação no assassinato de Menzhinski para reconhecer, na tarde do mesmo dia, tê-lo executado efetivamente por ordem de Yenukidze, julgado a portas fechadas e executado três meses antes. Quando perguntado se realmente deu ordens para que a NKVD não impedisse o assassinato de Kirov, responde: "Sim... não era isso... mas não tem importância"[666]. Ao doutor Levin, que o acusa de ter ordenado o assassinato de Gorki, replica: "Exagera, mas não tem importância"[667]. Em determinado momento afirma que "dá ao tribunal só a informação que considera necessária"[668]. Por último, rechaça a acusação de espionagem: "Não sou um espião, e nunca fui"[669], apontando sarcasticamente que, se fosse espião, teria tornado desnecessários todos os outros agentes secretos estrangeiros, condenando-os ao desemprego, ridicularizando assim a acusação no que se refere a este ponto concreto.

Bukharin é o acusado que resiste com maior tenacidade e, aparentemente, com mais método. Refere-se, de passagem, ao problema jurídico de fundo e declara: "A confissão dos acusados é um princípio próprio da idade média"[670]. Em diferentes ocasiões, interrompe o procurador, respondendo com sagacidade – "Eu também sei ser espirituoso"[671] – ou, como na ocasião em que, ao final de uma série de perguntas em que o procurador conseguiu "arrancar" certos detalhes em relação a seus crimes, Bukharin encerra seu próprio interrogatório com as palavras: "Isto era exatamente o que queria saber"[672]. Ao longo do interrogatório, admite ter querido organizar uma "luta aberta" contra Stalin em 1928, mas corrige violentamente Vishinski quando este tenta traduzir este termo como "insurreição armada", encer-

663 *Ibid.*, p. 109.
664 *Ibid.*, p. 413.
665 *Ibid.*, p. 170.
666 *Ibid.*, p. 376.
667 *Ibid.*, p. 578.
668 *Ibid.*, p. 175.
669 *Ibid.*, p. 786.
670 *Ibid.*, p. 778.
671 *Ibid.*, p. 137.
672 *Ibid.*, p. 166.

rando ainda o assunto com o comentário de que "o incidente já passou"[673]. Também se nega a admitir ter trabalhado para os serviços secretos estrangeiros, e põe fim ao diálogo afirmando: "Durante o ano que passei na prisão ninguém me propôs tal coisa"[674]. Quando Vishinski se esforça para demonstrar uma remota cumplicidade em um determinado caso de terrorismo, responde sarcasticamente: "Assim, ao que parece, eu sabia de algo do qual poderia ter deduzido algo"[675]. Em diferentes ocasiões consegue lançar por terra o argumento da acusação ou o testemunho concreto ao qual se opõe, mas logo se detém, sem aproveitar a vantagem obtida para partir ao contra-ataque, como se este tipo de atitude tivesse que se manter dentro de certos limites. Suas perguntas acabam levando a testemunha Maximov a cair em contradição, mas depois ele se detém subitamente. Também confessa enfaticamente sua participação na elaboração da Plataforma Riutin e que conspirou ilegalmente. Vishinski, apressadamente, comete o erro de interrompê-lo: "Você não disse nada sobre seus crimes", ante o que Bukharin replica: "Então você não considera como crime a organização ilegal nem a elaboração da Plataforma Riutin?"[676] Quando o procurador, visivelmente perturbado por tão temível adversário, e obviamente desprovido de argumentos, tenta fazê-lo reconhecer que seria "mais correto" de sua parte admitir sua condição de espião, o acusado responde secamente: "Esta é, talvez, a sua opinião; a minha é diferente"[677].

De fato, Bukharin nega todas as acusações concretas, tudo aquilo que não constitui uma responsabilidade política geral. Apesar do comparecimento de testemunhas como Osinski, nega categoricamente ter tentado assassinar Lenin em 1918; não admite a acusação de derrotismo e espionagem; desmente categoricamente a afirmação de que os generais Tukhachevski e Korki planejavam "abrir o front" às tropas alemãs em caso de guerra; se nega a admitir até mesmo uma remota cumplicidade nos assassinatos de Kirov, Menzhinski, Kuibishev, Gorki e Peshkov, afirmando que é a primeira vez que vê alguns de seus companheiros de banco dos réus, que nunca falou "de temas contrarrevolucionários" com a maioria dos restantes e que, para formar o "bando" a que se refere o procurador, seria preciso "pelo menos nos conhecermos e estarmos em contato uns com os outros"[678].

Até mesmo o desafortunado Rakovski, um ancião que, evidentemente, estava desmoralizado pelas condições de seu encarceramento, se recusa a erguer a cabeça frente às confissões mais inverossímeis, referindo-se em distintas ocasiões à oposição (tema que Vishinski não pode tolerar), e confessando que enviou ao serviço

673 *Ibid.*, p. 130.
674 *Ibid.*, p. 424.
675 *Ibid.*, p. 419.
676 *Ibid.*, p. 389.
677 *Ibid.*, p. 432.
678 *Ibid.*, p. 769.

secreto inglês "uma análise da nova Constituição"[679]. Também afirma que "soube dos crimes do bloco no tribunal" e destrói na mesma frase a confissão que acaba de fazer: "Em 1934, tínhamos nos tornado uma escola de espionagem, sabotagem, traição e terrorismo. Mas ainda existia uma espécie de relação interna com nosso passado"[680], um passado que, como ele irá lembrar diversas vezes ao tribunal, é um passado de revolucionário: "Penso que ninguém pode colocar um sinal de igual entre nós e os fascistas. Isso supõe deformar todo o panorama (...), atentar contra a verdade (...). Toda nossa política era puro aventureirismo. O que fazíamos era jogar o tudo ou nada, mas quando uma aventura arriscada é coroada pelo êxito, os aventureiros se tornam grandes homens de Estado"[681].

As consequências das confissões

Definitivamente – apesar de que nem sempre seja possível explicá-las detalhadamente de maneira satisfatória –, as confissões dos acusados no processo de Bukharin têm um profundo significado em relação ao autêntico estado da sociedade soviética, do qual revelam alguns aspectos verdadeiramente escandalosos. Além do seu papel na luta política interna ao partido, os processos fornecem a uma opinião pública pouco crítica toda uma série de bodes expiatórios para problemas sociais de primeira magnitude.

Zelenski, ex-dirigente da cooperativa de comércio varejista, "confessa" ter lançado no mercado a manteiga mais cara, impedindo assim a distribuição de outros tipos mais baratos. Também reconhece ter introduzido nos pacotes de manteiga pó de vidro, pregos e conchas de caracol. Grinko relata de que forma retinha sistematicamente os salários dos operários e privava as empresas de crédito. Tchernov confessa seus esforços para espalhar doenças e destruir o rebanho de gado do país. Kodiaev declara que mandava arrancar as amoreiras e acusava os que protestavam por este desperdício de "se oporem à mecanização e de serem uns oportunistas antipartido". Todos os acusados parecem assumir por conta própria e sem grande incômodo crimes como "sabotagem", incapacidade burocrática e estupidez administrativa. Ainda assim, confessamos nossa incapacidade de entender por que Zelenski se nega a admitir, como exige Vishinski, que introduziu conchas de caracol nos ovos que enviava ao mercado, quando reconheceu ter feito esta mesma operação de maneira sistemática nos pacotes de manteiga. Dentro desta avalanche de declarações malucas, o prêmio vai indiscutivelmente para Ikramov que coloca na boca de Bukharin as seguintes palavras, dirigidas a alguns sabotadores que temiam ser descobertos: "Realmente vocês são pessoas estranhas se acreditam que alguém vai questionar vocês sobre o que estão fazendo. A única

679 *Ibid.*, pp. 307-308.
680 *Ibid.*, p. 296.
681 *Ibid.*

coisa que vocês precisam responder em cada ocasião é que essa é a linha do governo. Desta forma, será o governo o objeto das críticas"[682].

As declarações impostas aos acusados constituem um enorme espelho da sociedade e do regime que as dita. Em particular, as do doutor Levin são angustiantes e oferecem uma imagem tão cruel do despotismo da polícia no regime stalinista, que muitos duvidariam delas se não tivessem sido feita em Moscou e na presença de um tribunal. O infeliz médico refere-se – como se isso fosse a coisa mais normal do mundo – a visita do chefe da polícia, que lhe ordena que mate seu ilustre paciente (Maxim Gorki) com as seguintes ameaças: "Não se esqueça de que não pode me desobedecer, que não pode escapar. Não pode dizer nada. Acreditariam em mim, e não em você". Em um testemunho que, autêntico ou imposto, é uma verdadeira injúria para o regime, o ilustre profissional, tentando salvar sua vida, acrescenta: "Repetiu que minha negativa em fazer aquilo que tinha me ordenado seria minha ruína e a da minha família. Deixo bem claro que minha única saída era me submeter a ele. Se consideramos que o todo-poderoso Yagoda compareceu frente a mim, que sou uma pessoa sem partido, pode-se compreender até que ponto era difícil ignorar suas ameaças e suas ordens"[683].

Somente este ambiente geral permite compreender as confissões da velha guarda, que não se explicam por especulações sobre a "psicologia bolchevique" ou a "alma eslava", propagadas em numerosos ensaios de literatura pseudo-histórica. As afirmações dos acusados – principalmente as de Rakovski e Bukharin – esclarecem melhor do que nos processos anteriores quais os motivos que levaram estes homens, que tinham sido audazes revolucionários, tão valorosos moral e intelectualmente, a lutar, muitas vezes sem compreender o que realmente estava ocorrendo, contra a asfixia de seu próprio partido e contra a ditadura do aparato comandado por Stalin. Naquele momento, já estão vencidos; renunciaram definitivamente à luta. Em diferentes ocasiões, puderam compreender que não era uma sociedade socialista que estava sendo construída diante de seus olhos e que a revolução estava degenerando. Bukharin, por exemplo, evoca perante seus juízes a época em que contemplava, "encolhendo os ombros com ironia e, inclusive, no fundo, com certo rancor, o crescimento daquelas fábricas, gigantescas como monstruosos abscessos, que privavam amplas massas de muitos bens de consumo e representavam, de certo modo, um perigo"[684]. Contra este perigo potencial lutaram com diferentes métodos, tentando analisar a realidade com as categorias de seu pensamento marxista, com seus instrumentos militantes. Foram derrotados. Bukharin antes de iniciar o combate, por medo de abrir o dique à reação; e Rakovski, depois de vários anos de luta duríssima. A partir de então, começaram a aumentar os golpes

682 *Ibid.*, p. 347.
683 *Ibid.*, p. 518.
684 *Ibid.*, p. 381.

e humilhações contra estes homens que já estavam envelhecendo, e que tinham baixado suas armas. Bukharin, engolindo sua vergonha, foi humilhado em público. Para que lutar? Tinha nascido um novo sistema social que não era o socialismo. Rakovski suportou durante seis anos o clima impiedoso de Barnaul e o sentimento de solidão e derrota acabou se apoderando dele também depois de sua fuga fracassada: "Para nós já não existia um futuro político"[685]. E ainda assim foram presos de novo e – ambos o dizem – somente desta vez consentem em "falar", em representar em público o último ato de sua tragédia.

Em nossos dias, não faltam interpretações. Como disse Trotski, estes homens, depois de dez anos de capitulações, já não tinham "outra esperança de salvação que não a submissão absoluta e a prostração total". No entanto, estas condições gerais não eram – hoje sabemos com certeza – mais do que o complemento psicológico das práticas policialescas mais brutais e cínicas. Depois das revelações de Weissberg e de Ivanov-Razumnik, completadas pelas do XX Congresso, conhecemos perfeitamente os procedimentos com que eram preparados os grandes processos. "As confissões – declarou Krushev – tinham sido obtidas através de torturas cruéis e inumanas". Krushev também deu sua resposta à pergunta que muitos fazem há muito tempo: "Como é possível alguém confessar um crime que não cometeu? Somente de uma forma: pela aplicação de procedimentos físicos, de pressões, de torturas que o levem a um estado de inconsciência, de privação do juízo e de abandono de sua dignidade humana. Esta era a forma de obter as confissões". Depois de ter dito que Stalin só conhecia um método: "golpear, golpear e golpear mais", Krushev relatará perante o XXII Congresso: "Alguns deles confessavam. Inclusive quando eram eximidos das acusações de espionagem, insistiam na validade de suas confissões anteriores porque pensavam que era preferível ratificar suas declarações falsas para acabar o quanto antes com as torturas, para morrer o quanto antes"[686].

Depois destas precisões, o silêncio da maioria dos bolcheviques, assassinados em segredo, adquire uma grandeza singular. Assim, a tão divulgada tese da "última tarefa" que se realiza para o partido, em uma espécie de sacrifício pessoal – cujos relatos tão sensacionais são frequentes na literatura – fica reduzida a seus justos limites. Segundo as revelações de Krushev, os testemunhos dos que fugiram das prisões húngaras, como Paloczi-Hovarth e Justo, e a informação disponível a respeito do destino das famílias, descobrimos muitas chantagens e muita corrupção. "A vida em troca da confissão" - é uma jogada arriscada. Mas Radek constitui a prova de que o acusado pode salvar a própria vida. Em muitos casos – ou pelo menos no de Bukharin e no de Piatakov – pode-se supor a existência de um pacto parecido ao que foi proposto ao húngaro Raik: a confissão em troca de preservar a vida da

685 *Ibid.*, p. 763.
686 XXII Congresso, *op. cit.*, p. 507.

mulher e dos filhos. Quem se atreveria a afirmar que um homem derrotado não se sentiria tentado em aceitar à única chance de salvar os seus? E quem pode afirmar, à luz dos fatos, que as confissões eram a conclusão lógica da ideologia bolchevique e de sua submissão à disciplina do partido?

As próprias confissões adquirem, dessa perspectiva, um novo significado. Os réus que confessam cumprem com o acordo feito. Ainda assim, em quase todos os casos, o passado revolucionário do acusado aparece, como um patético chamado ao futuro, contra o presente que os esmaga. O velho revolucionário fala na boca de Rakovski quando, depois da prolixa exposição de suas "atividades" de espionagem, se refere ao perigo da guerra: "Tomei conhecimento de todos os preparativos febris que estão fazendo os Estados fascistas para desencadear uma nova guerra mundial. O que o leitor absorve em pequenas doses, dia a dia, eu ingeri de uma vez só, em uma grande dose"[687]. Bukharin, vencido e desesperançado de qualquer possibilidade de revanche, explica sua derrota esmagadora por sua irrisória fidelidade ao que resta da Revolução de Outubro, ameaçada naquele momento pela barbárie nazista. Como militante, busca algo que relembre suas convicções anteriores, para não morrer só, já inútil e consciente de tal inutilidade, depois de ter identificado, durante trinta anos, sua sorte pessoal com a do proletariado:

> Quando alguém se pergunta: "Se eu tiver que morrer, em nome de que o farei?" É quando aparece com violenta clareza a imagem de um abismo completamente negro. Não valeria a pena morrer se tivesse que fazê-lo sem confessar meus erros. Ao contrário, todos os fatos positivos que brilham na União Soviética adquirem novas proporções na consciência. Isto foi, no final, o que me desarmou, me obrigando a ajoelhar-me ante o partido e a nação. E quando nos perguntamos: "Bem, supondo que não morras, supondo que por algum milagre consigas sobreviver mais uma vez: Para que?" Isolado de todos, inimigo do povo, em uma situação inumana, longe de tudo o que constitui a essência da própria vida (...). O resultado é a completa vitória moral interna da URSS sobre os oposicionistas postos de joelhos[688].

Também Rakovski afirma: "É claro que meu passado pode ser aniquilado, e sem dúvida será eclipsado por meus atos infelizes. Mas ninguém pode tirá-lo de mim"[689]. Como Bukharin – que gritou sua fé no socialismo, ridicularizando o procurador Vishinski e negando todas as acusações concretas feitas contra ele –, o velho revolucionário presta aqui um testemunho diante das gerações vindouras: o de que entre aqueles homens vencidos, derrubados e desonrados, privados de qualquer estímulo para seguir lutando – e até mesmo para viver –, ainda restava

687 *The case of the anti-Soviet block of rights and trotskistes*, Moscou, People's Comissariat of Justice of the U.S.S.R., 1938, pp. 313-314.
688 *Ibid.*, pp. 777-778.
689 *Ibid.*, p. 313.

um grão de esperança de que um dia, próximo ou longínquo, seus camaradas os compreenderiam, leriam as entrelinhas e saberiam.

Nestes processos, onde o único acusado real era Trotski – que estava fora do alcance dos juízes e policiais –, onde aqueles que se sentavam no banco dos réus eram apenas testemunhas artificiais condenadas de antemão, onde o passado do bolchevismo era pisoteado e arrastado na lama, o testemunho das vítimas, seja com seu silêncio ou com suas confissões, acabou se virando, anos mais tarde, contra Stalin e a burocracia. Alguns séculos antes, Galileu também tinha sido obrigado a confessar que a Terra não girava em torno do Sol e que ao afirmá-lo, tinha mentido. E no entanto, a Terra gira.

16

O PARTIDO E A BUROCRACIA

Durante vinte anos, os processos de Moscou foram só uma pequena janela entreaberta sobre a realidade da URSS, um aspecto ínfimo da gigantesca depuração do partido e do Estado que sacudiu as próprias bases da URSS entre 1936 e 1938. Desde então, outras janelas foram abertas, principalmente com o XXII congresso, quando os dirigentes do partido revelaram os detalhes dos grandes "expurgos", para jogar a responsabilidade sobre aqueles que constituíam, durante o período de 1936-1938, a guarda pretoriana de Stalin e que iriam se tornar, após sua morte, no "grupo antipartido".

Chelepin, presidente do Comitê de Segurança Estatal[690], relata:

> Durante este período foi adotada uma série de leis penais de exceção. Com elas, se podia desacreditar e exterminar os dirigentes honestos, dedicados ao partido e ao povo. Também surgiram diversos organismos extrajudiciais. Foram criadas instâncias pessoais do próprio Kaganovich (...) [e de] Molotov. Kaganovich e Malenkov (...) decidiram com uma canetada o destino de muitos homens. (...) Também ficou documentalmente provado que Kaganovich, sem esperar o fim dos debates judiciais a respeito de muitos casos, redigia ele mesmo os projetos de sentença, introduzindo arbitrariamente neles as mudanças que considerava necessárias. (...) Estes homens (...) devem estar sendo perseguidos por pesadelos, devem ouvir os soluços e as maldições das mães, das mulheres, dos filhos dos camaradas inocentes que foram executados[691].

Spiridonov, secretário do partido em Leningrado, afirma:

---

690 O Comitê de Segurança Estatal (*Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti* – KGB) sucedeu o Comissariado do Povo para Assuntos Internos (*Narodnii Komissariat Vnutrenikh Del* – NKVD) (N. do E.).
691 XXII Congresso, *op. cit.*, pp. 291-293.

Durante quatro anos uma onda incessante de medidas repressivas se abateu sobre homens honrados, que não tinham cometido falta alguma. Em numerosas ocasiões, ser destinado a um cargo de dirigente equivalia a dar um passo rumo ao abismo. Muitos foram exterminados sem julgamento nem investigação prévia em base a acusações fabricadas no de maneira improvisada. Da repressão, eram vítimas não somente os próprios trabalhadores, mas também suas famílias, inclusive as crianças absolutamente inocentes, cuja vida era afetada desde o início por isso[692].

A velha militante Lazurkina, membro do partido desde 1902, explica:

O enorme dano causado por Stalin não se deve somente ao fato de que muitos de nossos melhores elementos tenham perecido, que tenha imperado a arbitrariedade ou que inocentes tenham sido presos. (...) O medo se espalhava. Nos caluniávamos uns aos outros, não tínhamos confiança, chegávamos inclusive a caluniar a nós mesmos. Nos torturavam para nos obrigar a caluniar. Apresentavam-nos listas, nos obrigavam a assiná-las, prometiam nos soltar, nos ameaçavam: "Se não assinar, te mataremos"[693].

Por último, Shvernik, cita, referindo-se a Malenkov, Kaganovich e Molotov, seus companheiros em armas, uma série de fatos concretos que ratificam as acusações feitas pela Oposição de Esquerda:

Cada deslocamento de Malenkov era acompanhado pela prisão dos secretários dos comitês regionais do partido e de um grande número de dirigentes. (...) Kaganovich obtinha, através da chantagem e da provocação, a prisão de muitos militantes. Depois de ser nomeado comissário do povo para as Vias de Comunicação, ele iniciou uma onda de detenções maciças no transporte ferroviário. [...] Sem nenhum motivo plausível, foram detidos os suplentes de Kaganovich, quase todos os chefes de linha, os chefes dos departamentos políticos e outros dirigentes do transporte. Mais tarde, quase todos foram reabilitados, muitos deles postumamente. (...) Sob a égide de Molotov, foi introduzido o método ilegal de condenação por listas. (...) Era ele que, pessoalmente, determinava o destino das pessoas detidas[694].

Margarete Buber-Neumann[695] – que mais tarde será detida pela GPU e deportada para a Sibéria, antes de ser entregue à Gestapo e deportada de novo, desta vez para Neuegamme – se refere à piada que fazia sucesso em Moscou em 1938, quando a guerra civil espanhola estava entrando em uma fase crítica: "Caiu Teruel![696] – E a mulher dele, também?" A amplitude real dos expurgos e o número de detenções e execuções nunca foram revelados oficialmente. Alexander Weissberg fala

692 *Ibid.*, p. 358.
693 *Ibid.*, p. 363.
694 *Ibid.*, pp. 431-432.
695 BUBER-NEUMANN, Margaret, *Deportée em Siberie*. Paris, Seuil, 1949.
696 Cidade espanhola na região de Aragão (N. do E.).

de sete milhões de pessoas detidas. Dallin e Nikolaievski opinam que entre sete e doze milhões de russos foram condenados a trabalhos forçados. Apesar de ser impossível de verificar esses números, eles não parecem totalmente inverossímeis. Em todo caso, os sucessores de Stalin tomaram enormes cuidados para esconder o número exato de detenções arbitrárias que eles mesmos estavam denunciando. Deste total, quantos foram executados? No XX Congresso, Krushev cita 7.679 reabilitações, a maioria a título póstumo, atribuindo a Béria a responsabilidade por várias dezenas de milhares de execuções. Também afirma que Stalin deu seu aval a 383 listas de pessoas que seriam executadas pela NKVD sem julgamento, contendo no total "vários milhares de nomes". Mosa Pijade, dirigente iugoslavo, fala em três milhões o número de vítimas. As intervenções de Shvernik, Chelepin, Spiridonov e outros no XXII Congresso sugerem que as cifras reais foram muito elevadas. Ao que parece, não foram milhares, mas centenas de milhares. Certamente, foi um autêntico banho de sangue. Algum dia se erguerá o véu, talvez após a inauguração do monumento em memória das vítimas de Stalin, de que tanto se falou depois do XXII Congresso? De qualquer forma, podemos ainda hoje constatar o excesso de precauções com que, ainda hoje, são cercadas as reabilitações, e também a discrição com que vão sendo suspensas as restrições que, há mais de 25 anos, pesam sobre as famílias e principalmente sobre os filhos das vítimas.

O extermínio dos bolcheviques

Se as verdadeiras dimensões dos "expurgos" seguem no terreno das hipóteses, não acontece o mesmo com seu significado. O grande expurgo se abateu muito concretamente sobre a velha guarda bolchevique, os sobreviventes do partido de Lenin, sobre aqueles que reaparecem hoje, um após o outro, nos apêndices biográficos que acompanham as obras de Lenin com a menção: "Caiu vítima das calúnias dos inimigos".

O estabelecimento de uma lista completa dos militantes e dirigentes bolcheviques, dos quadros da revolução e do Estado soviético nos tempos de Lenin que foram executados durante o grande terror é hoje uma empreitada irrealizável. Porém uma simples enumeração, que se faz necessária, já é terrivelmente significativa. Os mais conhecidos entre os velhos bolcheviques, Zinoviev, Kamenev e Bukharin, desapareceram ou foram executados depois dos respectivos processos. Junto com Stalin e Trotski, eram os sobreviventes do Birô Político dos tempos de Lenin. Também vimos que entre os condenados dos grandes processos se encontravam alguns dos mais representativos militantes da velha guarda: Badaiev dirigira a Cheka; Rakovski, Ivan Smirnov, Serebriakov e Piatakov foram membros do Comitê Central durante a guerra civil. Com a exceção de Stalin e Trotski, todos os homens citados no testamento de Lenin foram executados por traição. Em relação aos homens que desapareceram na prisão, aos que foram julgados "a portas fechadas" e aos

que foram eliminados sem processo, nos limitaremos a enumerar os nomes dos principais bolcheviques citados neste trabalho: os ex-trotskistas Smilgá, Preobrazhenski, Beloborodov, Sapronov, V. Kossior, Ivanov, Sosnovski, Kotziubinski; os ex-zinovievistas Kaiurov, Safarov, Vardin, Zalutski, Kuklin, Vuyovich; os veteranos da Oposição Operária Shliapnikov e Medvedev; os antigos "direitistas" Uglanov, Riutin, Slepkov, Schmidt, Maretski, Eichenwald; os membros de grupos de oposição em distintos momentos Riazanov, Miliutin, Lomov, Krilenko, Teodorovich, Sirtsov, Lominadze, Chatskin, Tchaplin; os homens que desde o começo tinham sido "companheiros em armas" de Stalin como S. Kossior, Rudzutak, Postishev, Chubar, Eikhe, Solz, Garnanik, Unschlichit, Mezlauk, Gusev; e os sobreviventes da época pré-bolchevique Steklov e Nevski, este último antigo presidente da Sociedade dos Velhos Bolcheviques. Com eles, desapareceram também seus familiares: o segundo filho de Trotski, Serguei Sedov, apesar de seu apoliticismo; seus dois genros, ambos veteranos da guerra civil, Man Nevelson e Platon Volkov; sua primeira esposa, Alexandra Bronstein; as esposas de Kamenev e Tukhachevski; suas irmãs; a filha de Bukharin; a esposa de Solnzev; a mulher e o filho de Yoffe.

Os militantes desaparecem, por blocos. Por exemplo, caem de uma só vez todos os comunistas russos, técnicos ou diplomatas, que desempenharam algum papel na Espanha: Antonov-Ovseenko, Rosenberg, o general Berzin, Stachevski e Mikhail Koltsov, o enviado especial do *Pravda*. A repressão afeta a quase todos os comunistas estrangeiros refugiados em Moscou. Desta forma, desaparecem os alemães Heinz Neumann, Remmele, Fritz Heckert, veterano espartaquista, o especialista em questões militares Kiepenberger e outros menos conhecidos. A mesma coisa ocorre com a quase totalidade da velha guarda do partido comunista polonês: Warski, o amigo de Rosa Luxemburg; Wera Kostrzewa, citada anteriormente; Lenski e Bronski, combatentes da revolução russa; todos os húngaros, cuja lista se inclui hoje ao final da reedição das obras de Bela Kun e, principalmente, o próprio Bela Kun.

Em seu discurso diante do Comitê Central da Liga Comunista da Iugoslávia, no dia 19 de abril de 1959, Tito fala de "mais de cem comunistas autênticos (...) que encontraram a morte nos cárceres e campos de concentração de Stalin". O próprio Tito, único (ou quase único) sobrevivente de um expurgo que lhe permitiu suceder a Gorkitch, executado sem julgamento, na direção do partido comunista iugoslavo, dosa com muito cuidado suas reabilitações, silenciando inclusive o nome de Voya Vuyovich em sua enumeração dos militantes executados.

Uma análise da origem política das vítimas dos expurgos revela claramente não só o fato de que todos os quadros de origem revolucionária foram exterminados, mas também que a maioria dos não-bolcheviques que se uniram ao campo do vencedor não apenas se salvaram, como se beneficiaram da gigantesca operação de extermínio. Se nos fixarmos nos economistas, por exemplo, podemos observar que

Bukharin, Smilgá, Preobrazhenski e Bazarov foram eliminados. No entanto, o antigo menchevique Strumilin, colaborador do governo czarista durante a guerra, se torna o teórico oficial. Os diplomatas de origem revolucionária, como Krestinski, Yurenev, Karakhan, Antonov-Ovseenko e Kotziubinski são mortos, enquanto os ex-mencheviques Maiski, Troianovski e o antigo democrata burguês Potemkin, que entraram no partido de última hora, sobrevivem e ascendem na hierarquia. Todos os chekistas dos primeiros tempos, como os famosos letões Peters, Latsis e Peterson; os primeiros colaboradores de Dzerzhinski, como Agranov, Pauker, Kedrov, Messing e Trilisser, são eliminados depois da ascensão de Yezhov, enquanto Zakovski, que entra no partido depois da guerra civil, se salva e passa a dirigir os interrogatórios. Sosnovski, a consciência do *Pravda* revolucionário, é eliminado, enquanto Zaslawski, um dos que acusavam Lenin de ser um "agente alemão", passa a dirigir a crônica dos tribunais no órgão oficial, injuriando nele seus adversários de sempre, como o faz também o próprio Vishinski, cuja carreira transcorre paralelamente à sua. De maneira análoga, no Exército Vermelho, muitos chefes bolcheviques veteranos e oposicionistas, como Muralov e Mrachkovski, estiveram entre as primeiras vítimas. Aqui também a maior parte das vítimas são velhos militantes: Muklevich é bolchevique desde 1906; Dibenko, desde 1910; Primakov e Putna, desde 1914; Eideman, Kork e Yakir, desde 1917; e Tukhachevski, desde seu retorno à Rússia em 1918. Os sobreviventes, com a exceção de Voroshilov, Budioni e Timoshenko, membros do pequeno grupo de Tsaritsin[697] que sempre foram aliados de Stalin, são antigos oficiais czaristas, como Shaposhnikov – que não se filiou ao partido até 1929 – ou Gorvorov, que não o fará até 1942.

A comparação das listas de executados com a de membros dos órgãos dirigentes é igualmente instrutiva: mais do que a maioria absoluta dos membros do Comitê Central de 1917 a 1923, os três secretários do partido entre 1919 e 1921, a maioria do Birô Político entre 1919 e 1924 – todos eles eliminados. Entre 1924 e 1934, somos obrigados a interromper essa comparação por falta de dados. De todo modo, dos 139 membros titulares ou suplentes que o congresso de 1934 elegeu ao Comitê Central, pelo menos dez já estavam na prisão durante a primavera de 1937; outros 98 foram detidos e executados durante o biênio de 1937-1938, 90 deles entre o segundo e o terceiro processo de Moscou. Somente 22 membros, quer dizer, menos de um sexto, se encontram no Comitê Central designado em 1939. A imensa maioria dos ausentes já tinha sido então executada.

Tais condições infligiram ao partido um choque terrível e uma profunda transformação. O número total de expulsos do partido pode ser estimado em uns 850.000, o que equivale a 36% dos efetivos anteriores. Desta vez, o aparato tam-

697 Trata-se de um grupo de bolcheviques que esteve sob o comando militar de Stalin na cidade de Tsaritsin (posteriormente batizada de Stalingrado) durante a guerra civil. Este grupo desenvolveu uma resistência sistemática ao comando geral de Trotski, o que gerou o primeiro grande conflito entre os dois dirigentes, resolvido unicamente por intermédio de Lenin. (N. do E.).

bém sofreu intensamente a repressão. Brzezinski estudou de perto as nomeações dos novos dirigentes, reveladoras do profundo alcance da depuração. Ele considera que dos 100.000 a 150.000 quadros subalternos – os quais Stalin chamava de "suboficiais" –, entre 50 e 65% foram substituídos em 1937, e entre 30 e 40% em 1938, o que equivale a uma porcentagem que oscila entre 70 e 75% para os dois anos. Os "oficiais" – entre 30.000 e 40.000, segundo Stalin –, secretários das cidades e distritos e chefes de departamentos dos comitês de distrito, são renovados em aproximadamente 80%. O "alto comando" – 3.000 ou 4.000 dirigentes nacionais ou regionais – é o setor mais afetado, como demonstrado pelo massacre da maioria dos membros do Comitê Central e o desaparecimento, entre 1937-1938, de todos os secretários regionais do partido, exceto dois. O exame da carreira dos depurados demonstra mais uma vez que a geração revolucionária foi a mais dizimada. Dos 55 membros titulares do Comitê Central eliminados entre 1936 e 1939, Brzezinski aponta que 47 eram velhos bolcheviques autênticos, que entraram no partido antes de 1917; os outros sete tinham aderido antes de 1920 e só um depois da guerra civil. O mesmo fenômeno aparece ao comparar o tempo de partido dos delegados ao XVII Congresso, em 1934, e ao XVIII Congresso, em 1938. No XVII Congresso, 2,6% dos delegados eram membros filiados depois de 1929; no entanto, no XVIII Congresso, estes já são 43%. 75% dos delegados de 1934 eram veteranos da guerra civil; em 1939, estes últimos eram apenas 8,1% dos presentes. De um total de 1.966 delegados em 1934 – 60% dos quais de origem operária –, 1.108 foram detidos antes do congresso seguinte por "crimes contrarrevolucionários"[698].

Depois da morte de Stalin, Krushev, para explicar o "grande expurgo", vai invocar a personalidade do secretário geral, sua "mania de perseguição", seu caráter cada vez mais "caprichoso, irritadiço e brutal" e a influência de Béria, que se utilizava destas "debilidades" e impulsionava Stalin a "sustentar, através de todos os métodos possíveis, a glorificação de sua própria pessoa". Vinte anos antes, Trotski tinha feito uma análise mais satisfatória do que esta explicação psicológica: "Os meios dirigentes eliminam todos aqueles que lhes recordem o passado revolucionário, os princípios do socialismo, a liberdade, a igualdade, a fraternidade, as tarefas pendentes da revolução mundial. A ferocidade da repressão dá boa prova do ódio que a casta privilegiada sente pelos revolucionários. Neste sentido, a depuração aumenta a homogeneidade das esferas dirigentes e parece fortalecer efetivamente o poder de Stalin"[699]. De fato, os quadros que vão substituir os veteranos bolcheviques foram todos formados dentro do molde uniforme do partido stalinista.

698 BRZEZINSKI, Zbigniew, *La purge permanente*, Iles d'Or, 1958, pp. 99-104.
699 TROTSKI, Leon, *Les crimes de Staline*, *op. cit.*, p. 374.

Novas promoções

Um informe dirigido ao XVIII Congresso revela que, em 1938, 31% dos membros dos comitês locais, 41% dos membros dos comitês de distrito e 60% dos membros dos comitês regionais tinham sido eleitos pela primeira vez. De um total de 333 secretários do partido das repúblicas e das regiões, 80% entrou na organização depois da morte de Lenin e 91% tem menos de quarenta anos e não participou nem da Revolução de Outubro nem da guerra civil como militantes comunistas. Dos 10.902 secretários dos comitês de distrito e locais, 92% tem menos de 40 anos e 93% entrou no partido depois de 1924. Stalin declara com satisfação que, durante os três anos que durou o expurgo, 500.000 "jovens bolcheviques" assumiram cargos de direção[700]. De fato, o partido experimentou uma completa renovação com esse derramamento de sangue seguido de uma transfusão. A geração revolucionária foi exterminada.

A nova geração é completamente diferente. Já sabemos que a adesão ao partido não tinha o mesmo significado em 1924 que nas datas anteriores e imediatamente posteriores a 1917. No XVIII Congresso o novo chefe da administração política do exército, Lev Mekhlis, antigo secretário de Stalin, comemora o arrivismo e o servilismo na promoção dos novos quadros, se referindo com tranquilo cinismo aos mais egoístas instintos de ascensão individual e, de passagem, celebra a derrota de seu predecessor Garnanik e sua "gangue" de comissários da época da guerra civil:

> Para os cargos mais importantes, eles nomearam uma série de inimigos do povo, incompetentes, degenerados até a medula, que tinham vendido até sua alma aos agentes estrangeiros. Eles oprimiam os melhores comissários e trabalhadores políticos, as pessoas capacitadas e hábeis que permaneciam leais ao partido de Lenin e Stalin, mantendo-os nos estratos inferiores, em cargos relativamente pouco importantes. Agora, sob a direção do Comitê Central do partido e dos camaradas Stalin e Voroshilov, foram nomeados milhares de maravilhosos bolcheviques, discípulos do leninismo-stalinismo. (...) Para eles, é um ato de amor divulgar entre as massas as palavras de Lenin e Stalin[701].

De fato, o aparato do partido transborda de cargos livres, assim como os soviets, a administração econômica, o exército e a NKVD. Praticamente todos os diplomatas russos servindo no exterior foram depurados. Entre 1937 e 1938, sete vice-comissários de defesa, três marechais, 13 dos 15 chefes de exército, 30 dos 58 comandantes de corpos, 110 dos 195 generais de divisão e 15 ou 20 mil oficiais são destituídos e detidos[702]. No XVIII Congresso, Kaganovich afirma que "os anos de 1936 e 1937 presenciaram uma grande renovação entre os quadros dirigentes da

---

700 *The land of socialism today and tomorrow – reports and speeches at the XVIII Congress of the CPSU*, Moscou, Foreign Languages Publishing House, 1939, pp. 207-212.
701 Citado por BRZEZINSKI, Zbigniew, *op. cit.*, p. 205.
702 *Ibid.*, p. 105.

indústria pesada, particularmente na de combustíveis e na ferroviária"[703]. Muitos recém-chegados vão ocupar os postos vagos: dos 70.000 especialistas empregados sob o controle do comissário do povo para a Indústria dos Combustíveis, 54.000 tinham terminado seus estudos depois de 1929. São "quadros que se submetem a todas as diretrizes do partido, do Comitê Central, do poder soviético e a todas as consignas do camarada Stalin"[704].

Para compreender o que representavam os recém-incorporados e seu estado de ânimo, é preciso se referir às condições da depuração, tal como esta foi apresentada pela imprensa durante a campanha de "vigilância" que a precedeu, a explicou e a desencadeou, e da qual os arquivos de Smolensk nos oferecem uma imagem precisa. As reuniões acontecem em meio a um fogo cruzado de denúncias recíprocas; a NKVD fica sobrecarregada. As razões para as denúncias são o acerto de contas, o desejo de que determinado cargo fique vago para ocupá-lo, a tentativa de buscar méritos para ascender e para não ser acusado de indiferença ou liberalismo na luta contra os sabotadores, os terroristas e os espiões. A histeria delatora chegará a um grau tal, que uma resolução do Comitê Central, publicada no *Pravda* em 19 de janeiro de 1938, citará como exemplo o secretário regional de Kiev – que depois será também depurado –, que suspeitava de qualquer comunista que não tivesse denunciado ninguém.

Em tal atmosfera os homens que "sobem" pertencem a uma categoria diferente da dos burocratas da primeira época stalinista, rígidos e brutais, mas, em certa medida, gente do povo. Um universitário anglo-saxão, resumindo sobre este ponto as observações de "pessoas depuradas", disse que o novo administrador soviético é "o fanático e frio delator, mestre na arte da dialética, que costuma dar aulas na academia do comunismo, um perfeito cavalheiro, que se limita a imitar o que antes tinha sido uma autêntica inspiração revolucionaria"[705]. Os técnicos e especialistas são recrutados entre os setores mais instruídos. Em 1940, 50% deles pertence a famílias que, antes de 1917, não eram nem operárias nem camponesas. Uma proporção superior a 70% dos novos recrutas do partido, depois de 1938, pertence à nova *intelligentsia*. A partir de então, serão uma parte cada vez maior dos quadros. Em 1934, 21% dos delegados ao congresso tinham nível superior ou secundário; no conjunto do partido, as proporções desses níveis de escolaridade eram de 4,4% e 15,7%, respectivamente. Mais de 54% dos delegados ao XVIII Congresso tem ensino superior ou secundário, e da carência de dados estatísticos em relação à composição social do congresso de 1939, pode-se deduzir que a proporção de operários e camponeses vinculados à produção em relação ao total de delegados continuou decrescendo[706].

703 *Ibid.*, pp. 90-91.
704 *Ibid.*, p. 91.
705 DICKS, Henry, *Observações sobre o comportamento dos russos contemporâneos*, em *Human Relations*, vol. 5, nº2, p. 131.
706 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, pp. 437-438.

Este afluxo de sangue fresco para o aparato não modifica em absoluto sua natureza, nem a composição do núcleo dirigente, composto pelos homens mais próximos a Stalin, que são os que realmente mandam. Este grupo de sobreviventes dos expurgos – em relação a quem Merle Fainsod sugere que "talvez não seja fantástico supor" que seja o mesmo grupo dos "carrascos-chefes"[707] – é o resultado de uma longa seleção. Depois dos sucessivos desaparecimentos de Kirov, Kuibishev e Ordzhonikidze, ainda restam os componentes da velha geração stalinista, os homens dos primeiros tempos, os mais leais na luta contra a oposição: Molotov, Kaganovich, Kalinin, Mikoyan, Andreiev e Shvernik. Depois dos grandes processos e da depuração em massa, se unem a eles no topo do aparato os líderes de uma nova geração, homens cuja ascensão se iniciou, quando muito, durante a luta contra a oposição de 1923. São estes: Zhdanov, Béria, Malenkov, Krushev, Bulganin, Mekhlis e Voznesenski. Se encontram no Secretariado do Comitê Central ou no Conselho dos Comissários do Povo, no Birô Político ou no Birô de Organização; suas carreiras ilustram bem o controle exercido pelos liberados sobre os diferentes aspectos da vida do país.

Béria, nascido em 1899, entrou no partido em 1917. Em 1921 foi chekista, trabalha na GPU até 1931 e nesta data é promovido a secretário regional. Quando Yezhov, sacrificado ao ódio geral, desaparece, em 1938 – há rumores de que foi parar em um manicômio –, vai substituí-lo na chefia da NKVD e se torna membro suplente do Birô Político. Bulganin aderiu ao bolchevismo em 1917, quando tinha 22 anos, e também foi chekista. Mais tarde, fez sua carreira como administrador industrial entre 1922 e 1938, e passou então a exercer a chefia do Banco do Estado, ocupando o lugar de um velho bolchevique fuzilado. Em 1939 se junta ao Comitê Central e ao Conselho dos Comissários do Povo. Zhdanov fez toda sua carreira no aparato do partido: em 1939 já é membro do Birô Político, do Birô de Organização e continua ocupando a direção da secretaria de Leningrado, onde é o sucessor de Kirov. Krushev entrou no partido aos 22 anos, em 1918. Como estudante da Universidade Operária de Kharkov, se distinguiu na luta contra a oposição de 1923. No aparato, foi, ao que parece, um protegido de Kaganovich. Logo depois de sua nomeação ao posto-chave de primeiro secretário de Moscou, às vésperas dos grandes processos, é novamente transferido à Ucrânia, desta vez como primeiro secretário da república, quando da destituição de Kossior, em plena liquidação de todos os quadros ucranianos do partido e do *Komsomol*. Malenkov não chega ao primeiro plano até 1934, mas já tem atrás de si uma carreira bem sucedida, desenvolvida totalmente dentro do aparato. Como membro do secretariado pessoal de Stalin, foi um dos dirigentes do Departamento de Organização e Instrução, e, a partir de 1934, ascende à chefia do Departamento de Quadros, pertencente ao Secretariado do Comitê

707 FAINSOD, Merle, *How Russia...*, *op. cit.*, p. 522.

Central. Em 1939 já é secretário do Comitê Central e membro do Birô de Organização. Ao que parece, compartilhou com Yezhov, na sombra, a organização da repressão contra os velhos bolcheviques. Mekhlis é também um antigo secretário de Stalin, membro do Birô de Organização e chefe da administração política do exército. Voznesenski se filiou ao partido aos 16 anos, em 1922. Primeiro, foi *apparatchik*, e mais tarde, técnico da indústria. Também foi professor e diretor do Instituto de Professores Vermelhos. Depois, foi presidente da Comissão de Planificação em Leningrado, cargo muito vinculado a Zhdanov, e por último, em 1931, foi nomeado comissário do povo e presidente da Comissão Estatal de Planificação.

Nenhum destes poderosos homens é algo mais do que uma simples engrenagem do aparato, uma criatura submissa e dedicada inteiramente à pessoa que dirigiu sua carreira, que o protege e o ameaça, àquele que todos servem e temem, o "chefe genial" que os fez, mas que também pode destruí-los. Postishev também era um deles e, segundo Krushev, pagou com sua vida por uma resposta insolente e uma tentativa de oposição[708]. Na mesma época, outros dois mais – conforme o que foi dito por Bulganin e relatado por Krushev – admitem em uma conversação privada que, quando são chamados para ver Stalin, não sabem, ao saírem de suas casas, se voltarão ou serão presos[709]. O temor que inspiram não é, pois, mais do que o reflexo daquilo que eles mesmos experimentam. Desde o topo até a base da pirâmide burocrática, flui uma cascata de medo e ódio. Da base ao topo sobe uma onda de adulação, louvor e rogo: "Stalin – nossa esperança; Stalin – nossa espera; Stalin – diácono da humanidade progressista; Stalin – nossa bandeira; Stalin – nossa vontade; Stalin – nossa vitória", como proclama na praça vermelha, após a execução de Piatakov, o primeiro secretário de Moscou, Nikita Krushev, que fustiga os "malditos infames" de "mãos assassinas"[710]. Transcorridos quase vinte anos, transformado em onipotente secretário geral, este mesmo homem confessará publicamente que tanto ele quanto seus companheiros temiam por suas vidas caso, para sua desgraça, Stalin em algum momento os visse com "olhares esquivos"[711]. Se comparados aos homens de ferro que tinham constituído a pequena falange revolucionária nos tempos de Lenin vemos que, apesar de seu poder e de sua autoridade de administradores incontroláveis, os tenentes de Stalin são, em muitos aspectos, homens insignificantes e covardes. Ainda assim, é possivelmente por este motivo que eles puderam preservar sua vida e seu poder e continuar cantando louvores àquele que dispunha de suas existências a seu capricho. Depois de sua morte, todos eles contribuíram para a demolição de sua imagem.

---

708 KRUSHEV, Nikita, *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, p. 40.
709 *Ibid.*
710 *Pravda*, 31 de janeiro de 1937.
711 KRUSHEV, Nikita, *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, p. 82.

A burocracia

Tal era a contradição em que estava imersa a Rússia há quinze anos. Por um lado, suas estruturas econômicas eram as mais progressivas do mundo, as mais propícias ao desenvolvimento das forças produtivas, ao progresso da ciência, da técnica e da cultura em geral. Somente por meio dessa estrutura econômica foi possível transformar um país atrasado em uma nação moderna. Mas por outro lado, o atraso da economia e da sociedade em 1917 e o isolamento da revolução acabaram com as formas políticas progressivas encarnadas pelos soviets, engendrando, com o ascenso da burocracia e do aparato de um partido monolítico e centralizado, a estrutura política mais retrograda que se pode imaginar. Esta estrutura política foi o primeiro obstáculo e a verdadeira causa da "sabotagem" denunciada incessantemente por seus dirigentes. Isso tudo reflete o impasse a que conduz a pretensão de dirigir de cima uma economia moderna sem a menor participação autônoma das massas envolvidas na produção. O artigo 126 da Constituição "stalinista" de 1936 reconhece explicitamente o papel "constitucional" que desempenha o partido único e declara: "os cidadãos mais conscientes e ativos da classe operária e dos outros setores produtivos se unem no Partido Comunista da URSS, vanguarda dos trabalhadores em sua luta pelo fortalecimento e desenvolvimento do regime socialista e núcleo dirigente de todas as organizações de trabalhadores, sociais ou estatais".

Mais do que nunca, em 1939 e nos anos seguintes, o partido existe apenas para e por seu aparato, cérebro e coluna vertebral, núcleo dirigente de "funcionários responsáveis". Em 1934, mais uma vez, Kaganovich tinha recordado ao XVII Congresso a obrigação que tinham os membros do partido de receber uma boa formação política, conhecer seu próprio programa e estatuto. O estatuto do partido é revisado em 1939 e passa a dividir seus membros em duas categorias: os que "aceitam" e os que "conhecem" o programa do partido, ou seja, os dirigidos e os dirigentes, aqueles que Stalin chama de "camadas dirigentes do partido". Essa camada dirigente conta com 133.000 militantes, aproximadamente, ou seja, um dirigente para cada dezessete membros, enquanto, segundo Molotov, a proporção em 1925 era de um para cada quarenta. Esses dirigentes do aparato central fornecem pouco menos da metade dos membros do Comitê Central; outro terço é integrado por dirigentes do partido ou do governo das repúblicas e uma quinta parte pelos comandos superiores do exército e da polícia. O sistema de *nomenklatura*[712] dá a cada dirigente, tanto os de distrito como os regionais, um direito de nomeação de vários milhares de cargos. Mais do que nunca, o Secretariado dispõe de uma autoridade exclusiva sobre as nomeações aos postos-chave. A circular de março de 1937, que

---

712 Palavra russa, derivada do latim, que significa "lista de nomes". Inicialmente, designava a forma como as nomeações eram feitas no Estado soviético, por meio de uma lista de nomes a serem aprovados ou rejeitados pelos órgãos partidários correspondentes. Mais tarde, passou a designar a própria burocracia como setor social (N. do E.).

previa a liberdade de discussão das candidaturas e restabelecia o voto secreto só teve, em pleno banho de sangue consequências irrisórias e também efêmeras, visto que ela será abolida em março de 1938.

Durante o XVIII Congresso, Stalin declara: "Na atualidade nossa tarefa é concentrar o trabalho de seleção dos quadros a partir de cima, nas mãos de um único organismo"[713]. Este projeto foi realizado com a criação do Departamento de Quadros, encarregado da seleção, transferência e promoção dos quadros em todos os ramos de atividade, e cuja direção foi ocupada por Malenkov. Por seu lado, o Departamento de Agitação e Propaganda, confiado a Zhdanov, controla todos os meios de informação e cultura, a imprensa, a rádio e todas as publicações, transformando seu chefe no supervisor de cientistas, filósofos, escritores e artistas. Ainda restam antigos departamentos como o das escolas, da agricultura e o sempre discreto "Departamento Especial" de Poskrebishev. O Departamento de Organização e Instrução, que voltou a ser organizado, está encarregado da inspeção e do controle do funcionamento de todas as organizações locais.

Todos estes organismos conferem ao aparato uma estrutura de camadas concêntricas. Em torno de Stalin, se encontram os 14 membros do Birô Político; depois, os setenta e um membros do Comitê Central; em seguida, entre trezentos e quinhentos funcionários superiores do Secretariado do Comitê Central; e mais além, os trezentos e trinta e três secretários das repúblicas e dos territórios, assim como seu estado-maior, os 10.902 secretários das organizações inferiores. Este é o comando da pirâmide que estende seu papel dirigente a todos os setores da vida do país através dos homens que nomeia, controla, dirige, recompensa ou castiga e que, por sua vez, dirigem a massa informe dos membros de base e dos sem partido.

Em 1939 é difícil avaliar as dimensões da camada social conhecida como "burocracia", devido ao caráter cada vez menos preciso das estatísticas oficiais, reveladoras, porém, de determinadas tendências sociais precisamente por seu empenho em encobri-las. As indicações devem ser buscadas principalmente no setor que os documentos oficiais denominam, desde 1934, de "a nova *intelligentsia* soviética", fenômeno original e inédito na história, segundo os teóricos do regime. Os critérios da divisão em categorias sociais são raramente explicados, tornando, por exemplo, impossível saber a que categoria pertencem os inúmeros inspetores da produtividade ou da planificação, que poderiam ser incluídos como funcionários ou como assalariados, entre os trabalhadores da indústria.

Em 1939 Molotov estima que a *intelligentsia* chegue a aproximadamente 9.500.000 pessoas, dos quais 1.750.000 são diretores e outros chefes de empresas, instituições, departamentos fabris, *sovkhozes* e *kolkhozes*. Os técnicos, engenheiros e outras profissões representam 1.060.000 indivíduos, cinco vezes mais do que em

713 *The land of socialism...*, *op. cit.*, p. 204-205.

1926, quando eram apenas 225.000[714]. Este enorme crescimento é consequência da industrialização: claramente, é superior ao de médicos, professores e estudantes. O fenômeno mais surpreendente, sem dúvida, é o crescimento da categoria denominada "outros grupos", integrada pelos que não são professores, nem médicos, nem pesquisadores científicos, nem trabalhadores culturais, nem contabilistas, nem juízes, nem estudantes, quer dizer, muito provavelmente pelos diversos *apparatchiks* e quadros do exército e da polícia, que, durante o mesmo período, passaram de 375.000 a 1.500.000 indivíduos. Outros dados nos permitem apreender o caráter burocrático desta *intelligentsia*: 86% dos quadros técnicos que receberam educação secundária estão empregados no setor de "serviços"; 12% somente na indústria e 2% na agricultura[715]. A tendência que leva à formação de uma enorme camada de funcionários e técnicos empregados em escritórios, em detrimento de sua participação no processo produtivo, não parece ter sido interrompida, apesar dos esforços oficiais. A consigna "redução da máquina" é ineficaz. Em agosto de 1940 uma ordem do Comitê Central dos Sindicatos revela que a fábrica de automóveis de Moscou tem 931 empregados no sindicato, e a de Gorki, 648; apenas o sindicato dos empregados do Comissariado do Comércio já conta, em 1938, com 2.807 liberados. Depois de uma reorganização, os seis sindicatos que o substituem chegarão a ter 3.546 funcionários liberados. Em 1940 o sindicato dos mineradores conta com 742 funcionários liberados, enquanto que em 1938 tinha só 444[716].

Não menos significativo é o fato de que a partir de 1938 as portas do partido serão abertas sobretudo para os representantes desta nova burocracia administrativa e econômica, uma camada social na qual se encontram uma maioria de pessoas cuja família pertencia à *intelligentsia* pré-revolucionária e cuja formação individual foi realizada sob a autoridade stalinista. Não há nenhum número para o conjunto da URSS, mas sabemos que em 1941, na província de Cheliabinsk, o partido admitiu 903 operários, 399 membros de *kolkhozes* e 2.025 "empregados". Merle Fainsod comenta: "Depois da eliminação dos velhos bolcheviques durante o grande expurgo de 1936-1938, o partido se recompôs e se robusteceu através da incorporação de quadros mais jovens, de burocratas, engenheiros, diretores de fábrica, presidentes de *kolkhozes*, capatazes e stakhanovistas. Durante este processo, deu-se um passo muito importante, pelo menos no que diz respeito ao pessoal, para concretizar a fusão do partido com a administração estatal"[717]. O Partido Comunista da URSS deixou de ser um partido operário para se tornar um partido de administradores e chefes. A importância dada ao recrutamento de membros da nova *intelligentsia* vai fazer recuar a preocupação com o recrutamento de operá-

---

714 LABEDZ, Leopold, *A Intelligentsia Soviética*, em *Daedalus*, verão de 1960, p. 509.
715 *Ibid.*, pp. 509-514.
716 DALLIN, David, *La vraie Russie des soviets*, Paris, Plon, 1948, p. 65.
717 FAINSOD, Merle, *How Russia...*, *op. cit.*, p.227.

rios. Consequentemente, o proletariado vai fornecer ao partido, fundamentalmente, seus quadros e sua aristocracia de chefes de oficina, capatazes e stakhanovistas. Desde o início da década de 1930 as estatísticas oficiais do partido deixam de indicar a verdadeira atividade profissional de seus membros. Ainda assim, alguns dados são reveladores: já em 1934, de um total de 700.000 operários empregados nas 85 maiores empresas do país, só 94.000, quer dizer, uma porcentagem inferior a 14%, eram membros do partido. Em 1937, o partido conta com 1.076 membros, de um total de 10.000 operários empregados em uma empresa metalúrgica de Leningrado; como 170 deles tinham curso superior e 277, curso secundário, pode-se deduzir que a proporção de membros do partido entre os operários que trabalham efetivamente nas oficinas não ultrapassa os 6 ou 7%[718].

A crescente diferenciação

Como já dissemos, as estatísticas soviéticas são tão interessantes pelo que ocultam como pelo que revelam. Assim, tivemos de esperar de 1934 a 1957 para descobrir que o salário do secretário de uma organização de base do partido é de 1.400 rublos mensais, o que equivale aproximadamente ao dobro do salário médio de um operário fabril. Do mesmo modo, as estatísticas parecem eliminar uma série de categorias sociais cuja existência e crescimento numérico são significativos. Antes de 1917 se estimava que existiam 1.500.000 empregados domésticos no império dos czares. Esta quantidade é reduzida praticamente a zero durante os anos posteriores à revolução, mas passa a 150.000 entre 1923-1924; e a 339.000 em 1927. O primeiro plano quinquenal estima que haja 398.000 trabalhadores nesta categoria em 1928 e 406.000 em 1932. Neste ponto, os empregados domésticos desaparecem das estatísticas, precisamente no momento em que os apetites da nova oligarquia parecem tê-los multiplicado.

A gama de salários é muito ampla, não somente entre a massa de trabalhadores e o grupo de burocratas, mas também dentro da própria burocracia. O fenômeno não é novo, mas não para de agudizar-se, já que os quadros recebem vantagens suplementares na forma de pensões e prêmios, de direitos especiais de herança, de isenção progressiva no imposto de renda, de indenizações complementares e diferentes subvenções. A tudo isto se acrescentam pagamentos em espécie, como o direito a moradias mais espaçosas, acessos a lojas especiais, preços mais baixos e mercadorias de qualidade superior, direito a transportes especiais, desde carros funcionais até carros com motorista à disposição do "mestre". Tudo isto sem contar o enorme privilégio que é a utilização absolutamente prioritária das casas de veraneio da Crimeia ou do Cáucaso. Uma avaliação de todos esses privilégios destinada a calcular a renda efetiva de um burocrata que ocupava o cargo de redator-chefe de um jornal húngaro chegou a uma cifra impressionante: trinta e cinco vezes su-

718 *Ibid.*, p. 228.

perior ao salário de um funcionário subalterno. Seguramente, esta proporção é fiel expoente do grau de diferenciação geral.

Certamente, seria errado considerar que a maioria dos burocratas desfruta, em 1939, de um nível de vida comparável ao de um operário especializado americano. Ainda assim, seu grupo social se diferencia claramente dos demais. David Dallin escreve:

> A distinção entre o funcionário e o homem "comum" chegou a um grau inimaginável. A origem burguesa e intelectual de alguns, o esnobismo de outros – muitos destes, filhos de camponeses e operários –, o cansaço resultante de vários anos de privações e de um empobrecimento forçado, seguidos, nos anos 30, do encorajamento governamental a "viver alegremente" – tudo isso provocou o desenvolvimento de formas hierárquicas conhecidas somente na sociedade feudal. Não se misturar com o "povo", ter roupas bonitas e móveis bonitos, possuir um fonógrafo e um rádio, circular nos bondes "suaves", exclusivos dos funcionários, passar as férias nas "casas de veraneio" em lugares diferentes dos frequentados pelos operários, comer em restaurantes reservados. (...) Tudo isso leva ao desenvolvimento de um sentimento de superioridade[719].

A proliferação de graus e títulos responde ao mesmo desejo furioso de arrivismo e de consolidação dos privilégios: existem mais de duzentas distinções para os funcionários civis. A mesma coisa ocorre com as condecorações e medalhas militares. O regime molda os homens à sua própria imagem. Os novos notáveis constituem uma elite, cuja ascensão se manifesta forçosamente em uma série de sinais externos: o "êxito" pessoal é o principal estimulante da produção e da disciplina, e sua busca constitui o motor do progresso.

A reação organizada

Faz só alguns anos que a literatura soviética começou a dar exemplos concretos da mentalidade burguesa que emana abertamente das fileiras da burocracia. Dudintsev, que é criticado por ter acentuado "apenas os aspectos negativos" dessa realidade social, não deixou por isso de criticar a arrogância senhorial dos novos ricos: para poder instalar a mulher de um diretor em um quarto individual de hospital, colocam no corredor as camas de dez doentes. A partir de 1935 o reaparecimento de tendências tipicamente burguesas tem seu reflexo nas leis, principalmente no que se refere ao fenômeno que Klaus Mehnert chama de "contrarrevolução familiar"[720]. São colocados obstáculos para o divórcio através da fixação de taxas: 50 rublos para o primeiro, 150 para o segundo e 300 para o terceiro. Além disso, no ambiente partidário a separação é mal vista. O aborto é colocado fora da lei em 1936 – estava autorizado desde 1917 –, sendo punido com penas de prisão.

719 DALLIN, David, *op. cit.*, pp. 81-82.
720 MEHNERT, Klaus, *op. cit.*, pp. 43-61.

No entanto, tais sanções acabam caindo mais frequentemente sobre as mulheres dos trabalhadores do que sobre as pertencentes às classes privilegiadas. No novo culto à família os dirigentes acreditam ver o restabelecimento de relações sociais estáveis, e os privilegiados o consideram uma medida necessária, até mesmo porque sua liberdade pessoal, que se baseia em uma grande disponibilidade de meios, não se vê realmente afetada.

Em 1940 o restabelecimento da cobrança pelo ensino a partir do oitavo ano, quer dizer, para todo o ensino superior e parte do secundário, parece ter idêntico significado: tal medida não afeta em absoluto as famílias acomodadas, mas afasta dos estudos muitas crianças que pertencem aos setores sociais mais baixos. Klaus Mehnert escreve: "O povo entendeu estas medidas como um método dos novos setores privilegiados para reservar o acesso ao ensino superior a seus próprios filhos"[721]. Tal medida mostra com clareza uma tendência da casta burocrática a fechar-se em si mesma e a perpetuar sua existência, ou seja, a transformar-se em classe social.

Depois do período dos "grandes expurgos", a reação se torna particularmente visível na legislação trabalhista. Em primeiro lugar, os sindicatos são depurados profundamente. Segundo Moskatov, secretário do Conselho Panrusso de Sindicatos, a influência dos "inimigos do socialismo e da classe operária, os mencheviques e os traidores trotskistas e bukharinistas" tinham conseguido "isolar as massas dos organismos sindicais dirigentes". Naquele ano, 90% dos membros dos comitês centrais dos sindicatos, 55% dos presidentes e 85% dos secretários foram eleitos pela primeira vez[722].

Como era de se esperar, os novos "dirigentes" não opõem a menor resistência às medidas introduzidas no final do grande expurgo. No dia 20 de dezembro de 1938, a carteira de trabalho é declarada obrigatória. Sua expedição é de responsabilidade da empresa, e esta a conserva durante todo o tempo em que o trabalhador estiver a seu serviço[723]. No dia 28 de dezembro, uma nova série de decretos contribui para erodir o que ainda resta do Código de Trabalho: a notificação prévia de demissão voluntária deve acontecer não mais com uma semana de antecedência, e sim com um mês. Ainda que se respeite sua decisão, o trabalhador que tenha rescindido seu contrato perde qualquer direito ao seguro-saúde e à licença maternidade até que passe outros seis meses consecutivos em um novo trabalho. Os atrasos, as saídas antes do horário e as distrações no trabalho devem ser punidas obrigatoriamente com uma série de medidas, que vão desde a advertência e nota de censura até a transferência ou demissão. Quatro punições em dois meses acarretam na demissão imediata com a expulsão da moradia e perda de direito a qualquer tipo de

721 *Ibid.*, p. 117.
722 Citado por WRIGHT, John, *As crises na União Soviética*, em *Fourth International*, julho de 1941, p. 18.
723 SCHWARZ, Solomon, *op. cit.*, pp. 136-137.

subvenção[724]. Uma circular de 8 de janeiro de 1939 aponta que qualquer atraso superior a vinte minutos deve ser registrado como uma falta injustificada[725]. Uma notícia publicada no *Pravda* de 26 de janeiro do mesmo ano, na qual se anuncia a condenação a oito meses de prisão de um chefe de oficina que decidiu não demitir alguns operários que tinham faltado injustificadamente, mostra a intenção do legislador de aplicar a nova legislação com todo o rigor. A angústia da demissão se torna uma ameaça permanente. Simultaneamente, a ofensiva contra a "fluidez da mão de obra" será intensificada através da reorganização do sistema de seguridade social. O seguro-saúde de valor igual ao salário só é concedido àqueles operários sindicalizados que trabalhem há seis anos na mesma empresa. Os que têm apenas três, quatro ou cinco anos têm direito a 80%; os que têm dois anos recebem 60%; e os que têm menos de dois anos têm direito a 50% de seu salário[726].

As disposições de 26 de junho de 1940, "exigidas" oficialmente pelos sindicatos, vão mais longe ainda: a jornada de sete horas – com semana de seis dias –, que na realidade nunca tinha sido aplicada de fato desde que foi votada "politicamente" em 1927, é abolida, sendo substituída pela jornada de oito horas durante sete dias; fica proibido aos operários e empregados abandonarem seu trabalho voluntariamente, castigando-se a infração com penas que oscilam entre dois e quatro meses de cárcere; a ausência injustificada – cuja definição bastante ampla já foi comentada – passa a ser castigada com seis meses de "trabalho corretivo" na empresa mais uma multa no valor de 25% do salário[727]. Um regulamento aprovado em 18 de janeiro de 1941 igualará, mais adiante, a ausência injustificada à negativa em trabalhar nos feriados e em fazer horas extras, ainda que estas tenham sido solicitadas ilegalmente pela direção da empresa[728].

Até mesmo os sindicatos depurados manifestarão sua resistência em aceitar tais medidas. O *Pravda* acusa alguns dirigentes sindicais de tentarem proteger os vagabundos. Em consequência, são destituídos, de um total de 203.821, 128.000 funcionários sindicais. Ao mesmo tempo, em 2 de outubro de 1940, uma ordem do Presidium do Soviet Supremo organiza a "formação profissional obrigatória" para os jovens de quatorze a dezessete anos. Os de quatorze e quinze são submetidos a dois anos de ensino profissional e os de dezesseis e dezessete, a seis meses de formação acelerada. Além disso, todos eles devem prestar quatro anos de trabalho assalariado sob o controle de uma nova instituição: a Reserva de Mão de Obra do Estado. Só se eximem da formação profissional e dos quatro anos de serviço civil aqueles que estão cursando o ensino médio ou superior, ciclos cuja gratuidade acaba de ser suprimida[729].

---

724 *Ibid.*, p. 138.
725 *Ibid.*, p. 139.
726 *Ibid.*
727 *Ibid.*, p. 142-144.
728 *Ibid.*, p. 146.
729 *Ibid.*, pp. 106-107.

Ao comentar estas medidas no *Pravda* de 30 de outubro de 1940, o veterano Kalinin escreve: "A luta de classes adota um novo rumo: a luta pela mais alta produtividade do trabalho. Tal é, em nossos dias, uma das principais frentes da luta de classes". A jovem classe operária russa – metade dos vinte milhões de operários fabris, dos transportes e da construção tem então menos de trinta anos – se vê oprimida por grilhões mais terríveis do que o qualquer Estado capitalista jamais conseguiu construiu. Desde a infância está presa em uma armadilha, rodeada pela ameaça contínua da detenção e do encarceramento. As atas dos tribunais, melhor que qualquer análise, nos servem para mostrar uma imagem fiel das novas relações sociais. Em setembro de 1940 o chefe do departamento político da ferrovia de Gorki, Vorobiev, e seu cúmplice Romanov, chefe do serviço de passageiros, são processados sob a acusação de terem "tolerado" em dois meses 1.572 casos de violações de disciplina e 145 "demissões voluntárias". Além disso, Vorobiev utilizou para seu serviço pessoal uma empregada da ferrovia como cozinheira e um secretário como camareiro. Ao comentar este acontecimento, o *Pravda* do dia 24 de setembro revela ainda que todas as autoridades políticas e administrativas sabiam da atividade de Vorobiev, que era imitado, ao que parece, por seus subordinados. O acusado Romanov confessa: "Me comportei como um covarde ante Vorobiev. Não queria complicações para mim". Vorobiev é condenado a dois anos de prisão; Romanov, a um ano de trabalhos forçados – em sua própria região – e a uma multa equivalente a 20% de seu salário. Nenhum dos dirigentes que sabia dos atos condenáveis de Vorobiev ou dos subordinados que o imitavam foi castigado.

Os operários culpados por "pequeno furto", como de um pouco de açúcar, biscoitos ou doces ou de algum escândalo na rua, de embriaguez em um ônibus ou por terem pronunciado "palavras que não podem ser reproduzidas publicamente" são condenados a um ano de prisão. Em 27 de agosto, o *Izvestia* se refere à condenação a três anos de prisão de um operário que tinha feito um escândalo em uma clínica onde lhe era negado o atestado médico de que precisava para evitar uma punição por "falta injustificada". De fato, a luta de classes parece continuar confrontando os operários com a burocracia. As leis draconianas e as repetidas expulsões constituem uma prova disso.

O fim do "antifascismo"

A partir de 23 de agosto de 1939 acontece uma nova inflexão: Stalin assina com a Alemanha de Hitler o pacto de não agressão, conhecido também como "Pacto Hitler-Stalin", que parece assinalar a inevitabilidade de uma nova guerra mundial. Na realidade, a história deste pacto ainda não foi escrita, se admitimos que as acusações e as apologias nada têm a ver com a história. Seguramente, um futuro historiador saberá analisar o tenso jogo de cartas que envolveu, durante os dois anos anteriores, o bloco franco-inglês, o eixo Roma-Berlim e a URSS. O pacto de

Munique indicava sem dúvidas que as democracias ocidentais estavam dispostas a outorgar importantes concessões, incluindo aí a renúncia a seus compromissos diplomáticos anteriores, para evitar a conflagração da guerra. A guerra da Espanha tinha servido para demonstrar qual era o alcance real do "antifascismo" da burguesia democrática e como este ocupava um lugar secundário em relação a seus sentimentos de classe. A diplomacia de Stalin sempre tinha buscado a aliança com a Alemanha, inclusive depois de 1933, com a esperança de manter a URSS à margem da guerra que se estava forjando. Ao que parece, Stalin nunca chegou a renunciar por completo a estes esforços, nem sequer na época do mais barulhento antifascismo, durante o primeiro ano da guerra da Espanha. A partir de 1937, são abundantes os indícios de que Stalin pensa em se aproximar de Hitler. Seria plausível acreditar inclusive que condenações de Radek e Tukhachevski foram, na realidade, destinadas a esconder os indícios de negociações que tinham sido realizadas com o consentimento do secretário geral. No processo de Bukharin, muitos acusados são apresentados como agentes da Inglaterra, enquanto outros, em segundo plano, aparecem como informantes da Alemanha. Segundo esta hipótese, tal montagem tinha servido para conservar abertas todas as possibilidades de uma aliança que ainda não tinha se concretizado.

De qualquer forma, nesta ocasião, o que interessa do ponto de vista da história do partido é que o pacto germano-soviético – um pacto de não agressão, ao qual se acrescenta a divisão da Europa Oriental em zonas de influência – supôs uma virada radical no campo da propaganda e da ideologia, já que o partido é obrigado a jogar fora, sem nenhuma explicação, todas as afirmações do período anterior sobre a luta pela paz, entendida como a manutenção do *status quo* e sobre a ofensiva contra o fascismo em todas suas formas. Wolfgang Leonhard, estudante da Universidade de Moscou, descreveu com vivacidade o giro de noventa graus que experimentou o ensino em 1939[730]. A vitória alcançada em 1242 por Alexander Nevski sobre os cavaleiros teutônicos no lago Peipus[731] deixa de ser um acontecimento fundamental na história russa e passa a não merecer nem uma simples citação. Ao contrário, começa a acentuar-se de forma especial a política exterior de Pedro, o Grande, assim como seu apoio à constituição do Estado prussiano em 1701. Os jornais dos emigrados alemães e os livros dos antifascistas desaparecem como que por encanto das seções de literatura estrangeira das bibliotecas. A partir da tarde de 23 de agosto, são retirados de todos os cinemas e teatros os filmes ou obras antifascistas. A própria palavra "fascista" desaparece por completo das colunas da imprensa, que, dias mais tarde, analisará com um tom "objetivo" o início da guerra entre os imperialistas, em

730 LEONHARD, Wolfgang, *Child of the revolution*, Londres, Collins, 1957, pp. 73-74.

731 Os cavaleiros teutônicos foram uma ordem militar religiosa, formada por nobres germânicos, que tentou invadir a região da atual Rússia em 1242, sendo derrotada pelo príncipe russo Alexander Nevski na Batalha do Lago Peipus (conhecida na Rússia como Batalha do Gelo), na divisa entre a Estônia e a Rússia (N. do E.).

1º de setembro de 1939. A "aliança" irá ainda mais longe: a NKVD vai executar a maioria dos dirigentes comunistas alemães exilados na URSS, como Hugo Eberlein, delegado ao congresso de fundação da III Internacional, Hans Kiepenberger, antigo dirigente da organização militar do PC alemão, Pfeiffer, ex-secretário do partido em Berlim, Susskind, redator chefe do diário de Chemnitz, Hermann Remmele, Heinz Neumann e Fritz Heckert, veteranos da Liga Spartacus. Um grupo de comunistas alemães, entre os quais se encontra a viúva de Neumann, Margarete Buber, que até aquele momento estavam presos na URSS, foram expulsos, quer dizer, entregues pela NKVD nas mãos da Gestapo, que os enviou aos campos de extermínio.

Um idêntico desprezo por uma opinião pública quebrada pelos expurgos se manifesta nas matérias publicadas nos jornais soviéticos sobre os acontecimentos na Finlândia. Este país, apoiado discretamente pelo Ocidente, se nega a assinar o tratado de assistência mútua e as retificações fronteiriças que exige a URSS, fortalecida pelos acordos secretos assinados com a Alemanha. No dia 29 de novembro, o exército russo vai para ofensiva: enquanto cai a primeira cidade finlandesa, se instaura com grande alarde propagandístico um governo popular presidido pelo veterano comunista Kuusinen. Quando, depois de quatro meses de violentos combates que constituem um enorme fracasso para o Exército Vermelho, é assinado, em 12 de março de 1940, a paz com a Finlândia, não se faz menção alguma ao governo de Kuusinen, cuja dissolução será anunciada um tanto discretamente alguns dias mais tarde.

O fortalecimento da disciplina após a repressão é um fato. Na URSS já não se discutem as perspectivas mundiais, nem a aliança com os que ontem eram os inimigos do gênero humano, nem o abandono ao governo da "república irmã" quando já se tinha começado a "sovietização" dos países bálticos. Enquanto isso, a nova legislação trabalhista coloca todos os operários sob ameaça da prisão e de condenação a trabalhos forçados. Os acusados de delitos trabalhistas se acumulam em tal número que o Presidium do Comitê Executivo dos Soviets decide autorizar os tribunais a dispensarem os assessores.

É este o momento em que um agente da NKVD no México, infiltrado em seu círculo próximo, aproveita para assassinar Trotski. Apesar de que nenhuma prova material – nem confissão alguma – tenha podido jamais confirmar esta interpretação, o crime tem uma assinatura clara. Stalin aceitou exilar Trotski em 1929 apenas como um mal menor, já que então não podia eliminá-lo, como fez com Blumkin. Nos grandes processos de Moscou, seu objetivo é Trotski, mas não mais de um ponto de vista moral e político, e sim muito concreto: busca conseguir sua extradição. Em 1931 tinha conseguido infiltrar dois de seus agentes, os irmãos Sobolevicius, letões conhecidos pelos pseudônimos de Senin e Roman Well, entre os próprios dirigentes da Oposição de Esquerda Internacional. Estes dois homens, que foram desmascarados em 1932 e expulsos da Oposição, vão continuar sua ati-

vidade como agentes secretos. Sua detenção definitiva acontece nos Estados Unidos durante o pós-guerra e atualmente são mais conhecidos por seus nomes americanos de Jack Soble e Robert Soblen. Stalin consegue substituí-los, infiltrando ao lado de Leon Sedov outro de seus agentes, Mark Zborowski, nascido na Polônia em 1908 e emigrado para a França em 1928, que, sob o nome de Etienne, chegará a ser um dos dirigentes de IV Internacional, fundada em 1938. Graças à sua cooperação, será possível organizar o roubo dos arquivos de Trotski em Paris e o assassinato de Reiss e do próprio Leon Sedov, em fevereiro de 1938. Ao que parece, os agentes de Stalin pretendiam eliminar o próprio Trotski quando assassinaram seus secretários Erwin Wolff e Rudolf Klement. Já no México, um primeiro atentado tinha sido organizado pelo pintor David Alfaro Siqueiros no dia 24 de maio de 1940. Trotski saiu incólume dele. No entanto, alguns dias mais tarde, o jovem trotskista norte-americano Robert Sheldon Harte, um de seus guarda-costas, foi encontrado morto. Por último, no dia 20 de agosto de 1940, o homem que tinha se passado por um simpatizante, com o nome de Jackson, consegue destroçar o crânio de Trotski com um golpe de picareta no momento em que o velho revolucionário se inclinava para ler o manuscrito que lhe dera. Detido e condenado, este homem, que nunca chegou a confessar sua verdadeira identidade – parece que se trata de um espanhol chamado Ramon Mercader Del Rio –, foi libertado dezoito anos mais tarde, indo diretamente para Praga, o que pode ser interpretado como um reconhecimento tácito de seus vínculos políticos.

No dia 24 de agosto de 1940, o *Pravda* anuncia a morte do "espião internacional e assassino Trotski". É assim eliminado o homem cujo pensamento e ação constituíam o único vínculo vivo com o bolchevismo e com a geração revolucionária de 1917; a testemunha e o lutador cujo assassinato exigiu tantos sacrifícios de Stalin e seus homens, provando até que ponto estes ainda o temiam, apesar de suas afirmações de vitória. Um austríaco refugiado em Moscou contou a Wolfgang Leonhard que os operários de sua fábrica, ao saberem simultaneamente da morte de Trotski e da organização de uma festa popular no Palácio da Cultura, pensaram que os dirigentes desejavam comemorar publicamente esta alegria[732]. As lembranças da época revolucionária e as ideias do bolchevismo de Outubro ainda vivem na consciência de alguns indivíduos dispersos que optaram por calar-se, ou como fizeram alguns jovens comunistas de Moscou, que optam por "levar a sério a doutrina de Marx e Lenin", vão tentar organizar uma oposição "ao poder absoluto da NKVD" e ao "expurgo dos velhos bolcheviques". De mão em mão, circulam os textos que escreveram: "Ode revolucionária à liberdade" e "As viagens de Gulliver ao país das paredes que ouvem"[733]. Estes jovens pensam como Lenin em 1911: "Às vezes, surge uma faísca minúscula que pode permanecer latente durante muitos anos. Então, a pequena burguesia a declara inexistente, liquidada, morta etc. Mas na realidade,

732 *Ibid.*, p. 35.
733 *Ibid.*, pp. 82-83.

ela subsiste, rechaça o espírito de abandono e de desistência e acaba se manifestando de novo depois de um longo período[734]. Ainda assim, em 1940, podemos dizer, como no título do romance de Victor Serge, que "É meia noite no século": o extermínio da geração revolucionária termina com o assassinato de Trotski. A agressão alemã de 21 de junho de 1941 arrasta para a Segunda Guerra Mundial uma União Soviética completamente stalinizada. Os últimos sobreviventes da oposição serão executados, praticamente em sua totalidade, nos campos de trabalho forçado, ou utilizados no front em missões suicidas.

734 LENIN, Vladimir, em *Proletari*, nº22, abril de 1911, citado por LEITES, Nathan e BERNAUT, Elsa, *Ritual of liquidation*, *op. cit.*, p. 52.

17

O PARTIDO E A GUERRA

A história da Segunda Guerra Mundial ainda não foi escrita e nem está próxima de sê-lo. Em particular, a história do "front russo" é ainda mais obscura que a dos demais frontes. A distância e a dificuldade das comunicações em tempo de guerra, o fortalecimento da censura e dos imperativos políticos de todo tipo contribuíram para dar a ela a aparência de uma guerra muito convencional. O historiador inglês Sir Bernard Pares, em 1944, via na história do front russo a explicação de tudo o que tinha feito Stalin anteriormente – inclusive a depuração – e também a prova da "prudência de uma política de defesa militar meditada desde há tempos contra uma invasão prevista também há tempos[735]. A este respeito, Isaac Deutscher parecia estar de acordo com a historiografia stalinista oficial ao escrever sua biografia de Stalin, editada em 1949. Nela relata como o próprio Stalin tomava todas as decisões importantes, descrevendo-o como "um prodígio de paciência, de tenacidade e de vigilância, quase onipresente, quase onisciente[736].

As pesquisas dos historiadores e as declarações dos dirigentes russos durante os últimos anos pintam um quadro completamente diferente. Krushev, confirmando os prognósticos feitos por Trotski em 1927 em relação aos perigos que corria a URSS no caso de uma guerra caso Stalin estivesse na direção, nos mostra o todo -poderoso ditador desmoralizado depois das primeiras derrotas, interrompendo por completo sua atividade durante várias semanas e intervindo depois de forma "nervosa e histérica" no comando das operações militares, sem levar em conta a situação real, estudando as operações de larga escala sobre um globo terrestre. E apesar, ou talvez justamente devido a essa incapacidade de Stalin, pela qual os

735 PARES, Sir Bernard, *A history of Russia (edição revisada)*, Londres, Jonathan Cape, 1955, p. 594.
736 DEUTSCHER, *Stalin, op. cit.*, p. 427.

soldados russos pagaram um preço tão alto, o aparato "se esforçava em difundir para o povo russo a versão segundo a qual todas as vitórias alcançadas pela nação soviética durante a Grande Guerra Patriótica eram devidas ao valor, à audácia e ao gênio de Stalin e a mais ninguém"[737]. Onze anos depois do final da guerra, Krushev afirma ante o XX Congresso, em meio a aclamações: "O papel principal e o mérito da vitoriosa conclusão da luta correspondem a nosso partido comunista, às forças armadas da União Soviética e às dezenas de milhares de homens treinados pelo partido"[738].

Ainda assim, esta última versão dada pelos dirigentes russos está longe de ser completamente satisfatória. Ainda que contradiga aquela que fala da "prudência" do dirigente "onisciente", não por isso deixa de ter certo tom hagiográfico, na medida em que atribui ao partido e, definitivamente, ao aparato, méritos que um exame da situação na véspera da guerra - caracterizada pela absoluta submissão a Stalin - e o autêntico eclipse que esta organização experimenta durante os meses decisivos do conflito não permitem reconhecer.

As primeiras derrotas e seu significado

A extensão das vitórias conseguidas pelos alemães durante a primeira ofensiva é bem conhecida. Em poucos meses, entre junho e outubro, não apenas desaparece a "glacis"[739] edificada na Polônia e nos países bálticos durante a vigência do pacto com Alemanha, como também a *Wehrmacht*[740] penetra profundamente no território russo, ocupando toda a Bielorrússia e a maior parte da Ucrânia, chegando às portas de Leningrado, a menos de cem quilômetros de Moscou e ocupando a maior parte da bacia do Don e o norte da Crimeia. Durante o outono de 1941, depois de poucos meses de *Blitzkrieg*[741], o território ocupado pelos alemães é uma verdadeira amputação das forças vivas da URSS, já que englobava 40% de sua população e fornecia, nas vésperas da guerra, a maior parte de sua produção e de seu equipamento industrial e agrícola, além de 65% do carvão, 68% do ferro, 58% do aço, 60% do alumínio, 41% do equipamento ferroviário, 38% dos cereais e 84% do açúcar[742]. O aspecto mais espetacular da retirada russa é, sem dúvida, o número extraordinariamente alto de prisioneiros que caem nas mãos do exército alemão – serão 2.053.000 antes de novembro de 1941, segundo um documento secreto de Alfred Rosenberg. A maioria deles foi aprisionada às centenas de milhares nos

737 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, p. 54.
738 *Ibid*, p. 55.
739 Limite exterior de uma fortificação militar, em geral um aclive acentuado que impede o inimigo de chegar até as muralhas da fortaleza ou castelo. Designa aqui o conjunto de fortificações defensivas russas estabelecidas nessa região (N. do E.).
740 Assim se chamava o conjunto das forças armadas alemãs durante o Terceiro Reich (N. do E.).
741 Guerra relâmpago (N. do E.).
742 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *Stalin, op. cit.*, p. 430.

"bolsões" criados pela ofensiva alemã: Bialistok e Minsk no início de julho, mais tarde Smolensk, Uman em agosto, Kiev em setembro e Briansk e Viazma em outubro[743].

As enormes dimensões da derrota dos russos suscitaram já naquela época diversas interpretações. Toda uma escola de jornalistas e historiadores vê neste episódio uma manifestação de derrotismo. Segundo eles, a população russa tinha acolhido inicialmente os alemães como seus libertadores. Boris Shub, "especialista" americano em questões russas, explica as vitórias de Hitler pelo fato de que "os milhões de soldados russos, apetrechados com todo o arsenal que exige a guerra moderna, se negavam a lutar por Stalin e esperavam uma rápida derrota que destruísse seu regime"[744]. Na realidade, esta explicação – que corresponde a uma das primeiras análises alemãs – não se confirmou nem pela evolução posterior da situação, nem pelos numerosos e incontestáveis fatos que ocorreram durante as primeiras semanas de guerra. Alexander Dallin indica corretamente que as imagens descritas pelos correspondentes de guerra neutros da acolhida da população à *Wehrmacht* nas regiões recentemente anexadas à URSS não diferem muito das que ocorreram durante a ocupação dos países ocidentais como Holanda, Bélgica e França. Ele também aponta a grande diferença existente entre o tratamento dado aos invasores pela população destes territórios recém-incorporados e aquele das zonas pertencentes à URSS desde a revolução. Mais ainda, muitos destacamentos russos, quando se encontram em situação de combate, lutam e o fazem muito bem; muitas unidades, cercadas pelos alemães desde o início do conflito, combatem durante semanas inteiras para retornar às suas linhas, mesmo sabendo que terão de dar explicações aos seus comandantes e o destino a que então se arriscam[745].

George Fischer, o historiador do "Movimento Vlasov", explica a amplitude do fenômeno de desorganização do Exército Vermelho e das rendições em massa como consequência da domesticação das massas pelo aparato. Depois do primeiro choque com o inimigo, o exército foi incapaz de reagir por falta de diretrizes. Isso se devia, sem dúvidas, ao fato de que o conjunto do aparato estava acostumado a não ter nenhuma iniciativa e a esperar as consignas que chegavam de cima. Também opina que é por esse motivo que a primeira onda de desorganização produzida pelo ataque inimigo tinha criado um caos total, muito mais profundo do que se tivesse resultado unicamente dos fatores militares. De certo modo, este era o

743 Citado por FISCHER, George, *Soviet opposition to Stalin: a case study in World War II*, Harvard, Harvard University Press, 1952, p. 470.

744 SHUB, Boris, *The choice*, Nova York, Duell Sloan and Pearce, 1950, p. 59.

745 Isolados para além do front russo pelo rápido avanço dos tanques alemães, os soldados soviéticos tinham de voltar através da linha do inimigo para se unir ao resto de suas tropas, e assim poder reorganizar sua defesa. Porém, muitos oficiais soviéticos e comissários políticos viam essa manobra – essencial para se manter na luta – como uma retirada, resultando muitas vezes em severas punições (N. do E.).

fruto da ditadura exercida pelo aparato. Tal explicação deve ser levada em conta, inclusive se admitirmos, com Stalin, a tese da "surpresa" do ataque, desenvolvida também por alguns historiadores americanos como Schuman, e a da "cegueira" de Stalin, desenvolvida há alguns anos por Krushev e, depois dele, pelos historiadores militares russos.

Por outro lado, estas teses não são contraditórias se admitimos que o erro cometido por Stalin (que não acreditava em um ataque alemão e esperou até o fim uma negociação que permitiria chegar a um novo acordo), dada a estrutura política da Rússia, a inércia engendrada pela onipotência do aparato e o temor à NKVD, se traduzia na prática nos efeitos de um ataque surpresa, em todos os níveis do aparato do partido e do Estado.

Segundo Harry Hopkins, enviado pessoal de Roosevelt à URSS, Stalin reconheceu em julho de 1941 "que o exército russo teve que fazer frente a um ataque surpresa e que ele mesmo estava persuadido de que a Alemanha não atacaria"[746]. Este era também o conteúdo implícito de seu discurso radiofônico em 7 de julho, no qual tinha declarado que, para fazer frente ao assalto das 170 divisões alemãs estacionadas ao longo da fronteira, "as tropas soviéticas tinham sido colocadas em estado de alerta e transferidas para a fronteira". A partir de 1941, o especialista em questões russas do partido trotskista americano, John G. Wright, tinha posto em evidência as responsabilidades do secretário geral e do aparato do Partido Comunista da URSS, sublinhando alguns dos pontos que Krushev, anos mais tarde, retomaria frente ao XX Congresso.

Na atualidade, parece estar demonstrado que o ataque contra a URSS estava decidido desde o dia 5 de dezembro de 1940, com o nome de "Operação Otto", rebatizada em 18 de dezembro como "Operação Barbarossa". É muito provável que esta decisão tivesse chegado aos ouvidos de Moscou com as revelações obtidas em Tóquio pelo celebre espião Sorge. Krushev lembrou também outras advertências feitas a Stalin: em 3 de abril de 1941 uma mensagem de Churchill, transmitida por Sir Stafford Cripps, seguida de um telegrama de idêntico conteúdo datado de 18 de abril; uma informação de 6 de maio de um adido militar em Berlim chamado Vorontsov, segundo a qual a data do ataque tinha sido fixada para 14 de maio; outro informe de 22 de maio, cujo autor era o adido Klopov, segundo o qual a data tinha sido adiada até 15 de junho; um telegrama da embaixada russa em Londres datado de 18 de junho e no qual se indicava que, segundo Cripps, já tinham se concentrado na fronteira 147 divisões alemãs; por último, a chegada na URSS horas antes do ataque de um soldado alemão chamado Alfred Liskov que tinha desertado, atravessando o rio Pruth a nado. Este homem declarou que sua unidade tinha recebido a ordem de atacar durante a noite de 22 de junho, às 3 da madrugada. Em relação

746 SHERWOOD, Robert, *Roosevelt and Hopkins: An Intimate History*, Nova York, Harper & Brothers, 1948, p. 335.

a este último caso, Krushev acrescenta: "Stalin foi informado disso pessoalmente, mas não levou a advertência em consideração"[747].

Todos estes fatos provam que não houve "surpresa", pelo menos no sentido que Stalin quis dar posteriormente: os dirigentes russos, amplamente informados dos preparativos alemães, não temiam um perigo imediato porque até o final tinham a esperança de evitar a invasão com novas concessões. Depois de ter empregado todas as suas forças na tentativa de tornar o pacto Hitler-Stalin algo tolerável para a opinião pública, os burocratas se mostraram incapazes de colocar a pesada maquinaria de guerra em marcha a tempo para lutar contra aquele que apresentavam como um fiel aliado, e ao lado daqueles que, segundo a propaganda, não eram mais do que criadores de guerras. Em 14 de junho de 1941 todos os jornais da URSS publicaram um comunicado em que ratificava a vigência, por ambas as partes, do pacto de não agressão germano-soviético, "rechaçando como sem fundamento todos os rumores referentes às intenções alemãs de romper o pacto e atacar a URSS" e afirmando que "as concentrações de tropas alemãs ao norte e nordeste não tem nada a ver com as relações germano-soviéticas". Em 16 de junho, diante de comunistas estrangeiros que lhe perguntam sobre o perigo de um ataque alemão, Ulbricht responde: "São só rumores que se divulgam para semear a inquietação. Não haverá guerra"[748].

Até o ataque alemão, iniciado nas primeiras horas de 22 de junho, o enorme aparato stalinista seguirá em sua totalidade a linha que Stalin tinha lhe imposto desde 1939 – a da paz com a Alemanha. Sua enorme inércia o faz continuar assim mesmo após o início da ofensiva, e os primeiros bombardeios alemães não encontram nenhuma resistência, já que Moscou tinha dado a ordem de não responder, como ficou demonstrado depois pelos documentos alemães que reproduziam as informações de suas estações de escuta e, mais adiante, pelas declarações de Krushev diante do XX Congresso: "Apesar da evidência dos fatos, Stalin opinava que a guerra ainda não tinha começado, que se tratava apenas de uma provocação por parte de alguns setores indisciplinados do exército alemão e que uma reação qualquer de nossa parte daria aos alemães um motivo para iniciar realmente a guerra"[749]. O diário do general Halder confirma que, nove horas depois do começo da ofensiva alemã, o governo de Stalin tinha solicitado a mediação japonesa, declarando-se disposto a não romper suas relações com a chancelaria da Wilhelm Strasse. William L. Shirer, o historiador do nazismo, escreve: "A agressão alemã pegou o Exército Vermelho de surpresa ao longo de todo o front. (...) Todas as pontes foram tomadas intactas e em quase toda a fronteira o inimigo pôde penetrar bastante longe no território russo sem que fosse organizada qualquer defesa. Centenas

747 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, pp. 44-48. Em relação à odisseia de Liskov, que Krushev não menciona, veja LEONHARD, Wolfgang, *Child..., op. cit.*, pp. 121-122.
748 Citado por LEONHARD, Wolfgang, *Child..., op. cit.*, p. 108.
749 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, pp. 47-48.

de aviões soviéticos foram destruídos ainda em terra"[750]. A conclusão de Krushev é que a cegueira de Stalin foi a responsável pela catástrofe inicial: "O resultado foi que durante as primeiras horas e os primeiros dias o inimigo tinha destruído (...) grande parte de nossa força aérea e de nossa artilharia e outros equipamentos militares; tinha aniquilado um grande número de nossos quadros militares e desorganizado nosso estado-maior. (...) Não podíamos mais impedi-los de penetrar profundamente em nosso país"[751].

Foi preciso esperar o surgimento do grande romance de Constantin Simonov, *Os vivos e os mortos*, para poder conhecer "a tragédia daqueles meninos que morriam sob as bombas ou que eram aprisionados sem terem podido sequer chegar a seu centro de mobilização"[752]. Naquele momento a máquina burocrática segue seu curso cego: Ilia Erenburg revela em suas memórias que o antigo cônsul em Paris, Nikolai Ivanov, que tinha sido detido no início do ano, foi condenado em setembro de 1941 a cinco anos de prisão pelo delito de "atitude antialemã", precisamente no momento em que os tanques nazistas chegavam às portas da capital[753].

Stalin e seus fiéis historiadores, assim como alguns estudiosos crédulos, como Sir Bernard Pares, afirmaram que a trégua conseguida pela URSS graças ao pacto germano-soviético tinha permitido preparar melhor o Exército Vermelho e propiciado um considerável acúmulo de armamento. Por si, este fato teria pouca importância se levamos em conta a quantidade de forças humanas e materiais que foram destruídas pelo ataque "surpresa". Mas além disso, esta afirmação é muito discutível. Já em 1942, na revista trotskista *Fourth Internacional* (Quarta Internacional), James Cadman citava uma série de números que provavam que, precisamente entre 1939 e 1941, a relação material de forças tinha se invertido a favor da *Wehrmacht*, tanto no que se refere ao número de tanques de guerra como ao de aviões. Mais uma vez esta opinião foi confirmada por Krushev, revelando a debilidade do armamento russo em 1941, principalmente no referente à artilharia antiaérea e antitanque. Além disso, foram retirados do Exército Vermelho os materiais velhos, e os novos ainda não tinham acabado de chegar quando aconteceu o ataque. Não só faltavam tanques, canhões e aviões, mas também fuzis. Além disso, Stalin, com o pretexto de "evitar provocações", tinha proibido a construção de fortificações na região de Kiev, negando a solicitação neste sentido que tinha sido feita pelo chefe militar da zona, general Kirponos[754].

Existe mais um aspecto em que se observa uma notória correlação entre o que afirmam os críticos trotskistas de 1941-1942 e a análise de Krushev por um lado e os estudos russos posteriores à morte de Stalin por outro. Enquanto que, nesse

750 SHIRER, William *Le III Reich*, Paris, Stock, 1961, vol. II, p. 233.
751 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign*, *op. cit.*, p. 48.
752 SIMONOV, Constantin, *Les vivants et les morts*, Paris, René Julliard, 1961, p. 35.
753 Citado no *Le Monde*, 23 de junho de 1962.
754 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign*, *op. cit.*, pp. 46-47.

período, um grande número de historiadores, jornalistas e políticos acreditaram que uma das causas das vitórias russas em 1942 eram os expurgos realizados no exército no período antes da guerra, que teriam permitido eliminar uma espécie de "quinta coluna", Krushev e seus seguidores os denunciam como uma das razões fundamentais da desorganização e das derrotas sofridas. John G. Wright já tinha apontado o fato de que a eliminação total do estado-maior, a execução de seu cérebro Tukhachevski e a liquidação de 90% dos quadros superiores, junto com a substituição destes nos cargos de responsabilidade por uma série de carreiristas e incompetentes, equivalia a uma esmagadora vitória do exército hitlerista. O romancista Simonov atribui a um general da aviação recém promovido a consciência amarga de que "as estrelas do general não tinham trazido consigo a ciência de comandar milhões de homens e centenas de aviões"[755]. Um dos protagonistas de seu romance, o general Serpilin, saiu do campo de concentração no dia seguinte à ofensiva alemã. Sua conduta heroica contrasta com a covardia de seu antigo correligionário, o general Baranov, carreirista preocupado, antes de mais nada, em "satisfazer os de cima", o que até então parecia ter conseguido. Em 1956 Krushev se refere às "desastrosas consequências" da depuração de 1937-1938, à sistemática liquidação de todos os quadros superiores com alguma experiência militar, na Espanha ou no Extremo Oriente. Ninguém pode contestar na atualidade o fato de que a depuração do Exército Vermelho, em vez de livrá-lo de uma suposta "quinta coluna", só conseguiu decapitá-lo, privando-o de seus elementos mais capacitados no plano técnico e, muito provavelmente, dos mais abnegados na defesa de seu país, no plano político.

A resistência

Não tentaremos de modo algum diminuir a importância da batalha de Stalingrado, que, sem dúvidas, foi a tumba do exército alemão durante o inverno de 1942. No entanto, é preciso apontar que o momento em que a situação militar começou a se modificar se situa um ano antes, no começo do inverno de 1941. Durante o outono daquele ano, as tropas alemãs tinham se detido nos arredores de Leningrado e Moscou. Foi nas ruas de Rostov e de Sebastopol onde os alemães enfrentaram pela primeira vez uma encarniçada resistência, casa a casa, rua a rua, esse combate corpo a corpo que em Stalingrado daria aos russos sua vitória mais espetacular. É nesse período que se formam os primeiros grupos de *partisans*, cuja ação posterior terá enorme importância, tanto no plano moral como no estritamente estratégico, como reconheceram numerosos chefes militares alemães.

Ao se referir à resistência nas cidades operárias como Moscou, Leningrado, Rostov e Sebastopol, Henri Michel relata que "verdadeiras massas humanas tra-

755 SIMONOV, Constantin, *op. cit.*, p. 63.

balharam nas fortificações improvisadas"[756]. Também alguns correspondentes de guerra tão impermeáveis à propaganda oficial como o americano Lesueur, ressaltaram a participação na defesa de destacamentos de operários armados. O general von Blumentritt relatou a forma como os soldados alemães da 2580º divisão, depois de conseguirem chegar aos subúrbios de Moscou, foram ali detidos por uma autêntica muralha humana composta fundamentalmente por operários armados com martelos e outras ferramentas[757]. O jornalista australiano Godfrey Blunden também dedicou um livro, *A Room on the Route* [Um quarto na estrada, em tradução livre – N. do E.], a um fato confirmado por diversos testemunhos: a formação de uma série de grupos de combate compostos por presos políticos, que aceitavam desempenhar missões suicidas no front de Moscou. Ao mesmo tempo em que ressalta que em outubro de 1941 a maioria da população de Moscou permaneceu inerte e passiva, pelo menos nos primeiros dias, no momento em que o governo evacuou a capital levando consigo todo o efetivo policial. Schapiro conta que a vontade de resistir a qualquer preço teve origem entre uma minoria "que era composta fundamentalmente de gente jovem das fábricas"[758]. Era uma pequena vanguarda operária tão entusiasmada como a que acolheu clamorosamente o primeiro plano quinquenal e cuja ação substituiu eficazmente a do débil partido. A partir de agosto foram organizadas em Leningrado – cuja defesa, enquanto "cidade da Revolução de Outubro", vai ser pedida por Voroshilov ao povo – milícias operárias que não só patrulham os bairros e treinam com regularidade, mas que também assumem a defesa de determinados setores do front. Simultaneamente, aparecem tais formações em Rostov e em Moscou. O decreto que torna obrigatória a instrução militar para os que têm entre 16 e 50 anos só será assinado em setembro, mais de um mês depois desta medida ter sido colocada em prática e – como exceção a uma sólida tradição do regime – sem ter sido precedida por uma campanha de imprensa e por reuniões. John G. Wrigth aponta que, durante um longo período da história da URSS, foi provavelmente a única medida colocada em vigor a partir de uma iniciativa espontânea, tomada independentemente do aparato, que parece ter vacilado consideravelmente antes de decidir sancioná-la quando já era um fato consumado[759].

Nas regiões ocupadas pelos alemães parece ter começado um processo idêntico. Henri Michel escreve: "A desorganização é evidente. Os povoados ocupados são praticamente abandonados à sua própria sorte. Se formam espontaneamente uma série de grupos sem plano de conjunto, sem nenhuma diretiva. (...) Frequentemente, a iniciativa é de alguns cidadãos sem partido que descobrem em si almas de

756 MICHEL, Henri, *Les mouvements clandestins*, Paris, P.U.F., 1961, p. 117.
757 LIDDEL HART, Sir Basil Henry, *On the other side of the hill*, Cassel and Company, 1948 p. 196.
758 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 497.
759 WRIGHT, John, *A URSS na Guerra* em *Fourth International*, janeiro de 1942, pp. 15-19.

caudilhos"[760]. Armstrong, estudioso dos movimentos *partisans* da Ucrânia, chega à mesma conclusão: os "planos" que previam sua organização existiam talvez, mas não foram postos em movimento pelo aparato central. Os dirigentes do partido que desempenharam uma função neles sempre foram homens dos níveis inferiores do aparato, que decidiram atuar por iniciativa própria. De todo modo, os membros do partido nunca chegaram a ser mais de 7% dos efetivos totais desses grupos[761]. No dia 16 de janeiro de 1942 o *Pravda* publica uma ata do Comitê Regional de uma região não especificada, referente aos territórios reconquistados dos alemães durante as últimas semanas: "O Comitê Regional decidiu que, antes de tudo, é preciso reunir os quadros de ativistas e restabelecer os órgãos de poder soviético nas localidades liberadas. Todos eles não voltarão a seus antigos cargos. Entre eles aconteceu que, no momento crítico, mostraram suas almas de corrompidos, covardes, traidores. (...) Descobrimos novos quadros, tanto bolcheviques como sem partido". O artigo mostra com toda clareza este duplo fenômeno, insuficientemente valorizado pelos historiadores do partido durante a guerra, a saber, o desaparecimento objetivo do partido, mesmo na clandestinidade – em vez de sua pretensa "letargia" – durante a agressão alemã, a qualidade medíocre dos quadros do aparato, do qual alguns setores se acovardaram irremediavelmente e também a vontade da direção de reconstruí-lo de cima, quando o Exército Vermelho inicia a reconquista.

Em certos aspectos tudo transcorre como se, em diferentes níveis, mas de forma generalizada, o partido, na hora da verdade, demonstrasse não ser mais que uma casca vazia. A resistência real lhe é alheia, tanto nas regiões ameaçadas como nas perdidas. Em 18 de janeiro de 1942 o *Pravda* se refere à situação do partido em Rostov. Nesta cidade, da qual as tropas alemãs foram expulsas pelo Exército Vermelho e pela população civil em armas depois de uma série de encarniçados confrontos, o partido não tem mais do que 5.000 membros em uma população de 500.000 pessoas. No dia 29 de setembro em Moscou, Sherbakov, secretário regional e membro suplente do Birô Político, declara diante do Comitê Regional que "certo número de organizações do partido, (...) em vez de reforçar o trabalho político, o debilitaram. (...) Deixaram de convocar reuniões do partido e descuidaram da agitação política entre as massas"[762]. O Comitê Regional votará uma resolução que "obriga os dirigentes do partido da cidade e da província a ir às reuniões operárias e apresentar nelas os informes correspondentes". O *Pravda* do dia 27 já se queixava da falta de vigilância de certos membros do partido, que permitiam que se expressassem em público vários "agentes provocadores", divulgadores de "notícias falsas" que provocavam a "desmoralização". Nestes primeiros meses o partido não só não é o dirigente da resistência, mas inclusive tende a debilitar-se por causa dela.

760 MICHEL, Henry, *op. cit.*, pp. 117-118.
761 ARMSTRONG, John, *The soviet bureaucratic elite: a case study of the ukrainian apparatus*, Nova York, Praeger, 1959, pp. 128-131.
762 *Pravda*, 31 de setembro de 1941.

Somente a etapa seguinte, de 1942 e 1943, quando são reconstruídos os comandos do aparato, lhe permitirá se aproveitar do entusiasmo popular, ampliar sua base de recrutamento, e passar a controlar de maneira efetiva, através da NKVD, a maioria dos grupos de *partisans*.

Os objetivos alemães

Como vimos, o ataque alemão era perfeitamente previsível e era até certo ponto inclusive inevitável. Estava inscrito nas necessidades do imperialismo alemão em relação a mercados, matérias primas e produtos agrícolas e também no conteúdo da ideologia nacional-socialista, que falava sobre uma cruzada contra o "bolchevismo" e o "judaísmo" e sobre a luta contra qualquer atividade revolucionária. Durante vários anos o "sonho russo" apareceu uma vez e outra nos discursos de Hitler como a "Índia da Alemanha", ou seja, uma imensa colônia, cuja exploração permitiria o cumprimento das promessas feitas pelo nacional-socialismo aos operários alemães, transformando-os em uma aristocracia operária de privilegiados, e instaurando assim uma verdadeira "ordem" que eliminaria para sempre o perigo de uma revolução. Desde 1936 Hitler gritava: "Se tivéssemos à nossa disposição os Urais, com sua incalculável riqueza em matérias primas, os bosques da Sibéria e se os infinitos campos de trigo da Ucrânia pertencessem à Alemanha, nosso país nadaria na abundância"[763]. Ao mesmo tempo, a URRS representava por seu passado e sua ideologia, por seu prestígio diante dos operários e por sua estrutura socioeconômica, a grande inimiga da "Grande Alemanha", a negação da teoria da raça, a revolta dos servos contra os senhores, o "cosmopolitismo" internacionalista e judaico, em uma palavra, o monstro da revolução e do bolchevismo, o adversário número um do nacional-socialismo. O próprio nome de "Operação Barbarossa"[764], dado à campanha de 1941, serve para revelar ainda mais o caráter de cruzada e de luta impiedosa que quiseram conferir os chefes hitleristas a esta guerra, de cuja iminência, ao contrário de Stalin, nunca tinham duvidado.

Não é difícil compreender o significado real da resistência dos russos à invasão alemã, seu caráter inicial de luta de vanguarda e de classe e o caráter massivo que tomou a partir de 1942. Contra a *Wehrmacht*, a população soviética empreendeu uma luta pela sobrevivência, na medida em que a vitória alemã teria significado a morte a curto prazo para milhares deles, e de todo modo, uma escravidão e uma regressão histórica tal, que, comparado com elas, o regime stalinista pareceria uma verdadeira idade de ouro. O que sabia uma pequena minoria – na qual se encontravam provavelmente os oposicionistas que se sacrificaram às portas de Moscou

763 Citado por DALLIN, Alexander, *German rule in Russia 1941-1945: a study of occupation policies*, Londres, Macmillan, 1957, p. 8.
764 Pelo apelido do imperador do Sacro Império Romano Germânico, Frederico I, que participou da Terceira Cruzada e era conhecido por sua longa barba ruiva (N. do E.).

- durante os primeiros meses de 1941, a experiência acabará ensinando ao resto da população a partir desta data. A conquista alemã significava historicamente não só a destruição do regime stalinista, mas também a destruição de todas as realizações econômicas, de todas as "conquistas de Outubro" e de uma parte importante das forças produtivas, a reintegração do território e dos recursos soviéticos no sistema capitalista e, principalmente, uma adaptação forçada às necessidades e exigências do imperialismo alemão. Em um país profundamente transformado pela revolução, pelo período da reconstrução e da "edificação socialista", isso supunha evidentemente um retrocesso e, independentemente dos bons ou maus sentimentos dos líderes nazistas, de seus métodos e de suas intenções, supunha também a aniquilação pela violência direta ou pela fome de milhões de russos. De fato, sua existência cotidiana está assegurada - mesmo que às vezes de maneira precária - por uma economia baseada na nacionalização dos meios de produção, inclusive da terra, no monopólio do comércio exterior e na direção planificada da economia.

O lugar reservado aos povos da URSS no futuro por uma Alemanha imperialista era o de colônias que oferecessem um mercado aos produtos de sua indústria, um reservatório de produtos agrícolas e matérias primas. Os planos de organização econômica desenhados anteriormente a 1941 previam a "naturalização" ou "desindustrialização" da Rússia, deixando somente os campos e as minas. Esta transformação não seria de modo algum uma restauração do passado feudal. Apesar do entusiasmo manifestado diante da "cruzada" pelos últimos restos dos brancos da guerra civil, como o chefe cossaco Skoropadski, Chandruk, o antigo chefe do estado-maior de Petliura, Banderski, antigo assessor de Kolchak ou o general cossaco Krasnov, parece estar provado que os nazistas jamais tiveram a intenção - ao contrário do que afirmou a propaganda soviética - de restabelecer os antigos proprietários ou de devolver as terras aos nobres. E isso por dois motivos: tanto porque a explicitação deste propósito teria atraído para Hitler o ódio geral da população, quanto porque não entrava nos cálculos nazistas trabalhar para outros que não fossem os dirigentes da classe proprietária alemã. A este respeito, Hitler solicitou pessoalmente a seus funcionários que cuidassem para que nenhum russo pudesse se tornar um grande proprietário de territórios do leste. Tal colonização da Rússia implicava, para os dirigentes alemães, na necessidade de eliminar qualquer elemento suscetível de desempenhar um papel na resistência à dominação nazista, como poderia ser a classe operária, organizada ou não, e a *intelligentsia*. Uma ordem do estado-maior econômico de Goering, datada de 23 de maio de 1941, prescreve a destruição de todos os setores industriais nos territórios conquistados, precisando: "Proibição absoluta de tentar salvar a população da morte por inanição". Este mesmo objetivo explica os desesperados esforços da *Wehrmacht* em apoderar-se, antes do inverno de 1941, de Moscou e Leningrado, "cidades santas do comunismo", e a ordem pessoal de Hitler de arrasar Leningrado com a

artilharia sem levar em conta a população, "nem que seja de uma fração dela"[765]. Essa necessidade tão política quanto econômica e social serve para explicar a "diretiva comissária" de maio de 1941, na qual se ordenava a imediata liquidação de todos os dirigentes e comissários políticos, fosse qual fosse seu nível hierárquico, a partir do momento de sua detenção ou, no máximo, quando chegassem a um campo de transferência[766].

A aplicação do genocídio exigia que seus executores estivessem persuadidos do caráter sagrado de sua missão. A teoria racial do *Untermensch*[767] - que pregava a inferioridade de todas as raças não germânicas, em especial das eslavas e asiáticas da URSS -, inculcada nos membros das SS[768], nos bandos de assassinos especializados, e, sempre que possível, em todos os militares alemães, era, como aponta Alexander Dallin, "parte integrante da ótica nazista"[769] e tinha sido traduzida por Goebbels na fórmula lapidar: "Não são homens, e sim um conglomerado de animais".

A inesperada resistência do povo russo e o prolongamento da guerra dificultaram a aplicação integral de um programa cujos pontos fundamentais - a destruição da indústria e a "reprivatização" da agricultura - exigiam como condição prévia o fim de todo tipo de resistência militar. Ainda assim, os primeiros meses da guerra permitiram à população russa ter uma ideia bastante clara do que os esperava. Os *Einsatzgruppen*[770], comandos de extermínio de "judeus e comunistas", exerceram desde o início sua sangrenta atividade. O grupo encabeçado por Ohlendorf eliminará - "por razões ideológicas", como ele próprio disse - 90.000 pessoas em um ano, das quais 33.771 foram mortas em apenas dois dias, 29 e 30 de setembro de 1941, em Kiev. O grupo de Stahleker reivindica em 1° de janeiro de 1942 outros 229.052 assassinatos[771]. A "diretiva comissária" é aplicada tanto no exército como nos campos de prisioneiros: dos cinco milhões de prisioneiros de guerra russos, só um milhão chegará vivo ao final da guerra. Dos milhões de pessoas levadas aos campos depois da campanha de 1941, mais da metade perecerá como consequência da fome, do frio e das torturas. As autoridades alemãs fecham sistematicamente as escolas. Hitler disse: "Ensinar os russos, ucranianos e quirguizes a ler acabaria voltando-se contra nós. A educação daria aos mais inteligentes deles a oportunidade de conhecer a história, de adquirir um sentido histórico e desenvolver ideias

765 Citado por SHIRER, William, *op. cit.*, tomo II, p. 235.
766 Citado por DALLIN, Alexander, *op. cit.*, pp. 30-31.
767 Literalmente, "sub-homem" em alemão (N. do E.).
768 Abreviação de *Schutzstaffel*, que quer dizer "tropas de proteção" em alemão. As SS começaram como uma organização paramilitar ligada diretamente ao partido nazista. Mais tarde, com a ascensão de Hitler ao poder e a conquista do monopólio político pelos nazistas, as SS passaram a absorver oficialmente distintas forças policiais e estruturas estatais repressivas (N. do E.).
769 *Ibid.*, p. 70.
770 Literalmente, "grupos de intervenção" em alemão (N. do E.).
771 SHIRER, William, *op. cit.*, pp. 333-334.

políticas que só poderiam ser hostis a nossos interesses"[772]. "Em diversas ocasiões a história provou que as pessoas que possuem uma educação maior do que a que corresponde à sua posição acabam tornando-se os pioneiros dos movimentos revolucionários"[773]. E se os nazistas vão permitir o retorno dos padres, reivindicado por um grande número de camponeses, isso se deve à sua convicção de que são necessários para manter os povos submissos "em sua estupidez e embrutecimento" e para "mantê-los calmos"[774].

Apesar de seus princípios "ideológicos" proclamarem a livre iniciativa e o direito de propriedade, apesar de sua suposta hostilidade ao "regime de servidão judeu-bolchevique", os dirigentes nazistas se negam, por outro lado, a dissolver os kolkhozes e, inclusive – salvo raríssimas exceções –, a deixarem essas fazendas se dissolverem quando seus componentes manifestassem tal desejo. Os economistas alemães reconhecem que a "descoletivização", mesmo que realizada segundo um plano organizado pelas autoridades alemãs, provocaria uma forte queda na produção e "incalculáveis prejuízos materiais", nas palavras de Alfred Rosenberg, materializados, provavelmente, em uma onda de fome generalizada e certamente na impossibilidade de utilizar os recursos agrícolas das regiões conquistadas para o abastecimento do exército e das cidades alemãs[775]. A princípio, se manterá, pois, o *status quo*: os *kolkhozes* continuam funcionando sob controle alemão, forçados a entregar enormes quantias de grãos, submetidos a todo tipo de humilhações políticas e militares e, pouco depois, aos castigos corporais, com o restabelecimento oficial da punição com açoite.

Assim como a "descoletivização", a "desindustrialização" será postergada até o final das hostilidades. Algumas fábricas são desmanteladas, como a siderúrgica eletrificada de Mariupol, entregue à gigante Krupp e enviada a Breslau. As grandes empresas que puderam ser capturadas durante o avanço nazista são confiadas a companhias estatais controladas pelos representantes das grandes sociedades capitalistas ou então transferidas às empresas alemãs em regime de usufruto até o final da guerra, quando passariam a ser de sua propriedade. A fábrica de alumínio de Zaporozhe é entregue ao truste Vereinigte Aluminiumwerke. O Flick Konzern e os Reichwerke Hermann Goering se apoderam das plantas siderúrgicas de Donetz, formando uma sociedade financiada pelos maiores bancos. A I.G. Farben organiza duas filiais, o conglomerado Siegener Maschinenbau se apropria das fábricas de Voroshilov e Dniepropetrovsk, enquanto a Krupp toma conta de duas fábricas em Mariupol, duas em Kramatorskaia e uma em Dniepropetrovsk[776]. O

772 Citado por DALLIN, Alexander, *op. cit.*, pp. 30-31.
773 *Ibid.*, p. 461.
774 Citado por SHIRER, William, *op. cit.*, p. 310.
775 Citado por DALLIN, Alexander, *op. cit.*, p. 321.
776 MANDEL, Ernest, *Traité d'économie marxiste*, Paris, Julliard, 1962, tomo II, p. 229.

gauleiter Sauckel[777] vai organizar em seguida uma verdadeira caça à mão de obra, fornecendo milhões de proletários às grandes empresas alemãs e incorporando a elas, por decreto, até mesmo crianças de dez anos. Seja na Rússia ocupada, seja na Alemanha, os operários que asseguram os lucros da Krupp, Reichwerke Hermann Goering, I.G. Farben e outras empresas conhecerão condições de vida miseráveis e infames, que lhes serão impostas devido à sua condição de *untermensch*: "a fome, os espancamentos, as doenças, o frio dentro das casamatas sem fogueira, vestidos só com roupas leves, (...) as intermináveis horas de trabalho, cujo único limite era sua capacidade de se manter em pé", eis como William Shirer descreve esse inferno[778].

É esta experiência, difundida espontaneamente de um lado e outro do front pelo povo russo e, mais tarde, de forma sistemática e com os métodos mais modernos pelas autoridades soviéticas, explica o levante unânime da população e a determinação com que, depois da vanguarda operária das grandes cidades, todos os setores da sociedade russa lutaram contra o exército nazista.

A partir de 1942 alguns setores dirigentes alemães consideram a possibilidade de uma política mais flexível que permita ganhar para sua causa certos grupos sociais, principalmente os camponeses. A lei agrária de fevereiro de 1942 outorga aos membros do *kolkhozes* a propriedade de sua parcela individual, e legalizando também sua ampliação. Os *kolkhozes*, assim transformados em um tipo de "economia comunal" e a formação das "cooperativas agrícolas" passam a servir de transição rumo à restauração da propriedade individual[779]. Mas já é muito tarde para isso. O campesinato, única classe na qual uma política de restauração do capitalismo poderia encontrar apoio, passou definitivamente para o outro lado, principalmente como resposta ao ciclo infernal de repressão organizado pela *Wehrmacht* em sua ânsia de exterminar os *partisans* a qualquer preço.

Ainda assim, no final de 1942, os esforços de alguns altos oficiais e políticos alemães, especialistas em questões russas, vão levar à criação de um movimento de colaboração, apoiado oficialmente durante certo tempo. É interessante notar que as personalidades que compunham o chamado "Movimento Vlasov" eram todas burocratas membros do partido. Andrei Vlasov, de família camponesa e combatente do Exército Vermelho em 1919, tinha permanecido em suas fileiras como oficial e se filiado ao partido em 1930, beneficiando-se posteriormente de uma rápida promoção durante o período da ascensão de Stalin. Em 1938 era conselheiro militar de Chiang Kai-shek, em 1939 comandava uma divisão, e em 1941 estava à frente do 4º corpo blindado, lutando em Kiev e Kursk e assumindo, em Moscou, o

777 Gauleiter é uma espécie de comandante de província ou de cidade. Fritz Sauckel, gauleiter da Turíngia, era também o Plenipotenciário Geral do Reich para o Emprego de Trabalhadores, encarregado de obter mão de obra para a máquina de guerra nazista (N. do E.).
778 Citado por SHIRER, William, *op. cit.*, tomo II, p. 320.
779 Citado por DALLIN, Alexander, *op. cit.*, p. 334.

comando do 20º Exército. Depois de todas estas campanhas, foi nomeado general de divisão - com apenas quarenta e um anos - e condecorado com a Ordem de Lenin. Eva Curie e Sulzberger, que o entrevistaram então, enfatizam suas declarações de lealdade a Stalin. Em março de 1942, quando era assistente do general Meretzkov no front de Volkov, é cercado junto com suas tropas, sendo capturado pelos alemães. É em setembro de 1942, do campo de concentração de Vinnitza, onde se encontra, que escreve a declaração de fundação do que será o "Comitê Russo de Libertação", e cujo estado-maior é formado por mais três oficiais superiores, os generais de brigada Malichkin, Blagoveshenski e Trukhin. George Fischer estudou cuidadosamente a personalidade do homem que foi a eminência parda desse movimento, conhecido pelo nome de Milenti Zikov, e dotado, segundo todos os testemunhos, de qualidades excepcionais. Ainda assim, o mistério que o cerca continua sem ser completamente esclarecido. Tudo indica, no entanto, que era judeu e parece ter cumprido importantes funções na imprensa comunista, principalmente no *Izvestia*. Depois de ter sido detido como direitista e liberado posteriormente, Zikov ainda ocupou, antes de sua captura, as funções de comissário-adjunto de divisão, de acordo com suas próprias declarações, que, segundo Fischer, pecam por excesso de modéstia. O grupo dos colaboracionistas russos incluía também outro *apparatchik*, George Zhilenkov, antigo secretário do partido em um importante distrito de Moscou, que depois se tornou comissário político do 24º Exército de Assalto. A partir de testemunhos reunidos a seu respeito, que se referem ao luxo de que se rodeava, à sua arrogância frente a seus subordinados e ao seu cinismo, Fischer vê nele o típico "nobre soviético".

A história do Movimento Vlasov não cabe no quadro deste estudo. O historiador do partido deve se limitar a observar que os que aceitaram desempenhar o papel de colaboradores da cruzada nazista são burocratas do exército e do aparato, autênticos quadros stalinistas. Também deve-se ressaltar que, em seu esforço para conseguir partidários, os "vlasovistas" tiveram que levar em conta as transformações reais acontecidas na Rússia desde a Revolução de Outubro, acentuando em sua propaganda uma série de consignas pouco compatíveis com seu verdadeiro papel de fantoches dos nazistas: o rechaço aos "projetos reacionários que supõem uma limitação dos direitos do povo"; a limitação da propriedade ao que tenha sido "ganho com o trabalho"; liberdade de consciência, de reunião, de imprensa; nenhum de seus materiais exprimem qualquer condenação à Revolução de Outubro e insistem no papel desempenhado pelos chefes do Movimento Vlasov durante a guerra civil contra os brancos e contra a *Wehrmacht*, antes de sua captura[780]. Porém, o desejo desses colaboracionistas de serem colaboracionistas sérios vai levá-los a extremos que logo deixam de ser aceitáveis para os dirigentes nazistas. Assim, o branco Krasnov acusará Vlasov de ser um "bolchevique" e de pretender

780 FISCHER, George, *op. cit.*, pp. 58-60.

"vender a Rússia" aos judeus. Zikov, que as SS desconfiam ser um agente secreto russo, desaparece em 1944 sem deixar rastros. A partir de 1943, Hitler põe fim às atividades do Movimento Vlasov, limitando-as ao assessoramento militar e proibindo seus membros de transitarem pelos territórios russos conquistados. A propaganda de Vlasov vai servir principalmente para recrutar para o exército alemão dezenas de milhares de miseráveis prisioneiros russos, convencidos a isso pelo estímulo do pagamento ou pelas possibilidades de pilhagem, que eles preferem a uma morte lenta.

A Grande Guerra Patriótica

O ataque do exército alemão é comunicado ao povo russo por um discurso de Molotov transmitido por rádio em 22 de junho. Pela primeira vez em dois anos é utilizada a palavra "fascista", que tinha sido apagada do léxico oficial desde 1939. O discurso é encerrado com um chamado a "cerrar fileiras em torno ao nosso glorioso partido bolchevique, ao nosso governo, à União Soviética e ao nosso chefe, o camarada Stalin". A guerra se torna oficialmente "Grande Guerra Patriótica"[781]. Stalin, que pela primeira vez na história do regime concentra as funções de secretário geral do partido e de presidente do Conselho de Comissários do Povo, guarda silêncio e se abstém de aparecer em público durante as semanas que se seguem, nas quais à amargura da derrota se acrescenta o choque moral de ser informado pela rádio alemã da captura de seu filho Yakov, assim como das declarações derrotistas feitas por este à radio e imprensa nazistas. No dia 30 de junho é formado um Comitê de Defesa do Estado, que detém todos os poderes. É integrado por Stalin, Voroshilov, Molotov, Béria e Malenkov. Durante o resto da guerra será o organismo supremo da URSS, fazendo-se dois ajustes nele: a entrada de Kaganovich, Mikoyan e Voznesenski em fevereiro de 1942 e a substituição de Voroshilov por Bulganin em 1944.

Por fim, no dia 3 de julho, mais de dez dias depois do ataque, Stalin dirige ao povo russo seu famoso chamado radiofônico: os russos devem empregar uma tática de terra arrasada contra um "inimigo cruel e implacável" para que este não possa aproveitar nada. Também relembra a derrota de Napoleão, exaltando a lembrança da "guerra patriótica nacional" levada contra ele pelo povo russo. Também se refere – e esta é uma recordação mais significativa – à vitória das "forças anglo-francesas" sobre o exército de Wilhelm II em 1918. Stalin, confinado no Kremlin, não sairá até o dia 6 de novembro, quando será celebrada, em uma estação de me-

781 A historiografia soviética (e atualmente a russa) separa a Segunda Guerra Mundial – ou seja, o conjunto dos conflitos bélicos ocorridos no mundo desde a invasão da Polônia pela Alemanha nazista em 1º de setembro de 1939 até a rendição do Japão em 2 de setembro de 1945 – da guerra entre a URSS e a Alemanha, considerada guerra de libertação nacional e chamada por isso de Grande Guerra Patriótica (22 de junho de 1941 – 9 de maio de 1945) (N. do E.).

trô da capital, uma assembleia ampliada do Soviet de Moscou. Também comparecerá ao desfile de tropas comemorativo da Revolução de Outubro, que acontece na Praça Vermelha, saudando os soldados que partem para o front. Nesta ocasião ele faz um chamado a que as tropas soviéticas resistam até o fim em nome dos "grandes antepassados" Alexander Nevski, Suvorov e Kutuzov[782].

Stalin é o único dirigente que permanece na capital, da qual serão evacuados todos os serviços governamentais. Este gesto de força contribuirá decisivamente para a criação da lenda do homem de ferro, inspirador impávido da resistência até a morte. E no entanto, apesar desse gesto, Stalin deixou escapar em público (como recorda Krushev): "Tudo o que Lenin fez, perdemos para sempre". É esta lenda de Stalin que será reproduzida por Isaac Deutscher em sua biografia: "De seu escritório, em contato permanente e direto com os comandos das diversas frentes, ele observava e dirigia as campanhas"[783]. Krushev, por outro lado, se dedica a destruir o mito ao afirmar:

> Stalin, na realidade, não compreendia muito a situação tal como esta se desenvolvia no front. Era natural, visto que, durante toda a Grande Guerra Patriótica, nunca visitou nenhum setor do front nem qualquer cidade liberada, exceto por um breve passeio pelas ruas de Mozhaisk durante um período de estabilização. (...) Ao mesmo tempo, interferia nas operações e dava ordens que não tinham relação alguma com a situação real em um determinado setor do front e que portanto só podiam provocar graves perdas de vidas humanas[784].

Ainda assim, parece que pouco a pouco os chefes militares mais inteligentes conseguem impor-se, instaurando concepções mais sérias que as daquele que se autodenominou "comandante-em-chefe". Em vez dos ataques frontais exigidos por ele até finais de 1941, começam a elaborar uma tática mais flexível, buscando cercar o inimigo através de ataques às saliências de seu front. No entanto, esta mudança de tática foi acompanhada de muitos problemas. Em junho é detido e executado, junto com todo seu estado-maior, o general Pavlov, especialista em blindados, pagando as consequências da derrota e da inaptidão do regime que o tinha colocado no comando do front oeste. No entanto, Voroshilov e Budioni, cuja incompetência e incultura são notáveis, mas que estão ligados a Stalin por uma longa cumplicidade que remonta à guerra civil, permanecem, junto a Timoshenko, no comando dos três grandes setores do front. Mas o critério exclusivamente burocrático, baseado nas relações de grupo ou na solidariedade do aparato, para a escolha das promoções e designações já não pode, neste momento, ser mantido sem grandes riscos.

782 Alexander Suvorov comandou as tropas russas nas guerras russo-turcas de 1768-1774 e 1787-1791. Mikhail Kutuzov comandou a resistência à invasão napoleônica à Rússia em 1812. Sobre Alexander Nevski, ver capítulo 16 (N. do E.).

783 DEUTSCHER, Isaac, *Stalin, op. cit.*, pp. 426-427.

784 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, pp. 50-51.

Necessita-se de talentos, de técnicos e comandantes capacitados, que serão buscados nas prisões e nos campos de concentração: tal é o caso do polonês Rokosovski, antigo oficial de ligação de Tukhachevski, e também de Podlas e Meretzkov. Os novos oficiais são recrutados também no próprio front, entre aqueles que se destacam e que demonstram capacidade de iniciativa, uma qualidade que até então era descartada imediatamente. A partir do outono de 1941 Voroshilov e Budioni são afastados de qualquer comando efetivo, mas terão maior sorte do que Pavlov, e vão conservar seus títulos, suas honrarias e suas vidas. Seu lugar é ocupado por verdadeiros técnicos e por militares de carreira, que são membros do partido por serem oficiais e não o inverso, homens como por exemplo Zhukov e Vasilevski. As promoções são rápidas e recompensam o talento e o êxito, e não mais a delação ou as manobras dentro do aparato. Entre os novos generais há homens muito jovens: Rodimtsev, que foi capitão no front de Madrid, em 1937; e principalmente Cherniakovski, o jovem judeu que passou de comandante em 1941 a general-comandante de exército em 1944, morrendo em 1945 aos 39 anos.

Os outros setores da vida soviética presenciaram um fenômeno análogo. Até certo ponto o controle férreo do aparato se abranda e não é casual que Voznesenski, o único dirigente do partido que é um técnico de verdade e cuja carreira se desenvolveu em parte à margem do aparato, seja colocado no controle da economia. O gravíssimo perigo que se abate sobre o país contribui para aliviar a opressão burocrática. Korneitchuk, o porta-voz de Stalin, vai tentar apresentar estas novas promoções, no front, como mais um mérito do "chefe genial" que sabe quando chegou o momento de substituir a velha geração revolucionária por jovens capazes, quando na verdade é a própria necessidade que impõe essas mudanças. Já não se fala de traidores e espiões "trotskistas" e "bukharinistas", ainda que sejam citados de vez em quando, principalmente para associá-los a Vlasov, ainda que este tenha sido um stalinista modelo antes de passar para o lado de Hitler.

Alguns condenados são liberados discretamente e, ainda que esse fenômeno não tenha alcançado a dimensão que Deutscher lhe atribui, por afetar principalmente a especialistas que na verdade nunca foram autênticos oposicionistas, o silêncio sobre as acusações passadas é uma espécie de reabilitação tácita. Trata-se, em suma, de uma autêntica trégua, exigida pelas necessidades da defesa, e na qual se chegará inclusive a acolher, quando parece necessário, aos chefes dos grupos armados que apoiaram os alemães, quando estes decidem abandonar a causa errada e voltar ao bando dos "patriotas".

De fato, Stalin se esforça para criar uma espécie de união sagrada nas fileiras da resistência nacional e o consegue. Os operários são sua vanguarda: a reconstrução das indústrias de guerra no leste[785] bate todos os recordes de rapidez e os objetivos

785 Com a transformação das principais áreas industriais da URSS, situadas no oeste do país, em zonas de guerra, um grande esforço será feito para criar novos centros industriais para além dos Urais, área fora do alcance dos exércitos e ataques aéreos alemães (N. do E.).

mínimos são amplamente ultrapassados, tudo isto em meio a condições de vida e de trabalho excepcionalmente adversas. Em todas as cidades os operários voluntários saem dos subúrbios para se integrar nas milícias populares ou nos batalhões de trabalhadores – integrados sobretudo por mulheres –, que cavam as trincheiras e constroem as linhas defensivas. O campesinato deve ser ganho para a causa pois dele depende o abastecimento do exército e da população urbana. A perda das ricas regiões agrícolas do oeste provoca um rápido aumento dos preços dos alimentos. Para estimular a produção e fazer frente às necessidades mais urgentes, o governo multiplica as concessões e autoriza o desenvolvimento dos mercados kolkhozianos de venda livre: sua proporção no comércio varejista passa de 15,9% em 1939 para 44,5% em 1942-1943, processo que Ernest Mandel denomina de "vingança generalizada do campo sobre a cidade", pois enquanto os operários fazem enormes sacrifícios, alguns membros dos *kolkhozes*, em contrapartida, conseguem enormes lucros. Durante a guerra vão surgir os primeiros milionários nos *kolkhozes*; novos *kulaks* vão se aproveitar do conflito para se apropriar de terras – que teoricamente continuam a ser de propriedade coletiva - em um montante de alguns milhões de hectares, como se saberá depois da guerra.

A burocracia assiste a defesa e consolidação de seus privilégios. Os velhos títulos ressurgem: a partir de 1941 os diplomatas são "embaixadores" e "ministros". São fixadas normas de classificação e promoção; a cada grau corresponde um título e um uniforme. Trata-se de aumentar a autoridade dos funcionários civis. Assim, o "quadro de patentes" da administração judicial, inclui um "quadro de comparação" com as patentes militares. Alf Edeen pode assim escrever sem exagero que "o ciclo do desenvolvimento russo foi concluído" com o restabelecimento da "tabela de postos" dos tempos de Pedro, o Grande[786] [787].

A casta militar é particularmente favorecida. Os comunicados e circulares voltam a colocar em vigor a distinção entre "oficiais" e "soldados", abolida em 1917. É restabelecida também a saudação militar fora de serviço e com caráter obrigatório, inclusive do soldado ao cabo ou suboficial. O comissário político, que tinha sido reintroduzido em 1941, quando tudo parece desmontar, é suprimido novamente, integrando os comissários no corpo de oficiais. Em 1942, ano do 25° aniversário da revolução, o uso das dragonas, que tinham sido suprimidas "por serem um símbolo da opressão de classe", é restabelecido. São restabelecidas também as guardas de elite, com seus antigos nomes, bem como uma série de privilégios e melhores salários. Em 1943 as escolas de oficiais, que tinham desaparecido durante a revolução, são restauradas. Podem ingressar nelas os filhos de oficiais desde os oito ou

786 EDEEN, Alf., *The civil service*, na obra de BLACK, Cyril, *Transformations of russian society*, Harvard, Harvard University Press, 1960, p. 287.

787 A tabela de postos de Pedro, o Grande, era um quadro que listava todos os postos da administração governamental, do exército e da nobreza, equiparando-os hierarquicamente. Símbolo da estratificação social do antigo regime, a tabela de postos foi abolida pelos bolcheviques em 1917 (N. do E.).

nove anos de idade, o que é um passo rumo à herança dos privilégios e das funções sociais, quer dizer, um fator de importância considerável na consolidação da casta. Também são restauradas antigas ordens militares em homenagem aos grandes generais da Rússia czarista, como Suvorov e Kutuzov. Os oficiais têm acesso a uma série de clubes especiais e tanto os oficiais superiores como os subalternos dispõem de residências e salas particulares.

Essa política de união sagrada é incompatível com uma ideologia de classe. Desde seu primeiro discurso, Stalin se esforça em despertar o patriotismo ancestral, recorrendo à ideologia do velho passado russo, ao nacionalismo, à religião, à tradição, ao militarismo e ao culto aos antepassados. Para a alegria dos escritores reacionários (como Michel Garder, que saúda "o abandono dos temas fora de moda do internacionalismo proletário e da luta de classes", substituídos por "uma linguagem que se dirige ao coração com violenta paixão e pelo amor irracional ao solo pátrio"), Stalin se torna o defensor da Rússia eterna[788]. Em 3 de julho, de fato, não se dirige a seus "camaradas" nem aos "cidadãos", mas sim a todos seus "irmãos e irmãs". Também no dia 7 de novembro invoca toda uma galeria de santos e guerreiros, de arquiduques e generais para que inspirem, junto com Lenin, o povo russo.

As atrocidades alemãs provocaram um reflexo de defesa. A teoria racista, que trata os eslavos como sub-homens, provoca inevitáveis reações de dignidade e orgulho nacional. A propaganda se esforça em dar-lhes uma forma patriótica, e consegue sem grandes dificuldades. Os russos vão rapidamente ganhar consciência de serem os únicos a suportar o peso de uma guerra cujo resultado tem importância para todos os povos, escravizados ou não. Do patriotismo ao nacionalismo, e inclusive ao messianismo, a transição se dá rapidamente. Eugene Tarle vai reescrever a história da guerra napoleônica para descrevê-la como uma luta puramente nacional e patriótica, um modelo e um precedente. Para isso, vai abandonar sua análise marxista, a análise de classe que o levara a concluir que, como déspota burguês, Napoleão tinha renunciado à uma vitória de consequências incertas ao se recusar a libertar os servos russos. Todos os elementos emocionais tradicionais do passado russo são ressuscitados, ressaltados e desenvolvidos de maneira que sirvam para mobilizar e galvanizar a resistência, recebendo mais atenção do que os motivos de classe. O chamado de Voroshilov à defesa de Leningrado, "cidade da Revolução de Outubro", não se repetirá. Agora o chamado é a preservar a terra sagrada dos antepassados e o glorioso passado nacional. Também a religião é mobilizada em apoio ao regime. Não só se tolera de novo a Igreja Ortodoxa, como também se fomenta oficialmente o culto; Stalin recebe o chefe da Igreja, o patriarca Serge, que entoa seus louvores; se restabelece o Santo

---

788 GARDER, Michel, *Une guerre pas comme les autres*, Paris, Table Ronde, 1962, p. 76.

Sínodo[789] de forma solene; em suas orações, os fiéis acrescentam o nome Stalin a todos aqueles para os quais solicitam a proteção divina.

Durante as primeiras semanas de julho de 1941, o invasor tinha se tornado de novo "fascista". Meses depois, se trata do "alemão". Os escassos comunistas alemães que sobreviveram à depuração são utilizados para explicar a vitória do nazismo, não mais através de conceitos pertencentes a uma análise das forças de classe, e sim por uma série de características nacionais próprias da nação alemã. Descrevem o imperialismo alemão como "excepcionalmente agressivo, brutal e degenerado", não mais fruto das relações de classe que originaram o nazismo, mas sim como consequência "do desenvolvimento histórico particular da nação alemã". Lassalle, identificado com o "reformismo", se torna a "sombra de Bismark sobre o movimento operário"; o imperialismo alemão se transforma no único responsável pela Primeira Guerra Mundial; e, por último, se afirma que o povo alemão – incluído o proletariado – é responsável coletivamente pelos crimes nazistas "por sua passividade e silêncio"[790]. Esta nova interpretação da história permite também exaltar o "amplo espírito social" do capitalismo inglês, assim como os méritos históricos dos russos, o povo-messias que soube libertar-se a tempo desses mesmos dominadores cuja memória o Estado volta a glorificar. O caráter nacional da resistência russa é marcado pelo abandono da Internacional como hino oficial e pela adoção, em seu lugar, de um canto patriótico.

Durante os primeiros meses da contenda parece cair um manto de silêncio não só sobre o partido, mas também sobre os próprios soviets, pois os organismos que assim se denominam deixam de se reunir. No entanto, pouco a pouco e com certa prudência, acabam se impondo os mesmos homens, se bem que desta vez falam uma nova linguagem. O partido se apresenta como uma espécie de vasta "frente nacional" que reúne a elite dos combatentes, dos dirigentes, dos administradores e dos técnicos. Suas portas se abrem para os recém-promovidos, aos talentos que se revelaram, aos chefes desconhecidos meses antes, enfim, a todos aqueles a quem a propaganda batiza como "bolcheviques sem partido" e para os quais, a partir de um certo grau de notoriedade e responsabilidade, o acesso à carteira de membro constitui quase que uma obrigação moral, ainda que isso não implique, é claro, na participação real na vida de uma organização que continua dominada pelo aparato. Os números são eloquentes: do começo da guerra ao final de 1941 o partido recruta 145.000 pessoas. Depois de ter superado a crise de 1941, graças à tensão da campanha de "resistência até o fim", o partido vai se transformando cada vez mais em uma ampla organização de massas dos quadros econômicos e técnicos do país, difundindo pela primeira vez na URSS o tipo de ideologia de "frente popular" que

789 Órgão deliberativo da Igreja Ortodoxa (N. do E.).

790 Resenha de John Wright da publicação mensal editada em Moscou *World Survey*, de março de 1942, em *Fourth International*, julho de 1943.

parece a seus dirigentes mais eficaz para mobilizar os russos segundo as necessidades dessa luta, travada junto às potências que antes eram vistas como imperialistas e que se tornaram agora "grandes aliados".

A santa aliança contra a revolução mundial

Ainda em 1939, ao tomar conhecimento do início das operações alemãs na Europa Ocidental, o embaixador francês em Berlim, Coulondre, vai deixar subentendido em uma conversa com Hitler que temia que a guerra liberasse forças que acabariam derrubando a todos, deixando a via livre para "monsieur Trotski", o que, para este diplomata, era uma forma de afirmar que a Segunda Guerra Mundial, assim como a primeira (e de forma mais grave) podia ser o prelúdio de uma revolução mundial. Em 1934, frente ao XVII Congresso, Stalin tinha afirmado: "Sem dúvidas, uma segunda guerra contra a URSS levaria à derrota total dos agressores e ao início da revolução em vários países da Europa"[791]. A consciência desta ameaça jamais abandonará os dirigentes do bloco aliado durante a guerra, se refletindo nos esforços de Churchill que, depois da ofensiva alemã de 21 de junho, proclama aos quatro ventos que esta não é "uma guerra de classes", ou dos líderes dos diversos partidos comunistas, que se dedicam a explicar na Inglaterra, nos Estados Unidos, na América Latina e em outros países que a presença da URSS junto aos aliados transformou aquela que até então era uma guerra imperialista em uma guerra nacional justa. Nesse sentido, a marginalização da Internacional Comunista pelo aparato stalinista – se levarmos em consideração as tarefas que lhe correspondiam em caso de guerra, como consequência de suas teses e declarações anteriores – representa um aspecto proposital da política de Stalin durante a guerra: a união sagrada dentro da URSS, a luta nacional, a trégua na luta de classes dos países aliados são diferentes aspectos da defesa de um regime que – como demonstrou a experiência espanhola – teme tanto a ação revolucionária espontânea quanto a do inimigo de classe. O oficioso *The New York Times*, no dia 20 de dezembro de 1942, expressa a satisfação dos capitalistas americanos diante da nova orientação russa: "As consignas de Stalin (...) não são consignas marxistas que impulsionem a união dos proletários do mundo, mas sim chamados ao patriotismo, à liberdade e à defesa da pátria". Também afirma que a Alemanha hitlerista ainda poderia convencer um grande número de simpatizantes da necessidade de se juntar à sua "cruzada" de classe contra a URSS, enquanto ainda existisse "uma Internacional Comunista inspirada pela tese trotskista de revolução proletária numa escala mundial". Ainda assim, prossegue, existem há vários anos inúmeros elementos tranquilizadores a este respeito na política russa, como "a liquidação dos trotskistas na Rússia" e a dos "tolos comunistas de outros países a quem Moscou desprezava e aos quais tratava como meros instrumentos".

791 STALIN, Josef, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo I, p. 135.

Conforme os meses de guerra vão passando, e fica mais clara a inevitabilidade da derrota alemã a longo prazo, o medo do pós-guerra – medo da revolução mundial e o pavor com o surgimento de novos movimentos revolucionários – se manifesta cada vez mais nas negociações entre as grandes potências, que servem de preparação para o acerto final de contas. No dia 14 de fevereiro de 1943 o *The New York Times* levanta uma ponta do véu que encobre as negociações secretas, a preocupação dos aliados e as garantias que exigem, ao escrever: "Lenta e inexoravelmente os exércitos russos prosseguem seu avanço para o oeste. (...) Com isso, semeiam em muitas pessoas dúvidas (...) que serão um terreno fértil para a propaganda nazista, que continua a se utilizar do temor de uma dominação bolchevique de toda a Europa". Ao recordar a adesão da URSS aos princípios da Carta do Atlântico, o jornal americano protesta contra a negativa russa em discutir com seus aliados a livre determinação dos territórios anexados entre 1939 e 1941: "Esta adesão foi para a Inglaterra e América a base sobre a qual aceitaram aumentar sua ajuda material e de outro tipo à Rússia. (...) Em tais condições, é evidente a necessidade de novos acordos mais explícitos que confiram à Carta do Atlântico um significado concreto".

Em 22 de fevereiro de 1943 aparece na imprensa russa a primeira menção à Internacional Comunista desde 22 de junho de 1941. Nos EUA, 14 meses depois, é publicada a notícia da execução de dois socialistas poloneses: Erlich, líder do Bund, e Alter, um dirigente sindicalista. Ambos tinham sido detidos em 1939 na Polônia soviética, sob a acusação de espionagem, sendo condenados à morte. Mais tarde, sua pena foi alterada para dez anos de prisão. Depois da ofensiva alemã, são postos em liberdade e encarregados de recrutar voluntários entre os prisioneiros poloneses. Mas pouco depois, os dois são acusados de "propaganda derrotista", condenados e executados em 23 de dezembro de 1941. A divulgação dessa execução vai provocar diversas críticas à URSS nos países ocidentais. Em 9 de março de 1943 Henry Wallace, vice-presidente dos Estados Unidos, manifesta veladamente sua inquietação com uma frase carregada de ameaças: "A guerra seria inevitável se a Rússia adotasse de novo a tese trotskista de fomento à revolução a escala mundial".

Porém, as negociações parecem ter funcionado, pois no dia 16 de maio Stalin vai pagar o preço exigido pela aliança contra Hitler, proclamando a dissolução da Internacional Comunista, cujo Comitê Executivo proclama ter "concluído sua função histórica". Stalin afirma ainda que a existência da Internacional Comunista "é hoje um obstáculo para a formação de novos partidos operários nacionais", já que a guerra criou uma profunda linha de demarcação entre os países aliados da Alemanha e "os povos amantes da liberdade, unidos em uma estreita coalizão contra Hitler". A imprensa americana não oculta seu alvoroço: "Triunfo diplomático de um alcance muito superior às vitórias de Stalingrado e do cabo Bon! (...)

O mundo respira, a velha loucura de Trotski foi abandonada! O sonho de Marx acabou". O *Chicago Tribune* (Tribuna de Chicago) saúda a decisão nestes termos: "Stalin matou as bases da fé marxista. Executou os bolcheviques cujo reino era o mundo e que aspiravam à revolução universal". O *The New York Times*, com mais realismo, enumera as condições que devem tornar o resultado final interessante: o abandono por Moscou da União de Patriotas Poloneses, o reconhecimento pelos guerrilheiros iugoslavos do governo emigrado em Londres e a participação dos comunistas franceses em uma "unificação verdadeira"[792].

O acordo é ratificado em Moscou com a Declaração dos Quatro, assinada em 1º de novembro de 1943 "para a manutenção da paz e da segurança" no mundo inteiro depois da vitória comum. A política americana tem como objetivo apoiar sistematicamente as forças burguesas, mesmo as mais reacionárias, por temer que uma "libertação" provoque movimentos sociais incontroláveis. Essa política, que se concretiza na ajuda oferecida simultaneamente a Franco, na Espanha, a Salazar em Portugal, a Darlan na África do Norte e ao marechal Badoglio na Itália – obtém um grande triunfo com a aceitação por parte dos aliados da exigência de "capitulação incondicional" da Alemanha, o que exclui qualquer tipo de acordo dos ocidentais com um governo de tipo seminazista ou militar, mas que, tal e como coloca o secretário de Estado Cordell Hull, descarta igualmente qualquer perspectiva de paz com um governo socialista originado de um hipotético levante popular na Alemanha. O fato de que os negociadores russos compreenderam os objetivos da diplomacia americana e aceitaram seus propósitos ficou perfeitamente provado por uma crônica de C. L. Sulzberger, publicada pelo *The New York Times* de 31 de outubro: "Muitos russos, com os quais o autor conversou francamente, discutiam em relação ao perigo que representaria uma Alemanha "comunizada". Pensavam que esta poderia inclinar-se eventualmente ao trotskismo, criando assim novas ameaças à União Soviética, possibilidade que deve ser afastada a qualquer preço".

Quando os três grandes – Roosevelt, Churchill e Stalin – se encontram em Teerã, em dezembro de 1943, Roosevelt propõe o estabelecimento durante o pós-guerra de "quatro polícias": Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e China. Fica aberta a porta para a demarcação de zonas de influência. Em junho de 1944, por proposta britânica, se determina que Romênia e Bulgária se integrem na "zona russa" e Grécia na "zona britânica"; em outubro, quando da visita de Eden e Churchill a Moscou, fica decidido que os russos e os ingleses compartilhem suas influências na Iugoslávia, precisando-se que nenhum dos países poderia intervir se o outro precisar empregar a força para deter algum tipo de desordem em sua zona. A partir de dezembro as tropas inglesas se empenham na reconquista da Grécia, que estava

792 *Panorama da imprensa americana depois da dissolução da IC*, por John Wright em *Fourth International*, julho de 1943.

dominada pelos *partisans* pró-comunistas do ELAS[793]. Stalin cumpre sua palavra e não intervém. Em 1945, também não terá o menor escrúpulo em apresentar a capitulação do Japão como a revanche da guerra russo-japonesa de 1904-1905, escrevendo no *Bolshevik*: "Durante quarenta anos, nós, pertencentes à velha geração, esperávamos que chegasse esse dia"[794]. Posteriormente, Stalin retira em Potsdam seu apoio aos comunistas chineses que enfrentam Chiang Kai-shek, chegando inclusive a afirmar que o governo do Kuomintang era a única força capacitada para governar a China.

As revelações dos dirigentes comunistas iugoslavos nos permitiram ver bem a crueldade da política externa do Partido Comunista da URSS durante a Grande Guerra Patriótica. Antes e depois da dissolução da Internacional Comunista e dos acordos sobre a divisão das zonas de influência, os dirigentes russos utilizaram toda a autoridade e as chantagens que seus meios materiais permitiam para impedir que a luta de massas, empreendida pelos comunistas iugoslavos através de seu exército de *partisans*, assumisse um caráter de classe e, por fim, revolucionário, o que era um perigo incontestável visto que, desde 1942, a imprensa trotskista americana, como o *The Militant* (O militante) e a *Fourth International*, estava comparando o caráter revolucionário da política dos iugoslavos com a de outros partidos comunistas. No início de 1942, os dirigentes soviéticos pedem aos iugoslavos que anulem o chamado dirigido à resistência europeia que conclamava a um "levante de todos os povos escravizados da Europa contra seus invasores"[795].

Também multiplicam suas pressões para que os *partisans* reconheçam a autoridade do governo monárquico refugiado em Londres, e tentam impor-lhes um pacto com os *chetniks*[796] do general Mikhailovich, contra quem combatiam encarniçadamente desde o início. A ação militar dos *partisans* tem todas as características de uma luta social com um rico conteúdo revolucionário, enquanto o conservadorismo dos *chetniks* os levará, inclusive, a pactuar com o ocupante nazista. Durante o outono de 1942, será atendendo aos pedidos dos dirigentes do Partido Comunista Russo (do qual dependem para o fornecimento de armas) que os comunistas iugoslavos vão rechaçar a designação de um governo provisório pelo Conselho Antifascista de Libertação Nacional, que seria integrado por representantes dos combatentes e das populações liberadas. Nessa mesma época, o comando russo vai se declarar tecnicamente incapaz de fornecer aos *partisans* armas e munições, enquanto seu governo as está oferecendo secretamente aos *chetniks*. Quando os *partisans* iugoslavos criam, em novembro de 1943, o Comitê

793 Exército Democrático da Grécia, braço armado da Frente Nacional de Libertação, a maior força de resistência antifascista da época na Grécia (N. do E.).

794 *Bolshevik*, nº16, agosto de 1945, citado por DEUTSCHER, Isaac, *Stalin*, *op. cit.*, p. 480.

795 DEDIJER, *Tito parle...*, Paris, Gallimard, 1953, p. 189.

796 Movimento nacionalista monárquico sérvio (N. do E.).

Nacional, presidido pelo comunista Tito, Moscou os acusa de terem sabotado a Conferencia de Teerã ao proclamarem a derrubada do rei Pedro II e proibirem sua entrada no território nacional. Finalmente, o partido iugoslavo se inclinará ante as "recomendações" da Conferência de Yalta, aceitando a criação de um governo provisório com a participação dos ministros do governo monarquista.

É a mesma influência conservadora, contrarrevolucionária no sentido estrito da palavra, que será exercida pelo governo russo e pela direção do partido durante o desenrolar dos acontecimentos na Itália. Os aliados, deixando de lado a Resistência, que expressa as reivindicações políticas, econômicas e sociais dos operários e camponeses, vão declarar seu apoio à monarquia e ao governo dos dignitários fascistas que, para tentar se salvar da fogueira, sacrificaram Mussolini. A monarquia e o governo do marechal Badoglio, desacreditado pela Resistência, serão salvos pela chegada, de Moscou, do secretário do partido italiano Ercoli (Togliatti), que propõe adiar o acerto de contas com a monarquia até o final da guerra, anunciando também o apoio comunista ao governo de Badoglio, do qual participará pessoalmente, como ministro. O abandono do norte da Itália pelos alemães, onde vai nascer um poderoso movimento operário, cria uma situação autenticamente revolucionária. "Nas províncias – escreve Henri Michel –, nas cidades e nas fábricas se constituem comitês de libertação clandestinos, de clara inspiração revolucionária. À medida que os alemães iam evacuando os vales, neles surgiam efêmeras repúblicas de *partisans*, cujos comitês de libertação eleitos se ocupavam da administração, preparavam projetos de lei para o futuro e inclusive, por vezes, adotavam reformas imediatas no que se refere à educação pública, à fixação de preços e impostos"[797]. Estes autênticos soviets, assim como os comitês de empresa que naquele momento tomavam conta das fábricas e as colocavam em funcionamento, conduziam uma verdadeira depuração de classe, que tinha como objeto principal os magnatas da indústria[798]. Mas todos esses comitês acabarão sendo eliminados, seja pela força ou progressivamente, através do controle exercido sobre eles pelos comissários regionais do governo militar aliado. Também incidirá para sua desagregação o apoio dado pelo partido comunista ao governo de coalizão, que coopera com os aliados e participa da reconstrução do Estado burguês sobre as ruínas do Estado fascista. Os temores de M. Cordell Hull se revelarão vãos: não haverá revolução italiana nem alemã.

Na França o partido comunista, nas palavras de Isaac Deutscher, "se alinha atrás do general De Gaulle, cujas pretensões ditatoriais, atitude antimarxista e ligações clericais eram óbvias já há tempos"[799]. De novo, o destino da Europa Ocidental parece estar determinado por várias décadas: continuará sendo capitalista.

797 MICHEL, Henri, *op. cit.*, p. 48.
798 O autor se refere aqui à verdadeira caça, empreendida pelos movimentos de resistência antinazista por toda a Europa, dos colaboradores dos regimes fascistas, para puni-los por seus crimes (N. do E.).
799 DEUTSCHER, Isaac, *Stalin*, *op. cit.*, p. 472.

A este respeito, é preciso dizer que a luta contra os grupos revolucionários antistalinistas (trotskistas ou não) foi realizada durante a guerra por todos os governos beligerantes, sem exceção. Nos Estados Unidos os dirigentes do Socialist Workers Party e, entre eles, um dos fundadores do partido comunista americano, James P. Cannon, foram encarcerados em aplicação do *Smith act*[800]. Na Europa, o número de vítimas foi particularmente alto. Entre elas podemos citar o antigo membro do Comitê Central do partido comunista alemão Werner Scholem, que por algum tempo tinha organizado a chamada "oposição de Wedding" e que foi executado em um campo de concentração alemão; seu compatriota Marcel Widelin, organizador na França de células clandestinas dentro da *Wehrmacht*, que foi fuzilado pelos colaboradores franceses da Gestapo; o antigo secretário de Trotski, Walter Held, condenado à morte *in absentia* na Alemanha, sequestrado durante uma passagem pela URSS e executado; o antigo secretário geral do partido comunista grego Pantelis Puliopulos, fuzilado em 1942 pelo exército alemão; o antigo secretário adjunto do partido comunista italiano e dirigente da organização comunista clandestina na Itália fascista, que depois adere ao movimento trotskista, Pietro Tresso, fuzilado por um combatente de um "maquis"[801] depois de sua fuga da prisão de Puy, onde tinha sido preso por ordem do governo de Vichy; o antigo dirigente do POUM durante a guerra civil espanhola Joan Farré, morto em circunstância parecida; o antigo membro do Comitê Central do partido comunista belga e fundador da oposição belga Leon Lesoil, morto após ser deportado para a Alemanha; o dirigente estudantil de Cracóvia Stefan Szmolewicz, detido em 1939, deportado para Vorkuta, líder dos trotskistas ali detidos e morto em 1943 como fruto dos maus tratos sofridos; Sneevliet, o veterano comunista holandês, um dos primeiros delegados da Internacional na China com o nome de Maring, fuzilado pelos alemães. Na Ásia toda uma geração de dirigentes revolucionários foi liquidada: o antigo secretário geral do partido chinês e que tinha se tornado dirigente trotskista Chen Duxiu foi executado quando já era um ancião pelas tropas de Chiang Kai-shek, enquanto os japoneses fuzilavam seu sucessor na direção da organização trotskista Chen Chi-chang, enquanto as tropas de Mao Tse-tung faziam o mesmo com o chefe dos *partisans* trotskistas Chu Li-ming. No Vietnã o trotskista Nguyen Ai-Hau, chefe das milícias operárias de Cholon foi executado pelas tropas francesas, enquanto o fundador do trotskismo vietnamita Ta Thu Tau e o dirigente chinês Liu Chia-ling eram eliminados pelo Vietminh[802]. Graças a esta nova "santa aliança" universal, o espectro da tão temida revolução mundial era finalmente afastado.

---

800 Lei federal norte-americana, adotada em 1940, que qualificava como crime qualquer propaganda antigovernamental (N. do E.).

801 Grupos da Resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial (N. do E.).

802 Liga pela Independência do Vietnã, o movimento revolucionário de libertação nacional fundado por Ho Chi Minh em 1941 para lutar pela independência do Vietnã do domínio colonial francês (N. do E.).

As esperanças de uma geração

Tal é, definitivamente, o balanço histórico do papel desempenhado pela URSS na conclusão da Segunda Guerra Mundial, como consequência das opções feitas nos anos 1925-1930 em favor do "socialismo em um só país": o Partido Comunista da URSS emerge da Segunda Guerra Mundial como um poderoso fator de estabilização e conservação social, contando com o triplo prestígio que lhe conferem a Revolução de Outubro, o processo de construção do socialismo e a vitória militar sobre a barbárie hitlerista. Tal prestígio ratifica a autoridade que exerce sobre milhões de trabalhadores através de seu aparato internacional, selecionado de forma tão cuidadosa e integrado por homens como Gottwald, Ulbricht, Thorez e Togliatti. Basta um chamado seu para que estes milhões de homens deponham as armas, "arregacem as mangas" e restaurem, com a sua força de trabalho, os estragos da guerra onde tantos irmãos seus perderam a vida. Desta forma, servem de força de apoio à diplomacia russa e, acreditando lutar pelo socialismo, servem acima de tudo aos interesses da burocracia.

Na URSS, como no resto do mundo, surgiu, de fato, uma nova geração comunista. A matança dos velhos bolcheviques e a grande decepção com o pacto germano-soviético ficam para ela em um passado remoto. O final da guerra parece o começo de uma nova era na história da humanidade: as esperanças renascem no momento em que desvanece o pesadelo da dominação nazista. Os jovens comunistas russos passam então noites inteiras em discussões apaixonadas, febris e exaltantes. "Esperávamos – escreve Leonhard – que a vitória sobre o fascismo trouxesse algo completamente novo na Europa Ocidental, que acontecesse uma gigantesca revolução social. Acreditávamos em um grande despertar, em um renascimento e na evolução de novos movimentos socialistas"[803]. A partir de 1944, a situação militar deixa de ser o centro das atenções de todos: "O interesse das pessoas se dirigia cada vez mais para as mudanças políticas que se avizinhavam e que se podiam esperar do pós-guerra"[804]. Em toda a Europa pessoas muito jovens se lançam com entusiasmo no ativismo partidário, como o poeta Woroszylski, que mais adiante vai evocar a época "em que o comunismo era a poesia suprema e o esforço cotidiano, e a poesia era o caminho para o comunismo"[805]. A todos estes jovens para os quais o comunismo – "a juventude do mundo" – prepara "um amanhã que cante", o partido russo iria oferecer, mais uma vez, somente a faceta do stalinismo, a continuação dos expurgos, as confissões, os processos e a mentira.

803 LEONHARD, *Child...*, *op. cit.*, p. 269.

804 *Ibid.*

805 WOROSZYLSKI, Wiktor, *Materiais para uma biografia*, incluído em *O socialismo polonês*, em *Les temps modernes*, fevereiro-março de 1957, p. 1099.

18

O PÓS-GUERRA

Todos os informes sobre a atmosfera política da URSS no final da Segunda Guerra Mundial parecem coincidir ao apontar este período como o das grandes esperanças. Tanto a diminuição da pressão policial, a anistia parcial tácita e a trégua política exigidas objetivamente pela união sagrada, quanto o sentimento de unanimidade forjado no combate e a importância dos sacrifícios realizados permitem vislumbrar possibilidades de mudanças ansiadas há tempos, na medida em que se aproxima o final das hostilidades. Tanto o pesadelo da guerra quanto o pesadelo de antes da guerra parecem pertencer a outra época: apesar da propaganda oficial voltar a colocar em primeiro plano o papel do partido, seu tom e seus temas foram remodelados já há alguns anos. Assim, segundo esta propaganda, a Grande Guerra Patriótica aconteceu com a finalidade de obter a vitória da "democracia" e da "liberdade". Muitas limitações que são justificadas pelos perigos imediatos do estado de guerra parecem fadadas a desaparecer depois da vitória final. Diversos fatos contribuem para esta renovação da atmosfera: os chefes do exército são homens novos, cujo prestígio parece eclipsar o dos dirigentes do partido; milhões de homens – soldados desmobilizados, prisioneiros de guerra libertos e trabalhadores deportados – voltam, trocam e confrontam suas experiências e suas ideias e comungam em uma série de aspirações de bem estar, de paz e liberdade em todas as suas formas, depois da terrível violência aceita ou padecida.

O partido na guerra

O próprio partido tem agora uma fisionomia completamente nova, em muitos aspectos. O recrutamento do período da guerra lhe proporciona até 100.000 novos membros todos os meses. Somente durante o ano de 1942, os novos membros

chegam a 1.340.000. De um total de 5.760.369 membros no fim da guerra, chegam a 6.300.000 em setembro de 1947. Os administradores, técnicos, intelectuais e oficiais superiores que até agora tinham permanecido à margem ingressam no partido em grande número: o general Govorov adere aos quarenta e seis anos e, no congresso seguinte, é eleito membro do Comitê Central. Em geral, pelo menos metade dos novos membros são militares de diversas patentes, recomendados por sua conduta no front mais do que por considerações políticas e admitidos no partido precisamente porque suas portas se abrem aos "heróis". O incremento – sublinhado pelos dirigentes – da porcentagem de novos membros de origem operária (que passa de 24,4% antes da guerra para 32,1% durante a guerra) não se traduz num aumento correspondente do papel dos operários dentro do partido. Ao contrário, a partir de 1946 a imprensa começa a se queixar de que "o proletariado industrial dirigente" se vê sufocado pelo número de novos recrutas de diferentes origens, principalmente nas regiões liberadas, onde o fenômeno adquire enormes proporções. Mais de 60% dos membros do partido têm menos de trinta e cinco anos e, em certas regiões, os novos membros são maioria: 77% na região de Vitebsk e 78% na de Polotsk. Acontece então que os operários começam a se encontrar em minoria em diversas regiões, como em Minsk – onde, de um total de 520 novos membros[806], só há 24 operários – e no conjunto da Bielorrússia, onde só 11,6% dos recrutas são operários[807]. Não se publica nenhuma estatística global e isso explica o caráter contraditório destes dados. Ainda assim, parece ter se demonstrado que o recrutamento do período de guerra não modificou a tendência ao predomínio da *intelligentsia*, que segundo a avaliação de M. Rigby chega a 68% dos membros do partido em 1957. Esse extremo é confirmado pelos dados oficiais publicados com relação à Geórgia e Quirguistão[808]. A revista *Zhizn Parti* (A vida do partido) cita o caso de uma fábrica de 1.000 operários, na qual só há 56 membros do partido e o jornal *Babinski rabochi* (O operário de Babino) se refere a uma organização regional partidária de 7.000 membros que em 1946 só contava com 28 "operários dirigentes"[809]. Em 1947, 400.000 membros do partido tinham curso superior, quer dizer, 6,32% frente a 5,08% em 1939; 1.300.000 tinham ensino médio, o que equivale a 20,54% frente a 14,2% em 1939[810].

A guerra tinha provocado a estrita centralização em torno ao todo-poderoso Comitê de Defesa. Porém, como afirma Brzezinski, também tinha suscitado "a descentralização do controle real e uma maior propensão a "mandar fazer as coisas" por parte dos secretários"[811]. Os secretários do partido nas diferentes re-

806 BRZEZINSKI, Zbigniew, *op. cit.* pp. 218-219.
807 FAINSOD, *How Russia...*, *op. cit.*, p. 233.
808 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 523.
809 BRZEZINSKI, Zbigniew, *op. cit.*, p. 219.
810 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 524.
811 BRZEZINSKI, Zbigniew, *op. cit.*, p. 139.

públicas, únicos a conhecer perfeitamente a situação particular de sua região e de aproveitá-la ao máximo, veem o fortalecimento de sua autoridade, o aumento de sua margem de iniciativa, a diminuição do controle exercido sobre eles pela autoridade central e a extensão de seus poderes pessoais até o terreno da administração econômica, onde, como verdadeiros déspotas, passaram a intervir diretamente.

Todos estes fenômenos, que o partido logo denunciará como manifestações de passividade e tendências nacionalistas-burguesas, constituem evidentemente o resultado do aumento dos efetivos e da inevitável desintegração da autoridade como consequência direta da guerra. Ainda assim, outras das novas características do partido devem ser explicadas pela própria natureza do poder burocrático, como seu enfraquecimento enquanto fonte de poder, frente a um secretário geral que passa a ser, ao mesmo tempo, presidente do Conselho de Comissários do Povo e generalíssimo: o "marechal" Stalin eclipsa os organismos regulares, que cada vez são menos citados de forma oficial. As sessões do Comitê Central são pouco frequentes e seu papel se reduz a sancionar propostas que já foram aplicadas. O Birô Político também não decide: durante anos Stalin poderá destituir a seu capricho qualquer de seus membros. Durante onze anos e sem dar nenhuma justificativa séria para isso, não convocará congressos nem conferências. Como aponta Schapiro, tudo parece indicar que o partido já não é mais que um dos instrumentos da ditadura de Stalin. Seu secretariado pessoal, que continua nas mãos de Poskrebishev, substituiu de fato o Secretariado do Comitê Central no exercício real do poder e no manejo do aparato. No entanto, este organismo será o eixo das lutas entre camarilhas do período do pós-guerra.

Lutas internas

Na atualidade, ainda estamos longe de conhecer bem o grande conflito que se desenvolveu nos bastidores depois da guerra. No entanto, parece certo que ele envolveu um choque entre os grupos rivais de Zhdanov e Malenkov, se enfrentando pela confiança e pela sucessão de Stalin.

Zhdanov, a partir de 1934, data em que sucedeu a Kirov na direção do partido em Leningrado, é uma das figuras de primeiríssimo plano do regime. Por seu lado, Malenkov, que tinha desempenhado um papel de primeiro plano durante o período dos expurgos, continuou a ascender durante a guerra. Em agosto de 1943 lhe será atribuída a importante função de presidente do Comitê de Reabilitação dos Territórios Liberados. No final de 1944 assume a presidência do Comitê de Desmantelamento das Instalações Industriais das regiões conquistadas. É possível, como sugere Schapiro, que a volta de Zhdanov a Moscou em 1945 tenha marcado o início da rivalidade entre os dois homens[812]. De qualquer forma, são Zhdanov e Voznesenski os que iniciam as hostilidades ao atacar a condução da operação

812 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 507.

de desmantelamento, denunciando os enormes desperdícios que provocou. Uma comissão de inquérito presidida por Mikoyan determina que a operação deve ser abandonada e propõe que se formem sociedades mistas.

Para Schapiro, a adoção das conclusões de Mikoyan deve ter representado uma séria derrota para Malenkov, apoiado por Béria e Kaganovich[813]. De qualquer forma, depois de ter sido o número dois do Secretariado do Comitê Central, Malenkov desaparece dele em 1946. Um de seus colaboradores mais íntimos, Alexandrov, foi substituído em janeiro de 1947 por Suslov. No entanto, seu eclipse é de curta duração: em 20 de agosto de 1948 Malenkov é nomeado novamente secretário do Comitê Central. Zhdanov morre subitamente em 31 de agosto. Durante os meses seguintes seus colaboradores desaparecem sem que haja qualquer informação oficial sobre o assunto. Entre eles se encontram Nikolai Voznesenski, membro do Birô Político; Piotr Popkov, secretário da região de Leningrado; Mikhail Rodionov, presidente da RSFSR e A. Kuznetsov, secretário do Comitê Central e dirigente do partido em Leningrado durante o cerco desta cidade. A imprensa estrangeira perceberá o primeiro indício desta depuração ao notar a ausência de Voznesenski nas listas de dirigentes mencionados por ocasião das cerimônias do 1º de Maio de 1949, mas terá que esperar até 1952 para ter uma confirmação de sua queda. Mikhail Suslov o ataca violentamente no *Pravda* de 24 de dezembro de 1952 pelas "concepções antimarxistas" expostas em seu livro sobre a economia da URSS durante a guerra. Com isso, revela igualmente uma resolução do Comitê Central, datada de 13 de julho de 1949, na qual é destituído um redator do *Bolshevik*, culpado de ter "glorificado servilmente" o livro em questão.

Os primeiros dados em relação ao que foi chamado de "caso Leningrado" só serão conhecidos depois da morte de Stalin: a execução de Voznesenski se torna então um instrumento de luta entre os diferentes clãs. Em 1953 a responsabilidade do crime recai sobre Béria. No ano seguinte vários altos funcionários da segurança, entre os quais se encontra Victor Abakumov, antigo membro do secretariado particular de Stalin, são acusados de forjar documentos para incriminar os zhdanovistas, condenados sob a acusação de "chauvinismo grão-russo". Todos são condenados. Sua execução será anunciada em 24 de dezembro de 1954. No verão de 1955, em seu retorno de Belgrado, Krushev revelará aos militantes que compareceram a Sofia para escutá-lo que, junto com Malenkov e Molotov, ele tinha tentado falar com Stalin para salvar Voznesenski, que tinha solicitado sua ajuda. Foi tudo inútil. No início da entrevista Stalin lhes comunicou a execução de Voznesenski[814]. Durante o XX Congresso, em 1956, o mesmo Krushev volta a repetir que Stalin tinha decidido pessoalmente acabar com Voznesenski sem consultar o Birô Político e baseando-se nas informações recolhidas por Béria[815]. Depois de julho de

813 *Ibid.*
814 LEONHARD, The *Kremlin since Stalin*, Oxford, Oxford University Press, 1962, p. 105.
815 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign*, *op. cit.*, p. 60.

1957 e da expulsão da direção do "grupo antipartido", vai ser Malenkov que passa a aparecer como principal responsável pela liquidação dos leningradenses. Este tema é retomado e desenvolvido durante o XXII Congresso, onde pela primeira vez são publicadas informações referentes às proporções alcançadas pela repressão stalinista. Chelepin, responsável pelo serviço de segurança, fala da morte de "muitos comunistas"[816] e Spiridonov, que compara a depuração de 1940-1950 com a de 1935-1937, a qualifica de "extermínio de quadros"[817]. Naquele momento, a maioria dos comentaristas e especialistas estrangeiros já consideravam que a liquidação do grupo dos zhdanovistas de Leningrado seria o epílogo da luta entre estes e o grupo de Malenkov, do qual um de seus membros, Andrianov, ocuparia então o cargo de primeiro secretário regional.

Ainda assim, é difícil admitir que a última palavra já tenha sido dada sobre este assunto. Muitas questões parecem não estar resolvidas, inclusive a do papel desempenhado pelos dirigentes atuais e por Krushev na morte de Voznesenski. Por acaso não foi Suslov o primeiro que atacou publicamente Voznesenski? Por enquanto, é preciso, pois, renunciar a precisar as responsabilidades individuais e inclusive a dar uma explicação global dos acontecimentos. Só os jornalistas, obrigados a escrever, são condenados a analisar a lista de apresentação dos eventos e as alterações da ordem alfabética na enumeração dos chefes, a estudar minuciosamente as dimensões das fotografias e a tirar delas conclusões em relação ao desenvolvimento político de tais lutas entre camarilhas. À espera da abertura dos dossiês secretos, o historiador do partido deve se contentar em observar que estas lutas de vida ou morte no interior do aparato obedecem às quase imutáveis regras das batalhas entre *apparatchiks*: é a polícia secreta que sela a sorte dos vencidos, a luta se desenvolve nos bastidores e a linha política que os vencedores atribuem ao grupo exterminado, e denunciada com grande alarde propagandístico, não é necessariamente aquela que realmente defendiam, e pode ser, inclusive, a linha oposta. É que o aparato só conhece procedimentos policialescos, inclusive quando se trata de interpretar sua própria história.

O aparato também se esforça em silenciar qualquer referência à atividade de seus inimigos. No entanto, as revelações de muitos prisioneiros, libertos dos campos de prisioneiros depois de 1953, nos permitem entrever, no expurgo de 1947, um significado diferente da mera eliminação de um grupo de burocratas de Leningrado, formado por Voznesenski e seus colaboradores. O jornalista alemão Claudius, depois de seu retorno da URSS, revelou que a maioria dos antigos "bukharinistas" e "trotskistas" que sobreviveram depois de 1941 e tinham sido libertados durante a guerra foram detidos novamente em 1947. Ele mesmo tinha pessoalmente se entrevistado com Astrov, antigo colaborador de Bukharin, que

816 *XXII Congresso*, em *Cahiers du communisme*, nº12, *op. cit.*, p. 60.
817 *Ibid*, p. 358.

se encontrava nesta situação. Também naquela época chegavam aos campos de Alexandrovsk e Verkhne-Uralsk os homens que tinham pertencido a uma oposição mais recente, a constituída pouco depois do final da guerra como o nome de "Oposição Operária". Claudius teve a oportunidade de entrevistar-se com um antigo aviador, "herói da União Soviética", chamado V. A. Smirnov, que tinha sido condenado a 25 anos de trabalhos forçados por ter organizado, nos marcos desta oposição, um círculo de estudos[818]. Outra jornalista, a ex-comunista alemã Brigitte Gerland, conheceu em Vorkuta uma série de antigos estudantes que tinham formado em 1946 um grupo de oposição clandestino conhecido como "A Verdadeira Obra de Lenin". Ao que parece, este grupo tinha funcionado durante vários meses, principalmente em Moscou, Leningrado, Kiev e Odessa, até que seus membros foram descobertos, detidos e condenados, também eles, à pena de vinte e cinco anos de trabalhos forçados. Brigitte Gerland cita diferentes textos elaborados por eles, entre os quais se encontra um programa em defesa de um "governo de soviets operários e camponeses" eleitos por voto secreto e a substituição dos "burocratas profissionais" por comitês eleitos revogáveis a qualquer momento[819]. Isto demonstra inequivocamente que as esperanças que suscitou a vitória sobre o hitlerismo tinham alimentado a atividade política de uma nova geração - ou pelo menos de uma nova vanguarda - que Stalin e seus homens se apressaram em sufocar. Deste ponto de vista, o expurgo de 1947 adquire um significado diferente e o mistério que o rodeia se torna mais compreensível se supomos que Voznesenski e seus homens não foram mais do que simples bodes expiatórios, sacrificados a título de advertência para os *apparatchiks* vacilantes ou moderados.

O restabelecimento do controle da situação

A este respeito, na verdade, é significativo que não encontremos, em nenhuma das diversas "revelações" que se sucederam sobre o "caso Leningrado", nenhum outro tipo de oposição que não as meramente pessoais, mesmo se supuséssemos uma luta dos leningradenses para fazer de sua cidade a capital, ou para organizar ali uma feira que ofuscasse à de Moscou. No caso extremo, a rivalidade entre Zhdanov e Malenkov talvez tenha influenciado o destino individual de centenas ou inclusive milhares de *apparatchiks*, mas desde o final da guerra ela não foi um obstáculo para o aparato central, em sua reconquista do conjunto do partido e do país. Nesta operação de volta ao equilíbrio certamente Zhdanov, Malenkov e os demais têm méritos iguais. Suas divergências não tiveram nenhuma influência sobre a orientação fundamental.

---

818 Citado por BRZEZINSKI, Zbigniew, *op. cit.*, p. 222.

819 CLAUDIUS, W., *Em uma solitária soviética*, em *Soviet Affairs*, nº1 dos St. Anthony Papers, Londres, Chatto and Windus, 1956, p. 136.

Mais uma vez o instrumento essencial de direção, o Secretariado do Comitê Central, será reorganizado. Segundo todos os indícios, esta operação acontece sob a direção de Malenkov, sem que dessa vez o fato venha a público, como em 1930 e 1934. O Departamento de Quadros é suprimido, e o Secretariado será novamente dividido - como em 1930, quando as necessidades colocadas pela industrialização eram grandes - em diferentes departamentos econômicos, encarregados de fornecer à indústria pesada e leve, à Gosplan e ao setor financeiro os dirigentes do partido necessários. Como consequência da dissolução da Internacional, será também incluído um "Departamento Exterior". O *Agit-prop* volta a ser um departamento. Alexandrov, supostamente ligado a Malenkov, é substituído em 1947 por Suslov, sem que aconteçam modificações na linha. Ainda assim, o sentido da reorganização parece bastante claro: trata-se de restaurar, em todos os aspectos, o controle normal do Secretariado sobre o aparato e deste sobre o partido e os diversos setores da vida do país, combatendo assim todas as tendências centrífugas.

A partir de 1946 uma maior ênfase será posta na necessidade de controlar as filiações e de "formar politicamente" os novos membros do partido. A este respeito, uma circular de julho e outra de novembro prescrevem uma série de medidas. Também se reorganiza o partido no campo, com a finalidade de melhorar o controle que exerce sobre os *kolkhozes* e, principalmente, de colocar fim às usurpações realizadas pelos membros das fazendas em benefício próprio e em detrimento da propriedade coletiva. O novo agrupamento dos serviços do Secretariado permite a utilização de quadros políticos na agricultura por intermédio das estações de máquinas e tratores. Os primeiros resultados surgem com rapidez: na Geórgia os bens "roubados" das fazendas coletivas e restituídos chegam a 7.779 hectares de terras, 6.926 cabeças de gado, 27.977 ovelhas e cabras, 61.826 aves de criação e 99.915.817 rublos em espécie[820]. Os problemas a resolver são ainda mais graves nas regiões mais periféricas, onde surgiram autênticos déspotas locais, e nas regiões liberadas, sufocadas por uma avalanche de antigos prisioneiros e trabalhadores forçados dificilmente controláveis e onde, como na Ucrânia e Bielorrússia, se manifestam, inclusive entre os *partisans*, acentuadas tendências nacionalistas. Em agosto de 1946 o Comitê Central do partido ucraniano é informado da necessidade de uma "mudança massiva nos quadros dirigentes" devido aos "erros cometidos no recrutamento dos quadros e à atenção insuficiente prestada aos trabalhadores recrutados recentemente"[821]. Naquele momento, 38% dos secretários de distritos, 64% dos presidentes dos comitês executivos locais dos soviets e 62,3% dos presidentes das estações de máquinas e tratores já tinham sido renovados na Ucrânia. Posteriormente, a depuração vai se ampliar mais ainda, chegando, em dezoito meses, a 57,4% dos "trabalhadores do partido" da região

820 GERLAND, Brigitte, *O ITL em luta por uma revolução política*, em *La Verité*, nº346, 4 de dezembro de 1954.
821 BRZEZINSKI, Zbigniew, *op. cit.*, pp. 136-139.

de Kharkov, 50% dos de Voroshilovgrad, 57,4% dos de Lvov, 22,7% dos de Zaporozhe (e entre eles seu secretário regional), 33% dos da cidade de Stalinsk e 62% dos de Kiev. O expurgo será mais intenso ainda na Bielorrússia, onde, no final de 1948, 90% dos secretários de distrito tinham sido destituídos, além de 82% dos presidentes dos *kolkhozes* e 96% dos dirigentes administrativos. No Cazaquistão 67% dos funcionários do partido e dirigentes da indústria são substituídos em 1945 e 1946. No total e para o conjunto da URSS, 27,5% dos secretários de distrito e 35,3% dos funcionários dos comitês locais são destituídos até o final de 1947[822]. Os motivos alegados para estas destituições vão desde "nacionalismo burguês" ou "insuficiência de trabalho político", passando por "repulsa à autocrítica" e formação de "camarilhas de relações pessoais".

O aspecto mais espetacular deste restabelecimento da situação foi sem dúvida a campanha de depuração dos intelectuais, colocada em andamento em 14 de agosto de 1946 com a condenação pelo Comitê Central das revistas *Zvezda* e *Leningrad* (Leningrado) e que duraria cerca de quatro anos. A renovação do partido dirigente durante a guerra e a predominância numérica dos recém recrutados dão efetivamente uma importância particular à propaganda feita durante a guerra. Como vimos, a ideologia propagada pelo partido entre 1939 e 1945 estava muito mais próxima do ideário nacionalista do que da doutrina marxista, mesmo em sua versão "stalinizada". A propaganda oficial se aproximou do antigo populismo, era marcada pelo messianismo russo e pelos temas democráticos, unitários e antifascistas característicos da política de frente popular e reservados até então somente aos comunistas dos países estrangeiros. Tanto o final da guerra, quanto a ruptura da aliança com as "democracias" ameaçavam suscitar no próprio interior do partido muitas incertezas e vacilações, na medida em que muitos comunistas russos só tinham como referência as ideias gerais que lhes tinham sido imputadas durante este período. As necessidades da burocracia exigiam, para sua defesa na guerra fria que se avizinhava, sua imunização contra as ideias "estrangeiras", tirando os membros do partido da confusão que ela mesma tinha provocado.

O contato de milhares de intelectuais, técnicos, funcionários e oficiais com a civilização capitalista ocidental contribuía também para a desorientação ideológica. A superioridade material e científica dos países capitalistas avançados, principalmente dos Estados Unidos, colocava, sem dúvida, uma série de perguntas angustiantes às gerações convencidas de que a URSS tinha construído o socialismo e de que o socialismo era uma forma superior de organização social.

A recuperação do controle no plano ideológico supôs a utilização de todos os meios de persuasão, de propaganda e inclusive de coação, a fim de convencer as massas russas, através dos militantes do partido, da superioridade da "civilização soviética" em todos os campos. Em seu informe ao Comitê Central de setembro

822 *Pravda*, 23 de agosto de 1946.

de 1947, Malenkov declara: "O partido foi obrigado a realizar uma luta enérgica contra diversas manifestações de admiração servil em relação à cultura burguesa do Ocidente, atitude bastante frequente entre certos setores de nossa *intelligentsia* e que é uma sobrevivência do passado maldito da Rússia czarista".

De fato – e por uma dessas ironias com que a história, violada, parece se vingar –, a campanha contra o "cosmopolitismo" vai exigir precisamente a glorificação do passado russo, e da própria Rússia czarista. Os burocratas do partido são obrigados, pela lógica da defesa de seus privilégios, a afirmar a superioridade da ciência e da cultura soviéticas e a persuadir as massas de que o socialismo foi construído e de que, se isso ocorreu somente na URSS, foi porque só poderia ter sido assim. Os burocratas vão, assim, sob a direção do genial Stalin, negar o que tinha sido um dos pontos principais da análise dos bolcheviques, em sua vitória revolucionaria: o atraso técnico e cultural da Rússia czarista. A luta contra as "influências estrangeiras" os obriga não só a reabilitar a velha Rússia e a condenar Eisenstein, culpado de haver retratado Ivan, o Terrível, em cores demasiado negativas, mas também a apresentar sistematicamente o passado russo como essencialmente superior ao do restante dos países. A imprensa do partido se põe a reescrever a história da ciência: as grandes descobertas científicas e técnicas que tornaram possível o desenvolvimento contemporâneo passam a ser atribuídas aos sábios, pesquisadores e técnicos russos. Já não se devem a homens nascidos nas sociedades altamente evoluídas da Europa Ocidental e do Novo Mundo, trabalhando na atmosfera propícia à criação e à pesquisa da sociedade capitalista em plena expansão, mas sim a homens educados no reacionário e semifeudal Estado czarista, o que serve definitivamente para explicar o gênio próprio e a superioridade do povo russo. Assim, a paternidade da lei da conservação da energia, descoberta no Ocidente durante o século 19, é atribuída a Lomonosov, que a formulou... em 1748. Vinte e um anos antes dos irmãos Wright, o russo Mozhaiski tinha voado em um avião e, sem que o mundo soubesse disso antes do século 20, foram os russos os inventores das famosas máquinas têxteis que constituíram o ponto de partida da revolução industrial. Também é russa a paternidade da eletrólise da água, da penicilina, do rádio, do telefone, das calculadoras, dos navios de hélice e dos aviões a propulsão, inventos todos que foram roubados por uma série de capitalistas sem escrúpulos. Até mesmo Galileu é um impostor, glorificado por descobertas, cujo mérito correspondia exclusivamente a pesquisadores russos.

Em tais condições, e apesar das obrigatórias e rituais condenações ao "chauvinismo grão-russo", toda a história do passado é reescrita de modo a justificar a dominação exercida pelo Império Russo sobre os povos não eslavos durante o período czarista. O culto aos heróis nacionais do Cazaquistão, Uzbequistão, do Tajiquistão e da Ucrânia é condenado em nome da luta contra o cosmopolitismo. O

"socialismo em um só país" – do qual ninguém mais fala – conduz à exaltação do passado russo em seus aspectos mais reacionários, o que explica que o escritor comunista Alexander Fadeiev, porta-voz oficioso de Stalin, possa escrever no *Pravda* de 30 de junho de 1947: "Desejamos que se compreenda a necessidade histórica e o caráter progressivo da integração de toda uma série de povos no Estado russo". A existência de um Estado de Israel, que conta com as simpatias ocidentais, permite justificar a ressurreição de um antissemitismo que, sob os czares, tinha sido parte central do chauvinismo grão-russo, permanecendo latente sob a ligeira camada de verniz dada pela ideologia stalinista. A partir de 1948 esta nova tendência se manifesta na proibição de qualquer publicação em iídiche, na detenção de vários membros da comunidade judia, na denúncia de alguns escritores hebreus cujo verdadeiro nome israelita é descoberto pelos jornais (se por acaso resolveram se esconder atrás de um pseudônimo de consonância russa) e que são atacados como "cosmopolitas sem pátria" e, por fim, na liquidação de numerosas personalidades judias, entra as quais se encontra o ator Mikoels e muito provavelmente o cineasta Eisenstein.

A campanha ideológica vem acompanhada de uma enérgica depuração dos jornais, das revistas, dos institutos científicos e das academias e cujos alvos são filósofos, economistas, cientistas, pintores, romancistas, poetas, compositores, cineastas, biólogos, físicos, críticos de arte, palhaços e agrônomos. As personalidades condenadas – algumas vezes depois de ruidosas intervenções de Stalin, como no caso da polêmica sobre a linguística ou sobre a genética – perdem suas funções oficiais nos institutos, suas cátedras e seus laboratórios nas universidades, vendo-se privados de seus meios de subsistência, pois são proibidos de publicar seus escritos ou partituras. Alguns foram detidos e morreram nos campos de concentração, como aconteceu com o célebre biólogo Vavilov. Tanto Zhdanov, o onipotente senhor da ideologia, quanto os funcionários que o seguem, empreendem a fixação das normas da estética oficial. O "realismo socialista" tem que ser a representação da sociedade como os dirigentes querem que seja, pois é uma ferramenta para dirigi-la e moldá-la. O realismo socialista condena o "liberalismo podre" que permite a expressão dos traços negativos ou das "sobrevivências do passado", bem como do "sentimento de solidão" que é "estranho à sociedade soviética". Os heróis dos romances devem ser autênticos modelos de conformismo e o Comitê Central não vacila em condenar igualmente a biologia de Morgan, a mecânica ondulatória e a física nuclear, qualificada de "burguesa" de acordo com a ocasião, bem como a cibernética e a psicanálise, expoentes não menos escandalosos da "ideologia burguesa". Os excessos da *zhdanovshina*[823] refletem na realidade uma necessidade frenética de controle que a burocracia não consegue satisfazer, na medida em

823 Onda repressiva encabeçada por Zhdanov, similar à "yezhovshina", encabeçada então por Yezhov (ver capítulo 15), mas voltada ao plano cultural (N. do E.).

que este controle excessivo contradiz as necessidades profundas da sociedade e de sua estrutura econômica. Durante os anos seguintes, quase todas as condenações "definitivas" pronunciadas no plano cultural durante o primeiro pós-guerra serão revisadas.

As novas contradições

A constituição da "glacis" da Europa Oriental é considerada – pelo menos do ponto de vista dos comentaristas pró-ocidentais que querem mostrar esse processo como algo ameaçador – como uma das vitórias mais importantes da URSS do pós-guerra. Esta expansão de características tão especiais acaba ainda assim por enfrentar quase que imediatamente novas contradições de importância tão grande que virão, em apenas alguns anos, a balançar o edifício de dominação burocrática na URSS. Apesar do surgimento de interessantes estudos publicados nas últimas décadas, uma história das "democracias populares" ainda não foi escrita. Logo começará a ser, e seus primeiros esboços surgem em 1956, quando rompe-se o silêncio que era imposto nestes países a milhões de homens que participaram desta transformação ou que sofreram com ela. O futuro historiador terá, em primeiro lugar, que levar em consideração a divisão da Europa em diferentes zonas de influência e de ocupação realizada pelos aliados. Se a Alemanha está dividida em dois Estados com regimes políticos e sociais opostos, todos sabem que a explicação não deve ser buscada nas relações entre as classes existentes nesses territórios em 1946, mas sim no fato de que estes Estados foram construídos verticalmente pelas grandes potências que então eram aliadas. Os aliados ocidentais tinham aceitado, em Teerã, Potsdam e Yalta, as transformações dos países da Europa Oriental, assim como Stalin e os dirigentes da URSS toleraram a restauração da ordem capitalista pelos anglo-americanos na Itália, Grécia e outros países.

O historiador deverá levar em conta também a completa destruição do Estado burguês e inclusive das forças sociais capitalistas nos países da Europa Oriental submetidos ao Exército Vermelho. O avanço do exército russo despertou na classe operária destes países, oprimidos até então pela ditadura nazista, toda uma série de esperanças revolucionárias, bem como o desejo de reger seus destinos com os instrumentos que lhes eram característicos. Os comitês de libertação iugoslavos, por exemplo, ditam suas leis a províncias inteiras, inclusive antes da chegada da vanguarda das tropas russas, e a primeira brigada proletária do exército de *partisans* empreende uma autêntica corrida com os tanques russos para ser a primeira a libertar Belgrado. Os operários tchecos armados participam da libertação de Praga e proclamam a autoridade de seus sindicatos, que implementam o controle operário dentro das fábricas. Os operários de Varsóvia participam da insurreição do verão de 1944, esmagada por tropas alemãs que já se encontravam ao alcance dos canhões do Exército Vermelho. Em todas as fábricas alemãs do leste são formados

conselhos operários que assumem a gestão das empresas. As células comunistas clandestinas – cuja atmosfera era, segundo Leonhard, "radicalmente diferente das reuniões do partido soviético" – evocavam "a imagem que se tinha formado das reuniões nos tempos da Revolução de Outubro e durante a guerra civil russa"[824]. Constituíam-se por todos os lados comitês com diversos nomes, "antifascistas" ou "socialistas", que se encarregavam de solucionar os problemas do momento. Sem dúvida, a tomada do poder pelos conselhos operários não teria tardado se tivesse existido neles um pequeno partido semelhante ao partido bolchevique de 1917. No entanto, o depositário da confiança da vanguarda era o partido comunista, filial do partido russo, cujos dirigentes tinham outros planos.

Em maio de 1945 o dirigente comunista tcheco Gottwald anuncia, em meio a um vibrante discurso, o nascimento de uma "revolução democrática e nacional", afastando assim a perspectiva de uma "revolução socialista". Por seu lado, Walter Ulbricht afirma na conferência do partido alemão: "Alguns operários pretendem começar imediatamente a construção do socialismo. Isso não é possível". Se inicia o ataque contra os organismos autônomos de classe. Os emissários de Ulbricht organizam a dissolução dos comitês antifascistas e a integração de seus membros na administração, que funciona sob a autoridade das forças russas de ocupação. Ao reorganizar o partido e os sindicatos de cima para baixo, o aparato consegue dissolver os conselhos de empresa. Ordena que os trabalhadores tchecos entreguem suas armas. O controle operário – esvaziado de qualquer conteúdo devido à passagem da administração das fábricas ao Exército Vermelho – acaba sendo suprimido na Tchecoslováquia, onde os russos devolvem a autoridade civil aos representantes do governo emigrado de Londres. Quando a administração governamental é reconstituída sob a autoridade direta do exército russo, os representantes do aparato vão buscar freneticamente por representantes dos antigos partidos burgueses para que ocupem os postos mais representativos. A "democracia de novo tipo" não pode ser concebida sem a presença destes homens respeitáveis. Estes últimos entrarão em acordo com os representantes do aparato para aceitarem finalmente as nacionalizações das indústrias tchecas, a respeito das quais um deles, Hubert Ripka, escreve: "pelo menos assim evitaremos os distúrbios sociais: é uma vantagem substancial"[825]. Assim, os próprios comunistas tchecos propõem "renovar" o Conselho Central dos Sindicatos incorporando nele uma representação paritária de membros designados por todos os partidos, com o evidente objetivo de eliminar sua autoridade rival.

No tipo de Estado reconstruído durante a ocupação do exército russo, e no qual os representantes do aparato se reservaram os setores-chave como a polícia e o exército, os dirigentes comunistas vão construir partidos de tipo stalinista, ten-

---

824 LEONHARD, *Child...*, *op. cit.*, p. 199.
825 RIPKA, Hubert, *Le coup de Prague*, Paris, Plon, 1949, pp. 34-35.

tando obter, em primeiro lugar, sua fusão com os partidos socialistas demasiado permeáveis a oposições de esquerda. Quando a onda revolucionária retrocede, os homens do aparato já ocuparam todos os cargos de comando e estão dispostos a iniciar uma nova virada. Como afirma Paul Barton, "a democracia popular, concebida como uma aliança do partido comunista com o aparato de Estado e com uma burguesia desintegrada por seis anos de ocupação nazista, se revelou irrealizável por sua incompatibilidade com as relações sociais existentes. Disso se deduziu a necessidade de adotar numerosas medidas que tendiam – como as nacionalizações – a quebrar a aliança que devia constituir a base da democracia popular"[826]. Em 1947 o Partido Comunista da URSS toma a iniciativa de promover na Polônia uma reunião de nove partidos comunistas e que deverá decidir pela fundação do Kominform[827], tanto para absorver as contradições entre seus membros, quanto para dar uma resposta ao Plano Marshall, cuja ajuda foi oferecida inicialmente também aos países satélites da União Soviética. Seu mentor, Zhdanov, justificará posteriormente sua formação pela "necessidade (...) particularmente urgente de consulta e livre coordenação das atividades entre os diferentes partidos".

Meses mais tarde, o "golpe de Praga" fecha todo um período: cerca de 8.000 delegados de fábrica reunidos em Praga, junto com as milícias operárias, formadas e mobilizadas em todo o país, decidem por um golpe de Estado, transferindo o poder ao partido comunista em detrimento de seus recentes aliados, e logo em seguida se dispersam. Não haverá soviets tchecoslovacos, mas sim uma sociedade e um Estado cujas estruturas e funcionamento estão calcadas no modelo russo. O processo de assimilação estrutural está chegando ao fim. Como diz Paul Barton,

> mesmo no caso de ocupação militar, Stalin se opõe à tomada do poder durante todo o tempo em que perdure uma séria agitação no país em questão. (...) A experiência russa, por outro lado, explica suficientemente bem a negativa de Stalin em admitir a tomada do poder por seus seguidores em plena fermentação revolucionaria: os bolcheviques chegaram ao poder graças ao desencadeamento das aspirações populares, mas o sucessor de Lenin necessitou de mais de vinte anos para liquidar as veleidades de seus súditos e assentar solidamente seu regime. (...) Apenas ordena a "ação direta" ali onde seus emuladores operam em meio à apatia geral das "massas". A partir do momento em que estas começam a se mover com sinceridade, os stalinistas recebem a consigna de formar uma coalizão com seus adversários. (...) O objetivo é voltar a sujeitar as massas revolucionárias, cuja vanguarda os stalinistas pretendem ser. Uma vez domesticadas, serão utilizadas no dia seguinte para desfazer-se dos aliados de ocasião: a "revolução nacional democrática" será então completada, proclamando-se o começo da "edificação do socialismo"[828].

826 BARTON, Paul, *Prague à l'heure de Moscou: analyse d'une démocratie populaire*, Paris, Horay, 1954, p. 1.
827 Birô Comunista de Informação, que reunia, sob o controle do PCUS, diversos partidos comunistas europeus (N. do E.).
828 *Ibid*, pp. 121-122.

Os interesses da burocracia russa e a necessidade de lutar ao mesmo tempo contra as forças capitalistas que ameaçam sua base econômica e contra as forças operárias que contestam seu monopólio político conduziram à transformação da "glacis" estratégica em uma série de Estados satélites de estrutura idêntica.

No entanto, as contradições não param aí. A subordinação dos diversos aparatos dos partidos que detêm o poder na Europa Oriental ao aparato russo não os impede de criar uma burocracia que, apesar de ter sido calcada no modelo russo ao ponto de fazer os mesmos zigue-zagues econômicos, não deixa de ter interesses próprios e divergentes dos da burocracia stalinista. Estes regimes são fruto de uma revolução inconclusa e muito controlada e da ação de massas muito dóceis. Por isso mesmo, o período de reação, posterior à onda revolucionária, não terá em nenhum momento a força daquele que a URSS enfrentou durante os anos 1920-1930. Sua base social e política é frágil e sua força surge, em grande medida, da presença do Exército Vermelho. Ao mesmo tempo, os burocratas da Europa Oriental, mais sensíveis às resistências e às aspirações operárias e camponesas, vão invocar suas aspirações nacionais escondidas sob a pretensa busca de uma via própria para o socialismo.

Em particular, as características peculiares da luta do partido comunista iugoslavo durante a guerra vão provocar, entre este e o partido e Estado russos, a primeira ruptura entre organismos e estruturas surgidos do mesmo aparato e reivindicando a mesma bagagem ideológica. De fato, o partido comunista iugoslavo foi o único que encabeçou uma luta de caráter revolucionário contra o ocupante alemão e ao mesmo tempo contra as forças sociais dirigentes do período anterior à guerra. Ao contar com o firme apoio das massas, é o primeiro a rechaçar a política de conciliação defendida sob o nome de "democracia popular", o primeiro a empreender abertamente uma política de "transformação socialista" e também a criticar o "oportunismo" dos "partidos irmãos" da França e Itália. Os dirigentes iugoslavos, orgulhosos de sua força, de sua ambição e da confiança popular, criticam os tratados econômicos injustos que a URSS assinou com seus aliados, se opõem à intromissão dos militares e, principalmente, da polícia secreta russa em seu país e às tentativas dos chefes do aparato soviético de passar por cima deles e tirar-lhes o controle do partido. Depois de uma luta secreta de vários meses, uma série de detenções de ambas as partes e da troca de cartas cada vez mais furiosas, a ruptura vem a público em uma declaração do Kominform datada de 18 de junho de 1948.

O conflito entre os partidos russo e iugoslavo excederia os limites deste trabalho. Ainda assim, parece conveniente lembrar alguns de seus episódios. Durante o XX Congresso, Krushev revelou o que Stalin costumava dizer em julho de 1948: "Vou mover meu dedo mindinho e Tito desaparecerá"[829]. Na verdade, o aparato stalinista colocou em movimento um número considerável de meios para acabar

829 KRUSHEV, Nikita em *The anti-Stalin campaign, op. cit.*, p. 62.

com a resistência de Tito e dos demais dirigentes iugoslavos; entre outros, as mais monstruosas acusações, apoiadas pelos mais modernos instrumentos propagandísticos, bem como a organização nas democracias populares de novos processos destinados a provar sua culpa. Como nos tempos dos processos de Moscou, a polícia secreta se torna o mestre de cerimônias, esforçando-se em aniquilar com o terror qualquer tipo de oposição, inclusive parcial, arrancando dos dirigentes comunistas confissões espetaculares e obrigando-os a admitir em público os mais tremendos crimes de espionagem e terrorismo, além de ligações com a Gestapo, o Intelligence Service, a CIA americana e, naturalmente, o trotskismo internacional, com o objetivo de acabar com o herege em questão e eliminar o polo de resistência e, ao mesmo tempo, de golpear, em todos os aparatos dirigentes dos países satélites, outros elementos capazes de manifestar qualquer tipo de independência ou de sensibilidade às pressões populares.

A ocupação russa, em sua primeira fase, supôs a liquidação de todos os elementos suspeitos de trotskismo. Sverma, secretário do partido comunista eslovaco, morreu em 1944 em circunstâncias ainda não esclarecidas. Tinha feito parte, clandestinamente, da Oposição de Esquerda. A repressão se abate sobre todos os antigos trotskistas dos países onde impera a democracia popular. Este é o caso do alemão Oskar Hippe, que, depois de sair dos campos de concentração nazistas, será mandado para a Sibéria, e também do trotskista búlgaro Gatcheff. O tcheco Zavis Kalandra será enforcado depois que seu velho amigo, o poeta Eluard, se nega a intervir, alegando que estava ocupado demais defendendo os acusados que clamavam sua inocência para poder ocupar-se também dos que afirmavam sua culpa. A ruptura entre Tito e Stalin provoca igualmente dezenas de milhares de detenções e execuções. Na Polônia, o único delito cometido por Gomulka, Spychalski e Loga-Sowinski foi se integrarem na luta popular durante a ocupação alemã. No entanto, lhes é atribuída certa hostilidade a algumas pretensões russas, o que vai lhes valer muitos meses na prisão, conseguindo, graças a circunstâncias ainda desconhecidas, evitar o processo e a forca. Na Hungria será enforcado Rajk, ex-combatente da guerra da Espanha e organizador do partido na clandestinidade, e na Bulgária, Kostov, também clandestino durante a ocupação. As negativas de Kostov não comoveram a consciência tranquila dos comunistas do mundo inteiro, que se apoiaram nas confissões de Rajk para proclamar sua culpa. Na Tchecoslováquia, Clementis vai pagar com sua vida o delito de ter se oposto anteriormente ao pacto germano-soviético; Sling, o de ter sido dirigente do partido clandestino durante a ocupação alemã; e Josef Pavel, o de ter sido o chefe das milícias operárias durante o "golpe de Praga". Os motivos da execução de Slanski, homem do aparato por excelência, ainda não foram esclarecidos, mas o fato de ter sido acusado de assassinar Sverma lembra bastante as técnicas de acusação empregadas na URSS entre 1936 e 1938.

Como regra geral, em todos os países da Europa Oriental, o poder passa para as mãos dos "moscovitas", como Ulbricht (Alemanha), Anna Pauker (Romênia), Bierut (Polônia) e Rakosi e Geroe (Hungria), quer dizer, aqueles que passaram a guerra na URSS, voltando a seus países na esteira do exército russo. A depuração afeta a maioria dos veteranos das brigadas internacionais da Espanha, os organizadores clandestinos e, em geral, aqueles dirigentes que em um momento ou outro tiveram algum tipo de relação com o movimento de massas ou que tenham sido algo mais que meros e dóceis instrumentos dirigidos pelo aparato internacional. Mais uma vez, ainda que em uma nova situação, sem a ameaça que significavam em 1936 o imperialismo alemão e as pretensões nazistas, o regime stalinista demonstra que o terror e o governo policialesco são imprescindíveis para a manutenção de seu domínio. Mais uma vez, oferece uma imagem odiosa ou inverossímil do "socialismo", permitindo que os defensores do livre mercado, do militarismo, do colonialismo e de todas as forças de opressão renovem seus argumentos e se apresentem como defensores do "mundo livre" e seus princípios, inclusive nos meios operários. Nestas circunstâncias, a vitória em 1950 dos comunistas chineses dirigidos por Mao Tse-tung, ainda que seguindo uma linha expressamente condenada por Stalin, anuncia não só uma expansão do "bloco socialista", mas também o surgimento de novas contradições e dificuldades, demonstrando um pouco mais o absurdo completo da ideia do "socialismo em um só país".

As antigas contradições

O surgimento das novas contradições não pode dissimular as antigas, que ainda não foram resolvidas. É relativamente fácil, se se tem uma polícia eficiente e o monopólio absoluto da informação, acabar com os caprichos independentistas dos intelectuais e prosseguir a russificação das nacionalidades alógenas. A reconstrução da indústria, apesar de alguns desperdícios de força e material, também acontecerá sem graves crises: em 1948 se alcança e ultrapassa o nível de produção de 1940. Ainda assim, aparecem novos problemas, pois a rapidez da evolução industrial desperta no operário um sentimento de seu próprio valor, o que leva ao renascimento da consciência de classe. Depois da distensão acontecida durante a guerra, o enquadramento do campesinato se torna um trabalho de Sísifo. O Conselho dos *Kolkhozes*, encabeçado por Andreiev, conseguiu recuperar em um ano cinco milhões de hectares "usurpados". A estrutura orgânica do partido nas estações de máquinas e tratores dispõe de um número crescente de quadros. No entanto, os membros dos *kolkhozes* continuam oferecendo uma poderosa resistência ao sistema de fornecimentos obrigatórios. Os comunicados vitoriosos de 1946 e 1947 conseguem apenas dissimular uma profunda estagnação. A produção agrícola na realidade é menor que a de antes da guerra e a riqueza pecuária é inferior em 16% à existente antes de 1928, enquanto a população aumentou em 25%.

Em seguida, vai estourar entre os dirigentes uma grande discussão em torno à agricultura. O debate é aberto por Krushev. Ao que parece, no período de 1946-1947 este último teve alguns problemas, pois Shatalin, colaborador de Malenkov, lançou um ataque público contra a política dos quadros na Ucrânia, que era seu feudo. Este pode ser também o motivo de sua substituição por Kaganovich no Secretariado do partido ucraniano entre março e dezembro de 1947. Ainda assim, no final de 1949 volta a se encontrar na primeira linha como secretário do Comitê Central. Provavelmente, Krushev foi o inspirador de um ataque do *Pravda*, datado de 19 de fevereiro de 1950, contra Andreiev, a quem reprova por ter fomentado o sistema de pequenas unidades de trabalho nos *kolkhozes* em detrimento das brigadas, o que confere às tarefas agrícolas um caráter menos coletivo. Andreiev reconhece seu erro, faz sua autocrítica e conserva todos seus cargos, tanto no Birô Político, quanto no Comitê Central. Krushev aparece então assinando um artigo em 8 de março, no qual, para fazer frente às dificuldades da agricultura, propõe a fusão dos *kolkhozes* para reduzir seu número. Também afirma que este método facilitaria a mecanização e permitiria aumentar a produção reduzindo os custos. Como aponta Schapiro, tal reforma apresentaria ainda a vantagem de facilitar o controle do partido sobre os *kolkhozes*. A proposta é aceita e começa a ser aplicada imediatamente. Os 252.000 *kolkhozes* são reduzidos a 121.400 no final do ano e a 94.800 no final de 1952, sendo que destes, 76.355 contavam com sua própria organização partidária. Schapiro acredita que essa política de Krushev enfrenta a oposição de Malenkov e Béria, um de cujos partidários, Baguirov, secretário do partido no Azerbaijão, critica em maio de 1951 a rapidez com que foi realizada a concentração[830].

O conflito não demora muito a estourar de novo. Em um discurso pronunciado em 1º de março e publicado no dia 4 do mesmo mês, Krushev propõe que os próprios membros dos *kolkhozes* empreendam a construção de aglomerações centrais de tipo urbano, as "agrovilas", nas quais todos eles poderiam conservar suas parcelas individuais perto de sua moradia. A oposição suscitada por esta proposta nos meios dirigente se manifesta claramente em uma nota do *Pravda* do dia seguinte, que diz que o texto do discurso de Krushev foi publicado sem a indicação de que se tratava de material de discussão. Somente Baguirov e Ariutinov, secretário do partido comunista armênio, tomarão posição publicamente contra a tese de Krushev antes do XIX Congresso, onde serão combatidas com êxito por Malenkov, sem que se faça referência alguma a seu autor.

Finalmente, a polêmica vai ser resolvida antes do congresso por uma intervenção de Stalin na discussão sobre o manual de economia política que estava sendo preparado. A conclusão de seus artigos, nos quais combate alguns jovens polemistas desconhecidos, é a condenação formal da proposta feita por dois deles, Wenger

830 SCHAPIRO, Leonard. *The Communist Party... op. cit.*, p. 516.

e Saruina, que propunham vender o material das estações de máquinas e tratores aos *kolkhozes*. Stalin afirma então que a proposta supõe "fazer girar para trás a roda da história", "arruinar os *kolkhozes*, ameaçar a mecanização da agricultura, frear o ritmo da produção kolkhoziana, (...) nos distanciar do comunismo". Como forma de "elevar a propriedade kolkhoziana ao nível da produção nacional", propõe ainda a progressiva supressão do mercado e a construção de um sistema de trocas de produtos entre a indústria e os *kolkhozes*. As "agrovilas", às quais nem sequer se refere, ficam, portanto, descartadas definitivamente[831].

O XIX Congresso

O XIX Congresso é aberto no dia 5 de outubro de 1952, no dia seguinte à publicação no *Pravda* (3 e 4 de outubro) do artigo de Stalin sobre os problemas econômicos. Desta forma, ficava claro que este congresso, o primeiro desde 1939, não era, como os anteriores, mais do que um gigantesco espetáculo, visto que o grande chefe já tinha decidido tudo. Stalin, que está presente, só tomará a palavra no ato de encerramento, mas tal abstenção não é um obstáculo para que o plenário com suas aclamações e os jornalistas com suas crônicas lhe deem a destacadíssima importância que corresponde ao mestre todo-poderoso. O papel de substituto e eventual sucessor corresponde a Malenkov, que apresenta o informe do Comitê Central. Junto com Béria, ministro do Interior e ministro da Segurança Estatal, o terceiro personagem é, sem dúvida, Nikita Krushev, encarregado da apresentação do informe sobre as modificações no estatuto do partido.

Não há nenhuma informação sobre a composição social do congresso nem sobre as funções realmente desempenhadas pelos delegados. Só podemos supor que os funcionários do partido e do Estado, como nos congressos anteriores, estavam em clara maioria, enquanto apenas uma ínfima minoria de operários e camponeses que trabalham efetivamente nas fábricas ou no campo puderam estar presentes. Ainda assim, é interessante observar que, enquanto 75% dos membros do partido tinham se filiado depois do começo da guerra, apenas 25% dos delegados pertencem a esta geração. Na verdade, 36,4% deles se filiaram entre 1921 e 1930 e 36% entre 1931 e 1940. Disso podemos deduzir que o aparato não parece ter sido afetado pelo período de guerra e do pós-guerra, já que 75% dos delegados tem mais de 40 anos, enquanto que no XVIII Congresso 80% tinha menos de quarenta. A geração formada durante a luta contra a oposição e que sobreviveu aos grandes expurgos conserva, pois, os comandos.

No congresso não acontece nenhuma discussão digna de nota. O único acontecimento importante é a modificação dos estatutos expostos por Krushev. São suprimidos o Birô Político e o Birô de Organização, substituídos por um presidium de 25 membros titulares e onze suplentes. Krushev não dá nenhuma ex-

831 STALIN, Josef, *Derniers écrits*, Paris, Éditions sociales, 1953, pp. 180-181.

plicação sobre esta reforma, contentando-se em dizer que o nome de Presidium convém melhor ao organismo encarregado de dirigir o trabalho nos intervalos entre as sessões do Comitê Central e que já não tem sentido a existência do Birô de Organização quando a prática demonstrou que é o Secretariado que centraliza tais funções. O massivo incremento do número de membros do organismo mais restrito de direção recordava o experimentado pelo Comitê Central durante a época da luta contra a oposição. No XX Congresso, Krushev afirmará que, efetivamente, o objetivo desta medida era sufocar os antigos membros do Birô Político com um grande número de dirigentes, menos experientes e seguramente mais maleáveis, ainda mais que, fiel à tradição do aparato, o secretário geral tinha formado para si um birô secreto, cuja existência, assim como sua composição, só foi revelada após sua morte. A análise elaborada por Merle Fainsod da composição do novo Presidium traduz ainda a preocupação de representar, na medida do possível, os verdadeiros dirigentes do país em um único organismo de direção, concentrando nele os dirigentes dos diferentes subaparatos: o integram os dez secretários do Comitê Central e os treze vice-presidentes do Conselho de Ministros da URSS, alguns dirigentes sindicais, da juventude, do aparato do partido, das repúblicas e ainda alguns dos altos dirigentes da administração econômica.

O Comitê Central eleito tem 236 membros titulares e suplentes, quer dizer, quase o dobro do Comitê Central anterior. Schapiro ressalta dois fatos interessantes em sua composição. Em primeiro lugar, 61% de seus membros já eram do Comitê Central e, por outro lado, os secretários regionais representam a metade dos titulares, em vez de um quinto, como em 1939[832]. O Secretariado parece expressar certa busca de um equilíbrio entre as personalidades de segundo plano do regime. Além de Stalin, Malenkov, Krushev e Suslov, também estão nele Aristov, Brezhnev, Ignatov e Mikhailov, ao que parece, vinculados a Krushev, além de Pegov e Ponomarenko, homens de confiança de Malenkov. Por último, e de acordo com Schapiro, é interessante notar que o XIX Congresso decide suprimir a palavra "bolchevique" que era incluída no nome do partido entre parênteses, introduzindo ainda uma modificação na ordem dos deveres dos militantes do partido, onde o primeiro item passará a ser a salvaguarda da unidade do partido e o estudo do marxismo-leninismo ocupará apenas o quarto lugar[833].

Rumo a um novo expurgo?

De fato, o XIX Congresso encerra um período de dificuldades e tensões crescentes. Ao mesmo tempo, contém um aviso. O artigo de Stalin já permitia prever o endurecimento e a intensificação da luta a favor de uma maior disciplina nos

832 FAINSOD, Merle, *How Russia...*, *op. cit.*, pp. 277-279.
833 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 526.

kolkhozes. Malenkov insiste na justeza da política de depuração e de repressão do período anterior à guerra, afirmando em seu informe: "Os resultados da guerra revelam o pleno significado da luta impiedosa que nosso partido manteve ao longo dos anos contra os inimigos do marxismo-leninismo, contra os degenerados trotskistas-bukharinistas, contra esses covardes e esses traidores que tentaram afastar o partido de seu caminho e destruir a unidade de suas fileiras"[834].

Multiplicam-se os sinais de uma luta na cúpula. Quinze dias depois do congresso, em 30 de outubro de 1952, se anuncia que, como resultado de um "erro técnico", não foi mencionado o nome do marechal Govorov entre os membros suplentes eleitos ao Comitê Central. No dia 7 de novembro, Béria, até então o número quatro na listagem dos dirigentes, desce dois postos, sendo ultrapassado por Voroshilov e Bulganin. A imprensa inicia uma campanha contra o nepotismo e o desenvolvimento do "apadrinhamento" entre os dirigentes, indicando a necessidade de novos quadros. O *Pravda* de 10 de dezembro escreve: "No leme, na direção, na indústria e na agricultura, no partido e no aparato estatal, devem estar homens dedicados por inteiro à causa do comunismo e conhecedores de seu trabalho. (...) Há muitos homens que cumprem estas condições e só é necessário saber escolhê-los a tempo e promovê-los aos postos dirigentes". No dia 23 de dezembro, Mikhail Suslov, em um duro ataque contra Fedoseiev, revela pela primeira vez que Voznesenski tinha caído em desgraça e expõe a resolução de junho de 1949 da qual este foi objeto. Schapiro nota a pressão exercida pelos comandantes mais jovens do partido, recrutados a partir de 1941, contra o obstáculo que constitui o enraizamento dos quadros que ascenderam às vésperas da guerra e recorda de que forma, durante o período de 1937-1938, Stalin soube preservar sua dominação através da promoção de uma nova geração de *apparatchiks*[835]. Certamente, tudo parece indicar que mais uma depuração de grandes proporções se aproxima.

Tudo indica, igualmente, que a detenção dos "médicos criminosos", cujo "complô" foi revelado em 13 de janeiro de 1953, aconteceu no final de novembro. O *Pravda* anuncia a detenção de outros nove médicos, entre os quais vários judeus, todos eles celebridades da medicina soviética, que serão acusados de terem assassinado Zhdanov e Sherbakov e de prepararem o assassinato de Stalin e de vários chefes militares. Estes homens, muitos deles condecorados com a Ordem de Lenin, e um dos quais, Vinogradov, foi chamado como perito médico para testemunhar no julgamento de Bukharin sobre os "assassinatos" de Gorki, Peshkov e Kuibishev, são agora apresentados como espiões. Cinco deles confessam ter atuado com o apoio da organização judia Joint em benefício do serviço secreto americano; outros três se declaram agentes do *Intelligence Service* inglês. Em 20 de janeiro a doutora Lidia Timashuk, que colaborou no seu desmascaramento, é

834 *Pravda*, 6 de outubro de 1952.
835 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party*... *op. cit.*, p. 546.

condecorada. Muitos indícios sugerem que o "caso dos assassinos de jaleco branco" era só o prelúdio de uma operação de maior envergadura. Harrison-Salisbury afirma que os rumores que circulavam em Moscou em relação às personalidades ameaçadas só excluíam do perigo Stalin e Poskrebishev; também confirma que a mulher de Molotov foi detida e deportada depois da detenção dos médicos[836]. No enterro da senhora Mikoyan, Ivan Shaumian fala da prisão recente de dois dos cinco filhos de Mikoyan. Na opinião de Harrison-Salisbury, "o banho de sangue dos anos 1930 ficaria eclipsado pela matança que estava sendo preparada". É preciso dizer ainda que somente dois dirigentes, Kozlov e Suslov, intervêm na campanha desencadeada na imprensa contra os "nacionalistas burgueses judeus", os "degenerados e malvados", os "espiões e desviacionistas". Esta nova campanha, organizada certamente pelo próprio Stalin ou pelo menos por Poskrebishev, poderia ter como alvo, como já foi sugerido, Béria, cujos serviços são censurados por ter se "deixado surpreender" pelos médicos e seus cúmplices. Wolfgang Leonhard sublinha com razão as estranhas circunstâncias que cercam o anúncio, em 17 de fevereiro, da morte do general de divisão Kosinkin, chefe da guarnição do Kremlin[837].

Por acaso a eminência de um novo expurgo provocou um reflexo defensivo entre os dirigentes que se sentiam ameaçados? É difícil responder a esta pergunta ou ir mais longe do que Schapiro, que considera possível que "os dirigentes do partido próximos a Stalin, ao mesmo tempo em que não se atreviam a enfrentá-lo enquanto estivesse vivo, resistiam tenazmente a organizar um novo banho de sangue"[838], pois a experiência lhes dizia que eles mesmos podiam ser arrastados pela corrente. Que interpretação pode se dar ao relato que oferece Krishna Menoni de sua conversa com Stalin? O ditador rabisca uns lobos sobre uma folha de papel e depois diz ao estadista indiano que o camponês russo conhece bem os lobos, velhos inimigos seus e que sabe como matá-los, mas que os lobos também o sabem[839]. Quem são os "lobos"? Vale aqui qualquer hipótese, mas nenhuma delas contaria com uma base séria. O que ocorreu entre o primeiro ataque sofrido por Stalin e sua morte? Correu tudo como foi relatado pela imprensa e pelo rádio? A resposta pode bem ser negativa se levamos em conta algumas imprecisões e uns tantos silêncios curiosos. Stalin morreu de morte natural ou seu fim foi adiantado ou provocado por seus "discípulos" e "fiéis companheiros em armas"? Ou as falsidades nas informações não são mais do que o resultado de um desejo de ganhar tempo, dissimulando o verdadeiro estado de saúde do enfermo, atrasando talvez o anúncio de sua morte? Schapiro renuncia prudentemente a tomar posição, na falta de documentos sérios e escreve: "Uma coisa sim é certa: para

836 SALISBURY, Harrison, *Russia reviewed* em *The New York Times*, 24 de setembro de 1954.
837 LEONHARD, Wolfgang, *The Kremlin...*, *op. cit.*, p.49.
838 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 546.
839 SALISBURY, Harrison em *The New York Times*, 22 de setembro de 1954.

muitos membros do partido, situados nos altos cargos ou menos eminentes, a morte de Stalin acontecia em um momento preciso"[840].

Efetivamente, sua morte, em 5 de março, detém imediatamente a ofensiva preparada durante seus últimos meses. No dia 4 de abril, um comunicado do Ministério do Interior anuncia a libertação e reabilitação de treze médicos, seis dos quais nem sequer tinham sido nomeados ainda. Dos nove que figuravam no comunicado do dia 13 de janeiro, dois não constam na lista dos reabilitados, mas não se especifica se morreram na prisão ou se, ao contrário, eram meros auxiliares da polícia que desempenhavam o conhecido papel de provocadores. O mesmo comunicado afirma que as confissões foram obtidas pela tortura e que os altos funcionários dirigentes por tal "violação da legalidade" serão fuzilados.

A morte de Stalin terá enormes consequências. O partido, "assembleia da elite dirigente", dominado por seu aparato e centralizado nas mãos do secretariado pessoal de Stalin, apesar de ser a única força organizada do país e deter o monopólio absoluto do poder, nem por isso deixa de sofrer uma verdadeira decapitação com a morte daquele que, ao mesmo tempo, tinha fundamentado a dominação da burocracia à qual ele próprio encarnava e confiscado os direitos políticos dos próprios burocratas. A angústia manifestada por seus homens e herdeiros, seus chamados à calma, suas advertências contra a desordem e o pânico e a concentração de tropas em torno ao Kremlin durante as horas seguintes à notícia demonstram que pelo menos eles tinham consciência de que poderia se iniciar então uma nova era.

840 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party...*, *op. cit.*, p. 546.

19

A DESESTALINIZAÇÃO E O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE 1956-1957

Dias antes de seu assassinato, Trotski afirmava, na conclusão de sua obra sobre Stalin: "Uma explicação histórica não é uma justificação. Nero também foi um produto de seu tempo. No entanto, quando ele desapareceu, suas estatuas foram destruídas e seu nome apagado em todos os lados. A vingança da história é mais terrível que a do mais poderoso secretário geral. Atrevo-me a pensar que isso pode servir de consolo"[841].

Três anos depois da morte de Stalin, o XX Congresso ouve seus sucessores – que tinham sido seus colaboradores – denunciar o "culto à personalidade" e "revelar" uma série de crimes que já eram conhecidos e tinham sido denunciados por outros. No entanto, essa "desestalinização" oficial tem desde o começo limites bem determinados. Aqueles que a partir de 1956 denunciam os assassinatos massivos, batizados de "violações da legalidade", foram durante muitos anos "fiéis discípulos" e "companheiros em armas de Stalin". Compartilharam com ele as responsabilidades do poder, executaram suas ordens e oficiaram em seu culto. Por isso correm o risco de serem acusados de cumplicidade e temem com razão que surjam "revelações" inoportunas. Por outro lado, é difícil descobrir o momento em que a desestalinização oficial se torna algo mais do que um acerto de contas entre grupos rivais, transformando-se em uma medida política destinada a realizar de cima para baixo e em um clima de ordem o que parece inevitável e que de outro modo seria imposto por um movimento revolucionário espontâneo. De fato, por mais longa que fosse a ditadura de Stalin e qualquer que fosse a marca impressa ao regime pela personalidade do georgiano, esta forma de governo não tinha sido mais do que a primeira forma histórica adotada pela ditadura da burocracia e, através dela, pelo

841 TROTSKI, *Staline*, *op. cit.*, p. 498.

aparato do partido comunista. Portanto, analisar suas verdadeiras origens históricas equivaleria para os dirigentes a colocar em questão não só a sua existência, mas os próprios fundamentos do regime. Neste sentido, Stalin morto desempenha um papel de bode expiratório em relação à repressão, assim como Bukharin, uma vez eliminado, o fez em relação às concessões ao campesinato, da mesma forma ainda que o próprio Yezhov carregou a responsabilidade absoluta pelos aspectos mais dementes do grande expurgo.

O discurso secreto de Krushev ante o XX Congresso determina, portanto, os limites com que os dirigentes estão dispostos a demarcar a desestalinização. Os crimes de Stalin são atribuídos à sua personalidade, à sua ânsia de poder, à sua mórbida desconfiança e à sua crueldade. No entanto, sua atividade política no período de luta contra a oposição é justificada e inclusive enaltecida. Na realidade, os autênticos crimes não começam senão em 1934, e é por isso que os reabilitados de 1956 são todos leais stalinistas, eliminados durante a repressão posterior ao assassinato de Kirov, como Rudzutak, Eikhe, Chubar, S. Kossior, Postishev e alguns assimilados como Antonov-Ovseenko; depois deles virão os chefes militares – na realidade, todos os que não tinham um verdadeiro programa político oposicionista. Evidentemente, era mais difícil reabilitar a oposição sem revelar o verdadeiro conteúdo de seu programa, a saber: a destruição do monopólio do poder. Assim, expor frente aos russos de 1956 os argumentos políticos utilizados por Trotski contra Stalin implicava um risco considerável para os dirigentes, na medida em que todos os soviéticos sabiam por experiência o que significavam os argumentos de Stalin e qual era sua consequência lógica, além do fato de que a orientação revolucionária dos oposicionistas, que tinha suas raízes na revolução de 1917, se dirigiria através dos anos não mais a uma falange gasta e envelhecida de antigos combatentes em um período de reação, mas a uma jovem geração ativa, que tinha alcançado um elevado nível cultural e técnico e que parecia decidida a pensar por si própria.

Ainda assim, apesar de limitar-se à reabilitação dos "bons stalinistas" assassinados por Stalin e à denúncia ao "culto à personalidade", a desestalinização não podia deixar de ter enormes consequências ao contribuir para a destruição do edifício de mentiras criado pela propaganda stalinista. Fazer de Béria e Stalin os responsáveis pela ruptura com Tito implica evidentemente na invalidação de todas as acusações infames lançadas contra ele. Mas para a reabilitação de Tito, é imprescindível que aconteça previamente a de Rajk; e esta, por sua vez, exigiria a curto prazo a condenação de seus assassinos: Rakosi e outros stalinistas húngaros. Assim como a reabilitação de Postishev, Eikhe, Chubar, Rudzutak e outros – confessos ou não – suscita inevitavelmente o problema das outras execuções e principalmente dos oposicionistas arrependidos que tinham se alinhado politicamente com eles. A partir do momento em que Krushev sugere veladamente que Kirov pode ter sido assassinado por ordens de Stalin ou com sua cumplicidade, se coloca inevitavel-

mente a questão de saber por que os velhos bolcheviques foram acusados deste crime, por que Stalin necessitava se livrar deles e por que necessitava desta confusa massa de supostos crimes e de confissões infames para atacar Trotski através dos processos de Moscou. A reabilitação dos médicos do Kremlin, com a consequente proclamação da inocência dos "assassinos de jaleco branco", cuja detenção era o prelúdio de uma nova repressão, era necessária para os sucessores de Stalin, visto que a culpabilidade dos médicos tinha precisamente o objetivo de confundi-los e eliminá-los. Mas este foi o primeiro elo de um processo irreversível: a meada de mentiras começou a ser desvendada. No bloco do mito stalinista foi aberta uma brecha e por ela vão entrar todas as ideias novas e antigas, todas as forças sociais reprimidas até aquela data pelo mecanismo totalitário do aparato.

Na Europa Oriental – o setor mais frágil do mundo soviético – a desestalinização deverá se tornar um movimento revolucionário: a queda da estátua de Stalin, derrubada pelos jovens operários e estudantes de Budapeste em 1956, acontece meses depois das revelações de Krushev no XX Congresso e precede em cinco anos a retirada do cadáver de Stalin do mausoléu da Praça Vermelha. Os operários revolucionários de Sztalinvaros vão mudar o nome de sua cidade seis anos antes do partido russo fazer o mesmo com Stalingrado, Stalinabad, Stalinogorsk, Stalino, Stalinsk e outras. A partir de 1953 os acontecimentos no mundo soviético – desde a greve dos trabalhadores forçados de Vorkuta, a greve dos operários de Berlim Oriental de 18 de junho e a insurreição da Alemanha Oriental até a "primavera de outubro" da Polônia e a revolução dos conselhos operários húngaros de 1956, passando pelo surgimento de um pensamento crítico na jovem geração comunista tcheca, russa, alemã e chinesa – são diferentes manifestações de um mesmo fenômeno profundo, uma desestalinização real e revolucionária que revela a verdadeira face da burocracia dominante e da sociedade em sua busca por explicações sérias e científicas, por um verdadeiro socialismo, assentado nas bases de um programa revolucionário. A vingança da história adota neste caso uma forma particularmente reconfortante: depois de trinta anos de regime stalinista, jovens comunistas que não os conheceram reencontram, às vezes palavra por palavra, o pensamento e a ação revolucionárias dos bolcheviques da Revolução de Outubro e da oposição.

A pré-crítica iugoslava

Nesse sentido, o papel desempenhado pela polêmica entre o partido comunista russo e o partido comunista iugoslavo foi bastante esclarecedor. Obrigados a mobilizar os quadros do partido para defender seu regime da ofensiva de Stalin, os dirigentes iugoslavos se viram forçados a dar explicações válidas na linguagem marxista a homens formados na pura ortodoxia stalinista e que até aquele momento não tinham tido oportunidade de sentir a contradição entre sua ação mi-

litante e as exigências de Moscou. No entanto, para não correr o risco de colocar em questão seu próprio regime, caracterizado pelo monopólio do partido e seu aparato, eles não podiam ultrapassar certos limites – se não na crítica, pelo menos na explicação.

Foi durante o VI Congresso, no período de máxima tensão, depois da perda de todas suas ilusões, que os dirigentes iugoslavos foram mais longe em sua denúncia do mito do socialismo stalinista. Nesta ocasião Tito declara:

> Hoje, 35 anos depois da Revolução de Outubro e 24 depois da coletivização agrária, são impostos aos *kolkhozes* diretores designados pelo Estado, enquanto seus membros abandonam estas cooperativas. Trinta e cinco anos depois da Revolução de Outubro, os operários trabalham como escravos nas fábricas e nas empresas e são submetidos à arbitrariedade de diretores burocratizados. Onde estão as conquistas do socialismo e da grande Revolução de Outubro para os operários? Os diretores têm direito a condenar a trabalhos forçados os operários que cometam alguma falta. Por acaso não é a situação dos operários ali muito pior do que nos países capitalistas do tipo mais retrógrado? Os dirigentes da União Soviética enchem a boca de palavras ao evocar essa transição do socialismo ao comunismo que, segundo dizem, está acontecendo, quando nas fábricas estão trabalhando assalariados que não possuem nenhum direito de controle sobre a administração da empresa e cujos ganhos são insuficientes para garantir um nível mínimo de vida, para não falar do nível de vida de um homem civilizado. Estes dirigentes afirmam que o socialismo já está construído e que se empreende a marcha rumo ao comunismo precisamente quando milhões de cidadãos soviéticos se encontram nos campos da morte, obrigados a realizar trabalhos forçados, quando milhões de cidadãos não russos não possuem nenhum direito, são deportados às estepes siberianas e, uma vez ali, são exterminados. Falam da passagem ao comunismo quando os camponeses têm que escorar suas choupanas que estão caindo e calçam sapatos de folha de ráfia[842].

No entanto, a crítica iugoslava não chegará a se tornar uma explicação. Pijade, que, ao falar do processo de Rajk, se refere aos processos de Moscou, é o dirigente que mais se aprofunda na análise ao falar de um "centralismo burocrático, (...) baseado fundamentalmente em um sistema de castas (...) que exclui a classe operária e o campesinato de qualquer participação no poder". Por outro lado, os dirigentes iugoslavos, no ponto máximo de seu conflito com Stalin, continuam atacando de vez em quando o "trotskismo", "condenado justamente do ponto de vista ideológico como nocivo" e se contentam em lamentar o massacre "de comunistas inocentes que pereceram como trotskistas, apesar de não terem nada em comum com esta ideologia", segundo um discurso de Tito pronunciado em 4 de outubro de 1949.

Alguns representantes da nova geração comunista iugoslava fizeram ainda assim um esforço mais sério. Assim, em 1949, o *Kommunist*[843] publicou um artigo

842 Citado em *Brochure Hungaricus*, Bruxelas, Institut Imre Nagy de Sciences Politiques, 1959, pp. 21-23.

843 Jornal do partido comunista iugoslavo. Não confundir com o semanário russo *Kommunist* (N. do E.).

do jovem comunista dálmata Maxo Batche, antigo dirigente do partido esloveno, consagrado à "crítica e a autocrítica na URSS". A partir da ideia de que a política externa da URSS - que obrigou os iugoslavos a se colocarem o problema do stalinismo - deve ser explicada por suas contradições internas, se dedica a analisar - estudando exclusivamente as fontes russas e examinando sucessivamente o campo da filosofia, da economia política, das ciências naturais, da música e da vida do partido - a declaração de Zhdanov, segundo a qual a crítica e a autocrítica constituem a lei do desenvolvimento da sociedade socialista. Desta forma, chega à conclusão de que em cada esfera ideológica existe um verdadeiro monopólio controlado por um homem ou um grupo situado ali pelo partido. A consequente esterilidade do trabalho científico é resultado direto do medo dos "erros" e de suas consequências materiais como a destituição, e a detenção, além da obsessão em contentar aos "chefes monopolizadores". No partido a situação é ainda pior: o capítulo sobre a "vida do partido" indica que o funcionamento deste na região de Dniepropetrovsk é um fiel expoente do "medo à crítica"; que no Uzbequistão foram cultivados os "costumes da adulação, da bajulação e do carreirismo"; que os dirigentes da região de Sverdlovsk são "um círculo pequeno-burguês fechado (...) em uma atmosfera de falta de consideração pelo exterior e de mútua complacência ante as faltas comuns", que vão desde a embriaguez até a corrupção[844].

Maxo Batche afirma:

> Em todos os aspectos da vida da URSS encontramos um sintoma dominante, inconcebível em uma sociedade socialista, um fenômeno que, como eles mesmos afirmam, não é fortuito nem isolado, e que eles mesmos, com Zhdanov à cabeça, denominam monopólio. (...) Quando os filósofos deveriam protestar, se dedicam a elogiar; no momento em que o proletariado internacional espera deles atividade, se escondem na escolástica; em vez de defender a liberdade da ciência, os cientistas soviéticos se caluniam mutuamente, expulsando-se uns aos outros da universidade. Em províncias inteiras, como verdadeiros senhores independentes, os secretários do partido asfixiam qualquer vida normal do povo, assim como o próprio desenvolvimento econômico; em distritos inteiros os secretários regionais perseguem os críticos (...) e o pior, disse Zhdanov, é que os de baixo, dominados pelo medo, por sua covardia, se acostumam a tudo isto e perdem o espírito militante. (...) O monopólio, monstruosa excrescência do organismo socialista, torna impossível por sua vez a crítica e a autocrítica, já que significa exigir continuamente a autocrítica dos demais, quer dizer, a submissão e o reconhecimento do monopólio[845].

E conclui: "Em todos os aspectos que examinamos (...) quase sempre são o Partido Comunista da URSS e o próprio Stalin os que não só iniciam e inauguram a crítica e, portanto, a autocrítica, mas também os que os ordenam de forma

844 BATCHE, Maxo, *A crítica e a autocrítica na URSS*, em *Questions actuelles du socialisme*, nº5-6, 1951, pp. 125-138.
845 *Ibid*, pp. 138-140.

categórica"[846]. Portanto, já não se trata de casos isolados, nem fortuitos nem da responsabilidade de um determinado indivíduo, mas sim "de um sistema que, com uma força descomunal, estende mais e mais seu domínio sobre a vida da URSS". A análise do jovem comunista dálmata se encerra com sua exortação ao estudo sobre "como isso ocorreu, se era ou não inevitável e quais são suas causas objetivas"[847].

Na verdade, nem a crítica nem as análises dos comunistas iugoslavos responderão ao anseio de Maxo Batche. Só depois dos acontecimentos revolucionários da Hungria e Polônia em 1956, alguns jovens teóricos, como Mita Hadjivassilev e Ljoubo Taditch, empreenderão uma ofensiva, de forma quase abstrata, contra a teoria stalinista do desenvolvimento do Estado. Taditch aborda o problema de fundo em termos velados ao escrever que "o mecanismo político da classe que ostenta o poder pode, em condições favoráveis, adquirir autonomia, separar-se da sociedade e se tornar uma excrescência parasitária"; "O proletariado que detém o poder se vê ameaçado por seu próprio aparato burocrático"; "Ao concentrar em suas mãos um enorme poder econômico e político, a burocracia de Estado se esforça em perpetuar este poder sob novas condições. Desta forma, se constitui um tipo especial de sistema econômico e político que obstaculiza praticamente qualquer desenvolvimento rumo ao socialismo". Taditch precisa: "Em um sistema como este, (...) o problema do desenvolvimento posterior, se reduz em primeiro lugar à luta da classe operária para obter o controle da política de Estado e isso inclusive mediante os procedimentos revolucionários clássicos"[848].

No entanto, a pré-crítica iugoslava chegou com estas análises ao limite do tolerável. De fato, Taditch tem cuidado em precisar que esta perspectiva é válida somente para os países que adotaram o "modelo stalinista". Sem entrar na discussão do problema do monopólio do partido, nem do ponto de vista histórico, nem sociológico, contenta-se em citar Kardelj para afirmar que o sistema pluripartidarista está tão "defasado" quanto o do partido único e que a via da democratização passa pela multiplicação dos conselhos operários de empresa e pela "atrofia do partido único", o que constitui uma tomada de posição ditada evidentemente pelos imperativos do momento do aparato iugoslavo e na qual a suposta vontade de "atrofia" não está absolutamente clara.

O livro do velho dirigente iugoslavo Milovan Djilas *A nova classe* receberá uma grande publicidade no Ocidente. O autor, ex-secretário de Tito, tomou posição a favor de um sistema de vários partidos. Ainda assim, sua crítica é marcada pela filosofia do *apparatchik*, o que o obriga a preconizar soluções "ocidentais". Sua análise histórica do stalinismo é muito pouco consistente. Em sua opinião, a "nova classe" se identifica com o partido comunista antes da tomada do poder. As ideias

846 *Ibid*, p. 140.
847 *Ibid*, p. 143.
848 TADITCH, Ljoubo, *O Estado e a sociedade* em *Questions actuelles du socialism*, novembro-dezembro de 1957, pp. 32-35.

de Lenin e Trotski são banidas como "utópicas", assim como toda a história da URSS entre 1917 e 1927. Também justifica o stalinismo como uma necessidade histórica, ditada por condições objetivas, como a única via possível para industrializar os países atrasados. Em sua opinião, a revolução não tem razão de ser nos países capitalistas e o regime stalinista está fadado a desaparecer com o êxito da industrialização, na medida em que, desta forma, terá cumprido seu papel histórico, a saber, a recuperação do atraso acumulado em relação aos países avançados. A discussão suscitada em torno a seu livro e as condenações que haverão de se acumular sobre ele são uma prova suficiente do fato de que a burocracia iugoslava não pode tolerar uma crítica da URSS que coloque a si própria em questão. O conteúdo de sua obra demonstra que os ataques decisivos contra o regime do aparato não terão origem nunca no próprio aparato. Ao contrário, surgirão entre as novas gerações, comunistas ou não, a partir do momento em que as novas condições permitam a realização das reivindicações das massas e quando a "liberalização" possibilite a livre confrontação de ideias.

Os acontecimentos de 1953

O primeiro sinal de ruína dado pelo edifício stalinista foi a insurreição de Berlim Oriental em junho de 1953, à qual se uniu a maior parte da Europa Oriental. Este movimento foi a primeira ofensiva de massas iniciada pelos operários contra o regime. Os trabalhos de Benno Sarel e outros contribuíram para esclarecer a gênesis deste movimento que foi iniciado com uma greve contra a introdução de novas normas de trabalho, transformando-se depois primeiro em manifestação, e mais adiante em um verdadeiro levante. Em Halle, Merseburg e Bitterfeld, coração do que durante anos tinha sido a Alemanha vermelha, uma série de comitês de greve eleitos ocupam o lugar da administração e assumem "o poder", encarregando-se do abastecimento e das informações, da abertura controlada dos cárceres e das detenções. O Comitê Central de greve de Bitterfeld exige a constituição de um governo de operários; o delegado dos operários das siderúrgicas de Henningsdorf, no decorrer de um grande encontro dos grevistas celebrado no estádio de Berlim, solicita a formação de um "governo de metalúrgicos". Desta forma, após vários anos, renascem verdadeiros soviets. A conclusão de Benno Sarel é que: "A tendência operária, amplamente majoritária em 17 de junho, tinha conseguido certamente a substituição do sistema então vigente por um regime de conselhos operários"[849]. O movimento se extingue, isolado frente ao poderio do Exército Vermelho, cujos tanques restauram a ordem em Berlim. No entanto, o levante derrotado se transforma, ao mesmo tempo, em um fator de agravamento da crise latente: os operários alemães demonstraram que a luta era possível.

849 SAREL, Benno, *La classe ouvrière d'Allemagne Orientale*, Paris, Editions Ouvrières, 1958, pp. 165-166.

Aparentemente, a primeira consequência destes acontecimentos foi a explosão na URSS do primeiro movimento de massas desde o triunfo de Stalin sobre a oposição: a greve de julho de 1953 dos prisioneiros do campo de Vorkuta. Este acontecimento, desconhecido durante bastante tempo, foi revelado por numerosos testemunhos pessoais e principalmente pelos relatos dos antigos militantes comunistas alemães, que então estavam detidos e posteriormente foram liberados. A agitação começou no campo de concentração por ocasião da morte de Stalin e alcançou seu auge com a chegada de notícias em relação à insurreição de Berlim. Foi preparada pelos grupos clandestinos e principalmente pelo grupo de estudantes "leninistas"[850]: o comitê de greve clandestino que tinha centralizado os preparativos foi detido na véspera do dia previsto para o começo da ação. Ainda assim, o movimento iniciado no dia 21 de julho incluiu pelo menos 10.000 trabalhadores – alguns testemunhos falam de 30.000. Sua direção esteve nas mãos de um comitê composto por delegados eleitos entre os detidos, cuja autoridade acabou se estendendo a todo o campo, superando as dificuldades criadas pelo medo da repressão. Segundo o americano Noble, os porta-vozes dos grevistas eram dois antigos membros do partido, um antigo professor de história de Leningrado e um ex-diplomata chamado Gurevich. A greve terminou em 29 de julho com a intervenção das forças de segurança. Noble fala de 110 mortos e 7.000 detenções, entre as quais se encontram as dos membros do comitê de greve[851]. Assim como os de Karaganda e Norilsk em 1953 e o de Kinguin em 1954[852], o movimento teve uma enorme influência sobre a decisão dos dirigentes russos de dissolver os campos. O mais importante era que a insurreição dos forçados, o setor mais miserável do mundo do trabalho da URSS, provava inequivocamente o advento de uma nova era, na qual a burocracia tinha deixado de ser todo-poderosa.

Um renascimento tumultuoso

Os primeiros a empreender a batalha ideológica foram os intelectuais comunistas poloneses. Durante o verão de 1955, Adam Wazyk, poeta coroado de honras, publica seu célebre "Poema para adultos", que é uma apaixonada defesa da verdade. Tanto o texto, quanto os ataques de que é objeto provocam em todos os lados uma verdadeira febre polêmica. Uns após os outros, os poetas, jornalistas, escritores e cientistas vão entrando na batalha. O jovem estudante comunista Eligiusz Lasota decide então transformar seu jornal estudantil *Po Prostu* (Simplesmente) em um órgão que reflita o momento que o país atravessa. Para isso, se cerca de colaboradores de sua idade, decididos a refletir a sociedade tal qual ela é, a expor

850 GERLAND, Brigitte, *Como foi preparada a greve de Vorkuta* em *La Vérité*, nº347, 7 de janeiro de 1955, *Quando Vorkuta fez greve* em *Ibid*, nº348, 28 de janeiro de 1955.
851 NOBLE, John, em *The New York Times*, 7 de abril de 1955.
852 BARTON, Paul, *L'instituition concentrationnaire em URSS*, Paris, Plon, 1959, pp. 321-341.

os problemas tal como se colocam a todos e a ajudar o leitor a pensar. Em poucos meses seu êxito adquire tais proporções que a tiragem do semanário estudantil chega a mais de 90.000 exemplares, sem que a edição possa ser ampliada ainda mais, de forma a satisfazer a demanda, por falta de papel. O jornal chega a um preço altíssimo no mercado negro. Acontece então o choque do XX Congresso com a revelação dos crimes de Stalin, iniciando-se a reabilitação dos dirigentes comunistas poloneses fuzilados na URSS durante os grandes expurgos e que é seguida pela dos resistentes não comunistas. Com o impulso dos jornalistas, toda a imprensa polonesa empreende o caminho do *Po Prostu*: os leitores começam a participar na grande polêmica. O jovem comunista Stanislawski escreve no *Po Prostu*: "Já não há autoridades. Só há homens. Eles têm contas pendentes com outros homens"[853]. Nenhum domínio da vida social escapa dos jovens repórteres do *Po Prostu*, cujos artigos exploram as diferentes facetas da sociedade burocratizada, violam todos os tabus e se referem abertamente a todos os escândalos. Um movimento revolucionário está nascendo.

Os intelectuais húngaros se põem em movimento mais tardiamente. Sua primeira batalha foi travada por ocasião da morte de Stalin: a "liberalização" introduzida pelo primeiro governo de Imre Nagy liberou aspirações até então suprimidas. A destituição do ministro e a volta ao regime absolutista do *apparatchik* Rakosi provocaram resistências consideráveis, entre as quais se destacava a estimulada desde o jornal *Szabad Nep* (Povo livre) por um brilhante intelectual amigo de Nagy, chamado Malos Gimes. Toda uma geração de jovens intelectuais, mobilizada pelas medidas de desestalinização que se seguiram à reabilitação dos médicos do Kremlin, passa a colocar em questão o regime. As barreiras levantadas pelo aparato desmoronam depois das revelações do XX Congresso. Meses mais tarde, ao recordar este período, o veterano comunista Gyula Hay exclamará: "Não fui eu quem lançou a juventude na busca pela liberdade, e sim ela que me empurrou. (...) Eu criticava os excessos da burocracia, os privilégios, as distorções e, quanto mais avançava por este caminho, mais impulsionado me sentia por uma onda de sentimentos e de afeto. (...) Frente a nós, os escritores, surgia um irresistível desejo de liberdade"[854]. O tom dos escritores húngaros está impregnado de um entusiasmo às vezes ingenuamente eufórico. Imediatamente depois do XX Congresso, Tibor Tardos, antigo membro dos *partisans* franceses, exalta "o pensamento humano que volta a levantar voo" e anuncia, com maiúsculas, o nascimento de um "Pensamento Comunista Independente"[855]. Peter Kucza escreve: "Queremos um socialismo que se pareça com aquele de que nos falavam os sonhadores e os engenheiros da história. Lenin também se dirigia a nós"[856]. No XX Congresso, Gyula Hay exalta

853 *Po Prostu*, 25 de março de 1956.
854 Entrevista realizada por BONDY, François em *Demain*, 8 de novembro de 1956.
855 *Irodalmi Ujsag*, 7 de abril de 1956.
856 *Ibid.*, 28 de abril de 1956.

"a vitória do homem, o triunfo da dignidade humana"[857]. Os jovens intelectuais húngaros reagem como tinham feito os poloneses anteriormente. Na Hungria não há um *Po Prostu*, mas existe um círculo de discussão, cuja fama logo será mundial. O Círculo Petöfi, fundado sob o patrocínio da União da Juventude Trabalhadora – a organização das juventudes comunistas ou DISZ – pelos jovens intelectuais marxistas Gabor Tanczos e Balazs Nagy, vai desempenhar um papel central nesta "explosão de verdade", ao permitir a celebração das primeiras discussões abertas dentro de uma série de amplos debates sobre o XX Congresso, sobre economia política, ciência histórica, filosofia marxista e imprensa, organizando também um debate entre os jovens e os comunistas da época clandestina.

Tanto na Polônia quanto na Hungria, os intelectuais e os estudantes são os primeiros a se colocar em ação: sua posição dentro da sociedade – que os transforma em privilegiados de um tipo especial –, seu maior acesso às fontes de informação e um contato maior com a massa da população que com a pequena camada de burocratas são as motivações mais importantes para esta atitude. No entanto, sua atuação apenas fez deles os primeiros porta-vozes de um movimento muito mais profundo. Para surpresa geral, no outono de 1955, os jovens operários de Nowa Hutta dão sua aprovação expressa ao poema de Wazyk, que os dirigentes locais queriam condenar com seu referendo: "Finalmente, os jornais publicam algo que vale a pena ler"[858]. Na fábrica Zeran, em Varsóvia, no final de 1955, alguns jovens operários começaram a olhar ao redor deles "a vida como ela era", nas palavras do jovem secretário do partido na fábrica Lechoslaw Gozdzik[859]. Depois do XX Congresso, constituem um pequeno grupo que se reúne para tentar se aprofundar nos problemas do momento. Na véspera de uma conferência do partido, passam um dia e uma noite inteiros discutindo. No dia seguinte, na presença dos outros dirigentes "dizem tudo o que pensam". Em junho, quando acontecem os incidentes de Poznan, em que os operários passam a se manifestar durante uma greve, se chocando violentamente com as forças da polícia, os trabalhadores de Zeran se negam a confiar nessa informação e elegem uma delegação para verificar o que ocorreu em Poznan. Dias mais tarde, na recepção ao burocrata Klosiewicz, que veio a uma reunião na fábrica, o assediam com perguntas e críticas ao longo de uma assembleia geral que dura sete horas.

Tanto para os operários, quanto para os estudantes que se agrupam em torno do *Po Prostu*, o processo dos operários de Poznan se transforma no julgamento do regime stalinista. Em poucas semanas Zeran tinha se tornado a ponta de lança da vanguarda operária polonesa, cujo estado-maior é constituído pelo grupo de militantes que rodeiam Gozdzik: "Os meninos, escreve este último, tinham

857 *Ibid.*, 5 de maio de 1956.
858 LEWIS, Flora, *A case history of hope: the story of Poland's peaceful revolution*, Nova York, Doubleday, 1958, p. 88.
859 *Nowa Kultura*, 20 de outubro de 1957.

sido mantidos a par de tudo no dia a dia e podiam expressar livremente suas opiniões"[860]. Zeran faz contato com os trabalhadores das diferentes empresas de Varsóvia, se utilizando inclusive de "assembleias relâmpago" nas portas das fábricas quando o aparato obstrui sua ação; também envia delegações a Lodz, Nowa Hutta, Gdansk e Szczecin. Os operários da fábrica estabelecem fortes vínculos com a equipe do *Po Prostu* e ambos, graças à cobertura do comitê do partido em Varsóvia, cujo secretário, Staszewski, adotou suas teses, organizam em outubro a resistência diante da crescente ameaça de intervenção russa; também estabelecem laços com o exército, distribuem armas aos destacamentos operários e organizam um sistema de informação e mobilização massiva para o caso de uma emergência. Mais tarde, coincidindo com a visita relâmpago dos dirigentes russos a Varsóvia, Gozdzik se tornaria um dos oradores mais populares da grande assembleia organizada na Universidade Politécnica para apoiar as reivindicações de independência que surgem em todo o país. Ele é também um dos líderes indiscutíveis desta corrente revolucionária, cuja origem e força explica com as seguintes palavras: "Os operários são muito valorosos. Mas quando decidem empreender um caminho determinado, já refletiram sobre se é justo ou não. Não é fácil arrastar os homens se não sabem bem a razão pela qual devem combater. Transcorreu um longo período antes que os homens soubessem toda a verdade e tomassem a posição necessária"[861].

Os operários húngaros reagiram mais lentamente. Em geral, permanecem silenciosos depois do XX Congresso. Erwin Eisner, fresador de Csepel, responde assim a um chamado dos escritores húngaros: "Todos estes artigos são muito bons e justos. Só têm um defeito que certamente é bastante grave: os erros são corrigidos lentamente e de uma forma bem pouco perceptível, como ocorre, por exemplo, em nossa fábrica. É preciso reconhecer: por mais certas e justas que sejam, os operários não acreditam nas palavras bonitas, a menos que sejam ratificadas por atos tangíveis"[862]. O ferreiro Bela Kiss responde ao mesmo chamado: "Quero ser considerado um adulto que quer e sabe pensar. Quero poder expressar meu pensamento sem temor e também quero ser escutado"[863]. No complexo industrial de Csepel começam as discussões: as células fabris exigem ouvir os escritores condenados por Rakosi antes de criticá-los. Um dos operários, o fresador Laszlo Pal, escreve então:

> Até agora não dissemos nada. Nestes tempos trágicos aprendemos a ser silenciosos, a avançar a passo de lobo. Antes, a menor advertência acarretava o castigo do operário e a perda de seu

860 *Ibid.*
861 *Ibid.*
862 *Irodalmi Ujsag*, 30 de junho de 1956.
863 *Ibid.*

pão de cada dia. (...) Depois do XX Congresso, as portas se abriram, mas até agora só se referem aos culpados de pouca monta. (...) Queremos saber a verdade. Fiquem tranquilos, nós também falaremos[864].

No dia 23 de outubro, nas manifestações que marcam o início da revolução húngara, os operários jovens se unem massivamente aos estudantes: alguns delegados da fábrica de Belojannis, entre outros, participam do encontro da Universidade Politécnica, no qual se decide a ruptura com a DISZ e a constituição de uma organização independente de jovens.

O fim do mito do socialismo

Em 1956 a imprensa comunista da Hungria e da Polônia oferece a descrição mais extraordinária da sociedade stalinista jamais publicada. Nenhum aspecto dela é silenciado. Assim, nos informamos que um operário polonês altamente qualificado ganha 1.500 zlotys mensais, e que um operário não especializado de Poznan trabalha desde as 6 da manhã até meia noite e não pode adquirir um par de sapatos cujo valor é de 150 zlotys. O jornal *Zycie Gospodarcze* (Vida econômica) admite que é impossível viver com menos de 1.000 zlotys mensais, enquanto o governo acaba de fixar o salário mínimo mensal em 500 zlotys. Klosiewicz, membro do Birô Político e presidente da federação sindical, diz ganhar 5.000 zlotys, quando na realidade recebe 40.000, dispõe de um chalé no bairro residencial de Konstancine, pelo qual o Estado paga 140.000 zlotys de aluguel e de uma Mercedes Benz com motorista. Na Hungria o salário de um agente de segurança é três vezes maior que o de um operário qualificado. O comunista Bogdan Dorzdowki destrói o mito dos heróis do trabalho, os stakhanovistas, que formam uma aristocracia odiada pela massa operária: "Todo mundo sabe que muitos destes heróis do trabalho eram ajudados por "escravos" colocados à sua disposição pela direção das fábricas (...); quando os operários aceleram seu ritmo de trabalho em uma fábrica, são revisadas as tabelas salariais, o que significa que não só não ganham mais, mas também que seu trabalho se torna mais penoso[865].

Os privilégios dos burocratas são exibidos à vista de todos. A escritora Judith Mariassy denuncia a existência de lojas de luxo, de chalés rodeados de alambrados e estúdios especiais de alfaiataria[866]. A imprensa polonesa fala claramente das lojas de "cortininhas amarelas", onde são distribuídos os produtos em falta para os privilegiados, e das "atenções médicas e casas de veraneio especiais"[867]. Um jornal comunista escreve que "todos os pardais da Polônia gritam nos telhados que é

864 *Ibid.*, 20 de outubro de 1956.
865 *Zycie Literackie*, 5 de março de 1956.
866 *Irodalmi Ujsag*, 18 de agosto e 8 de setembro de 1956.
867 *Tribuna Ludu*, 4 de outubro de 1956.

preciso acabar com as férias gratuitas, com a utilização do carro oficial em todas as horas do dia e da noite, com as lojas reservadas, com os médicos especiais e com os gabinetes luxuosos[868]. Os crimes da Polícia de Segurança do Estado deixam atônita a opinião pública e os acusados de Poznan gritam seu ódio em relação a ela enquanto o advogado de defesa Julian Wojciak faz uma verdadeira acusação: "Os culpados não se encontram aqui: são os burocratas privilegiados".

Toda a imprensa polonesa reproduzirá a incrível declaração do jovem acusado Suwart: filho de comunistas, seu pai foi detido em 1952 como "agente do imperialismo", e sua mãe ficou louca por causa disso, enquanto seu irmão, demitido depois da prisão do pai, se suicidou. Ao ficar só com duas irmãs mais novas e sem trabalho, sem amigos, o rapaz tinha roubado e conhecido o cárcere. Foi apresentado ao tribunal como um "delinquente habitual". Depois da morte de Stalin, seu pai foi libertado e reabilitado. Quando perguntado se voltou ao partido, responde: "Para que?" Ainda assim, aconselha seu filho a "confessar tudo o que tenha que confessar"[869]. Com o título "Um problema que não existe", *Po Prostu* revela a existência de 300.000 desempregados e, mais adiante, em uma série de artigos contundentes em relação ao "preço do plano", revela a extraordinária desordem da economia, o desperdício, as fraudes e o alcance da miséria operária. A imprensa revela igualmente a existência, em todas as empresas e centros administrativos, do chamado "dossiê pessoal", um desses pequenos documentos que o interessado nunca verá, mas que decide sua vida, sua ascensão, a designação de moradia e inclusive o destino de seus filhos[870]. O órgão do sindicato da educação revela que em doze anos 118.000 professores poloneses (um em cada dois) sofreram com transferências administrativas, sem que que nenhum motivo para isso seja apresentado[871]. Também revela que mais de 130.000 jovens entre os 14 e 18 anos não estão escolarizados nem assalariados. São os componentes do "exército da rua", do fenômeno social dos delinquentes ou baderneiros urbanos[872]. A este respeito, o professor Rymsza escreve:

> Os verdadeiros valores humanos eram castigados com o cárcere e caluniados pela imprensa. Amordaçavam a liberdade de pensamento e a liberdade de palavra, ao mesmo tempo em que declamavam sobre o respeito que lhes era devido. Todos os dias a hipocrisia e a mentira se estendiam por todos os lados. Esta escola de cinismo foi o berço dos delinquentes juvenis, a verdadeira origem de sua atitude ante a vida. (...) O fenômeno dos baderneiros não vem de uma praga inerente à juventude, mas sim do autêntico mal-estar criado pela estrutura de nossa vida pública, na qual se pisoteava a dignidade humana invocando as necessidades políticas[873].

---

868 *Zycie Warszawy*, 6 de dezembro de 1956.
869 LEWIS, Flora, *op. cit.*, pp. 192-193.
870 *Zycie Warszawy*, 8 de julho de 1956.
871 *Glos Nauczycielski*, 14 de novembro de 1956.
872 *Ibid.*, 28 de outubro de 1956.
873 *Ibid.*, 30 de dezembro de 1956.

O poeta comunista Mieczylaw Jastrun afirma: "Nos últimos tempos, a palavra liberdade queria dizer servidão; soberania significava submissão; e retidão equivalia a humilhação[874].

Nenhuma descrição da realidade social e política tem maior significado que o texto, espécie de poema em prosa intitulado "O que é o socialismo?", escrito por Leszek Kolakowski para o *Po Prostu* e exposto pelos estudantes revolucionários da Universidade de Varsóvia nos quadros de avisos depois de ter sido proibido pela censura. Nascido em 1928, este jovem filósofo – que foi um dos pioneiros do movimento comunista estudantil –, depois de uma juventude difícil, seguiu cursos de marxismo-leninismo em Moscou, onde era considerado "a esperança do partido". Seu poema descreve exaustivamente o que não é o socialismo. Qualquer habitante da Polônia ou da URSS sabe que Kolakowski não faz mais que descrever a realidade circundante, "uma sociedade que é a própria tristeza", "um sistema de castas" nas quais os dirigentes se autodesignam e condenam sem julgar, onde há "mais espiões que amas de leite", "mais pessoas no cárcere que nos hospitais", um lugar em que se fabricam "excelentes aviões a jato e péssimos sapatos", um país em que existem salários quarenta vezes superiores a outros. Os temas das antigas discussões parece tomar nova vida quando afirma, por exemplo, que o socialismo não nasce automaticamente da "liquidação da propriedade privada dos meios de produção" e que o mesmo seria inimaginável "em um único Estado isolado" ou "em um grupo de países atrasados".

A burocracia

Os comunistas poloneses e húngaros não se contentam em descrever. Também explicam. Em seu artigo sobre as lojas de "cortininhas amarelas", Skulska afirma que os privilégios não podem ser um "produto do acaso, das circunstâncias burocráticas: foram, sim, um elemento inerente ao sistema de governo característico do período anterior"[875]. No *Po Prostu*, Kuczynski os analisa como uma consequência do "divórcio na relação existente entre produtor e produto", "o nascimento de uma nova camada social substituta dos capitalistas expulsos – a onipotente camada dos administradores políticos"[876]. Krzystof Toeplitz esclarece sua gênesis:

> A revolução nos proporcionou um completo aparato de governo. Cobriu com ele todo o país, colocando em seu interior milhares de pessoas, unidas pelo interesse comum de salvaguardá-lo e reforçá-lo. Este aparato, que nunca pôde ser controlado pelas massas, pois soube eliminar rápida e habilmente qualquer meio de controle, degenerou. Formulou seus próprios princípios e definiu seus próprios objetivos; se rodeou de uma polícia interessada na defesa dos interesses da casta oficial, criou sua própria mitologia em torno a uma fé e um chefe infalíveis; formou suas próprias

874 *Nowa Kultura*, 9 de dezembro de 1956.
875 *Tribuna Ludu*, 4 de outubro de 1956.
876 *Po Prostu*, nº49, 1956.

alianças de classe por meio de uma série de combinações entre a casta oficial e as profissões privilegiadas; deduziu sua própria estética da tese zhdanoviana do realismo socialista. Esta casta se constituiu em elemento oposto ao progresso, e seus interesses entraram em contradição com os dos trabalhadores[877].

Kolakowski afirma que "o partido degenera quando fica ligado ao aparato de Estado, e se torna, na prática, um de seus elementos constitutivos, em vez de ser inspirador e educador social"[878]. J. J. Lipski demonstra até que ponto a burocracia gerada pelo aparato manifesta uma clara tendência a tornar-se uma classe:

Esta nova classe, se tivesse conseguido se cristalizar, não teria sido equivalente à burguesia. Não teria anulado a nacionalização da indústria e da terra. Ao mesmo tempo em que conservaria as características formais de nosso sistema, teria sabido aniquilar seu conteúdo, consolidar seus privilégios, separar-se do resto da nação por um muro de instituições isolantes e elitistas. (...) Nem os homens nem o grupo social que se movia nesta direção são fáceis de desmascarar. Utilizavam os slogans revolucionários e, o que é pior, eram odiados pela burguesia como se fossem autênticos revolucionários. Nada nos impedia de pensar que, já que compartilhávamos com eles os mesmos inimigos, também pudéssemos ter objetivos comuns[879].

O velho comunista Gyula Hay, veterano da revolução húngara de 1920, faz uma análise da burocracia, personificada no "camarada Kucsera", rigorosamente idêntica à elaborada por Trotski em *A revolução traída*:

Ao criticar a burocracia, muitas pessoas não pensam mais do que na dança dos postos oficiais, nas rotinas inoperantes, quer dizer, nos defeitos mais facilmente sanáveis. Em minha opinião, se trata de algo muito mais grave: a questão que se coloca é a de saber para quem funciona a sociedade. De modo algum podem coexistir várias "cracias". É o "demo" quem governa ou o "buro"? Entre ambos existem incompatibilidades, tanto no terreno dos princípios, quanto no puramente prático. Se desejamos construir a democracia, o socialismo, o comunismo, devemos nos desfazer de Kucsera. De que vive, pois, Kucsera? Sem dúvida, da apropriação da mais valia. Subsiste graças ao fato de que, em nossa sociedade, uma parte importante da mais valia não se destina às realizações de interesse público como podem ser as escolas, hospitais, investimentos produtivos, manutenção da ordem, financiamento dos organismos de direção indispensáveis, ciências, artes, ócio ou pesquisas ideológicas, mas sim a Kucsera. Alimenta-se o diletantismo e o arrivismo de Kucsera e, quando a mais valia não é suficiente para satisfazer as exigências kucserianas, é preciso aumentá-la, seja qual for o esforço que se exija dos trabalhadores produtivos. Pois Kucsera não se contenta em comer, beber, vestir-se, ter uma moradia etc. Kucsera se preocupa em transformar o caminho reto de nosso desenvolvimento em um labirinto inextrincável e impraticável, pois esta é precisamente a razão de sua existência. Kucsera constrói cidades, fábricas, palácios e metrôs

877 *Nowa Kultura*, 29 de abril de 1956.
878 Citado por GOMULKA, Wladyslaw, em *Cahiers du communisme*, junho de 1957, p. 927.
879 *Po Prostu*, 1º de junho de 1956.

que garantem elogios. (...) Kucsera inventa dados fantásticos e os sustenta, pois, efetivamente, parece opinar que estas cifras proclamam sua própria grandeza. (...) Ainda assim, Kucsera não é aquele faraó por quem morriam milhares de escravos. Também não é um burguês. Kucsera não possui uma situação de classe, já que a sociedade de classes que lhe designaria um lugar próprio não chega a se realizar e isso porque nosso socialismo continua sendo edificado, apesar de tudo. No entanto, sua inexistente ordem social obstaculiza e atrasa a realização do socialismo. Kucsera e nós não podemos fazer parte do mesmo processo histórico. É preciso escolher: Kucsera ou a humanidade. (...) Kucsera dá às coisas nomes diferentes que nós e julga os fatos segundo uma moral completamente diferente da nossa, que enfoca os fenômenos em função da construção do socialismo. Para Kucsera uma mentira não é uma mentira, um assassinato não é um assassinato, uma lei não é uma lei e um homem não é um homem. Kucsera pronuncia a palavra socialismo e com isso entende algo que, ao mesmo tempo, atrapalha a construção do socialismo e lhe permite viver dele. Quando diz "unidade", entende por isso sua própria pessoa e o punhado de indivíduos de seu tipo que se opõem à unidade de centenas de milhões de homens. Quando fala de "democracia", entende que se trata de seu próprio reino. Quando se refere à "produção", está pensando nesse estéril rigor que assegura sua própria existência[880].

O partido stalinista

O polonês Brodzki, outro sobrevivente da época pré-stalinista, publica no órgão oficial do partido polonês uma análise correta do que era na realidade o partido bolchevique:

Lenin diz ter fundado um partido problemático, não só no que se refere às suas tarefas, únicas na história, mas também em relação à sua estrutura. O partido, criado para a correta interpretação do desenvolvimento dialético das contradições na sociedade humana e para sua utilização com o objetivo de transformar tal sociedade, se caracterizou ele próprio pela unidade estrutural das contradições: centralismo e democracia, disciplina férrea e liberdade discussão, troca de diversas opiniões e unidade de ação.

Também demonstra a oposição fundamental que existe entre este tipo de partido e o partido stalinista, que se considera seu herdeiro, mas cuja característica fundamental é a divisão "entre os que acreditam, pensam e determinam a política a ser seguida e os que só têm que executar as ordens e obedecer"[881]. Roman Jurys, um comunista da mesma geração, se refere a "uma concepção de partido que se costuma atribuir – erroneamente e atentando contra a verdade histórica – a Lenin, quando na realidade é parte integrante do regime stalinista"; uma concepção que pretende "construir o socialismo contra as leis objetivas, quer dizer, contra o desenvolvimento da consciência política das massas"[882]. O professor e sindicalista

880 *La révolte de la Hongrie*, número especial de *Les temps modernes*, pp. 909-910.
881 *Tribuna Ludu*, 8 de outubro de 1956.
882 *Zycie Warszawy*, 23 de novembro de 1956.

Raijkiewcz explica também a transformação e degeneração do partido: "a época stalinista se caracteriza pela tentativa de fomentar a apatia entre as massas. (...) A apatia e a ausência de responsabilidades foram os principais fatores que permitiram modelar as massas à vontade, mantendo-as na obediência e no servilismo em relação aos detentores da infalibilidade"[883].

Em seguida, os jovens comunistas estabelecem a mesma distinção que Lasota e Turski entre o partido que denominam marxista e o "partido de tipo stalinista"[884]. Woroszylski, em seu retorno da URSS, compara o militante bolchevique, "relacionado a um campo de ação muito concreto, nascido não em um departamento de quadros e por uma instância determinada, mas sim entre os homens que o conhecem e o apreciam", com o "militante do aparato" que costuma engendrar o partido stalinista, "educado no sistema do aparato stalinista de poder, carente de qualquer passado político, isolado de seu ambiente de origem, deixando-se ser transferido sem protesto de Kielce para Wroclaw e do sindicato da confecção feminina para a sociedade dos amigos dos bombeiros, com os olhos sempre fixos no topo e nunca na base", quer dizer, o militante-funcionário, o militante "destacado da ação"[885]. Por sua parte, Gozdzik resume desta forma o papel dos sindicatos no regime stalinista: "Fomos os que registravam, executavam e comentavam os decretos do Estado, nunca fomos o que devíamos ter siso: os defensores das massas trabalhadoras. (...) Ninguém nunca nos perguntou o que queríamos ou o que pensávamos. Nos vestiram de trabalhadores de choque ou de racionalizadores dos esquemas jornalísticos à força. Os sindicatos tinham a pretensão de nos ensinar a governar. Só nos ensinaram a obedecer"[886].

Desta forma, quarenta anos depois da Revolução de Outubro, frente àqueles stalinistas ou anticomunistas que identificam o leninismo com o stalinismo e o regime dos soviets com a burocracia, uma nova geração de comunistas, formada por operários e intelectuais, redescobre o pensamento da oposição e o genuíno espírito do bolchevismo. Em sua análise do stalinismo, o comunista Bibrowki escreve no *Nowa Kultura* (Nova cultura)

> Não penso nem por um momento em identificá-lo com a sociedade soviética. Ao contrário, opino que é a antítese da sociedade soviética, apesar de ter vivido encostado nela, alimentando-se dela como um parasita. Um homem que padece de câncer constitui um todo com ele, mas esse todo se desenvolve assim: ou o homem vence a doença e se cura ou o câncer acaba por devorá-lo. Lenin tinha advertido sobre (...) o perigo que ameaçava o desenvolvimento do socialismo na Rússia: o ínfimo nível cultural das massas, que, junto com o caráter rural do país, poderia engendrar um crescimento parasitário da burocracia. O stalinismo se nutre do orga-

883 *Gloz Nauczycielski*, 25 de novembro de 1956.
884 *Po Prostu*, 28 de outubro de 1956.
885 *Nowa Kultura*, 10 de fevereiro de 1957.
886 *Glos Pracy*, 17 de novembro de 1956.

Raijkiewcz explica também a transformação e degeneração do partido: "a época stalinista se caracteriza pela tentativa de fomentar a apatia entre as massas. (...) A apatia e a ausência de responsabilidades foram os principais fatores que permitiram modelar as massas à vontade, mantendo-as na obediência e no servilismo em relação aos detentores da infalibilidade"[883].

Em seguida, os jovens comunistas estabelecem a mesma distinção que Lasota e Turski entre o partido que denominam marxista e o "partido de tipo stalinista"[884]. Woroszylski, em seu retorno da URSS, compara o militante bolchevique, "relacionado a um campo de ação muito concreto, nascido não em um departamento de quadros e por uma instância determinada, mas sim entre os homens que o conhecem e o apreciam", com o "militante do aparato" que costuma engendrar o partido stalinista, "educado no sistema do aparato stalinista de poder, carente de qualquer passado político, isolado de seu ambiente de origem, deixando-se ser transferido sem protesto de Kielce para Wroclaw e do sindicato da confecção feminina para a sociedade dos amigos dos bombeiros, com os olhos sempre fixos no topo e nunca na base", quer dizer, o militante-funcionário, o militante "destacado da ação"[885]. Por sua parte, Gozdzik resume desta forma o papel dos sindicatos no regime stalinista: "Fomos os que registravam, executavam e comentavam os decretos do Estado, nunca fomos o que devíamos ter siso: os defensores das massas trabalhadoras. (...) Ninguém nunca nos perguntou o que queríamos ou o que pensávamos. Nos vestiram de trabalhadores de choque ou de racionalizadores dos esquemas jornalísticos à força. Os sindicatos tinham a pretensão de nos ensinar a governar. Só nos ensinaram a obedecer"[886].

Desta forma, quarenta anos depois da Revolução de Outubro, frente àqueles stalinistas ou anticomunistas que identificam o leninismo com o stalinismo e o regime dos soviets com a burocracia, uma nova geração de comunistas, formada por operários e intelectuais, redescobre o pensamento da oposição e o genuíno espírito do bolchevismo. Em sua análise do stalinismo, o comunista Bibrowki escreve no *Nowa Kultura* (Nova cultura)

> Não penso nem por um momento em identificá-lo com a sociedade soviética. Ao contrário, opino que é a antítese da sociedade soviética, apesar de ter vivido encostado nela, alimentando-se dela como um parasita. Um homem que padece de câncer constitui um todo com ele, mas esse todo se desenvolve assim: ou o homem vence a doença e se cura ou o câncer acaba por devorá-lo. Lenin tinha advertido sobre (...) o perigo que ameaçava o desenvolvimento do socialismo na Rússia: o ínfimo nível cultural das massas, que, junto com o caráter rural do país, poderia engendrar um crescimento parasitário da burocracia. O stalinismo se nutre do orga-

883 *Gloz Nauczycielski*, 25 de novembro de 1956.
884 *Po Prostu*, 28 de outubro de 1956.
885 *Nowa Kultura*, 10 de fevereiro de 1957.
886 *Glos Pracy*, 17 de novembro de 1956.

nismo vivo do sistema soviético, o sistema mais progressivo dos anais da história, e começa a invadi-lo como um câncer[887].

A busca das raízes

A brevidade do período de liberdade de expressão na Polônia e na Hungria não permitiu à jovem geração comunista debruçar-se sobre o passado com a mesma intensidade que sobre o presente. Os textos mais perspicazes, como o de Bibrawki, só apontam linhas de investigação um tanto esquemáticas. Ainda assim, é preciso falar de uma exceção: o trabalho feito na clandestinidade, depois da derrota da revolução húngara, por um grupo de jovens comunistas, entre os quais se encontrava o economista Hegedus, um dos fundadores do Círculo Petöfi, o psicólogo Merey, ex-presidente do comitê revolucionário estudantil, o historiador Litvan, que foi o primeiro a atacar abertamente Rakosi no caso Rajk, e, por último, Sandor Fekete, jornalista que acabara de regressar da URSS. Se nos ativermos à acusação de que foram objeto posteriormente, suas conclusões foram redigidas por Sandor Fekete no documento conhecido como *Brochure Hungaricus*, que constitui uma verdadeira tentativa de explicar, à luz do marxismo, a história soviética a partir de 1917.

Segundo esse grupo, Lenin teve razão em tomar o poder contando com uma revolução europeia que, no entanto, não aconteceu. Os problemas começam a surgir com o enfrentamento de Stalin e Trotski. Os jovens húngaros pensam que a oposição tinha razão quando propunha não construir já o socialismo, mas "criar uma sociedade de transição que deveria durar o tempo necessário para que a revolução triunfasse em outros países, ou seja, enquanto não surgissem as condições do socialismo na URSS"[888]. A experiência húngara dos primeiros anos demonstra, segundo eles, que este tipo de construção era possível. Por isso, Stalin estava equivocado em seu enfrentamento com Bukharin. Fekete conclui sobre este ponto: "O que teria acontecido se as teses de Trotski ou, mais tarde, as de Bukharin tivessem prevalecido? Ignoramos, (...) mas o que sim sabemos é o resultado da vitória de Stalin: a miséria, o terror, a avalanche de falsidades, em resumo, tudo o que Krushev haveria de denunciar com tanta paixão durante o XX Congresso e muitas outras coisas das quais ele não falou"[889].

No entanto, é completamente injusto jogar Stalin na lama ao mesmo tempo em que se aprova sua política, como faz Krushev. Na realidade, "foi o estado de atraso do país ou, se preferir, a base econômica o fator determinante da evolução. Para se manter no meio da massa popular e edificar rapidamente um socialismo que os camponeses não desejavam, os stalinistas optaram pela violência, organizaram

887 *Nowa Kultura*, 10 de fevereiro de 1957.
888 *Brochure Hungaricus, op. cit.*, p. 44.
889 *Ibid*, p. 52.

um aparato coercitivo e estabeleceram todo um sistema de mentiras, destinado a camuflar precisamente o reino da violência". Os "burocratas-comunistas" a que se referia Lenin, bastante incultos e pouco aptos para o trabalho que lhes parecia exigir o triunfo sobre a oposição, se identificaram com o aparato que a combatia. Mais adiante, Fekete resume o processo de "construção do socialismo" pelo aparato de Estado stalinista:

> Cada novo ato de violência diminuía ainda mais o escasso entusiasmo que restava. O número daqueles que deveriam ser silenciados ou eliminados aumentava incessantemente. Era preciso reforçar continuamente o Estado que prescrevia tudo, regulamentava tudo. Simultaneamente, a atividade espontânea do povo diminuía e isto acarretava um crescimento ainda maior da centralização do sistema. No fim das contas, nos encontrávamos frente a um Estado-mamute. Este círculo vicioso resultou em uma série de empresas onde o número de inspetores improdutivos era muito mais elevado que em qualquer outro tipo de sociedade. (...) Sua última consequência foi a surpreendente teoria elaborada por Stalin que afirmava que, sob a ditadura do proletariado, a luta de classes se intensifica progressivamente e que, em consequência, o Estado não deve deixar de evoluir". Foi "a evolução da Rússia que criou a necessidade das diferentes teorias stalinistas"[890]. Lenin esperava que uma série de revoluções nos países ocidentais "provessem a Rússia, país fundamentalmente camponês, de uma base proletária", Stalin, consciente ou inconscientemente, diminuía continuamente esta 'base proletária' ao edificar o socialismo através do aparato estatal, privando com isso as massas de qualquer iniciativa". Em sua conclusão sobre a "vingança da história pela violação das leis sociais", o jovem teórico afirma: "A Rússia tem tanto de marxista quanto de romanos tinham os germânicos nos tempos do Sacro Império Romano Germânico"[891].

Contra Krushev, que atribui a Stalin assassinatos executados "quando já não eram necessários", Fekete explica que "Stalin não assassinava por sadismo, (...) defendia o regime, seu poder absoluto e as bases da ditadura do partido". "O regime necessitava de processos pré-fabricados", um terror físico e psicológico que em seguida seria indispensável para sua sobrevivência. "A partir de certo ponto, os crimes e as mentiras destinadas a camuflá-los tinham chegado a formar uma rede tão complexa que o esclarecimento de um só deles poderia derrubá-lo: qualquer discussão séria, qualquer crítica que não fosse formulada com prudência pelo vértice do aparato podia agitar perigosamente sua base. Portanto, era preciso desanimar todos aqueles que pretendessem formular críticas. Isto tinha se tornado o postulado fundamental"[892].

Porém, o terror continha os gérmens de seu próprio fracasso: "Dezenas de milhares de trotskistas foram espancados selvagemente nos cárceres, mas, dez anos

890 *Ibid*, pp. 57-58.
891 *Ibid*, p. 58.
892 *Ibid*, p. 60.

depois do exílio de Trotski, continuavam descobrindo outros novos"[893]. No entanto, foram "precisamente a aniquilação da oposição e o terror intelectual e físico que a acompanhou que converteram os comunistas em marionetes" que acabaram "corrompendo-se intelectual e moralmente"[894].

O aparato do partido acabou engendrando a burocracia, "camada bastante fechada de dirigentes médios e superiores do partido e do Estado que, na maioria dos casos, tinha sua única relação com o trabalho produtivo na sua função de supervisão, através de instruções que continham generalizações difusas formuladas sem nenhum conhecimento técnico". A conclusão de Sandor Fekete é: "Este sistema de casta socialista é um produto específico do comunismo soviético, (...) corolário inevitável de uma evolução que, em um prazo de oito a dez anos, edificou o socialismo em um país de características asiáticas, recém saído da Idade Média. O reino da burocracia é independente das intenções dos dirigentes"[895].

O programa da revolução

O movimento que em poucos meses arrasta a maioria dos jovens operários e estudantes poloneses e húngaros – a "primavera de outubro", como a chama a Radio Varsóvia – constitui indubitavelmente um movimento revolucionário no sentido estrito do termo, pois coloca em ação de maneira consciente amplas massas até então marginalizadas da vida política e de qualquer atividade militante. Sua profundidade foi tanto maior, quanto a "crítica das armas" tinha sido preparada pela "arma da crítica" e pelo fato de que seus participantes tinham consciência de que impulsionavam um processo historicamente necessário. Efetivamente, na opinião do *Po Prostu*, o stalinismo não podia ser derrotado a não ser que as massas estivessem "dispostas a recorrer à violência física". Losota e Turski apontam o abismo que separa este movimento de massas daquele que, no partido, se inclina por uma "liberalização". A este respeito escrevem:

> Os defensores deste programa se pronunciavam certamente a favor de uma liberalização, mas única e exclusivamente de uma liberalização. Reconheciam que era necessário reformar o modelo existente, mas só reformar, sem chegar a transformá-lo de forma revolucionária segundo uma ótica socialista consequente. O caráter centrista de tal programa se refletia também no convencimento – que talvez fosse seu traço essencial – de que a liberalização deveria acontecer de cima para baixo, por "iluminação" poderíamos dizer, a mercê da iniciativa exclusiva e das únicas forças da direção sábia e onipotente[896].

893 *Po Prostu*, 30 de setembro de 1956.
894 *Ibid.*, *p.* 70.
895 *Ibid*, p. 74.
896 *Po Prostu*, 28 de outubro de 1956.

Durante a tarde de 23 de outubro, em uma Budapeste febril, os jovens manifestantes vaiam o "liberal" Peter Erdoess, que lhes promete que logo a rádio só dirá a verdade. Eles pedem mais, querem "o microfone na rua". Gozdzik, no encontro da Universidade Politécnica, lança com grande êxito a consigna "democracia socialista na prática". Centenas de membros do partido que até então não tinham feito uso de seu "direito" vão às assembleias gerais e destituem os dirigentes locais ou regionais do partido, como ocorreu em Cracóvia. Várias centenas de delegados eleitos nas fábricas e escolas formam, depois do chamado feito pelo *Po Prostu*, a União da Juventude Revolucionária, que rompe com a velha organização burocrática. Na assembleia de novembro dos sindicatos poloneses, a sala destinada à reunião ritual dos cento e vinte funcionários designados pelo aparato é invadida por mil delegados eleitos nas empresas. Na Hungria os jovens convocam assembleias da D.I.S.Z, nas quais os revolucionários têm maioria absoluta, tomando conta da direção ou declarando sua dissolução. Por todos os lados se manifestam as tendências do programa mínimo da esquerda comunista, ainda um pouco confuso, mas apoiado veementemente por milhares de jovens. Em fevereiro de 1957 Kolakowski o resumiria assim: "Fim dos privilégios, da desigualdade, da discriminação e da exploração de certos países por outros, luta contra as limitações da liberdade de expressão e palavra, condenação ao racismo, luta contra todas as formas de obscurantismo, (...) pela vitória do pensamento racional"[897]. A democracia que todos reivindicam é em sua opinião uma condição indispensável para a vitória do socialismo: "O único meio de lutar contra as tendências conservadoras irracionais, acrescenta Kolakowski, é oferecer à população um objetivo político através de uma livre discussão socialista. Se a crítica é abafada, poderão constituir-se verdadeiras forças reacionárias, cuja cristalização suscitará por sua vez uma repressão policial cada vez mais vigorosa"[898].

Em relação à forma concreta de realizar o objetivo do "socialismo democrático", sobram contradições nas declarações e esboços de programas dos revolucionários de 1956. Ainda assim, aparece com muita clareza uma tendência constante: a da tomada do poder por conselhos operários eleitos, a possibilidade de criar um poder de tipo "soviético". Ao comentar os estatutos do Conselho Operário de Zeran, Ryszard Turski escreve:

> Tudo isto ultrapassa obviamente o âmbito puramente econômico. (...) Trata-se simplesmente de política pura (...): o que se cogita é o problema do poder. A classe operária, reprimida durante a era stalinista pelo aparato burocrático que chegou a alienar-se da sociedade, exige agora uma participação direta no poder, lhe estende a mão como que a algo que lhe pertence e que toma, como determina seu destino histórico[899].

897 *Po Prostu*, 24 de fevereiro de 1957.
898 Citado por *L'Express*, 19 de setembro de 1957.
899 *Po Prostu*, 30 de setembro de 1956.

Os comitês revolucionários que foram formados na Polônia durante as jornadas de outubro não sobreviveram à vitória de Gomulka, encarnação da burocracia liberal, mas os conselhos operários, cuja existência, como escreve Gozdzik "é incompatível com a da burocracia", conseguiram resistir mais tempo. *Po Prostu* torna-se seu defensor incondicional. Convencidos de que o movimento de outubro "era dirigido contra o absolutismo do aparato burocrático na Polônia" e de que representava uma "manifestação da luta de classes das massas populares contra o novo grupo social em formação, o grupo dos "*managers*" e da elite governante do país"[900], os jovens revolucionários serão acusados pelo partido de terem tentado destruir o aparato do Estado popular com a consigna de "todo poder aos soviets"[901]. O órgão oficial do partido polonês, *Tribuna Ludu* (Tribuna do povo), justificará nestes termos a proibição do jornal estudantil:

> Este chamado demagógico que incitava a revolta usava de forma completamente deformada a consigna histórica da Revolução de Outubro e de fato se dirigia contra o poder popular, unindo-se ao chamado da reação. (...) Às consignas lançadas pelo partido a favor da democracia socialista (...) *Po Prostu* contrapõe a consigna anarquista de destruição do aparato do Estado popular[902].

É no curso da revolução húngara que vai começar a se realizar o programa que os revolucionários poloneses só chegaram a formular. Durante a primeira e mesmo a segunda intervenção russa nas cidades e principalmente nas aglomerações operárias, o poder passa por completo para as mãos dos comitês revolucionários que o jornalista Thomas Schreiber descreve assim:

> Os comitês revolucionários se dividiam provincial ou localmente em oito ou dez subdepartamentos: nas fábricas tinham se constituído conselhos operários. Uns e outros funcionavam democraticamente. Na maioria dos casos os dirigentes tinham sido eleitos por sufrágio universal. Algumas vezes os acontecimentos locais obrigavam a criar rapidamente um comitê revolucionário e, nesse caso, os dirigentes eram escolhidos em reuniões públicas que costumavam acontecer em frente à prefeitura ou na sede do antigo conselho local. Porém, mesmo durante estas reuniões públicas, os participantes tinham o direito de revogar o mandato do delegado que não fosse aprovado pela maioria dos assistentes. Estes conselhos operários funcionavam, portanto, segundo um verdadeiro sistema de democracia direta[903].

O comunista inglês Peter Fryer, enviado especial do *Daily Worker* (Trabalhador diário), oferece um testemunho análogo:

---

900 *Po Prostu*, 20 de janeiro de 1956.
901 *Tribuna Ludu*, 11 de outubro de 1957.
902 *Ibid*.
903 *Le Monde*, 6 de dezembro de 1956.

Estes comitês se autodenominavam indistintamente "nacionais" ou "revolucionários". Sua origem espontânea, sua composição, seu senso de responsabilidade, a eficácia de sua organização de abastecimento e ordem pública, o controle exercido sobre os elementos mais "selvagens" da juventude, a prudência com que a maioria deles abordou o problema das tropas soviéticas e, o que não é pouco, sua semelhança com os soviets ou conselhos de operários, camponeses e soldados que surgiram na Rússia, primeiro na revolução de 1905, e mais tarde em fevereiro de 1917, contribuíam para homogeneizar consideravelmente esses órgãos, cuja rede se estendia por toda a Hungria. Acima de tudo, eram órgãos próprios da insurreição – reunião de delegados eleitos nas fábricas e universidades, nas minas e em unidades militares e instrumentos de autogoverno do povo que desfrutavam de sua confiança em um momento em que a população se encontrava em pé de guerra. Por seu próprio funcionamento, se beneficiaram de uma enorme autoridade e não é exagerado afirmar que, até o ataque soviético de 4 de novembro, o verdadeiro poder dentro do país se encontrava em suas mãos[904].

Apesar de todos os comitês e conselhos húngaros cederem o primeiro lugar em suas reivindicações políticas – fato que a imprensa ocidental não deixou de ressaltar – à eleição de um parlamento por sufrágio universal direto, a maioria deles se pronunciou por um poder dos conselhos de tipo soviético, análogo ao defendido pelos bolcheviques em 1917. O conselho de Sopron, eleito por voto secreto nas fábricas, exige em 29 de outubro "um novo parlamento formado pelos representantes dos conselhos nacionais e das cidades e povoados". Tanto o conselho operário de Borsod-Miskolc, na zona mineira, como o conselho nacional da Transdanúbia, baseado no conselho operário de Gyoer, se constituem a partir dos conselhos fabris e urbanos. No dia 2 de novembro o presidente do conselho de Borsod, um mineiro chamado Sandor Burgics, solicita a eleição de um comitê revolucionário nacional baseado nos comitês locais. Os conselhos de Borsod, Transdanúbia e Csepel, o baluarte operário de Budapeste, chegam a um acordo para constituí-lo. Enquanto os partidos são reconstruídos, o conselho operário de Miskolc se pronuncia contra a restauração dos "partidos burgueses", enquanto os conselhos da fábrica Belojannis e do distrito 11 de Budapeste propõem a admitir nas eleições apenas os partidos que "reconhecem e sempre reconheceram a ordem socialista baseada no princípio da propriedade social dos meios de produção".

Depois da segunda intervenção russa ter destruído a primeira rede nacional de comitês e conselhos, a resistência dos trabalhadores se concentra nos conselhos operários de fábrica, eleitos democraticamente e revogáveis a qualquer momento. O conselho operário central da Grande Budapeste, constituído em 13 de novembro de 1956, se tornará a verdadeira direção das lutas operárias até a detenção, em dezembro, de seus dirigentes, os operários Sandor Racz e Sandor Bali[905]. É ele

904 FRYER, Peter, *Hungarian tragedy*, Londres, Dennis Dobson, 1956, p. 51.
905 NAGY, Balázs, *A formação do Conselho Operário Central de Budapeste em 1956* em *Correspondence socialiste*, 1962, pp. 74-76.

quem dirige a greve, decide a volta ao trabalho, e negocia com os russos e com o governo Kadar a aplicação de seu programa, que exige a retirada das tropas russas, a distribuição de armas aos operários e a publicação de um jornal do conselho central. Também convoca no dia 21 de novembro uma reunião do conselho operário nacional, que será proibida. Em 29 de novembro proclama: "Os interesses autênticos da classe operária são representados na Hungria pelos conselhos operários, e na atualidade não existe pode político superior ao que eles representam". De fato, ao mesmo tempo em que luta a favor do fortalecimento do poder operário, o Conselho Operário Central de Budapeste não o reivindicará para si. Ainda assim, sua dissolução será justificada pelo "propósito contrarrevolucionário" de ter tentado se transformar em "órgão central executivo de poder". Como na Polônia, a burocracia disse "não" ao poder dos soviets. Ao refutar em 9 de novembro a analogia estabelecida por Kardelj entre as reivindicações do conselho e a consigna de Lenin de "todo poder aos soviets", Kadar afirma: "Hoje em dia, em dezembro de 1956, existe na Hungria um poder de Estado proletário. Pedir que este poder decline de suas prerrogativas e suas funções a favor dos conselhos operários é errado no plano dos princípios e mais errado ainda no plano político. A reivindicação do Conselho Central de Budapeste era contrarrevolucionaria"[906].

O problema da Internacional

Ao comentar em fevereiro de 1957 o fracasso da esquerda revolucionária na Polônia, Leszek Kolakowski opina que sua causa fundamental está na falta de organização, no fato de não ser mais do que "uma consciência negativa, difusa e nebulosa" e nas "circunstâncias regressivas da situação internacional". O jovem comunista polonês Roman Zimand tinha colocado o problema no *Po Prostu*: "Na Polônia não se poderá conseguir um renascimento vitorioso do socialismo sem extirpar antes o stalinismo. O stalinismo não pode ser derrotado definitivamente na Polônia sem que seja levada uma batalha geral no movimento operário internacional"[907]. Esta perspectiva se apoia na análise da situação internacional: "A manutenção do stalinismo em nossas fileiras é a melhor garantia dos êxitos do imperialismo: basta observar a correlação existente entre a intervenção do Exército Vermelho na Hungria e a agressão contra o Egito"[908]. Balazs Nagy sugere que, aparentemente, foram a situação internacional e o isolamento dos operários húngaros que dissuadiram o Conselho Operário de Budapeste de reclamar o poder para os conselhos quando esta era a reivindicação fundamental na qual se apoiava toda a política de Racz, Bali e de seus companheiros[909]. Sandor Fekete escreve que a oposição comunista hún-

906 *L'Humanité*, 10 de dezembro de 1956.
907 *Po Prostu*, 4 de novembro de 1956.
908 *Ibid.*
909 NAGY, Balázs, *op. cit.*, pp. 74-76.

gara, ainda que justificada pela história, também foi julgada com muita severidade, "pois não soube mostrar-se verdadeiramente fiel à sua causa ao organizar-se como uma força independente", nem tentou "dirigir-se ao povo e à classe operária em primeiro lugar"[910]. A carência de uma verdadeira organização de revolucionários e o isolamento dos movimentos dentro de um quadro nacional foram considerados pelos próprios revolucionários como as causas fundamentais de seu fracasso.

No entanto, a agitação não se limitou à Polônia e à Hungria. Na Tchecoslováquia os primeiros sinais de crise se manifestaram a partir de junho de 1956, quando, em uma conferência da União de Escritores, celebrada em Praga, um orador chamado Josef Rybak protesta contra "o culto à personalidade" no campo literário. Em outubro e em dezembro a discussão se intensifica nos jornais eslovacos. O XX Congresso dá um novo impulso aos comentários. Os escritores Frantisek Hrubin e Jaroslav Seifert defendem a liberdade de expressão, os estudantes de Praga se lançam a uma agitação que se prolonga durante várias semanas. Em todas as universidades e escolas superiores do país se celebram assembleias gerais de estudantes que definem suas reivindicações e designam comitês de ação. São estabelecidos contatos de centro a centro, de cidade a cidade. Em Presburg os delegados dos estudantes tchecos se reúnem com os eslovacos. O programa comum que resulta desta longa série de reuniões é entregue no dia 12 de maio ao ministro da Cultura. Apesar do texto nos ser desconhecido, as críticas de que é objeto permitem reconstruir a grosso modo seus pontos fundamentais. Ao que parece, os estudantes exigiram "a democratização da vida pública", acesso completo à informação, o "respeito à legalidade socialista", o fim da russificação e a liberdade de discussão. O Comitê Central responderá mais tarde, denunciando "a ação provocadora do inimigo de classe". Em 12 de maio em Presburg e no dia 20 em Praga os estudantes exibem uma série de cartazes humorísticos durante seu desfile tradicional. No entanto, no dia 15 de junho, na conferência do partido, celebrada em Praga, Novotny é categórico: não haverá liberdade de crítica, o partido liquidará sem vacilações quaisquer tentativas dos estudantes de continuar pelo caminho que empreenderam[911].

A partir de outubro, volta a surgir a agitação. O escritor Karel Josef Benes escreve que "a tragédia húngara", preço pago pelos "erros de Rakosi", é uma lição para todos; a poetisa Jana Stroblova elogia "a grande luta contra a mentira". Em uma conferência do partido na capital se permite votar a favor de uma resolução que exige a convocação de um congresso extraordinário, boa prova de que a agitação ultrapassa e muito as fronteiras do mundo intelectual. O ministro Bacilek denunciará de novo entre os estudantes "alguns erros em relação ao sentido da liberdade e da democracia", condenando "as tendências intoleráveis, análogas às que se

910 *Brochure Hungaricus*, *op. cit.*, pp. 5-6.
911 KERSTEN, *Aufstand der Intellektuellen. Wandlungen in der kommunistischen Welt*, Stuttgart, Verlag Dr. Heinrich Seewald, 1957, pp. 110-124.

manifestaram na Polônia e na Hungria". O professor Pavlik, membro do Comitê Central do partido eslovaco, é expulso em abril de 1957 por suposta "atividade fracional e desviacionista". Mais ou menos neste momento a maré revolucionária retrocede: o movimento tchecoslovaco não chegará a ultrapassar este ponto.

Na Alemanha Oriental a discussão também foi intensa no meio intelectual depois das jornadas de junho de 1953. Depois do XX Congresso volta com renovada força por ocasião da controvérsia em torno aos poemas do jovem comunista Arnim Muller, paladino da independência literária, e aos artigos críticos do semanário *Sonntag* (Domingo), órgão da União dos Escritores. As jornadas revolucionárias da Polônia e Hungria provocam uma intensa ebulição nas universidades, onde os estudantes questionam, interrompem e chegam inclusive a vaiar as autoridades do partido. Destaca-se a formação, sob a influência dos movimentos revolucionários exteriores, de um grupo clandestino que tentará divulgar o programa que elaborou, colocando-se assim à frente de uma oposição que busca seu caminho. O homem que empreende esta iniciativa é Wolfgang Harich, professor de filosofia da Universidade de Berlim, considerado um dos mais brilhantes intelectuais de sua geração. Antes era um submisso stalinista, mas depois da insurreição de junho de 1953 tinha passado decididamente às fileiras dos mais severos críticos ao regime. Muito provavelmente sua decisão de se lançar à ação clandestina foi tomada depois de uma viagem à Polônia em 1956. O núcleo do "grupo Harich" incluía uma série de comunistas de diversas idades e experiências: Walter Janka, um veterano de guerra e ex-comandante de um regimento das brigadas internacionais da Espanha; Gustav Just, secretário da União de Escritores e redator chefe do *Sonntag*; Bernhardt Steinberger, que se tornou comunista muito jovem e emigrou para a Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, foi condenado, por ter relações pessoais com um dos acusados do processo Rajk, a vinte e cinco anos de trabalhos forçados, deportado para Vorkuta e liberto depois da morte de Stalin; Richard Wolf, editorialista na rádio, além de outros mais. Entre seus "contatos", figuram provavelmente o veterano comunista Franz Daffien e, principalmente, Bertold Brecht, que já tinha apoiado Harich em suas críticas públicas de 1953. A plataforma do grupo, tal como foi difundida no Ocidente, colocava sua atividade sob a inspiração de Liebknecht, "que rompeu a disciplina para salvar o partido". Nos acontecimentos poloneses e húngaros saudava "a expressão da luta de classes revolucionária das massas populares contra o partido stalinista e o aparato governamental", caracterizando o XX Congresso como uma "tentativa de apropriar-se e canalizar a partir de cima a revolução que o ameaça a partir de baixo". Assim, chamava à luta por um marxismo-leninismo enriquecido com as contribuições de Rosa Luxemburg, Trotski e Bukharin e contra o stalinismo, oferecendo um programa para "acabar com a dominação dos membros do partido por seu próprio aparato"[912]. Ainda assim, pa-

912 HILDEBRANDT, Rainer, *Rebeldes comunistas na Alemanha Oriental* em *New Leader*, 1º de abril de 1957.

rece que Wolfgang Harich não foi muito hábil em suas iniciativas de "conspirador". Os membros do grupo são detidos em março e condenados a diversas penas de prisão – Harich, a dez anos. Durante os meses seguintes as redações dos jornais e as universidades são depuradas de todos os elementos suspeitos de simpatizar com as ideias revolucionárias.

Estas duas experiências indicam uma das debilidades fundamentais do movimento de 1956-1957, a ausência de uma direção revolucionária internacional. Este problema foi reconsiderado em diferentes ocasiões pelos próprios revolucionários. Vários testemunhos parecem provar inequivocamente que o jornalista húngaro Miklos Gimes, um dos primeiros oposicionistas, lutou contra o enfoque de Imre Nagy – que tentava canalizar o movimento pelas vias da legalidade do aparato –, tentando convencer a oposição da necessidade de organizar-se de forma independente. No entanto, não deixou nenhuma exposição de seus pontos de vista. A este respeito foi o polonês Zimand quem rompeu mais claramente com o ponto de vista de simples "oposição" que sustentavam numerosos comunistas húngaros e poloneses, ao afirmar a impossibilidade de reformar o aparato stalinista e a consequente necessidade de construir "um novo partido comunista" na Polônia e no mundo inteiro. Ao evocar a ruptura de bolcheviques e espartaquistas com a II Internacional, *Po Prostu* escreve que "o movimento operário internacional se encontra em uma situação semelhante, de certo modo, à da época em que Lenin empreendeu a ofensiva contra a II Internacional, contra as tradições e pela defesa da verdade, contra a maioria das direções dos partidos daquela época e pela defesa do proletariado"[913]. Esta é, definitivamente, uma conclusão semelhante – a mesma que tinha levado Trotski a assumir a tarefa de construir a IV Internacional – à dos jovens comunistas húngaros que parecem se expressar com a caneta de Sandor Fekete quando este escreve:

> Desejaria viver o bastante para poder ver a renovação interior da União Soviética. Até lá, proponho inverter a tese de Stalin. A pedra de toque do internacionalismo proletário deve ser para todos nós o espírito que anima à luta contra qualquer sobrevivência de um regime que se tornou reacionário por qualquer ângulo que se olhe, contra as ideologias mentirosas e contra as diretivas brutais que comprometem o socialismo internacional e a favor da democratização do regime soviético[914].

Os neobolcheviques da URSS

O internacionalismo da perspectiva revolucionária dos húngaros e poloneses implica de fato na expansão de seu movimento à URSS. Fekete, que exclui qualquer hipótese de derrota da burocracia soviética em benefício de um regime bur-

913 *Po Prostu*, 4 de novembro de 1956.
914 *Brochure Hungaricus*, *op. cit.*, p. 118.

guês, escreve: "O futuro já não depende de um ou dois dirigentes. As condições objetivas atuais da Rússia permitem novos progressos para esta grande nação. As bases objetivas da supressão do regime do aparato e da democratização de uma economia centralizada já existem. As forças subjetivas aumentarão também e os indivíduos desejosos de mudar as coisas imporão sem dúvida a ideia de uma democracia política"[915].

A propaganda iniciada pelos conselhos na Hungria a favor da confraternização com os soldados russos e o elevado número de deserções registradas no Exército Vermelho constituem uma boa prova da justeza desta afirmação. As informações que atravessaram as fronteiras indicam um renascimento do movimento operário e revolucionário na URSS, cujos expoentes são a greve de Vorkuta de 1953 e a da fábrica de rolamentos Kaganovich de Moscou, em 1956.

Durante o ano de 1956, se desenvolve nos ambientes estudantis um processo paralelo ao que protagonizaram os estudantes húngaros, poloneses, alemães e tchecos. Um exilado recente, David Burg, que acompanhou os acontecimentos em Moscou, forneceu uma série de valiosos detalhes em relação ao surgimento entre os estudantes russos de uma corrente ideológica a qual o autor, democrata liberal, se opõe radicalmente. Trata-se dos "neoleninistas" ou "neobolcheviques", que se autodenominam orgulhosamente "autênticos leninistas", segundo H. Kersten. "Os neobolcheviques", relata Burg, "atacam o regime por seu fracasso em colocar em pratica os objetivos de 1917 e particularmente por sua incapacidade de criar a sociedade igualitária esboçada por Lenin em *O Estado e a revolução* e em *As tarefas fundamentais do poder dos soviets*"[916]. Em sua opinião, a sociedade russa não é o socialismo, mas também não é uma forma especial de capitalismo. O abandono dos objetivos socialistas se explica pela vitória da "burocracia do partido, que eliminou os antigos dirigentes da revolução socialista. Os neobolcheviques acreditam que o testamento de Lenin deve ser realizado e deve ser eliminada a dominação burocrática"[917]. Seu programa inclui a entrega do poder "a soviets eleitos democraticamente e verdadeiramente representativos", nos quais o partido seja obrigado a "lutar continuamente pelo apoio popular"; a transformação dos *kolkhozes* em autênticas cooperativas administradas democraticamente; além da aplicação do controle operário da indústria planificada. David Burg aponta a hostilidade dos neobolcheviques em relação ao Ocidente capitalista e sua convicção do caráter progressivo da estrutura econômica da URSS. Ao mesmo tempo, de seu ponto de vista de democrata burguês, considera que o "inconsistente" programa destes jovens representa "um ideal primitivo", a volta "à utopia marxista" e a quintessência da "ingenuidade social". Por fim, admite que estas ideias têm um

915 *Ibid*, p. 117.
916 BURG, David, *Comentários sobre os estudantes universitários na União Soviética*, em *Daedalus*, verão de 1960, p. 533.
917 *Ibid*, p. 534.

ampla repercussão em uma juventude que se considera a herdeira das tradições bolcheviques da época revolucionária.

Sua ação clandestina justifica a agitação nas universidades no momento da intervenção na Hungria, agitação que se estende às fileiras do *Komsomol* durante todo o ano de 1957. Começa a ser difundida toda uma série de jornais clandestinos: *Goluboi Tsvetok* (A flor azul) na Universidade de Leningrado, *Kolokol* (O sino) - reminiscência de Herzen[918] - na de Moscou, *Figovi List* (Folha de parreira) em Vilnius e *Kultura* (Cultura), *Svezhie Golosi* (Vozes frescas) e *Eres* (Heresia) em outros institutos e escolas superiores. Os estudantes os expõem nos quadros de aviso e os colocam em circulação junto com poemas. Em Moscou são distribuídos panfletos fotocopiados e assinados pelo "Verdadeiro Partido Comunista". Em diversas organizações os dirigentes são substituídos por votações secretas que o aparato se nega a reconhecer, prolongando-se a disputa durante vários meses. Do anonimato, começam a surgir uma série de grupos clandestinos, como o denunciado pelo *Izvestia* em 6 de setembro de 1959. Burg descreve a atividade de um deles: uma dezena de estudantes do Instituto de História de Moscou "imprimem e difundem panfletos, nos quais atacam pessoalmente Krushev e a ditadura do partido em geral, reivindicando ao mesmo tempo o estabelecimento de uma democracia soviética e a volta de uma "linha leninista"[919]. Ao serem descobertos, os responsáveis são expulsos da universidade e condenados a vários anos de prisão.

A segunda revolução

Entre as tarefas da IV Internacional, Trotski tinha incluído a consigna de "revolução política na URSS", formulando desde 1934 seu programa: não se tratava de trocar "a camarilha dirigente por outra", mas sim "alterar os próprios métodos de direção econômica e cultural", "a revisão radical dos planos no interesse dos trabalhadores", "a livre discussão das questões econômicas", "uma política exterior consequente com a tradição do internacionalismo proletário" e, por último, "o direito para a juventude de respirar livremente, equivocar-se e amadurecer"[920]. No entanto, entre o pensamento de Trotski e a ação das jovens gerações que atuam em 1956 e 1957, existe uma relação muito remota: Miklos Gimes, por exemplo, tinha comprado *A revolução traída* em Paris, levando um exemplar para a Hungria, onde o livro passou por algumas mãos[921]. Também durante o outono de 1956, alguns jovens

918 Alexander Herzen (1812-1870) foi um escritor e filósofo russo de inclinações camponesas e coletivistas. Considerado o inspirador do movimento populista russo, se tornou conhecido pelo principal jornal que impulsionou, *Kolokol*, considerado um marco na luta pela liberdade de expressão na Rússia czarista (N. do E.).

919 *Ibid.*, p. 531.

920 TROTSKI, *De la Révolution*, *op. cit.*, p. 639.

921 Peter Kende oferece um testemunho da divulgação do livro de Trotski entre os intelectuais húngaros em *Études*, nº4, 1962, p. 102. O autor esquece de falar que esta obra tinha sido trazida de

estudantes poloneses traduzem alguns artigos sobre a Hungria do jornal trotskista Frances *La Verité* (A verdade), para difundi-los posteriormente como panfletos. De fato, o programa de Trotski é recebido, desenvolvido e colocado em prática parcialmente por uma geração que não só não o tinha lido, como também tinha sido submetida a uma incrível lavagem cerebral a seu respeito. As consequências programáticas deduzidas da análise das forças de classe da URSS na véspera da guerra começam a ser aplicadas parcialmente em condições que seu autor não pôde prever.

A consigna de "segunda revolução" contra o "Estado dos policiais e burocratas", lançada na primavera de 1956 pelo veterano Tibor Dery, e depois dele pelos jovens comunistas húngaros e poloneses, não surgiu, como se disse, somente das condições especificas da dominação burocrática nas democracias populares, apesar de que sua expressão fosse enormemente favorecida por elas. A mesma corrente revolucionária se manifesta na China em 1957 por ocasião do grande debate fomentado pelo governo chinês e conhecido como o "desabrochar das cem flores". O professor comunista Ko Pei-chi declara: "Alguns dizem que o nível de vida se elevou. Para quem se elevou? Sem dúvida, para os membros e quadros do partido que antes arrastavam sapatos rasgados e que na atualidade circulam de carro e usam uniformes de bons tecidos. (...) Os membros do partido desempenham o papel de policiais à paisana, encarregados da vigilância das massas: (...) a responsabilidade por isso é da própria organização do partido"[922]. O comunista Liu Pin-yen denuncia "a classe privilegiada" que integra o aparato do partido, com seus "imperadores locais", acusando-a de não ter recrutado há anos nada além de "aduladores, bajuladores e bobos"[923]. O jornalista comunista Tai-Huang, organizador de uma oposição clandestina, afirma que está se formando uma classe privilegiada e condena a intervenção russa na Hungria[924]. Por sua vez, os dois intelectuais comunistas Huang Chen-lu e Chiang Po-cheng denunciam o monopólio do partido, sua "calcificação" e a vitória do princípio de nomeações a partir de cima por sobre o de eleição, solicitando ainda a liberdade de partidos, de organizações e de publicações, desde que estas não se oponham ao socialismo[925].

Como em Varsóvia, em Budapeste e em Moscou, o movimento estudantil se manifesta na China em uma série de assembleias tumultuadas e por uma grande proliferação de jornais que se tornaram verdadeiras tribunas de discussão. Sua porta-voz típica pode muito bem ser uma jovem de vinte e um anos, Lin Hsi-ling, combatente do Exército Popular desde os dezesseis e estudante da Universidade do Povo, reduto dos quadros comunistas chineses. Em 23 de maio de 1957, esta jovem

---

Paris por Miklos Gimes.

922 *Renmin Ribao*, 31 de maio de 1957, citado por FARQUHAR, Roderick Mac, *The Hundred Flowers campaign and the chinese intellectuals*, Nova York, Praeger, 1966, p. 87-88.

923 *Renmin Ribao*, 20 de julho de 1957, *op. cit.*, pp. 73-74.

924 *New China News Agency* de Pequim, 7 de agosto de 1957, *op. cit.*, pp.74-76.

925 *Renmin Shenyang*, 11 de junho de 1957, *op. cit.*, pp. 105-109.

declara em uma assembleia de estudantes em Pequim: "O verdadeiro socialismo é muito democrático. No entanto, o socialismo que temos aqui não é democrático. Em minha opinião, se trata de um socialismo construído sobre as bases do feudalismo". "Nem a União Soviética nem a China são países verdadeiramente socialistas". O partido só tem uma "minoria de verdadeiros bolcheviques". Os traços burocráticos que aparecem na sociedade chinesa são a expressão de um sistema que gera os três "males" denunciados pelo partido: "o burocratismo, o subjetivismo e o sectarismo". A base do sistema se encontra no atraso econômico da Rússia e da China e na teoria – cuja validade refuta, baseando-se em citações de Engels – do "socialismo em um só país". Como Lasota e *Po Prostu*, Lin Hsi-ling também rechaça em sua intervenção a "burocracia liberal": "Devemos considerar insuficientes tanto o movimento de reforma do partido quanto as medidas parciais e as poucas concessões feitas ao povo. (...) Devemos tentar construir o verdadeiro socialismo. Eu proponho que se tomem medidas radicais para transformar de forma revolucionária o sistema social existente na atualidade. Eu não aprovo o reformismo. O que necessitamos agora é de uma mudança radical, uma transformação total". Para "resolver os problemas e vencer as dificuldades de forma efetiva", "só há um meio: mobilizar e sublevar as massas"[926].

A partir do final do mês, Lin e outros estudantes de Pequim formam a organização que mais tarde publicará a revista *Luntan* (Fórum), que tem como objetivo demonstrar ao povo que o problema do burocratismo "não se refere somente ao estilo de trabalho, mas também ao sistema estatal", e que se propõe também a impor na prática "a liberdade de palavra, de publicação, de reunião e de organização"[927]. A *Luntan* aspira tornar-se uma organização sólida, "o coração das massas integrado no movimento". Lin Hsi-ling tentará mais adiante ampliar a organização de Pequim, fazendo contato, no plano nacional, com os diferentes grupos de estudantes que reconhecem sua autoridade. Sua influência – até o momento em que a repressão golpeia brutalmente – não deixa de crescer dentro da Liga das Juventudes Comunistas, onde Tung Hsueh-loung, membro do Comitê Central, se tornará por sua vez o representante da luta em defesa do direito à informação e da verdade e contra os "bobos" e "robôs"[928].

Brutalmente reprimida pelo desencadeamento da campanha contra os "direitistas" e o fim da discussão, a corrente neobolchevique na China fecha o processo dos movimentos da Europa Oriental em 1956, conferindo-lhe seu pleno significado e universalidade. Talvez não seja excessivamente aventureira a hipótese de que os anos 1956-1957 significaram para o mundo o que a revolução de 1905 significou para o Império Russo. Deste ponto de vista, o fenômeno da desestalinização oficial se torna uma consequência do aumento da consciência e combatividade

926 *Renmin Ribao*, 30 de junho de 1957, *op. cit.*, pp. 140-141.
927 *Renmin Ribao*, 24 de julho de 1957, *op. cit.*, pp. 137-140.
928 *New China News Agency* de Kunming, 26 de agosto de 1957, *op. cit.*, pp. 172-173.

operárias e do renascimento do pensamento socialista e revolucionário. Depois da reação provocada pelo isolamento da URSS e alimentada entre as duas guerras pela repressão exercida pelo aparato burocrático, uma série de novas gerações retomam em 1956 e 1957 os vínculos com a tradição, o pensamento e a prática revolucionários de 1917, ocultados até então por obra de comentaristas parciais. Certamente, as condições em que aconteceu o refluxo na Hungria e na Polônia durante o ano de 1957, assim como o reaparecimento do que Ryszard Turski chama de "imigração interior" e "a psicologia operária da fadiga política"[929], quer dizer, o desânimo e o temor ao desemprego que caracterizaram esta época pós-revolucionária, recordam inequivocamente as circunstâncias que rodearam a derrota definitiva da oposição em 1927. Ainda assim, o contexto é completamente diferente. Na URSS, até mesmo os restos mortais da geração bolchevique da época heroica se fundiram, nos campos de concentração, aos dos jovens membros dos "verdadeiros leninistas" e da "Oposição Operária". Claudius conheceu pouco antes de sua libertação homens como V. A. Smirnov, oposicionista de 1947, e alguns sobreviventes da velha guarda, como Palatnikov, antigo secretário de Trotski, e Verkhblovski, antigo redator chefe do *Trud* e militante da oposição. Com eles se encontravam os alemães detidos durante o processo de Rajk ou depois da insurreição de 1951[930]. No final de 1962 reaparece publicamente uma velha militante bolchevique, exigindo um acerto de contas. Trata-se da historiadora Galina Serebriakova, que foi companheira de Serebriakov e mais tarde de Sokolnikov, que tinha passado mais de vinte anos na prisão: a violência de seus ataques contra Erenburg foi um duro golpe contra os "bons modos" adotados pela desestalinização. Pouco a pouco, as bocas vão se abrindo, a história se recompõe e o passado vai tomando forma. Certamente, todas estas são condições indispensáveis na luta pelo futuro. Os anos vindouros provarão até que ponto os "núcleos" subterrâneos, cuja existência é indicada por inúmeros indícios, saberão utilizar em um novo 1917 a experiência do primeiro combate operário levado contra o stalinismo na escala de vários países.

929 *Po Prostu*, 14 de abril de 1957.
930 CLAUDIUS, W., *op. cit.*, pp. 143-146.

20

O PARTIDO DEPOIS DE STALIN: A ERA KRUSHEV

O ritmo desigual adotado pela desestalinização oficial, bem como as vacilações, os retrocessos e as brutais acelerações que acontecem nela, descartam a utilização de qualquer tipo de análise estática e limitada a um período de poucos anos para entender esse período. Esses elementos explicam também as refutações impostas pela realidade a especialistas, qualificados certamente, mas suficientemente imprudentes para crer que conseguiriam avaliar do exterior a evolução de correlações de forças que ainda estão só parcialmente conscientes de si mesmas. É a luta de classes que se desenvolve hoje, com sua dialética, na URSS: a pretensão de que os acontecimentos posteriores à morte de Stalin não alteraram em absoluto a estrutura da sociedade soviética é tão insensata quanto a ideia de que este acontecimento suprimiu os fatos sociais em que se baseava seu poder, ou a opinião de que um aparato despótico vai, uma vez que sejam "ilustrados" seus dirigentes, conduzir uma transformação que fará dele o defensor da democracia.

As contradições da economia

Hoje, todos estão de acordo sobre o grande êxito obtido no terreno do desenvolvimento econômico pelas estruturas de tipo socialista, criadas pela revolução de 1917. A URSS é hoje a segunda potência industrial do mundo. Em 1953 ela tinha duplicado seu parque de máquinas e ferramentas, em relação ao período de antes da guerra, ultrapassando com tranquilidade a Grã-Bretanha e ficando atrás, em termos de equipamentos industriais, somente do capitalismo norte-americano. Este desenvolvimento fantástico, só comparável ao experimentado pelos países avançados durante a primeira revolução industrial, é certamente o único a ocorrer, em plena era imperialista, em um país que há apenas cinquenta

anos ainda era profundamente atrasado. Este é um fato irrefutável e que não é de modo algum afetado pelas acusações dos anticomunistas e antissocialistas raivosos, segundo os quais tais êxitos só foram possíveis através da coerção exercida sobre trabalhadores, reduzidos a uma condição quase servil. Para dar-lhes razão e admitirmos a suposta superioridade do sistema capitalista, seus defensores teriam primeiro de demonstrar que o imperialismo foi um patrão melhor com seus escravos coloniais, com os trabalhadores das minas ou plantações, ou fornecer alguma prova de que o império da *United Fruit*[931] ou qualquer outra sociedade anônima capitalista teria conseguido criar, durante o mesmo período, uma sociedade industrial moderna em qualquer dos países submetidos a seu jugo. Em 1930, ao redigir as últimas linhas de seu *História da Revolução Russa*, Trotski analisava a diferença entre as palavras russas assimiladas pela linguagem internacional antes e depois e 1917: "Ainda que a cultura da nobreza tenha introduzido no vocabulário universal barbarismos como czar, *pogrom*[932] e *nagaika*[933], Outubro internacionalizou palavras como bolchevique, soviet e *piatiletka*"[934] [935]. E se a palavra *piatitletka* acabou sendo traduzida a todos os idiomas, esse próprio zelo com que os partidários do "mundo livre" e da economia capitalista se esforçaram em apresentar seu sistema baseado no lucro como tendo também uma suposta planificação ilustraria por si só a vitória de um princípio que até então tinha sido considerado como uma verdadeira heresia.

Ainda assim, tendo em vista as realidades cotidianas e os números gerais, seria imprudente se apressar em cantar a vitória do socialismo. Apesar de seus êxitos clamorosos na conquista do espaço – de grande impacto sobre a imaginação –, a URSS está muito distante de ter superado todo seu atraso, como o prova a comparação de suas cifras de produção com sua população. Em 1960 a produção anual de aço por habitante na URSS (que chega a 350 quilos) é muito inferior não só à correspondente dos Estados Unidos (820), mas também à do Benelux (1.300) e da Alemanha Ocidental (620). Na produção de eletricidade per capita (1.300 kWh) está também muito atrás dos EUA (4.670), da Inglaterra (2.490) e da Alemanha Ocidental (2.055). Neste terreno, a URSS se situa imediatamente atrás da França (1.590), ultrapassando por uma pequena diferença a Itália (1.100). Em um país que se autodenomina socialista, o atraso mais importante surge quando comparamos os números do consumo privado médio: a URSS consome 38 quilos de carne por habitante por ano, contra 73 dos EUA e 64 da França; 26 quilos de açúcar contra

931 Companhia de comercialização de frutas norte-americana cujas filiais, presentes em diversos países da América Central, exerciam um controle absoluto sobre seus trabalhadores e sobre a política desses países, para garantir seus lucros (N. do E.).

932 Massacre (N. do E.).

933 Uma espécie de chicote (N. do E.).

934 Plano quinquenal (N. do E.).

935 TROTSKI, *Histoire de la révolution russe*, *op. cit.*, tomo IV, p. 475.

240 dos EUA e 25 da França; 6,5 quilos de ovos frente a 22,4 dos EUA e 11 da França; 28 metros de tecido de algodão frente a 54,3 dos EUA e 30 da França; 1,84 metros quadrados de lã contra 2,7 nos EUA e 3,9 na França; 1,9 peças de roupa íntima contra 11,6 nos EUA; 1,7 pares de sapatos de couro contra 3,5 nos EUA. As fábricas americanas produzem dez automóveis para cada um que é produzido na Rússia. Em 1960, os Estados Unidos contavam com 1.030 aparelhos de rádio para cada 1.000 habitantes, o Canadá com 600, a Inglaterra e a Alemanha Ocidental com 300, a França com 250 e a URSS com 240. A densidade da ocupação das moradias constitui talvez uma das facetas mais espetaculares deste atraso, visto que em 1956 a URSS conta com uma média de 1,6 habitantes por cômodo, enquanto a França e a Itália, cuja "crise" neste aspecto é particularmente aguda, apresentam densidades de 1 e 1,5 respectivamente no mesmo ano. As destruições ocasionadas pela guerra, geralmente mencionadas pelos propagandistas, não bastam para explicar este atraso relativo, pois a superfície habitável útil por habitante na URSS era, em 1940, de 6,9 metros quadrados, quando em 1913 alcançava 7,3 metros quadrados. Este número só foi alcançado novamente em 1950, chegando em 1955 a 7,7 m^2 nas zonas urbanas[936].

Os moradores de Varsóvia – os maiores produtores do mundo de anedotas sobre a Rússia – costumam contar que, ao atenderem o telefone, os filhos de Gagarin diziam aos jornalistas: "Papai está no cosmos, voltará dentro de vinte minutos. Mamãe está na fila da carne, voltará em cinco horas". De fato, na URSS a industrialização foi realizada às custas do nível de consumo de massas. Entre 1928 e 1937, enquanto a produção de carvão, ferro fundido e aço aumentou 400% e a de eletricidade 700%, a de fios de lã só aumentou 10% e a de algodão 20%. Entre 1937 e 1950, a produção de carvão e de eletricidade aumentou 200%, a de ferro fundido e aço 50 e 60% respectivamente, enquanto a de fios de lã aumentou 60% e a de algodão só 10%[937]. Assim, esta desigualdade no crescimento dos diferentes ramos industriais e a sistemática prioridade dada ao desenvolvimento da indústria pesada e dos meios de produção são resultados de uma política sistemática dos dirigentes do partido. Não se trata simplesmente de produzir em primeiro lugar os bens de capital e posteriormente os de consumo, mas de acumular os bens de capital, freando simultaneamente a produção destinada ao consumo, com a convicção de que as desigualdades na distribuição e a existência de privilégios são o melhor dos estímulos à produtividade. Tais paradoxos não podem ser compreendidos a não ser a partir do momento em que se toma consciência da contradição básica existente na URSS entre o modo de produção de caráter não-capitalista – ou, se preferirmos, fundamentalmente socialista – e o sistema de distribuição que continua sendo tipicamente burguês. Sobre esta quase absoluta carestia se de-

936 MANDEL, *Traité d'economie marxiste*, *op. cit.*, tomo II, pp. 222-224.
937 Ibid.

senvolveu, como vimos, uma burocracia que soube defender e incrementar seus privilégios durante toda a fase de expansão econômica.

Tal contradição volta a aparecer na produção industrial. Nas condições da coletivização dos meios de produção e da economia planificada, o baixo nível técnico e cultural exigia obviamente a utilização de estímulos materiais, concretizados nos privilégios. Ainda assim, o monopólio político dos burocratas e a utilização de seus interesses particulares como motor essencial do incremento da produção acabam ameaçando seriamente os imperativos gerais da produção. A introdução da noção de rentabilidade industrial como consequência desta concepção burocrática da produção serve para explicar a prática, frequentemente denunciada pela imprensa, que consiste em produzir o que se denomina "bens indeterminados", não previstos pelo plano e destinados a permitir aos administradores o cumprimento do plano financeiro da empresa. Assim, algumas fábricas de acessórios elétricos fornecem ferragens, enquanto o betume e outros produtos de mercearia são vendidos nas farmácias, enquanto laboratórios destinados a princípio à pesquisa competem com as fábricas no terreno da produção. A necessidade que tem o burocrata de cumprir os objetivos fixados pelo plano o obriga a descuidar da qualidade de sua produção, a constituir reservas de matérias primas superiores às suas verdadeiras necessidades e a encobrir sistematicamente a capacidade produtiva de sua empresa, com o fim de poder fornecer os mínimos previstos – e inclusive superá-los – por pior que andem as coisas. Os diretores param qualquer pesquisa ou nova fabricação, que acabaria reduzindo sua produção e seus fundos administrativos, esforçando-se por prolongar indefinidamente a fabricação dos mesmos modelos.

Uma das consequências deste tipo burocrático de gestão é o desperdício de uma parte substancial do equipamento produtivo. Aristov revela no XXI Congresso que 60.000 fresas e 15.000 prensas mecânicas "permanecem paradas nos armazéns ou mofando nos pátios". Outra fonte russa cita o exemplo de uma fábrica na qual 50 máquinas não são utilizadas, algumas desde 1939 e outras desde 1945. O mercado negro, flagelo da economia soviética, é outra consequência da planificação burocrática. Não funciona só com bens de consumo, cuja produção é insuficiente, mas também com bens de produção e matérias primas. Todas as empresas têm seu *tolkach*[938] ou organizador, de estatuto mais ou menos legal, garantindo os fornecimentos através do suborno, e o *blat*[939], que, segundo a opinião pública, "é mais forte que Stalin".

A partir de 1953 os dirigentes do partido russo tentam superar tais contradições através da modernização da economia, esforçando-se em simplificar o aparato administrativo e suprimir as características mais monstruosas da centralização stalinista. Em 1953 Malenkov anuncia, em nome da nova direção, o abandono da

938 Literalmente, "empurrador", um especialista em obter suprimentos no mercado negro (N. do E.).
939 Uma pessoa com contatos nas altas estruturas do partido (N. do E.).

política de prioridade da indústria pesada e o início de um esforço de desenvolvimento na produção de bens de consumo para poder responder assim "às crescentes necessidades do povo soviético". Neste sentido, são previstos aumentos de duas ou três vezes na produção têxtil e de roupas. No entanto, tais propósitos entram em contradição com os de exploração das "terras virgens", carentes de maquinário e também com a necessidade de fornecer à China o equipamento industrial de que necessita. No dia 24 de janeiro de 1955, Shapilov recorda no *Pravda* que a indústria pesada é a "base granítica sobre a qual repousa a economia soviética". Ao mesmo tempo, Krushev qualifica como "desviacionistas de direita" os defensores do aumento da produção de bens de consumo. Em sua carta de demissão, datada de 8 de fevereiro, Malenkov faz sua autocrítica e reconhece a necessidade de dar prioridade à indústria pesada.

Começa então uma nova etapa, com a discussão sobre a modernização que se desenvolve a partir de abril e termina na sessão do Comitê Central de julho. O informe de Bulganin, relativamente sincero, admite o atraso técnico da agricultura russa, atribuindo-o ao "isolamento" que a mantém na retaguarda dos progressos ocidentais e à sua excessiva centralização. Também afirma que as tabelas de produtividade, em vez de servirem como estímulo, são só um meio para manter os salários em um nível determinado, o que impede qualquer aumento sério dos rendimentos. Depois de todas estas deliberações, é emitida uma circular que amplia os direitos e a iniciativa dos chefes de empresa e que exorta-os a "levarem em conta as necessidades dos trabalhadores". No entanto, mesmo reconhecida, a contradição não é superada. Isto é o que se deduz de todas as "insuficiências" denunciadas por Krushev na sessão do Comitê Central de fevereiro de 1957: a grande comissão de planificação, instituída em dezembro e dirigida por Pervukhin, vai ser suprimida. Simultaneamente, se aplica uma descentralização resoluta do aparato econômico, muitos ministérios centrais são eliminados e a parte mais essencial da direção econômica é transferida aos conselhos regionais de economia ou *sovnarkhozes*[940]. De fato, o controle burocrático se limitou a mudar de forma: os problemas continuam sem resolução.

A imprensa russa de 1962 fornece informações interessantes em relação a esta persistência. Em maio é divulgada a notícia da descoberta na Carélia de um esquema de tráfico de madeira, metal e produtos manufaturados de proporções gigantescas. O jornal *Sovietskaia Rossia* (Rússia soviética) revela que existiam ramificações inclusive nos serviços ministeriais da Geórgia e que "trens inteiros de mercadorias ilícitas atravessavam o país de ponta a ponta". O partido parece ter assistido a este espetáculo com indiferença. Em junho, três dirigentes de um armazém de Dniepropetrovsk são condenados à morte por "dilapidação". Em julho, o *Izvestia* anuncia a condenação à morte de quatro empregados de uma fábrica de

940 Conselho de Economia do Povo (N. do E.).

Frunze, acusados de terem vendido no mercado negro produtos fabricados com matérias primas obtidas fraudulentamente. O jornal acrescenta que estes quatro "empregados" – não precisa suas funções – possuíam chalés, carros e artigos de luxo, cujo valor chegava a seis milhões de francos de 1963, tendo sido ainda confiscados, em sua posse, 320 quilos de ouro e trinta de prata. As rentáveis operações da Carélia tinham contribuído para encher os hotéis de Petrozavodsk de prósperos homens de negócios. Assim, pelas costas da própria economia planificada e graças às suas contradições, renascem a produção e o comércio paralelo de bens de produção, que por sua vez suscitam o surgimento de uma série de grupos sociais de tipo capitalista que a burocracia não consegue eliminar nem sequer com a ameaça da pena de morte. Durante o outono de 1962 são questionados os próprios princípios da planificação burocrática. No dia 4 de outubro, o *Pravda* afirma: "Nosso país perdeu centenas de milhares de rublos com esta política" e conclui: "O sistema de planificação é tão deficiente que, neste momento, a URSS carece de bens de primeira necessidade, como meias, roupas íntimas e calçados, enquanto os armazéns estão cheios de objetos tão feios e de qualidade tão ruim que ninguém os comprará".

A morte de Stalin também permitiu revelar outro segredo guardado a sete chaves: a gravidade da crise agrícola, que desde a época da coletivização não chegou a ser superada. A política de Malenkov, voltada para a melhoria do nível de vida, exigia em primeiro lugar um aumento da produção agrícola. Em seu discurso de setembro de 1953, Krushev revela as verdadeiras proporções do atraso agrícola: a produção por habitante é inferior à de antes da revolução. A produtividade média do trabalho agrícola continua sendo ridiculamente baixa: sete vezes inferior à norte-americana no cultivo do trigo e seis no de beterraba[941]. A URSS tem menos tratores por unidade de superfície cultivada que os EUA, a Inglaterra e Alemanha Ocidental. Só um *kolkhoz* a cada quatro dispõe de energia elétrica.

A nova política, iniciada em agosto-setembro de 1953, busca basear-se no interesse dos membros dos *kolkhozes* para alcançar uma produção global que possa suprir as necessidades do país: aumenta os preços pagos pelos fornecimentos obrigatórios e contratuais; cancela os impostos atrasados sobre as parcelas individuais, cujas dimensões foram reduzidas e promete aos membros dos *kolkhozes* o fornecimento de produtos industrializados. Reforça também o aparato do partido nas estações de máquinas e tratores para garantir a aplicação desta nova política. Uns poucos meses bastam, no entanto, para que os objetivos propostos à produção agrícola se revelem inatingíveis. No Comitê Central de fevereiro de 1955, Krushev lança a campanha de rotação de terras virgens que propõe cultivar 13 milhões de hectares em dois anos, dos quais se espera uma produção de 18 mi-

941 A importância da produção de beterraba nos países europeus se deve à sua utilização para a produção de açúcar, dada a impossibilidade de se plantar cana-de-açúcar em países frios (N. do E.).

lhões de toneladas de grãos. Os resultados são decepcionantes: em julho de 1957 os fornecimentos obrigatórios advindos das parcelas individuais são suprimidos.

Em janeiro de 1958, Krushev volta a fazer a proposta, rechaçada por Stalin seis anos antes, na qual recomendava a liquidação das estações de máquinas e tratores, procedendo-se a venda destes aos *kolkhozes*. Nesta ocasião o plano é adotado pela sessão de fevereiro do Comitê Central, sendo colocado em prática rapidamente, graças à pressão exercida pelos membros dos *kolkhozes*. Ainda assim, a operação ocorre em condições econômicas muito ruins, apesar de uma tentativa de suspensão pelo Comitê Central, preocupado com os preços baixos por que são vendidas as máquinas e pelo desaparecimento das condições materiais indispensáveis para a manutenção das oficinas de reparo. Em julho de 1958 se outorga aos membros dos *kolkhozes* outro importante benefício ao suprimir-se completamente os fornecimentos obrigatórios dos *kolkhozes*, cujos produtos irão, em sua totalidade, diretamente ao mercado. Liberado do peso das estações de máquinas e tratores, o setor cooperativo dos *kolkhozes* reforça sua posição, enquanto as tendências centrífugas que se fazem notar em relação à economia planificada agudizam as diferenças entre os *kolkhozes* pobres e os "milionários". A alta generalizada nos preços dos produtos alimentícios em julho de 1962 – de 30% no preço da carne e 20% no da manteiga – refletem o fortalecimento da pressão exercida pelos camponeses, que leva o partido a descumprir mais uma vez as promessas feitas ao consumidor, neste caso as do XXII Congresso.

Por outro lado, um novo giro parece se esboçar com o surgimento, no dia 28 de julho de 1962 no *Pravda Ukraini* (A verdade da Ucrânia) e mais tarde em toda a imprensa, da carta de Nadezhda Zaglada, onde esta camponesa e membro de *kolkhoz* propõe a supressão do sistema de equipes e brigadas e a designação a cada membro de *kolkhoz* de uma parcela de terra pertencente ao *kolkhoz* para seu cultivo pessoal, obrigando-o assim a realizá-lo convenientemente para poder obter logo a sua própria parcela. A proposta termina assim: "este método elevaria o senso de responsabilidade e despertaria a consciência". A economia da URSS, depois de vários anos de reformas krushevianas, não foi modificada de modo algum no sentido de um reforço do "setor socialista". E tampouco conseguiu resolver qualquer de suas contradições.

As contradições da sociedade

Este sistema burocrático que compromete gravemente o funcionamento da economia se baseia na existência de uma pirâmide de privilegiados que as estatísticas e os estudos supostamente "sociológicos" se esforçam em dissimular, mas que primeiro a imprensa, em suas críticas e informações sobre a vida cotidiana, e mais tarde a literatura contribuem para revelar, depois da morte de Stalin. Em 1953 a variação salarial é aproximadamente a mesma que em 1935 e seus extremos se en-

contram na proporção de um a vinte. Um operário especializado ganha entre sete e oito vezes mais que seu companheiro não especializado. A campanha iniciada contra a "juventude dourada" revela a existência dos filhos dos privilegiados, que recebem para seus gastos mil rublos ao mês, quantia equivalente ao salário de um operário. Os burocratas se negam a ocupar postos longe das grandes cidades e se enraízam sistematicamente nos serviços onde se encontram. Às vezes a imprensa denuncia a utilização abusiva dos "carros de serviço". A *datcha*[942], que costuma servir de residência privada do alto burocrata, custa centenas de milhares de rublos, e com frequência, sua venda permite ao herdeiro viver sem trabalhar. O status que torna o burocrata um ser acima do comum se reflete em uma crítica publicada no *Pravda* em relação a uma certa passagem de um romance ambientado na guerra e onde alguns *partisans* chamam seu chefe por seu primeiro nome: "É muito difícil acreditar que pessoas da cidade tenham ousado chamar de 'Gavrik' a um homem respeitável, membro importante do partido". O *Trud* escreve que "um grande número de altos funcionários do aparato econômico pisoteiam com absoluta insolência os direitos dos cidadãos". O relato de Parkomov nos mostra um burocrata que tem por princípio não receber em sua casa "pessoas que se encontram a seu serviço" e o *Komsomolskaia Pravda* (A verdade do *Komsomol*) denuncia o escritor Virta[943], que ordenou a construção de uma *datcha* com uma pista de patinação privada para os jovens comunistas da região, na qual é conhecido como "o nobre". O romance *As estações*, de Vera Panova, coloca em cena uma série de burocratas do partido de glorioso passado, que, para desfrutar de seus privilégios, não vacilam em cercar-se de uma rede de influências e chantagens. Em *Os convidados*, uma obra de teatro que foi proibida durante o inverno de 1953-1954 depois das primeiras apresentações, Leônidas Zorin descreve o conflito que se desenvolve entre um alto funcionário, seu pai, um velho bolchevique que o chama de "hipócrita empanturrado", e sua irmã Varvara, que o trata de burguês e afirma experimentar em relação a ele e seus semelhantes, os membros das "camadas superiores", algo que não é ódio, mas "que recorda muito um sentimento de classe". O jornalista Turbin, um dos personagens simpáticos da trama, fala de uma "classe dirigente" nascida da "maldade, da luxúria e da ambição, de sua inaptidão e de nossa tolerância". A vontade dos privilegiados de transmitir tais prerrogativas a seus herdeiros é revelada pela grande diminuição da porcentagem de estudantes filhos de operários, que cai, entre 1931 e 1938, de 44,6% para 33,9%. O acadêmico[944] Kolgorov declara em 1958 que o número de estudantes oriundos da *intelligentsia* cresce continuamente nas universidades e nas escolas técnicas superiores.

---

942 Espécie de sítio ou chácara para descanso (N. do E.).
943 Nikolai Virta, autor de uma apologética biografia de Stalin: *Stalingradskaia bitva*, de 1947 (N. do E.).
944 Titulação máxima possível de ser obtida no sistema universitário soviético, sem equivalente em português (N. do E.).

Estas contradições são admitidas pela primeira vez depois da morte de Stalin, mesmo quando aqueles que as denunciaram são condenados oficialmente por terem se excedido em sua crítica. As primeiras medidas da era Malenkov são uma série de concessões às aspirações das massas populares que se beneficiarão a seguir de várias quedas nos preços do varejo. A partir de 1955 são adotadas várias disposições que modificam profundamente as condições gerais da vida social. O informe de Bulganin diante do Comitê Central de julho censura os dirigentes que não levam em conta as aspirações operárias. A revista *Zhizn Parti* se refere a uma circular na qual se condena severamente os sindicatos que "aprovam todas as decisões da direção pelo simples fato das fábricas serem empresas do Estado"[945].

Em 29 de novembro de 1955 é anulado o decreto sobre o aborto (que o proibia). Um dos temas do XX Congresso é o aumento dos salários mais baixos. Kaganovich, que parece opor certa resistência, é substituído na comissão de salários. Desta vez, se cumprirá pelo menos uma parte das promessas. Em 8 de março de 1956 a jornada de trabalho é reduzida para 6 horas nas vésperas de feriados. No dia 10 se decide que os membros dos *kolkhozes* receberão antecipações mensais sem que se espere pela fixação do total que lhes é devido segundo o número de horas trabalhadas. No dia 28 de março a duração da licença maternidade é ampliada para 112 dias, em vez dos 77 anteriores. O dia 25 de abril é uma data importante para os operários da URSS: é abolido o decreto de 26 de junho de 1940 sobre a disciplina do trabalho, as ausências injustificadas e atrasos, e o governo se compromete a revisar todas as sentenças baseadas nas disposições revogadas. No dia 9 de maio a jornada de trabalho para os jovens de dezesseis a dezoito anos passa de oito para seis horas, as pensões são atualizadas, fixando-se um mínimo de 300 rublos e um máximo de 1.200. Em 9 de junho as taxas universitárias instauradas em 1940 são abolidas novamente. Em primeiro de setembro os salários baixos são aumentados em 33% em média e seu valor mínimo é fixado em 300 rublos nas áreas urbanas e 270 rublos no campo. Além disso, os salários dos mineiros são aumentados consideravelmente em novembro. As prerrogativas dos sindicatos em matéria de produtividade, contratação e demissão são restauradas parcialmente.

Simultaneamente são denunciados alguns abusos. Fica proibida a compra de mais de um carro em três anos. A imprensa faz uma campanha contra os filhos de burocratas que parecem ter aversão ao trabalho. A reforma escolar tem como objetivo oferecer uma igualdade rigorosa de oportunidade a todos os jovens. Ainda assim, os privilegiados obterão certa vitória ao conseguirem que não sejam aplicadas algumas de suas cláusulas, chegando inclusive a descumprir parte das disposições. A imprensa mantém um discreto silêncio no que se refere ao novo leque de salários, apesar de fazer numerosas críticas sobre o sistema em geral. Em 1961, segun-

945 *La vie du parti*, nº16, 1955.

do Philippe Ben, um operário especializado de Kharkov recebe 90 rublos novos, mas há muitos trabalhadores que ganham apenas 60 rublos e as faxineiras só recebem 40 rublos. Alguns operários chegam a ganhar até 150 rublos. Os engenheiros começam recebendo 90 e os médicos 60. Ao que parece, o burocrata que forneceu estes dados omitiu qual era seu soldo. Nas vésperas do XXII Congresso, volta a se falar muito das *datchas* e dos carros, e o nível de vida das massas será uma de suas pautas centrais. No entanto, a alta de preços de junho de 1962 representa um grave retrocesso. Em 24 de setembro é anunciado que o imposto pessoal sobre os salários situados na faixa entre 60 e 80 rublos novos, cuja supressão estava prevista para 1º de outubro, será mantido provisoriamente. Trata-se de um novo indício das dificuldades pelas quais passa a política social reformista de Krushev e que são inseparáveis das contradições econômicas e políticas. Dias mais tarde, a imprensa anuncia que, no decorrer de uma reunião do partido em Leningrado, o secretário do Comitê Regional disse que em 1961 "tinha se perdido dois milhões e meio de jornadas de trabalho nas empresas industriais de Leningrado como consequência das ausências injustificadas e dos atrasos dos operários". De fato, a classe operária manifesta como pode sua alienação do aparato econômico e a supressão do regime de terror não basta para lhe inspirar o entusiasmo que somente uma participação real e autêntica na gestão da economia poderia produzir e que, precisamente, a burocracia não pode consentir.

O esquema de forças sociais

Na atualidade, parece ter se provado que a política encarnada por Krushev encontrou uma forte resistência no interior do aparato e da burocracia, pois para estes setores representava um sério perigo em muitos aspectos. Klaus Mehnert, ao se referir a uma conversa com dois privilegiados do regime que aconteceu no final de 1956, escreve: "Ambos opinavam que os camponeses abandonariam os *kolkhozes* se conseguissem sua liberdade. As cidades ficariam então sem abastecimento e os operários exigiriam o direito de greve e iriam querer influenciar na gestão das empresas"[946]. Com a perspectiva de libertação dos camponeses, os burocratas acham que seus privilégios chegaram ao fim: é a democracia operária, que eles imaginam como um verdadeiro caos. Ainda assim, seria errado supor que a maioria deles permaneceu fiel aos métodos da era stalinista. Pelo menos para os mais ilustrados pareceu evidente, no momento em que Krushev escolheu destruir o mito, que, como disse Philippe Ben, "o maior obstáculo que tinha a melhoria do nível científico e técnico da URSS – condição indispensável a qualquer progresso material – era o dogmatismo stalinista que enchia de amarras a filosofia e as ciências físicas e matemáticas, a biologia, a economia política e quase todos os

946 MEHNERT, Klaus, *op. cit.*, p. 251.

demais campos do conhecimento"[947]. Qualquer passo adiante que tente superar, pelo menos provisoriamente, as contradições da sociedade soviética exige, pois, a prévia destruição dos mitos stalinistas.

Neste caso, o interesse geral coincidia com os sentimentos pessoais dos burocratas. A atmosfera de preparação de um expurgo, a mesma que imperava nas vésperas da morte de Stalin, lhes devolvia uma sensação de insegurança, a consciência do caráter precário não só da situação, mas também de sua própria existência, bases sobre as quais durante anos se tinha apoiado a autoridade do amo do Kremlin. As garantias de respeito à legalidade, a limitação dos poderes da polícia política e as próprias reabilitações estavam destinadas, em primeiro lugar, a devolver a confiança aos próprios privilegiados, ao mesmo tempo em que as reformas administrativas e econômicas, tendentes à nacionalização e à descentralização, deveriam permitir a estes homens, que são as engrenagens essenciais da sociedade burocrática, trabalhar em condições normais. Klaus Mehnert aponta a mentalidade conservadora, muito distante de qualquer espírito de rebeldia, dos membros do setor privilegiado da URSS, analisando igualmente as bases de seu apoio à política de Krushev, ao escrever:

> Quando o Estado garantiu a seus funcionários uma renda elevada, uma formação profissional, uma promoção social, um grande prestígio e certo grau de segurança pessoal; quando não estes não estão constrangidos por um excesso intolerável de arbitrariedade administrativa e, além disso, quando se mantém sujeitas as massas que tinham sido mobilizadas em nome da igualdade durante a revolução, a maior parte da classe dirigente se mostra satisfeita, ao menos provisoriamente, durante todo o período em que o Estado conseguir se manter poderoso e estável[948].

No entanto, este é apenas um aspecto particular das relações sociais subjacentes à política dos dirigentes do partido russo depois de 1953. Em 1957, de Varsóvia, cidade especialmente rica em informações de primeira mão a respeito da URSS, Philippe Ben descreve o fenômeno que denomina "a grande revolução da era pós-stalinista": "A grande mudança apoia-se no fato de que as grandes massas operárias e camponesas, animadas com o desaparecimento do déspota e pelo fim do terror implantado pela polícia secreta, começaram a manifestar seu desejo de viver melhor". Indubitavelmente, foram suas viagens por todo o país – uma mudança radical em relação a Stalin, que permanecia fechado no Kremlin – que propiciaram a Krushev sua tomada de consciência da necessidade, se quisesse resolver a crise agrícola, de ceder às reivindicações dos membros dos *kolkhozes* em relação aos impostos sobre suas parcelas, ao fornecimento forçado e à modificação do sistema dos *kolkhozes*. O fato novo é que estas reivindicações tenham sido expressas. "O temor animal se dissipa," escreve Ben, "os escravos começam a levantar a cabeça.

947 BEN, Philippe, *La situation en URSS vue de Varsovie* em *Le Monde*, 23 de julho de 1957.
948 MEHNERT, Klaus, *op. cit.*, pp. 251-252.

Já não estão satisfeitos com o pão preto que antes lhes parecia o mais valioso dos bens. Começam a experimentar outras necessidades e querem satisfazê-las"[949].

O fenômeno adquire proporções particularmente importantes nas empresas de um país que tinha se tornado a segunda potência industrial do mundo e onde os operários constituem a força social numericamente mais importante e mais concentrada. Imediatamente depois do final da guerra, o operário russo começa a tomar consciência de si mesmo e a elaborar sua nova "consciência de classe". Como aponta Klaus Mehnert:

> Houve um tempo, até 1930, no qual se podia mobilizar nos povoados os camponeses ignorantes, colocando-os à força nas oficinas e fábricas primitivas do primeiro plano quinquenal. Atualmente, o nível técnico da indústria, cujo expoente são os começos da automatização, tornou semelhante procedimento inviável. (...) A indústria moderna exige, a um ritmo cada vez mais acelerado, homens de elevada qualificação profissional, com plena consciência de suas responsabilidades. (...) Inclusive do ponto de vista quantitativo, o problema dos trabalhos suplementares deixou de poder ser resolvido pelo recrutamento de mão de obra advinda da população rural. As reservas humanas se esgotam: por menor que seja, um aumento da produção global da União Soviética não poderá ser obtido a não ser que ocorra o correspondente incremento da produção industrial, [que] não poderá se realizar a não ser na medida em que o operário (principalmente o operário especializado) o faça de boa vontade[950].

No entanto, a partir da morte de Stalin, os operários começam a dar provas de inquietação. A este respeito Philippe Ben escreve:

> Nas fábricas, nas reuniões de célula e nos sindicatos os operários deixam de ter medo de fazer abaixo-assinados por aumentos nos salários, pela redução das cotas mínimas de produtividade, pela aplicação da legislação social e pela entrada em vigor de normas de segurança no trabalho, aspecto este que tinha sido marginalizado por completo até então. De fato, chegam inclusive a solicitar bonificações ou gratificações extraordinárias que não tinham sido previstas em lei. (...) Por um lado e outro, nas minas e nas fábricas, as queixas pelo não pagamento dos prêmios de produção (quando não se cumpriram os objetivos dos planos mensais ou quando a direção não proporcionou aos operários que realizam trabalhos perigosos as máscaras ou a proteção corporal adequada) culminam em paralisações de uma ou duas horas, que constituem uma espécie de pequena "greve intermitente"[951].

Este tipo de acontecimento, absolutamente inimaginável nos tempos de Stalin – o último conflito trabalhista aconteceu em Briansk em 1935 – acontece não só na região de Moscou, mas também nos Urais, em Donbass, Kharkov, Leningrado, Odessa, Ivanovo-Voznesensk e nos centros industriais siberianos.

949 *Le Monde*, 22 de julho de 1957.
950 MEHNERT, Klaus, *op. cit.*, pp. 248-249.
951 *Le Monde*, 22 de julho de 1957.

Este movimento se expressará mais claramente do que nunca no XXII Congresso, onde a operária Rozneva solicita o fim da escala de 3 x 8 para as mulheres e no qual se apresentam reivindicações como as três semanas de férias remuneradas, o fim do trabalho noturno para as mulheres, a unificação dos salários nos diferentes ramos da indústria, a redução das diferenças salariais e a limitação do direito de propriedade sobre as *datchas.* Durante o verão de 1961, a greve dos operários dos estaleiros navais e as manifestações operárias de Novocherkassk em junho de 1962 contra o aumento de preços constituem novos indícios desta tomada de consciência dos operários, que se torna assim um acontecimento decisivo do período pós -stalinista. Quando Malenkov ainda parecia o sucessor inquestionável de Stalin, Isaac Deutscher escrevia: "Acredita-se tê-lo ouvido argumentar no santuário do Kremlin: 'É preferível abolir os piores aspectos do stalinismo a partir de cima do que tergiversar até que sejam abolidos de baixo'"[952].

A política do partido em relação aos escritores é um bom exemplo dessa preocupação em conservar permanentemente o controle da vida intelectual e, portanto, da vida política. O "degelo"[953] de 1953 é marcado pela publicação dos romances de Erenburg e de Vera Panova, pela postura adotada por Pomerantsev na revista *Novi Mir* (Novo mundo) a favor da liberdade de expressão e pela já citada obra de Zorin. Mas esta última é proibida quase que imediatamente, e o *Pravda* logo parte para o contra-ataque, em nome do "realismo socialista". Os redatores chefes das revistas *Oktiabr* (Outubro) e *Novi Mir,* Panflorov e Vardovski, são destituídos durante o verão de 1954. Em dezembro do mesmo ano o II Congresso de Escritores ratifica sua adesão à linha do partido.

Mas em 1956 acontece uma nova ofensiva dos escritores de esquerda: a novela de Dudintsev, o poema de Krisanov a respeito dos burocratas que "necessitam de corações de ferro que façam o que lhes ordenam", a antologia publicada na revista *Literaturnaia Moskva* (Moscou literária), onde A. Kron denuncia o "culto" "estranho às tradições democráticas revolucionárias" que faz "da hierarquia seus próprios servidores", constituem os marcos principais desta campanha. Krushev passa a dirigir oficialmente a reação e acusa os autores de pessimismo e de falta de espírito comunista. De fato, a crítica dos escritores contém, como na Polônia e Hungria, elementos verdadeiramente revolucionários. No romance *A alavanca*, de Yashin, jovens comunistas abrem as janelas da casa onde os dirigentes se asfixiam com suas mentiras e chantagens. No livro *Opinião pessoal*, Daniel Granin descreve uma reunião do partido onde a base, encarnada pelo "herói positivo" Borisov, faz fracassar os planos de alguns burocratas que tinham decidido não só quem seria eleito a um cargo superior, mas também quem poderia apresentar sua candidatura. Este texto consegue expressar melhor do que qualquer outro o nascimento do

952 DEUTSCHER, Isaac, *La Russie après Staline*, Paris, Seuil, 1953, p. 114.
953 Assim ficou conhecida a política de relativa e limitada abertura democrática de Krushev (N. do E.).

que Mehnert chama de "democracia no varejo", que surgiu na Hungria, na Polônia, na Tchecoslováquia, na URSS, na China e em outros países pela mesma época e que era concebida como a participação de todos sem exceção no exercício das responsabilidades e, portanto, do poder. A cena descrita por Granin constitui certamente o primeiro passo – um primeiro passo decisivo, visto que se trata de uma tomada de consciência a partir da base, da possibilidade de que as massas façam sua voz ser ouvida e da necessidade, para que se façam ouvir, de iniciar uma luta contra o aparato.

A juventude e os poetas

A este respeito, os estudantes e os jovens intelectuais constituem indubitavelmente uma espécie de barômetro da opinião pública, cujas opções devem ser levadas em conta pelo partido cada vez com mais frequência. Como na Polônia, Hungria, Tchecoslováquia e China, estes são setores privilegiados, cujas necessidades intelectuais e as exigências de seu trabalho tornam particularmente sensíveis às influências exercidas de fora do aparato pelos setores sociais que até agora viviam oprimidos. O fim do stalinismo supõe para eles o surgimento de uma relativa liberdade de informação e de expressão. De todos os privilegiados, são os únicos que podem buscar – tanto psicologicamente, por darem as costas ao passado, quanto praticamente, pelo fato de necessitarem de uma audiência – a aprovação de uma opinião pública operária em formação. Educados na asfixiante atmosfera do stalinismo, viram crescer as ameaças a partir de 1952 e mais tarde, de um súbito golpe, surgir a efervescência e a proliferação de intercâmbios e confrontos. O stalinismo não teve tempo de derrotá-los, mas eles preservaram dessa época uma ânsia veemente de liberdade.

A este respeito, o caso de Evtushenko é absolutamente típico. Ele tem vinte anos quando da morte de Stalin e, então, a revista *Oktiabr* publica um poema autobiográfico seu, carregado de referências políticas. O poeta fala da necessidade de encontrar por si mesmo as respostas a todos os problemas e, principalmente, ao da inocência dos médicos, que até então eram considerados culpados: "Pensava no verdadeiro e no falso e também nisto: como o verdadeiro se torna falso. Todos nós somos culpados pelo escândalo das grandes 'pequenices', dos versos ocos, da superabundância de citações, dos clichês que fecham os discursos". Nos meses do levante na Hungria, mal encobre sua crítica ao informe de Krushev: "Me nego a justificar a impotência e a desculpar os homens que explicam os erros da Rússia através de fofocas mesquinhas". A seguir, se torna "o jovem russo furioso", com quem se identificam as novas gerações. Primeiro é advertido; mais tarde sofre as críticas da imprensa oficial e, por último, é expulso do *Komsomol* no final de 1957. Posteriormente, canta a Revolução Cubana: *Cemitério americano em Cuba*, *Um encontro em Havana* e, mais adiante, em setembro de 1961, lança sua bomba, o

célebre poema *Babi-yar*[954], que termina com a frase "A Internacional voltará a ressoar quando se enterre para sempre o último antissemita da terra". A imprensa oficial reage violentamente diante deste poema – que de outro modo será fortemente censurado –, e que constitui uma crítica aberta ao antissemitismo existente na URSS. O órgão dos escritores o acusa então de "adotar as posturas da ideologia burguesa", de ser "hostil ao leninismo" e de trabalhar contra "a sólida e monolítica amizade dos povos da URSS". Alguns dias mais tarde, sua presença é exigida pelos estudantes concentrados na Praça Maiakovski para comemorar o "Dia da Poesia", de cujas celebrações tinha sido afastado. Ali lê um novo poema "contra os lacaios e contra os que não pensam no poder soviético, mas unicamente no poder em si". Em dezembro, em resposta às numerosas felicitações que mereceu seu poema, publica em um jornal polonês sua resposta: "Chegará o dia em que nossos filhos envergonhados recordarão dos estranhos tempos em que a mais simples honestidade era chamada de coragem". No dia 21 de outubro de 1962, o *Pravda* publica *Os herdeiros de Stalin*: "Aos que antes foram pilares, não parece comprazer o tempo em que os campos de concentração estão vazios e cheias estão as salas onde se escutam recitais poéticos. Alguns herdeiros aposentados podam seus roseirais, mas em segredo pensam que seu retiro é só provisório, outros chegam inclusive a atacar Stalin do alto das tribunas, mas estes mesmos, à noite, evocam com nostalgia os tempos passados".

Evtushenko, autor de outros ferozes poemas satíricos contra a burocracia, como *O safado em seu banho* ou *O camarada Mosovochtorg*[955] *em Paris*, e cuja popularidade tem indubitavelmente um fundamento político, é eleito em abril de 1962, junto com seu amigo, o poeta Voznesenski, membro do Comitê Diretivo da Associação dos Escritores de Moscou. Na mesma época, um debate dos estudantes de Moscou com Ilia Erenburg, por ocasião da publicação de suas memórias, dá lugar a uma discussão que, segundo o correspondente do *Le Monde* (O mundo), revela "até que ponto a chamada 'tendência de esquerda', ávida por progresso e ar fresco, é preponderante entre as jovens gerações". Um estudante de história declara: "Também nos pedirão contas de nosso passado. Nos perguntarão o que fizemos para lutar contra as sequelas do culto à personalidade". E em 20 de abril de 1962, será um estudante de filosofia o encarregado de fazer a primeira referência pública à liquidação dos velhos bolcheviques, ao declarar: "O mais belo que fez a antiga geração foi nos dar a vida. Por isso devemos gratidão, mas é lamentável de que dessa geração não tenham sobrevivido os que mais mereciam"[956].

---

954 Nome de uma ravina nos arredores de Kiev, onde ocorreu uma série de massacres contra a população ucraniana, principalmente a de origem judia, tanto por parte das tropas de Hitler, quanto por parte da polícia política de Stalin (N. do E.).

955 *Mosovochtorg* é, na verdade, a denominação em russo para a empresa comercial estatal *Verduras de Moscou*, transformada aqui em sobrenome fictício com fins satíricos (N. do E.).

956 *Le Monde*, 21 de abril de 1962.

Na realidade, as exigências da jovem geração russa aumentam sem cessar. A necessidade de compreender e se instruir e o gosto pela liberdade e pela discussão estouram com uma força tanto maior quanto os jovens, inclusive os privilegiados, se dão conta do papel limitado que lhes foi destinado na história. O escritor Valentin Ovechkin escreve: "O *Komsomol* se dedica a mesquinharias como cuidar de bezerros ou coletar ferro velho. O que ocorria durante a guerra civil, durante os primeiros tempos da era soviética? Schors, de vinte e quatro anos, comandava uma divisão, Arkadi Gaidar estava à frente de um regimento aos dezesseis anos, enquanto outros meninos de vinte e dois anos organizavam comitês revolucionários e *kolkhozes*"[957]. Como pode a juventude de um país que está conquistando o espaço se contentar com poemas, quando os próprios dirigentes de suas organizações já ultrapassaram os quarenta anos de idade, trinta e cinco anos após uma revolução dirigida por menores de trinta anos e levada a cabo por pessoas de sua idade? No XX Congresso, 80% dos delegados tinham mais de quarenta anos; os mais jovens do Presidium eram a senhora Furtseva, de quarenta e seis anos, e Mukhidinov, de trinta e nove.

Neste mesmo congresso, para um país que conta com quase 50% de operários, só 10% dos participantes trabalham em uma fábrica. Nestas duas características se manifestam as contradições inerentes à estrutura burocrática da sociedade e o sentido em que operam as forças que buscam destruí-la, compostas fundamentalmente pela juventude operária e estudantil.

O partido depois da morte de Stalin

Ainda é muito cedo para escrever a história do Partido Comunista da URSS depois da morte de Stalin. Faltam muitos dados e aqueles de que dispomos costumam ser contraditórios. De qualquer forma, é possível traçar as grandes linhas. Como escreve Philippe Ben, "a linha política do partido comunista soviético, com seus zigue-zagues e suas mudanças de dirigentes se desenvolve paralelamente aos desejos de uma vida melhor que se observam em todos os setores da sociedade". Este último fator é o principal fator novo na história de um partido que, no limite, não mudou em absoluto sua natureza com a morte de Stalin, e continua sendo uma organização de burocratas, dirigentes e administradores, governada por um aparato de liberados. Para todos os sonhadores que acreditaram na existência de uma mudança qualitativa entre a morte de Stalin e o XX Congresso, os números fornecidos por Aristov são uma oportuna lembrança da realidade: em um partido que tem 6.795.896 membros e 449.277 aspirantes, agrupados todos eles em 350.000 células, só há 90.000 membros empregados nas minas de carvão, dos quais só 30.000 trabalham nas galerias, o que supõe uma cifra irrisória em comparação com a de 1.877.713 "especialistas" que têm ensino superior.

957 Citado por MEHNERT, Klaus, *op. cit.*, p. 266.

Ainda assim, pareceria normal que, em um partido com tais características, a morte do chefe provocasse uma enorme inquietação. As primeira medidas revelaram a preocupação do estado-maior do Kremlin, sua ansiedade em dissimular ao máximo as primeiras divergências internas. Formalmente, a sucessão está resolvida e em 6 de março o *Pravda* atribui a Malenkov, primeiro secretário e presidente do Conselho do Conselho de Ministros, todas as honras devidas a um chefe de Estado. No dia 8 publica uma foto enorme tirada durante o XIX Congresso: ele está no centro e Stalin, em uma ponta, parece escutá-lo atentamente. Um primeiro indício de mudança está no fato de que os hierarcas Molotov, Béria, Kaganovich e Bulganin, todos eles vice-presidentes, dispõem de poderes pessoais que parecem se equilibrar mutuamente. Mais tarde é difundida a notícia da dissolução do secretariado privado de Stalin, que era dirigido Poskrebishev, e do Birô do Presidium do Comitê Central, constituído secretamente depois de outubro e cuja composição não foi revelada. É muito provável que, por aquelas datas, já estivesse ocorrendo uma discussão nos bastidores, visto que em 11 de março, em vez de citar somente Malenkov, o *Pravda* se refere aos dirigentes Malenkov, Béria e Molotov. O Comitê Central se reúne nos dias 14 e 15 e suas decisões serão publicadas no dia 21 de março. "A seu pedido", Malenkov foi "liberado" de suas funções de primeiro secretário, conservando apenas as de presidente do Conselho de Ministros. Béria, Bulganin, Molotov e Kaganovich conservam as funções de vice-presidentes. O novo Secretariado é composto por Krushev, Suslov, Pospelov, Shatalin, o responsável de quadros, e Ignatiev, ministro da Segurança do Estado. De fato, Malenkov como chefe de Estado, Krushev à frente do partido, e Béria à frente de todas as polícias dividem os poderes que antes Stalin monopolizava. Este é o conteúdo do artigo do *Pravda* que anuncia o advento da "direção colegiada".

Tudo indica que os novos dirigentes decidiram de mútuo acordo dar por encerrado o assunto dos médicos do Kremlin, que parecia ameaçar diretamente a muitos deles. Riumin, vice-ministro da Segurança do Estado e chefe do Serviço de Investigações Judiciais, é entregue à justiça, sendo condenado à morte e fuzilado em junho de 1954. O ministro Ignatiev, acusado de negligência, também é punido, mas sua carreira não é interrompida, visto que, um ano mais tarde volta a aparecer no XX Congresso como primeiro secretário da Bashkiria para testemunhar sobre o papel desempenhado por Stalin no caso dos "jalecos brancos". A reabilitação dos médicos constituirá o pretexto de um violento ataque contra a polícia secreta, cujos atos ilegais e arbitrários são denunciados pelo *Pravda*. A nova direção promete "tranquilidade e segurança" aos cidadãos que se encontram sob sua proteção e respeito à "legalidade soviética". A depuração, em abril, dos que promoveram a depuração na Geórgia em 1951, Mgueladze e Rukadze, e, no mesmo mês, do primeiro secretário do partido comunista ucraniano Melnikov, acusado de ter cometido graves erros na política para as nacionalidades, parece ser uma nova garantia

da sinceridade das intenções anunciadas. Dekanozov, colaborador de Béria, passa a substituir Rukadze no Ministério da Segurança do Estado para a Geórgia. A posição do ministro do Interior não parece ter se deteriorado em absoluto.

O caso Béria

Em 1939, ao comentar a liquidação de Yagoda e, logo em seguida, de Yezhov, Trotski escreveu: "Em quem apoiar-se? Em Béria? Também ele morrerá". No dia 10 de julho Béria é citado mais uma vez pela imprensa, junto com Malenkov e Molotov. No entanto, no dia 27 o *Pravda*, ao enumerar os dirigentes presentes na ópera no dia 25, omite seu nome. Em 9 de julho os principais dirigentes do partido nas organizações locais são informados em segredo que Béria, "inimigo do partido e do Estado", foi detido. Até 9 de agosto o *Pravda* não confirma a detenção de Béria, datando-a mais tarde, em 26 de junho, desmentindo assim as informações precedentes que situavam o acontecido entre o dia 10 e 25 do mesmo mês. O órgão oficial publica o informe de Malenkov ao Comitê Central, onde "desmascara" Béria, destituindo-o de todas as suas funções e fazendo-o comparecer diante do Supremo Tribunal. Durante os meses seguintes, o georgiano, que começa a ser coberto de insultos como "inimigo desmascarado", "renegado burguês", "traidor", "agente imperialista" e "espião", se torna o bode expiatório de todos os ataques da imprensa e das organizações do partido. No dia 17 de dezembro é anunciado seu julgamento diante do Supremo Tribunal, onde comparece acompanhado por cinco de seus antigos colaboradores: Meshik, Dekanozov, Merkulov, Kobulov e Vlodzimirski. O processo será julgado a portas fechadas, conforme a lei adotada depois do assassinato de Kirov. No dia 24 de dezembro os jornais comunicam a sentença de morte aplicada sobre Béria e seus cúmplices, executados no mesmo dia em que se pronuncia seu veredito, depois de todos eles terem assinado uma confissão completa a respeito da atividade antissoviética que tinham levado a cabo a partir de 1919, e para a qual se utilizaram, nos últimos anos, de postos-chave no Estado. Segundo o *Pravda*, a acusação foi dirigida por Rudenko, o novo procurador geral. O tribunal, presidido pelo marechal Konev, contava ainda com o marechal Moskalenko, Lunev, um alto funcionário da polícia e dois dirigentes do partido: Shvernik e Mikhailov. Esta é a versão oficial, desmentida por rumores moscovitas muito insistentes que parecem vir do próprio Krushev e que afirmam que tudo não passa de pura montagem. Segundo estas informações oficiosas, Béria na realidade teria sido eliminado ou inclusive estrangulado por alguns de seus colegas durante uma reunião do Presidium do Comitê Central. De fato, tanto o próprio episódio como suas causas reais permanecem na sombra.

Pode-se afirmar que Béria foi vítima daqueles que viam com maus olhos o caminho de distensão entre o Ocidente e o Oriente, empreendido pelo novo governo? Foram por acaso suas iniciativas para modificar a direção do partido na Ale-

manha Oriental que se voltaram contra ele, tornando-o o culpado pela insurreição de 18 de junho em Berlim? A este respeito nos vemos limitados a hipóteses. Em qualquer caso, seria errôneo supor a existência de um conflito em torno à "liberalização". Como aponta Leonhard, o verdadeiro problema não residia certamente nas medidas a tomar, e sim em saber quem assumiria a responsabilidade por elas e seus benefícios potenciais[958]. Ao eliminar Béria, os outros dirigentes do aparato liquidaram também a existência dos serviços de segurança como força autônoma e incontrolável. As sucessivas depurações do partido alemão oriental e norte-coreano só podem sugerir a existência, em ambos países, de uma política de concessões ao Ocidente, que pode ter servido de pretexto para sua liquidação. O fato é que a queda de Béria reforça a posição de Krushev, que se torna primeiro secretário do partido, segundo a nota do *Pravda* de 13 de novembro.

Em setembro de 1955 vários dirigentes da área de segurança são condenados à morte e executados na Geórgia por terem utilizado "métodos criminosos de investigação" e por terem "fabricado acusações falsas" contra Ordzhonikidze e contra o velho bolchevique Orashelashvili, que tinha sido executado em 1937 junto com Yenukidze. Baguirov, destituído em 1953, foi fuzilado em 1956. O Ministério do Interior é desmantelado com a supressão dos tribunais especiais, a abolição da lei de 1º de dezembro de 1934 e a libertação de um grande número de prisioneiros internados nos campos de concentração. Dudorov, um típico *apparatchik*, passa a ocupar a pasta do interior, substituindo Kruglov às vésperas da realização do XX Congresso. A seguir, o partido se mostra decidido a controlar os serviços de segurança e, até o presente momento, parece ter conseguido. De todo modo, o principal beneficiado por esta situação é o primeiro secretário Krushev, citado até então na quinta posição, quer dizer, depois dos dirigentes Malenkov, Béria, Molotov e Voroshilov, que sobe por sua vez ao terceiro posto, imediatamente depois de Malenkov e Molotov.

A desestalinização: o ano decisivo

A harmonia reinante entre os vencedores de Béria se revela efêmera. Os primeiros indícios de um novo conflito já aparecem com a eliminação de Ariutinov, um dos últimos homens de Béria e que desempenhava as funções de secretário do partido na Armênia. Em novembro de 1953 Krushev preside pessoalmente em Leningrado a eliminação de Andrianov, sucessor de Zhdanov, e sua substituição por Frol Kozlov. Outro indício das lutas internas que estão acontecendo, assim como do declínio de Malenkov, é a publicação, em junho de 1954, dos nomes dos dirigentes em rigorosa ordem alfabética. Malenkov se demite da presidência do Conselho de Ministros, alegando sua "inexperiência" e admitindo seus erros no terreno da agricultura e da economia em geral. Provavelmente não se deu suficien-

958 Citado por LEONHARD, Wolfgang, *The Kremlin...*, *op. cit.*, p. 68.

te atenção à coincidência desta demissão com a substituição de Imre Nagy na presidência do Conselho de Ministros da Hungria. O tumultuado "degelo" húngaro já preocupa os dirigentes russos e é muito possível que Malenkov tenha sido vítima dele, já que, ao ter nomeado Nagy., era até certo ponto seu iniciador[959].

Por outro lado, a partir deste momento os problemas colocados pelos países satélites parecem ter adquirido maior importância. Do lado soviético, se busca uma aproximação com a Iugoslávia. O americano Noel Field foi liberto em novembro de 1954 e com sua reabilitação desmorona toda a montagem dos processos destinados a comprometer Tito e que custaram a vida de Rajk, Kostov e Slanski. Krushev e Malenkov vão então à embaixada iugoslava em Moscou para brindar à saúde do "camarada Tito". No dia 8 de fevereiro, em um discurso pronunciado diante do Soviet Supremo, Molotov tenta conciliar a nova atitude com os insultos do passado, argumentando que, de fato, os iugoslavos começaram uma virada. Tito então responde severamente; no dia 12 de março, Molotov será desautorizado no *Pravda*. Não obstante, tudo indica que ainda não se tomou uma posição clara, como o confirma o fato de que no dia 9 de maio dois marechais, Zhukov, recentemente nomeado ministro da Guerra, e Sokolovski adotam na imprensa posturas antagônicas em relação à questão iugoslava. A viagem de Krushev e Bulganin a Belgrado está longe de ser um êxito: os iugoslavos não ficam satisfeitos com a versão russa, que recorre ao cômodo expediente de jogar toda a culpa pelos desentendimentos passados em Béria. Também não consentem em reatar as relações entre os dois partidos. Acontece então um novo conflito interno entre os russos: podem e devem ou não contar com Tito para que os ajude a retomar o controle sobre os partidos comunistas da Europa Oriental? Em caso afirmativo, que preço devem pagar para conseguir seu apoio? Parece que Molotov não confia muito nele, enquanto Krushev parece estar disposto a fazer muitas concessões para chegar a um acordo. Ambos dirigentes concordam em relação ao fim, mas parecem divergir em relação aos meios.

Na sessão de julho do Comitê Central parece que Molotov, o primeiro a atacar, se encontra só. Mikoyan conseguiu com que se aceitasse o fim das sociedades mistas, às quais, entre outros pontos, os chineses começam a criticar abertamente. O Presidium do Comitê Central é ampliado com a entrada de Suslov e Kirichenko. Aristov, Beliaev e Chepilov, líder do ataque contra Malenkov, entram no Secretariado. A derrota de Malenkov é confirmada por sua autocrítica, datada de 16 de setembro e publicada em outubro. Cometeu o erro de "esquecer" que, por decisão do partido, o socialismo foi realizado há tempos e que na atualidade o país se encontra na fase de "transição ao comunismo". Ao mesmo tempo, Krushev coloca seus homens no aparato: Brezhnev no Cazaquistão, Ignatov em Gorki, Mukidinov no Uzbequistão. Segundo certas fontes, durante sua viagem de verão a Sofia,

959 PETHYBRIDGE, Roger, *A key to soviet politics: the crisis of the "anti-party" group*, Londres, Alen and Unwin, 1962, pp. 59-60.

Krushev parece ter falado diante dos dirigentes búlgaros dos "erros" de Stalin e do assassinato de Voznesenski. No dia 21 de dezembro, o *Pravda* publica na primeira página uma enorme foto do chefe morto, mas em 27 de janeiro os dirigentes dos partidos irmãos são advertidos de que o XX Congresso vai fazer uma ofensiva contra o "culto à personalidade".

O que ocorreu entre estas duas datas? Quais foram as decisões tomadas e por quem? Foi preparado de antemão o informe secreto de Krushev? Ou talvez tenha sido considerado necessário, como consequência da inquietação provocada pelas primeiras e ásperas críticas feitas por Malenkov, Suslov, pela historiadora Pankratova e principalmente por Mikoyan durante o congresso? Todas estas são perguntas que, no momento, teremos que nos resignar a deixar sem resposta. O XX Congresso deu o sinal da "desestalinização": numerosos condenados foram reabilitados oficialmente, os historiadores anunciam suas intenções de reescrever a história do partido cujas autoridades eram, até há pouco tempo, Stalin, Béria e Baguirov. É publicada uma série de textos desconhecidos na URSS e, principalmente, o famoso testamento de Lenin, cuja existência tinha sido desmentida durante tanto tempo. A opinião russa e internacional não se equivoca quando faz de Krushev o inspirador desta política: o primeiro secretário aumentou consideravelmente seu controle sobre o partido. Junto com Suslov, é o único a pertencer ao mesmo tempo ao Secretariado e ao Presidium. Brezhnev, Chepilov e Furtsev, considerados seus homens de confiança, são ao mesmo tempo secretários e suplentes do Presidium, quer dizer, gozam da mais efetiva autoridade sobre o aparato. Cabe acrescentar que os primeiros ataques contra Stalin coincidiram com a queda de Molotov, substituído por Chepilov na pasta de Assuntos Estrangeiros.

Ainda assim, nada nos permite supor que Molotov teria se oposto à desestalinização. Ao contrário, podemos supor que a diminuição no ritmo da desestalinização ocorreu não em outubro, como se afirmou inúmeras vezes, mas sim em junho, como reação da direção russa diante dos acontecimentos de Poznan, que o partido polonês se recusa a considerar como resultado de uma provocação de agentes imperialistas. O problema que volta a se colocar é o do controle dos partidos comunistas na Europa Oriental. Em 2 de julho de 1956 é publicada uma resolução sobre o "culto à personalidade e suas consequências", adotada em 30 de junho. Os erros de Stalin são evidentes, mas suas vítimas eram verdadeiros inimigos do leninismo. O partido russo responde violentamente a Togliatti, que tinha tachado de insuficiente uma explicação do stalinismo que só se baseasse na personalidade de Stalin; considera herética a afirmação de que o "culto à personalidade" teve suas raízes na sociedade russa e na destruição da democracia do partido realizada por Stalin. No dia 6 de julho o *Pravda* justifica de novo a luta contra os inimigos do partido e defende o princípio de unidade. Também em 2 de julho se congratula com a "inquebrantável unidade dos países de sistema socialista" que enfrentam os "re-

visionistas"; na mesma ocasião o historiador Burdzhalov é acusado de "niilismo". A agitação nos partidos comunistas é freada com todos os meios possíveis. Um exemplo disso é a "linha tcheca": se elevam os salários e fazem calar os estudantes. Na Hungria, Imre Nagy se torna objetivamente o símbolo da oposição ao stalinismo que se intensifica incessantemente depois do XX Congresso, alimentada pelo empenho de Rakosi e sua equipe em impedir a reabilitação de Rajk. Os dirigentes russos resistem em reconvocar esse ancião fiel e popular que destituíram em 1954. Quando já é inevitável o sacrifício de Rakosi, este é substituído na direção do partido por Geroe, um homem do aparato tão impopular quanto ele. Krushev multiplica os esforços por conseguir um pacto com Tito, que também não tem interesse algum em que a desestalinização adote rumos revolucionários e que o movimento de massas coloque em questão o monopólio do partido e os privilégios dos burocratas. Krushev e Tito discutem de 19 a 27 de setembro. A este respeito o encontro de Tito e Geroe em Yalta parece ratificar o apoio dos iugoslavos à solução preconizada por Krushev, de formar um último dique de contenção contra uma desestalinização revolucionária. Não obstante, é precisamente a arrogância de um discurso de Geroe, fortalecido pelo apoio de Tito, o que provoca as primeiras manifestações violentas em Budapeste.

Mais uma vez muitas facetas da política do partido russo durante a crise revolucionária estão ainda longe de serem completamente esclarecidas. Em 19 de outubro, depois da eleição de Gomulka para o Secretariado do partido polonês, todo o estado-maior russo se encontra em Varsóvia. É Krushev que ameaça e esbraveja. Apesar de não poder evitar a destituição de Rokossovski, nomeado por Stalin e considerado pelos poloneses a própria encarnação de sua servidão, conseguirá negociar com êxito um pacto duradouro com Gomulka, cuja primeira consequência é a eliminação dos revolucionários poloneses. Foram realmente, como dizem os rumores da época, Mikoyan e Suslov que impuseram a volta de Imre Nagy, reivindicado pelas ruas, afastando simultaneamente os velhos stalinistas desacreditados? Foi realmente o Exército Vermelho que exigiu a segunda intervenção na Hungria? Esta hipótese, que costuma ser apresentada como um fato, é aparentemente refutada pela intervenção do general Serov, chefe da segurança, que prendeu, contra a vontade dos militares russo, os chefes militares húngaros (entre eles o general Maleter, herói da insurreição e ministro da Defesa no governo de Imre Nagy), em meio às negociações. A explicação que costuma ser dada afirma que os marechais russos obrigaram Krushev a bater duro, mas não parece levar em consideração a coincidência entre a intervenção russa e o desembarque anglo-francês em Suez, cujos bastidores mereceriam uma análise mais detalhada[960].

960 A intervenção anglo-francesa em Suez, para deter a nacionalização deste canal pelo Egito de Nasser, teria sido, segundo alguns analistas, pactuada com os soviéticos, que receberiam em troca a garantia de seu direito de intervenção na Hungria. Essa hipótese continua até hoje não esclarecida (N. do E.).

De todo modo, a solução húngara para a desestalinização, adotada por Kadar depois da revolução, está dentro da linha de Krushev. O esmagamento das formas revolucionárias e democráticas encarnadas pelos conselhos operários constituía evidentemente uma condição prévia para sua aplicação. Sem dúvida, os adversários pessoais do primeiro secretário tentaram explorar suas dificuldades, mas isso em nada altera o fato de que algumas responsabilidades foram somente suas.

Ao que parece, Krushev fora acusado de ter, com sua imprudência, provocado esta desestabilização. Depois dos acontecimentos de outubro, ele se limita a dar continuidade, em condições mais adversas, à política que começara no início de julho. Mas essa mesma preocupação de preservar a dominação burocrática o leva, depois de tê-la iniciado, a frear a desestalinização, na medida em que seu desenvolvimento colocou a URSS frente a uma série de perigos. Em 31 de dezembro, no discurso de ano novo, exclama: "Se se trata de lutar contra o imperialismo, podemos afirmar que todos nós somos stalinistas"[961]. Esta declaração não é publicada na imprensa russa, mas no dia 19 de janeiro o *Pravda* publica uma declaração parecida, pronunciada no dia 17 na embaixada chinesa: "Como o próprio Stalin, o stalinismo é inseparável do comunismo. Como se costuma dizer, queira Deus que cada comunista lute como Stalin o fez". A substituição de Chepilov por Gromyko na pasta de Assuntos Estrangeiros constitui talvez uma concessão temporária. Fortalecido pelo apoio que lhe presta o partido comunista chinês através de Chu En-lai, que então realiza um giro pela Europa, e apoiado provavelmente pelo exército, Krushev apresenta ao Comitê Central, em sua sessão de fevereiro, sua tese a respeito da descentralização da indústria.

O "caso do grupo antipartido"

É em junho que vai ocorrer a prova de força definitiva no interior do partido, encerrando definitivamente o problema da sucessão de Stalin, que tinha ficado em aberto desde 1953. A partir de 18 de junho, na volta de Krushev e Bulganin de uma viagem à Finlândia, o Presidium se torna o cenário de uma batalha que se estende entre os dias 22 e 28 de junho, nas sessões de uma sessão plenária do Comitê Central. Seu resultado será publicado no dia 4 de julho: Malenkov, Molotov e Kaganovich, acusados de terem constituído um "grupo antipartido", de terem se oposto a todas as iniciativas da direção e de serem a encarnação do "conservadorismo", são expulsos do Presidium e do Comitê Central. Chepilov, que por muito tempo será chamado de "Chepilov, o que se uniu a eles", é expulso igualmente do Secretariado e do Comitê Central.

As versões do episódio são abundantes, tanto as transmitidas pelos jornalistas estrangeiros, comunistas ou não, e corroboradas por algumas confidências feitas por Krushev a seus visitantes, como as surgidas das "revelações" feitas pelos diri-

961 Citado por LEONHARD, Wolfgang, *The Kremlin...*, *op. cit.*, p. 232.

gentes[962]. Na realidade, todas elas têm pouco em comum. No entanto, é evidente que Krushev estava em minoria no início da referida reunião do Presidium. Ao que parece, Molotov, que dirigiu a ofensiva, o acusou de ser o responsável por todas as dificuldades econômicas e políticas pelas quais estava passando o país. Propôs que fosse afastado do Secretariado e que fosse nomeado ministro da Agricultura. Malenkov voltaria então a ocupar a presidência do Conselho de Ministros, ascendendo o próprio Molotov ao cargo de primeiro secretário. Krushev, que vê sua posição debilitada pela ausência de Kirichenko, parece ter tentado ganhar tempo, principalmente com a ajuda de Furtseva, suplente que participa da reunião, e que teria pronunciado um discurso de seis horas. Tudo indica que, ao final, Krushev conseguiu que fosse convocada uma reunião do Comitê Central para resolver a questão. Ao que parece, o marechal Zhukov possibilitou a realização dessa reunião, colocando aviões militares à disposição de todos, bem como a reunião em Moscou dos representantes do partido, em sua maioria fiéis a Krushev. Segundo o *Tribuna Ludu*, na sessão do Comitê Central, de um total de 309 participantes, 215 pediram a palavra, 60 chegaram a tomá-la e os demais resumiram por escrito suas intervenções. Como no Presidium, os primeiros a atacar foram os oposicionistas, mas os "provincianos" inclinaram em seguida a balança a favor de Krushev. Ao que parece, o Marechal Zhukov intervém vigorosamente contra os três aliados, recordando-lhes sua responsabilidade pessoal nos expurgos de antes da guerra e ameaçando-os com a publicação de documentos que os cobririam de vergonha. Nesta ocasião a vitória de Krushev é indubitável: seus três adversários principais, assim como Pervukhin e Saburov saem do Presidium, e seu lugar será ocupado, junto com Zhukov e com os sobreviventes da velha guarda stalinista Kuusinen e Shvernik, por seis dos secretários do partido: Aristov, Beliaev, Brezhnev, Ignatov, Kozlov e Furtseva. Chepilov é expulso do grupo de suplentes e Pervukhin assume seu lugar. Os oito novos dirigentes promovidos são ligados ao primeiro secretário.

O aspecto mais obscuro, ainda assim, continua sendo o da identidade de todos aqueles que combateram Krushev e a dos componentes do chamado "grupo são" que o apoiaram. Certamente, houve muitas reviravoltas. Por exemplo, Chepilov se uniu ao grupo "antipartido", mas Suslov, que era considerado como parte dele, apoiou Krushev, que parece ter totalizado, portanto, uma maioria de oito votos contra três no Presidium. Em novembro de 1958, Krushev acrescenta Bulganin à lista dos "antipartido", o que reduz sua maioria para sete contra quatro. Em 29 de janeiro de 1959, Spiridonov, secretário do partido em Leningrado, acusa formalmente Pervukhin e Saburov de terem tomado parte no grupo "antipartido", o que confere a este último a maioria do Presidium de junho de 1957 e reduz o "núcleo são" a somente cinco membros. Por sua vez, o livro sobre a história do partido, publicado durante

962 Principalmente conforme LUCKI, *Tribuna Ludu*, 9 de julho de 1957; BOFFA, Giuseppe, *L'Unitá*, 8 de julho de 1957.

o verão de 1959, exclui dele Voroshilov, com o que os partidários de Krushev ficam em quatro. Por último, Saburov afirma em sua autocrítica que o "núcleo são" só tinha três membros, a saber: Krushev, Mikoyan e Kirichenko[963]. É evidente que cada uma destas versões corresponde às necessidades do momento em que foram divulgadas. O único fato inquestionável é que a posição de Krushev tinha sido seriamente ameaçada. Durante o período posterior o partido teve que se esforçar muito na hora de dar explicações. A organização de Moscou, por exemplo, realizou 8.000 reuniões em dois dias, enquanto a de Leningrado foi obrigada a recordar o "caso Leningrado", provavelmente com o objetivo de indispor os *apparatchiks* da grande cidade contra os "antipartido". Leonhard sugere também que o fim das entregas obrigatórias com base nas parcelas individuais de terra dos membros dos *kolkhozes* não foi mais do que um meio para apaziguar estes últimos, impressionados com a queda de Malenkov. Este mesmo autor afirma que a surpresa provocou, em uma fábrica de aparelhos elétricos de Kursk, uma paralisação de uma hora em apoio à exigência de explicações e que até o dia 24 de julho não apareceram na imprensa as declarações dos bolcheviques veteranos condenando os "antipartido"[964].

Krushev, dono do partido e do país

Depois de julho de 1957 a posição de Krushev se reforça sem cessar até 1962. Durante o outono se desfaz de Zhukov, seu aliado temporário. É possível que o marechal se excedesse na denúncia de crimes que, definitivamente, ameaçavam implicar outros dirigentes não pertencentes ao "grupo antipartido". O *Krassnaia Zvezda* (Estrela vermelha), jornal do exército, publica a biografia de Blücher e critica a política seguida pelo partido em agosto. No dia 27 de outubro o *Pravda* anuncia que o marechal foi removido de suas funções. No dia 3 de novembro publica sua autocrítica. Sobre Zhukov pesam as acusações de ter tentado debilitar o controle do partido sobre o exército e de ter fomentado o culto à sua própria personalidade. Seu companheiro de armas, o marechal Konev, dirige contra ele as tradicionais acusações da imprensa.

No dia 28 de março de 1958, Bulganin se demite da presidência do Conselho de Ministros. Voroshilov, que aceita a demissão, sugere que Krushev assuma o posto, visto que suas funções de primeiro secretário acabam de ser ratificadas pelo Comitê Central. A partir de então, o senhor do partido se encontra também à frente do aparato de Estado, como ocorria nos tempos de Stalin. A queda de Bulganin acontecerá imediatamente depois. Em agosto é nomeado presidente do *sovnarkhoz* de Stavropol; em novembro é denunciado como "antipartido" e expulso do Presidium. A autocrítica que faz diante do Comitê Central em dezembro é

963 LEONHARD, Wolfgang, *The Kremlin...*, *op. cit.*, p. 172.
964 *Ibid.*, pp. 250-251.

tachada de insuficiente pela maioria dos oradores. Depois da autocrítica de Pervukhin e Saburov, a autoridade de Krushev já é indiscutível.

O XXI Congresso parece dar provas de um culto incipiente. Os diferentes oradores parecem, como Podgorni, elogiar o "trabalho titânico do secretário geral", sublinhando, como faz Beliaev, a "importância histórica" de suas teses. Todos eles falam do "Comitê Central com Nikita Krushev à frente" e do "partido sob a direção do Comitê Central e de Nikita Krushev". Ainda assim, o império de Krushev está longe de parecer estável a longo prazo. O próprio fato de que Malenkov, Molotov e Kaganovich, sobre os quais se jogou a responsabilidade dos assassinatos em massa antes e depois da guerra, não tenham sido processados e nem sequer expulsos do partido prova que suas posições continuam sólidas dentro do aparato e que Krushev teme que, ao aprofundar as acusações contra eles, o tiro saia novamente pela culatra. O tom das intervenções feitas contra eles no XXI Congresso oscila entre a atitude conciliatória de Mikoyan e a questionadora de Spiridonov, Podgorni e Ignatov. É altamente significativo que várias frases pertencentes à inflamada intervenção de Chelepin, transmitidas por Giuseppe Boffa ao *L'Unitá* (A unidade), tenham sido eliminadas da resenha do *Pravda*. As reabilitações prosseguem com o cuidado e a discrição necessários para evitar novos choques. Acima de tudo, o XXI Congresso revelará amplamente o alcance das novas contradições que enfrentam o partido e a burocracia, precisamente no momento em que, não sem ironia, poderíamos identificar a existência de um "socialismo em vários países rivais", demonstração do beco sem saída a que leva o stalinismo e de suas consequências em escala mundial.

Existe, no entanto, um ponto que os sucessores de Stalin não revisaram depois de sua morte: a luta contra todo movimento revolucionário que ameace escapar a seu controle. A teoria da "coexistência pacífica" constitui o novo fundamento de uma política externa guiada pela busca contínua de uma acomodação com os Estados Unidos. Stalin podia negociar e pechinchar às custas dos partidos e dos movimentos operários europeus. Na atualidade, Krushev pode fazer o mesmo às custas dos movimentos revolucionários da África, América e também da Europa, mas enfrenta a recusa de seus aliados chineses a aceitar um novo *status quo* obtido por um acordo na cúpula. Os revolucionários cubanos não demorarão muito para descobrir o que significa a aliança com os paladinos da coexistência pacífica quando eles próprios se encontram em uma área geográfica que Moscou não pensa em disputar com Washington, tornando-se por isso mesmo, na prática, moeda de troca. O conflito com a China e a polêmica com o Partido Comunista da Albânia são só o início de uma crise cuja velocidade de evolução, imprevisível ainda, poderia vir a ser muito alta se se chegasse rapidamente a um acordo de cúpula que voltasse a repartir o mundo entre as duas potências, obrigando-os neste caso a se aliarem mais abertamente contra as aspirações revolucionárias que eles mesmos despertam em todos os lados.

Nos contentaremos em apontar que seria um erro ver no enfrentamento entre Krushev e o grupo "antipartido" uma etapa da batalha que, publicamente, tinha confrontado no aparato alguns hipotéticos burocratas "liberais" com seus homólogos "stalinistas". Boa prova disso é o caso de Chepilov, que é condenado por ter se unido ao grupo "antipartido" e por ter protegido os escritores críticos ao regime, permitindo a difusão do livro de Dudintsev e a edição dos poemas de Evtushenko. As lutas internas na cúpula se desenvolvem sobre o pano de fundo da tomada de consciência das massas soviéticas e o que se discute não é mais que a maneira de resolver os problemas que esta coloca à burocracia. A forma que tomam não se diferencia em nada da que vinham adotando as lutas do aparato há mais de vinte e cinco anos, desde os tempos da ascensão de Stalin ao poder. Certamente, depois de Abakumov[965], não se voltou a derramar o sangue dos burocratas, mas os ataques continuam sendo preparados nos escritórios da polícia, a golpes de dossiês, enquanto as discussões ocorrem a portas fechadas e os grupos armados se enfrentam, da mesma forma que o fizeram os homens de Bulganin e os de Zhukov diante do Kremlin em 1957. Em relação às verdadeiras divergências, só podemos nos basear em suposições: a única versão das teses de Molotov, o vencido, nós será dada por Krushev, seu vencedor. Definitivamente, o "blackout" ocorrido sobre as posições defendidas pelos dirigentes do "grupo antipartido" – se é que realmente existiu um "grupo antipartido" homogêneo – é mais profundo do que o que em 1926-1927 ocultou as teses de Zinoviev e Trotski. Como Stalin, Krushev se apodera de algumas partes do programa de seus rivais vencidos e tenta despejar sobre ele responsabilidades que foram só suas. Assim como Stalin fez desaparecer os revolucionários da oposição, Krushev mandou fuzilar os revolucionários húngaros, mantendo na prisão, em plena desestalinização, intelectuais como Fekete e Merey e operários como Racz e Bali.

Na luta que confronta os sucessores de Stalin, o grande vencedor, junto com Krushev, é o próprio aparato do partido, cujo poder fora eclipsado durante os últimos anos de Stalin e que agora novamente consegue ditar a lei e impor sua autoridade aos outros setores da burocracia. No entanto, do aparato triunfante emerge como árbitro supremo um homem que conseguiu unificá-lo com notável habilidade e energia, sabendo situar nos postos-chave os *apparatchiks* que devem tudo a ele. Estes últimos são os membros do Presidium: Brezhnev, Podgorni, Polianski, Krilenko e Mzhavanadze e os secretários Titov e Rudakov. O chefe da Segurança do Estado, Semichastni, e o procurador geral Rudenko fizeram toda sua carreira na Ucrânia, junto com ele. Através do aparato, Krushev controla pessoalmente todos os outros setores: a administração, a economia, a polícia e o exército. A sessão plenária do Comitê Central de novembro de 1962 trata precisamente de encontrar, no aperfeiçoamento deste sistema de controle, uma solução para as contradições

965 Victor Abakumov foi um dos chefes da NKVD e da KGB no período stalinista, conhecido por ser um torturador particularmente brutal. Foi preso e executado por sua participação no "caso de Leningrado", em 1954 (N. do E.).

que ameaçam o poder do partido. De fato, parece que na atualidade o Presidium e o Comitê Central dispõem, frente ao primeiro secretário, de uma margem de discussão similar àquela desfrutada pelos organismos correspondentes frente a Stalin antes de 1936. Ainda assim, esta situação ameaça se modificar rapidamente. As contradições entre os diferentes setores da burocracia, que no momento foram resolvidas pela localização dos *apparatchiks* adequados nos postos centrais, podem vir a ressurgir. Tanto Yezhov quanto Béria vinham do aparato do partido antes de se tornarem os todo-poderosos chefes da polícia política. Por outro lado, a crise de Cuba demonstrou que Krushev dispõe de uma considerável liberdade de manobra. A eliminação de Kirichenko em 1960 e a decadência de Spiridonov em 1962 também podem ser interpretadas como novos ajustes de contas entre os vencedores do momento e como novos marcos na ascensão de um único homem rumo ao controle absoluto do aparato.

Em resumo, a crise iniciada em 1953 bastou, ao que parece, para sacudir com força o aparato, obrigando-o a adaptar-se e modernizar-se. No entanto, não foi o suficiente para afetá-lo substancialmente. No momento, Krushev parece ter conseguido, com suas concessões e promessas, apaziguar os ânimos camponeses exaltados e conter a agitação operária. Tais êxitos momentâneos fortaleceram, sem dúvida, sua posição pessoal. Ainda assim, nada parece estar decidido, já que a estabilidade criada desta forma dissimula uma contradição fundamental que não é nova: a concentração do poder nas mãos de um só homem é incompatível com as necessidades reais da economia, com as tendências da sociedade e com as aspirações das massas. Nesse sentido, o regime personalista de Krushev contém o embrião de uma nova exacerbação de todas as contradições que, por falta de solução, o secretário geral teve que se contentar em colocar em segundo plano, na esperança de obter, por meio da boa vontade americana, um pacto na cúpula que lhe permitisse, com uma substancial redução do esforço armamentista, conseguir uma nova e valiosa trégua.

Por cegueira, rotina e interesse político, os comentaristas ocidentais não parecem ter compreendido que desde 1953 está se gestando um novo movimento revolucionário na URSS. O enviado especial a Varsóvia de um semanário parisiense, em seu comentário sobre as reações das diversas tendências políticas diante dos acontecimentos atuais, escreve: "Apesar de sua desesperança a curto prazo, uns e outros se mostram muito otimistas a longo prazo: tudo mudará na Polônia, tudo voltará a ser possível no dia em que a revolução estoure em Moscou. Tal é a afirmação mais banal, mais corrente e também a mais surpreendente que se pode ouvir diariamente em Varsóvia da boca das pessoas que acreditam no socialismo"[966]. O estupor da testemunha não tira a eloquência desta informação, pois há vários anos os poloneses sabem, por experiência própria, não só o que representa o reino da burocracia, mas também a forma da revolução que se prepara contra ela.

966 LEGIER, Stanislas, em *France-Observateur*, 27 de setembro de 1962.

JÁ QUE É PRECISO CONCLUIR (EPILOGO À EDIÇÃO DE 1963)

A questão do futuro imediato é inseparável das perspectivas mais longínquas. Aonde vai a URSS? Entre a pressão dos Estados Unidos – de cuja determinação a "crise dos mísseis" deu boa prova –, suas próprias contradições, a inquietação das massas e as aspirações democráticas de milhões de soviéticos, a margem de manobra do aparato é consideravelmente pequena.

As preocupações dos dirigentes americanos se refletem nas pesquisas de seus especialistas em questões russas, "os sovietólogos", de inspiração obviamente interessada. Existe um método diferente do utilizado por Hitler – ou seja, uma guerra de conquista disfarçada de cruzada do "mundo livre" contra o "totalitarismo" – para integrar o terceiro mundo no mercado capitalista mundial e apagar para sempre as conquistas de Outubro? Podem os ocidentais aspirar a encontrar na URSS um ponto de apoio para seus fins, que não seja junto aos burocratas, preocupados somente com a conservação e o aumento de seus privilégios? O interesse que os pesquisadores manifestam pelo Movimento Vlasov e pelos "erros" de Hitler são um fiel reflexo desta permanente preocupação.

De fato, já há muito tempo que os especialistas sérios descartaram os sonhos dos emigrados em relação a uma restauração pacífica do capitalismo. O economista Naum Jasny condena duramente a irresponsabilidade daqueles que acreditam que uma descoletivização não suporia, forçosamente, em "uma calamidade gigantesca, uma catástrofe imensa"[967]. A propósito da economia agrícola, Isaac Deutscher aponta judiciosamente: "Uma fazenda coletiva não pode ser fragmentada em uma centena de pequenas parcelas privadas, da mesma maneira que um grande

967 *Courrier socialiste*, janeiro de 1953, citado por DEUTSCHER, Isaac, *La Russie...*, *op. cit.*, p. 82.

transatlântico não pode ser dividido em barquinhos à vela"[968]. Também George Fischer chamou a atenção para os enormes erros que os campeões da cruzada anticomunista se preparam para cometer quando imaginam que uma propaganda "made in USA" poderia ter algum tipo de impacto sobre as massas soviéticas. Por outro lado, Vlasov parece ter se encarregado involuntariamente de formular a chave para o enigma do futuro soviético. Nas vésperas de sua captura, segundo o relato de Deutscher, confidenciou a seus amigos, os oficiais nazistas, que "só havia um método para ganhar a confiança do povo soviético: dizer que Stalin tinha deformado e falsificado os ensinamentos de Lenin e que tinha chegado o momento de restaurar a autêntica república de operários e camponeses, tal como este a concebia", diante do que Deutscher comenta: "No conselho disparatado de Vlasov se oculta uma grande verdade, pois no espírito do povo soviético continua viva a esperança de um renascimento da revolução, alimentada pelas remotas lembranças da época leninista".

Desde o período imediatamente após o final da guerra, "o partido que goza de maior popularidade entre os refugiados, com ampla diferença sobre os demais, é o chamado "partido de Lenin", que preconiza o retorno às origens democráticas da revolução"[969].

As informações que nos chegam cada vez com maior frequência confirmam esta tendência. O inglês William Just, que em 1956 entrevistou muitos estudantes russos em relação ao futuro de seu país, traz um bom número de respostas significativas: "Pensamos que terminaremos desfrutando de uma verdadeira democracia operária, na qual todos os trabalhadores poderão formar livremente sua própria organização política. (...) Queremos que se apresente mais de um candidato para cada cargo. (...) Todos os grupos operários deveriam poder apresentar seus próprios candidatos"[970].

Klaus Mehnert, que não dissimula em absoluto suas simpatias pela democracia ocidental, escreve a propósito do movimento em favor da democratização: "O ponto concreto de inserção das reflexões políticas está fundamentalmente na instituição que dá seu nome ao Estado soviético e à qual é permitido referir-se publicamente: os soviets". Por isso, considera provável que "as forças desejosas de uma democratização não aspirem à elaboração de uma Constituição do tipo francês ou americano, mas sim à libertação dos soviets da situação humilhante de meros aprovadores passivos, conferindo-lhes assim uma autêntica existência política"[971]. O já citado grupo clandestino de "leninistas", partidário da restauração democrática dos soviets, escrevia já em 1954 que a consigna dos epígonos de Stalin na

968 *Ibid.*, p. 81.

969 *Ibid.*, p. 118.

970 *Observer*, outubro-novembro de 1956, citado por LEONHARD, Wolfgang, *The Kremlin...*, *op. cit.*, p. 217.

971 MEHNERT, Klaus, *op. cit.*, p. 316.

política exterior era a de instituir "a era da coexistência pacífica entre Malenkov e Eisenhower às custas do proletariado internacional".

Em consequência, as ilusões de ambos os lados são escassas: o imperialismo não tem esperança alguma em encontrar aliados nas correntes oposicionistas da URSS, e os componentes destas sabem que desde logo Kennedy será seu pior inimigo. Como no período de 1943-1945, a burocracia continua manifestando seu medo habitual dos processos revolucionários. Por outro lado, as empresas americanas colocam suas esperanças de êxito – a eliminação da ameaça que, no próprio coração de seu império, significa a revolução cubana, bem como a reintegração de um terço da humanidade ao mercado capitalista – em sua política conservadora e em sua vontade de compromisso mediante um "pacto na cúpula".

Em 1938, ao esboçar o programa da revolução política que previa e tratava de fomentar na URSS, Trotski fixava como tarefa principal o restabelecimento dos verdadeiros soviets com seu pleno conteúdo democrático mediante a eliminação da burocracia e da nova aristocracia. Com dezoito anos de antecipação em relação à nova geração que, tendo descoberto este programa por seus próprios meios, se dispunha a aplicá-lo, Trotski escrevia: "A democratização dos soviets é inconcebível sem uma prévia legalização dos partidos soviéticos. Os próprios operários e camponeses, com seu voto livre, mostrarão quais são os partidos soviéticos"[972]. Durante muito tempo estas linhas proféticas provocaram o sorriso cético dos especialistas políticos "realistas". No entanto, a partir de 1953, voltam a estar na ordem do dia, assim como seu autor, o escritor maldito que a vingança histórica chamada de "desestalinização" transformou em gigante ressuscitado do pensamento socialista. No entanto, estas linhas não foram escritas por um especialista em questões da URSS, mas sim por um dirigente revolucionário que as inseriu em um programa para a revolução mundial. De fato, assim como em 1918 ou em 1938, o futuro da URSS é inseparável da luta mundial pela derrota do capitalismo. Neste sentido, a perspectiva da vitória do socialismo no mundo se opõe à de coexistência pacifica, quer dizer, de sobrevivência simultânea do capitalismo e da burocracia.

Sob esta perspectiva, a maioria das discussões em relação ao bolchevismo se torna puro bizantinismo. Estava no *komitetchik* o gérmen do *apparatchik*? Pode o pensamento dialético de Lenin engendrar a escolástica de Stalin? É o bolchevismo o pai legítimo do stalinismo? Para podermos responder a todas estas perguntas sem qualquer dúvida, a roda da história teria que ter parado de girar, e certamente as respostas mais categóricas pertencem àqueles que pensam que ela efetivamente se deteve, junto com eles próprios. Na realidade, em qualquer de suas etapas, a história está cheia de encruzilhadas contraditórias. Sem dúvida, no fenômeno histórico chamado "bolchevismo" se encontravam em embrião não

972 TROTSKI, Leon, *L'agonie du capitalisme et les tâches de la IVe Internationale (Programme de Transition)*, Paris, Presses Socialistes Internationales, 1946, p. 32.

somente Stalin e seus gigantescos retratos, seus burocratas e suas polícias, suas ladainhas e seus crimes, as confissões vergonhosas, as torturas, o tiro na nuca e o cadáver que cai dos sótãos da Lubianka[973], mas também os intrépidos condenados dos tribunais do czar, os incansáveis militantes clandestinos, os combatentes da guerra civil que se agarravam às suas metralhadoras, os "santos" da Cheka a que se refere Victor Serge, os construtores do futuro, os edificadores de fábricas e ferrovias na Sibéria, os velhos bolcheviques irredutíveis e os jovens que morreram torturados por defender suas convicções. Na revolução estavam implícitos os processos de Moscou, mas também o Outubro polonês e húngaro; os militantes veteranos acusando-se mutuamente dos piores crimes, mas também os jovens que, passados 40 anos, redescobrem os conselhos operários e com eles um caminho que se acreditava perdido.

Em qualquer caso, atribuir apenas à ideologia dos bolcheviques consequências tão extremas e diversas seria dar provas de uma considerável miopia ou de uma obstinada parcialidade. Como homem e como fenômeno histórico, Stalin é produto, em igual medida, do seminário ortodoxo de Tiflis e do comitê operário de Baku. De forma análoga, a burocratização do partido bolchevique pode ser explicada mais pelo atraso e pela falta de cultura de uma sociedade de *mujiks* submetidos a uma escravidão secular do que pelas concepções centralistas de Lenin. Os escritores – praticamente todos os especialistas ocidentais – que atacam o bolchevismo e o elevam como responsável de todos os crimes da época stalinista se equivocam ao exigir de um partido político que "controle e elimine os muito mais densos fatores de massas e de classe que lhe são hostis"[974]. Sem dúvidas, a geração vindoura os descartará como charlatães que pretendem que o partido bolchevique seja um instrumento onipotente capaz de violar o conjunto das leis do desenvolvimento social.

O partido bolchevique não merece nem tal excesso de honra nem de indignidade. Foi única e simplesmente um partido operário, quer dizer um instrumento histórico. Como tal, realizou os objetivos que tinha se fixado: destruir a autocracia e criar um Estado operário que, em determinadas condições, pudesse se tornar a vanguarda da revolução socialista mundial. As características específicas da Rússia explicam, em parte, não só sua ideologia e sua estrutura, mas também a relativa facilidade de seu êxito inicial, concretizado na tomada do poder pelo proletariado russo de 1917, essa "maravilha da história". No entanto, estas condições acabam se virando contra ele e contra seus objetivos finais. De maneira análoga, a revolução industrial alemã tinha criado o primeiro partido social-democrata de massas do mundo, poderoso, rico, solidamente organizado, que foi o educador de toda uma geração de socialistas. No entanto, foi este mesmo êxito que engendrou sua incapa-

973 Nome do prédio em que funcionava a KGB, no centro de Moscou (N. do E.)
974 TROTSKI, Leon, *Staline*, *op. cit.*, p. 522.

cidade de romper com a burguesia de quem tinha arrancado tantas conquistas que temia perder se se afastasse dela: de certo modo, o "reformismo" e o "social-chauvinismo" espreitam aos partidos cujo passado está repleto de grandes vitórias parciais. Em ambos os casos, a degeneração do instrumento revolucionário o transforma em um fator que passa a atuar historicamente na direção oposta. Os socialistas alemães, em aliança com a aristocracia, a alta burguesia e os generais, lançam todo seu enorme maquinário na luta contra os conselhos operários de 1918-1919 e a etiqueta de "social-democrata" se torna então uma "camisa suja". O stalinismo, engendrado pelo cansaço e alimentado pelas sucessivas derrotas da revolução depois da Primeira Guerra Mundial, fomenta por sua vez as derrotas, o cansaço e o ceticismo de outras gerações. Ainda que o espetáculo que ofereceu ao mundo tenha deixado intactas as ilusões de milhões de homens, que só continuaram acreditando no paraíso socialista porque foram espectadores cegos, também sujou o rosto do "socialismo" e do "comunismo" para muitos outros, permitindo aos defensores do capitalismo, apesar dos horrores das guerras mundiais e do nazismo, erigir-se em paladinos da liberdade e da "civilização", prolongando assim seu império condenado à morte.

Ainda assim, o stalinismo só foi um parêntese histórico, uma espécie de excrescência. Assim como o capitalismo não conseguiu convencer os súditos desse império que se estende desde os Andes até Angola e desde o sul dos Estados Unidos até a África do Sul – onde os negros ainda são linchados – de que viviam no "mundo livre" e na "civilização", da mesma maneira o stalinismo não conseguiu fazer se passar, nem sequer ante seus próprios olhos, pelo verdadeiro socialismo. Como resultado monstruoso de um equilíbrio provisório entre as contradições do mundo na fase crítica do capitalismo, o stalinismo fica preso em contradições que seu aparato tentacular não consegue superar, visto que, com boa ou má vontade, continua difundindo as ideias – mortais para ele – de Marx, Engels e Lenin, vendo-se na triste enrascada de falar da luta de classes para poder abafá-la.

O socialismo, porém, demonstra mais do que nunca sua necessidade histórica – não a necessidade da caricatura do socialismo, erigida durante trinta anos de stalinismo e desmascarada em umas poucas semanas pelos jovens húngaros e poloneses, mas do socialismo em escala mundial. Já não é possível ter ilusões: o século 20 presenciou o ressurgimento das formas mais bárbaras de opressão, dotadas de meios científicos e técnicos sem precedentes. Além disso, junto com o nazismo, surgiu a mais sistemática – e mais realista – ferramenta de destruição da humanidade que os séculos são capazes de recordar: as armas termonucleares, esta espécie de premonição da barbárie, de castigo reservado pela história à humanidade se por acaso ela não se desfizer a tempo das superestruturas econômicas, sociais e políticas que a aprisionam. Como escreveu Brecht, "ainda é fecundo o ventre de onde saiu a coisa imunda". Ao desenvolver, como fez, os meios de produção, o capitalismo estabeleceu as bases de formas superiores de organização econômica

e social cuja realização é totalmente incompatível com sua própria sobrevivência. A segunda revolução industrial e tecnológica começa com a fabricação massiva de armamentos atômicos. A destruição deste sistema é agora necessária para permitir o pleno desenvolvimento das forças produtivas que se pode esperar dos progressos da ciência e da técnica. A automatização – que cria a possibilidade de suprimir ao mesmo tempo assalariados e consumidores, mão de obra e mercados – parece sentenciá-lo tão fatalmente quanto todas as suas contradições anteriores.

Atualmente, é de bom tom em certos meios que se autodenominam socialistas, marcar as características do capitalismo ocidental para extrair delas certo número de conclusões gerais em relação às "novas" leis de desenvolvimento social, descrever "novas" estruturas sociais que colocariam em questão a existência da luta de classes e, consequentemente, afirmar sua confiança na possibilidade de "evolução do capitalismo". Com certeza, esta é uma afirmação surpreendente, principalmente quando vem de um homem cujo ofício é escrever e compreender a história, uma história que não pode ser dividida em parcelas iguais de um ou vários anos e ainda menos neste século de guerras mundiais e revoluções em todo o mundo. Os setores privilegiados dos trabalhadores e da pequena burguesia, originados e alimentados pelo capitalismo, sempre desejaram uma "evolução" precisamente porque a possibilidade de um movimento socialista, de óbvio caráter nivelador, os assusta, os faz retroceder. Há mais de cinquenta anos os marxistas já caracterizaram a criação de uma aristocracia operária como um mecanismo de autodefesa da burguesia, análogo à expansão imperialista, cujo objetivo não é outro senão o fortalecimento do escudo que protege os interesses da classe dominante.

Também é certo que os trabalhadores norte-americanos e da Europa Ocidental constituem globalmente uma espécie de aristocracia operária que se situa acima da massa mundial de trabalhadores subalimentados, dos mineiros bolivianos ou congoleses, dos camponeses cubanos e dos trabalhadores braçais de todo o mundo. Mas a partir de 1917 o fato histórico mais importante é precisamente que a comoção revolucionária que agita os povos antes colonizados volta a colocar em questão esse privilégio relativo, comprometendo decisivamente um equilíbrio batizado muito prematuramente como "evolução". A revolução americana começou nas serras de Cuba, nas plantações e usinas de açúcar, mas sua batalha decisiva se resolverá sem dúvida, cedo ou tarde, nas metrópoles industriais do novo continente, como Detroit ou Pittsburgh, uma vez que os operários e camponeses cubanos, chilenos, peruanos, brasileiros e argentinos tenham solapado definitivamente as bases do imperialismo ianque em seus próprios países. Não é menos certo que nos países capitalistas avançados os partidos e sindicatos operários desenvolveram aparatos conservadores, que são obstáculos enormes a uma tomada de consciência plenamente revolucionária, unindo seus esforços aos das classes dominantes, cujos

meios de divulgação e modernas técnicas publicitárias – cinema, rádio e televisão – são empregados abundantemente para anestesiar e confundir os trabalhadores. O *panis et circenses* nunca deixa de ser um recurso válido, mas o que servia no caso de uma plebe romana ociosa e esfarrapada não pode ser aplicado por muito tempo ao operário de nossos dias.

Com certeza, é infinitamente mais difícil construir um movimento operário revolucionário nos países avançados do que foi no início do século na Rússia czarista, mas a dificuldade de uma tarefa não nos autoriza a duvidar de sua necessidade. Os bolcheviques, conscientes dela – o próprio Lenin a ressaltava em inúmeras ocasiões – terminaram, no entanto, subestimando-a, visto que em nenhum lugar chegou a se construir um partido parecido ao seu, e menos ainda o partido mundial que acreditavam ter construído ao fundar a Internacional Comunista. Para todos aqueles que pretendam continuar a sua obra, a agudização da crise do capitalismo e da burocracia constituem atualmente poderosos fatores favoráveis, os únicos "novos" fatores na correlação de forças mundial. É por este motivo que a revolução socialista mundial – exceto para os estúpidos, os ignorantes ou os mal intencionados – continua sendo uma consigna de absoluta atualidade, inclusive quando exige o imenso esforço prévio da construção do partido mundial que constitui seu instrumento histórico. A este respeito a história confirmou a lição de 1917 acrescentando este importante fator: a experiência destes decênios introduziu no ânimo de milhões de trabalhadores a simples convicção de que, como dizia a jovem chinesa cujo pensamento se desenvolveu durante os debates do "desabrochar das cem flores", o verdadeiro socialismo só pode ser muito democrático e sua realização só é concebível se feita por todos e para todos, em nível mundial.

As perspectivas abertas à humanidade pelas conquistas científicas ultrapassam até mesmo nossa capacidade de sonhar. Porém, para conquistar um futuro, é necessário inicialmente controlar o presente. Somente os inimigos de um futuro socialista podem hoje amaldiçoar o bolchevismo: ou bem o planeta afundará no apocalipse de uma guerra atômica generalizada, ou bem o bolchevismo terá sido uma etapa, uma das primeiras, na longa caminhada da humanidade para sair de sua pré-história. Sob pena de negar a intervenção da vontade consciente na história, de pregar a renúncia, a resignação, a submissão, de condenar o próprio princípio da luta ao rejeitar as vitórias que não podem ser mais do que parciais, devemos retomar a conclusão de Rosa Luxemburg em sua severa crítica do bolchevismo:

> Os bolcheviques mostraram tudo o que um partido verdadeiramente revolucionário é capaz de fazer nos limites das possibilidades históricas (...). Uma revolução proletária exemplar e impecável em um país isolado, esgotado pela guerra, sufocado pelo imperialismo, abandonado pelo proletariado internacional seria um milagre (...). Neste último período, em que lutas finais decisivas são iminentes no mundo inteiro, o problema mais importante do socialismo, a questão candente

> da atualidade é a capacidade de ação do proletariado, a energia revolucionária das massas, a vontade do socialismo de chegar ao poder. Nesse sentido, Lenin, Trotski e seus companheiros foram os primeiros a dar o exemplo ao proletariado mundial, e até agora continuam sendo os únicos que, como Hutten[975], podem exclamar: eu ousei!

Isto é o essencial e permanente na política dos bolcheviques. O que permanece como seu mérito histórico indelével é que, conquistando o poder político e colocando o problema prático da realização do socialismo, abriram o caminho ao proletariado internacional e fizeram avançar consideravelmente, no mundo inteiro, o conflito entre capital e trabalho. Na Rússia, o problema só podia ser colocado, jamais resolvido. Ele só pode ser resolvido internacionalmente. E, nesse sentido, o futuro pertence, por toda parte, ao bolchevismo[976].

975 Herói de um poema do poeta romântico alemão Friedrich Schiller (1759-1805) (N. do E.).
976 LUXEMBURG, Rosa, *La révolution russe,* Paris, Spartacus, 1947, p. 47.

21

RENASCIMENTO DO BOLCHEVISMO (POSFÁCIO À EDIÇÃO DE 1971)

Os anos sessenta iriam demonstrar que a crise final do stalinismo, iniciada depois da morte de Stalin, seria marcada pelo renascimento do bolchevismo na própria União Soviética. De fato, durante este decênio se restabelece a continuidade histórica entre a oposição no interior da sociedade russa pós-stalinista e a tradição revolucionaria de outubro de 1917. O fio da história, cortado pela degeneração do partido e do Estado operário soviético, parece reatar-se.

A "Primavera de Praga" – tragicamente interrompida pela entrada dos tanques russos na Tchecoslováquia e pelo começo da "normalização" – significou para este ressurgimento uma etapa decisiva[977]. Isso é assim não somente pelo fato de que, depois da revolução húngara e polonesa de 1956, o levante tcheco restituirá, em 1968, o vigor e o ânimo a todas as profundas aspirações democráticas incubadas no socialismo; não somente porque o despertar da juventude e da classe operária tcheca demonstrará que em todos os países dominados pela burocracia a classe operária tenta reconquistar suas liberdades e direitos democráticos – inclusive o mais elementar: o de tomar em suas mãos o destino de toda a sociedade –, mas também porque os militantes de vanguarda entre os comunistas tchecos tomam consciência do significado e do alcance de suas ações sobre a própria União Soviética e sabem que sua mensagem é recebida e transmitida ali também.

Num momento em que até os comentaristas mais perspicazes consideram inexistente o perigo de intervenção russa, o jornalista comunista tcheco Jiri Hochman escreve no *Reporter* (Repórter):

---

977 BROUÉ, Pierre, *Le Printemps des peuples commence á Prague. Essai sur la revolution politique en Europe de l'Est*, Paris, La Verité, 1969, pp. 76 e 139-141.

> Não cometemos nenhum dos pecados de que somos acusados, de modo algum iniciamos uma liquidação do socialismo, também não pretendemos acabar com as relações que temos com nossos aliados ou passar para o outro lado. No entanto, estamos tentando introduzir em cena um elemento que não pode constituir um simples aspecto de uma linha propagandística, visto que na realidade é o próprio centro da questão. Introduzimos o espectro da liquidação do poder absoluto da casta burocrática, essa casta que por sua vez foi introduzida na cena internacional pelo "socialismo" stalinista. Objetivamente, é uma etapa da história comum a todos os países, mas a burocracia, apesar de ainda não ter a dimensão de uma classe, revela seus traços característicos no que concerne ao exercício do poder. Ela adota uma série de medidas preventivas para defender-se e assim continuar até seu trágico final. (...) Estamos nos aproximando do momento em que se destruirá o poder desta casta que, atualmente, é quase hereditária e se aferra a seus equivalentes estrangeiros por mil vínculos de corrupção e interesses. Esta é a verdadeira dimensão de nosso pecado. Não colocamos em perigo o socialismo. Ao contrário. Quem ameaçamos, na realidade, é a burocracia, que – de forma lenta, mas segura – está enterrando o socialismo no mundo todo. Este é o motivo pelo qual não podemos contar com uma cooperação e uma compreensão fraterna por parte da burocracia[978].

Nos meses seguintes, os comunistas Fratisek Samalik e Karel Bartosek destacam o vínculo real que une o Outubro russo de 1917 com a revolução tcheca, interrompida brutalmente no dia 21 de agosto de 1968[979], nas colunas do *Politika* (A política), semanário do Partido Comunista da Tchecoslováquia, que é fundado depois do "congresso clandestino"[980] celebrado sob a proteção dos operários de Praga, sob as barbas das forças de ocupação. Precisamente neste mesmo ano de 1968 chegam da União Soviética vozes que demonstram que o eco da mensagem foi captado ali. Pela primeira vez desde a vitória de Stalin sobre a oposição, vários comunistas russos expressaram diante do mundo inteiro sua solidariedade com os comunistas reprimidos pela burocracia dos países satélites. Pela primeira vez também, e já ignorando os riscos que correm, afirmam que estão de acordo com Hochman e seus companheiros na ideia de que o cenário do combate decisivo contra a burocracia e pelo socialismo será a União Soviética.

Não é de modo algum fortuito que 1968 foi o ano da greve geral revolucionária na França, da Primavera de Praga, das manifestações estudantis na Polônia e Iugoslávia, ao mesmo tempo em que surge na União Soviética uma oposição comunista aberta e pública, do auge da literatura clandestina na forma de *samizdat*[981] e

---

978 HOCHMAN, Jiri, *Le luxe des illusions* em *Reporter*, nº31, 31 de julho de 1968.

979 Veja-se os artigos do jornal *Politika*, citados pelo *Le Monde*, nº3 e 4, novembro de 1968, bem como *Chamado à História*, *Politika*, nº11 de 7 de novembro de 1968.

980 Veja *Le congrès clandestin protocole secret et documents du 14e congrès extraordinaire du p. c. tchécoslovaque* (celebrado em 22 de agosto de 1968 na cidade já ocupada pelas tropas do Pacto de Varsóvia), apresentados por Jiri Pelikan. Paris, Seuil, 1970.

981 Literalmente, "autoedição". É o termo que serve para designar o conjunto das publicações ama-

do ressurgimento das manifestações de rua da oposição. O stalinismo, engendrado pelo confinamento da revolução em um só país atrasado e alimentado pelas sucessivas derrotas das primeiras ondas da revolução mundial, será profundamente chacoalhado pela tempestade que agira o mundo todo, alimentando assim as esperanças e a ação de homens para os quais o stalinismo é a encarnação de uma autêntica contrarrevolução.

Os homens

A nova oposição comunista na União Soviética não deve seu nascimento unicamente aos acontecimentos tchecoslovacos, ainda que estes tenham ajudado a organizar suas primeiras iniciativas públicas, obrigando-a a romper com a absoluta clandestinidade dos pequenos grupos de iniciados. Por outro lado, a tradição em que se apoia é muito antiga, visto que remonta ao próprio bolchevismo.

No centro do núcleo que a constitui e a inspira se encontra um homem que simboliza esta continuidade, um veterano do bolchevismo sobrevivente dos campos stalinistas: Alexei Kosterin. Este homem, nascido em 1895, foi militante operário desde 1911, membro do partido bolchevique desde 1916, ex-combatente da guerra civil e mais tarde jornalista.

Kosterin, detido na época dos grandes expurgos, passou por diferentes campos de concentração até 1955. Seu nome é conhecido por todos os russos, já que o diário de guerra de sua filha, Nina Kosterina, se tornou uma espécie de "best seller" da época do "degelo". Reintegrado ao partido depois de sua libertação, foi expulso pela segunda vez em 1957, readmitido de novo, e expulso pela terceira vez em 1968. Dias antes de sua morte, pouco depois da intervenção na Tchecoslováquia, redigiu uma carta de demissão na qual afirmava: "Com a carteira do partido ou sem ela, fui, sou e seguirei sendo marxista-leninista, comunista e bolchevique. Assim tem sido minha vida, desde a juventude até o túmulo"[982].

A oposição comunista que surge à luz de 1968 se constitui em torno a este homem. É integrada por pessoas de todas as gerações e das mais diversas condições, mas todos estão marcados por sua fidelidade ao bolchevismo e à tradição revolucionária de Outubro. Entre eles se encontram Pavel Litvinov, que tem então vinte e oito anos, neto do velho bolchevique e professor de física; Piotr Yakir, de quarenta e cinco anos, filho do herói da guerra civil fuzilado junto com Tukhachevski, ele próprio preso em um campo de concentração desde 1937 – quando tinha quatorze anos – até 1954, reintegrado no partido desde sua libertação e que desde então trabalha como pesquisador no Instituto de História da Academia de Ciências; Piotr Grigorenko, de cinquenta e nove anos, militar de carreira, ex-

---

doras que circulam clandestinamente na URSS, em geral na forma de cópias datilografadas que vão sendo reproduzidas pelos leitores (N. do E.)

982 Citado pelo *Le Monde*, 15 de novembro de 1968.

combatente da Segunda Guerra Mundial, general de brigada, professor de cibernética, punido por Krushev em 1961, detido e internado em um "hospital psiquiátrico" em 1954, liberado mais tarde, e que trabalhou primeiro como engenheiro e depois como estivador; Ivan Yakimovich, de trinta e oito anos, ex-presidente de um *kolkhoz* modelo na Letônia, foi durante muito tempo uma figura exemplar para a propaganda oficial e se uniu à oposição no início de 1968; Anatoli Marchenko, estivador, autor de um valioso relato[983] sobre os campos de concentração pós-stalinistas nos quais passou mais de seis anos. Há também entre eles mulheres, como Larissa Bogoraz, professora, companheira do escritor Yuli Daniel; como a poetisa Natalia Gorbanevskaia ou como as estudantes de vinte anos Olga Yoffe, Arina Yakir, Valeria Novovordskaia, Irina Belgorodskaia e Lina Kaplan. O novo movimento inclui homens de todas as camadas sociais: os matemáticos Pavlinchuk[984], Pisarev e Pinienov; os professores Yuli Kin e Ilia Gabai; o estudante e preso político Vladimir Bukovski; os estudantes Ponomarev, Kapranov, Zhiltsov; os operários Borisov, Guerchuri, Dzhamilev e Vorobiev; os historiadores Alexei Snegov e Leonid Petrovski, neto do velho bolchevique Roy Medvedev, a quem Krushev encarregou a elaboração de um "balanço do stalinismo" que só pôde circular na forma de *samizdat*; a estes se somam centenas de nomes que em muitos casos nos são desconhecidos.

Todos estes homens e mulheres, cujo laço e mentor político foi Kosterin, souberam por sua vez conquistar e educar novos discípulos que vão aparecendo para ocupar as vagas deixadas pelos militantes detidos e encarcerados.

As etapas

Hoje é possível localizar no tempo as fases pelas quais passou a construção desta oposição, remontando até o período da desestalinização, que começou com o discurso pronunciado por Krushev no XX Congresso. A época do "degelo" – caracterizada, segundo os dissidentes da burocracia, por uma vontade de "liberalização" limitada e estritamente controlada – deixava uma possibilidade de denúncia comedida dos crimes do stalinismo, que eram atribuídos ao "desvio" do "culto à personalidade" e a bodes expiatórios como Béria e os membros do grupo "antipartido". Ainda assim, naquele momento, alguns escritores se esforçaram para aumentar a parcela de liberdade de expressão tolerada, de forma a dar um testemunho de todo o ocorrido e fazer as pessoas refletirem. Com este enfoque se deve compreender, por exemplo, a publicação da célebre obra de Alexander Solzhenitsin, *Um dia na vida de Ivan Denisovich.*

---

983 MARCHENKO, Anatoli, *Mon Temoignage: Les camps em l'URSS après Staline*, Paris, Seuil, 1970.
984 Valeri Alexeievich Pavlinchuk (1938-1968), professor de física em Obninsk e membro do partido, destituído e expulso por sua participação na oposição, morto aos trinta anos como consequência das perseguições de que foi vítima (N. do E.).

Dentro deste quadro limitado começam a se expressar, na forma de perguntas, não só uma crítica, tímida ainda, das explicações oficiais – em especial das referentes aos grandes expurgos e aos processos –, mas também uma tentativa de dar respostas às perguntas colocadas pela sociedade soviética: as dificuldades provocadas pela reforma econômica, os excessos de violência e da delinquência juvenil e os "restos" do stalinismo. Não é necessário dizer que se tratava de uma crítica e um questionamento inequivocamente perigoso no clima político e social suscitado pelo momento muito difícil que atravessava a economia.

O processo contra o poeta Stanislav Brodski, que foi condenado em 1964 a cinco anos de prisão por "vagabundagem" e "parasitismo social", é a primeira tentativa oficial de intimidar uma oposição que então ainda caminha às cegas. Ainda assim, contribui também para impulsionar os mais jovens elementos da *intelligentsia* em sua busca de formas clandestinas de expressão e, por fim, de organização. Tudo indica que, coincidindo com a queda de Krushev, foi criada na clandestinidade a "União dos Comunardos" – que tem mais de duzentos membros em diferentes cidades grandes –, começando a aparecer os primeiros números de publicações também clandestinas como o *Kolokol* e os *Tetradi Sotsialisticheskoi Demokrati* (Cadernos da democracia socialista). Ao mesmo tempo, os manuscritos literários rechaçados pelas editoras circulam de mão em mão por todo o país e são cada vez mais numerosos os que buscam o caminho do estrangeiro. Em setembro de 1965 são detidos Andrei Siniavski e Yuli Daniel, acusados de terem mandado para o estrangeiro manuscritos, publicados sob pseudônimo, contendo ataques contra o regime. As autoridades tratam de fazer destes homens um exemplo, apresentando-os como agentes do imperialismo e adversários do socialismo. Ainda assim, a operação é um fracasso, não só pela pouca consistência da acusação, mas também pela desesperada resistência dos réus, o que obriga o tribunal a julgar a portas fechadas um caso do qual se queria fazer, inicialmente, uma punição exemplar[985]. Por outro lado, dois fatos permitem organizar ações de solidariedade: a defesa apresenta nomes importantes como testemunhas e as primeiras reações dos partidos comunistas estrangeiros são alentadoras para aqueles que pensam em organizar uma resistência. De fato, a oposição parece ter se constituído por ocasião do processo de Siniavski e Daniel, quando em todo o país se toma consciência do grande apoio à luta em favor dos direitos e liberdades democráticas, das possibilidades reais de ação sobre esta questão e das forças suscetíveis de serem mobilizadas. Ao que parece, este foi o momento em que começaram a se agrupar em torno a Kosterin os melhores elementos, dispostos a assumir os riscos que implicava a defesa dos escritores, e unidos pela decisão comum de "voltar a Lenin" e ao "bolchevismo-leninismo". O *samizdat* deve à influência de todos eles

985 Veja *L'affaire Siniavski-Daniel*, dossiê completo estabelecido por Pierre e Nadine Forgues, Paris, 1967, com as atas do processo e um anexo documental.

sua evolução gradual de uma publicação de caráter puramente literário para uma crítica cada vez mais abertamente política.

A grande batalha política posterior começa em torno de questões puramente históricas: a discussão entre historiadores sobre duas publicações – o último volume da *História do PCUS* e a obra de Alexander Nekrich sobre a ofensiva alemã em junho de 1941[986]. Em ambos os casos se debate a mesma questão histórica: a das responsabilidades de Stalin e do regime burocrático e, em consequência, uma questão mais fundamental ainda – a da verdade histórica e do sentido da história da União Soviética depois da revolução. Os adversários mais violentos de Stalin, os descendentes dos velhos bolcheviques, como Yakir, Petrovski e Snegov – que proclama orgulhosamente que vem "do campo de prisioneiros de Kolima"[987] –, colocam simultaneamente dois problemas: o de Stalin, cuja reabilitação combatem veementemente – inclusive quando acontece de modo indireto –, e o da tradição revolucionária internacionalista de outubro de 1917. Slezkin coloca em questão não apenas o pacto germano-soviético de 1939 em si, mas também a "paralisia da luta contra o fascismo" que este originou[988]. Petrovski responsabiliza Stalin e sua teoria – que transformava a social-democracia no inimigo principal – pela vitória sem combate de Hitler na Alemanha. Snegov recorda a traição da revolução espanhola e a divisão da Polônia com Hitler depois do extermínio massivo dos dirigentes comunistas poloneses. A luta contra a ameaça de reabilitação de Stalin se transforma em uma autêntica batalha pela retomada do fio de continuidade histórica. O conceito de "reconquista da história", utilizado pelos comunistas russos, abarca não apenas a compreensão de todo o passado, incluído o stalinismo, mas também a recuperação do legado bolchevique. A esta campanha se devem alguns dos documentos mais importantes elaborados pela oposição, como a *Carta dos filhos de velhos bolcheviques assassinados por Stalin*[989], os estudos de Medvedev[990] e Yakir[991] sobre os crimes de Stalin e o livro de Grigorenko *Stalin e a Segunda Guerra Mundial*[992].

A burocracia tenta acabar com este debate com a condenação do livro de Nekrich e a expulsão de seu autor[993]. Mas o centro do contra-ataque do aparato

986 NEKRICH, Alexander, *1941 - 22 iunia*, Moscou, Nauka, 1965. Tradução francesa em *L'Armée rouge assassiné*, Paris, Grasset, 1968. Essa edição francesa, sob a direção de Georges Haupt, tem como anexos as minutas do debate em torno a este livro no Instituto de marxismo-leninismo em 16 de fevereiro de 1966, pp. 232-245.

987 *Minutas* em *ibid.*, p. 244.

988 *Ibid.*, p. 241.

989 *Filhos e filhas dos velhos bolcheviques se dirigem à direção do PCUS*, artigo de 24 setembro de 1967 que circulou em *samizdat* na URSS e foi publicado no exterior em *Samizdat I. La voix de l'opposition communiste en URSS*, Paris, Seuil, 1969, pp. 289-291.

990 MEDVEDEV, Roy, *Faut-Il Rehabiliter Staline?*, Paris, Seuil, 1969.

991 YAKIR, Piotr, *Pela abertura de uma ação penal contra Stalin*, carta de 2 de março de 1969 à redação da revista *Kommunist*, publicado em *Samizdat I*, pp. 292-302.

992 GRIGORENKO, Piotr, *Staline et la deuxième guerre mondiale*, Paris, Seuil, 1969.

993 *Le Monde*, 8 de julho de 1967.

vai recair não sobre as polêmicas históricas, mas sim sobre a atividade clandestina dos jovens intelectuais Yuri Galanskov, autor da antologia *Fênix 66*, e Alexander Guinzburg, que recolheu os documentos que integram o *Livro branco sobre o caso Siniavski-Daniel*.

Esta ofensiva brutal vai terminar em um fracasso político categórico. A KGB, retomando as tradições políticas da era Stalin, realizou um esforço considerável para demonstrar a existência de uma relação entre Guinzburg e Galanskov e os agentes, na Rússia e no exterior, da organização branca de extrema direita NTS. Só um dos acusados, o cristão Dobrovolski, aceita colaborar com a acusação. Os outros acusados se defendem encarniçadamente. Desta forma, o processo, que acontece em um clima selvagem de paródia da justiça e de caça às bruxas, não consegue realizar seus objetivos. Litvinov, Larissa Bogoraz e outros manifestam perante o tribunal sua vontade de lutar para que sejam outorgados aos acusados as garantias estipuladas na Constituição. Assim que o veredito se torna público, aparece um *Chamado à opinião pública mundial e à "opinião soviética"*[994], assinado – trata-se de um fato sem precedentes – com os nomes e endereços de seus autores. O ato de coragem de Pavel Litvinov e Larissa Bogoraz, que seguiram passo a passo o processo e recompilaram sistematicamente todos os documentos apresentados neste chamado, encontra uma grande ressonância, como o prova o grande número de adesões recebidas por Litvinov[995] e as iniciativas posteriores. De seu *kolkhoz* na Letônia, Ivan Yakimovich envia aos dirigentes russos uma carta aberta com tom de ultimato:

> Vivo em uma província onde para cada casa que dispõe de energia há dez que não a têm, onde os ônibus não podem circular no inverno e onde as cartas são recebidas com u, atraso de várias semanas. Se estas informações chegaram até nós de forma ampla, vocês podem ter uma ideia do que fizeram, da semente que plantaram no país. Tenham a coragem de corrigir estes erros agora que os operários e camponeses ainda não tomaram parte neste assunto[996].

Durante a semana seguinte, o protesto se estende e se amplifica: surge uma carta contra os processos assinada por 139 intelectuais e trabalhadores de Kiev[997]; em fevereiro, outra carta de Ilia Gabai, Piotr Yakir e Yuli Kim contra a "restauração do stalinismo"[998]; o chamado de março de 1968 à Conferencia dos Par-

994 Este texto, com o título *A todos que ainda têm consciência*, pode ser encontrado em *L'affaire Guinzbourg-Galanskov*, pp. 83-85, compilado por J. J. Marie e Carol Head, Paris, Seuil, 1969.
995 Ver *Nicht geladene Zeugen, Briefe und Telegramme na Pawel M. Litwinov*, dossiê compilado e comentado por REVE, Karel van Het, Hamburgo, Hoffman-Campe, 1969.
996 *Processos que causam um grave dano à causa do comunismo – Carta ao CC do PCUS e ao camarada Suslov*, 22 de janeiro de 1968 em *Samizdat I*, pp. 336-339.
997 *Estes processos nos preocupam*, *ibid.*, pp. 341-343.
998 *Uma volta ao stalinismo? – Carta dirigida aos representantes da arte, da ciência e da cultura da União Soviética*, *ibid.*, pp. 345-351.

tidos Comunistas de Budapeste, assinado, entre outros, por Grigorenko, Yakir, Gabai, Kim, Litvinov, Larissa Bogoraz e Alexei Kosterin[999]; a carta do matemático Pliuch ao *Komsomolskaia Pravda* sobre "Os termidorianos e o caso Guinzburg-Galanskov"[1000].

O movimento assim iniciado é impulsionado decisivamente pelos acontecimentos da Tchecoslováquia. No ocorrido em Praga os oposicionistas acreditam distinguir um eco e também um encorajamento para sua própria luta. Ao mesmo tempo, compreendem que os dirigentes russos têm consciência de que estes movimentos ameaçam sua própria existência e que devem esperar reações violentas de sua parte. Em 29 de junho Grigorenko, Yakimovich, Kosterin, Pisarev e Pavlinchuk dirigem sua "Carta de cinco comunistas" aos comunistas e cidadãos tchecos, condenando a "maneira unilateral e pouco objetiva" com que a imprensa russa informa seus leitores[1001]. Em uma carta de 22 de julho dirigida aos principais jornais comunistas russos e tchecoslovacos, ao *L'Humanité* e ao *L'Unitá*, o antigo deportado Anatoli Marchenko afirma sua solidariedade com a palavra de ordem de "socialismo democrático" lançada na Tchecoslováquia, explicando a projeção que tal programa poderia ter na União Soviética: "Se a Tchecoslováquia conseguir organizar de maneira efetiva um socialismo democrático, talvez seja impossível continuar justificando a falta de liberdades democráticas em nosso próprio país; talvez fosse possível então que nossos operários, nossos camponeses e nossos intelectuais desejassem essa liberdade na prática e não no papel"[1002]. Assim como o tcheco Jiri Hochman, o militante russo parece ter compreendido exatamente o que está se discutindo em Praga e acrescenta: "Me envergonho de meu país, que de novo adota o infame papel de polícia da Europa"[1003].

À luz destas declarações, sua detenção em 29 de julho adquire um significado alarmante. Os "cinco" assinam novos textos onde denunciam ao mesmo tempo a detenção de Marchenko e os preparativos para a intervenção contra a Tchecoslováquia[1004]. Pouco depois, Grigorenko e Yakimovich, escoltados por um grupo de jovens, vão à embaixada tcheca em Moscou para expressar diretamente ao repre-

---

999 *Chamado aos comunistas – Ao Presidium da Conferência dos Partidos Comunistas de Budapeste*, março de 1968, *ibid.*, pp. 352-353.

1000 *Os termidorianos e o caso Guinzburg-Galanskov*, carta ao *Komsomolskaia Pravda*, *ibid.*, pp. 379-383.

1001 *Aos comunistas da Tchecoslováquia! A todo o povo tcheco! – Carta de cinco comunistas da URSS*, 29 de junho de 1968, *ibid.*, pp. 408-409.

1002 Anatoli Marchenko, *Viva a democratização na Tchecoslováquia!*, carta de 22 de julho de 1968 a *Rude Pravo – Literarni Listy*, com cópia a *L'Humanité*, *Unitá*, *The Morning Star* e pela BBC de Londres, *ibid.*, pp. 398-403.

1003 *Ibid.*, p. 403.

1004 *Contra a prisão de Marchenko, carta dirigida ao procurador do bairro Timiriaz*, de 30 de julho de 1968, *ibid.*, pp. 404-405, *Chamado aos cidadãos contra a detenção de Marchenko*, 30 de julho de 1968, *ibid.*, pp. 406-407.

sentante da república irmã os sentimentos de solidariedade que já tinham apresentado por escrito[1005]. Este é um gesto que aqueles que já se preparam para utilizar os tanques contra os tchecos não perdoarão. A polícia intervém para impedir a organização de protestos, prendendo em Leningrado o advogado Yuri Guendler e os engenheiros Studentkov e Kvachevski, acusados da redação de um panfleto contra a intervenção iminente[1006]. Na noite de 21 para 22 de agosto é detido também um jovem de vinte anos chamado Buguslavski por ter feito pichações contra a intervenção[1007]. São realizadas numerosas panfletagens e, pelo menos em Moscou e Gorki, são descobertas novas "pichações". Por último, no dia 25 de agosto acontece algo inédito há quarenta anos: a primeira manifestação pública contra a política governamental. Pavel Litvinov, Larissa Bogoraz, Victor Fainberg, Konstantin Babitski, Vadim Delaunay, Vladimir Dremliuga e Natalia Gorbanevskaia colocam na Praça Vermelha uma série de faixas, nas quais denunciam a intervenção[1008]. Nem a imediata detenção dos manifestantes, nem as advertências a seus amigos e conhecidos, nem as longas condenações que lhes são impostas no processo de outubro conseguem interromper o movimento. Ao contrário, parecem contribuir para sua ampliação, organizando-o e angariando novas forças. Yakimovich redige então um texto cuja conclusão resume a linha dos oposicionistas: "Leninismo sim! Stalinismo não!"[1009]. Por ocasião do enterro de Kosterin, no dia 14 de novembro, os oposicionistas conseguem organizar uma manifestação, apesar das precauções tomadas pelas autoridades e das armadilhas da polícia: Grigorenko, Yakir, Yakobson e alguns representantes dos tártaros da Crimeia tomam a palavra pronunciando verdadeiros discursos políticos[1010]. Em fevereiro de 1969, Grigorenko e Yakimovich distribuem eles mesmos em Moscou panfletos nos quais denunciam a "normalização" na Tchecoslováquia e recordam o recente suicídio do estudante de Praga, Jan Palach[1011].

Decididos a reprimir, os dirigentes não vão dessa vez correr os riscos de um novo processo público, e nem sequer se atrevem a deter Grigorenko na capital, aproveitando para fazê-lo em uma viagem realizada por este a Tashkent, onde foi, mais uma, vez defender dos tártaros da Crimeia[1012]. Em seguida, os oposicionistas

---

1005 GORBANEVSKAIA, Natalia, *Midi place Rouge*, Paris, R. Lafont, 1970.

1006 Segundo a *Crônica dos acontecimentos recentes*, nº4, 31 de outubro de 1968, reproduzida em GORBANEVSKAIA, Natalia, *op. cit.*, p. 303.

1007 *Ibid.*, pp. 303-304.

1008 Toda a informação referente a esta manifestação está recompilada na obra já citada de Natalia Gorbanevskaia.

1009 *Leninismo sim! Stalinismo não!* em *Samizdat I*, *op. cit.*, pp. 423-426.

1010 *O funeral de Alexei Kosterin*, livreto de P. Grigorenko no qual estão incluídos vários discursos pronunciados, *Samizdat I*, pp. 437-480.

1011 *Chamado aos cidadãos da União Soviética: Viva o heroico povo tcheco!*, 28 de fevereiro de 1969, *ibid.*, pp. 427-428.

1012 No dia 7 de março de 1969.

deixam de ser julgados, sendo internados em supostas clínicas psiquiátricas, chamadas de "hospitais especiais", nos quais psiquiatras-policiais tratam de quebrar sua vontade. Grigorenko e Yakimovich são os primeiros a ser submetidos a este novo procedimento. O diário que Grigorenko conseguiu transmitir à sua mulher – e que esta, por sua vez, enviou ao exterior – revela as novas técnicas empregadas para incapacitar os líderes da nova oposição[1013].

Este é o contexto no qual, no dia 20 de maio de 1969, Piotr Yakir torna pública a fundação de um "Grupo de iniciativa para a defesa dos direitos civis": operários, engenheiros, professores, economistas e pesquisadores de todas as gerações assinam com ele o texto simples e explosivo[1014]. A maioria dos que o assinaram sofrerá, como o operário Borisov, a internação em um "hospital especial". Tal iniciativa é seguida então pela fundação de um "Comitê para a defesa dos direitos humanos", encabeçado pelo físico Sakharov, oposicionista "de direita", partidário de uma "verdadeira coexistência pacífica". Este enorme esforço coletivo consegue pelo menos arrancar das mãos dos agentes da KGB – disfarçados de psiquiatras – o biólogo Jaures Medvedev, irmão do historiador de mesmo sobrenome[1015]. A luta clandestina e semiclandestina e a divulgação dos *samizdats* continuam.

As experiências da oposição

Pela primeira vez desde a derrota da Oposição de Esquerda em 1927, textos elaborados na própria União Soviética e que chegaram à Europa Ocidental nos permitem ter uma ideia bastante precisa da fisionomia política da oposição, de suas experiências e realizações, assim como de suas falhas e debilidades.

Em primeiro lugar, pode-se afirmar que em grande medida a oposição iniciou um árduo trabalho de resgate da história da União Soviética, apesar de todos os anos de falsificações e mentiras e das tentativas de impor versões do passado de acordo com o interesse dos homens que detém o poder no presente. Os historiadores – e entre eles, muitos que foram vítimas do stalinismo – tiveram acesso durante o breve período do "degelo" a documentos que até então estavam proibidos, podendo inclusive, como Roy Medvedev, interrogar os sobreviventes. Não dispomos de todas as mais de 1.000 páginas escritas por este último a pedido de Krushev, mas esta obra fundamental – que logo será publicada na França – foi sem dúvida estudada nos ambientes próximos à oposição, e seguramente contribuiu para fundamentar suas análises. Em particular, Sakharov aponta que foi escrita com um "enfoque marxista" e que se opõe às suas próprias convicções[1016].

1013 Os primeiros resumos foram publicados no *Le Monde* de 3 de abril de 1970.

1014 *Chamado ao grupo de iniciativa para a defesa dos direitos civis*, 20 de maio de 1969, *Samizdat I*, *op. cit.*, pp. 594-598.

1015 *Le Monde*, 19 de Junho de 1970.

1016 O estudo exaustivo feito por Roy Medvedev sobre o stalinismo foi lançado nos Estados Unidos com o título *Let History judge*. A primeira referência a este trabalho é encontrada na obra de

A carta de Roy Medvedev ao semanário *Kommunist*, a de Grigorenko à revista *Voprosi Istori KPSS* (Questões da história do PCUS) e a de Yakir também ao *Kommunist*, todas elas solicitando um processo póstumo contra Stalin, não só trazem uma série de confirmações e precisões às informações que já tinham sido fornecidas pela Oposição de Esquerda durante a fase ascendente do stalinismo, como também as completam em muitos aspectos, dando uma ideia muito mais precisa e uma descrição mais detalhada, por exemplo, dos casos de repressão coletiva ou familiar. Por outro lado, é significativo que os textos da oposição comunista da atualidade recorram, como se fosse algo normal, à denúncia elaborada então por Trotski sobre os "crimes de Stalin".

De conjunto, os textos da oposição denunciam a burocracia como um setor privilegiado, gerado e apoiado pelo aparato do partido, e culpado de ter usurpado em seu próprio benefício o poder político, se utilizando para sua manutenção no poder de sua polícia política e, no geral, de métodos opostos não só ao espírito do comunismo, mas também à própria letra da Constituição soviética. Os oposicionistas se dedicam a denunciar a incapacidade dessa burocracia em satisfazer as necessidades da sociedade soviética e desenvolver as conquistas da Revolução de Outubro, caracterizando-a como "pequeno-burguesa" e "antissocialista". Eles opõem o que denominam "leninismo", quer dizer, um regime socialista organicamente democrático, ao stalinismo, monstruosa caricatura, que em muitos aspectos parece se tornar o oposto do primeiro. Consequentemente, seu objetivo principal é o que chamam de um "retorno a Lenin" e a burocracia aparece como sua adversária principal. Kosterin explica que a única opção que pode se opor ao capitalismo e ao stalinismo é o "socialismo marxista-leninista, limpo da lama, regenerado e capaz de desenvolver-se em plena liberdade", e que para o comunista a tarefa mais importante deve ser a destruição da máquina de funcionários e burocratas, quer dizer do aparato stalinista[1017].

As declarações de Bukovski e Pavel Litvinov em seu julgamento e os documentos de Grigorenko, Yakimovich e Yakir contêm os elementos de um programa político que vem encarnar a defesa do que Pavel Litvinov chama "o sistema social" da URSS – as conquistas da Revolução de Outubro – e cuja base é a reivindicação de uma aplicação integral da Constituição. Assim, em função da necessidade de "tirar os burocratas, os funcionários, os dogmáticos e os stalinistas do poder", Guennadi Alexeiev – um oficial da marinha detido posteriormente – propõe, baseando-se no modelo tcheco, uma série de reivindicações cujo objetivo é garantir o respeito efetivo aos direitos e liberdades democráticas que figuram na Constituição[1018]. Mesmo quando apresentadas segundo uma ótica reformista, a natureza da União

---

SAKHAROV, Andrei, *La Liberté intellectuelle em URSS et la coexistence*, Paris, Gallimard, 1968, p. 71.
1017 Segundo GRIGORENKO, Piotr, *Samizdat I*, *op. cit.*, p. 462.
1018 ALEXEIEV, Guennadi, *Carta aberta aos cidadãos da URSS*, 22 de setembro de 1968, *ibid.*, pp. 564-582.

Soviética e da burocracia que a dirige fazem com que as mais elementares reivindicações democráticas – a simples aplicação das garantias constitucionais – ganhem um valor autenticamente revolucionário.

Para lutar a favor deste programa, a oposição se vê de fato obrigada a colocar o problema de sua própria organização. Um dos leitores da proclamação de Pavel Dhanov escreve: "É absolutamente necessário que formemos um segundo partido, ou melhor, que criemos uma força capaz de defender tudo que seja progressivo, de forma que ninguém possa ser preso por suas convicções"[1019]. Também é Guennadi Alexeiev que, em um texto, evoca o célebre lema do *Iskra* ("Da fagulha nascerá a chama"), insiste na necessidade de constituir um "centro" ativo, acrescentando em outro trecho que, se os meios de luta por uma série de reformas democráticas não triunfam, "o tempo acabará impondo a necessidade de um novo partido"[1020]. Porém, parece evidente mais tarde que o grupo formado em torno de Kosterin soube planificar seus esforços, dividir suas forças e balancear suas iniciativas, prever e centralizar, quer dizer, organizar e organizar-se. Em geral, seria impossível explicar a atividade destes homens e do grupo por eles constituído – bem como a intensificação da reprodução e divulgação de sua literatura política clandestina, o que dá uma ideia sem dúvida bastante exata dos boletins que são publicados regularmente com a crítica dos recentes acontecimentos – como resultado apenas da soma de uma série de iniciativas individuais. Isso explica o êxito – se trata de um fato cuja novidade justifica ser mencionado – que supõe a divulgação dos textos essenciais da oposição comunista para além da União Soviética e entre os comunistas ocidentais. Ao decidir recorrer ao método dos chamados públicos, assinados e com o endereço do assinante, a oposição fez uma escolha política: trata-se de um risco calculado que, naquelas circunstâncias, supunha o primeiro passo para romper o isolamento dos oposicionistas, uma tentativa de fortalecer certos vínculos entre eles e seu entorno e inclusive de conseguir, através da publicidade dada a seus atos, uma relativa garantia de proteção individual. O fato de que no dia 25 de agosto sete pessoas conseguiram abrir faixas com palavras contrárias à intervenção na Tchecoslováquia em plena Praça Vermelha deve ser interpretado como uma iniciativa política não só calculada, mas também preparada com grande cuidado e, definitivamente, coroada de êxito.

A comparação entre estas formas da atividade atual da oposição comunista e as utilizadas no tempo do stalinismo triunfante revela ainda uma série de características fundamentais para a análise da correlação de forças. Em primeiro lugar, é indubitável que os oposicionistas acreditam em sua própria vitória. E, mesmo não imaginando-a próxima, concebem-na como uma perspectiva realista, quer dizer, não combatem por uma série de princípios. Grigorenko e seus correligionários

---

1019 *Ibid*, p. 593.
1020 *Ibid*, p. 581.

não são delinquentes e, quando é necessário, sabem resistir à polícia e aos juízes, inspirando-lhes suficiente temor para que a burocracia pense duas vezes antes de iniciar um processo público. Além disso, por mais repugnante que seja o procedimento das "internações" e dos "tratamentos psiquiátricos", não restam dúvidas de que, para a burocracia, estes mecanismos supõem uma completa confissão de impotência. Evidentemente, já passou o tempo das grandes encenações diante do público e do espetáculo oferecido por alguns acusados que confessavam atrocidades sem fim, se acusavam mutuamente e se mostravam dóceis frente aos insultos de Vishinski. Por outro lado, está claro que a oposição não se contentou em elaborar uma tática. Várias referências muito concretas – principalmente no discurso de Piotr Yakir no enterro de Kosterin – demonstram que seus líderes contam com o início de um conflito no interior do aparato. Esta luta deverá confrontar os partidários da força bruta com os que se inclinam pela flexibilidade. Igualmente obvio é o fato de que sabem utilizar os matizes ou as divergências do grupo inimigo para expressar suas próprias opiniões nas melhores condições possíveis. Definitivamente, a oposição comunista está ressurgindo, tentando restabelecer a continuidade da tradição bolchevique, precisamente quando, de formas muito diversas, estoura a crise final do stalinismo.

A manifestação organizada pela Oposição Unificada por ocasião do enterro de Yoffe em 1927 e os discursos de Rakovski e Trotski diante da tumba de seu camarada foram a última expressão pública da oposição comunista ao stalinismo triunfante. Quarenta e um anos depois os discursos de Yakobson, Yakir e Grigorenko sobre a tumba de Alexei Kosterin adquirem o significado de um renascimento, determinam o começo de uma nova era diante da tumba daquele que tinha sabido preservar a continuidade histórica do pensamento revolucionário.

Os limites da oposição

Este ressurgimento não é um milagre, mas sim a demonstração da força das leis históricas que se impõem mais uma vez, apesar dos esforços dos *apparatchiks*. Pois ainda que a oposição de Grigorenko, Yakir, Yakimovich, Litvinov e demais constitua uma força antagônica ao regime dos sucessores de Stalin, não é menos certo que ainda está dando seus primeiros passos, depois de muitos anos de repressão e de extermínio dos oposicionistas. Trata-se, pois, de um autêntico renascimento. Porém, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo leva a marca do tacão de ferro do stalinismo e das condições que propiciaram seu ressurgimento: a marca das forças contrarrevolucionarias contra as quais se levanta.

Medvedev e Petrovski insistem[1021] na esmagadora responsabilidade de Stalin na tomada do poder pelos bandos hitleristas, assim como na depuração do alto comando do Exército Vermelho e nos sangrentos expurgos dos anos 1930. Gri-

1021 MEDVEDEV, Roy, *op. cit.*, pp. 46-47.

gorenko, por seu lado, demonstrou até que ponto Stalin desempenhou o papel de "agente provocador" ao debilitar o poder de defesa da União Soviética nas vésperas da ofensiva da Alemanha nazista. No entanto, a oposição de conjunto não parece ter percebido o significado mundial do stalinismo nem as consequências mundiais de sua vitória na Rússia soviética no final dos anos 1920. Somente Grigorenko, através de uma comparação com a situação da URSS em 1941, parece dimensionar o perigo que o sistema imperialista mundial constitui para a Rússia[1022]. A oposição comunista atual parece ignorar, ou pelo menos não ter compreendido a fundo, o verdadeiro sentido do enfrentamento entre os partidários da Oposição Unificada e dos defensores da teoria stalinista do "socialismo em um só país". O único texto consagrado a Trotski que chegou a nossas mãos[1023] na forma de *samizdat* devolveu-lhe seu papel histórico durante a Revolução de Outubro, mas não compreende de fato o significado da teoria da "revolução permanente" nem o empenho com que a burocracia stalinista tentou combatê-la. Mesmo um oposicionista como Alexeiev chega a justificar, pelo menos indiretamente, a repressão exercida contra os "trotskistas", invocando a necessidade de "lutar contra os inimigos internos", sem parar para pensar que com esse propósito foram iniciados os expurgos gigantescos e a matança dos velhos bolcheviques. Em sua imensa maioria, os outros textos se preocupam muito pouco com este período ou não chegam nem a mencioná-lo. Definitivamente, tudo se desenvolve como se, apesar de seus esforços de análise, os oposicionistas atuais considerassem que a presença do stalinismo no poder não foi senão o resultado de uma "irresistível fatalidade histórica", em vez do fruto de um longo, abrupto e sangrento combate. Esta falta de perspectiva histórica adquire uma importância ainda maior quando a oposição, ao denunciar a burocracia, também se revela incapaz de explicá-la, a não ser se referindo a certas condições especificamente russas em uma fase histórica dominada pelo imperialismo. A diferenciação entre "leninismo" e "stalinismo, que constitui seu fundamento teórico, parece às vezes ser deduzida de uma opção de tipo moral, dentro de um marco geral onde se concebe um "socialismo" capaz de adotar formas diferentes e inclusive antagônicas. Tal concepção, ao transformar o processo de degeneração da revolução, do partido e do Estado em um fenômeno puramente russo, tanto em suas causas como em suas consequências, não é na realidade mais do que uma sequela das teorias stalinistas – e, principalmente, da do "socialismo em um só país" – no pensamento da nova oposição.

Uma das consequências mais diretas e óbvias do estado de atomização social russa sob o império da burocracia é também a dificuldade – se não real, pelo me-

1022 GRIGORENKO, Piotr, *op. cit.*, p. 130.

1023 E. M., *Quem matou Trotski?*, artigo publicado no nº8 na revista *Cahiers de la democratie socialiste*, 1966, e em *Samizdat I*, *op. cit.*, pp. 303-307.

nos aparente – que experimentam os intelectuais da oposição ao abordarem os problemas sociais e, principalmente, as reivindicações dos trabalhadores soviéticos como tais. Yakimovich escreve que o operário Dremliuga, ao participar da manifestação na Praça Vermelha, "salvou a honra de sua classe"[1024], a classe operária. Mas ao mesmo tempo em que os problemas das nacionalidades – opressão das pequenas comunidades – são o núcleo das preocupações da oposição, como demonstrou sua batalha a favor dos tártaros da Crimeia, seria inútil buscar nos textos políticos do *samizdat* atual o que já se visualiza nas entrelinhas do *samizdat* literário. As consequências sociais concretas da reforma econômica, as demissões arbitrárias, a angústia dos mais jovens diante da perspectiva do desemprego, os problemas salariais, de abastecimento e moradia constituem os pontos-chave em torno dos quais haverá de se cristalizar a oposição das massas e que não podem ser resolvidos com a luta pelas liberdades civis e com um programa democrático mínimo, como deixou patente o caso tchecoslovaco. Além disso, a própria luta pelas liberdades democráticas deve ser concebida como uma luta a favor da liberdade de organização do proletariado para a defesa, em primeiro lugar, de seus interesses de classe.

A incompreensão que, em sua fase atual, manifesta a oposição sobre a importância do vínculo entre sua própria luta e a dos operários soviéticos por um lado, e a da classe operária dos países desenvolvidos por outro é também uma parte substancial da herança de quarenta anos de dominação stalinista. Neste caso, não se trata nem de uma falsa compreensão da situação real do sistema capitalista, nem de uma espécie particular de nacionalismo, mas sim de uma autêntica incompreensão do caráter profundamente mundial da luta de classes e, por fim, do papel que nela desempenha o stalinismo.

Tudo indica que, até hoje, a oposição ainda não conectou a história com o presente, nem a política de Stalin – que, na opinião de Snegov, "vendeu todos os comunistas, traiu a Espanha republicana, a Polônia e todos os comunistas de todos os países"[1025] – com a chamada "linha de coexistência pacífica" de seus sucessores, que resultou nas matanças massivas de comunistas na Indonésia e no Sudão, para não citar mais que estes dois exemplos.

A oposição frente a seu futuro

Apesar de todas estas limitações e lacunas, a oposição comunista percorreu um longo caminho na Rússia durante os últimos anos. Desde os pequenos grupos do pós-guerra – a respeito dos quais contamos com a informação filtrada através dos campos de concentração – até a atividade desenvolvida a partir de 1966, os progressos têm sido constantes. Em 1956, o grupo estudantil de Leningrado, dirigido

1024 *Ibid.*, p. 432.
1025 NEKRICH, Alexander, *op. cit.*, p. 244

por Zelikson, e o de Moscou, encabeçado por Krasnopevtsev, espalharam uma semente que mais tarde germinou. A transformação principal está não só na dimensão das ações e em sua notoriedade, mas também em sua direção consciente, a saber, a busca oposicionista atual de sua conexão com o passado bolchevique. Em 1967, antes inclusive da grande campanha contra a intervenção na Tchecoslováquia, homens como Yakir e Petrovski, filhos de velhos bolcheviques, conseguiram reunir em uma carta que se opunha a uma eventual reabilitação de Stalin os nomes dos mais prestigiosos filhos de suas vítimas: Antonov-Ovseenko, Muralov, Serebriakov, Schmidt, Bukharin, Larin, Karl Radek, Shliapnikov, Berzin, Yenukidze, Kalinin, Sapronov, Piatnitski, Smilgá.

Por Piotr Yakir sabemos que quando Stalin colocou em andamento, contra os oposicionistas reais ou imaginários, o mecanismo repressivo que iria implicar em seu extermínio, Alexei Kosterin, velho bolchevique, começou a perder a fé no regime. No entanto, somente quatro anos mais tarde, quando já se encontrava nos campos da NKVD, se convenceu de que "o marxismo-leninismo tinha sido sepultado e que o partido Lenin tinha deixado de existir", segundo a frase transmitida por Piotr Yakir[1026].

As razões de sua luta, suas motivações de velho bolchevique, foram recolhidas pelos homens que educou a partir de sua experiência pessoal, que incluía a Revolução de Outubro, mas também a contrarrevolução stalinista. Diante de sua tumba, em nome de todos os seus amigos, Anatoli Yakobson o chama de "bolchevique-leninista", utilizando o mesmo termo com que se autodenominaram durante os anos 1930 os trotskistas da Oposição de Esquerda, com cujos sobreviventes conviveu nos campos de concentração. Eram os mesmos homens que Yakir viu morrer de fome depois da negativa de Stalin em lhes permitir lutar contra o exército hitlerista[1027]. Também é Yakobson quem escreve que, dias antes de sua morte, Kosterin, "como um soldado ferido de morte no campo de batalha, (...) utilizou suas últimas forças para projetar seu corpo moribundo contra o portão da fortaleza inimiga e ajudar seus camaradas que estavam iniciando o assalto"[1028]. Assim, a última mensagem de Kosterin confere seu pleno significado a este enterro que, como aponta Grigorenko, foi "a primeira assembleia livre (...) depois de várias décadas de silêncio asfixiante"[1029]. "Sou um soldado do exército revolucionário leninista, um representante da geração que caminhou ao lado de Lenin, e por esta razão, arriscando minha vida até meu último suspiro, e inclusive depois de minha morte, lutarei pelas ideias e pela doutrina definidas por Marx, Engels e Lenin"[1030].

1026 *Discurso de Yakir no túmulo de Kosterin*, em *Samizdat I*, *op. cit.*, p. 468.
1027 *Ibid.*, p. 30.
1028 *Ibid.*, p. 454.
1029 *Ibid.*, p. 454.
1030 *Ibid.*, p. 448.

Foi importantíssimo que este homem, surgido da geração de Outubro, tenha podido assegurar a transmissão de sua experiência à jovem geração soviética através de homens mais jovens que, como ele, passaram mais de dez anos nos campos de concentração, como Yakir ou Snegov, que afirmava em 1966: "Não é fácil nos intimidar com os campos de concentração. Não deixaremos que nos assustem. Os tempos mudaram e o passado não voltará"[1031].

A insistência feroz com que hoje são perseguidos homens e mulheres, conhecidos ou anônimos, que integram a oposição comunista não reflete um "renascimento do stalinismo", mas sim a admissão pela burocracia – cuja natureza social não se alterou com a morte de Stalin – de que estes militantes, com seu passado, suas ideias, sua vontade de luta e sua ação, são para ela um perigo mortal; são o inimigo irredutível que Stalin acreditou poder aniquilar, mas que ressurge na atualidade mais ameaçador do que nunca.

Anatoli Marchenko, liberto uma primeira vez após seis anos de campo de concentração, que tinham tornado-o um lutador, um militante político, foi detido de novo em 1968. Este é também o caso de Yuli Daniel e o de Yakimovich, que cumpriram suas respectivas penas. No mesmo período, Vladimir Bukovski era detido de novo; Borisov e Feinberg faziam uma greve de fome em protesto contra os "tratamentos psiquiátricos" infringidos a eles; Grigorenko, submetido também à polícia psiquiátrica, escrevia seu "diário do cárcere" e transmitia-o à sua companheira; Jaures Medvedev, que havia sido posto em liberdade, voltava a assumir seu cargo de pesquisador[1032] e Piotr Yakir dirigia uma nova carta aberta ao congresso do partido[1033].

Sem dúvida, as leis da história são mais poderosas do que o mais perfeito aparato ou do que a polícia mais dura e mais capaz na utilização de métodos ditos científicos. Desde a primeira edição desta obra, em 1963, fomos testemunhas de uma considerável agitação, tanto na base quanto na cúpula do aparato: a eliminação de Nikita Krushev, o advento da nova direção "colegiada", a ascensão da dupla Brezhnev-Kosiguin e a crescente hegemonia de Brezhnev. Também presenciamos a queda em desgraça de Alexander Chelepin; o colapso fulminante de Semichastni; o desaparecimento de Spiridonov; a ascensão de Andropov; a promoção, seguida de desaparecimento, dos hierarcas locais – como Egorichev, de Moscou, e Tolstikov, de Leningrado – e a dança de cadeiras periódica dos dirigentes das diferentes repúblicas. Abre-se para os "sovietólogos" um amplo campo de pesquisas, com a ascensão de Grechko e seus marechais ou com a crescente importância do rústico Chelest. Mas a razão parece estar do lado dos "amigos e companheiros de ideias" de Kosterin quando afirmam, como no texto lido em seu enterro por Yakobson:

1031 NEKRICH, Alexander, *op. cit.*, p. 245.

1032 *Le Monde*, 1º de novembro de 1970.

1033 Extratos desta *Carta aos membros do Birô Político e aos convidados estrangeiros* foram publicados no *Le Monde*, 31 de março de 1971.

"Alexei Kosterin continua e continuará combatendo por meio de suas obras e com seu exemplo de valor cívico. Seu nome, sem dúvida, não será esquecido, diferente do de outros que hoje chafurdam na glória"[1034].

Pouco mais de dois anos depois da entrada dos tanques russos em Praga e do enterro de Kosterin, os operários das grandes cidades bálticas da Polônia, como Gdansk, Gdynia e Szczecin iniciavam uma greve, se lançavam às ruas, ocupavam as sedes do partido e da polícia política, organizavam seus próprios comitês de greve e obrigavam Gomulka a renunciar e seu sucessor, Gierek, a negociar com eles. Esta é uma nova etapa do ascenso da revolução política nos países da Europa Oriental dominados pela burocracia stalinista, um combate cujas consequências não demorarão, sem dúvida, a se refletir tanto na consciência como na ação da oposição comunista russa.

1034 YAKOBSON, Anatoli, *Samizdat I*, *op. cit.*, p. 454.